

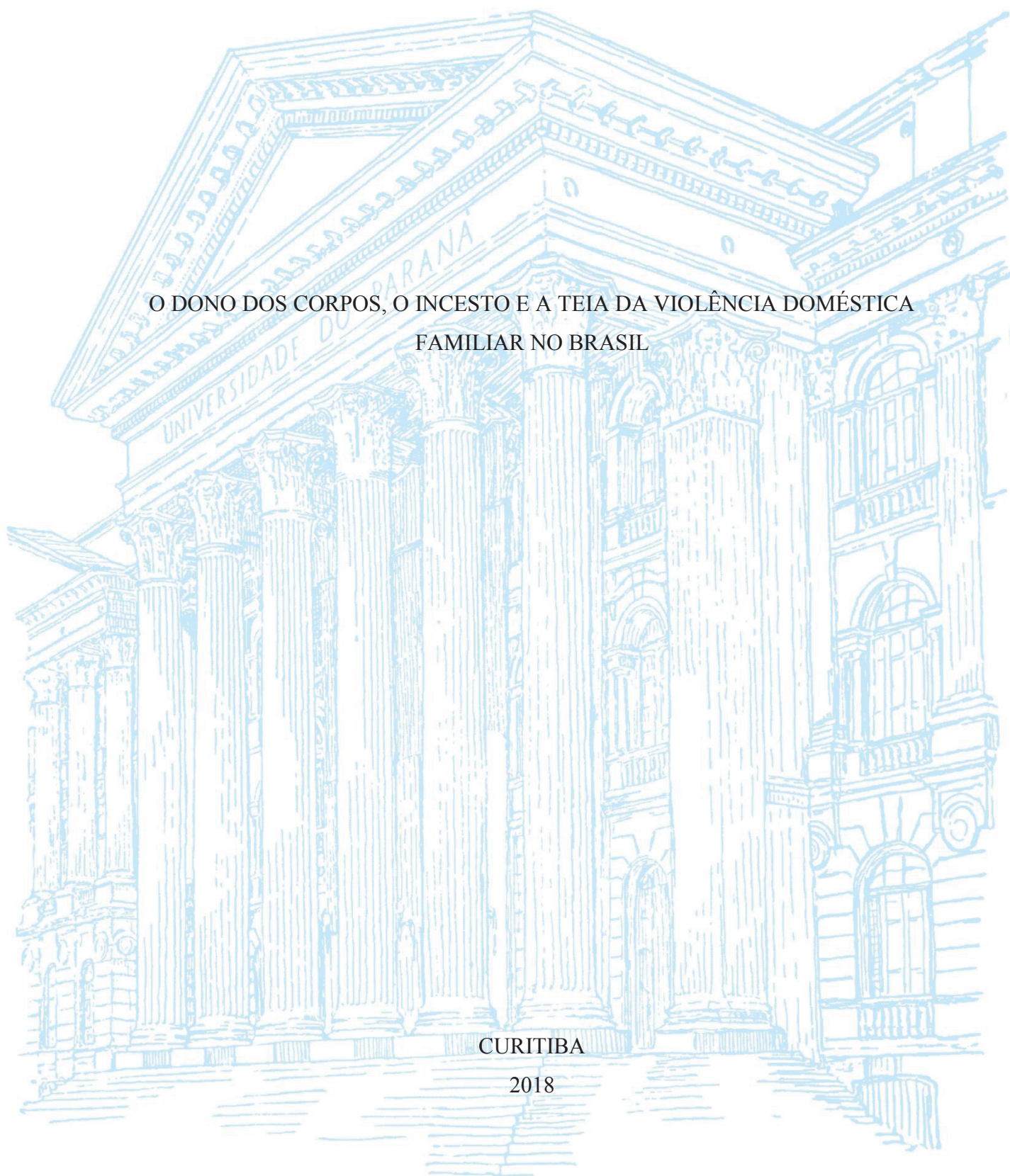
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSEFA JANETE DE AZEVEDO

O DONO DOS CORPOS, O INCESTO E A TEIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
FAMILIAR NO BRASIL

CURITIBA

2018



JOSEFA JANETE DE AZEVEDO

O DONO DOS CORPOS, O INCESTO E A TEIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
FAMILIAR NO BRASIL

Tese apresentada ao curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Stoltz.

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELA AUTORA  
Bibliotecária: Rita de Cássia Alves de Souza – CRB9/816

Azevedo, Josefa Janete

O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência doméstica familiar no Brasil / Josefa Janete de Azevedo. – Curitiba, 2018.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tânia Stoltz.

1. Violência doméstica. 2. Incesto familiar. 3. Violência sexual. 4. Educação familiar. 5. Família. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 362.66

## TERMO DE APROVAÇÃO




MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **JOSEFA JANETE DE AZEVEDO**, intitulada: **O DONO DOS CORPOS, O INCESTO E A TEIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA FAMILIAR NO BRASIL**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO COM MÉRITO E LOUVOR** no rito de defesa.


A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.


Curitiba, 19 de Abril de 2018.

  
TANIA STOLTZ(UFPR)  
(Presidente da Banca Examinadora)

  
SONIA MARIA CHAVES HARACEMIV(UFPR)

  
RICARDO COSTA DE OLIVEIRA(UFPR)

  
MARIA CRISTINA QUEIROZ DA COSTA LOBO  
MIRANDA(UP-PORUGAL)

  
ARACI ASINELLI DA LUZ(UFPR)



***Dedico e agradeço em especial,***

*à minha honrada, admirada e corajosa orientadora — Profa. Dra. Tânia Stoltz, à douta banca avaliadora deste trabalho, a Profa. Dra. Sônia Maria Chaves Haracemiv; Profa. Dra. Araci Asinelli da Luz; Prof. Dr. Ricardo Costa de Oliveira; Profa. Dra. Maria Cristina Queiroz da Costa Lobo Miranda; Profa. Dra. Marlene Tamanini (suplente); Profa. Dra. Denise de Camargo(suplente).*

*Ao Curso de Ciências Sociais por onde transitei e em concomitância, muito aprendi com o seletor grupo de professores (a) e amigos(a) que lá encontrei. Dentre esses (a), dedico um abraço especial ao Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes por ter participado da minha banca de qualificação.*

*Agradeço e dedico às participantes da pesquisa (mãe e filha), membros da família em estudo, também à minha matriz biológica de perto e de longe, afetiva e social, que não desistiram de mim.*

*Agradeço à Lúcia Maria da Veiga Segall, Adelheid Winter, Angelina Caldeira Briski, Maria Valéria de Azevedo, Maria Júlia da Conceição, incluindo na lista uma dezena de outras pessoas que também amo, aos meus amigos e amigas que me apoiaram durante o longo período de luta e reclusão.*

*Sei que é repetido dizer: muito obrigada, queridos (a) amigos (a) e familiares, finalmente estou encerrando este processo de trabalho árduo, complexo, profundo e difícil de pensar, mas, ao mesmo tempo, representa um baú de experiências múltiplas, um sentimento de honra e confiança pessoal e profissional indescritível.*

*Só que esse não é um gesto cordial simbólico destituído da soma desses valores sentidos e ditos, na verdade, é um compartilhar de tudo isso misturado com afeto sincero, de reconhecimento da importância e gratidão que sinto por cada um (a) que faz parte da minha vida. Ainda entrego um xero amoroso n'alma de cada pessoa citada, não mencionada, presente ou ausente, se é que a alma tem corpo e vice-versa. De qualquer modo registro em vida a minha dedicação e cuidado especial com o mesmo valor que cada um(a) tem para mim.*

*Então, está entregue o meu muito obrigado!*

## RESUMO

A pesquisa sobre o tema: “O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência sexual doméstica no Brasil” propôs uma investigação com foco na problemática da violência doméstica e do incesto familiar, a partir de histórias de vida de dois membros participantes do estudo (mãe e filha), ambas vítimas de violências. São membros consanguíneos pertencentes a uma família extensa composta por 16 pessoas vivas e adultas: um pai e uma (mãe) biológicos, dez filhas e quatro filhos originários de cidade situada na região nordeste do Brasil. O estudo girou em torno das experiências e memórias de violência doméstica e incesto praticados pelo “marido-pai” agressor no ambiente de moradia. A justificativa do tema se deu em virtude da escassez de estudos qualitativos sobre violência doméstica e sexual, bem como da necessidade de aprofundamento do assunto. O problema de pesquisa se constituiu para investigar: Como se caracteriza a violência doméstica e o incesto familiar a partir das narrativas de histórias de vida das participantes? Para o aprofundamento da questão surgiram alguns objetivos distribuídos em três momentos da pesquisa. O primeiro momento foi para a construção do perfil pessoal, sócio-familiar e cultural das entrevistadas, com foco nas relações de convivência familiar e comunitária, percepções individuais, significados e representações construídas durante a infância, adolescência e vida adulta. O segundo momento, centrou-se na composição da história de vida da mãe e da filha, com resgate de memórias e experiências vividas, sentidas e testemunhadas dentro da família e na convivência com o agressor. No terceiro, a atenção foi dirigida para a produção de atividades artística-criativas reveladoras de memórias significativas e representativas vividas na infância, adolescência e vida adulta de forma individual. Para tanto, autores da educação, da antropologia cultural, da psicanálise e da sociologia foram tomados como referenciais. Foi utilizada a observação participante de Malinowski (1976), a entrevista narrativa com história de vida de Bauer (2003) e Jovchelovich; Bauer (2002), até chegar ao artesanato analítico apoiado em Pollack (1992), bem como o uso do ‘software’ Nvivo 11. As características das violências doméstica e do incesto familiar expressam-se pela violência sexual da mãe, exploração do trabalho infantil dos filhos, abuso e estupro incestuoso das filhas, espancamentos e agressões físicas, psicológicas, sintomas de geração de traumas, medos, controles da parte do abusador, conflitos, maus-tratos (fome, nudez, moradia precária, abandono), negligência escolar e financeira, vergonha e constrangimento comunitário, por fim, a fuga das participantes do ambiente doméstico. As decorrências produziram impactos graves na vida das entrevistadas e a destituição de toda a família. Tais violências tiveram sucesso por décadas graças ao processo de naturalização que a mãe biológica do grupo sofreu desde a sua adolescência na convivência com o agressor. Conclui-se, apesar da multiplicidade de atos de violência doméstica e sexual, a naturalização e assimilação da mãe, sobre os eventos interpretados como “normais”, a filha participante respondeu aos mesmos questionamentos com percepção oposta, reação negativa e repúdio de forma diferente da matriarca. Os dados negativos revelados pela mãe não representaram sentimentos puramente repulsivos, o falado e o sentido revelaram contradições, o que sugere que a perpetuação da violência está relacionada a uma cultura de exploração masculina; que se reproduz e se perpétua pelo confinamento e reduzido contato social da mulher.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Incesto familiar. Educação, corpo e sexo. Violência sexual. Educação familiar. Família.

## ABSTRACT

The research on the theme: "The owner of the bodies, incest and the web of domestic sexual violence in Brazil" proposed an investigation focused on the problem of domestic violence and family incest, based on the life histories of two members study (mother and daughter), both victims of violence. They are consanguineous members of an extended family composed of 16 living and adult people: one biological father and one mother, ten daughters and four children originating from a city located in the northeast region of Brazil. The study revolved around the experiences and memories of domestic violence and incest practiced by the "husband-father" aggressor in the living environment. The justification of the theme was due to the lack of qualitative studies on domestic and sexual violence, as well as the need to deepen the subject. The research problem was constituted to investigate: How is domestic violence and family incest characterized from the participants' life histories? For the deepening of the question some objectives appeared in three moments of the research. The first moment was to build the personal, socio-family and cultural profile of the interviewees, focusing on family and community relationships, individual perceptions, meanings and representations built during childhood, adolescence and adulthood. The second moment focused on the composition of the life story of the mother and daughter, with the rescue of memories and experiences lived, felt and witnessed within the family and in the coexistence with the aggressor. In the third, the attention was directed to the production of artistic-creative activities revealing significant and representative memories lived in childhood, adolescence and adult life individually. For that, authors of education, cultural anthropology, psychoanalysis and sociology were taken as references. It was used the participant observation of Malinowski (1976), the narrative interview with life history of Bauer (2003) and Jovchelovich; Bauer (2002), until reaching the analytical craftsmanship supported by Pollack (1992), as well as the use of Nvivo 11 software. The characteristics of domestic violence and family incest are expressed by the sexual violence of the mother, exploitation of child labor abuse, and incestuous rape of daughters, physical and psychological beatings and assaults, trauma symptoms, fears, abuser controls, conflicts, maltreatment (hunger, nudity, precarious housing, neglect), school neglect, and financial, shame and community embarrassment, finally, the escape of participants from the domestic environment. The consequences had serious impacts on the lives of the interviewees and the dismissal of the whole family. Such violence has been successful for decades thanks to the process of naturalization that the biological mother of the group suffered from her adolescence in the coexistence with the aggressor. In spite of the multiple acts of domestic and sexual violence, the naturalization and assimilation of the mother, on the events interpreted as "normal", the participating daughter answered the same questions with opposite perception, negative reaction and repudiation differently from the matriarch. The negative data revealed by the mother did not represent purely repulsive feelings, the spoken and the sense revealed contradictions, which suggests that the perpetuation of violence is related to a culture of masculine exploration; which is reproduced and perpetuated by the confinement and reduced social contact of the woman.

**Keywords:** Domestic violence. Family incest. Education, body and sex. Sexual violence. Family education. Family.

## SOMMARI

La ricerca sul tema: "Il proprietario dei corpi, l'incesto e la rete di violenza sessuale domestica in Brasile" ha proposto un'indagine incentrata sul problema della violenza domestica e l'incesto famiglia, dalle storie di vita di due membri partecipanti studiare (madre e figlia), entrambe vittime della violenza. Sono membri consanguinei di una famiglia allargata composta da 16 persone viventi e adulte: un padre biologico e una madre, dieci figlie e quattro figli provenienti da una città situata nella regione nord-orientale del Brasile. Lo studio ruotava intorno alle esperienze e ai ricordi della violenza domestica e dell'incesto praticati dall'aggressore "marito-padre" nell'ambiente di vita. La giustificazione del tema era dovuta alla mancanza di studi qualitativi sulla violenza domestica e sessuale, nonché alla necessità di approfondire l'argomento. Il problema di ricerca è stato costituito per indagare: in che modo la violenza domestica e l'incesto familiare sono caratterizzati dalle storie di vita dei partecipanti? Per l'approfondimento della domanda alcuni obiettivi sono comparsi in tre momenti della ricerca. La prima volta fu per costruire il profilo personale, socio-familiare e culturale degli intervistati, concentrandosi sulla vita familiare e di comunità relazioni, percezioni individuali, significati e rappresentazioni costruite durante l'infanzia, l'adolescenza e l'età adulta. La seconda volta, si è concentrata sulla composizione della storia di vita della madre e la figlia, i ricordi e le esperienze rimborsabili, feltri e assistito all'interno della famiglia e di vivere con l'abusante. Nel terzo l'attenzione è stata rivolta alla produzione di attività artistico-creative che rivelano memorie significative e rappresentative vissute individualmente nell'infanzia, nell'adolescenza e nella vita adulta. Per questo, gli autori di educazione, antropologia culturale, psicoanalisi e sociologia sono stati presi come riferimenti. È stata usata l'osservazione partecipante di Malinowski (1976), l'intervista narrativa con la storia della vita di Bauer (2003) e Jovchelovich; Bauer (2002), fino a quando il mestiere di analisi supportata da Pollack (1992), così come l'uso di NVivo 11. 'software' Le caratteristiche di violenza domestica e l'incesto famiglia sono espressi dalla violenza sessuale della madre, il lavoro minorile i bambini, l'abuso e lo stupro incestuoso di figlie, percosse e fisici, psicologici, sintomi traumi generazione, i timori da parte dei controlli violentatore, i conflitti, l'abuso (la fame, la nudità, alloggi inadeguati, abbandono), negligenza scuola e finanziaria, vergogna e imbarazzo della comunità, infine, la fuga dei partecipanti dall'ambiente domestico. Le conseguenze hanno avuto gravi conseguenze sulla vita degli intervistati e sul licenziamento di tutta la famiglia. Tale violenza ha avuto successo per decenni grazie al processo di naturalizzazione che la madre biologica del gruppo ha sofferto della sua adolescenza nella convivenza con l'aggressore. Concludiamo, nonostante la molteplicità degli atti di violenza domestica e sessuale, la naturalizzazione e la madre di assimilazione sugli eventi interpretati come "normale", la figlia partecipante ha risposto alle stesse domande con la percezione opposta, negativa e reazione di rigetto in modo diverso matriarca. I numeri negativi diffusi dalla madre non rappresentano sentimenti puramente repulsive, parlato e il significato rivelato contraddizioni, il che suggerisce che la perpetuazione della violenza è legata all'esplorazione di un uomo di cultura; che viene riprodotto e perpetuato dal parto e dal ridotto contatto sociale della donna.

**Parole chiave:** violenza domestica. incesto famiglia. Educazione, corpo e sesso. Violenza sessuale Educazione familiare Famiglia.



## **LISTAS DE ILUSTRAÇÕES**

### **FOTOGRAFIAS E FIGURAS**

FOTOGRAFIA 1: O LUGAR E O CAMPO .....	65
FOTOGRAFIA 2 - EQUIPE TÉCNICA DO SERVIÇO SOCIAL [CRAS E CREAS] .....	66
FOTOGRAFIA 3 - CASA DA MULHER DO MUNICÍPIO DE IGARASSU/PE .....	82
FOTOGRAFIA 4 – INSTALAÇÃO DA SALA DE ENTREVISTA .....	89
FOTOGRAFIA 5 – FILHA-ENTREVISTADA [N.01] .....	90
FOTOGRAFIA 6 - ENTREVISTADA [N.02] .....	90
FOTOGRAFIA 7 – RETRATO DOS AVÓS PATERNOS DO GRUPO FAMILIAR .....	177
FOTOGRAFIA 8 - LINHAGEM PATERNA DAS DENUNCIANTES [AVÓ, PAI E TIA] ....	179
FIGURA 9 - ESTRUTURA FAMILIAR DAS PARTICIPANTES .....	191
FIGURA 10 - REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA-ADOLESCÊNCIA .....	391
FIGURA 11 - JUVENTUDE-ADULTA .....	394
FIGURA 12 - REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA .....	400
FIGURA 13 - REPRESENTAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA .....	410
FIGURA 14 - JUVENTUDE E VIDA ADULTA DA MÃE .....	414
FOTOGRAFIA 15 - LUDICIDADE E CRIAÇÃO .....	416

### **GRÁFICOS E QUADROS**

GRÁFICO 1 - TIPOS DE VIOLÊNCIA .....	118
GRÁFICO 2 - TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL .....	119
GRÁFICO 3 - PERFIL DO DENUNCIANTE .....	120
GRÁFICO 4 - RELAÇÃO DA VÍTIMA COM O AGRESSOR(A) .....	124
GRÁFICO 5 - TEMPO DE RELACIONAMENTO COM AGRESSOR(A) .....	125
GRÁFICO 6 - FREQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA .....	128
GRÁFICO 7 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR .....	130
GRÁFICO 8 - DEPENDÊNCIA FINANCEIRA DA MULHER X AGRESSOR .....	131
GRÁFICO 9 - FREQUÊNCIA DE PALAVRAS DECODIFICADAS [FILHA] .....	328
GRÁFICO 10 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [FILHA] .....	329
GRÁFICO 11 - FREQUÊNCIA DE PALAVRAS DECODIFICADAS [MÃE] .....	330
GRÁFICO 12 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [MÃE] .....	331
GRÁFICO 13 - FREQUÊNCIA DE PALAVRAS DECODIFICADAS [FILHA] .....	377
GRÁFICO 14 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [FILHA] .....	377
GRÁFICO 16 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [MÃE] .....	381
GRÁFICO 15 - FREQUÊNCIA DE PALAVRAS DECODIFICADA [MÃE] .....	381

## SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRAS	Centros de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
DASIS	Departamento de Análise de Situação de Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
MS	Ministério da Saúde
SDS/PE	Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SIPS	Sistema de Indicadores de Percepção Social
SPM	Central de Atendimento à Mulher
SVS	Secretaria de Vigilância em Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>PARTE I</b>	36
<b>1 EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA</b>	36
1.1 O CAMINHO DA PESQUISA E O CAMPO	39
1.2 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA	45
a) Problema de pesquisa	45
b) Objetivos	45
1.3 PRESSUPOSTOS	46
1.4 PROCEDIMENTOS FORMAIS E INFORMAIS	52
a) Ida e volta do campo de pesquisa	55
b) Observação participante direta e indireta	65
c) Entrevista narrativa em profundidade	72
d) Espaço - Casa da Mulher de Igarassu/Pe	82
e) Os conteúdos de entrevistas	92
f) Transcrição dos Dados	95
g) NVIVO 11 - Decodificação de conteúdos	98
h) Análise dos conteúdos	99
1.5 ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	102
a) Primeiro momento	102
b) Segundo momento	104
c) Terceiro momento	104
<b>PARTE II</b>	107
<b>2 CENÁRIO E REFLEXÕES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA FAMILIAR NO BRASIL</b>	108
2.1 DADOS QUANTITATIVOS: O QUE REVELAM OS ESTUDOS?	110
2.1.1 Dados do IPEA-FBSP e SDS	112
2.1.2 Dados do Ligue 180	115
2.1.3 Vítimas, tipos e características das violências	119
2.1.4 O agressor na convivência com a vítima	126
2.1.5 A Lei Maria da Penha	132
2.2 ESTUDOS E PESQUISAS QUALITATIVAS: O QUE APONTAM?	136
<b>PARTE III</b>	142
<b>3 O TEMA E AS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS</b>	142
3.1 MÃOS INVISÍVEIS DA EDUCAÇÃO NA CULTURA	146
3.2 PARTICIPANTES, FAMÍLIA E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL	152
3.2.1 Hierarquia social - patriarca	160
3.2.2 Patriarcado, honra, desonra-vergonha	171
3.2.3 Genealogia e parentesco: quem é o agressor das participantes?	174

<b>PARTE IV</b>	192
<b>4 RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA EM REFLEXÃO</b>	192
4.1 O CONFLITO E O CONTROLE FAMILIAR	200
4.1.1 Oposição e Ruptura	204
4.1.2 Incesto – conceito e reflexões	208
<b>PARTE V</b>	215
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	215
<b>FASE I</b>	220
<b>5.1 PRIMEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA</b>	220
5.2 PERFIL PESSOAL, SÓCIO-FAMILIAR E O CONTEXTO	222
a) Identidade e origem familiar	223
b) Referência e significado familiar	232
c) Referência comunitária	242
5.3 POUCA ESCOLA - MUITO TRABALHO	249
a) Infância explorada	262
b) Adolescência-adulta	272
c) Imagem e autoestima afetada	279
d) Família de sangue - valor de honra e desonra	280
5.4 VIDA NA ENCRUZILHADA	285
a) Estupros em série - filhos ininterruptos	286
b) Estupro ou sexo consentido?	301
c) Corpo tabu – Sexo Violado	304
d) Formação religiosa e crença	310
e) Classe social e Raça	313
f) Violências repetidas	321
<b>FASE II</b>	333
<b>5.5 SEGUNDO MOMENTO DA ENTREVISTA</b>	333
5.6 CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E INCESTO FAMILIAR	335
a) Filha-estuprada sai – pai-estuprador fica	346
b) Família controlada - garantia da impunidade	354
c) Família-Fábrica de corpos, sexo e trabalho explorado	360
d) Vidas interrompidas por violências	364
e) Vidas separadas - conectadas pelo afeto	369
f) Efeitos da pesquisa	371
<b>FASE III</b>	386
<b>5.7 TERCEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA</b>	386
5.8 MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E SIGNIFICADO	387
5.9 FASES E FACES DA INFÂNCIA-ADOLESCÊNCIA [FILHA]	388
a) Fase adulta -vínculo materno [filha]	393
b) Silêncio que fala	395
5.10 MEMÓRIA DESENHADA – DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA [MÃE]	398
a) Retrato da infância - neta e avô	399
b) Adolescência e vida no Engenho da P.	403

c) Juventude-adulta.....	412
<b>FASE IV .....</b>	<b>419</b>
5.11 PRIMEIRO PRESSUPOSTO.....	419
5.12 SEGUNDO PRESSUPOSTO.....	421
5.13 SÍNTESE DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS.....	431
a) Quadro 1 - Perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto cultural.....	431
b) Quadro 2 - Características das práticas de violência doméstica e incesto familiar.....	433
c) Quadro 3 – Memórias de representação e significado das figuras criativas.....	435
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>436</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>444</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>452</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO [TCLE].....</b>	<b>452</b>
<b>ANEXO A-1 – NOTA DE ESCLARECIMENTO [PROTOCOLO DE PESQUISA].....</b>	<b>455</b>
<b>ANEXO B - PERMISSÃO PARA UTILIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO EM ÁUDIO .....</b>	<b>457</b>
<b>ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA.....</b>	<b>458</b>
<b>ANEXO D - DECLARAÇÃO DE APOIO À PESQUISA [IGARASSU/PE].....</b>	<b>462</b>
<b>ANEXO E - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA [Nº 01 e Nº 02] .....</b>	<b>463</b>
<b>1) FILHA-ENTREVISTADA [N.01] .....</b>	<b>464</b>
<b>2) MÃE-ENTREVISTADA [N. 02].....</b>	<b>481</b>



## INTRODUÇÃO

O cenário das violências domésticas, sexuais e o feminicídio no Brasil é grave e alarmante. Em 2015, a taxa chegou a 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres. (ATLAS, 2017, p. 36). A estimativa é de que 13 mulheres são assassinadas por dia dentro das residências do país. (IPEA/2016).

De acordo com os dados divulgados no relatório "Balanço da Violência contra a Mulher" a partir das informações da Central do Ligue 180 e a Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República, em 2016 foi registrado um total de 52 957 casos de denúncia de violências praticadas contra a mulher, e na sua maioria ocorrida dentro dos lares. Desse universo, 77% das pessoas denunciantes afirmaram ser vítimas semanais de agressões e em 80% dos casos o agressor tinha vínculo afetivo com a vítima, era marido, namorado e ex-companheiro. Dessas vítimas, 80% eram mulheres que declararam possuir filhos pequenos. Dentro do contexto familiar, 64% desses filhos presenciaram ou também sofreram as mesmas violências dentro do lar.

Também a Secretaria de Defesa Social — SDS/2017 do estado de Pernambuco, divulgou o mais recente cenário da violência no estado. Destacou que: de janeiro a março do ano de 2017, houve 497 casos de estupro no estado, incluindo a zona rural ou interior da unidade federativa. O Relatório IPEA/2014, demonstra que em 2011 houve um total de 12 087 notificações de casos de violência doméstica e estupros. Desse universo, 88,5% das vítimas eram do sexo feminino e mais da metade tinha menos de 13 anos. De modo geral, mais de 70% das vítimas eram crianças e adolescentes.

Em cada número ou ocorrência de violência doméstica registrada pelas diferentes instituições assistenciais, tais como: hospitais, delegacias, abrigos, entre outras, há um mundo real implicado no subjetivo de cada vítima agredida todos os dias dentro dos lares brasileiros. Seja ela, à vítima: mulher, criança, adolescente. Não importa quem seja, sempre haverá nessa relação um agressor em condição superior com uso de força e um agredido em condição inferior e frágil. O que chega até os órgãos e instituições sociais são apenas relatos de vidas afetadas gravemente que precisam ser enquadradas, simplificadas e reduzidas em formulários policiais e hospitalares, onde o limite do registro é determinado pelas poucas linhas do documento. E a vida em violência não cabe num papel timbrado. De certo modo, isso justifica as negligências estruturais no país, estrategicamente se deixa para trás os dados essenciais que compõe a história de vida de uma pessoa

violentada. O mundo das experiências que a afetará para o resto da vida, é superficialmente registrado.

O dado estatístico organizado em gráficos ou em números, apesar da sua importância, não representa a realidade vivida pelas vítimas que se encontram em condição de fragilidade e vulnerabilidade social. Apenas aponta que há um problema real. Os números não mostram a complexidade das relações ou as marcas geradas no corpo-alma da pessoa agredida, da família afetada, muito menos o mundo social-emocional que marca a vida do lado de dentro, o eu de alguém. A violência doméstica maquiada pelos números deixa o mundo da vítima num estado invisível e menor, menos complexo do que de fato representa. Estrategicamente, mostra um campo relativizado e calculado pela lógica formal. Isso não basta. A este respeito, “[...] o trabalho de campo científico está muito acima da melhor das produções de amadores”. (MALINOWSKI, 1976, p. 30).

Enquanto isso, o problema histórico-sociológico da violência doméstica conectada às questões de ordem cultural antropológica-educativa, permanece pouco explicado qualitativamente pela ciência, por ser um universo que necessariamente carece de pesquisa qualitativa e empírica. Recorrentemente, o assunto é noticiado de forma sistemática e rasa graças à abundância de informantes sensacionalistas, descomprometidos com a essência dos fatos, que surgem de todas as direções com diversas intenções, causando choque e pânico social, principalmente. Esses, olham para a tragédia alheia e a realidade aparente com a mesma superficialidade numérica que as apresentadas nos mapas e relatórios oficiais. Raramente produzem informações fidedignas baseadas em investigação em profundidade e/ou científica, envolvendo análise e contextos particulares com a necessária seriedade. Pelo contrário, usam a mídia e outros canais pouco confiáveis para expor a vida pessoal das vítimas e da sua família de forma banalizada e sem ética, como é o caso da mídia sensacionalista, por exemplo.

Embora reconheça a importância dos gráficos estatísticos e das informações sistematizadas pelas instituições sérias que assistem às vítimas de violências domésticas, acredito que o mundo doméstico permeado de violências no Brasil permanece invisível em termo de conhecimento científico e diagnóstico baseado na empiria dos fatos. A vida privada das vítimas se mantém na obscuridade, onde pessoas predadoras manipulam a dinâmica cotidiana, de modo a manter a prole no silêncio e de forma intocável. Consequentemente, a família se torna um canal fechado para os que estão de fora das relações, e, talvez, seja essa também uma estratégia para manter o afastamento

de pessoas intrusas, curiosas ou inquietas, como, por exemplo, os pesquisadores de campo. Tanto que em políticas públicas, ações preventivas de combate à violência e direcionadas ao mundo privado são praticamente inexistentes, não há compromisso por parte do estado ou da própria sociedade para o enfrentamento e combate. Embora os dados numéricos e o volume de ocorrências que chegam às instituições sociais façam alerta com sinal vermelho, indicando que há graves problemas de violência afetando o mundo doméstico, ainda assim a sociedade dá pouca importância para o assunto. Apesar disso e com tudo isso, a violência continua fora das pautas ou das agendas de prioridade do estado.

Diante do quadro, a presente pesquisa assume lugar de destaque na academia e no cenário nacional, não somente pela importância do tema e do objeto abordado, mas principalmente por expor a problemática como um fenômeno histórico, intocável e protegido principalmente por homens violentos que constroem muralhas intransponíveis em torno da família. É importante discutir e tocar na ferida aberta para chamar a atenção da coletividade e daqueles que “brincam” com o problema, noticiando apenas farpas de uma complexa realidade, olhando do lado de fora ou descomprometidos com o campo.

Nesse sentido, a tese de doutorado em Educação vinculada à Linha de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, consiste num estudo baseado em histórias de vida de mãe e filha membros de uma família extensa, que sofreram violências domésticas e abusos sexuais dentro da moradia. É composta atualmente por 14 filhos vivos. Todos ligados por laços de consanguinidade, relações de convivência e intimidade entre os membros do mesmo grupo. É uma família originária da região nordeste do Brasil, nativa da zona da mata norte do estado de Pernambuco.

A investigação tem como participantes a mãe biológica e uma das suas filhas. Ambas vítimas das violências múltiplas praticadas pelo patriarca da linhagem, agressor em comum. A violência doméstica e o incesto familiar são um assunto inquietante que gerou preocupações diversas durante dias e anos para a pesquisadora. Depois de um certo tempo de maturação e inúmeros questionamentos sem obter respostas, surgiu finalmente um problema de pesquisa que deu sentido e corpo a esta tese. O questionamento é: como se caracterizam as práticas de violência doméstica e o incesto familiar nas narrativas de história de vida das participantes? Coerente com o problema, o objetivo é compreender os tipos, as características e as dimensões das violências privadas a partir das vozes das próprias vítimas.

É importante também situar que o tema e a pesquisa intitulada: “O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência sexual doméstica no Brasil”, foi aprovada em 27 de junho de 2017 pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, sob o protocolo (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE: 56421316.9.000.0102 – <sup>1</sup>Parecer: 2.140.696).

Mas, para tal, bebi necessariamente em várias fontes epistemológicas do método, das experiências e das metodologias da pesquisa qualitativa de <sup>2</sup>Eco (1991), Becker (1993), Mills (1982, 1970) e Creswell (2014), Bauer (2003), Jovchelovich; Bauer (2002), Malinowski (1976, 1978, 1997), e outros autores que sustentaram a base técnica e os procedimentos metodológicos implicados na pesquisa.

Bardin (1995, 2009), May (2014) e Scott (1990) foram referências fundamentais que auxiliaram na organização do trabalho, até chegar na análise dos conteúdos. A reflexão metodológica e o estudo baseado em história de vida das participantes, renderam sucessivas observações nas variadas modalidades. Me integrei ao campo empírico na forma participante, direta e indireta, de perto e de longe, pessoalmente e “online”. O evento da realização das entrevistas com narrativa oral foi uma experiência única. O ritual da produção de dados não envolveu somente a gravação de conteúdos narrados, essa foi apenas uma fase. Depois veio o sal grosso, a sistematização, categorização, discussão, fundamentação e análise. Foi um trançado de coisas, pessoas, situações, acontecimentos arrolados.

A partir das narrativas procurei compreender e mapear experiências enquanto vivências pessoais, a dinâmica individual e do grupo, olhando as práticas e as características das violências domésticas misturadas aos atos de abuso sexual incestuoso ou não, praticados pelo marido-pai, contra a mãe e a filha.

A partir de tudo isso, procurei encontrar os nexos vetores e a raiz da violência plantada na família desde outrora. Assim, decodificando categorias de práticas, as ocorrências repetidas e as relações danosas e abusivas narradas pelas participantes. Para tal, me propus a ouvir

---

<sup>1</sup> A pesquisa intitulada: “O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência sexual doméstica no Brasil”, foi **aprovada em 27 de junho de 2017** pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, sob o protocolo (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - **CAAE**: 56421316.9.000.0102 - **Parecer**: 2.140.696). Disponível em: <file:///C:/Users/janet/Downloads/PB\_PARECER\_CONSUBSTANCIADO\_CONEP\_2140696%20(1).pdf>. Acessado em: 08 de julho de 2017/. Nota de esclarecimento sobre o protocolo de pesquisa e o parecer do CONEP, ANEXO A-1.

<sup>2</sup> Para normatizar o trabalho, sigo o manual de normatização de documentos científicos de acordo com a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**, adaptada por Amadeu et al. (2015), da Universidade Federal do Paraná.

qualificadamente as vozes da própria matriarca e de sua filha. O como, quando e de que forma as violências sofridas foram iniciadas, continuadas e perpetuadas em suas vidas. Não somente no espectro do eu, mas também, o vivido, sentido e testemunhado no espaço compartilhado com o agressor e o resto do grupo durante as décadas.

Sabendo que foi dentro desse contexto de mundo que um homem agressor, violento e dominante reproduziu gerações de filhos em uma mulher dominada, agredida e abusada desde os seus 12 anos. Num ambiente de risco foram se tecendo relações complexas, envolvendo conflitos e uma diversidade de coisas. Dentre elas, a produção de cenários, enredos, mentiras, estórias inventadas que viravam verdades, armadilhas e tantas outras estratégias colocadas em prática que resultaram em memórias e experiências múltiplas, dignas de investigação não somente pela importância do assunto, mas também pelo caráter inédito desta pesquisa, pela sua dimensão e profundidade.

Neste estudo, as participantes mãe e filha contam suas experiências de vida relacionadas a um homem colecionador de dezenas de outras mulheres, desde que estas fossem férteis e muito jovens. Um garanhão fabricante de filhos em série em meninas quase crianças, sua preferência era por adolescentes pobres, de cor pardas ou negras, afastadas da família, de fácil domínio e controle. Que levou as participantes e o grupo familiar a acreditar que ele era mesmo o dono das vidas, do corpo e do sexo da prole inteira. Para tal, fez uso da força física, do poder implicado na obediência, na manutenção do medo, dos castigos e agressões de toda espécie. Portanto, refiro-me a um homem que plantou no núcleo familiar a ideia de que estava no seu “direito” de “marido-pai” proprietário das vidas, reivindicar o corpo dos filhos e da mãe para o trabalho explorado, assim como o sexo das mulheres (mãe e filhas adolescentes), para prazer e uso pessoal. Tudo se resumia em coisa objetificado de posse sua. Era o dono de tudo.

Todos os anos a mãe gestava uma criança, criava e cuidava até chegar à fase da adolescência, foram 19 gestações. Uma menina-criança abandonada e/ou órfã, que desde os seus 12 anos foi transformada em mulher procriadora de filhos por um homem de natureza violenta e mentalidade cruel, em uma escrava sexual de domínio privado. Um corpo imaturo que reproduziu filhos ininterruptos. Alguns filhos nasciam e sobreviviam às violências, outros nasciam e morriam logo após o nascimento, há ainda aqueles que nem chegaram a ver a luz do sol, eram vidas abortadas no útero materno por espancamentos do próprio pai. Mãe e fetos em risco de morte brutal.



Mesmo assim, ela conseguiu manter sozinha a maioria dos filhos vivos-sobreviventes. Teve sua vida tramada intencionalmente por um homem sem rei e sem lei.

A dominação do patriarca sob a prole iniciava no berço com o nascimento de cada filho, fruto do seu prazer sexual abusivo, das violências sexuais com a mãe e depois continuado com as próprias filhas imaturas. Em consequência disso, sobravam vidas desprotegidas e sem importância alguma para o pai, até as filhas chegarem a fase da adolescência. Nesta segunda fase da vida, ele dava outro valor à cria, não por razões afetivas paternas, mas, sim, por despertar no corpo imaturo das meninas adolescentes interesses sexuais libidinosos, incestuosos, aptos para predação. Até o momento de os conflitos saírem do controle do agressor, que resultava com o afastamento (expulsão) de cada um (uma) de dentro da moradia, assim como de toda prole. Essa situação se dava ora pelos conflitos gerados pela exploração do trabalho infantil, ora pelos abusos sexuais incestuosos e estupros consumados dentro e fora de casa.

Um homem que toma posse do corpo e do sexo da mãe-entrevistada n.02 e de sua filha-entrevistada n.01, participantes deste estudo, como objeto de valor pessoal exclusivo. Um ser que expõe a própria família à condição extrema, de risco pessoal, de violências, abandono e maus-tratos, sem nunca ter sofrido denúncia ou punição alguma. Tudo isso fez parte dos conteúdos levantados no campo.

Antes de tudo foi preciso localizar e mapear o campo a ser mexido de longe e de perto, por dentro e por fora, retirar as primeiras pás de terra do sítio arqueológico onde um homem escondia vidas sem vidas. Careceu de conhecer o contexto e a realidade, entrar nos cômodos escuros, levantar as camadas que escondiam a questão de interesse, o problema das violências privadas.

Atentamente dei os primeiros passos de modo a encontrar os indícios da questão levantada na pesquisa, testar a veracidade dos fatos cruzando informações na busca do objeto ou de artefatos concretos, reais, que apontassem o caminho e a direção a seguir. Propus-me a detalhar o acumulado de coisas misturadas com as vidas e o contexto do mundo doméstico, ainda confuso. Era o ambiente em que se inseriam as participantes e a família. Então, fui entrando devagar, com a permissão e autorização da mãe e da filha, tendo o máximo de cuidado para enxergar a realidade tal qual ela se apresentava.

As escavações prévias foram de suma importância para encontrar a semente-raiz que deu lastro às violências na família. Isso começou com as observações densas, com o isolamento das partes afetadas pelo problema, percorrendo os labirintos escuros, ofuscados pelas sombras de

fendas subterrâneas de difícil acesso. A família habitava um ambiente cercado de medo, tabu e silêncios. A casa das violências era escura, escondia vidas sem luz.

Olhar para o lado de dentro fazia parte do processo pericial investigativo, sobretudo, para estabelecer aproximações com os habitantes do ambiente. Entrar sem precisar bater nas portas cimentadas em paredes muralhas de concreto. A visita guiada se deu pelas diferentes modalidades de contatos diretos com as participantes do trabalho. Assim as construções individuais e em grupo levaram dias, semanas, anos, até a exaustão da observação sob a realidade concreta. Essa foi uma etapa do trabalho que antecedeu à pesquisa, sem essas aproximações prévias o campo não seria possível de ser investigado.

O método de observação com registros em diário de campo, em agendas avulsas, cadernetas, em equipamentos eletrônicos (celular, computador, tablete), apesar de serem modernos, mas, durante todo tempo a criatividade teve inspiração no modelo clássico de trabalho etnográfico de Malinowski (1978, 1997). Suas experiências em sociedades tribais, com os grupos e indivíduos do mundo nativo, esse foi o modelo espelhado para adaptação da etnográfica do pequeno grupo e no campo de atuação familiar. Por ser um etnógrafo importante, Malinowski ajudou a pensar a família e a realidade como um campo etnográfico em tempos modernos.

Fiz uso das técnicas do autor para apurar o observado no campo durante todo percurso. Pensar o objeto problematizando a realidade vivida pelas participantes e a família, os aspectos das relações sociais de convivência e intimidade estabelecida entre agressor e vítimas. Assim, busquei a apreensão das regularidades e distinções em detalhes produzindo uma etnografia particular. O método da observação participante forneceu a necessária segurança no processo de investigação científica, do começo ao fim do trabalho.

Com o mesmo espírito, as entrevistas foram produzidas e organizadas em três momentos distintos e, ao mesmo tempo, conexo ao trabalho. Segui a ordem das questões do roteiro, melhor detalhada no capítulo da metodologia a seguir. No primeiro momento, produzi o perfil sócio-familiar e o contexto sociocultural das participantes, olhando as memórias familiares estendidas à comunidade de origem, assim como, os eventos que marcaram suas vidas. No segundo, centrei-me nas experiências pessoais, no íntimo do mundo particular como parte da história de vida de cada uma.

O terceiro momento, dei ênfase para às três dimensões do desenvolvimento da vida pessoal (física, cognitiva, social-afetiva), olhando para os acontecimentos da infância, adolescência e fase

adulta. Com isso, resgatando a materialidade das memórias significativas por meio do desenvolvimento de atividades pedagógicas criativo-artísticas e individuais, que representou o eu e o mundo vivido, sentido do lado de dentro ou de fora do grupo familiar. Foi sobre esses aspectos, características e dimensões que se desenvolveu o conjunto do trabalho investigativo.

Para aprofundar o tema, o problema e os objetivos da tese, outros estudos desenvolvidos por diferentes investigadores sobre violências domésticas e do incesto familiar, nas áreas do conhecimento e regiões do Brasil, estes foram fundamentais para o processo de reflexão e discussão das categorias definidas para este trabalho. Falo de pesquisadores, como: Saffioti (1989), Azevedo; Guerra (1988,1989), ente outros com mesma importância. A exemplo da recente pesquisa documental realizada no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, intitulada: <sup>3</sup>“As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, sendo este, um trabalho que serviu de base de consulta e apoio por tratar de experiências narradas por outros membros da mesma família. Um mundo visto na ótica de outros filhos que se conectam com a vida e o mundo da mãe entrevistada nesta tese.

Azevedo (2017), afirma tratar-se da mesma família e do mesmo contexto. Por isso, senti a necessidade de acessar conteúdos oriundos de depoimentos auto descritivos de quatro filhas e um filho denunciante do pai biológico agressor da mesma família. No conjunto, as narrativas de cada filha (o), revelou uma forte simetria das experiências individuais do grupo denunciante, com a história de vida da mãe biológica, principalmente. O grupo registrou conteúdos ricos em detalhes que ajudaram a pensar o mundo familiar se movimentando cotidianamente de geração em geração. Trouxe à tona a dinâmica cotidiana vista na ótica dos filhos, que viam e acompanhavam também a própria mãe sofrendo os impactos das mesmas relações, de forma diferente e, ao mesmo tempo, repetidas.

---

<sup>3</sup> **Nota.** Trata-se de uma pesquisa documental baseada em formulários de denúncia de violência doméstica e incesto familiar envolvendo um pai biológico, 4 filhas e 1 filho, todos irmãos e pertencentes do mesmo grupo consanguíneo. Foram tomados para a análise conteúdos de narrativas de depoimentos auto-descritivos das filhas (o) contra o pai agressor. Apesar de hoje serem pessoas adultas, mas na infância e adolescência foram vítimas de violência doméstica praticada pelo pai-agressor na convivência com a família. Razão que em 2015 ofereceram denúncias contra o mesmo.

AZEVEDO, Josefa Janete de. **As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono**. 143f. (Monografia de Graduação) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2016/08/Monografia-Josefa-Janete-de-Azevedo\\_2004.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2016/08/Monografia-Josefa-Janete-de-Azevedo_2004.pdf)>. Acesso em: 29 de abril, 2017.

O material (documentos-denúncias) da densa pesquisa de Azevedo (2017), ajudou a compreender a dinâmica da violência vivida, sentida e testemunhada no ambiente compartilhado cheio de armadilhas sem saída criada pelo agressor. Falo das estratégias criadas para atrair as filhas (o) circulantes no território controlado por ele, onde eram calculados minuciosamente cada ato. Os cenários artificiais foram criados com enredos falsos e mentirosos para provocar situações de conflito, de modo a colocar em prática toda a engenharia de abusos e de agressões arquitetadas. Os conteúdos produzidos pelos filhos denunciadores das violências na família foram fundamentais para conhecer outras faces da realidade, mas também pela necessidade de entender principalmente o lugar da mãe dentro do grupo como parte supostamente mais afetada da família. Sem dúvida, ela foi a pessoa chave para desvelar as questões de investigação desta tese, somente ela podia responder as principais perguntas levantadas nesta pesquisa.

O trabalho de Azevedo (2017), abrange narrativas de experiências iguais e diferentes ditas por outros membros do grupo, que também fazem parte da vida das participantes da presente tese: mãe e filha. Por que esta filha na tese? A presença desta tem a ver com a localidade regional de residência, conforme a distribuição do grupo como estava previsto no plano inicial do projeto. A mãe e a filha em questão moram na mesma região e em cidades relativamente próximas. Esse foi um dos critérios e fator de relevância considerado importante para a viabilidade deste estudo. Por outro lado, a filha em questão foi uma das primeiras do grupo a se manifestar interessada nas pesquisas, tanto no trabalho de pesquisa documental (processo denunciatório), como a sua participação na tese. Seu interesse foi surpreendente desde o início dos estudos, pois, ajudou positivamente os demais membros participarem dos empreendimentos (AZEVEDO, 2017), e, ao mesmo tempo, continuarem contribuindo com a investigação da tese através de história de vida e narrativa oral nesta modalidade pesquisa. Também, justifica sua contribuição, porque na denúncia autodescritiva, os registros realizados foram insuficientes na sua opinião, devido às limitações de tempo e domínio da escrita. A real motivação se deu em função da defesa de sua filha pequena pré-adolescente, que estava em risco segundo ela, de ser abusada pelo mesmo agressor. A sua participação nos estudos foi um meio de denunciar o agressor pessoal e familiar.

O tema e a proposta deste trabalho foram pensados e amadurecidos em concomitância com as experiências da prática profissional acumulada na área da Educação, do Serviço Social de Comunidade e das Ciências Sociais não aplicadas. Ou seja, envolve um conhecimento

interdisciplinar valorizado pela pesquisadora, uma vez que também é professora, Assistente Social e Cientista Social de formação.

Assim, a genealogia da tese se constituiu como resultado de um processo mosaico de ações práticas e de um artesanato intelectual interdisciplinar, conectado ao estudo e ao campo empírico permanentemente. Neste estudo, as práticas e as imersões teóricas foram colocadas em movimento no cotidiano para refletir na academia o problema da multiplicidade de violências na família. O conjunto de experiências oriundas de ações especializadas de cunho técnico-operativo, de estudos reflexivos e de pesquisas realizadas em comunidades e com famílias, produziram feitos e efeitos reais, motivos e motivações para a proposta acadêmica-profissional na forma de tese.

Tudo foi pensado durante anos e décadas. Tem a ver com os trabalhos prévios implantados, desenvolvidos e avaliados em comunidades, em campo de extensão universitária, escolas e faculdades, um trabalho permanente com famílias em situação de risco e vulnerabilidades. Um mosaico resultante de programas e projetos direcionados ao atendimento e à intervenção familiar, às pessoas vitimadas por violência doméstica envolvendo abuso sexual incestuoso ou não, falo de tantas outras práticas nocivas à vida humana, muitas vezes invisibilizadas pela sociedade e pelo meio social. Foram trabalhos assistenciais e educativos com usuários dos serviços sociais no âmbito das políticas públicas, nas instituições e de acolhimento às vítimas, ações de enfrentamento às diferentes situações de risco vividas por populações marginalizadas quase sempre. No caso da família em estudo, o contato primeiro também esteve conectado às ações profissionais técnicas e interventivas sobre a realidade do grupo, em especial, em torno dos cinco membros participantes da pesquisa anterior já citado neste trabalho. O estudo com as participantes da tese é resultado desse processo interventivo de longa data.

A proposta de pesquisa é, portanto, o efeito das ocorrências num campo permeado por contradições, desigualdades e exclusões humanas. Um mundo sempre carregado de abusos, agressões graves, abandono, fome, nudez, desabrigo, doenças, entre tantas outras problemáticas produtoras de danos e desequilíbrio social.

O contexto familiar das participantes é um exemplo concreto de que a ação profissional técnica e a investigação acadêmica são necessária e devem caminhar lado a lado em processos de pesquisa com essa dimensão e natureza. Entendo que prática e teoria não devem e, verdadeiramente não se separam. Pelo contrário, são codependentes, principalmente quando há necessidade de



pesquisa empírica com alta reflexividade como esta. Sem essa aliança, a probabilidade de faltar a “cereja” do bolo no sentido figurativo, é bem maior. O trabalho tende a ficar incompleto.

Quanto ao campo investigado, após um razoável período de aproximações e ações interventivas direcionadas para o atendimento dos membros e do grupo de quatro filhas e um filho denunciante do pai agressor, dois anos se passaram (2015 e 2016), para somente agora, no final de 2016 e início de 2017, a mãe biológica da família, a participante n. 02 desta tese, se manifestar interessada em participar do trabalho. Finalmente, ela aceitou o convite da pesquisadora por considerar ser um estudo ou um trabalho sério e de grande importância para o país. Declarou que o motivo da sua participação foi a tomada de consciência de que deveria ajudar por meio da pesquisa, a esclarecer o problema da violência doméstica, e assim, poder evitar que outras famílias sofressem as mesmas experiências e consequências que a sua sofreu e sofre. Significa dizer que a mãe participante conseguiu relativamente vencer o medo do agressor. Rompeu por um determinado tempo o silêncio para falar de si pela primeira vez. Falar dos acontecimentos ocorridos em sua família, falando e ouvindo a sua própria voz depois de décadas de reclusão.

O encorajamento da filha participante e dos demais filhos em parceria com a pesquisadora, ajudaram na tomada dessa decisão. Sem dúvida, para a pesquisadora esse foi um dos momentos mais importantes do trabalho. Um privilégio poder escutar o que a matriarca tinha a dizer sobre si, sua família e os enredos de experiências de vida, depois de tanto tempo guardando em segredo. Segundo ela, nunca havia falado sobre os problemas vividos dentro de sua família para pessoas próximas, menos ainda para estranhos, nem mesmo os seus filhos. Embora, todos fizessem parte do mesmo complexo da trama. O caminho percorrido no campo não foi curto nem fácil, teve um conjunto de dificuldades e um modo extraordinário de superação.

Os quadros das múltiplas realidades foram sendo observados como uma colcha de retalhos alinhavados com agulhas cirúrgicas, pedaços de histórias que precisavam ser costuradas com a mesma linha e colocados no lugar certo. Cada aproximação servia para desvelar as partes escondidas ou camufladas nas sombras do tempo, ainda confusas e obscuras pelos medos e receios do amanhã.

A aproximação, o distanciamento com o campo, o grupo e os membros participantes da pesquisa foram estratégias necessárias e se deu de forma pensada. Ora, ocorreu via telefonemas, por escrito, “online”, individual e coletivamente, até chegar ao momento do encontro in “lócus”, de forma presencial e de face a face. Os diferentes modos de observar e de comunicação produziram

as condições favoráveis para acontecer a produção dos dados com o caminho livre e aberto, apesar das inquietações e ansiedades sutilmente controladas. Tudo auxiliou no amadurecimento do trabalho e no crescimento pessoal durante todo o processo investigativo. Foi o ponto de partida para travar a luta de frente em torno da apreensão da realidade e do objeto a ser investigado com a devida profundidade, sendo tecido a cada dia. Assim seguiu o plano, buscando produzir conhecimento empírico, fidedigno, válido, útil para o campo das ciências humanas e sociais, com vista na educação, vislumbrando o impacto positivo enquanto produção acadêmica, científica e resultados para a sociedade.

Neste trabalho, a pesquisadora procurou encontrar os nexos e a raiz da violência a partir da questão ponto de partida objetivo geral da tese, que é o de compreender as características das violências domésticas e o incesto familiar nas narrativas de história de vida das participantes, buscando assim entender, como, de que forma, onde, e o porquê das atividades violentas praticadas contra elas. Desmistificá-las tais quais elas são e o modo em que se produziram e mantiveram dentro do lar. Contudo, a pesquisadora encontrou apenas uma possibilidade, de abrir e seguir o caminho da investigação vinculando a pesquisa qualitativa na modalidade empírica, de forma profunda e densa. Sem o corpo, a alma e os sentidos da(o) pesquisadora(o) no campo, acredito que a ciência e a sociedade realmente não obteriam informações com essa qualidade de conteúdo, válidas pelos fatos e tão reais quanto a vida das participantes. A pesquisa qualitativa em parceria com a pesquisadora, neste trabalho procurou contribuir com a sociedade, para que os indivíduos e os grupos não se limitassem apenas com a superficialidade dos números e das inferências estatísticas atualizadas periodicamente ano após ano. É por isso que a pesquisa qualitativa empírica é necessária e se justifica por contribuir e buscar o aprofundamento do problema das violências familiares num momento tão delicado e importante do país, onde vive uma sociedade tomada por uma epidemia de atividades nocivas, estruturadas e enraizadas na história patriarcal. É um modo também de denunciar o mundo doméstico contaminado por essas práticas nocivas perpetuadas e mantidas por um conjunto de homens igualmente violentos no Brasil, dos quais se escondem por detrás de suas famílias e de suas vítimas, sem nenhum medo nem vergonha moral. A relevância está na desmistificação da espinhosa realidade mantida por estes homens-agressores intencionados que continuam produzindo violências dentro dos lares, que abusam de crianças, adolescentes e mulheres desprotegidas. É um estudo relevante por procurar também explicar com base na empiria dos fatos o que de fato é o fenômeno da violência doméstica e o incesto no país.

A violência privada misturada às vidas das vítimas produz consequências similares, independentemente das condições socioeconômica de uma pessoa ou da família afetada por ela. Estejam elas vivendo em condições de riqueza ou de pobreza, não importa a posição social que uma vítima ocupe na família ou na sociedade, as sequelas impactam com a mesma força provocando graves danos. O dado comum é que todas as vítimas geralmente estão em condições inferiores com relação ao agressor, de vulnerabilidades e desprotegidas. De qualquer modo, o fenômeno da violência familiar afeta não somente o corpo físico de uma pessoa, mas também a mente do (a) sobrevivente ao caos, a vítima sempre vai estar em condição desfavorável perante seu algoz.

Em termo de violência familiar, neste caso o que muda são as características climáticas das diferentes regiões do país, provocadas pelas intempéries do tempo e sazonalidade do frio ou da seca, do calor ou da umidade de cada lugar. Mudam, também, os sotaques regionais que identifica a origem da pessoa. A realidade das vítimas, as histórias de vida, os impactos sofridos e as consequências causadas no corpo e na mente indicam traços de semelhanças. (AZEVEDO, 2017).

As práticas e as estratégias utilizadas por agressores dominadores que convivem com suas vítimas dentro dos lares brasileiros, se manifesta também de forma semelhante ou igual. Sobre esse assunto as estatísticas tendem revelar, apesar da superficialidade dos números, os tipos mais comuns de violências praticadas por estes homens.

Outro aspecto é o isolamento sofrido pelas vítimas ao longo de sua vida, é um dado que aparece também de forma semelhante quando observado o contexto mostrado no cotidiano, as histórias individuais e a empiria dos fatos. Estou falando de pessoas portadoras de corpos zumbis violentados, sofridos e expostos, vidas misturadas com as realidades diversas e a um conjunto de coisas quase fixadas ao território de habitação ou moradia. Me refiro às aparências frágeis de crianças, mulheres e adolescentes agredidos, abusados, de face pálida, maltratadas pelo medo que os números e estatísticas não mostram para a sociedade. Então, concordo que a violência doméstica e o incesto, seja qual for a sua modalidade prática ou simbólica, produz danos irreversíveis à vida das vítimas e de sua família. (D'ARÓZ; STOLTZ; MARTINS, 2018).

Por isso, considero importante pensar a violência familiar e o incesto, a partir do sistema patriarcal e da cultura da família situando a região. O dado que produz distinção social nas relações de convivência e de intimidade, tendo em vista o modo como foi estabelecida as hierarquias sociais na estrutura social do país. Estas, não fogem do modelo nem do sistema maior que movimenta toda

a sociedade a pensar e agir de tal modo. É quando reflito o pensamento social de Freyre (1963, 1993, 2003, 2006), por ser um autor que contribuiu e contribui para reflexão desse modelo e sistema operante, desde as (micro) relações da vida cotidiana familiar, até as macro da complexa vida pública. Principalmente, quando olhamos para os elementos criadores de distinções sociais, os que produzem diferenças na convivência particular e pública entre homens de negócio e mulheres também de negócios, profissionais, onde a vida social se monta e desmonta. Entre marido e mulher, pais e filhos, as relações de convivência social entre brancos, negros e mulatos, pobres e ricos. Onde tudo funciona como marcador de ethos cultural, de classe e de raça dependendo da origem, do *status* social, da condição econômica, tradição familiar, entre outros marcadores. Inclusive, quem faz parte de certa classe ou raça, é quase automaticamente classificado como ser superior ou inferior, que tem graus de poder e preferência na ocupação de espaços e lugares perante outros. Além da infinidade de adjetivações reforçadoras de determinada mentalidade coletiva.

Esta é uma discussão que define lugar e privilégios de poucos e a invisibilidade de muitos como parte da mesma sociedade de indivíduos iguais e desiguais vivendo em mundos distintos. Isso acontece também dentro da família que reforça o mesmo sistema. Onde o poder estar centrado no poderoso patriarca, encapsulado pelo modelo de dominação criado por ele mesmo para controlar e colocar humanos contra humanos. Independentemente do grau de parentesco ou consanguinidade, o agressor determinava com crueldade o destino de suas vítimas, não importando se era sangue do próprio sangue. Me refiro a um sistema poderoso formado e dominado por homens dominantes e de poder que afetam a vida social da família, e isso vem sendo produzido desde a primeira colonização deste país.

A vida social da família é regida por esse modelo de relações desiguais, subordinada a obediência do patriarca, da qual foi plantada e mantida pelo mundo masculino desde outrora. De um lado, vincula-se a abundância de poder e de privilégios concedidos para estes homens afortunados ou apenas detentores da autoridade, e, do outro, o submundo habitado por mulheres consideradas inferiores e fracas. Contudo, a violência é parte do processo e resultado dessa cultura que obteve fixidez, sucesso e perpetuação até os dias atuais. Onde milhões de vítimas podendo ser: mulheres, homens fracos, crianças, adolescentes, idosos são agredidos sob justificativa ou não, dos mesmos discursos e práticas de dominação masculina ou do patriarca agressor do grupo. Que se acha o verdadeiro dono dos corpos submissos, das vidas frágeis e do mundo “sem lei”.

A família patriarcal dominante plantada no Brasil, da qual produziu determinada mentalidade masculina e características do homem coronel habitante da região Nordeste do país, ainda, este, tende se mantém praticamente intacto. O poder e a cultura da dominação regional reforçada pelo sistema patriarcal brasileiro, foram transmitidos pelas genealogias familiares há séculos, de pai para filho e seus herdeiros sucessores. Tudo para perpetuação do <sup>4</sup>ethos familiar, da classe social e do grupo, quase como se fosse uma dinastia cercada de muralhas e intocáveis. Levando a crer que a engenharia da dominação enraizada na vida doméstica permanece no mesmo lugar de outrora, estando o poder fortemente protegido sob o regime histórico que encontra base no antigo sistema de funcionamento da arcaica sociedade. Em tempos atuais estes poderosos aparecem com máscara de homem e vida moderna. Apesar da atual conjuntura do século XXI, estremecida pelos movimentos sociais e pelas resistências dos pequenos grupos, a raiz das violências nos lares continua lá dentro das famílias, espalhadas nos cômodos das casas e nos lugares de circulação onde homens agressores mantém suas artilharias na direção das mulheres e filhos, mantendo as práticas da ancestralidade. Isso não ocorre somente dentro das famílias do nordeste a exemplo desta em estudo, mas sim em todo o país, nas cinco regiões do território nacional, o regime mantido por violências domésticas e em praça pública funcionou e continua se movimentando com a mesma força, apenas com táticas dissimuladas de modernas.

Ao observar um contexto de fervura social impactando nas estruturas arcaicas consideradas fortes que a sociedade criou, em especial, a instituição (família patriarcal), mudanças bruscas na (macro) política dos últimos anos, levada pelas manifestações de massa foram vistas com outros olhos. Estas instituições quase sempre revelam seus indivíduos e grupos com atitudes indicadoras de ódio de classe, de raça, gênero, dão lugar ao fascismo que impera nas identidades políticas, nas declarações racistas, na intolerância religiosa de natureza extremista, além do advento das redes sociais onde ninguém respeita ninguém, mas a comunicação de massa e as influências instantâneas controlam todo mundo. Parece que tudo converge na direção de um estado de conflitos e de

---

<sup>4</sup> **Ethos** é uma palavra com origem grega. Significa "caráter moral". É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem um grupo, uma comunidade, região ou nação.

No âmbito da sociologia e antropologia, pode ainda designar as características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma determinada pessoa ou cultura. Se refere ao espírito motivador das ideias e dos costumes como um modo de persuasão ou componentes morais, onde o caráter ou autoridade do orador influencia outros indivíduos ou o público.

**Dicionário de Sociologia e Antropologia:** Disponível em:< <https://www.significados.com.br/ethos/>>. Acessado em: 13 outubro, 2017.



violências generalizadas no país, as instituições e os indivíduos violentos são e estão presente dentro das próprias casas se estendendo para as ruas como seu puxadinho doméstico a luz do dia e todos os dias. Por qualquer coisa e a todo custo tomam força e lastro sem limite. Embora, saiba que as ruas produzem suas próprias violências, mas, há também atividades que não se diferenciam das violências domésticas. O fato é que tudo de repente se misturou com mais força e de forma assombrosa criando o caos coletivo e impactando diretamente no corpo e no sexo frágil de crianças, adolescentes, mulheres e idosos considerados fracos, surgem as violências múltiplas num volume extraordinário como se fossem atos normais do cotidiano da vida social.

Ainda que os grupos de indivíduos formem os agrupamentos da sociedade, dos quais constroem e ocupam as instituições privadas e públicas, dando para elas sentido de existir e de permanecer em funcionamento, essas quase sempre são ambientes carregados de conflitos muitas vezes misturados a interesses políticos, de natureza moral, cultural, econômica, mas recorrentemente produtores de relações desiguais, de oposição e distinção das diferenças. Conflitos graves que coloca em xeque a democracia e soberania da nação para sobrepor vontades individuais e decisões particulares. Onde, a minoria em movimento coloca a maioria em "standby". Assim, as instituições sociais, entre elas, a família, foi historicamente constituída para produzir desigualdades e hierarquias dentro do grupo primário, para centralizar a autoridade e o poder em torno de um único ser, seja ele, marido ou pai. Já que é ela quem reproduz indivíduos saudáveis-aptos para produção da sociedade, assim como as relações de convivência social considerada harmônica ou conflitante. Quer dizer, tudo está ancorado na estrutura familiar do pequeno grupo. Com isso, aumentam os efeitos ou as consequências das violências dentro ou fora do lar, onde agressores, estupradores e abusadores consideram seus atos normais e corriqueiros.

O constructo reflexivo, discursivo, analítico-interpretativo teve base nas referências encontradas na área da educação, da sociologia reflexiva, na antropologia cultural e psicanálise, como campos teóricos que ajudaram no aprofundamento do tema e na problematização do objeto. O conhecimento sociológico auxiliou pensar a noção de família em contexto de violência doméstica e incesto em face do sistema patriarcal do Brasil colonizador. Nesse sentido, foi discutida a partir de Freyre (2003), Guerra (1998), Gauer; Machado (2009), entre outros autores da mesma linhagem.

A concepção de família patriarcal extensa conforme as características observadas diante do contexto sociocultural das participantes, careceu de pensar também as relações do grupo nas

diferentes perspectivas dos autores já citados, olhando a microsociologia familiar pensada por Giddens (1991). A parte do auto foi possível pensar o cotidiano dos membros na forma elementar da vida privada, o que esteve no íntimo e no ordinário do dia a dia do grupo, aquilo que foi revelado pelas entrevistadas da pesquisa. O que de fato era percebido, reconhecido, lido e traduzido pelos membros entrevistados na convivência entre si e com o agressor doméstico. Trata-se das mensagens absorvidas individualmente, aceitas e internalizadas coletivamente. São estas relações consideradas importantes e parte da problematização do trabalho. Entender, o que fez ou faz parte do real vivenciado por cada uma. Assim, procurando mapear as interações e intimidades estabelecidas entre agressor e vítimas, focando os enredos reveladores das características das violências e dos abusos sexuais no (micro) contexto. Para discutir e refletir essas questões, Giddens (1991, 1993) e Goffman (2012, 2007), ajudaram na construção do pensamento crítico em torno da reflexão sociológica do tema.

Quanto às construções mentais implicadas nas relações de intimidade e permissividade envolvendo força, poder e dominação do agressor, Foucault (1977) traz para o centro do debate os dispositivos masculinos que aprisiona a mulher e a família dominada por homens violentos. Para aprofundar os efeitos e as consequências de seus atos agressivos, dos quais impactaram diretamente no corpo e na sexualidade das vítimas, vistos pelo agressor como alvos fáceis portadores de sexo frágeis. Resultando, assim, muitas vezes, em violências múltiplas e opressão de gênero sem precedentes. Contudo, problematizar essas questões na ótica de Foucault foi um ponto de partida necessário para iluminar a revelada discussão tecida neste trabalho.

Também, a antropologia de Lévi-Strauss (1982) e de Mead (1975), assim como outros autores do mesmo campo, contribuíram para pensar as relações sexuais a partir dos discursos e da cultura operante no Nordeste e da sociedade brasileira. A cultura como a grande produtora de regras sociais fortes ou fracas que regulam ou não, as relações individuais e coletivas, falo das referências observadas para a vida em sociedade. Entre essas referências, as regras do tabu do incesto, aqui foram tomadas como reguladoras ou não das atividades sexuais aceitas ou repudiadas pelas sociedades humanas. Sendo, o tabu do incesto um fato social observado por todas as culturas humanas, existentes independentemente da vontade pessoal de um indivíduo ou de um pequeno grupo, sendo este um traço que é produzido coletivamente e herdado de modo individual.

São as regras que regulam o casamento e as práticas sexuais de todos os indivíduos aculturados e subjugados culturalmente uns pelos outros (parte) de uma determinada sociedade.

Me refiro aos indivíduos que vivem em grupos familiares, e finalmente participam da sociedade maior, da qual é formada por agrupamentos e instituições, regras e normas são adotadas para determinar as condutas e relações sociais em torno da reprodução humana, conforme o grau de parentesco e consanguinidade de cada grupo. As regras carregadas de força moral ou reguladas por lei, diz quem está autorizado e proibido a consumir relações sexuais ou estabelecer casamento entre os indivíduos. No caso brasileiro, o tabu do incesto impõe proibições, prescrições, desautorizações e punição moral-social, fazendo parte da suposta mentalidade coletiva. Obviamente, sem deixar de lado a força das leis civis e criminais uteis para punição dos agressores abusadores.

As regras elementares de parentesco e consanguinidade vistas em Lévi-Strauss (1982), representam esse feixe de condutas impactadas no elemento biológico corpóreo e sexual como dispositivo de controle de ações individuais e coletivas observadas pelos indivíduos e as sociedades próximas ou distantes. Para assim, evitar conflitos dessa ordem, o incesto familiar. Do mesmo modo, a família e a coletividade constrói também seus feixes morais de forma clara ou não, com a finalidade de controlar ou não, tais impulsos. O cumprimento das regras e a vigilância são de responsabilidade individual, mas, também, deve ou deveria ser da coletividade. Iniciada desde o nascimento de um membro pertencente ao grupo social primário, já que a socialização das regras do tabu do incesto, fazem parte da cultura ocidental que desautoriza e prescreve as atividades simbólicas, práticas e operantes dentro de cada sociedade, inclusive, a brasileira. Então, se as regras são quebradas significa dizer que o controle exercido de uns indivíduos sobre os outros, está sendo infringidas ou vistas como fracas?

Ainda que (reconhecendo) a importância das grandes áreas do conhecimento aqui referenciadas, os conceitos e as discussões valiosas dos diferentes autores que aprofundaram e enriqueceram o tema, sem a educação produtora e mediadora desses conhecimentos reflexivos, este trabalho não teria sido possível. Reconheço fortemente que tudo passa pelo processo educativo que os indivíduos produzem, recebem e transmitem, desde as ações mais elementares do cotidiano, até as sofisticadas e simbólicas mais complexas necessárias para o desenvolvimento da vida em sociedade. Estou falando das atividades formativas que vai desde as transmissões de saberes populares, até às aprendizagens mais elaboradas, eruditas e cientificamente reconhecidas.

Acredito que seja por meio da educação que são acionadas as estruturas cognitivas dos humanos, é quando o processo socioeducativo acontece de fato. Não depende somente das

condições biológicas meramente ditas, mas, também das interações e socializações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos. Assim, o processo educativo de uma pessoa se inicia desde o início da vida no berço, até os últimos dias da existência de uma pessoa. Entre essas aprendizagens deve-se considerar as relações sociais de convivência e intimidade iniciadas entre mãe e filho, professor-aluno, amigos, vizinhos, entre outras possibilidades, considerando que a aprendizagem depende de um conjunto de conhecimentos e interações aglutinadoras. Se inclui como forma de saber as práticas cotidianas conectadas ao tipo cultural e de comunicação absorvida pelo contexto em que vivem os indivíduos, onde as estruturas cognitivas são desenvolvidas para além das construções dos saberes escolares ou meramente institucionais dentro dos padrões formais que a sociedade exige. Sobre esses aspectos, Bordenave (1982), Vygotsky (1984), Freire (1987), Houaiss (1990), D'Aroz; Stoltz; Martins (2018) e outros educadores, ajudaram a pensar essas diferentes formas educativas considerando as teorias, conceitos e práticas culturais introduzidas para esse estudo.

É através da educação, do sistema de comunicação e dos dispositivos culturais associados ao processo educativo, e, a partir da interatividade entre os indivíduos é que se tem a possibilidade de mudança do comportamento social da coletividade com relação às violências privadas. Creio que pela via da educação e da cultura, os saberes transmitidos nas diferentes modalidades, onde as instituições possam desempenhar papéis e funções para além da transmissão dos conhecimentos formais, entre outras coisas, transmitir os valores, códigos, regras de conduta e normas sociais, como parte de seus componentes educativos permanentes. É quando poderá produzir um conjunto de mensagens a serem decodificadas, traduzidas e representadas nas ações cotidianas do dia a dia de cada humano. Onde a escola, a família e o meio de convivência social, possam produzir sentido na vida de cada um. Já que, todos estão integrados ou interagindo entre si. Com isso, é possível levar uma determinada sociedade a tomar outra direção e rumo de forma livre e consciente.

A educação formal-escolar deveria estar mais próxima da educação informal-familiar, enquanto vetores formadores dos mesmos indivíduos em processo de formação, falo no sentido de formar pessoas saudáveis e conscientes diferentes dos modelos atuais, por considerar o saldo negativo dos indicadores numéricos e estatísticos que apontam a existência anômala da sociedade, onde abriga seres também doentes, predadores altamente perigosos vivendo dentro e fora dos lares, consequentemente atingem os grupos familiares que vivem sem proteção alguma.

Um fato que leva a pensar na possibilidade de que cada indivíduo possa conhecer não somente os saberes necessários para o mundo produtivo, técnico-operativo ou cientificamente

falando de que exige a sociedade, mas, também, tomar conhecimento de si mesmo, saber sobre o próprio corpo e sua sexualidade no tempo certo, sem sofrer negligências dos conhecimentos indispensáveis para a formação humana e de forma completa. Creio, que somente conhecendo a própria intimidade e a individualidade na fase inicial da vida. Somente assim haverá indivíduos mais preparados, capazes de bloquear e afastar adultos de risco ou mal-intencionados dentro ou fora do "habitat" ou moradia. Agressores e abusadores terão mais dificuldade de tornar crianças e adolescentes como vítimas fáceis. Vejo a educação como uma possibilidade de produzir essas mudanças no esquema cultural ainda que tardiamente e reverter a cultura das violências domésticas em atitudes positivas. Com o processo da cognição ativada, é que as aprendizagens acontecem, e em especial nas fases da primeira e segunda infância.

O modo de transmissão dos conhecimentos práticos e simbólicos, os saberes formais e informais conectados à vida cotidiana dentro da escola e da família, deve ser parte dos encaminhamentos individuais e coletivos. De algum modo, o transmitido vai produzir resultados para a vida de uma pessoa. O que não se deve é deixar de produzir o necessário esforço, debate e a reavaliação das construções dos saberes da forma que estão sendo transmitidos em tempos atuais. É preciso repensar a vida em família e em sociedade para propor as devidas mudanças com seriedade e comprometimento.

A violência doméstica de outrora aparece produzindo o mesmo caos de hoje, o tempo não mudou o ciclo vicioso existente nos grupos e na coletividade. Homens que violentavam a família nos séculos atrás, continuam praticando os mesmos atos nos dias atuais, dada a genealogia familiar das violências. A cultura da violência passa necessariamente, também, por processos de internalização conectada ao tipo de educação familiar recebida, aquela que está intimamente ligada a cultura produzida e transmitida historicamente.

O essencial neste trabalho é não somente refletir os conceitos, teorias clássicas e contemporâneas e a empiria, olhando apenas as experiências das vítimas enquanto um fenômeno que incomoda a sociedade, mas isso não basta, é preciso investigar e enfrentar a problemática em sua profundidade e buscar as repostas para as perguntas levantadas, de modo a pensar as possibilidades de redirecionar a vida individual e coletiva dentro das famílias, desde que torne as pessoas livres das violências privadas. É nesse momento que o pensamento educativo se torna imprescindível na construção desta ponte. Uma vez que a formação social da mente humana vista em Vygotsky (1984), requer conhecimento, aprofundamento, estudos, interações e mediações dos

saberes de forma permanente. Requer, sobretudo, o domínio do íntimo, do mundo sensível e da consciência para alcançar a liberdade enquanto valor vital para a vida digna e saudável em família e em sociedade.

Nesse sentido, o objetivo geral da tese é de investigar as características da violência doméstica e do incesto familiar nas narrativas de história de vida das participantes. Nos específicos, proponho traçar o perfil e o contexto sócio-familiar e cultural das entrevistadas, e assim analisando as relações de convivência social com a família e a comunidade de origem. O foco está voltado para as percepções, significados e representações dessas relações para a vida pessoal. Foi desse modo que iniciei a composição da história de vida de cada uma, da mãe-entrevistada n.02 e da filha n.01. Na sequência, analisei as memórias e experiências vividas, sentidas e testemunhadas dentro do grupo, focando as relações de convivência e intimidade para identificar as características das práticas de violência doméstica e abusos sexuais entre agressor e vítimas. Por último, analisei as atividades criativas produzidas pelas participantes, enquanto imagens reveladoras de memórias significativas e representativas vividas na infância, adolescência e vida adulta.

A organização geral do trabalho subdivide-se em cinco capítulos. No primeiro, apresento a estrutura da pesquisa, os objetivos, a epistemologia do método e o desenho metodológico do trabalho. Contendo neste, reflexões sobre o campo e o detalhamento da organização do estudo, incluindo os pressupostos, os procedimentos formais e informais baseados nos três momentos da entrevista, a partir de um roteiro detalhado na sequência.

No segundo capítulo, destaco o cenário das violências domésticas no Brasil com foco no conjunto de dados quantitativos, relatórios oficiais, gráficos e estudos qualitativos de autores que se debruçam sobre o assunto. A partir desses conteúdos situo o tema e o problema das violências domésticas no cenário nacional, para centrar o contexto e a história de vida das participantes da tese.

No terceiro capítulo, proponho as aproximações teóricas sobre o tema, os conceitos e reflexões que aprofundaram as categorias na perspectiva da educação e das ciências sociais, procurando assim problematizar a origem e o contexto sócio familiar dos membros entrevistados parte deste constructo.

No quarto capítulo, destaquei as relações de violência na família a partir da noção de conflito, controle e práticas incestuosas originadas dentro do grupo familiar. Por último e quinto capítulo, apresento os dados das narrativas decodificados em categorias de análise procurando



responder ao problema da pesquisa e às questões levantadas nos objetivos problematizados. Desse modo, os conteúdos produzidos em cada momento das entrevistas foram organizados, interpretados, analisados e fundamentados à luz de teorias correspondentes a cada categoria e subcategoria selecionada para o estudo. Assim procurei responder a principal (questão) problema e os pressupostos da pesquisa com a máxima originalidade e fidedignidade dos dados empíricos. Finalmente, concluo o trabalho apresentando três (quadros) sínteses dos resultados, aquilo que chamou mais atenção durante o percurso analítico, também servindo de apoio para dar início as considerações finais.

Com este estudo busquei caracterizar as violências domésticas e sexuais dentro da família investigada, evidenciando, sobretudo, as experiências das vítimas e, ao mesmo tempo, as atividades do agressor praticadas contra as participantes e os demais membros da família. Assim mostrando uma realidade que está presente nas famílias espelhadas em todas as regiões do país.

## PARTE I

### 1 EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA

Nesta importante fase do trabalho dou início à reflexão do objeto de pesquisa baseada na epistemologia do método qualitativo de Becker (1993), Mills (1982), Creswell (2014), olhando os procedimentos técnicos de observação e coleta de dados vista em Malinowski (1976), Jovchelovich; Bauer (2002, 2003), entre outros epistemólogos e estudiosos com o mesmo grau de importância, como: Bardin (1995), May (2014), Scott (1990), Eco (1991). Um seleto grupo de metodólogos intelectuais e práticos que auxiliaram na fundamentação reflexiva da tese, assim como no artesanato metodológico - atividades práticas desenvolvidas no campo de pesquisa.

Eco (1991), em suas contribuições, destaca que a adoção de uma metodologia adequada em pesquisa empírica funciona como porto seguro para o(a) pesquisador (a) social, auxilia e fornece a necessária segurança permitindo-o(a) compreender a realidade de impacto com mais clareza e confiança. Capta em passo acelerado as exigências e necessidades do objeto, as possíveis adequações das técnicas, os cuidados com a qualidade dos dados. É um autor que discute também o que se entende por tese acadêmica e quais parâmetros devem ser considerados para se escolher um tema, definir o objeto de investigação, os instrumentos para produção dos dados, como é o exemplo do estudo em andamento. Afirma que: “[...] é preciso ter presente todos os escritores que trataram o tema, especialmente os menores, aqueles de quem ninguém se lembra”, pois, estes são muitas vezes os que falam exatamente o que o objeto precisa para se esclarecer. (IBID. p. 38). É verdade que alguns, desses pouco citados foram os que mais contribuíram para explicação de questões surgidas nesta tese.

Eco, incita ainda que numa tese científica o objeto de pesquisa deva dizer algo que ainda não foi dito para a sociedade e para a comunidade científica principalmente, podendo oferecer um novo tema ou rever questões já investigado sob outra perspectiva, ter relevância e apresentar alguma contribuição para a ciência. Fornecer elementos para confirmação, verificação ou contestação de hipóteses, ou pressupostos defendidos pelo(a) pesquisador(a). Contudo, é importante mostrar os procedimentos metodológicos adotados, colocados em prática no campo. Os achados bibliográficos que serviu de aprofundamento e base do estudo, em caso de possível continuidade da investigação em torno do objeto da pesquisa.

De qualquer modo a epistemologia de referência foi quem permitiu pensar de forma reflexiva e sistematizada. De como operar as técnicas fazendo ciência. Decorre dizer que na investigação, a relação sujeito-objeto subjaz às experiências da pesquisadora ou do pesquisador que exerce em certa medida influência na escolha do tema, do objeto e de todo proceder metodológico operacional. Com esse posicionamento, Eco (1991) contrapõe a ideia de imparcialidade e neutralidade na pesquisa. Pelo contrário, destaca ser necessário que o tema-problema corresponda aos interesses da (o) investigadora (o) de campo, pois, é ele(a) quem busca o encontro com a realidade, se dispõe obter fontes acessíveis, manuseáveis, confiáveis. É importante que a escolha do método e dos procedimentos de investigação passe por mãos, mente e emoções de quem investiga. Esteja no alcance, corresponda com as experiências pessoais e profissionais dentro do campo. Portanto, o(a) pesquisador(a) experiente deve estar inteiramente conectado com o seu objeto desde sua gestação intelectual.

Becker (1993), também aponta em sua epistemologia que a metodologia nada mais é do que o estudo do próprio método colocado em movimento no campo de investigação. Presume que o(a) pesquisador(a) cientista social e o(a) sociólogo(a) estudam os métodos de fazer pesquisa como campo do trabalho e ofício. É de sua responsabilidade analisar o que foi ou pode ser descoberto no campo, testar o grau de confiabilidade do conhecimento adquirido, aperfeiçoar as técnicas por meio da investigação fundada na crítica de suas propriedades. São os metodólogos intelectuais e práticos os guardiões dos métodos e das metodologias aplicadas nos diferentes campos do conhecimento. Desenvolver pesquisa empírica supõe que o(a) pesquisador(a) também tenha os domínios das condições dadas, significa fazer as escolhas metodológicas adequadas, os elementos mediadores (método, campo, objeto) de forma conectada. Uma vez que o método, o campo, o objeto tem história e historicidade própria. Por isso, requer foco, interesse ilimitado e experiências profissionais vastas.

O caminho a ser seguido no campo e na pesquisa diz respeito aos métodos ligados às escolhas metodológicas. Isso envolve o nível de relação e de interesse do pesquisador com a investigação de forma direta. Já que a organização do trabalho é o que determina a relação hierárquica, que vai desde os acontecimentos, situações e eventos no campo, até a seleção de conceitos, teorias, assuntos, temas, categorias, questões, objetivos, análises, interpretações dos dados. Há sempre uma estruturada de base em cada passo dado que somente o(a) pesquisador(a) tem o domínio do processo, até o discurso final da apresentação da tese.

Isso tem a ver com o artesanato intelectual de Mills (1982), destaca em sua epistemologia que o(a) cientista social e sociólogo(a) são os artesões inquietos das ciências, principalmente quando se colocam diante do seu objeto de pesquisa no campo. Nesse palco, o mundo das ciências humanas e sociais é o seu lugar de ofício, destino e profissão. Pois, para ele(a) a pesquisa é um fazer precedido por um ato de reflexão permanente, tem impacto na sua experiência individual e na experiência do outro que intercambiam trocas, saberes e conhecimentos. Então, é dentro desse universo que ele(a) constrói o seu próprio eu, o eu do pesquisador e do ser intelectual.

O autor ainda chama atenção com relação à ideia do novo, inédito, único. Discute que uma nova pesquisa ou um novo estudo não é exatamente como imaginamos ser, mas sim, é fruto de estudos, pesquisas e experiências anteriores produzidas por outros estudiosos do campo. O novo pode ser apenas a atualização de dados, de desdobramento de questões antigas colocadas para reflexão no presente. No caso da pesquisa empírica sobre violências doméstica e incesto familiar, como é o exemplo do estudo de história de vida de membros participantes do mesmo grupo, destaca que um trabalho acadêmico com essa natureza deve sim ter forte relevância social e, ao mesmo tempo, significar avanço, esclarecimento, explicação e aprofundamento da problemática de pertinência. De modo que possa proceder com reflexões teóricas e metodológicas sobre os dados e apontar algo de fato importante para a sociedade e a ciência. Todavia, o assunto-problema nem sempre representa ou é objeto novo, inédito ou desconhecido pela sociedade. De qualquer modo, significa um passo a frente para a ciência e a sociedade.

Por isso, o projeto de tese deve propor investigação em profundidade com eficiente, clareza, vá em busca do inédito de modo engenhoso, possibilite levantar novas questões em torno do problema acrescentando conhecimento e avanço. Isso só é possível pelo raciocínio reflexivo, apurado, através do qual permita o isolamento de cada questão e seu trajeto. Permita ultrapassar os limites do problema, buscando esclarecer, explicar e mostrar que os novos são velhos problemas enraizados dentro da sociedade. Uma atividade intelectual, metodológica e criativa que exige do(a) pesquisador(a) também raciocínios novos.

É quando se estrutura na atividade mental o artesanato intelectual, metodológico, como oficina de artes girando em torno do objeto e da questão de partida. Os elementos e definições dos conceitos de forma conectada, as relações lógicas, as críticas fundadas estabelecidas com as partes e o todo para iluminação das falsas opiniões, das dúvidas e obscuridades de cada fase. Estar aberto para formulação e reformulação de questões se necessário for, mudanças de táticas e estratégias no

campo de combate, é o que vai determinar o sucesso ou insucesso do trabalho. Tudo isso faz parte do uso da imaginação metodológica que acompanha o (a) pesquisador (a) durante todo o percurso artesanal no campo. (MILLS, 1982, p. 223-226).

Encorajada com as epistemologias e metodologias de escolha, como sendo o caminho seguro para realização desta pesquisa de tese, encontrei nos guardiões intelectuais e práticos a base para fundamentação, discussão e as possibilidades de encaminhamentos adequados com total segurança. Já que “[...] de facto, o objectivo do treino científico é dotar o investigador empírico de um mapa mental pelo qual se possa orientar e definir o seu caminho”. (MALINOWSKI, 1976, p. 26).

Também encontrei nas abordagens de Creswel (2014), a reflexão dos princípios metodológicos e os critérios que devem ser observados pelo(a) pesquisador(a) de campo, assim como as valiosas contribuições de Malinowski (1976), Bauer; Jovchelovich (2002), a respeito das técnicas de observação participante, de entrevista narrativa em profundidade, dos registros de dados, antes, durante e após as escavações do objeto. A base oferecida por estes e outros metodólogos, levou verdadeiramente a pesquisadora a munir-se de informações, conhecimentos, coragem, segurança e suporte técnico para proceder com a realização de seu estudo com a necessária tranquilidade durante seu percurso dentro e fora do campo. Dito isso, pontua a seguir sua caminhada em detalhes.

## 1.1 O CAMINHO DA PESQUISA E O CAMPO

Neste tópico, propõe-se discutir as primeiras aproximações com o campo de forma presencial, os contatos diretos e as escavações com corpo, a mente, os sentidos e os pés no solo. Tudo para observar de perto as mutações do campo empírico, a vida e as relações das participantes em movimento no contexto de inserção. Falo do estar lá em busca do objeto, dentro do lugar onde se esconde as relações de convivência cotidiana, a vida íntima da família, dos membros do grupo entrevistados. Foi com esse foco e finalidade que Malinowski (1976), ajudou a pensar as partes e o todo particular do mundo observado, para enxergar os detalhes das relações elementares do dia a dia da família. Somente com a convivência direta a pesquisadora foi capaz de entrar no grupo e observar os acontecimentos do lado de dentro da (família) ouvido as vozes, olhando a face e sentindo a energia do lugar. Malinowski auxiliou na tradução dos sinais, dos códigos, das

linguagens nativas, na desmistificação dos detalhes dos acontecimentos, dos eventos ocultos, a iluminar as sombras que ofuscavam o objeto tendendo confundir ou desorientar a pesquisadora em meio a realidade complexa, com tantas cursavas, pausas e conflitos. A observação *in lócus* permitiu o contato direto com o meio e os envolvidos nele. Na ousadia de fazer um estudo com uso de suas técnicas de observação densa, com registros detalhados e o corpo imerso. Uma experiência única da qual levou entender, que:

[...] cada vez que se passa algo dramático ou importante é essencial investigá-lo no preciso momento em que ocorre, pois, os nativos não conseguem então deixar de falar do assunto e estão demasiado excitados para se mostrarem reticentes e demasiado interessados para se tornarem parcimoniosos nos detalhes. E esta é, certamente, a condição prévia para poder levar a cabo com êxito o trabalho de campo. (MALINOWSKI, 1976, p.22-23).

Com Malinowski foi possível pensar o objeto em detalhe desde o planejamento inicial do estudo, prevendo até o que podia encontrar no campo, nas observações do cotidiano, a execução do roteiro para coleta de dados. Uma imaginação realista que levou a pesquisadora ao real concreto do campo para tecer os dados e dar corpo ao texto com segurança, cuidado e afínco. Foi buscando nas leituras etnográficas do autor que as ferramentas consideradas adequadas foram surgindo, as que davam melhores condições para escavações profundas sem perder os detalhes. Sempre com a finalidade de produzir material de primeira mão, fidedigno e em detalhes. Os que ainda estavam protegidos por códigos, chaves e cadeados dentro de um baú-cavernas, cheio de labirintos, coisas e artefatos desconhecidos. Incluindo nisso um inventário de eventos de riscos, dificuldades e resistências emanadas pelo próprio campo e objeto. Como tentativa de manter escondido os segredos da realidade, a força e o poder das violências domésticas operantes na família por seu agressor oficial. Por ser este o interesse da pesquisadora, ter acesso ao *corpus* de dados ocultos e silenciados na voz das participantes. (BAUER; AARTS, 2002). O que fazer para acessar? Restava apenas se aproximar das barreiras adjacentes que protegia o núcleo, escavar dia e noite, observar a porta de entrada, criar condições para entrar e tocar nos artefatos intocáveis.

Malinowski (1976, p. 21), esclarece que:

[...] os princípios do método podem ser agrupados em três itens principais: em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objetivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efetivamente entre os nativos, [...]; finalmente, deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas.



Fundada nos pilares teóricos, epistemológicos, metodológicos e técnicos que acumulou o estudo, provida de instrumentos, estratégias e astúcia para entrar no campo e iniciar as primeiras fases do trabalho, ainda assim cada passo dado foi minuciosamente pensado, repensado, medido e calculado de forma amadurecida e responsável, até controlar a ansiedade, os medos, as tensões que a atividade e o próprio ambiente emanam. Conduzir as situações adversas e coisas envolvidas nele sem perder o foco e a demanda de cada fase. Tudo foi pensado racionalmente e traçado num quadro de controle pessoal sem deixar de lado a sensibilidade necessária que equilibrou o conjunto da obra. Criteriosamente os passos foram pensados por longas datas, para finalmente serem colocados em prática pela primeira vez num campo-território totalmente desconhecido pela pesquisadora. Com a certeza de que as dificuldades iriam surgir da forma como surgiram, mas também seriam controladas, enfrentadas e superadas assim como Malinowski superou os desafios em suas incursões etnográficas no mundo nativo. Precisou fazer traduções, dispensar esforços para observar o lado oculto das coisas, colocar em movimento os conhecimentos teóricos, metodológicos, as experiências adquiridas na trajetória de vida profissional/acadêmica de forma útil.

Os conhecimentos transmitidos, apreendidos, testados na prática para realização desta pesquisa, além dos clássicos e contemporâneos citados, a participação forte de professores doutores, pós-doutores, educadores, cientistas sociais, sociólogos, pesquisadores e autoridades dos diferentes campos do saber, dos quais fizera parte da minha formação acadêmica, tiveram forte influência no feito. Por onde andei nas ciências sociais (sociologia, antropologia, ciência política) e na educação principalmente, pude pensar o objeto em sua dimensão. Sabendo que os conhecimentos adquiridos seriam acionados no momento certo dentro e fora do campo, as competências e habilidades seriam ativadas se assim fosse necessário. Com essa segurança e condição favorável houve sim todas as possibilidades de colocar o objeto em movimento, exercitar a ação intelectual com criatividade, evocar o espírito instigador para então dar os primeiros passos no campo.

À medida que a pesquisadora saía de sua zona de conforto, para trafegar de um lugar para outro na condição de observadora responsável direta pela pesquisa e o todo complexo que o estudo envolveu, a sua chegada no campo de combate, de imediato foi levada a interagir com o meio, o objeto, a realidade e o mundo das participantes de forma direta e concretamente. Começou a olhar atentamente para os acontecimentos corriqueiros do dia a dia e, também para os extraordinários,

buscando sempre capturar os detalhes nas diferenças, nas semelhanças, repetições e relações observáveis. Interessou a decodificação a vida real das participantes, a tradução na sua voz de cada uma, a respeito dos acontecimentos considerados importantes dentro da moradia e na vida pessoal. Registrar o que significou e representou as experiências de violências domésticas e sexuais para si, a percepção do grupo e da comunidade nativa. Detalhar o mundo vivido no espaço privado, as características, dimensões e aspectos parte da vida social mostrando o objeto de busca em profundidade.

Sobre isso diz o autor:

[...] o etnógrafo de campo deve cobrir séria e sobriamente os fenômenos em cada aspecto estudado da cultura tribal, não estabelecendo diferenças entre aquilo que é lugar comum, monótono ou vulgar, e aquilo que o surpreende por ser espantoso e raro. Ao mesmo tempo, toda a amplitude da cultura deve ser pesquisada em todos os seus aspectos. A consistência, a lei e a ordem que se revelam em cada aspecto contribui, simultaneamente, para a construção de um todo coerente. (MALINOWSKI, 1976, p. 25).

Colocar em movimento uma pesquisa com essa natureza, magnitude e profundidade significou antes de tudo ter um preparo profissional maduro construído durante anos. Fui amparada por uma legião de pessoas comprometidas com o estudo desde as primeiras iniciativas. Mesmo assim, o campo, a realidade, o objeto e as participantes vistos de longe, se mostravam quase como uma miragem ou alucinação na primeira impressão. A ideia inicial de que seria fácil o acesso ao campo, tranquila as escavações do mundo minado da violência escondida e, de lá retirar das profundezas da realidade o objeto desnudado e descarnado, de modo a ser periciado, mastigado pela teoria e análise, isso não se deu assim.

O campo estava sim cheio de atrativo, de entusiasmo de juventude apaixonada. De perto o mundo foi outro, completamente diferente da primeira visão. Começou a se mostrar em águas turvas e revoltas, as deformações e obstáculos surgiram de todos os lados. Barreiras e bloqueios de passagem tendiam se fechar dificultando o acesso da pesquisadora ao mundo privado em que viviam aprisionadas as vítimas e a família a ser investigada. Quase sempre se mostrando de forma instável, nebulosa, perigosa, incerta no dia seguinte. Era como se tivesse travado um mundo oculto de guerra, sempre surgindo tentativas de cavar trincheiras, becos de atalhos, esconderijos da verdade ou de ataque de defesa para evitar o acesso ao caminho a ser percorrido. O campo foi assim, de longe uma coisa, de perto outra, completamente diferente. Talvez, tão complexo e bipolar quanto o objeto que se esconde dentro dele. Nada certo, estável ou definido com rigor. Malinowski

(1976, p. 23), conta que o pesquisador ou a pesquisadora, “[...] quantos mais problemas ele (a) levar para o campo, quanto mais habituado estiver a moldar as suas teorias aos factos e a observar estes últimos na sua relação com a teoria, em melhores condições se encontrará para trabalhar”.

Ficou claro que as estratégias e tentativas do agressor permaneciam operantes no emocional das participantes, estava agindo e controlando as tomadas de decisões das informantes, por pressão, chantagem e medo. Silenciosamente tendia a inviabilizar a entrada da pesquisadora estranha no recinto familiar, um dia controlado por ele, como tentativa de invisibilizar os reais acontecimentos da vida pessoal e social das participantes vitimadas. Para investigar o objeto, “[...] tem de ser um caçador activo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis”. (MALINOWSKI, 1976, p. 23). Ter calma, serenidade, paciência e persistência foram condições determinantes que acompanharam todo percurso adjacente, como preliminares calculadas, até encontrar a hora certa de entrar, permanecer e retirar o corpo com segurança e tranquilidade tanto para a pesquisadora quanto para as participantes do estudo.

Muitas vezes parecia existir, inconscientemente ou não, uma tentativa de esgotamento das forças, das energias e das esperanças de realização do projeto e alcance da investigação, principalmente pela condição da mãe. Pela sua fragilidade, distância a ser percorrida até o local das entrevistas, por ela estar convivendo indiretamente com o seu agressor circulando na mesma cidade de origem. Travou-se um poderoso teste de resistência e luta para acontecer o sucesso do trabalho.

Mesmo sabendo que o campo e a realidade quase sempre oferecem um caos aparente e uma fartura de eventos com linguagens impeditivas que tendem a impedir a comunicação, as trocas e as possibilidades de conhecer os segredos escondidos pela escuridão dos porões dos lares. O objeto está lá, não se sabe o lugar certo nem a hora que vai encontrá-lo, mas está lá enterrado. Quase sempre se mostra misturado com as coisas aparentemente belas, saudáveis, alegres, mas, na verdade, isso é só aparência. A violência doméstica e o incesto familiar se revestem de máscaras e de múltiplas faces se aproveitando da vergonha, medo, bloqueios e o corpo das vítimas como jogo.

Decerto, houve uma convergência de coisas dizíveis e indizíveis quase combinada para o campo se apresentar da forma que se apresentou para a pesquisadora, como tentativa de fazê-la recuar, desistir, assustá-la com várias estórias, até de visagem, mal-assombros, coisa de outro mundo, que não existe. Uma tipologia de mito-vivo criou corpo, voz e enredo para ofuscar a direção do objeto e as intenções de investigar a sensível mundo da violência privada dentro da família e na vida das participantes deste estudo. Foram as ameaças de desistência da mãe e da filha, as

burocracias exaustivas das instituições envolvidas, uma montanha de protocolos necessários ou desnecessários, os atrasos de cronogramas, sistemas e autorizações diversas, conflitos sem precedente e todo conjunto material e imaterial difícil de classificar. Ora travavam os passos aprofundando as dificuldades, ora, contraditoriamente ou surpreendentemente, ajudavam no processo ou no fortalecimento da resistência e luta. O campo foi aberto e acessado como havia sido criteriosamente pensado, ainda que parcialmente.

No entanto, foi preciso buscar o melhor caminho, mediar os acessos da melhor forma com cuidado e precisão. A utilização dos conhecimentos e ferramentas operacionais e metodológicas acionadas na hora certa fez a diferença. Lembrando e seguindo sempre o aprendizado com os autores e as experiências adquiridas foram a segurança. Todo o preparativo que antecedeu o campo foi levado a sério, para depois iniciar as etapas do processo propriamente dito, as aproximações e observações indiretas e diretas, os contatos permanentes com os profissionais das instituições e as participantes do estudo foram fundamentais. Por fim, o lento processo de escavação e descamação da realidade escondida e silenciada por décadas. O trabalho foi iniciado.

Porém,

[...] o sucesso só pode ser obtido através de uma aplicação sistemática e paciente de um determinado número de regras de bom senso e de princípios científicos bem definidos e não através de qualquer atalho miraculoso que leve aos resultados desejados sem esforço ou problemas. (MALINOWSKI, 1976, p.21).

Tendo consciência de que esse processo não seria uma tarefa simples ou de fácil manejo, de fato, cada fase produziu uma experiência nova e diferente, ora de satisfação e entusiasmo, ora de exaustão e cansaço pelo alto nível de dedicação, de desprendimento de energia e desgastes físicos, mental-intelectual, emocional, de ordem financeira, material e imateriais que envolveram todas as partes comprometidas com o trabalho dentro e fora da universidade. Principalmente para a pesquisadora, a orientadora da pesquisa e as entrevistadas envolvidas no trabalho, das quais tiveram seu envolvimento direto nos processos internos, externos e em concomitância. Careceu sim, de uma série de coisas de ordem formal e informal, combinadas, acordadas, claras, seguras, confiáveis, de alianças e de cooperação observando os preceitos éticos, jurídicos e morais de cada momento. Além dos testes da capacidade de resiliência e compromisso com o conjunto de coisas conexas e codependentes. Aglutinar quase como um ponto fixo canalizador de força de vontade

para tomar as decisões certas, na hora certa e fazer do campo uma proposta real que estava cheia de vidas e coisas a serem mexidas e remexidas.

Malinowski (1976, p. 27), diz

[...] que muitas vezes os problemas do campo pareciam claramente resolvidos até começar a escrever um pequeno rascunho preliminar dos resultados. Este processo de cruzamento entre trabalho construtivo e observação pareceu-me particularmente produtivo e penso que não poderia ter realmente prosseguido sem ele. Refere-se como [...] resultado de uma experiência pessoal.

Nesse caso, a pesquisa empírica foi a única forma de obter informações frente à realidade concreta das entrevistadas, materializar dos dados, coloca-los em reflexão e em condição quase palpável. Então, sobre as experiências e as realidades observadas e produzidas no campo, detalho a partir do objeto de estudo, dos objetivos e os encaminhamentos planejados, a estrutura metodológica desenvolvida a seguir.

## 1.2 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste tópico, proponho a organização metodológica conforme as etapas do desenvolvimento da pesquisa, a definição do problema, o detalhamento das questões implicadas nos objetivos, a defesa dos pressupostos e todos os encaminhamentos parte do empreendimento investigativo. Nesse sentido, exponho:

### a) Problema de pesquisa

Como se caracterizam as práticas de violência doméstica e o incesto familiar nas narrativas de história de vida das participantes?

### b) Objetivos

Geral:

Compreender as características da violência doméstica e o incesto familiar nas narrativas de história de vida das participantes.

Específicos:

- Traçar o perfil e o contexto sócio-familiar e cultural das entrevistadas.
- Analisar as relações de convivência social das participantes com a família, a comunidade de origem e atual, focando neste quadro as percepções individuais, representações e significados para a vida pessoal.
- Compor a história de vida da mãe e da filha resgatando as memórias e as experiências vividas, sentidas e testemunhadas em face das violências doméstica e dos abusos sexuais sofridos dentro da moradia compartilhada com o agressor.
- Analisar as atividades criativas, a partir de imagens produzidas pelas participantes, reveladoras de memórias representativas e significativas vividas na infância, adolescência e vida adulta.

### 1.3 PRESSUPOSTOS

Diante do tema, do objeto e dos objetivos da pesquisa, defendo a necessária reflexão sobre a problemática da violência doméstica e do incesto familiar no país, destacando dois pressupostos pontos de partida. Primeiramente, levanto a discussão sociológica em torno do tema, interessando problematizar as violências privadas tão presentes e recorrentes dentro dos lares e, ao mesmo tempo, misturadas às relações intradomiciliar. Nesse sentido, me aproprio do pensamento weberiano olhando o aspecto da racionalidade impregnada na ação social e nas atitudes dos agressores domésticos, que movimentam atividades violentas e incestuosas praticadas contra os membros da própria família durante décadas, como é o caso das experiências vivenciadas pelas participantes do estudo de tese e de sua família afetada.

A racionalidade weberiana ajuda a pensar o modo como o agressor planejou suas atividades violentas dentro da família, as que mantiveram ativas e funcionamento as estratégias de forma perpetuada, ações meticulosas que eliminou quase em cem por cento a margem de erro, quando se observa a dominação e manutenção do silêncio das vítimas. Me refiro ao sofisticado planejamento que antecedia cada atividade em detalhe, e executada racionalmente de forma premeditada pelo próprio agente da ação, o agressor em comum das vítimas. Um homem racional que enxerga os membros de sua própria família como objeto estranho a ele, indivíduos aptos para exploração do prazer e dominação total de sua capacidade produtiva. E assim, tirava proveito e vantagem da representação social do papel de “marido-pai” construído culturalmente pela sociedade, para



confundir a interpretação das vítimas e controlar possíveis reações. O objetivo dele era tão-somente colocar em prática seus infalíveis planos para obter a qualquer custo o sucesso desejado.

Então, é nesse sentido que apresento e defendo o primeiro pressuposto, asseverando que: se o pai biológico ou social de uma criança, ou adolescente, não construir relações afetivas com seus filhos pequenos, se este não estabelecer o vínculo desde o berço, de modo a fortalecer o sentimento de correspondência e reconhecimento entre si, regido sob a ética do cuidado, da proteção e segurança, dos quais se dão no ínfimo da convivência e intimidade familiar, sem estes atributos, torna-se um predador feroz, pode abusar, estuprar e violentar a cria sem nenhum impedimento moral, simplesmente age em sua direção como selvagem tomado por instintos predatórios e sexuais sem pudor ou limite algum. Se o pai ou a mãe violenta e abusa um filho, ou uma filha pequena, este, tende reproduzir os mesmos atos com os demais filhos, principalmente, aquele (a) que se torna alvo de interesse sexual ou exploração privada.

O impedimento moral firmado por meio do sentimento afetivo e ético internalizado durante a paternidade ou a maternidade, tende produzir castração sexual entre pais e filhos, práticas violentas e abusivas de qualquer natureza sofre transformações. Fora disso, o que resta são adultos infames, mal-intencionados, transvestidos de responsáveis legais, milhares destes, estão vivendo dentro dos lares brasileiros como seres estranhos dominando suas vítimas à base da força. Me refiro a pais ou mães, pessoas "cuidadoras" de natureza violenta que oferecem graves riscos aos filhos pequenos ou seres imaturos, e conseqüentemente, geram danos irreversíveis para o resto de suas vidas. São indivíduos que estão sempre prontos para atacar de forma planejada, racional e consciente.

Por essa e outras razões, faz-se necessário investigar a problemática das violências familiares em profundidade, considerando, sobretudo, a realidade exposta das entrevistadas por estar associada, entre outras coisas, a recorrente quebra das regras do tabu sexual de pai com as filhas adolescentes. E a partir do observado, procurar refletir e entender como se produziu a violência doméstica e o incesto dentro da família, olhando a dinâmica do cotidiano, o contexto de inserção das participantes, o nascimento do grupo e as atitudes do agressor na direção das vítimas.

Contudo, espera-se com essa reflexão construir a necessária ponte entre a teoria, metodologia e a realidade empírica investigada, interessa explicar ou esclarecer o fenômeno da violência doméstica e o incesto a partir dos conhecimentos adquiridos, que seja possível separar as partes dos eventos narrados, depois juntá-los e posteriormente religá-los ao todo narrado, sem

deixar de olhar os detalhes das atividades planejadas e colocadas em prática pelo agressor em comum. Sem dúvida, trata-se de uma rigorosa escolha teórica, metodológica, empírica e reflexiva de forma criteriosa e minuciosa. Arrisco usar o termo da analogia para dizer que este trabalho, em certa medida sofreu uma criativa colagem de peças como se fosse um quebra-cabeça imaginário, apesar de estar consciente de que estive diante de uma realidade social verdadeiramente concreta, perante um fato sociologicamente falando. Para tal, foi preciso juntar e conectar todas as peças com os encaixes certos, conforme as experiências, o tempo e os espaços habitados por cada uma, para finalmente compor a engrenagem maior parte da história de vida de cada participante enquanto trajetória pessoal E, a partir dos eventos vividos observar os detalhes e a totalidade dos fatos, os que afetaram a própria existência e, também da família toda. Mostrar que a vida em família sem a relação afetiva regulada pela ética do cuidado do ente paterno ou materno sobre seus filhos, principalmente os pequenos, resulta tão-somente, um ambiente de violências domésticas que destrói os lares, a convivência em grupo primário, a segurança pessoal dos membros. Sofrendo assim os riscos de jamais se reconstruir na mesma base de origem. Então, o limite castrador das violências privadas e do incesto familiar perpassa pelo sentimento do afeto, da amorosidade e do cuidado ético dos pais na direção dos filhos permanentemente.

O segundo pressuposto defendido neste trabalho é de que no Brasil, o sentido da proibição e prescrição das regras do tabu do incesto previsto inclusive no código criminal brasileiro, que orienta e pune práticas sexuais incestuosas, supostamente absolvidas pela coletividade através da força da lei e da cultura simbólica-operante, estas, não produzem positivamente o esperado efeito. Não geram o necessário tabu individual e coletivamente como visa o discurso na cultura. Ao invés das regras serem observadas, vigiadas e colocadas prática, produzem efeitos de forma contrária, servem para o reforço de estratégias e fortalecimento de homens predadores intocáveis, incestuosos e violentos, na garantia de seus privilégios sexuais no ambiente restrito. Sendo este, um dos modos de camuflar as violências domésticas e sexuais históricas que vem sendo praticadas por homens-pais contra filhos(a) crianças e adolescentes principalmente. A dissimulação implicada nas regras do tabu do incesto, é apenas um modo sofisticado de justificar e garantir seu prazer sexual de homens incestuosos com exclusividade. Além da trapaça vantajosa que impõe a outros machos com igual potencial na disputa de suas “fêmeas” (mulheres e filhas), que vivem em seu território controlado.

Com isso, defende-se que: as regras do tabu do incesto nada mais é do que uma sofisticada invenção criada, mantida e controlada por homens violentos e predadores incestuosos, que coabitam os lares brasileiros e o mundo, homens que estão tomados de instintos, desejos camuflados e intenções de abusar suas próprias filhas, mesmo que seja à revelia dos códigos morais e das leis penais. Esses tipos, inventaram as tais regras supostamente proibitivas e prescritas em códigos morais e leis criminais, de modo a reforçar o discurso da dominação sexual na cultura, mas, por detrás disso, há uma genuína estratégia de desencorajar outros machos praticarem sexo com “suas fêmeas”, circularem no seu território dominado para evitar conflitos. Independentemente, se as mulheres abusadas sexualmente são filhas ou não. O que está em jogo é evitar disputa de sexo e território.

Assim, as regras que proíbe sexo incestuoso de uns, e autoriza casamento de outros, são observadas e respeitadas por um grupo de homens-pais, que assumem conduta afetiva e ética na relação de convivência e intimidade com seus filhos(a). Ao mesmo tempo, são descumpridas e desrespeitadas por outros, que possuem conduta e mentalidade oposta. Agem com violenta e predação sexual dentro de casa e na convivência com a família. Para estes últimos, o livre acesso ao corpo e ao sexo dos dependentes consanguíneos, se mistura ao discurso patriarcal de mando e obediência em nome do pátrio poder do adulto, do dono da casa e da família, nada mais, do que ser este um modo de facilitar a violação das regras de forma camuflada. Onde a manutenção do sexo incestuoso estar sendo vista como propriedade pessoal do agressor ou objeto de atributo social e *status* na expressão de poder entre machos violentos. Os que disputam mulheres, território e poder num ambiente social em que se mostram e se comunicam permanentemente.

O fato é que a quebra das regras do tabu do incesto por um grupo de homens violentos que vivem dentro dos lares brasileiros, é um dado real que atinge as vítimas, as famílias afetadas e a sociedade no todo. Por isso, a investigação proposta nesta tese é de relevância, por produzir necessária reflexão sobre a tácita problemática no país. É um modo de chamar atenção da sociedade e das instituições sociais (família e escola) principalmente, para ampliarem as lupas sobre a realidade, e assim procurando desfazer o mito de proteção sexual dado as regras do tabu incesto, regras que tendem a todo custo manter na cultura viva e no imaginário coletivo, que a proibição do incesto entre consanguíneos produz a esperada segurança e proteção de crianças e adolescentes dependentes dos pais. Ao contrário disso, quando se trata de pais incestuosos e violentos, estes estão o tempo todo dissimulando suas atitudes de suposta proteção, mas o que fazem

verdadeiramente é submeter suas (vítimas) alvos, a um estado de violências e riscos permanente. Por isso, é preciso desmistificar, desnaturalizar essas enganosas ideias criadas por mentes adultas perigosas, tornando-se uma das necessidades de urgência social. Falo de homens e mulheres que violentam e destroem as vidas inocentes desde o berço, atos que marcam as vítimas por toda a sua vida.

Categoricamente, não há segurança e proteção de crianças e adolescentes que esteja vivendo sobre o domínio de pais incestuosos e violentos, independentemente da classe social, etnicidade-raça ou confissão religiosa. Todas que sofrem abusos, estão sendo marcadas para o resto de suas vidas.

Diante dos fatos, é preciso a participação e observância da coletividade nessa vigilância privada. Por que homens predadores, camuflados, com natureza violenta, estão dissimulando serem bons maridos ou bons pais para a sociedade nada enxergar, mas, são eles quem possuem o controle absoluto de seus filhos indefesos, representando um risco real no cotidiano familiar. Uma criança abusada na infância ou na adolescência, na vida adulta o dano sofrido não será mais revertido ou apagado com o tempo. Observar os comportamentos de uns para com os outros e punir os agressores com o rigor da lei, pode ser um começo para a mudança de conduta. A observância das regras do incesto também ajuda a proteger crianças e adolescentes, assim como, a coletividade. Se não houver vigilância, denúncia e punição do agressor, não resolve, a cultura incestuosa se mantém intacta. A proteção está no devido controle envolvendo o conjunto da sociedade em defesa dos pequenos desprotegidos, que choram de medo e dor dentro dos lares brasileiros, onde quase ninguém os veem como vítimas de abusos, não os percebem nem observam suas mudanças de comportamento. O silêncio da criança ou do(a) adolescente vítima se inicia com o medo do agressor.

O modelo da família patriarcal da forma em que foi introduzida no país tornou-se referência para a manutenção da cultura dominante e predatória desde outrora. Onde o modelo e a formação da família produtora de relações dessa natureza faz parte da cultura produzida por ela mesma, um ethos de mentalidade violenta e, também está no sistema de funcionamento social que reforça ainda mais o modo de camuflagem das violências nos discursos e nas práticas abusivas dissimuladas no cotidiano. Homens, mulheres e grupos que aparentam viver e conviver entre si numa suposta normalidade dentro e fora dos lares, mas, estão em sua (maioria) tomados por violências, ora, praticada de uns contra os outros no espaço privado, ora, manifestada nos ambientes públicos.

São dentro das famílias, das relações de intimidade entre pais e filhas principalmente, que homens mascarados de pais abusam de crianças e adolescentes como atos normais, colocam em atividade seus impulsos instintivos do sexo incestuoso por tempo indeterminado e sem sofrer constrangimento ou punição alguma. Tudo tem a ver com o modelo das instituições sociais, das quais “[...] têm uma organização muito definida e que são governados pelas autoridades, leis e ordens nas suas relações públicas e pessoais, estando estas últimas, além disso, sob o controle de laços extremamente complexos de parentesco e de pertença clânica”. (MALINOWSKI, 1976, p. 24).

É com essa reflexão que o estudo tende avançar, no sentido de conhecer não somente os tipos e as características das práticas de violências que homens portadores de mentes patológicas produzem atividades violentas nos ambientes domésticos, mas também observar nas narrativas de história de vida, as operações estratégicas colocadas em funcionamento por um homem portador de mente com essa natureza, onde “[...] os aspectos da intimidade têm sido os mais negligenciados” ou escondidos pelo silêncio das vítimas. (IBID, p.32). E nessa direção contribuir para a ampliação e aprofundamento de questões de pertinência. As que recorrentemente vem sendo motivo de conturbação e desafios da ordem social.

É nessa ceara que Malinowski (1976, p. 31-32) afirma, diz ele:

Na verdade, se nos lembrarmos que estes factos imponderáveis, mas muito importantes da vida real fazem parte da verdadeira substância do tecido social, que são eles que tecem os inúmeros fios que mantêm a coesão familiar, clânica, comunitária e tribal, o seu significado torna-se claro. Os contornos mais cristalizados dos agrupamentos sociais, tais como determinados rituais, deveres econômicos e legais, obrigações, oferendas cerimoniais e gestos formais de reconhecimento, embora igualmente significativos para o estudioso, são na realidade sentidos de forma menos pungente pelo indivíduo que os cumpre. Aplicando isto a nós próprios, todos sabemos que «vida familiar» significa antes de mais a atmosfera do lar. Todos os pequenos actos incomensuráveis e atenções nos quais estão expressos a afeição, o interesse mútuo, as pequenas preferências e as pequenas antipatias que constituem a intimidade.

Sem dúvida, é preciso rever o tipo de vigilância individual e coletiva em torno das crianças e adolescentes controlados por adultos abusadores dentro dos lares, me refiro ao modo como as famílias e a sociedade vem operando nos espaços privados principalmente. Por ser o lugar onde os infantis passam a maior parte do seu tempo sob os supostos cuidados de adultos abusadores e mal-intencionados. É preciso produzir novas possibilidades num projeto familiar e da coletividade, que permita gerar correspondência de sentimento forte, livre e consciente no trato da vigilância e

impunidade das violências domésticas, sexuais e incestuosas praticadas (contra) pessoas imaturas e infantis. A necessária mudança de comportamento de indivíduos violentos passa pela revisão dos processos educativos a eles submetidos, o tipo de socialização reproduzida dentro e fora de casa. Produzir novos *status* de consciência ética no plano individual e coletivo que alcance a libertação de crianças e adolescentes prisioneiros de agressores dentro das bases familiares, é uma urgência do hoje. Então, é com essa ampliada reflexão que defendo os pressupostos desta tese.

#### 1.4 PROCEDIMENTOS FORMAIS E INFORMAIS

Seguindo os procedimentos periciais e técnicos similares a de um inquérito sociológico, onde os aspectos formais e informais é parte substancial dos protocolos de observação direta e do campo investigado, nesse sentido concordo com Granai (1964, p. 200) quando afirma que “[...] os procedimentos (*procédés*) de registro – o objeto da observação metódica é por evidência os dados sobre os quais recairia a interpretação e a tentativa de explicação do processo (*processus*), do quadro ou do aspecto da realidade social encarada”.

Esse proceder formal e informal tem a ver com os primeiros contatos realizados com o campo e as participantes da pesquisa, quando a pesquisadora em seu ofício deixou claro as diferentes etapas do processo de estudos, envolvendo atividades protocolares formais e informais, visando as condições gerais para realização do trabalho.

Cada participante foi informando de forma direta e individual que seria preservada a liberdade de cada uma, respeitando assim a autonomia pessoal, de continuar participando ou não da pesquisa, podendo também desistir no momento em que desejasse sem prejuízo nem ônus algum. Portanto, era de responsabilidade da pesquisadora prover a cobertura total de todas as despesas e necessidades das participantes, bem como as demandadas no campo, antes, durante e após a coleta de dados. Nisso, incluiria todos os cuidados com a segurança individual, conforme o planejamento de recursos próprios destinados para transporte, alimentação, hospedagem e outras necessidades para fim da realização da pesquisa. Desde o deslocamento das entrevistas para a produção de dados no município de Igarassu, a sua permanência no local, até o retorno com segurança para sua residência. Em comum acordo, ficou decidido que antes, durante e após as entrevistas, seria disponibilizado telefones celulares para a comunicação direta entre a entrevistadora e as entrevistadas (mãe e filha), durante todas as etapas e procedimentos da pesquisa. Além da necessidade de comunicação permanente, a mãe-entrevistada n. 02, estava em fase de



deslocamento do interior do estado de Pernambuco para a capital, com a finalidade exclusiva de participar do trabalho, onde se hospedaria na cidade de Igarassu, residência de sua filha-entrevista n.01, participante do estudo. Todos os detalhes foram minuciosamente verificados e acompanhados de perto pela pesquisadora responsável pela pesquisa, com o devido cuidado e empenho pessoal.

Com esse termo, Granai (1964, p. 194) destaca que “[...] qualquer que seja o “plano de ataque” escolhido na realidade social”, a pesquisadora ou o pesquisador deve [...] permanecer fiel a uma intenção metodológica, que não deixa de ser a idêntica a si própria, não obstante, a aparente diversidade do objeto a que se aplica”. Então, partindo desse princípio foram realizadas três reuniões com as participantes antes da realização das entrevistas. Primeiramente, a filha foi atendida na forma individual, procurando ouvir e atender qualificadamente suas necessidades ou queixas, sanar dúvidas e esclarecer os protocolos, depois, a vez da mãe, e por último, procedi com uma conversar aberta com ambas, sem perder o foco das peculiaridades individuais e os objetivos da pesquisa. Foram momentos preparatórios para os devidos esclarecimentos do trabalho, estabelecimento vínculo de confiança e aproximação pessoal, reforço da relação de cooperação e troca baseada numa combinação formal e informal.

Por outro lado, as orientações gerais e particulares que envolveu a pesquisa, os procedimentos formais principalmente, foram processos observados e atendidos positivamente pelos envolvidos conforme o prescrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, assim como, os demais documentos parte do requerido pela instituição de ensino-UFPR, CONEP e o próprio campo, cada ato foi cuidadosamente formalizado, depois, lido cada ‘item’ pela pesquisadora, para finalmente ser assinados pelas participantes, foram atos que antecederam a produção de dados.

Os contatos e encaminhamentos administrativos formais, técnicos, profissionais, éticos, legais, foram cumpridos com rigor, observando os limites e critérios da pesquisa com humanos, conforme o protocolo aprovado pelo CONEP/2017.

Antes de proceder com a coleta de dados, o TCLE foi impresso, entregue individualmente para cada participante, lido pausadamente para ser acompanhado, onde a pesquisadora explicou cada ‘item’ em voz alta. Foram sanadas as dúvidas e posteriormente assinado. Quanto a finalidade do projeto, os objetivos da produção dos dados, a análise, e por fim, dispor dos resultados do trabalho, todo constructo seria disponibilizo e/ou designado exclusivamente para fins acadêmicos e técnicos, com vista em políticas públicas. Então, após as gravações dos conteúdos de narrativas,

todas as questões do roteiro seriam transcritas, decodificadas, analisadas e interpretadas, e, posteriormente, divulgado o trabalho na íntegra após a apresentação final desta tese. Os resultados serão também utilizados para produção de artigos, apresentações em congressos e eventos científicos de interesse da pesquisadora e de sua orientadora.

Após a defesa final, ficaria a pesquisadora à disposição das entrevistadas e da família, para definir o agendamento da apresentação dos resultados da pesquisa para o grupo conforme combinado no TCLE, assim como, a entrega de um exemplar impresso e o acesso do trabalho na íntegra a ser disponibilizado pelo sistema das bibliotecas da UFPR. Podendo ser ainda realizada uma apresentação na modalidade à distância, transmitida via Skype e/ou presencial de acordo com o agendamento e combinado. Também as participantes foram informadas que os documentos assinados individualmente ficariam guardados sob sigilo e responsabilidade da pesquisadora por tempo indeterminado.

O anonimato de cada uma foi resguardado para segurança pessoal e proteção dos dados, embora, tenham tido a oportunidade e a liberdade de escolher e adotar, se quisesse, um nome fictício para identificação no trabalho, mas essa sugestão não foi acatada, preferiram ser identificadas, como: entrevistada (n. 01) para reconhecer o lugar de fala da filha, e (n.02), para a mãe.

Fora do esquema das gravações formais, na interação e convivência social com os participantes misturados aos espaços privados da moradia da filha e nos bastidores do campo, durante doze (12) dias contínuos, a pesquisadora se dirigia usando o pronome de tratamento formal de senhora, acrescido do nome próprio. Esse o combinado e assim se sucedeu.

Toda essa movimentação, o uso de técnicas da observação direta e participante, foi parte importante neste trabalho, cada atividade foi planejada minuciosamente, até compor o inquerido investigativo sociologicamente falando, do qual consiste este estudo. Desse modo focar nos aspectos da realidade social que

[...] corresponde à inevitável fenomenológica do inquérito e dá amplamente lugar, por um lado, à intuição do inquiridor que apreende o os fenômenos por que se interessa, na sua dupla ligação com o conjunto social ainda confusamente apercebido, e por outro lado, com a experiência própria; que permite organização progressiva das hipóteses de investigação e uma primeira e provisória delimitação do campo de estudo que torna deste modo possível a observação metódica. (GRANAI, 1964, p. 199-200).

Finalmente, o proceder na pesquisa foi levado a sério e realizado no sentido de produzir dados consistentes, originais, fidedignos e validados pela empiria dos fatos, tudo sendo observado com o rigor metodológico do qual foi adotado com critérios claros, éticos e científicos levados a cabo. Sempre buscando o aprofundamento e os detalhes sobre o objeto, pensando, sobretudo, em contribuir com informações relevantes a respeito do tema e do assunto em questão – as violências domésticas e o incesto familiar - e assim, oferecer à comunidade científica e à sociedade em sua totalidade, um estudo que permita “[...] a constituição de documentos cientificamente exploráveis”. (GRANAI, 1964, p. 201). Sabendo que este também é um trabalho com teor denunciatório.

#### a) Ida e volta do campo de pesquisa

Neste tópico, o objetivo é o de registrar o trajeto percorrido pela pesquisadora como uma memória de uma longa estrada percorrida, da qual levou um corpo tomado de ideias positivas, de aspirações diversas onde a vontade de ir e voltar com as malas cheias de conteúdos e dados concretos, inéditos, de primeira mão, de experiências novas, eram expectativas maiores que o próprio caminho a ser inaugurado e seus desafios ocultos. O trajeto que permitiu o encontro com o campo e com as entrevistas especialmente, onde o objeto de estudo se escondia em meio ao mundo ainda desconhecido, se misturava com uma realidade a ser cuidadosamente descamada.

Aqui procuro situar a luz e a sombra enquanto possibilidades de encontros, podendo representar também dificuldades no caminho. O caminho me levou a um lugar mágico e, ao mesmo tempo real, onde cada processo fez parte do mesmo enredo. Desde o embarque com dia, horário e local definido por empresa controladora na região Sul do país, um controle que findou com a chegada de destino, no litoral da região o Nordeste onde se situava o ambiente a ser preparado para as entrevistas. De um extremo ao outro do país, territórios foram percorridos entre as cidades de Curitiba/Pr, passando pelo Recife capital de Pernambuco, devendo pousar os pés e concluir o trajeto na cidade de Igarassu região metropolitana daquela capital, tudo aconteceu num folego só.

De onde saiu a pesquisadora, para onde iria encontrar as participantes do estudo, o caminho foi suave e cheio de emoções. Se dava o iniciou de uma viagem que antecedia em pouco tempo muitos outros inícios prestes a desabrochar indicando outras fases da mesma pesquisa. Esta é uma prova de que a distância territorial não distanciou a investigadora do seu campo de investigação, do seu objeto, menos ainda das pessoas envolvidas, interessadas e comprometidas com as partes e a realização do trabalho em sua totalidade.

A observação participante direta realizada de longe ou de perto, de face a face foi orientada o tempo todo por procedimentos metodológicos e técnicos como estratégia de pesquisa empírica fornecida por diferentes autores de adoção. Entre esses, Granai (1964, p. 203) contribui dizendo que a “[...] comunicação do observador com os sujeitos observados”, permite simultaneamente o [...] actor integra-se ao grupo estudado, participando das suas actividades e manifestações diversas”. E isso implica numa “[...] evolução nas relações entre o inquiridor e os sujeitos”, é quando a pesquisadora ou o pesquisador “[...] esforça-se por criar, pôr em cena as situações” de interesse de sua investigação. (IBID). Nesse caso, a observação participante como técnica e estratégia metodológica utilizada para apreensão da realidade produziu de fato novas possibilidades de olhar o meio e os sinais reveladores do campo e do conjunto de coisas nele imerso.

Foi a ida para o campo carregando malas cheias de equipamentos, mas, sempre movida pela esperança de chegar ao destino certo, ser recebida positivamente no ambiente-campo de trabalho desconhecido com relação ao objeto, território e habitantes. Entrar nesses espaços para observar de perto a movimentação do meio e encontrar os indícios de um tesouro ainda escondido, mas, que ali estava em algum lugar possível de ser encontrado, observado, tateado pelas mãos, olhos, ouvidos com a sensibilidade ativada. Foi um passo incrivelmente motivador que impulsionou a pesquisadora chegar e permanecer lá até pôr as mãos nos dados e canalizar os sentidos na direção do objeto, dos achados, como verdadeiro troféu precioso tocado, mexido e estudado à luz do dia. De poder superar da melhor forma as suas próprias expectativas e, também achar um modo de dar vazão a ansiedade das participantes de forma serena e controlada. Um teste primeiro que levou a observadora recém-chegada a agir sutilmente com a devida responsabilidade profissional, com coerência, simpatia e ética, até baixar o nível de euforia das envolvidas na pesquisa, para poder incorporar o verdadeiro e necessário espírito de uma investigadora sensível e atenciosa com as vidas das informantes, que ali estavam sob sua orientação, cuidado e encaminhamento da pesquisadora. Assim como em relação as demais coisas a ela confiada.

Essa atividade prática e intelectual careceu sim de vários encontros fora do cronograma oficial de trabalho, de contatos diversos e de relações conduzidas de forma positiva, carregadas de linguagens particulares, traduções, convivência direta e indireta, estabelecidos entre cada parte envolvida na pesquisa. Ainda que superficialmente estivesse em curso um prévio levante de um mundo que antes estava absolutamente obscuro, desconhecido, escondido por camadas de sedimentos acumuladores de dificuldades múltiplas, como um problema que estava aparentemente

adormecido, guardado por segredo e silêncio intocável, mesmo assim foi possível construir aproximações seguras. Olhando de longe falo de um campo que se abriu quase à (fôrceps), por persistência e resistência da pesquisadora que não desistiu nas primeiras dificuldades encontradas. Até que o problema da violência doméstica e o incesto familiar foi rendido, mapeado, investigado, mexido e conhecida suas faces do lado de dentro e num prazo exíguo. Foram quase como erguer pesadas estruturas de memórias asiladas, escondidas dentro da casa-caverna da vida, onde ninguém via nada, nem se falava nada, por razões diversas. Menos ainda alguém se dispor em falar sobre o assunto e os acontecimentos tão complexos, sem antes ter construído um caminho de acesso e superado as barreiras de gelo emocional. Contudo, a pesquisadora sabia de tudo isso, que o objeto estava lá, embora não soubesse claramente como e por onde escavá-lo. Só precisava então esperar a hora certa e a oportunidade de sitiá-lo. Foi assim que exatamente aconteceu.

A chegada da pesquisadora no campo causou certa inquietação e euforia ao mesmo tempo, apesar dos inúmeros protocolos formais e a comunicação direta e permanente com os envolvidos. Principalmente, por parte das autoridades municipal que demonstravam curiosidade, interesse e entusiasmo aparente por estarem recebendo em suas estruturas de governo uma pesquisadora acadêmica, observadora de fora e com olhar treinado para proceder com sua ação. Nesse sentido foi possível observar um certo grau de preocupação em torno da investigadora, por não controlar o que exatamente iria observar, registrar, divulgar, investigar o território e a realidade anunciada academicamente. Fora dois dias de encontros com as autoridades nos diferentes espaços da prefeitura municipal de referência, mas tudo conforme o previsto na fase de apresentação do projeto. Com dia, horário e local agendado a pesquisadora apresentou sua proposta de pesquisa para as profissionais da secretaria de assistência social, também para a diretora da Casa da Mulher, as assistentes sociais e psicólogos do CRAS e CREAS atuantes no campo. Assim os compromissos assumidos com a prefeitura parceira foram atendidos satisfatoriamente e, ao mesmo tempo, compartilhada as responsabilidades de forma colaborativa.

O trânsito da pesquisadora dentro da secretaria de assistência social e nas demais estruturas funcionais da prefeitura, para promover reuniões de esclarecimento do trabalho e apresentação formal, serviu também para sentir o nível de acolhimento, o tipo de recepção e apresentação recíproca entre a pesquisadora e os profissionais responsáveis pelos espaços de atendimento social e as atividades de enfrentamento da problemática das violências domésticas e sexuais incestuosas no município. À medida que estava sendo apresentada a sua proposta de estudo, o próprio campo

também se apresentava para a pesquisadora através das contribuições e manifestações das autoridades participantes do evento.

O mapeamento e visitação da cidade-campo, obviamente antecedeu a produção e registro dos dados oriundos das entrevistas, uma caminhada dirigida, acompanhada por moradores e profissionais local fez parte do ritual preparatório e teve efeito bastante positivo. Falo das primeiras experiências diretas que a pesquisadora teve com o campo logo após a sua chegada. Foi este um modo de observar o ambiente externo interagindo e participando dele em momentos formais e informais em concomitância. Funcionou como uma estratégia de aproximação dos pares, interessando diminuir as tensões ou ansiedades geradas em torno do trabalho de pesquisa.

Estavam todos relativamente apreensivos para conhecer os objetivos do estudo, suas dimensões e as intenções da pesquisadora com os dados produzidos no local. Fundamentalmente, esse tipo de estratégia reforçou os laços de confiança e segurança não somente para as participantes da pesquisa, mas também entre a pesquisadora e as demais pessoas envolvidas indiretamente, no caso as autoridades e as profissionais receptivas que se dispuseram a oferecer as melhores condições para a plena realização do trabalho e de forma satisfatória. Uma estratégia de parceria e compartilhamento que deu certo do começo ao fim.

De imediato, a proposta de pesquisa foi apresentada para a equipe técnica e as autoridades locais, quando expostos e explicados os objetivos e a finalidade do estudo, foram observados murmúrios e espantos durante a apresentação, o estudo causou impacto entre autoridades, agentes profissionais da prefeitura de Igarassu e outros espectadores que assistiam a exposição. Surgiram comentários diversos com relação ao tema e ao problema de pesquisa, por considerarem ser um assunto de relevância em vista da problemática das violências no país, e também local. Além de constatar um ato de coragem da pesquisadora em se dispor investigar uma questão tão complexa e indigesta do ponto de vista da sociedade e até das instituições sociais de ensino e pesquisa. No caso, as universidades que resistem abrir o problema para o debate. Por ser também uma questão pouco pesquisada pelas universidades brasileiras, embora exista a necessidade de conhecer o problema de forma séria e em profundidade com urgência. Após a apresentação houve forte debate em torno da questão.

A discussão sobre a problemática das violências domésticas envolvendo incesto familiar tão recorrente nos atendimentos do município, foi também um modo das profissionais e autoridades local revelarem ou denunciarem a ausência de pesquisa acadêmica sobre o assunto na região. Nas

falas, a reclamação em torno da ausência de estudos empíricos sobre o problema das violências privadas no país, na percepção da maioria parece ser evitado sua investigação em profundidade e academicamente falando, ou talvez deixada de lado como agenda de interesse dos pesquisadores(a) acadêmicos. A ausência de estudos qualitativos e dados oficiais sobre a realidade em questão, de acordo com as declarações das profissionais pode também estar sendo justificada ou associada às dificuldades de acesso ao campo e a complexidade que o próprio tema impõe. Por isso o pulo de espanto na fala das técnicas principalmente, por estarem ali testemunhando a primeira proposta de pesquisa empírica (nível) de doutorado no município e no campo da educação, embora estivessem falando de uma cidade antiga e histórica que lamentavelmente não dispõe de estudos, dados ou pesquisas outras que amplie o assunto e o tema em discussão.

Sabendo que a cidade de Igarassu é patrimônio histórico lincado ao início da colonização do Brasil e de grande importância geográfica, histórica e cultural para o país. Essas informações constatadas também causaram espanto para a pesquisadora.

Superada a fase da apresentação e escuta da equipe apoiadora da pesquisa, finalmente foi dado sinal positivo para seguir a nova etapa do estudo com total apoio das ouvintes e falantes no debate. De imediato foi disponibilizado a estrutura física adequada para a pesquisadora receber suas entrevistadas, um profissional de segurança privada para garantir a tranquilidade no local durante o processo, recursos humanos especializados de assistência social e psicologia também pode contar em caso de necessidade de atendimento psicossocial. As condições necessárias e úteis foram oferecidas para garantia do trabalho.

É interessante registrar que em conversas técnicas com alguns profissionais da área, mais de uma pessoa manifestou forte interesse e desejo de também participar da pesquisa, gostariam de contribuir com seus depoimentos sobre a problemática das violências familiares no município. Assim relataram vários eventos e atividades de intervenções envolvendo problemas de violências domésticas e incesto semelhante ou igual a que estava investigando. Viam como um tipo de prática, talvez sendo praticada no município de forma curriqueira, banalizada ou “quase” naturalizada no cotidiano doméstico e social por parte agressores que fazem centenas de vítimas dentro das comunidades locais. Um problema considerado grave no município, visto como desafio para o governo local. Consequentemente, as relações de convivência social entre os moradores estão sendo também afetadas em proporção alarmante.



Sobre essas demandas as assistentes sociais e psicólogas do CREAS e CRAS demonstraram grande preocupação em torno da problemática das violências domésticas, assim justificando o interesse pessoal em participar do trabalho. Gostariam de relatar suas experiências no campo de atuação. Ainda por considerar ser esta uma pesquisa de grande relevância não somente para o município, mas também para todo o país. Considerando assim estarem diante de uma possibilidade de expor a dura realidade social e fatídica, embora manifestassem pouca esperança de solução a curto prazo.

Infelizmente, a disponibilidade de contribuição das profissionais não pode ser atendida de imediato pela pesquisadora, em função do cronograma de estudo focado na investigação com metodologia de história de vida já definida no planejamento. Contudo, deixei em aberto a possibilidade de novos estudos no local e a participação das mesmas em novas frentes de trabalho. As reivindicações por novos estudos consta como registro no diário de campo.

Em vários outros momentos, continuaram insistindo que a pesquisadora ampliasse sua proposta de estudo para investigar a realidade das famílias locais e estudar os documentos de arquivos restritos do Serviço Social, onde consta uma grande quantidade de casos registrados no município. Nos CRAS e CREAS, os arquivos estavam repletos de processos de denúncias de violência doméstica e abuso sexual incestuoso sob a responsabilidade das assistentes sociais. Uma vez que a pesquisadora também é da mesma área de formação e profissão, os arquivos seriam colocados a sua disposição para análise e estudos. É de interesse do município colaborar com pesquisas dessa natureza.

Este foi um momento emocionado e forte em termo de discussão sobre a problemática e, ao mesmo tempo, um instante de acerto e compromisso extra-oficial assumidos com as profissionais da área. A pesquisadora deu sua palavra dizendo que deveriam aguardar finalização de sua pesquisa em curso, na esperança de voltar ao local para continuidade do estudo ou início de outras frentes de trabalhos para avanço e aprofundamento do tema. Seria o projeto para novas propostas numa oportunidade breve ou futura. Que de fato o município de Igarassu carece sim de novas investigações sobre a questão, disso, a pesquisadora estava consciente de que suas próximas imersões e atividades acadêmicas, o destino certo seria ali. Entre outras coisas, a cidade tornara sua referência de campo por ter sido aberto depois de longa caminhada na direção da pesquisa e do objeto de estudo. Não somente por isso, mas também por fazer parte da trajetória inicial na região,

os compromissos compartilhados entre os pares e sua permanência no campo. Conta com um todo vivencial favorável para uma pesquisadora iniciante.

A volta para casa ou do lugar de partida representou outro momento do estudo pouco imaginado anteriormente. Um inexplicável estágio cheio de conteúdos simbólicos, significativos, experiencial que permanecerá vivo na memória da pesquisadora, quica para o resto da vida. Ao mesmo tempo, produziu um sentimento de alívio de proporção imensurável, não somente pelo feito realizado com sucesso em relação à coleta de dados, de entrar, permanece e sair de forma positiva num campo repleto de surpresas e inesperados. Também, pela grande responsabilidade pessoal, profissional e acadêmica superada em cada dia. Tendo sempre em mente de que a volta representou tudo isso, além das malas cheias de conteúdos inéditos, fidedignos, originais, reais, material denso, experiências diversas e extraordinárias, algo novo e exclusivo a ser palpado, transcritos e analisados em profundidade. Um sentimento do dever cumprido digno de qualquer pesquisador ou pesquisadora comprometida com o seu fazer profissional. Um sentimento de orgulhoso pela grandeza do trabalho e sua realização. Não foi somente isso, também pela riqueza dos dados capturados em detalhes, pelo mundo observado de perto e do lado de dentro, pela convivência estabelecida em um campo de tão difícil acesso. A bagagem tirada das costas simbolicamente representou um rápido descanso do corpo, um alívio do peso das responsabilidades intransferíveis para outrem, e assim se deu desde a entrada da pesquisadora no mundo da pesquisa e na universidade.

Voltar para o ponto de partida significou trazer consigo malas e na vivida mente a passagem por um campo que permitiu o acesso às histórias de vida de duas participantes incrivelmente especiais, também pela formidável riqueza do contexto revelador de realidades vistas por vários ângulos, despontadas de forma diferente nas fases do estudo. As revelações inesperadas, as descobertas e surpresas no cotidiano do campo mudou sim a primeira impressão que a pesquisadora tinha a respeito do mundo contaminado por violências domésticas com agravante do incesto. Principalmente, o seu olhar sobre a realidade impactada na vida das vítimas na relação de intimidade com o agressor, quando estas eram olhadas do lado de fora e de longe, me refiro a mãe do grupo familiar sobretudo. Uma percepção conflitante quando olhava para a mãe antes de chegar ao campo e ter acesso ao todo narrado por ela. Quando vista a realidade de perto e as manifestações da problemática das violências sem camuflagem ou distorção do contexto, foram muitas as surpresas e espantos que renderam importantes experiências no treinamento de um novo olhar.

Uma vez, o corpo, a mente e os sentidos da observadora curiosa (colocado) em movimento e à disposição de um campo apto de observação e pesquisa; a entrega e aceitação permitiu alcançar um novo patamar nos encaminhamentos do trabalho, como um degrau a mais no acesso ao mundo investigado.

O encontro com as informantes, a gravação dos dados, o registro das impressões e assinatura de cada uma das partícipes do trabalho, selou provisoriamente um compromisso compartilhado na forma genuína e única. A partir daí tudo aconteceu concretamente, em um lugar especial foi ocupado onde o trabalho se desenrolou, na prática, com a devida clareza e sutileza afetuosa entrou na dinâmica. O estar com o corpo e mente ativa do lado de dentro do ambiente de observação, possibilitou a pesquisadora transitar por lugares inimagináveis que somente a ela foi permitido circular, observar, conversar, estabelecer vínculo de confiança e autoridade. Por ser introduzida no grupo técnico como também sendo uma profissional do mesmo campo. Os espaços antes desconhecidos e fechados olhando de fora, foram relativamente abertos para alguém supostamente estranha estabelecer o necessário diálogo e trânsito com outras pessoas do local, além das entrevistadas. O contato com as autoridades e profissionais foi tão importante quanto aproximação direta com as participantes do estudo. Antes de ter acesso e entrar no campo, como já disse: careceu de uma série de coisas: apresentação formal, reuniões diversas, contatos contínuos e permanentes. Afinal, estavam ali muitas pessoas interessadas em ouvi a visitante, outras curiosas, aguardando obter informações de ordem pessoal, em saber as razões da visita, o que estava oferecendo de novidades para o município, de que se tratava o estudo, quais solicitações e demandas, que tipo de espaço seria ocupado. Outras questões que somente com a comunicação, convivência e interação seriam esclarecidas. Perguntas do tipo: quem você é, de onde veio, o que faz aqui, o que precisa de nós, o que vai fazer com os dados, como podemos ajudar? etc, foram as mais frequentes. Sem hesitar todas foram respondidas a contento. Para isso precisei estar sim bastante preparada e atenta a todas as demandas de cada dia. Dentro deste meio produzir um trabalho sem cometer erros, registrar todas as observações importantes, para depois utilizá-las em outro momento.

Depois desse denso estágio no campo finalmente estava de volta com os pés em terra firme, embora ainda portasse um corpo e uma mente bastante modificada. Me refiro as novas memórias, experiências e situações diversas vivenciadas fora de casa. Um ser em estágio de reflexão de um cotidiano vivido, sentido, observado, tateado e descamado em profundidade sem ter tido muito tempo para refletir as ocorrências. Decerto, ficará tudo guardado para a posteridade da

pesquisadora sem dúvida alguma. Talvez, tudo isso represente um ato de ousadia e coragem verdadeiramente colocado à prova de resistência acadêmica e superação pessoal sem ter pensado no fim.

A volta da pesquisadora para a região sul do país, ponto de sua partida representou um evento diferente daquele momento que precedeu sua saída carregando malas pesadas de equipamentos tecnológicos apenas e o necessário material de trabalho, alguns objetos de uso pessoal, nada mais que isso. Embora, silenciosamente levasse na mente bastante confiança e o entusiasmo de encontrar o caminho certo do campo e encontrasse lá as pessoas de sua procura. Um lugar distante e diferente do cotidiano da sala de aula, das bibliotecas (parte) da vida acadêmica, do assento na cadeira de escritório ou gabinete. Agora o mundo era outro e novo.

O retorno significou trazer outro tipo de conteúdo de malas, com elas uma relativa tranquilidade por ter superado a etapa mais difícil da pesquisa talvez, a de coletar os dados com sucesso e segurança. Trazer consigo um sentimento passageiro do dever cumprido. Embora isso não tenha significado a diminuição das responsabilidades assumidas com o conjunto do trabalho e o campo por totalidade, pelo contrário, estava apenas em rito de passagem de uma fase para outra. Nas próximas, sabia que o desprendimento de energia intelectual e física seria tão importante quanto o empregado anteriormente. Podia chegar à exaustão em função do volume de dados a serem transcritos. Ouvir, escrever e pensar com a mesma velocidade durante meses não foi uma tarefa fácil. Ouvir novamente cada trecho da história contada e refletida de outra forma.

Colocada em movimento todo tipo de memória e experiências vividas no passado e presente, sem perder o foco de cada questão. Também envolvia relações de confiança e vínculos estabelecidos entre pesquisadora e entrevistadas, por terem colocado suas próprias intimidades e vida pessoal nas mãos de uma pessoa estranha pouco conhecida do ponto de vista delas e sem controlar o que seria depois analisado. A relação de confiança foi construída antes e durante o desenrolar do trabalho. Isso produziu experiências singulares.

Objetivar as subjetividades faladas, observadas e experienciadas no campo fizeram parte pensar durante todo processo de transcrição das narrativas. Isso fez parte da volta, um verdadeiro (reviravolta) intelectualmente falando com relação aos dados e próprio campo.

Agora sim estava diante de um baú-mala cheio de conteúdos gravados em blocos, de dados concretos e reais, em condições de serem transcritos e organizados em categorias passíveis de

análises e interpretações acadêmicas. O corpo, a mente e as malas da pesquisadora estavam repletas de material rico em detalhes e profundo em sua natureza.

As expectativas (do) antes tornou-se agora realidade concreta, palpável e vivida intensamente enquanto processo de realização de uma complexa pesquisa empírica. Obviamente, após a transcrição surgira outras fases do estudo tão difícil quanto as anteriores, apenas de outra ordem, uma sequência de atividades, até o dia da defesa final.

O trajeto da ida e volta do campo produziu experiências importantes e, também provocou uma série observação e auto-observação. A pesquisadora ao sair de uma posição em um determinado lugar, para estar em outra condição fora do seu 'habitat' conhecido e relativamente controlado, causou o primeiro o desconforto pelo deslocamento. Depois veio o estranhamento do novo, em seguida a exigência da necessária adaptação imediata. O domínio das estratégias e formas de autocontroles em torno dos (afazeres) da pesquisa, tornou-se atividade permanente. Assim como, a necessária familiaridade com o novo ambiente da forma menos artificial possível, onde todo tipo de dinâmica observada serviu de experiências válidas para a melhor apreensão dos fluxos e do contexto da realidade propriamente dita sendo observada de perto. As pontes foram construídas na hora e no tempo certo graças a auto-reflexão colocada em prática para avaliação dos resultados de cada ato.

As experiências do campo provaram a pesquisa empírica a alcança o inalcançável, quando comparada a outras modalidades metodológicas de fazer outros tipos de estudo, o ato de sair de um lugar para outro, e, ao mesmo tempo, estar disposta a investigar cada questão olhando o tipo de característica da problemática investigada. O estar lá, no campo e do lado de dentro da realidade, do contexto, do 'habitat' abrigo das vidas, para observar as ocorrências dos fatos, suas regularidades, sentir as coisas se mexendo no próprio ambiente e interagir entre si, fez toda a diferença no conjunto da obra. Somente assim foi possível depois de um tempo de investigação em profundidade dizer o que é, ou o que pode ser e como é o fenômeno reduzido ao objeto, principalmente com relação aos impactos gerados na vida das (pessoas) alvo de observação e estudo. Isso, a meu ver, seguramente não existe outra forma de fazer ciência e produzir pesquisa, significa menos erros.

Finalmente, são com essas palavras acompanhadas por fotografias de arquivo pessoal que encerro a primeira fase de aproximação direta iniciada neste campo.

## FOTOGRAFIA 1: O LUGAR E O CAMPO



FONTE: **Chagada da pesquisadora ao campo.** Cidade de Igarassu/Pe. Local de entrevista e coleta de dados. Fotografia de acervo pessoal. Autoria: Josefa Janete de Azevedo, julho, 2016.

## b) Observação participante direta e indireta

Concordo com Malinowski (1976, p. 31-32), quando afirma que no campo:

[...] existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento. Chamemo-lhes os *imponderabilia da vida real*. Neles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, os pormenores relacionados com a higiene corporal, a maneira de comer e de cozinhar; a ambiência das conversas e da vida social em volta das fogueiras da aldeia, a existência de fortes amizades ou hostilidades e os fluxos dessas simpatias e desgostos entre as pessoas, o modo subtil mas inequívoco como as vaidades e ambições pessoais têm reflexos sobre o comportamento do indivíduo e as reacções emocionais de todos os que o rodeiam. Todos estes factos podem e devem ser cientificamente formulados e registados, mas é necessário que isso seja feito não através do registo superficial de pormenores, como acontece normalmente com observadores não treinados, mas com um esforço de penetração na atitude mental que eles expressam. E esta é a razão porque o trabalho dos observadores cientificamente qualificados, desde que seriamente aplicado no estudo destes aspectos, produzirá, creio eu, resultados de valor acrescentado.



## FOTOGRAFIA 2 - EQUIPE TÉCNICA DO SERVIÇO SOCIAL [CRAS E CREAS]



FONTE: **Recepção no campo de pesquisa.** Apresentação da pesquisadora à Secretária Municipal e Equipe Técnica da Secretária de Assistência Social da Prefeitura de Igarassu/Pe. Fotografia de acervo pessoal. Autoria: Josefa Janete de Azevedo, julho, 2016.

As sucessivas observações diretas, indiretas, de perto e de longe para mapeamento da realidade e do campo empírico com apoio das participantes da pesquisa e da comunidade do em torno, foram condições determinantes para a pesquisadora realizar seu percurso investigativo. Ter tido a oportunidade de observar o meio e as situações nos diferentes ângulos da vida dos membros em família, as ínfimas interações da convivência cotidiana, as trocas entre si e os vizinhos, os cuidados recíprocos observados como um dado recorrente. Foram estas e outras oportunidades únicas que compôs o trajeto. Significou a produção de outros conteúdos, outras memórias e experiências além das esperadas, que somente uma pesquisadora ou um pesquisador imerso num campo pôde capturar tais informações com esse teor de riqueza.

A observação direta foi uma das fases imprescindíveis da pesquisa na construção do necessário conhecimento e saber em torno do objeto de estudo em questão. Com o corpo ocupando espaços no campo, os órgãos dos sentidos foram ativados automaticamente, preparados para desenvolver atividade física e mental em concomitância.



A visão foi ampliada na direção do objeto, os ouvidos aguçados como a audição de um lince observando sua presa, o corpo todo esteve debruçado sobre a realidade e o universo das entrevistadas. As revelações (sutis) foram surgindo no cotidiano onde a comunicação, os códigos, as linguagens de afetos e trocas entre mãe e filha principalmente iam sendo expostas e observados no dia a dia. Tudo sendo visto num ambiente particular e num espaço de tempo relativamente curto considerando um cronograma de atividades durante quinze dias.

O que estava sendo capturada era a dinâmica implicada nas relações de convivência familiar se materializando no cotidiano na forma pura e real da vida em grupo. Ter tido a oportunidade de estar junto das entrevistadas participando dos (afazeres) do dia a dia nas horas (extras), foram oportunidades extraordinárias em favor do ato de observar. Ao mesmo tempo, sempre checando os esquemas mentais em silêncio para não esquecer das regras metodológicas em mente: o que observar, quando, como, onde e por quê. Depois selecionar as informações mais importantes, registrar em detalhes no diário de campo e colocar como parte da pesquisa.

O campo possibilitou várias paradas obrigatórias, um pensar reflexivo comprometido com o conjunto da obra. Para que a pesquisadora pudesse acordar a realidade em parte, mexer nela e enxergar de perto e do lado de dentro a estrutura familiar em estágio de observação no todo. Conhecer os espaços ocupados pelas participantes e os demais membros do grupo, as vidas misturadas com a (realidade) social alvo de interesse, fez parte da proposta. Por ser o campo, o lugar onde a família perfazia ou perfaz a vida individual e em grupo, é onde produz convivência e intimidades particulares entre o eu de um e o eu do outro, e dos outros.

Uma atividade observante que vai desde as questões elementares manifestadas todo os dias, envolvendo muitas vezes percepções pessoais, tomadas de decisões no âmbito coletivo, aquilo que faz parte da visão de mundo, os aspectos da vida de modo geral, tudo isso compõe pontos de observação importante no fazer das interações cotidianas do ponto de vista de quem observa. Como é o caso da cultura das violências, por exemplo, muitas vezes são manifestadas nas atitudes corriqueiras ou nas atividades elementares, ou normais como parte do contexto particular de determinado grupo. Uma simples troca de olhares de aprovação ou reprovação entre mãe e filha, a forma de comunicação entre avô e netos, as atividades domésticas compartilhadas, a vida em movimento estava sendo observada o tempo todo.

Foi com esse espírito que as experiências vivenciadas por Malinowski (1976, p. 22) situou a pesquisadora no campo de observação, suas incursões etnográficas foram tomadas de referências

e apoio para produção de dados qualitativos em torno dos membros do grupo familiar como ponto de partida. Assim dizia o autor: “[...] à medida em que dava o meu passeio”,

[...] podia apreciar detalhes íntimos da vida familiar, de higiene corporal, cozinha ou culinária; podia observar os preparativos para o dia de trabalho, as pessoas iniciando as suas incumbências ou grupos de homens e mulheres ocupados com algumas tarefas artesanais. Brigas, piadas, cenas familiares, acontecimentos triviais, por vezes dramáticos, mas sempre significativos, constituíam a atmosfera da minha vida diária, tal como a deles.

A partir do campo e da realidade das participantes da pesquisa foram criadas as condições possíveis e favoráveis que garantisse o trabalho investigativo em profundidade como esperado. O contato e a convivência antes indireta, mas agora de forma direta na relação com os membros, foram os primeiros passos dados com firmeza, depois, o fortalecimento e estreitamento das relações profissionais junto a equipe técnica e as autoridades locais. Sem dúvida, esse procedimento possibilitou o estabelecimento da necessária aproximação com as coletividades.

A observação participante mediada de forma metodológica e técnica, ajudou destravar com eficiência as primeiras dificuldades encontradas no caminho. Falo das resistências observadas em alguns momentos do trabalho, principalmente na hora do deslocamento de um lugar para outro, a viagem do interior para a capital por parte da mãe participante do estudo. Ela demonstrou bastante medo e apreensão em participar do processo investigativo em tempo real, indicando quase sua desistência. Ainda mais por se tratar de um ambiente estranho e desconhecido para ela. Embora, tenha sido dedicado durante todas as etapas da pesquisa (acolhimento) total, recepção atenciosa e atendimento as suas demandas manifestadas antes, durante e após o processo investigativo. Com a mediação técnica e atenção direcionada para a mãe, esse tipo de dificuldade observada foi sendo superada.

Sem a possibilidade da mediação, competência, habilidades profissionais e domínio das estratégias adequadas para minimizar conflitos dessa natureza, o estudo teria sido prejudicado desde a primeira fase. Finalmente, a insegurança da mãe e as demais dificuldades observadas no dia a dia, foram enfrentadas e superadas com a mesma velocidade que surgiram.

O estabelecimento de uma comunicação direta, permanente e em tempo real com as interlocutoras (participes) da pesquisa foi de fundamental importância para o sucesso do trabalho. Obviamente, sem interferir no devido e necessário limite implicado no conjunto de coisas, relações e situações particulares da vida de cada uma. Onde os enunciados pessoais, familiares, culturais,

sociais e econômicos principalmente estiveram misturados intrinsecamente e em movimento no campo durante todo o processo de observação e narração. Muitas das particularidades individuais e coletiva como, por exemplo, as dificuldades de leitura, de escrita, compreensão dos códigos, tradução dos mesmos, essas demandas eram motivos de resistências, embora fossem repetidas e explicadas de várias maneiras, até obter o necessário entendimento das mensagens por parte das participantes. Decerto, careceu de dedicação permanente, exclusiva e diferenciada por parte da pesquisadora para observar com sensibilidade cada situação implicada no processo.

A comunicação aberta e direta permitiu sim o desenvolvimento de relações claras, sinceras, de confiança e segurança possibilitou a tomada de decisões rápidas e atitudes adequadas tecnicamente falando em momentos de fragilidades, das quais definitivamente ajudou na abertura do diálogo e dos espaços necessários para fazer uso de instrumentos. Interessadamente, em atender da melhor forma as necessidades da pesquisa. O modo de comunicação positiva tranquilizou a largada das escavações do objeto posto em evidência.

Observar o cotidiano da família, a íntima convivência entre mãe e filha, avó e netos, o grupo e a comunidade de residência foram oportunidades extraordinárias de compartilhamento de saberes que jamais serão esquecidos. Um momento gratificante em face do acolhimento pessoal e da confiança profissional entregue à pesquisadora gratuitamente. Participar das refeições, das rodas de conversas privadas, ouvir segredos, compartilhamento dos cafés noturnos e matinais, saborear os quitutes oferecidos pela família, conviver observando os motivos de alegrias, as relações de trocas, as manifestações de alegria e felicidades entre os membros, é uma memória que não cabe julgamento, apenas valor imaterial. Por outro lado, estar dentro também das situações geradoras de sentimentos diversos e angústias, das tensões e dificuldades cotidianas que eram vivenciadas em algum momento do dia. Tudo isso resumiu um intensivo e verdadeiro estágio de aprendizagens com valores imensuráveis que somente o campo e o(a) pesquisador(a) do mundo empírico, talvez, possa traduzir.

Foi também estando imerso a esse campo movimentado de coisas e situações que Malinowski (1976, p. 33-34) teve suas experiências nativas durante muito tempo de sua vida. Sobre esse tipo de experiência o autor ajuda a entender que o ato de observar a realidade, antes de tudo

[...] é necessário não só apontar as ocorrências e detalhes que são prescritos pela tradição e costumes, apresentando-os como sendo o essencial do acontecimento, mas também registrar cuidadosa e fielmente, uma após outra, as ações dos actores e dos espectadores. Esquecendo por um momento que conhece e compreende a estrutura destas cerimônias e

os principais dogmas nelas subjacentes, o Etnógrafo deve simplesmente deixar-se envolver na ambiência de uma assembleia de seres humanos e observar se estes se comportam de forma séria ou jocosa, com compenetração ou com frivolidade, se se encontram com o estado de espírito habitual ou especialmente entusiasmados, e por aí adiante. Neste tipo de trabalho, é ainda aconselhável que, de vez em quando, o Etnógrafo ponha de lado a máquina fotográfica, o bloco de notas e o lápis e intervenha no que se está a passar. Pode participar nos jogos dos nativos, pode acompanhá-los nas suas visitas e passeios, sentar-se ouvindo e partilhando as suas conversas.

A observação participante realizada nos diferentes momentos e espaços do campo seguiu determinados critérios metodológicos com o devido cuidado e rigor de uma pesquisadora académica comprometida com o seu fazer académico, mas também portadora de uma visão técnica profissional conhecedora dos procedimentos cabíveis e úteis em cada fase da mediação. Com sensibilidade e atenção aos detalhes das coisas que se moviam em sua volta, observava a vida familiar participando da convivência junto às envolvidas durante o tempo da pesquisa, depois de observar os acontecimentos e a dinâmica cotidiana registrava as informações em seu diário de campo todos os dias. Um proceder como se fosse um ritual de magia, onde as surpresas sempre aconteciam de forma inesperada. A vida da família sendo materializada no palco das relações cotidianas e observadas a olho nu.

Um diário pessoal com valor académico e técnico grandioso, mas também com significância e representação bastante importante. Se tornou um companheiro de registro e desabafo pessoal com quem a pesquisadora estabeleceu um monólogo com o esforço de construir outra forma de pensar o mundo em sua (volta), o observado durante o dia. Ali, podia em seu aposento silencioso divagar sobre as ideias refletidas sobre os acontecimentos e as coisas. Discutia, por exemplo, fazendo perguntas a si mesma, mesmo sem obter respostas imediatas, apesar de colocadas em reflexões críticas durante a noite, no dia seguinte, quiçá, por muito tempo. Um instrumento de escrita receptor de efervescência intelectual, emocional, onde a atividade mental podia guardar valiosas experiências de um campo, do qual foi sendo desvelado aos poucos e na virada dos dias e das páginas escritas. Desde o primeiro momento de sua chegada no lugar de destino foi assim, dias e noites com afazeres diferentes e conectados ao todo ao mesmo tempo.

A observação no campo seguiu um modo discreto para que nada interrompesse a normalidade do cotidiano de quem estava sendo observado, para não causar mudança no comportamento das participantes e o grupo notado. Exceto o momento das entrevistas, por ter sido este o ponto mais alto do trabalho, onde as emoções foram afloradas, a voz modificada tomara dimensões outras para poder ser registrado os conteúdos parte de “[...] alguns traços íntimos da

vida nativa, que nos trazem aqueles aspectos que só um contacto prolongado e de grande proximidade com os nativos, pode tornar familiares”. (MALINOWSKI, 1976, p. 30). Foi assim que se produziu uma observação densa e em tempo real, de forma minuciosa, sistemática, cuidadosa enquanto se gravava os dados ao mesmo tempo.

Com a finalidade de colocar em evidência máxima o objeto de estudo e a realidade investigada em movimento. Sobre o objeto produzir diferentes olhares dos aspectos da vida social das entrevistadas dentro do seu próprio contexto. Os fluxos impactados na vida de cada uma e como as consequências desses impactos afetou não somente o passado, mas também o aqui e agora. Procurando sobretudo mapear os sinais e pistas indicadoras que levasse a escavação das raízes profundas e o lastro das violências espalhadas entre os membros da mesma família. Principalmente, olhando para o mundo da mãe e filha participante do estudo. A observação ajudou sim a compreender melhor o fenômeno da violência doméstica e o incesto familiar tal qual ele se manifesta, como se constituiu dentro do grupo e se manteve por décadas. Por isso considero ser a observação direta também parte fundamental de uma pesquisa empírica.

Sobre essas técnicas, autores, como: Jaccoud; Mayer (2008, p. 255) citados por Chapoulie (1984), in: POUPART, et al. (2008), asseguram que isso tudo “[...] implica na atividade de um pesquisador que observa pessoalmente e de maneira prolongada, nas situações e comportamentos pelos quais se interessa sem se reduzir a conhecê-los somente através de categorias utilizadas por aqueles que vivem essas situações”. Dito isso, algumas preocupações no ato de observar foram lembradas pela pesquisadora de campo. Concordando obviamente com Jaccoud; Mayer (2008), as questões de ordem prática mais debatida nessa modalidade instrumental de observação gira em torno da posição e do papel da observadora ou observador, sua relação com o campo de pesquisa, o lugar da observação respeitando os procedimentos técnicos, a seleção do local, o que observar nele sem suprimir a ética e outras formalidades implicadas no processo. Todo esforço dedicado para essa etapa foi válido e necessário por que me propus produzir dados empíricos de primeira mão, fidedigno e originais procurando primeiro pensar na esperada análise qualitativa dos conteúdos a serem vistos na sequência. Então, teria que fazer o melhor possível, com total dedicação e comprometimento com o estudo.

Além de estar considerando a ideia de que:

[...] aprendemos muito sobre o enquadramento da sociedade em causa, mas não conseguimos aperceber-nos ou imaginar dentro dele as realidades da vida humana, o fluxo

rotineiro dos acontecimentos diários, as ondas ocasionais de agitação provocadas por uma festa ou cerimônia ou qualquer acontecimento particular. No momento de organizar as normas e preceitos dos costumes locais, resumindo-os a uma fórmula alcançada através da recolha de dados e declarações dos nativos, acabamos por concluir que esta precisão é estranha à vida real que nunca adere rigidamente a qualquer norma. Torna-se então necessário complementar este ponto de vista através da observação da maneira como determinado costume é posto em prática, do comportamento dos nativos mediante as regras formuladas de modo tão preciso pelo Etnógrafo e das muitas excepções que ocorrem quase sempre nos fenômenos sociológicos. (MALINOWSKI, 1976, p. 30).

Sobre isso Malinowski (1976) deixa claro que na pesquisa de campo a observação direta, preferencialmente a participante é parte essencial e constitutiva de um trabalho qualitativo dessa natureza. Definitivamente a observação adotada nesse constructo investigativo complementou de forma bem-sucedida a técnica de entrevista narrativa oral que Jovchelovich; Bauer (2002) defende enquanto modalidade segura de produção de dados. Pois, ao mesmo tempo, em que a investigadora esteve observando o campo, a realidade e o contexto das entrevistas, as participantes também estavam narrando suas histórias de vida enquanto objeto de observação.

Por isso, o tópico abaixo procura discutir um pouco mais sobre a técnica da entrevista narrativa em profundidade pensada como instrumento de coleta de dados, mas também de observação em concomitância. Assim segue.

### c) Entrevista narrativa em profundidade

As contribuições metodológicas de Jovchelovich; Bauer (2002), Granai (1964) e outros importantes autores foram referências para realização desta pesquisa. Me apropriei das técnicas de entrevista narrativa em profundidade de Jovchelovich e Bauer como base de investigação e coleta de dados empíricos. Uma vez que essa modalidade oferece instrumento mais seguro para inquérito em campo. Assim poder mapear a realidade e inquirir o objeto dando-lhes melhores condições de aprofundamento e alcance dos conteúdos nas diferentes dimensões e aspectos da vida social, assim como as particularidades individuais das participantes. Tendo em vista que o tipo de narrativa em questão gira em torno de histórias de vida esquematizada na pesquisa qualitativa.

A entrevista narrativa em profundidade é uma técnica difundida e bastante utilizada nas Ciências Sociais e Humanas, com frequente apropriação entre pesquisadores(a) e estudantes investigadores da realidade empírica.

Outro autor respeitado neste estudo é Granai (1964, p. 204), lembra que a técnica de entrevista em profundidade enquanto instrumento de coleta de dados, tem a ver inevitavelmente

num tipo de “[...] comunicação verbal” estabelecido entre a pesquisadora e participantes da pesquisa. Trata-se, portanto, de uma conversa estruturada na forma de entrevista do tipo livre, na qual o inquiridor ou a inquiridora do roteiro “[...] tem por objectivo a exploração de uma reação particular do inquirido a um determinado estímulo”. (IBID, p. 206). Neste caso, o segredo está na comunicação aberta, livre e afinada que abranja o tema e os aspectos de interesse do objeto investigado.

Com esse pensamento os autores: Jovchelovich; Bauer (2002), Granai (1964), destacam que narrativas de história de vida produzem perspectivas de mundo no ato em que o entrevistado ou a entrevistada se propõe a contar sua própria experiência. O ato de contar história envolve criação de enredos para narração dos acontecimentos ou fatos ocorridos na vida pessoal, familiar, comunitária. É preciso antes de tudo o narrador ou a narradora preparar suas estruturas mentais, emocionais, físicas, acionar os órgãos dos sentidos de modo a resgatar as memórias de forma seletiva, dar sentido e coerência a narração dos acontecimentos vividos. Esta é uma habilidade relativamente simples para narradores(a) treinados(a) em contar histórias, mas para aquelas pessoas que não estão habituadas a esse tipo de exercício, torna-se um ato bastante difícil. Por ser um momento em que a modalidade de narração produz efeitos diversos para quem estar narrando os fatos e quem estar ouvindo as mensagens. Ao mesmo tempo, exige dos (envolvidos) um pensar criativo, reflexivo, centrado nas linguagens, traduções, códigos e toda estrutura do enredo criado para a dar começo, meio e fim da própria história.

Ao perguntar do porquê que as narrativas são ricas, a resposta é porque elas se referem as experiências pessoais de uma pessoa, que procura detalhar os acontecimentos da vida cotidiana, os fatos sentidos, vividos, observados no dia a dia. A estrutura da narrativa falada envolve um contexto onde é dado os acontecimentos (sequenciais) da vida e, termina em um determinado ponto, incluindo neste, um tipo de avaliação do resultado da narração. É desse modo que a narrativa reconstrói o contexto, porque mostra o lugar, o tempo, a motivação, as orientações do sistema simbólico e prático do narrador ou da narradora que envolve o outro na escuta. Ainda que o ato de contar histórias geralmente implica em duas dimensões: a primeira é cronológica referente a própria narrativa. Tem a ver com a sequência de episódios do qual tem como arquivo a própria memória. A segunda dimensão é a não-cronológica. Esta implica na construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos ou figuração de um enredo. Preferencialmente aqueles tomados como fatos sociais ocorridos em tempo real. (JOVCHELOVICH; BAUER, 2002).



Outro elemento importante na entrevista narrativa é saber o que é o enredo. De acordo com Jovchelovich; Bauer (2002), o enredo é a parte que constitui a estrutura da narrativa. É através dele que as unidades da narração ganham sentido e movimento na voz do(a) narrador(a). O enredo fornece contexto, acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que constitui finalmente uma história. A função do enredo de uma narrativa de história de vida nesse caso, serve para definir o começo e o fim de uma experiência pessoal. Com a finalidade de ser compreendido o fato que está acontecendo ou o que aconteceu com aquela pessoa que conta sua história. Como, por exemplo, permite a compreensão dos detalhes e do todo a partir do relato de história de vida, no caso das participantes vítimas de violência doméstica e incesto familiar, enquanto fenômeno social colocado em evidência e investigação. O enredo fornece também critérios para a seleção dos acontecimentos que devem ser incluídos na narrativa. São critérios acionados pelos envolvidos na história. De um lado, leva-se em conta o modo criterioso das participantes construir estratégias para contar os acontecimentos e, por outro os critérios estabelecidos pela pesquisadora que conduz o roteiro de sua pesquisa. Nesse caso, ocorre a combinação de critérios interessando compor o enredo da história contada por um e escutada por outros.

Também os critérios ordenam uma sequência que vai se desdobrando até a conclusão da história. Ajuda a decidir o que deve ou não ser dito no momento da narração. Sabendo que o sentido da história geralmente não está no fim da narrativa, mas sim nos detalhes do processo construtivo, representativo, significativo, emocional e criativo que se desenrola no ato de narrar.

Depois de pensar o enredo, os critérios e o conjunto de elementos envolvidos na narração da história de vida, pergunta-se ainda o que é, e o que significa entrevista narrativa? Para começar é uma palavra oriunda do latim “narrare” e significa relatar, contar história. Sugere a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva do informante de primeira mão, aquele que viu, viveu, sentiu ou testemunhou o acontecimento narrado. (SCHUTZE, 1977), apud (BAUER, 2003). De fato, muitos escritos sobre narrativas de história de vida possuem enfoque analítico e significado sociológico, filosófico, educativo. Fritz Schütze citado por Bauer propõe uma sistematização para construir narrativas observando os procedimentos metodológicos utilizados em pesquisa social empírica propriamente dita. Assim, as ideias do sociólogo Schutze sobre entrevista narrativa oral tornou-se referência importante na literatura não oficial, mas depois foi considerado um método eficiente para coleta de dados de natureza particular em contextos sociais principalmente. Uma modalidade que o próprio autor criou para produzir dados em

comunidades da Alemanha durante a década de 80, especialmente para narrativas de história de vida com os sobreviventes de guerra e de outros eventos sociais de semelhante.

No Brasil, a técnica de entrevista narrativa e a sistematização dos dados com essas características olhando a proposta de Schutze (1977), apud Bauer (2003), foram utilizadas inicialmente em dois estudos no país. A primeira utilização serviu para reconstruir perspectiva de atores participantes de um projeto para fins de desenvolvimento de um *software* em um contexto corporativo. O segundo estudo com técnica de entrevista narrativa foi para investigar representações da vida pública. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

No conjunto, a entrevista narrativa iniciada por Schutze (1977), apud Bauer (2003), propõe regras gerais para a produção de dados com esse caráter. Destaca a narrativa como um esquema autogerador de ideias e de enredos criados pelo próprio entrevistado. Tem a ver com a estrutura mental de cada pessoa, com o processo semiautônomo ativado por ela em face de uma situação predeterminada pelos acontecimentos do cotidiano da vida. E isso acontece quando o informante começa a contar sua própria história, sua percepção e experiências pessoais. É um momento em que vai suscitar um fluxo de narração espontânea sem observar com rigor o volume de coisas parte da realidade ou até mesmo o contexto do qual ele se insere. Assim, o ato de contar histórias segue três principais características próprias: a textura detalhada, a fixação ou estrutura da relevância e o fechamento da Gestalt. É um processo que vai para além do esquema pergunta-resposta ou de um ato fechado de responder algo. Trata-se, quase sempre de um compartilhamento de experiências vividas conduzidas por motivações de outrem, ou como parte de um despejo pessoal como desabafo.

No modo pergunta-resposta o entrevistador tende impor determinada estrutura em um sentido tríplice de pesquisa. Primeiro, ele seleciona o tema e os tópicos da entrevista, depois ordena as perguntas, por último verbaliza as questões com sua própria linguagem. Contudo, Bauer (2003) recomenda que na entrevista narrativa o entrevistador deve seguir uma versão apenas. Obviamente, a menos imposta na direção do entrevistado, por ser esta a mais apropriada para captar a perspectiva do informante. Nesse caso, a influência do entrevistador deve ser mínima. Ainda o autor faz um alerta com relação ao ambiente de realização da entrevista, este deve ser preparado com antecedência e cuidado, de modo a eliminar as influências externas, as inseguranças e desconfortos possíveis para os envolvidos na pesquisa. Onde esquema de narração sequenciado deve substituir o esquema de pergunta-resposta em todas as fases da entrevista.

Então, o processo requer durante todo desenrolo da investigação uma observação prevenida de cada fase. Me refiro especialmente ao roteiro guia acompanhado de cautela e criatividade do(a) entrevistador(a) de campo. É quando o termômetro precisa medir o fluxo e a dinâmica da entrevista, de como estar o seu desenrolo dos enredos em cada fase do processo. Para isso o(a) entrevistador(a) precisa ter certo acumulado de experiências para controlar a medida do desenvolvimento disso.

O processo se inicia com a preparação do campo, com a observação atenta dos elementos nele implicado. Sabendo que o momento de chegada, de preparação dos espaços, da organização das coisas quase sempre é tenso, principalmente para o responsável pela pesquisa. É um momento importante para todos os envolvidos no estudo, seja para quem se aproxima do campo ou para quem o recebe dentro dele. É quando se inicia de fato a organização das ideias a serem colocadas em prática propriamente ditas. Pode ocorrer também a formulação de questões exmanentes surgidas a partir da aproximação do meio observado principalmente quando é exposta à realidade e colocado em evidência o tema de interesse e a problemática a ser investigada. O contato direto e em tempo real, de face a face entre pesquisador(a) e os envolvidos na pesquisa é o que produz conexão ou interrompe o processo. O tipo de acolhimento-recepção demandada entre si, é determinante para a realização do trabalho investigativo com sucesso ou não. Este é um dos estágios intensivos e cruciais que define a partir dali cada passo que vai ser dado no ambiente a ser observado.

Tudo isso funciona como um catalisador de energia positiva ou negativa que tende influenciar o desenvolvimento das fases seguintes. É quando refletem os interesses de cada um vinculado ao processo. O interesse e a finalidade do(a) pesquisador(a) está ali, também o motivo que leva os entrevistados a contribuir com a pesquisa, a contrapartida do campo em nome das autoridades e pessoas indiretamente envolvidas. Talvez, seja esse um dos momentos mais importantes de todo o processo prévio da entrevista, é onde a negociação acontece, os acordos são selados, a tradução de linguagens e códigos são colocados em pautas. A partir desses estabelecer o necessário diálogo antes de iniciar a exploração do objeto propriamente dito. Essa não é uma mediação simples ou fácil de proceder, são atitudes controladas que requer cuidado permanente, uma termodinâmica ativada, competências e habilidades profissionais decisivas, relações políticas acertadas e manejo suficiente para acomodação de cada demandas que o ambiente e as pessoas produzem.

Não há dúvida, é preciso superar as dificuldades de imediatas para prover as condições favoráveis em torno da realização da pesquisa, atingir com sucesso todas as dimensões da realidade e do contexto em que o objeto se insere. Significa sim construir possibilidades maduras, pontes de acesso para entrada, permanência e saída do campo quando necessário for até atingir o esgotamento das etapas do trabalho em sua totalidade. Não somente adentrar às estruturas físicas ou territorialmente falando, mas também aglutinar favoravelmente as forças invisíveis nele existente, aquelas que ninguém ver mais sente no encaminhar dos processos. Assim obter a confiança dos envolvidos na pesquisa sem resquício de dúvidas, assim como das lideranças e autoridades locais para tornar viável a realização do empreendimento. É importante co-responsabilizar todos aqueles que tem interesse no construtivo investigativo, como partícipe de um estudo em comum.

Então, a preparação cuidadosa do campo permite tudo isso, uma compreensão preliminar da realidade e do contexto relativamente compartilhado. Situar a previsão imaginável dos acontecimentos possíveis enquanto vislumbre da realização das etapas da pesquisa. É uma fase premeditada, planejada e detalhada que tende controlar o processo inicial e ir até o final da investigação. Buscando sempre a eliminação das impossibilidades DE conduzir uma produção de dados sem ingerência ou explosões surpresas. Desse modo, o(a) pesquisador(a) precisa primeiramente criar a necessária familiaridade com o campo, com os agentes diretos e indiretos, internos e externos, e assim promover aproximações preliminares e cuidadosas de forma sensível e construtiva. É importante conhecer também as regularidades e irregularidades do campo, observar os focos de riscos como prevenção, ler os códigos, traduzir os sinais e as mensagens internas para depois apresentar o trabalho. Os documentos formais, antes de serem assinados ou entregues para os envolvidos no processo, é preciso discutir detalhadamente sobre cada ponto traduzindo a formalidade escrita em diálogo aberto, claro, explicativo. De modo geral, tomar nota do todo observado, se ater para a captura de informações, duvidas consideradas importantes, boatos e relatos informais de pessoas envolvidas direta e indiretamente com o trabalho. Falo do mundo aparte que estar além das formalidades da pesquisa, mas que muitas vezes exercem fortes influências sobre os resultados e o todo proceder.

Atuar no inquérito de forma ponderada ajuda a controlar as tensões do processo investigativo, podendo o(a) inquiridor(a) inverter momentos de conflitos em circunstâncias mais suaves e favoráveis a pesquisa. Com base no roteiro de pesquisa, no inventário secundário de informações observadas e registradas no local, é possível suavizar questões exmanentes e

imanes complementando o esquema principal ou amenizando a dor alheia. Tomar anotações das linguagens empregadas pelas pessoas do contexto, a cultura local, os costumes são possibilidades recomendadas que tende desdobrar e aprofundar o assunto de forma menos tensa. Principalmente, quando o assunto envolve temas sensíveis e complexos como é o caso desse estudo.

Por isso o mapeamento e acesso ao campo permite entre outras coisas, a abertura de um processo múltiplo formal e informal colocado em prática. Onde tudo está amparado na formalidade das coisas e nos tópicos de um roteiro estruturado de forma aberta. É quando o(a) pesquisador(a) faz uso de seus instrumentos técnicos, dos equipamentos tecnológicos de apoio e toda espécie de material à disposição para capturar da melhor forma de registro dos dados que tanto procura. Usa registros em diários de campo, em máquinas fotográficas, gravador de áudio e outras tecnologias de seu domínio.

Antes de qualquer proceder deva explicar de forma clara ao informante todas as condições e informações contidas no TCLE de sua pesquisa. A finalidade do estudo, as formalidades legais e as particularidades implicadas nos itens anunciados. Enfatizar o pedido expresso para gravação de voz, registro de imagens se for o caso, as condições de segurança e tranquilidade que serão asseguradas em todas as etapas do trabalho. Evitar a interrupção de terceiros ou qualquer interferência externa é também regra decisiva no processo de realização do trabalho. Me refiro a situações que possam incomodar as pessoas envolvidas na narração principalmente. De modo geral, a explicação do TCLE é um momento de esclarecimento e acordos pré-estabelecidos entre entrevistador(a) e entrevistado(a) da pesquisa.

Na prática, o desenvolvimento entrevista narrativa seguiu algumas regras centradas nos recursos visuais e estratégicos empregados para auxiliar a produção de dados. Como, por exemplo, o estabelecimento de uma linha do tempo com endereço do local, horários e dias do comparecimento de cada entrevistada para sua narração. Foi um modo de controlar o processo de positivamente. Outra possibilidade foi a de orientar a narração das experiências pessoais e familiar de cada entrevistada iniciando o processo pela fase da infância, depois adolescência e vida adulta, teve função de segmentar o tempo da história das informantes. Foi importante centrar nas experiências vividas em cada fase da vida contada em detalhes e em profundidade por elas mesmas, sem perder o foco das etapas do estudo.

As experiências devem ter também significância pessoal, social, cultural e comunitária, onde o narrador ou a narradora possa desenvolver sua narração passando pelas memórias antigas,

estágios iniciais da sua vida, até a fase atual em que se encontra. Evitar formulações indexadas ou a valorização de datas, nomes, lugares detalhados é um cuidado que a pesquisadora teve em seu estudo. Esses devem ser informados somente pelo informante se ele ou ela considerar parte relevante de sua experiência no momento de sua fala. São regras primeiras que devem ser observadas no desenrolar de entrevista narrativa. (JOVCHELOVICH; BAUER, 2002).

Outra regra importante é não interromper o(a) narrador(a) durante sua narração enquanto o processo estiver em curso. Até que haja um claro sinal de que o assunto sobre o tema em questão terminou, não deve ser interrompido. O entrevistador ou a entrevistadora pode somente manifestar sinais de encorajamento, motivação não verbal para a continuação da narração sem interferir no processo.

Enquanto escuta é aconselhável tomar notas ocasionais para depois fazer possíveis perguntas de esclarecimento de alguma questão que ficou obscura. Esperar a conclusão do tópico ou o sinal de sua (finalização) indicado pelo(a) narrador(a). O entrevistador ou a entrevistadora deve se restringir a escuta ativa, dando apoio não verbal ou gestual demonstrando interesse enquanto ouve a pessoa falar. Somente quando receber sinal de que há algo a mais a ser esclarecido, o (coda), daí o pesquisador ou a pesquisadora poderá dar nova oportunidade de esclarecimento, ou perguntar, como, por exemplo: é tudo o que você, o senhor ou a senhora gostaria de me contar? Haveria alguma outra questão que gostaria de falar? Este é um modo em que o(a) investigador(a) tende esgotar ou fechar o assunto em pauta checando suas perguntas complementares e, também dando oportunidade de acréscimo para o(a) narrador(a).

A terceira sugestão de regras gira em torno das perguntas de apoio à pesquisa, quando é necessário levantar questões do tipo, o que, como e de que forma aconteceu o fato? Obviamente, sem insinuar opinião ou fazer questionamento sobre as atitudes reveladas no discurso pela pessoa entrevistada. Não discutir perguntas do tipo: por quê? Apenas centrar nas perguntas exmanentes para as imanentes conectadas ao tema e aos tópicos de interesse. O foco é esclarecer e explorar ao máximo os acontecimentos expostos durante a narração, instigar questões que por ventura ficaram confusas ou incompletas para entendimento claro do(a) entrevistador(a) analista. É possível também a pessoa entrevista acionar um novo esquema autogerador para explicar o evento de outra maneira.

Este é um momento de escuta entusiasmada em que o pesquisador ou a pesquisadora pode produzir seus frutos surpresas, podendo até fazer novas descobertas, outras formas de revelação

dos fatos anunciando detalhes não ditos na pergunta principal. Sendo uma forma de completar as possíveis lacunas da história. Observando as contribuições de Jovchelovich; Bauer (2002), outras regras básicas consideram importantes na fase dos questionamentos feitos em entrevistas. Primeiro, orientam não fazer perguntas do tipo: por quê? Apenas perguntas fulano: o que aconteceu antes, durante e após o evento? Procurando saber a opinião da pessoa entrevistada, as atitudes dela ou as possíveis causas geradoras do evento. Isso convida a justificação e racionalização em torno do assunto. Então, é importante ver como as narrativas aparecem espontaneamente na fala do narrador.

A segunda regra é levantar questões iminentes empregando as palavras do próprio informante. Ao mesmo tempo, centrar nos acontecimentos anunciados por ele parte do enredo da história de vida contada. Outra coisa é evitar a sensação de existir uma investigação tensa, desconfortável, que gere apreensão ou medo para quem estar narrando. Também não apontar possíveis contradições na narrativa que possa acontecer.

A quarta e última regra gira em torno da fala conclusiva da entrevista. Significa dizer que o entrevistador precisa parar de gravar as informações do roteiro. Nesse momento são permitidas perguntas do tipo: por quê e anotações das repostas do informante à vontade. Pois, é no final da entrevista com o gravador desligado que pode acontecer discussões bastante interessantes e até reveladoras na forma de comentários informais e de modo descontraído. Isso pode lançar mais luz sobre o tema e o problema roteirizado. Um momento que pode render material rico e útil para a análise e interpretação dos dados. Nesta fase o entrevistador ou a entrevistadora pode fazer as perguntas que achar pertinente para complemento da história narrada e, ao mesmo tempo, se colocar numa posição de avaliador. Assim observando o nível de confiança demonstrado pelo informante, a segurança em relatar situações novas. Essa pode ser uma percepção importante no ato de fechamento e avaliação geral do trabalho.

Ainda é aconselhável ter perto um diário de campo ou um formulário especial para as (anotações) extras e comentários informais na fase final da entrevista, como um registro pessoal das observações do(a) pesquisador(a) que servirá de consulta e apoio posterior.

Desse modo o estatuto da entrevista com narração oral do tipo que foi adotado para conduzir a pesquisa e produzir conteúdo de histórias de vida de uma mãe e sua filha, ambas participantes desta tese, esta foi a técnica mais apropriada para esse fim. Considero uma metodológica adequada que base segura e alcance dos objetivos do trabalho. Atendeu satisfatoriamente a dinâmica da pesquisa em sua totalidade, permitindo assim desenvolver em profundidade cada questões do



roteiro com a necessária segurança e tranquilidade recomendada para estudo empírico em campo. A modalidade permitiu que cada participante revelasse sua vida em detalhes, as memórias e experiências mais importantes reveladoras do objeto. Pudessem livremente narrar suas verdades ouvindo a própria voz. Tudo com a máxima tranquilidade possível, embora o momento causasse agitação do coração, ansiedade, alteração de temperatura das mãos, da face e inquietação do corpo. Um revelar de emoções corporais em palavras e movimentos possíveis de observar. Tudo dentro do necessário controle como se previa no planejamento.

O roteiro forneceu a base da organização e direção da entrevista, a sequência das questões temáticas como guia metodológico para a pesquisadora encaminhar cada etapa da narração com segurança e foco. Assim indicando a hora de iniciar, continuar e encerrar cada fase do trabalho, tornando possível o avanço e aprofundamento das questões, o diálogo aberto na interlocução colaborativa em tempo real.

A pesquisadora ao eleger a filha como sendo a primeira entrevistada a ser ouvida na pesquisa, foi uma decisão voluntária da parte dela que produziu efeito de encorajamento da mãe. A filha quebrou a suposta resistência da mãe ou eliminação de possíveis dúvidas em querer, ou não participar do trabalho. Este foi um ato singular que diminuiu significativamente as tensões sentidas e manifestadas no ambiente em função do momento de apreensão e medo. Foi uma oportunidade em que a pesquisadora também reforçou o critério da ordem de chegada.

Dessa forma a filha-participante [n.01] foi convidada a iniciar o seu processo de narração durante dois dias consecutivos até finalizar sua atividade colaborativa. O período da manhã ficou destinado para a preparação do ambiente — Casa da Mulher — no município de Igarassu/Pe, local de realização das entrevistas conforme indicado nas fotografias [n.3].

FOTOGRAFIA 3 - CASA DA MULHER DO MUNICÍPIO DE IGARASSU/PE



FONTE: Casa da Mulher de Igarassu. Local de encontro e entrevista com as participantes da pesquisa. Fotografias e figura de banners de campanha contra a violência doméstica no município. Fotografia de acervo pessoal. Autora: Josefa Janete de Azevedo, julho, 2016.

#### d) Espaço - Casa da Mulher de Igarassu/Pe

A entrevista com a filha-entrevista [n. 01] ocorreu no período da tarde, das 13 às 18 horas com intervalos de vinte minutos a cada uma hora de narração. Enquanto isso a entrevistadora aguardava a vez de entrevistar a mãe que se recuperava da viagem de deslocamento do interior do estado de Pernambuco para a cidade de Igarassu região metropolitana do capital Recife, local de realização das entrevistas. Dentro desse esquema a filha-entrevistada [n.01] deu início ao seu processo de narração sem interrupção. O intervalo de descanso para a mãe foi necessário devido ao problema de labirintite que possui e, também o tempo da viagem. Da qual levou três horas de viajando em veículo particular alugado pela pesquisadora [ida e volta], para chegar ao destino combinado, local das entrevistas, foi assim que se sucedeu.

Os dez minutos que antecederam a gravação, a entrevistadora teve uma conversa preparatória com a entrevistada [n.01], de modo a tranquilizá-la antes de iniciar o trabalho. Preparou a participante para que a mesma não se assustasse com o equipamento de gravação de sua voz, com as estruturas do novo ambiente e, por ser um espaço diferente do seu cotidiano. Que

a mesma ficasse à vontade para falar de si e de suas [experiências] relacionado ao tema no momento em que se sentisse pronta, e, ao mesmo tempo, podia suspender ou desistir da gravação a hora que desejasse sem sofrer prejuízo algum. Podia expor os conteúdos sobre sua vida da forma que achasse melhor para se fazer entender. Tivesse ciência de que não existiria ali respostas certas ou erradas, apenas a pesquisadora estava disposta em ouvir suas verdades e sobre os acontecimentos parte de sua história de vida. Foi uma conversa de alívio e calma observada para a participante. Uma conversa positiva, tranquilizadora e útil que também foi repetida para a mãe-entrevistada [n.02] posteriormente.

Nesse contexto, o diálogo informal ajudou a situar as entrevistadas no ambiente e, também diminuir o nervosismo observado no início do trabalho. Dava para perceber os batimentos cardíacos, o suor surgindo na face de cada uma ou a palidez do rosto. O estado emocional foi se revelando em cada fase da pesquisa de forma diferente entre mãe e filha. Principalmente, quando chegou a vez das questões centrais, tensas ou nevrálgicas com relação ao problema investigado. Por isso, repetidas vezes houve a necessidade de fazer pequenas pausas ou paradas periódicas para o reestabelecimento da normalidade do estado emocional das participantes como já se esperava. Embora, sempre em mente de que ali estava diante de pessoas especiais, das quais carregavam consigo marcas profundas de realidades e experiências difíceis, de um passado-presente complexo. Ciente de que estes eram momentos sensíveis que no planejamento geral da (pesquisa) pouco previa no campo. Com a sensibilidade maximizada e as experiências profissionais ativadas, ajudam sem dúvida no total controle das coisas e das situações adversas com essas características e natureza. Sem essa condição o trabalho podia facilmente desandar até mesmo numa fração de segundo. Para tal, careceu de estar preparada, atenda permanentemente e capacitada para conduzir o conjunto de coisas envolvidas no processo.

Todo investimento serviu de preparo para dar conta da árdua e complexa investigação, e isso não se adquire de um dia para outro. Requer anos de superação e lutas. Mexer com memórias alheias aparentemente esquecidas ou deixadas em stand by, talvez como estratégia do outro seguir a vida ou sobreviver com menos sofrimento, não é uma tarefa simples de realizar. O lado positivo e extraordinário é que todo o conteúdo extraído das narrativas de entrevistas, foram sendo revelados como memória viva parte de cada fase da vida e de forma espontânea apesar de um roteiro guia de orientação dos temas.

Foram momentos especiais e significativos o bastante, não somente pelo teor das histórias, mas também pelas características, dimensão e profundidade dos fatos revelados. Outro dado tem a ver com os laços de segurança e confiança estabelecidos entre entrevistadas e entrevistadora, com efeito de forte compromisso entre si, sinal de que o sentimento de cooperação mútua estava em operação o tempo todo, mesmo diante das dificuldades emocionais aparentemente reveladas. Ambas as entrevistadas resistiram e superaram suas dificuldades para continuar participando conscientemente do estudo. Isso foi grandiosamente gratificante.

O forte compromisso das participantes com o trabalho e a pesquisadora se manifestou durante todo processo de narração. Ambas sempre preocupadas com a realização plena de cada etapa da pesquisa sem medir o grau de esforço e dificuldades em reviver emocionalmente memórias, imagens e experiências individuais de um passado pensado no presente. Me refiro as situações tensas de falar sobre si, dos eventos de violências sofridas e do eu machucado de cada uma sendo exposto e observado por outra pessoa de fora do grupo. Ao mesmo tempo, saber que tudo narrado se misturava ao sofrimento coletivo vivido pelos demais entes familiares das participantes. Tudo sendo revelado na voz de uma pessoa para outra supostamente estranha que escutava e observa a realidade das vidas afetadas com certo grau de proximidade e distanciamento ao mesmo tempo. Nada mais do que uma acadêmica que manifestou interesse em ouvir, registrar e levar experiências de vida para dentro da academia. Talvez, tenha sido esse o segredo que levou o sucesso da realização da pesquisa e obter o mais elevado nível de comprometimento estabelecido entre as entrevistadas e a entrevistadora supostamente desconhecida.

Dentro da Casa da Mulher Brasileira no município de Igarassu muita coisa foi sendo revelada aos poucos no cotidiano das entrevistas, além de ser um ambiente simbólico destinado à realização do trabalho, não somente por isso, mas também por representar um local de escuta, combate e atendimento a outras mulheres vítimas de violências domésticas e sexuais registradas no município. Também, por significar importante política de estado no território nacional criada por uma Mulher Chefe do Estado Maior, a Primeira Mulher Presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff. Talvez, a simbologia do espaço represente tudo isso, uma política de estado, mas, também, uma grande mulher combatível que representa a maioria das mulheres fortes desse país que sofrem as violentadas privadas, vítimas de homens agressores, machistas, misóginos que vivem dentro dos lares contaminando as vidas. Soa como uma denúncia de que o Brasil convive

com graves problemas de violências domésticas intrafamiliar caracterizada também como violência de gênero.

O espaço destinado para realização das entrevistas — a Casa da Mulher — em suma significa um avanço no combate a esses tipos de violências por ser a cidade de referência do estudo e, também a residência de uma das entrevistadas. Embora, tenha sido observado no local a necessidade de implementação, efetivação e ampliação da referida proposta conforme as Diretrizes do Programa “Mulher viver sem violência” e *Casa da Mulher Brasileira*, quando destaca:

O Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres lançado em agosto de 2007, como parte da Agenda Social do Governo Federal. Consiste em um acordo federativo entre o governo federal, os governos dos estados e dos municípios brasileiros para o planejamento de ações que consolidam a Política Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, por meio da implementação de políticas públicas integradas em todo território nacional. O Pacto está estruturado nos seguintes eixos: 1) Garantia da aplicabilidade da Lei Maria da Penha; 2) Ampliação e fortalecimento da rede de serviços para mulheres em situação de violência; 3) Garantia da segurança cidadã e acesso à Justiça; 4) Garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, enfrentamento à exploração sexual e ao tráfico de mulheres; 5) Garantia da autonomia das mulheres em situação de violência e ampliação de seus direitos. (PROGRAMA: MULHER VIVER SEM VIOLÊNCIA, 2015, p. 10).

A Casa da Mulher em Igarassu foi indicada pela Secretária de Assistência Social do município como primeira sugestão de local de acolhimento das participantes e realização das entrevistas. Obviamente, aceito e preparado de imediato pela pesquisadora para esse fim.

Dentro da estrutura física ficou reservada a melhor sala de atendimento social, espaço restrito e mobiliado com mesa e cadeiras confortáveis destinadas para a pesquisa. Toda estrutura ficou disponibilizado: banheiro privativo, copa para os lanches nos intervalos, pátio e jardins para caminhada estratégica. Previamente a sala foi preparada em detalhes, a posição da mesa e cadeiras, quadros nas paredes e flores no ambiente, disponibilidade de água, instalações dos equipamentos de uso: gravador da voz, máquina fotográfica, cabos alimentadores de energia e baterias. Todo preparativo foi ajustado com segurança para atender da melhor forma as participantes sem dispersão do tempo no momento da gravação do trabalho.

No conjunto, a estrutura física da Casa da Mulher ofereceu amplos espaços arejados, silenciosos e seguros durante todo o tempo em que a pesquisadora esteve no local com as entrevistadas.

Sabendo que as atividades que estavam sendo realizadas ali foram transferidas para outras estruturas da Secretaria de Assistência Social do município para nada atrapalhasse a pesquisa. Foi

a declaração da secretária municipal. Nas dependências a pesquisadora contou diretamente com o apoio de um guarda particular responsável pela segurança do local durante o período de realização do trabalho investigativo; também ficou à disposição uma copeira que serviu água, café, lanches e outros serviços de copa; além da equipe técnica multidisciplinar de plantão [assistente social e psicóloga], que em caso de necessidade de assistência profissional, as entrevistadas teriam atendimento no local de imediato conforme o previsto na declaração e acordo formal estabelecido no protocolo de pesquisa.

Felizmente, o ambiente físico, os recursos materiais e humanos destinados para o trabalho fora minuciosamente preparados e disponibilizados para atender a todas as necessidades e critérios pré-estabelecidos pela pesquisa. Dando assim as condições plenas para realização das atividades com as participantes [mãe e filha] com a máxima segurança e da melhor forma.

O material de uso para realização da atividade artística-criativa também foi disponibilizado no local. Um ‘kit’ de material escolar foi entregue para cada participante, contendo: uma caixa de lápis de cor, um [grafite], uma borracha, um jogo de canetas, uma caixa de giz de cera, várias revistas com figuras, um tubo de cola, um bloco de papel sulfite.

Durante os quinze dias de permanência da pesquisadora no campo e durante a narração das entrevistadas fez uso de seu diário para anotações diárias das observações consideradas importantes.

Também fez parte das orientações gerais, antes de dar início as entrevistas, conforme combinado, pequenas pausas ou intervalos durante o período do dia e a manutenção do código de silêncio e segurança no local. Foram condições importantes que contribuíram muito para a concentração total das entrevistadas no tema de cada fase da narração.

O ambiente de modo geral ofereceu as condições adequadas para realização do trabalho em sua totalidade, com absoluta tranquilidade, satisfação e bem-estar das envolvidas.

Do começo ao fim, o processo representou momentos de trocas e enriquecimento mutuo, compartilhamento de saberes e informações, de cooperação e responsabilidades que levou a pesquisadora e as entrevistas saírem do local com tranquilidade e satisfeitas pela realização do trabalho. Principalmente por parte da pesquisadora, de ter observado que cada pessoa envolvida no trabalho de forma direta ou indiretamente se sentiu também parte do estudo e responsável pela realização da pesquisa. Algumas por terem percebido a importância do tema, sua complexidade e necessidade do estudo; outras voluntariamente se colocaram à disposição num sistema cooperativo,



mútuo e compartilhado. Finalmente, a pesquisa envolveu não apenas as participantes do estudo, mas também todo o campo.

De algum modo, todas as pessoas que acolheram a pesquisadora e o trabalho tomaram conhecimento do processo e testemunharam a fala das autoridades locais. Nos momentos em que as autoridades do município aproveitaram para fazer convite para a pesquisadora e a IES/UFPR, para conjuntamente desenvolver outras pesquisas no local e em outras comunidades da região, dando como sugestão a instalação de uma modalidade de campo de extensão itinerante para o país. Talvez, um projeto de extensão universitária com foco exclusivo para as violências domésticas e incesto familiar, com a finalidade de estudar a tal problemática em profundidade. As valiosas ideias foram acolhidas pela pesquisadora como uma possibilidade de futuramente colocá-las em prática.

E de repente iniciar novas frentes de trabalhos a partir do estado de origem das entrevistadas pioneiras do estudo em questão. Foram manifestações com esse teor de conteúdo dito de várias maneiras, principalmente vindo das profissionais do CRAS e CREAS. Nas falas sempre mencionando os arquivos repletos de processos e casos de violência familiar e sexual no município como justificativa de suas insistências para abertura de novas frentes de pesquisas e trabalhos de enfrentamento. Isso chamou bastante atenção por perceber o quão as violências domésticas no município estão afetando a comunidade toda e em ritmo acelerado. Diante disso, o que fazer para investigar o fenômeno de forma imediata e ampla? Um planejamento minucioso após o término da fase da pesquisa em curso seria um primeiro passo para conhecer as verdadeiras causas e consequências em profundidade. Depois propor o enfrentamento e combate com a mesma força que surgem os conflitos de violências dentro das famílias e da sociedade na totalidade. Esse pode ser um caminho.

Voltando ao contexto das entrevistas vale a pena situar que a produção de dados oriundos de entrevista narrativa oral, só teve alcance e realização porque houve de fato uma segurança teórica forte, metodologias adequadas com técnicas testadas, na prática. Os metodólogos, teóricos e estudiosos do tema referenciados neste trabalho que ofereceram o conjunto de conhecimentos selecionados, apreendidos e estudados durante a trajetória acadêmica e profissional da pesquisadora, aquisições importantes desde os clássicos aos contemporâneos, sem tais contribuições sequer as primeiras ideias organizadoras desta pesquisa seriam possíveis de serem pensadas e colocadas em movimento em tempo real. Os diferentes métodos e as técnicas de coleta de dados, as profícuas reflexões, questionamentos e dúvidas postas em concomitância com o fazer,



renderam sucessivas e seguras aproximações com o campo. O acesso ao conjunto de pessoas, coisas e situações envolvidas nele foram passos que verdadeiramente tornou possível a realização do processo de pesquisa com o esperado sucesso.

Foi assim que Jovchelovich; Bauer (2002) e Granai (1964) principalmente, ajudaram dar os passos na direção do campo e dos dados olhando o contexto de dentro para fora e vice-versa. Desse modo preparando e instrumentalizando a pesquisadora para enfrentar possíveis dificuldades encontradas no seu caminho com força de responsabilidade, profissionalismo e ética na pesquisa, que finalmente garantisse o necessário contato com as entrevistadas de forma positiva e digna. Do começo ao fim, essa passagem se deu de forma livre, aberta e consciente como era previsto no planejamento inicial. Acertadamente encontrei em Jovchelovich; Bauer (2002), a segurança esperada no que tange as técnicas de entrevista narrativa aplicadas na modalidade oral, assim como as demais orientações úteis das quais foram tomadas pela pesquisadora como possibilidades metodológicas postas em movimento com criatividade pessoal para obter da melhor forma dados consistentes, a altura do empreendimento investigativo e suas exigências.

Verdadeiramente os autores ajudaram a ouvir em profundidade os detalhes das narrativas de história de vida na voz das narradoras (mãe e filha), observando, sobretudo, as regras e os limites das técnicas adotadas para este trabalho. Ouvir a matriarca de uma família extensa, hoje com idade de 67 anos e, também sua filha com 36 anos. Ouvi-las narrando os acontecimentos pessoais e familiares num contexto em comum, considero de fato ser este um evento único e extraordinário ao mesmo tempo. O que significa primeiro escutar essas pessoas de forma qualificada, refletir suas mensagens e cada situação relatada de forma profunda, não apenas como a escuta de um relato qualquer, mas sim como uma real experiência de vida vivida em cada fase do desenvolvimento pessoal. Ouvir em profundidade significa refletir e entender a trama da multiplicidade de eventos de violências domésticas e sexuais sofridas dentro de casa e fora dela. Trata-se de um volume de atividades nocivas impactadas com maior força na vida pessoal de cada uma. Ora, vivenciadas num ambiente comum, ora em locais diferentes e distintos onde tudo estavam sendo praticadas pelo mesmo agressor.

Num instante em que as narradoras ouviam o tema da questão levantada no roteiro de entrevista, a pesquisadora observava seus gestos faciais, corporais e o esforço individual empregado nas vozes quase sempre apressadas, com tons agudos ou graves que informavam detalhes da trama vivida por cada uma. Um mundo de silêncio e medo guardado durante década,

mas que por um instante estava sendo posto sobre a mesa e escutado em profundidade. Na medida em que o enredo ia sendo desenrolado, o acesso da ouvinte também se ampliava e isso permitiu posteriormente construir reflexões das mensagens ditas nas diferentes formas e olhares. Onde rapidamente tudo ia sendo analisado, cada situação relatada vista como um dado importante e parte das conexões do contexto de um estudo em trânsito.

E isso fez entender as atividades de um homem agressor com idade atual de 79 anos, que exercia ou exerce papel de marido-pai de forma violenta. Um ser que não se continha em agredir a mãe de seus próprios filhos, mas também toda a prole, filhos(a) crianças e adolescentes eram vistos como alvo em potencial. Principalmente, a mãe e suas filhas adolescentes das quais foram tomadas como mulheres imaturas, de fácil acesso, frágeis pela dependência total. Ao mesmo tempo, consideradas fortes, aguerridas, corajosas por terem superado muitas de suas dificuldades e desafios para falar de si.

Foi dentro desse contexto que encontrei uma mãe e sua filha, ambas marcadas por violências domésticas desde a infância, mas também mulheres adultas tomadas de sentimentos de amor, bondade e sabedoria que tornaram pessoas fortes diante da vida e até as aparentes fragilidades de saúde. Ouvi-las, foi realmente um dos pontos mais altos das experiências acadêmicas acumuladas nesse estudo. Pois, é com essas palavras que ousa apresentar abaixo uma galeria de fotografias pessoais, interessada em demonstrar como foi o cenário preparado para recepção das participantes da pesquisa, o momento de encontro e contato, de face a face, parte da realização do trabalho.

#### FOTOGRAFIA 4 – INSTALAÇÃO DA SALA DE ENTREVISTA



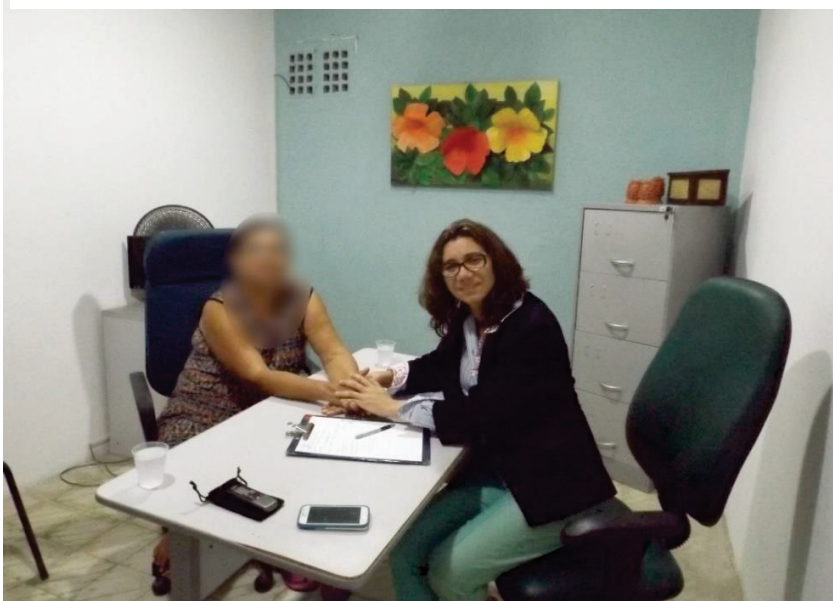
FONTE: **Organização da sala de entrevista.** Fotografia de acervo pessoal. Autora: Josefa Janete de Azevedo, julho, 2016.

FOTOGRAFIA 5 – FILHA-ENTREVISTADA [N.01]



FONTE: Encontro e realização da entrevista com a filha-participante [n. 01].  
Fotografia de acervo pessoal. Autora: Josefa Janete de Azevedo, julho, 2016.

FOTOGRAFIA 6 - ENTREVISTADA [N.02]



FONTE: Encontro e realização de entrevista com a mãe-participante [n. 02].  
Fotografia de acervo pessoal. Autora: Josefa Janete de Azevedo, julho, 2016.

Dentro do simbólico cenário da Casa da Mulher aconteceu o encontro com as entrevistadas, foram momentos emocionantes e difíceis de explicar, de expressar a riqueza das experiências vividas, compartilhadas ou de medir as emoções afloradas em cada instante que surgiam os assuntos dos temas. Foram encontros para realização de um trabalho denso, pesado pela sua natureza, dimensão e profundidade, mas também dias de gratidão, privilégios profissionais e de profundo respeito dedicado para cada uma.

Os intervalos dos cafés, as conversas informais entre uma fase e outra das entrevistas tiveram grande importância para o realinhamento das ideias e alívio das tensões geradas pelo próprio processo de narração. As interrupções foram fundamentais na estabilidade e reorientação da termodinâmica das emoções das entrevistadas. Na medida do possível, os choros mais intensos, as manifestações de tristezas, angustias, raivas, lamentos, eram quase sempre amenizados com a entrada de outros assuntos geradores de outros sentimentos, os que gerassem risos, alegrias, descontração e lembranças positivas. Serviram de paradas estratégicas nas fases mais críticas da narração.

Embora, o foco do estudo esteja voltado para os conteúdos de narração de história de vida das participantes (mãe e filha), mas, é importante também situar o grupo de inserção que ambas fazem parte. Outros filhos e filhas do casal formador da família consanguínea, dos quais são parte do mesmo grupo e do mesmo contexto em que as participantes da pesquisa estão imersas. São todos hoje pessoas adultas, cinco homens com idades atuais de: 50, 47, 46 (falecido), 42, 27 anos, e dez mulheres com idade de: 49, 48, 45, 44, 41, 37, 36, 35, 34, 33 anos. Uma coleção de filhos nascidos em gerações próximas e distantes, que em determinados momentos de sua infância e adolescência sofreram de forma individual e coletivamente, junto com a mãe biológica, uma multiplicidade de violência doméstica e abuso sexual dentro da moradia em comum. Todos(a) vítimas do mesmo agressor, convivendo entre si e compartilhando relações familiares cotidianas no mesmo ambiente de nascimento e circulação. São referências sócio-familiar consideradas importantes que fazem parte da vida das entrevistadas.

Dito isso, logo a seguir discuto metodologicamente como se deu o tratamento dos dados resultantes das entrevistas narrativas, enquanto processo de transformação de material bruto em conteúdos aptos de análises, interpretação e reflexão teórica nas diferentes vertentes dos conhecimentos adotados para pensar o tema e o problema de estudo. Assim como o processo de organização previsto nos encaminhamentos e procedimentos previamente anunciados.

#### e) Os conteúdos de entrevistas

Diante do volume de dados brutos oriundos das entrevistas, depois de transcritos, organizados, colocados a reflexão crítica e à luz dos conhecimentos teóricos e conceituais para formatação em concomitância com a análise, discussão e interpretação dos tópicos e do grande texto. Um modo de refinamento e sistematização, passando este por um processo semelhante à de uma lapidação de pedra, até transformá-lo em diamantes valiosos num constructo tradutor, objetivo, compreensível. Definitivamente, essa não foi uma atividade intelectual simples compor, uma peça que exigiu uma carga de concentração, criatividade e o domínio de um vasto dicionário tradutor de sentidos, significados e eventos diversos. Ainda em função da quantidade de mensagens ditas, de coisas misturadas e situações observadas nas narrativas e no campo, com aparência de infinidade de informações durante todo o processo de observação e investigação do objeto, chego a seguinte constatação: a meu ver, esta foi a fase mais importante e dolorosa do estudo. Justifico. É que em face do conjunto de conteúdos e temas diversos resultantes da metamorfose dos dados brutos, depois de serem transcritos, lapidados e organizados em categorias e subcategorias, até chegar ao pronto de proceder a análise, a dor da exaustão e da importância da atividade intelectual acompanhou a tessitura de cada texto nunca sentido em outras fases da tese. Nenhuma parte do constructo exigiu tanta dedicação, exaustão mental e dissecação quanto esta. Sem o tratamento do primeiro texto em condição bruta para transformá-lo em escrita fina, traduzida, organizada em tópicos aptos de análises, certamente não seria possível a finalização do trabalho como estar sendo apresentado aqui. Menos ainda, a crítica e interpretação acadêmica com estudo científico validado pela empiria dos fatos.

Sem dúvida, o que a pesquisadora buscou no campo foram os dados brutos, as informações continuadas, descontinuadas ou soltas para depois colar as partes, fazer as conexões do contexto e das histórias de vida das informantes. Desde que tudo fosse de primeira mão, e assim aconteceu quando os conteúdos se apresentaram

[...] com a descrição de uma grande instituição multifacetada e com a qual se relacionam variadíssimas actividades associadas entre si. Para quem reflecta sobre o assunto, tornar-se-á claro que a informação sobre um fenómeno tão complexo e com tantas ramificações não poderia ser obtida com algum grau de exactidão e perfeição sem uma interacção constante entre tentativas construtivas e verificações empíricas. (MALINOWSKI, 1976, p. 27)

Ainda concordando com Malinowski (1976), a “[...] recolha de dados concretos sobre uma vasta gama de factos é, portanto, um dos pontos principais no método do trabalho de campo”. (p. 27). E após as transcrições da volumosa quantidade de material bruto vem a transformação de dados em conteúdos diversos, com assuntos e temas variados sobre o problema de investigação. Depois de traduzidos, sistematizados em tópicos, organizados e decodificados em categorias componentes das análises, objeto de interpretação crítica e reflexão em profundidade sobre a problemática. É uma fase com múltiplas atividades e em concomitância.

O conjunto de dados levantado neste estudo faz parte de um contexto particular de informantes de primeira mão. De relatos de experiências de violências domésticas múltiplas colocadas em evidência nas vozes ecoadas dentro de uma sala restrita, onde a pesquisadora fez sua escuta qualificada durante todo processo de narração. Ouviu muitas histórias, queixas, reclamações, relatos de situações graves impactadas de forma diferente e semelhante nas vozes agudas, destonante, forte ou fraca, baixa ou alta emitida por uma e outra participante, como um abalo significativo impactado no corpo e n’alma falante. Principalmente, quando observadas as experiências vivenciadas individualmente, mas compartilhadas entre si e na relação com o agressor.

A construção dos conteúdos de narrativas de história de vida a partir do resgate de memórias individuais passadas e recentes, foram estratégias metodológicas importantes que permitiu levantar dados com densidade, dimensão e profundidade de modo a entender a raiz, o lastro e os nexos das violências domésticas e dos abusos incestuosos colocados em práticas nas diferentes fases da existência das vítimas e do grupo todo. A ponto de mostra como se dava a produção, manutenção e perpetuação das violências no cotidiano da família durante décadas.

Na medida em que os conteúdos das histórias de vida iam sendo narradas, o motivo do silêncio das vítimas, os segredos tabus criados como esconderijos pessoais, o detalhamento dos fatos domésticos e as experiências de violências vividas dentro de casa, aos poucos se revelava com o avanço da investigação. Em cada etapa da escuta e transcrição dos dados, os blocos de materiais surpresas capturados nas gravações mostrava a dimensão e os detalhes do problema. Tudo sendo escutado novamente, de forma devagar e apurada. Ali, os assuntos e os temas foram desvelados com precisão e nexos, organizados em categorias e textos dignos de análises. Conteúdos com revelações inéditas se mostrando como um grande nó a ser desamarrado, explicado e analisados a luz das teorizas considerando a quantidade de coisas ditas de uma vez só. A exposição de um lugar onde as violências domésticas aprisionaram e silenciaram as participantes e a família



durante décadas sem ter direito a própria voz. O rito de da escuta girou em torno de uma quantidade de coisas misturadas que apareciam de várias maneiras e formas em cada questão anunciada pela pesquisadora e respondida individualmente pelas informantes.

As violências domésticas dentro da família foram tomando volume desproporcional, se diversificando em modalidades múltiplas e, ao mesmo tempo, sendo armazenadas, hospedadas nas vidas dos membros como uma espécie de freezer-prisão acionado no nível máximo para congelamento e imobilidade dos corpos. Com efeito, produzindo uma paralisia mental, emocional e física mantida pelo silêncio e o medo por tempo indeterminado. Depois de décadas e gerações de filhos(a), somente com o advento da entrevista narrativa para esta tese, o silêncio, os segredos particulares e os acontecimentos familiares foram sendo mostrados nas vozes corajosas e determinadas das vítimas do cárcere privado. O silêncio, o medo, a dependência e a insegurança do agressor produziu efeitos paralisantes na vida da família e das participantes que se manifestava em suas (narrativas) deslocamento do curso normal até os dias atuais. Finalmente, as travas paralisantes foram vencidas pela coragem pessoal de expor uma realidade fortemente escondida que possivelmente ainda não passou. Uma vez a realidade exposta para sempre conhecida.

Os conteúdos de história de vida detalham vários aspectos da existência pessoal, familiar, social, cultural de cada entrevistada, de forma rica e contextualizada. Obviamente, seguindo o traçado e a organização prevista nos três momentos da narração, cuja conexão esteve orientada pelo roteiro da entrevista sobretudo. Cada tema-problema colocado na forma de pergunta aberta seguiu critérios metodológicos partindo das questões mais abrangentes para as específicas. A abrangência de cada tema envolveu perfil, contexto sócio-familiar e cultural das participantes. Assim, fui afunilando o assunto para as mais específicas, nestas centrando as relações de convivência e intimidade entre ambas e grupo, assim como com o agressor. Tendo como finalidade encontrar a esperada resposta para o objeto da pesquisa, seus objetivos e pressupostos defendidos no capítulo metodológico da tese.

Enfim, no conjunto dos conteúdos busquei identificar e analisar os aspectos da vida social das entrevistadas de forma ampla e profunda, as relações de convivência com o agressor e no interior do grupo, uma aproximação permanente até chegar as (micro) experiências pessoais de cada uma, onde as intimidades aconteciam no cotidiano da vida privada. Interessada em capturar sinais de representação e caracterização dos rituais de violências naturalizados dentro da moradia, ou indícios de que tais práticas vinham sendo exercitadas desde o berço, incluindo a (fase) juvenil



da vida das vítimas. Me refiro aos episódios contínuos de violências visibilizadas e invisibilizadas pelo medo plantado dentro da família e na vida de cada participante. As práticas que envolviam intenções de sexo predatório, incestuosos, tomadas por atos de sedução paternal e, ao mesmo tempo, movimentadas por relações de vergonha pessoal de suas próprias vítimas, mantidas em silêncio graças o medo de exposição, das ameaças de punição em detrimento da desobediência ou frustração do agressor. Foram conteúdos de narrativas de entrevistas com esse tipo de mensagem que o estudo ofereceu um vasto material, com densidade desejável, rico em detalhes, autêntico na essência e respondente das questões levantadas nesta tese.

Falando nisso, Malinowski (1976, p. 30) recomenda que:

[...] os resultados devem ser dispostos em tabela numa espécie de carta sinóptica, visando a sua utilização simultânea como instrumento de estudo e como documento etnológico. Com a ajuda destes documentos e da análise dos dados reais é possível perspectivar com clareza o contexto da cultura. Este método pode ser designado como o método da documentação estatística através de provas concretas.

Foi pensando nas palavras de Malinowski que organizei o conjunto de dados qualitativamente falando, obviamente sem deixar de usar outras metodologias complementares para quantificação dos códigos de referência. Buscando, sobretudo identificar, como, quando e de que forma as práticas de violências foram sendo misturadas à vida cotidiana do grupo e de que maneira tais discursos tomaram corpo e força de “naturalização” dentro da família. Para isso, careceu a sistematização da totalidade dos conteúdos, depois, organizá-los em categorias e tecer o enredo analítico ao todo complexo da vida das entrevistadas em família. Olhar para as individualidades, as relações de intimidades, a cultura e o contexto, as experiências pessoais de cada uma, para finalmente produzir a necessária reflexão dando representação, significado e sentido ao todo narrado. Nada mais que isso.

Então na sequência discuto a atividade analítica dos conteúdos baseado no referencial metodológico de escolha, considerando as apropriações utilizadas para refletir e discutir os dados oriundos das entrevistas narrativas já anunciadas.

#### f) Transcrição dos dados

Jovchelovich; Bauer (2002), pensam a análise de entrevistas narrativas como uma técnica de produzir histórias e, é aberta aos procedimentos analíticos no que tange a coleta de dados. Nesse

sentido, apresentam diferentes procedimentos que pode ajudar o pesquisador ou a pesquisadora na análise das histórias coletadas na entrevista narrativa. Também tomam como referência a análise temática e estruturalista proposta de Schutze.

Primeiro inicia com a transcrição dos dados como o primeiro passo. Nada mais do que a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas.

O nível dos detalhes das transcrições depende da finalidade do estudo, de repente pode ser importante focar nas características para-linguísticas, como, por exemplo, o tom da voz, as pausas observadas pela entrevistadora, isso transfere significado e representação dos eventos das questões em movimento no ato da leitura, análise e interpretação dos dados. São transcritos importantes que lavou a analista estudar as versões do narrado e as conexões parte das histórias de vida das participantes do estudo. Não apenas como conteúdo, mas também contexto, cultura, lugar de fala e a forma retórica.

Apesar da transcrição ser cansativa, tensa e monótona muitas vezes, mas o conjunto dos dados sem recorte é útil para se ter uma boa compreensão do material na sua (totalidade) produzido no campo, depois, vem a fase da seleção das partes centrais do texto. A transcrição feita pela entrevistadora, de forma contínua e pausadamente proporcionou um fluxo rico de reflexões, conceitos e ideias que ajudou significativamente na análise e interpretação dos conteúdos. Conforme a recomendação de Schutze (1977) apud, Bauer (2003), a própria pesquisadora ou o pesquisador responsável pela pesquisa deve transcrever os dados capturados no campo, já que será ela(o) quem irá proceder com a análise e estudo efetivamente. Sendo este é um modo dela(o) novamente se deslocar (mentalmente) para o campo e reviver o processo. Chama atenção para o caso da transcrição ser feita por outra pessoa. Contudo, é preciso tomar os cuidados com a qualidade dos conteúdos transcritos para que não excluir ou deixar de registrar os detalhes, ou partes importantes do estudo. Principalmente se o contratado para o serviço tiver interesse comercial apenas.

Schutze (1977) apud, Bauer (2003), propõe seis passos para analisar de entrevista narrativa. Primeiro, propõe a transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal. Depois, implica na divisão do texto em material indexado - a quem faz o que, quando, onde e por quê. O material não indexado - os que vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada sabedoria de vida. As proporções não indexadas podem ser de dois tipos: descritivas e argumentativas. Descrições se referem: como os acontecimentos são sentidos e experienciados,

aos valores e opiniões ligados a eles e, as coisas visuais e corriqueiras do cotidiano vivido pelo narrador. A argumentação se refere a legitimação do que não é aceito pacificamente na história e a reflexão baseada nas teorias e conceitos sobre os acontecimentos.

No terceiro passo, o autor indica o uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, o que Schutze chama de trajetória.

No quarto, trata-se das dimensões não-indexadas do texto, onde são investigadas como análise de conhecimento. São as opiniões e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e incomum, são estas bases que se constrói teorias operativas, são elas comparadas com elementos da narrativa, pois representam o auto entendimento do informante.

No quinto passo, compreende o agrupamento e a comparação entre trajetórias individuais. Finalmente, o sexto. Este, é a última comparação dos casos, onde as trajetórias individuais são colocadas dentro de um contexto e as semelhanças são estabelecidas. Este processo permite a identificação de trajetórias individuais e coletivas.

Compreender uma história é captar o desenrolar dos acontecimentos descritos, as redes de relações e sentidos que dá a narrativa sua estrutura na totalidade. É o enredo que organiza os episódios em uma história coerente e significativa. Isso é vital na análise.

Jovchelovich; Bauer (2002), consideram que as narrativas são partes do mundo de fatos, são factuais como histórias narradas, é assim devem ser consideradas. Respeitar a dimensão expressiva das narrativas, a representação do contador de histórias e a representação do mundo vista por ele(a). Os autores sugerem a divisão do processo de pesquisa em dois momentos: no primeiro, a tarefa do pesquisador social é escutar a narrativa de um modo desinteressado e reproduzi-la com todos os detalhes e considerações possíveis, como indicadores de qualidade da entrevista. É nesse momento do processo da pesquisa que se implicam as proporções. Quer dizer: a narrativa privilegia a realidade do que é experienciados pelo contador de história, tende referir-se ao que é concreto para quem conta os fatos. Outra dimensão é que as narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas. Elas propõem representações/interpretações particulares do mundo.

Outro aspecto, é que as narrativas não estão abertas a comprovação e não podem se simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas. Elas expressam a verdade de um ponto de vista de uma situação específica no tempo e espaço. Por último, as narrativas estão sempre inseridas nos contextos sócio históricos. Uma voz específica, em uma narrativa somente pode ser compreendida

em um contexto mais amplo, nesse caso, nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referência.

No segundo momento, os autores contribuem dizendo que as narrativas biografias devem ser situadas em relação às funções que elas possuem para o contador de histórias sobre um mundo além do delas.

O pesquisador ou a pesquisadora que é ouvinte e observador sabe que a história possui sempre dois lados. Tanto representa o indivíduo quanto o mundo além dele. É preciso sensibilidade para perceber as imaginações e distorções que figura toda a narrativa humana, prestando atenção à materialidade de um mundo de histórias. É importante antes de entrar no campo estar equipado com materiais adequados para que possamos compreender e dar sentido as histórias produzidas *in lócus*.

#### g) NVIVO 11- Decodificação de conteúdos

O NVivo 11 é um Software utilizado em especial pelas Ciências Sociais para decodificação e categorização de conteúdos em pesquisas qualitativas e mistas. Ao ser manipulada suas ferramentas de busca, o programa localiza palavras exatas e sinônimas com significados semelhantes ou distintos no bloco de conteúdos selecionados para verificação. Uma ferramenta tecnológica que ajudou a pesquisadora a decodificar conteúdos oriundos de entrevistas narrativas produzidas no campo de sua pesquisa empírica. Uma metodologia que auxiliou no processo analítico e interpretativo dos dados. Expôs de forma segura informações, dados, sentimentos, situações e conexões invisíveis ou em estado oculto misturado aos conteúdos da entrevista, que passaram despercebidos na análise tradicional realizada ao olho nu. Com as ferramentas do 'software', descobertas importantes foram sendo reveladas com visualização de gráficos, tabelas, percentuais e mapas nos resultados dos testes.

O Programa deu suporte importante para o enriquecimento do processo analítico, possibilitando outros olhares para o mundo invisível não identificados pela pesquisadora, de modo a enxergar os sentidos ocultos das palavras, o detalhamento preciso na análise dos dados, que manualmente seriam impossíveis de serem vistos. Não somente por isso, mas também pela quantidade de informações implicada em cada questão. O uso desta ferramenta de busca, consulta e decodificação foi de grande valor e utilidade para definição de palavras chaves consideradas

importantes em cada fase do trabalho. Sem dúvida, o ‘software’ ampliou a reflexão do tema, elevou o aprofundamento e enriquecimento do estudo. Passo a passo foi apontando as surpresas e os conteúdos respostas ao objeto e objetivos da pesquisa. Certamente, esta ferramenta encontra-se disponível no curso de Ciências Sociais da UFPR, para uso e consulta da comunidade acadêmica e de seus pesquisadores.

Finalmente, o texto categorizado e codificado, as informações capturadas foram colocadas em fase de análise, considerando a frequência de palavras, os significados implícitos e a carga de sentimentos em torno delas. Mostrando assim quantas vezes foram ditas com palavras exatas ou derivadas na voz da narradora entrevistada. Isso sendo representado numa estrutura textual em face dos temas-questões significativas e representativas para elas. Os dados puderam ser ilustrados em gráficos, discutidos analiticamente e fundamentado a luz das teorias sociológica, antropológica e da educação.

#### h) Análise dos conteúdos

No processo analítico adotado neste trabalho foi tomado como base metodológica e conceitual as contribuições de Pollak (1992), suas discussões sobre memórias e narrativas enquanto categoria de análise em pesquisa qualitativa; e Bardin (1995), por fornecer uma melhor compreensão sobre "[...] análise de conteúdo enquanto técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação". (p. 19). Sabendo que a análise dos dados em si, corresponde a última etapa de um estudo dessa natureza, é parte de um percurso longo com alcance e sucesso de outros processos anteriores a este, obviamente dentro do mesmo esquema metodológico de origem. Assim, ao iniciar o artesanato analítico, interpretativo, reflexivo e crítico desta tese, terminantemente careceu de uma concentração maximizada por parte da pesquisadora analista, da qual teve novas formas de contatos na apuração dos conteúdos já tratados, organizados em categorias e prontos para serem pensados em profundidade ou intelectualmente centrifugados.

Nesse caso, a análise de conteúdos de entrevistas narrativas se deu a partir de uma nova escuta ativa ou das (várias) rés escutas das mesmas nas diferentes mensagens transcritas, ou melhor, dizer, das falas decodificadas, materializadas na escrita e cuidadosamente colocadas em um novo patamar de hierarquia de texto, tendo em vista a estruturação dos temas. A seleção das informações

correspondentes, o que de fato foi selecionado como sendo material importante para o objeto no ponto de vista da pesquisadora, por ser ela a mente pensante, reflexiva e crítica perante as exigências de seu objeto. Se caracteriza como um ato de leitura densa, posta em processamento cognitivo e intelectualmente falando, aquilo que foi dito nas linhas e entrelinhas pelas respondentes. Resumidamente, o ponto de partida da análise gira em torno do pensado-falado empiricamente por alguém, que sofreu ré escuta qualificada e, ao mesmo tempo, interpretada de outra forma e por outros ângulos.

São informações empíricas colocadas à prova e em evidência de modo a serem traduzidas, explicadas ou criticadas baseadas nas teorias clássicas, ou contemporâneas dos diferentes autores. A análise de conteúdos propõe um verdadeiro reencontro premeditado entre as partes envolvidas, o texto, o pensamento da pesquisadora e o objeto de pesquisa. Talvez, seja um artesanato multidialectal representando a acomodação de conflitos de toda ordem, sem desorientar a atividade intelectual e prática colocadas de frente numa arena onde não existe vencedor. Apenas revelações de realidades, contextos de fatos e experiências do vivido no passado e no presente das pessoas falantes e ouvintes ao meso tempo, imersas em seus contextos.

Visto que em May (2014), a análise qualitativa de conteúdo começa com a ideia de processos ou contextos sociais onde a tarefa da(o) analista torna uma leitura ampla, é um momento em que enxerga para além das informações ditas, mas também traduz os sinais, os códigos, emoções e o todo simbólico implicado nas mensagens. Contudo, o texto é abordado a partir do contexto de sua produção, que, seleciona o que é relevante para o trabalho. Foi aí que a pesquisadora realizou sua atividade intelectual para criar semelhanças, diferenças, regularidades e ordenamentos dos conteúdos para responder as questões do objeto da pesquisa.

Para organizar os dados e definir as categorias de reflexão a partir das narrativas das participantes, a pesquisadora, além da categorização sistemática se apropriou do Programa Nvivo para ajudar nessa tarefa com outras abordagens metodológicas. Trata-se de uma ferramenta tecnológica na qual ajudou na categorização e decodificação dos conteúdos, assim possibilitando melhores condições de análise das informações reveladoras do estudo.

Nesse sentido, leva-se em conta o que Bardin (2009, p. 123) diz sobre esse tipo de encaminhamento técnico. A autora reconhece que “[...] nem todo o material de análise” está em condição de ser sistematizado com precisão objetiva e, nem sempre são capturados a olho nu, por isso a pesquisadora careceu de suporte de ferramentas tecnológicas para visualizar o mundo oculto

escondido e misturados aos enredos. É preciso cuidar disso para produzir reflexões coerentes com a realidade e análises críticas com responsabilidade sem cometer erros ou distorções interpretativas. Que de fato a realidade do campo e as informações produzidas nele sejam apuradas com a mais elevada seriedade e cuidado com as objetivações construídas a partir das subjetividades. E assim, o mundo investigado tal qual ele se materializa no campo e na vida das pessoas. Em meio a tudo isso, a “[...] análise qualitativa enfatiza a fluidez do texto e do conteúdo no entendimento interpretativo da cultura.” (MAY, 2014) apud, (ERICSON, et al., 1991, p. 50). Com isso May (2014) contribui lembrando que um texto é resultado de transcrição de entrevista ou de anotações em diário de campo correspondente aos eventos que o descreve.

Scott (1990), diz também que numa análise o analista precisa considerar quatro critérios para avaliar a qualidade das evidências disponíveis a partir das fontes documentais ou dos conteúdos produzidos no campo, de modo a obter a necessária segurança analítica do processo. Primeiramente, discute sobre a autenticidade do documento ou dos conteúdos (objeto) de análise, se este é ou são genuínos e concisos. Depois, destaca a credibilidade como uma condição importante na pesquisa, se há evidência dos fatos, se o ato de revelação é sincero, livre de erros, sem distorção ou evasiva; o terceiro critério discute a representatividade, se de fato o documento é típico, atípico, se as pessoas fornecedoras das informações são informantes confiáveis. Por último, o significado do documento ou dos dados, conteúdos (objeto) de análise, se os mesmos têm clareza e é compreensivo para o(a) analista.

Observando os critérios anunciados acima, é importante dizer que além dos conteúdos de entrevistas narrativas (principal) objeto de análise, foram também aproveitadas as informações registradas oriundas de observações diretas e do diário de campo, técnica e instrumento que serviu complemento para captura dos dados. Aquilo que foi registrado nas conversas informais, antes, durante e após as entrevistas com as participantes. Tem a ver com a comunicação com outros membros da família, com a vizinhança próxima, a comunidade local, as autoridades locais, as profissionais do CRAS, CREAS e da Casa da Mulher, instituições parceiras e colaboradoras deste trabalho. São informações (extras) e adicionais do campo que serviu para o enriquecimento da análise, relativamente foram incorporadas ao texto ou consultada a fonte quando se fez necessária esclarecer alguma questão de pertinência.

No que tange a apresentação dos dados, May (2014) apud, Platt (1981b, p. 60), destaca que um dos métodos é o de recorrer à exposição de todo o material que substantia a ideia que ele deseja



defender, ou seja, refere-se as informações respondentes ao questionamento do objeto de estudo. Outra possibilidade é fazer o uso literal de notas de rodapé para indexar elaborações sobre o texto de forma concentrada. Para isso, o autor sugere três maneiras de tornar uma posição intermediária entre apresentação total dos dados e um apelo à autoridade. Uma das estratégias é fornecer um relato do método utilizado no início da pesquisa. A segunda é dar um relato do método detalhado conforme cada conclusão alcançada. Na terceira, o pesquisador ou a pesquisadora pode empregar um estilo ilustrativo como estratégia de apresentação final.

Recomenda que os dados devem ser apoiados com a utilização de exemplos específicos, no estudo em questão, a pesquisadora utilizou entre outras estratégias, a demonstração de atividade criativas-artísticas das participantes para ilustrar as categorias de análise e responder as questões do objeto.

Tudo isso ajuda o(a) pesquisador(a) sistematizar os resultados do trabalho detalhando como se deu a “[...] análise de comunicações: lexicometria, enunciação linguística, análise de conversação, documentação e base de dados, etc. [...]”. Isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática”. (BARDIN, 2009, p. 27: 51). Diante do conjunto de coisas e atividades anunciadas em cada tópico, no item abaixo destaco como se deu o processo de transcrição dos dados seguidos de análise em concomitância.

## 1.5 ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Considerando que este é um estudo familiar com entrevista narrativa em profundidade, o rol de questões foi dividido em três momentos conexos das entrevistas. Na primeira parte abordei questões mais abrangentes, de ordem geral ao mundo social, pessoal e coletivo da entrevistada e do grupo, na segunda e terceira as perguntas específicas sobre o dia a dia da família, o cotidiano das relações de convivência, intimidades e experiências das vítimas com o agressor. Cada momento compôs uma sequência de questões para apoio e condução das entrevistas. Em alguns momentos, as questões do roteiro foram reformuladas no sentido da melhor compreensão das participantes. Nesse sentido, segue os enunciados e foco de cada momento.

### a) Primeiro momento

1. Traçar o perfil e o contexto sócio-familiar das participantes verificando dados sobre

idade, filiação, escolaridade, ocupação, situação conjugal, local e condição de moradia, número de membros da família de origem, número de membros da família atual (filhos/a, idade, sexo, escolaridade, paternidade), confissão religiosa, ente materno mais importante da infância à vida adulta, idade que se separou da família de origem, com a separação, local onde foi morar, com quem, quanto tempo ficou separada da família e comunidade de origem, percepção de classe social pessoal, da família de origem e atual. A finalidade é localizar o lugar e a posição dos sujeitos dentro e fora do grupo familiar, observando a lógica da estrutura social concebida.

2- Investigar a percepção e a noção que as participantes têm do que é família, quem é a sua família, que importância tem, o que representa, o que é ser pai, ser mãe, quem são os pais biológicos para ela, para a família de origem e atual, para a comunidade, qual é a autoridade dos pais dentro e fora da família. Esse objetivo levará em conta a trajetória de vida das participantes, as experiências e a convivência com os pais, a família e a comunidade, da infância à vida adulta, dentro e fora do lar.

3- Resgatar as memórias e experiências vividas pelas participantes dentro da casa dos pais, lembranças do lugar onde nasceu e viveu a infância e adolescência, considerando os aspectos positivos e negativos desse estágio. Com relação às pessoas, os sons, lazer, cheiros, sabores, paisagem, o simbólico, as coisas/objetos, atividades, os sentimentos preservados da convivência familiar e comunitária.

4- Investigar sobre os valores que as participantes receberam dos pais, da família e da comunidade, os códigos de honra e vergonha sobre corpo, sexualidade, afetividade, valores morais, religiosos, educacionais, éticos, políticos, econômico-produtivos, que influenciaram no seu comportamento e na vida adulta. São dimensões importantes para compreender os aspectos da vida cotidiana. Envolve o modo de viver e conviver consigo, com a família e com o mundo.

5- Produzir narrativas sobre relacionamentos sociais, afetivo-amorosos, de intimidade que as participantes vivenciaram e construíram da infância à juventude. Sobre a vida escolar, as amizades, descoberta da sexualidade, namoro, entrada na vida adulta, vida profissional/trabalho, casamento/companheiro e família. Entendendo como se deram os processos do desenvolvimento social e pessoal que fizeram parte de sua história de vida.

6- Reservar um tempo de 30 minutos no final da primeira etapa da pesquisa, para convidar as participantes a representarem de forma livre e criativa, uma memória, imagem mental, emocional, pessoal-íntima, podendo ser positiva ou negativa, que foi vivida na infância ou na

adolescência, que tenha sido significativa para a sua vida. Para essa atividade a participante poderá representar a sua memória com desenho, pintura, colagem de figuras, poesia, música, dentre outras, que corresponda a suas lembranças. E anexado à expressão criativa produzida, deverá descrever o significado da imagem criativa.

#### b) Segundo momento

1- Investigar o entendimento que as participantes têm do que é violência doméstica, o que sabe sobre o tabu do incesto, o que é violência sexual incestuosa, e o que entende caracterizar-se como crime sexual.

2- Levantar as narrativas sobre as memórias e experiências de violência doméstica e violência sexual incestuosa que cada participante vivenciou, viu, ouviu e sentiu dentro e fora da casa dos pais, na relação com a família entre pai, mãe, irmãs, irmãos e a comunidade.

3- Investigar detalhadamente, como foi, quando foi, onde foi, quanto tempo durou e de que forma aconteceram os atos de violência sexual praticado pelo pai biológico contra filha vítima. Que memórias e experiências de violências vividas e sentidas marcaram a sua infância e a adolescência dentro da sua família. Que estratégias (modos operantes) o seu pai utilizava para lhe seduzir e praticar abusos e violência sexual.

4- Conhecer os ritos e rituais dos acontecimentos familiares que marcaram a vida pessoal das vítimas, que ainda é vivo.

#### c) Terceiro momento

1- Produzir narrativas sobre os motivos e motivações que determinaram a separação das vítimas com relação ao grupo familiar. O que aconteceu, como foi o processo, lugar que foi morar, com quem, que idade tinha, o que aconteceu com a vida pessoal até atingir a fase adulta, qual era o meio de subsistência.

2- Conhecer como está a atual relação da vítima com os seus pais biológicos e a família de origem.

3- Desvelar se houve outras situações de violência sexual doméstica e práticas sexuais incestuosas sofridas pela vítima, após ter saído de casa. Se positivo, como foi, quando foi, com quem foi, o que aconteceu, o que sentiu, o que pensou da vida e da situação, e como superou a

violência.

4- Suscitar as memórias, se as vítimas, ao serem abusadas pelo pai biológico, falaram do ocorrido para a família ou alguém próximo. Se pediram ajuda, como reagiram aos ataques do pai, como lidavam com os atos de sedução e intimidade sexual dentro da família. Que mensagens eram transmitidas, recebidas, interpretadas por elas, o que o pai falava, o que prometia, quais atitudes tinha perante a mãe e os demais irmãos, quem viu os atos de abuso, quem suspeitava ou ficou sabendo da violência sexual sofrida.

5- Investigar se as participantes sabiam de outros casos de violência sexual ocorrido com outras irmãs dentro do lar. Se positivo, de que forma ficou sabendo, qual era o sinal de alerta, como era tratado o assunto dentro da família, com a mãe e os irmãos. De que forma as vítimas se protegiam para não engravidar, para evitar doenças sexuais, se teve algum tipo de doença. Qual era o quadro de saúde psicológica, física, emocional.

6- Investigar qual foi a atitude tomada pela família e pela mãe biológica das vítimas. Após a revelação do abuso sexual, o que decidiu fazer com relação à filha vítima e o pai agressor. Buscando entender como a mãe reagiu dentro da família após os fatos, identificando o lugar e a posição que a mãe ocupava dentro do lar, sua autoridade com relação ao pai e as filhas. Se o agressor foi afastado do lar, foi denunciado, o que aconteceu dentro da família após o abuso.

7- Investigar se a violência doméstica e o incesto sofrido na infância e na adolescência afetaram e/ou afetam as participantes da pesquisa na relação com os filhos, marido/companheiro, autoimagem, autoestima, segurança pessoal, na relação com a família de origem e com a comunidade. Buscando entender as dificuldades encontradas na vida real, sobre a percepção de si e dos outros.

8- Produzir narrativas sobre o modelo de família de origem que as participantes tiveram, considerando aspectos das relações de poder, autoridade a partir das cenas de violência sexual doméstica incestuosa vivida no cotidiano, se o modelo de família de origem foi reproduzido na atual família das vítimas.

9- Investigar se em algum momento da vida das participantes, tiveram ou buscaram ajuda, ou apoio profissional para tratar da violência sofrida na família. Se tiveram o apoio, de quem foi, quando, por quanto tempo. Caso contrário, por que não tiveram, e se tiveram essa necessidade.

10- Conhecer os motivos impeditivos que interferiram na denúncia criminal do pai agressor, se as vítimas tiveram, têm ou não têm o desejo de denunciá-lo, que dificuldades

encontraram ou encontram para oficializar o processo.

11- Produzir narrativas de como as vítimas descreveriam a sua vida atual, como agiriam se caso uma filha ou filho viesse a sofrer violência sexual doméstica e incesto familiar dentro, ou fora do seu lar. Se já desconfiou de algum ato de abuso sexual na família atual, se sim, por parte de quem, onde, quando, como foi e como reagiu com relação ao filho e agressor.

12- Investigar qual é a percepção das vítimas com relação às regras do tabu do incesto, que implica na proibição de atos sexuais entre pais e filhas/os, se para elas as regras significam segurança e proteção das/o filhas/o com relação ao pai biológico, parentes ou pessoas próximas. A finalidade é entender como funcionam a cultura do tabu do incesto no imaginário feminino materno e na família.

13- Investigar as vítimas levando-as a imaginar o seu passado, e se pudessem voltar ao tempo, o que fariam de diferente na trajetória de suas próprias vidas, com relação aos pais e irmão, o quê e por quê.

14- Investigar se as participantes tiveram ou têm conhecimento de que a mãe biológica sofreu algum tipo de violência sexual e violência doméstica na infância e adolescência, de quem e como foi. Se as filhas vítimas presenciaram atos de violência praticados pelo pai biológico contra a mãe dentro e fora do lar.

15- Conhecer as narrativas das vítimas, se sofreram alguma crítica e/ou julgamentos sociais, morais, psicológicos por parte da família e comunidade, após terem sofrido violência sexual do pai, de quem, quando, de que forma, como foi.

16- Reservar um tempo de 00h30 minutos no final da terceira etapa da pesquisa, para convidar novamente as participantes a representarem de forma livre e criativa, uma memória, imagem mental, emocional, pessoal-íntima, podendo ser positiva ou negativa, que foi vivida na sua juventude e vida adulta, que tenha sido significativa para a sua vida. Para essa atividade, a participante poderá representar a sua memória com desenho, pintura, colagem de figuras, poesia, música, entre outras, que corresponda a suas experiências vividas. Com isso, anexando a produção criativa, a descrição do significado das imagens materializadas.

17- Finalizar a investigação deixando o tempo e a palavra livre para que as participantes da pesquisa expressem suas mensagens finais, podendo ser avaliativa com relação ao conjunto do trabalho e da pesquisadora. Podendo expressar livremente o que faltou e consideram importante para a pesquisa, a pesquisadora e a sociedade, de como se sentiu participando do estudo e

respondendo às densas questões.

Neste capítulo, a pesquisadora procurou situar o método, a metodologia e os procedimentos planejados e adotados para a pesquisa, buscando refletir os tópicos à luz da epistemologia, dos autores metodólogos e práticos e das experiências já adquiridas no campo. Dito isso, anuncia o passo seguinte para o aprofundamento das categorias de análise levantadas neste trabalho como forma de abrir o espaço para a reflexão do problema e o aprofundamento do objeto investigado.

## **PARTE II**

## **2 CENÁRIO E REFLEXÕES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA FAMILIAR NO BRASIL**

Inicialmente, a finalidade deste capítulo é apresentar o fluxo da violência doméstica familiar e sexual no Brasil praticada por homens contra mulher-mãe e seus filhos, que vivem em situação de risco e vulnerabilidade social dentro dos lares brasileiros, contudo, sem deixar de enxergar quem são seus agressores (participes) desses contextos. Nesse sentido, serão observados os dados que quantificam os tipos de violência doméstica com foco no abuso sexual e incesto familiar que apontam os relatórios oficiais.

Abre-se assim a discussão para reflexão dos conteúdos quantitativos e estatísticos divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA/2014-2017), a partir das Notas Técnicas e do Atlas da Violência no Brasil. Outras fontes também foram consultadas por disponibilizarem dados e informações específica-complementares, para fim de problematização e reflexão do tema e do objeto desta pesquisa de tese. A Secretaria de Defesa Social do estado de Pernambuco (SDS-2017), órgão que também divulgou seus números de casos de violência sexual e estupro praticados contra a mulher no primeiro trimestre deste ano, uma vez que a família estudada é originária do interior desta unidade da federação.

Ainda fez parte do conjunto de dados discutido e apresentados mais adiante as informações do Balanço da Violência contra a Mulher, dados divulgados pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e do Ministério da Justiça e Cidadania, a partir das notificações, orientações e encaminhamentos dos casos, por meio da Central do Ligue 180 no ano de 2016, por ser um canal de atendimentos às denúncias de violências contra a mulher em todo território nacional.

As informações quantitativas levantadas para esse estudo são tomadas como ponto de partida para discutir além do tema e o objeto de pesquisa, o paradoxo que recai sobre a questão das modalidades quantitativas e qualitativas de estudos disponíveis para consulta no âmbito nacional. Visto que os conteúdos qualitativos verificados nas fontes e bancos de dados do país acusam poucas pesquisas de tese de doutorado e dissertação de mestrado que aprofundam e investigam a questão da violência doméstica e o incesto familiar no Brasil. São poucas as pesquisas e menos ainda os pesquisadores que investigam o assunto.

Chamo atenção para esse fato. De um lado, encontro um grande volume de dados quantitativos e estatísticos revelados pelas fontes de consulta, razão que causa aflição e angústia



em função dos números alarmantes na ordem crescente sobre violência doméstica e sexual praticada por homens contra a mulher em todo o país, e, por outro lado, as poucas pesquisas qualitativas dispõem de conteúdos em profundidade sobre o assunto. São apenas oito pesquisas qualitativas encontradas no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, enquanto que os relatórios e gráficos de pesquisas quantitativas são divulgados trimestralmente, semestral e anualmente, quase com datas afixadas no calendário nacional. Uma quantidade significativa de instituições são as divulgadoras de números alarmantes e crescentes cada vez mais. Por que não investigam os casos quantitativos, qualitativamente falando?

Embora, os indicadores terem sua importância nesse momento, por permitir visualizar a dimensão da realidade no país ainda que estatisticamente, ciente de que os números apresentados são dados superficiais, acredito que de fato não revelam a realidade da violência doméstica e sexual incestuosa praticada contra o mundo feminino, tal qual ela representa e se perfaz no cotidiano dos lares brasileiros. Pelo contrário, revela apenas um saldo parcial da realidade pela ausência de estudo, pesquisa e aprofundamento que revele o que de fato é esse fenômeno.

Sabendo que cada caso acumulado nos números indica uma história de vida e um mundo violado que infelizmente os dados não revelam a raiz, a dimensão, as características e a profundidade em sua plenitude. Nesse caso, somente a pesquisa qualitativa pode descamar a superfície e as profundezas do mundo que atinge cada mulher e sua família agredida por homens (pai e marido) violentos. Problematizar esse paradoxo e contraditório acadêmico, científico, social, é algo que incomoda bastante, principalmente, por ser um campo que deveria ser dominado pelas ciências humanas e sociais, por estudar os indivíduos vivendo em sociedade. Embora, a avalanche de dados estatísticos não faça parte diretamente dos encaminhamentos planejados para esta pesquisa, apareceu como problema que precisa ser discutido em outra oportunidade.

O interesse nos dados é o de colocar em evidência o retrato quantificado da realidade, mesmo que seja na forma superficial para pensar o problema que se estende com força no campo empírico. Por isso, neste momento são apresentados os gráficos e indicadores de tipos e características das violências que afetam a vida das vítimas. Sendo assim, segue abaixo os tópicos deste capítulo.

## 2.1 DADOS QUANTITATIVOS: O QUE REVELAM OS ESTUDOS?

Desfiar o tecido humano na complexidade das relações sociais que estruturam, produzem e mantém graus de violência doméstica familiar com foco no incesto, significa estar preparada(o) para tomar soco no estômago o tempo todo, não somente por se tratar de eventos que causam resistência, repulsa e sentimentos variados, talvez pelas limitações de encontrar solução definitivamente assertiva de curto prazo, dizer e explicar o que é, o que fazer de imediato, qual decisão tomar para solução da causa do problema na raiz, interessando atenuar o nefasto impacto causador de tantas marcas e dores em mulheres vitimizadas com seus filhos. Esse não é um tema e um assunto leve ou de fácil tato. É complexo e de difícil começo, meio e fim.

A violência doméstica é um campo de alta complexidade não somente pelas condições dadas em função da realidade das vítimas, mas, também implica em problema de acesso e manejo com os conteúdos carregados de conflitos, medos, silêncios, segredos, ameaças e toda sorte sofrida pelas vítimas. Afinal, falar de si e de suas experiências vividas, significa expor também as máscaras de seu agressor, que quase sempre vigia e pune quem fala e quem se aproxima. Por isso, talvez, seja uma das causas ou motivos das poucas pesquisas de campo realizadas no Brasil, o porquê dos poucos pesquisadores (a) que conseguiram ou conseguem acessar o campo para pesquisar temáticas e assuntos dessa natureza.

As pesquisas e estudos indicam os esforços dos pesquisadores (a) corajosos (a) preocupados (a) com a questão da qual estou me referindo. O que produziram até aqui, é o que temos de referência para olhar os casos do lado de dentro da vida das vítimas. São informações de suma importância independentemente da modalidade metodológica de coleta de dados, têm valor e preciosidade para a construção do mosaico de corpos violados, muitas vezes banhados de sangue, cicatrizes, sofrimento e morte. Infelizmente, os dados numéricos indicam primeiro que essa é uma realidade que está presente em todas as regiões do Brasil, decerto representa uma amostra simples do que acontece no mundo das micro-relações humanas que os grupos e as famílias constroem.

A discussão dos dados e conteúdo de pesquisas anteriores é fundamental para a problematização deste trabalho de tese, não somente pela quantidade de eventos de violências observados nas leituras, análises e discussões dos relatórios quantitativos, principalmente, pela apropriação dos conteúdos que ajudam a pensar o problema e as categorias de análise como

estratégia da ação a ser desenvolvida posteriormente no capítulo das análises das narrativas de histórias de vida das participantes.

Então, cada tópico apresentado no corpo do trabalho expõe um aspecto da realidade que revela o campo, os sujeitos, as experiências, os cenários e os enredos da violência doméstica como um fato recorrente de ordem social onde tudo acontece de forma misturada.

As características das vítimas, do agressor, os prescritos na legislação e no código penal, as práticas de violência doméstica com foco no abuso sexual e estupro a partir dos depoimentos de denúncias. Tudo isso faz parte do constructo reflexivo como linha de prioridade neste trabalho.

O conjunto de informações e conhecimentos já produzidos sobre violência doméstica e abuso sexual incestuoso, desde a década de 80, contribuiu fortemente para descamar a realidade até onde se sabe atualmente. É parte de um universo cercado de subjetividades que escondem vidas, corpos, histórias reais que existem por detrás dos números expostos, mas ninguém vê as faces e o interior das coisas. Além disso, as estatísticas tendem a homogeneizar uma violência contra a mulher como se os eventos acontecessem na (forma) padrão, para todas as vítimas. Nada disso, em cada vida impacta um conjunto de sentenças e cada sentença atinge pessoas diferentes. Por isso, é preciso revelar o mundo invisível dos dados que escapa da vida privada, talvez seja esse o primeiro passo ou o momento necessário que leve a acrescentar esse trabalho.

Daí surge os questionamentos de ordem qualitativa sobre violências dentro da família investigada objeto desta tese. Algumas inquietações foram problematizadas por ligar-se a outro processo investigativo envolvendo a mesma família. Questões do tipo: Como a violência doméstica impactou o corpo e a sexualidade das vítimas? De que forma foi produzida e mantida a violência no lar? Como se deu a forma de subjetivação e institucionalização da violência? Que tipos, características e que dimensão tomou na vida das vítimas? Foram questões pensadas e relativamente analisadas na recente pesquisa intitulada “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, a partir do inventário documental produzido pelos próprios membros de forma auto-descritiva. O estudo traz uma referência importante por estar também conectado aos conteúdos quantitativos de interesse e reflexão nesta pesquisa de tese em desenvolvimento.

O trabalho monográfico soma a base de informações e consultas, no sentido de contribuir com reflexão e análise dos conteúdos de histórias de vida das participantes, onde se propõe a localizar a raiz, mapear o todo e as partes enquanto processo de investigação sobre violência

doméstica. Então, veremos o que revelam as informações quantitativas no tópico a seguir sem deixar de discutir qualitativamente a violência doméstica e suas manifestações.

### 2.1.1 Dados do IPEA-FBSP e SDS

O <sup>5</sup>Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas — IPEA e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública — FBSP/2017, que divulgaram o Atlas da Violência no Brasil em junho de 2017, informam que “[...] em 2015, 4.621 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que corresponde a uma taxa de 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres”. (ATLAS, 2017, p. 36). Quando observado os dados entre os anos de 2005 e 2015, a mortalidade de mulheres negras teve aumento de 22% com relação às mulheres brancas no mesmo período, “[...] chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras, acima da média nacional”. (IBID, p. 37). Ou seja, 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil no último ano eram negras, isso caracteriza a evidência de que a letalidade contra as mulheres no país está combinada não somente com a desigualdade de gênero, mas, também, com o racismo étnico.

A máquina da violência praticada contra a mulher revela um quadro epidêmico grave. A fatalidade feminina não desassocia as demais formas de violências antes praticadas contra ela, o assassinato de mulheres torna-se apenas uma das opções escolhidas pelos homens para supostamente resolverem seus problemas internos. Não se pode deixar de alertar que a violência fatal sempre vem acompanhada de rituais de antigas agressões físicas, sexuais, morais, psicológicas, patrimoniais, que a mulher sofre antes de morrer.

Por isso, os estudos, pesquisas e a ampliação do sistema de rede de assistência e atendimento à mulher (saúde, proteção social e justiça criminal), tornam-se fundamentais nesse estágio da sociedade. Junto a tudo isso, trabalhar para o desmantelamento, desnaturalização e mudanças de mentalidades de homens machistas, sexistas, racistas, violentos que insistem com hábitos cruéis dentro dos lares.

Informa o IPEA/FBSP (2017), que em 2016, a pesquisa encomendada “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, pelo Datafolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, sobre representatividade da violência contra a mulher no âmbito nacional, “[...] 29% das

---

<sup>5</sup>Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA **Atlas da Violência no Brasil de 2017**. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2017.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf). Acessado em: 9 de jun. 2017.

mulheres brasileiras relataram ter sofrido algum tipo de violência no país”. (ATLAS, 2017, p. 38). Sendo que apenas 11% das mulheres participantes da pesquisa procuraram denunciar o agressor na delegacia da mulher. Apontou também que 43% dos casos de agressão mais grave aconteceram dentro da residência das vítimas.

O mapa agudo que expõe a gravidade da violência praticada por homens contra mulheres, tem a ver com a ausência histórica de educação de gênero negada pelas políticas públicas e de estado no país, pelo contrário, o tipo de educação absorvida pela cultura, só reforçou as desigualdades de gênero existentes dentro das famílias e dos diferentes grupos que compõem nossa sociedade. A consciência da necessidade de mudança do comportamento individual e coletivo para reconstrução das relações sociais e de convivência possível requer o desenvolvimento de “ações e programas multissetoriais e multidisciplinares” que desconstruam o que foi solidificado nos séculos vividos. Para isso, faz-se necessário o envolvimento de toda a sociedade, acreditando que a erradicação da violência e do feminicídio depende dessa conformidade consciente.

Outro aspecto da violência contra a mulher é a sexual e o estupro. Em 2014, o IPEA divulgou em sua <sup>6</sup>Nota Técnica (n.11), uma radiografia dos estupros no Brasil baseada nos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação-SINAN, gerido pelo Departamento de Análise de Situação de Saúde- DASIS, da Secretaria de Vigilância em Saúde — SVS, do Ministério da Saúde- MS. Estimou-se que em 2013, quando o IPEA levou a campo um questionário sobre vitimização, no âmbito do Sistema de Indicadores de Percepção Social –SIPS, que “[...] a cada ano no Brasil 0,26% da população sofre violência sexual, o que indica que haja anualmente 527 mil tentativas ou casos de estupros consumados no país, dos quais 10% são reportados à polícia”, como registro de crimes. (NOTA TÉCNICA-IPEA, 2014, p. 6). Apesar dos problemas metodológicos que divergem as fontes divulgadoras de dados, mesmo assim os indicadores acendem o sinal, um alerta na direção da sociedade e atenção para os dados apresentado no Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública-FBSP de 2013. Do qual apontou que “[...] em 2012 foram notificados 50.617 casos de estupro no Brasil”. (IBID.).

Ainda a mesma Nota Técnica-Ipea (2014, p. 6), aponta que em 2011, “[...] foram notificados no SINAN 12.087 casos de estupro no Brasil”. Desse universo, “[...] 88,5% das vítimas eram do

---

<sup>6</sup> Nota Técnica n. 11/IPEA/2014. Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde. Disponível em: < [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/140327\\_notatecnicadiest11.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf)>. Acessado em: 9 de jun. 2017.

sexo feminino, mais da metade tinha menos de 13 anos de idade, 46% não possuía o ensino fundamental completo”. (IBID, p. 7). De modo geral, o documento indica que em 70% dos estupros no país as vítimas eram crianças e adolescentes.

O Atlas da Violência no Brasil n. 17 publicado pelo IPEA-FBSP/2016, destaca outras informações a respeito da violência de gênero no Brasil. Considerando o ano de referência de 2014, o documento revela que 4.757 mulheres foram vítimas de mortes por agressão naquele ano, ou seja, um saldo de treze mulheres assassinadas por dia no Brasil. O conjunto de dados torna aguda a preocupação quando se observam as informações do Balanço da Violência contra a Mulher, produzido pela Central do Ligue 180 e pela Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República. Esse balanço indica que em 2016 foi registrado um total de 52.957 casos de denúncias de violências praticadas contra a mulher, na sua maioria ocorridas dentro dos lares brasileiros. Desse universo, 77% das pessoas denunciante afirmaram ser vítimas semanais de agressões e, 80% dos casos o agressor tinha vínculo afetivo com a vítima, era: marido, namorado e ex-companheiro. Sendo que 80% dessas vítimas eram mulheres que declararam possuir filhos pequenos. Dentro do contexto familiar, 64% desses filhos presenciaram ou também sofreram as mesmas violências dentro do lar.

Já na <sup>7</sup>Secretaria de Defesa Social – SDS/2017 do estado de Pernambuco, o seu principal jornal, o “Diário de Pernambuco” divulgou o mais recente cenário da violência no estado, informando que foram registrados 497 casos de estupros, de março a janeiro. Somente no Recife e na Região metropolitana foram 165 casos em março, outros 155 em fevereiro e 177 em janeiro. No interior do estado teve o total de 246 casos registrados. Sendo, 89 em março, 80 em fevereiro e 77 em janeiro. Caruaru situado no agreste apareceu com maior registro de crimes, foram 17. Em segundo lugar no ranque, a cidade de Ipojuca localizada na Zona da Mata Sul, somou 12 casos. E, em terceira posição, aparece Garanhuns também no agreste, com 11 estupros.

O estado de Pernambuco foi colocado em evidência neste tópico, embora o conjunto de dados e informações seja geral, mas, nesse caso, Pernambuco é estado de origem das participantes da pesquisa. Uma vez que, a região da zona da mata situa a cidade de origem da família estudada

---

<sup>7</sup> O **Jornal Diário de Pernambuco através da Secretaria de Defesa Social (SDS)** publica a soma de 497 casos de estupro registrados de janeiro a março do ano de 2017 no estado de Pernambuco. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/04/17/interna\\_vidaurbana,699463/pernambuco-soma-497-casos-de-estupro-de-janeiro-a-marco-deste-ano.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/04/17/interna_vidaurbana,699463/pernambuco-soma-497-casos-de-estupro-de-janeiro-a-marco-deste-ano.shtml)>. Acesso em: 1º de maio, 2017.

nesta tese e a região aparece na terceira posição no ranque, como sendo uma das regiões com maiores reincidências de casos de estupro do estado.

O assunto da violência doméstica e sexual no país é complexo e os resultados numéricos são graves, embora estejam representando a superfície do problema.

Como cenário nacional, segundo o Sistema de Informações do Ministério da Saúde, em 2014 foram registrados 59.627 homicídios no Brasil. A cada 100 mil habitantes a taxa de homicídios é de 29,1. Este é o panorama com maior número de homicídios já registrado no país.

Expor a realidade em números macro quantitativos atualizados periodicamente, como forma de situar o problema, que por razões adversas é tema de investigação desta tese, pouco falam sobre o real vivenciado pelas vítimas dentro dos lares. Incluindo, portanto, o contexto e a realidade da família estudada em questão. Mostrar esse drama numérico aquém da realidade concreta é a finalidade e desafio deste tópico.

Pois então, na sequência abre-se pontos considerados sensíveis para a problematização do tema olhando as implicações geradas por agressores que vivem relações de violências com suas vítimas, e ao mesmo tempo compartilhando contextos e moradias comuns.

### 2.1.2 Dados do Ligue 180

Os dados divulgados pela <sup>8</sup>Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e pelo Ministério da Justiça e Cidadania, apresentam o balanço da violência contra a mulher, realizado pelo Ligue 180. Apontam que no ano de 2016, foram realizados 1.133.345 atendimentos a mulheres em todo o País. O percentual de 51%, foi superior ao registrado no ano de 2015, quando 749 024 mulheres foram atendidas pela central.

De acordo com balanço, os atendimentos realizados em 2016, 53,69% corresponderam à prestação de informações; 24,01% (272.149) a encaminhamentos para outros serviços como: Polícia Militar (190), Polícia Civil (197) e o Disque 100, da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Outros 12,38% (140.350) corresponderam a relatos de violência. Dentre eles, 50,70% diziam respeito à violência física; 31,80%, violência psicológica; 6,01%, violência moral; 1,86%, violência patrimonial; 5,05%, violência sexual; 4,35%, cárcere privado; e 0,23%, tráfico de pessoas. Desse universo, as mulheres negras (pretas e pardas) representam a maioria das vítimas (60,53%), seguidas pelas mulheres brancas (38,22%), amarelas (0,76%) e indígenas (0,49%).

---

<sup>8</sup> Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Balanço da violência doméstica contra a mulher no ano de 2016**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>. Acessado em: 05 de jun. 2017.



De acordo com o balanço, 65,91% dos casos, as violências foram cometidas por homens com quem as vítimas têm ou tiveram algum vínculo afetivo: atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes das vítimas. Os dados também apontam que a violência de gênero marca, mutila e mata milhares de brasileiras no âmbito doméstico e familiar, mas, também, alcança os filhos e filhas. O registrado no 1º semestre de 2016 pelo Ligue 180, revela que 78,72% das vítimas de violência doméstica possuem filhos, e que 82,86% desses presenciaram ou sofreram violência.

Desde março de 2014, o Ligue 180 atua como disque-denúncia, com capacidade de envio de denúncias para outros órgãos oficiais ligados a rede de investigação e proteção das vítimas. Com essas novas atribuições já foram encaminhadas 136.977 denúncias. Desse total, 71.586 (52%) foram enviadas ao Ministério Público e à Segurança Pública no ano 2016.

Após pouco mais de 10 anos de promulgação da Lei Maria da Penha, os dados confirmam que a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 se consolidou como um importante canal de informações e de relatos sobre a violência contra as mulheres, em especial a violência doméstica e familiar.

Dos 67.962 relatos de violências registrados na Central entre janeiro e junho de 2016, 86,64% se referiram a situações de violência previstas na Lei Maria da Penha. Dos pedidos de informações recebidos, 25% correspondiam à Lei Maria da Penha, o que demonstra a relevância da Lei 11.340/2006 e do Ligue 180 para o empoderamento das mulheres e para a garantia do acesso à justiça.

A Lei tem contribuído para uma maior conscientização da sociedade sobre o fenômeno da violência de gênero, dado que cada vez mais amigos, familiares e vizinhos acionaram o Ligue 180 a fim de relatar situações de violência sofridas por mulheres. No primeiro semestre de 2016, 32% dos relatos não foram registrados pelas próprias vítimas, mas por pessoas próximas.

A maioria das pessoas que denunciaram alguma forma de violência contra as mulheres em 2016 foram as próprias vítimas (67,24%). O Ligue 180 é majoritariamente procurado por pessoas do sexo feminino. Mesmo quando a pessoa que realiza o relato de violência não é a vítima, as mulheres (80,13%) predominaram na quantidade de pessoas que buscaram a Central em 2016.

Desde sua criação em 2005, a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 já registrou 5.965.485 atendimentos. (GOVERNO FEDERAL. SECRETARIA DA JUSTIÇA. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e o Ministério da Justiça e Cidadania, 2016).

De acordo com as informações do balanço da violência contra a mulher, divulgado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e Ministério da Justiça e Cidadania, os dados do Ligue 180 de 2016 no Gráfico 1, revelam os tipos de violências sofridas pelas vítimas no cenário nacional. São números e estatísticas alarmantes o suficiente para afirmar que a violência doméstica e suas ramificações não são realidades simples de serem enfrentadas ou de fáceis soluções, pelo contrário, os dados só expõem o quão grave e complexas são as violências domésticas no país.

Homens com mentalidades carregadas de impulsos agressivos, violentos, descontrolados e em crise de identidade de sua masculinidade talvez, revela o grau desacerbado de selvageria e crueldade contra pessoas, suas famílias, mulheres e filhos. No cotidiano destilam ódio de gênero, de classe, dirigem ofensas, agridem com preconceito de cor de pele, com atitudes de intolerância social. Desde as crenças religiosas, ideologias políticas, até as crises de ciúmes e dominação total

contra filhas, esposas e mulheres alvos. Cometem abusos sexuais, estupros, amordaçam, encarceram os corpos, ameaçam as vidas, agredem e matam suas companheiras e mães de seus filhos. Surtam violentamente com atitudes doentias, patológicas ou anômalas dentro dos lares e por onde coabitam. São seres que persistem manter o modo de pensar e agir contra a família e a sociedade regrada por convenções e leis, raramente sofrem punições severas pelos seus atos. Esses tipos de homens que cometem agressões múltiplas contra a ordem e o corpo feminino, obviamente, atingem não somente a superfície de sua condição de gênero supostamente frágil, mas, imensuravelmente afetam a dimensão psicológica, moral, a dignidade, o íntimo do eu na forma mais profunda da condição humana. A vida pessoal e familiar da vítima adquire marcas e memórias negativas.

Uma mulher que vive ou viveu experiências de violência junto com seus filhos, todos aqueles que experienciaram ou testemunharam as violências, estes, permanecerão marcados certamente por toda a vida. As memórias não se apagarão jamais. Qualquer condição de vida pessoal ou familiar misturada com violências domésticas, ou de rua, por si só já é uma situação de extremo risco e vulnerabilidade social, que em tempos atuais se apresenta cada vez mais grave e frequente dentro dos lares, dos grupos e na sociedade brasileira, independentemente da tipologia ou face em que se apresenta. É uma influência malsã que atinge e prejudica a todos de forma direta ou indiretamente.

Nesse sentido cabe voltar a reflexão do porquê que as violências públicas ou privadas permanecem tão presente nas vidas humanas? E se mantem operantes e protegidas? Então analisemos os gráficos 1 e 2, revelam isso.

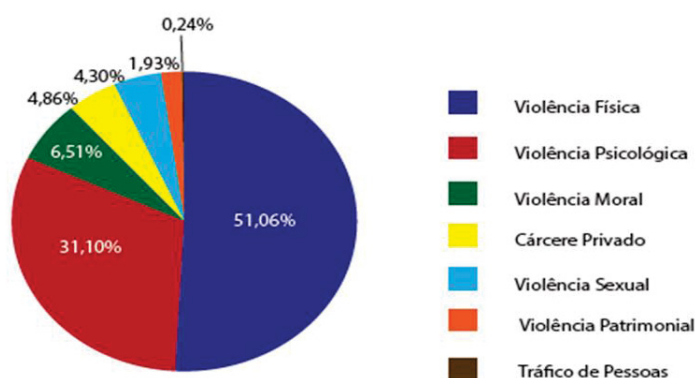
Observa-se nos gráficos que a violência física está no topo das representações com maiores índices de casos seguidos das violências de ordem psicológica. Do universo de 67 962 de relatos de violências registradas no primeiro semestre de 2016, 34 703 foram praticados contra o corpo físico, com (51,06%); 21 137 dos registros foram de violências psicológicas, com (31,10%). O dano moral foi de 4 421 casos, representando (6,51%); 3 301 foi caracterizado como cárcere privado, (4,86%); 2 921, de violências sexuais, (4,30%); 1 313 relatos de posse de patrimonial das vítimas, com (1,93%). Por último, 166 casos de tráfico de pessoas, significando (0,24%). Na prática, a violência física, oriunda de agressões e espancamentos está no topo. Contudo, o agressor não pratica apenas um tipo de violência contra suas vítimas, suas atividades são múltiplas e em série. Atinge não somente o corpo físico da pessoa agredida (mulher, criança, adolescente),

geralmente em condição mais frágil fisicamente falando, além do corpo visível afetam também o psicológico, o estado emocional e moral fragilizando principalmente a auto estima da pessoa, plantando traumas e medos. Os dados do relatório apontam que do primeiro semestre de 2015 para o mesmo semestre de 2016, houve variações dos tipos de violências registradas no sistema de informações. Houve aumento de 111% no número total de relatos de violência e 142% de registros de cárcere privado, uma média de dezoito registros por dia.

Nesse mesmo contexto e universo, a violência sexual expõe ainda mais a realidade dentro das famílias no âmbito nacional.

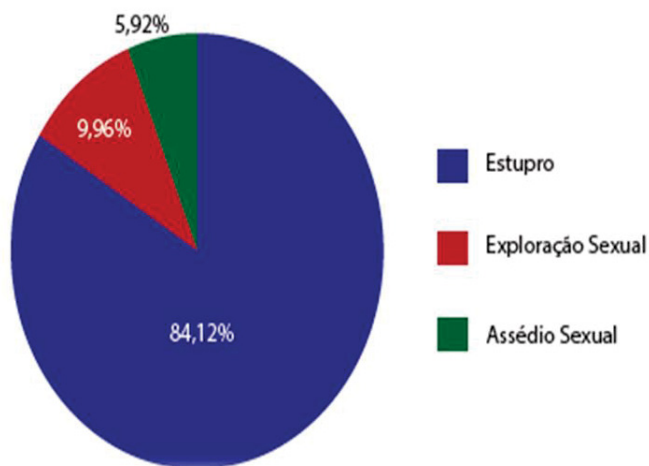
Do universo de 2 921 relatos de violência sexual registrados no primeiro semestre de 2016, 2 457 são relatos de estupros (84,12%); 291 de exploração sexual (9,96%); 173 de assédio sexual no ambiente de trabalho (5,92%). Os dados do Gráfico 2, mostram que a violência sexual é também física e psicológica, então, qualquer tipo de violência praticada contra uma pessoa em condição desigual, de fragilidade e de dependência, afeta profundamente o ser para o resto da vida. O documento destaca que no primeiro semestre de 2015 para o mesmo semestre de 2016, houve um aumento de 123% do número total de relatos de violências sexuais, como: estupro, assédio, exploração sexual. Somando uma média de 16 registros a cada dia. Teve também aumento de 147% para os casos de estupro, indicando uma média de 13 relatos diariamente. Por último, 28% foi o número de relatos de exploração sexual, cuja média mensal é de 48 registros. (LIGUE 180/SPM/2016).

GRÁFICO 1 - TIPOS DE VIOLÊNCIA



FONTE: Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180->

GRÁFICO 2 - TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL



FONTE: Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016.  
Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de->

### 2.1.3 Vítimas, tipos e características das violências

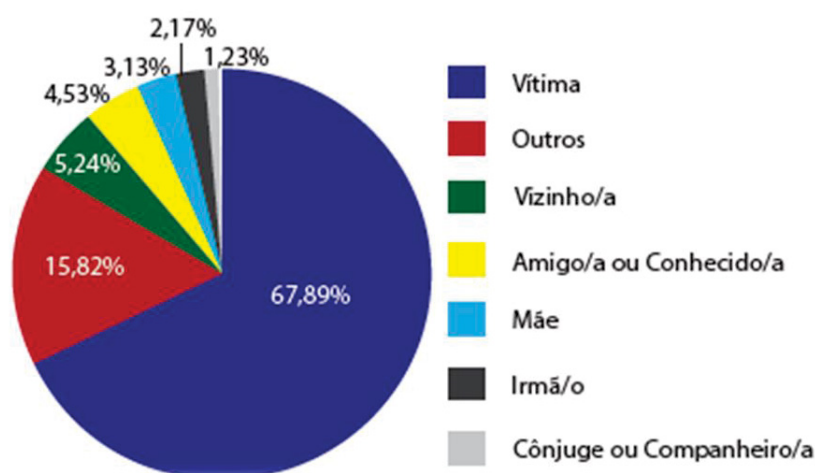
Não basta expor os dados quantitativos e estatísticos sobre violência doméstica no estado bruto ou parcial onde a realidade se revela, além disso, é importante problematizar e refletir os conceitos, as teorias e explicações possíveis procurando entender: o que é, e como se caracterizam as violências domésticas impactadas nas mulheres, crianças e adolescentes dentro dos lares brasileiros?

De acordo com o Balanço da Violência contra a Mulher, divulgado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Ministério da Justiça e Cidadania, quanto aos dados do Ligue 180 de 2016, destaco no Gráfico 3, o percentual de pessoas que denunciaram alguma forma de violência sendo praticada contra as mulheres no primeiro semestre de 2016. Nesse caso, foram as próprias vítimas as denunciantes das agressões, acumulando um percentual de (67,89%) dos casos. Contudo, essa estatística aumentou em 172% considerando o mesmo período no ano de 2015.

Conforme a demonstração do gráfico anterior, o Ligue 180 foi procurado para registro de denúncia, a maioria por pessoas do sexo feminino, mesmo aquelas que denunciaram as violências sem ser diretamente as vítimas das agressões. Ainda assim as mulheres predominaram no cenário, indicando que (80,76%) das pessoas que buscaram ajuda na Central de Atendimento do Ligue 180

no primeiro semestre sofreram, testemunharam ou tomaram conhecimento do problema doméstico de 2016.

GRÁFICO 3 - PERFIL DO DENUNCIANTE



FONTE: Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>.

Para pensar as violências praticadas contra as mulheres, crianças e adolescentes em especial, é preciso pensar no perfil dos agressores. Por isso, apresento dados no gráfico 3, alguns conceitos e reflexões sobre as questões e o assunto como forma de problematizar o tema e o problema de pesquisa. Em Assis, et al. (1994), citadas por Azevedo (2017, p. 53-57), as autoras levantam a discussão construindo tipologias das violências caracterizando nas seguintes configurações:

**Abuso físico** — consideram qualquer ação, isolada ou repetida intencionalmente, perpetrada por um agente agressor adulto ou mais velho do que a vítima, que provoque dano físico ao corpo alvejado. Sendo que o dano provocado pelo ato abusivo pode variar de lesão leve a consequências extremas, como a morte. (*apud*, AZEVEDO, 2017, p. 53).

**Abuso sexual** — ocorre quando representa todo e qualquer ato ou jogo sexual estabelecido na relação hétero, ou homossexual, cujo agressor seja mais velho em idade que a vítima, tendo por finalidade estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter estimulação sexual. Onde muitas vezes

práticas eróticas e sexuais são impostas pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade, podendo variar desde atos em que não exista contato sexual (Voyeurismo, exibicionismo). Sendo esses diferentes atos com contato sexual sem penetração, como: sexo oral, intercuro interfemural, ou com penetração (digital, com objetos, intercuro genital ou anal). Engloba ainda a situação de exploração sexual visando lucros, como a prostituição e a pornografia. (IBID, p.53-54).

No caso do abuso e violência sexual, o incesto aqui é visto como um dos desdobramentos da violência doméstica “[...] vivenciada pelas vítimas dentro do lar na relação entre pai e filhas”. (AZEVEDO, 2017, p. 57). Na literatura de Assis (et al., 1994), apud, Rutz (1990), compreendem e registram outras formas incestuosas que ocorrem na sociedade brasileira, acontece incesto entre pai e filha ou filho. Entre mãe e filho ou filha. Entre irmãos, avô e neta ou neto, a avó e neto ou neta, tio e sobrinha ou sobrinho, tia e sobrinho ou sobrinha. Quando se fala em incesto entre pais, filhas e filhos, incluem-se não somente os entes biológicos ou consanguíneos, mas também qualquer pessoa adulta agregadora de afinidades que tenha a intenção de praticar relações sexuais dentro dessa estrutura elementar, como: padrasto, madrasta, enteado/a, tutor e dependentes legais. (AZEVEDO, 2017, p. 57).

Os estudos do IPEA (2014) indicam que a prática de incesto mais comum no mundo aparece na relação entre pai biológico e filha. O incesto também pode acontecer do tipo homo ou heterossexual com, ou sem contato físico, envolvendo ou não agressões físicas e danos. Ou seja, “[...] o abuso sexual incestuoso pode envolver desde o toque até o coito oral, anal ou genital”, (ASSIS ET AL., 1994) apud, (RUTZ, 1990, p. 53), podendo algumas vítimas até morrer. (AZEVEDO, 2017, p. 57).

Vale destacar algumas características do abuso sexual incestuoso na relação entre agressor e vítima. **1 – Virulentamente democrático** - é quando a violência ocorre em todas as classes sociais, em todas as etnias e credos religiosos. **2 – Recorrente** – é quando o abuso sexual doméstico se caracteriza pela reiteração, repetição dos atos. A mesma vítima é agredida mais de uma vez, até no mesmo dia, pelo mesmo agressor em período que pode chegar há mais de 10 anos. **3 – Fato crítico** – é quando a direção dominante do abuso é um adulto do sexo masculino agredindo uma mulher, criança ou adolescente. **4 – Cíclico** - é quando o abuso se produz de uma geração a outra. Podendo também ser relativo, a vítima ou as vítimas podem se tornar também agressoras, cúmplices ou sofrerem revitimização ao longo da vida. **5 – Grave** - é quando surgem as dificuldades mais sérias com relacionamento sexual e do desenvolvimento pessoal de aspectos

psicológico e social. Podendo surgir problemas escolares, uso de drogas, rigidez, promiscuidade, prostituição, tentativas de suicídio, agressividade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, são algumas consequências registradas na literatura e observadas na ação profissional nos atendimentos às vítimas de violência doméstica, incluindo o abuso sexual (AZEVEDO, 2017, p. 57).

Define-se também abuso psicológico, ocorre quando há interferência negativa do adulto ou de pessoa mais velha em idade do que a vítima, conformando assim um padrão de comportamento destrutivo contra o alvo. São seis as formas consideradas: **1 – Rejeição da criança ou do adolescente.** Procede quando o adulto não reconhece o valor da pessoa nem a legitimidade de suas necessidades. **2 – Isolamento.** É quando o adulto afasta a criança ou o adolescente de experiências sociais normais, do convívio social, comunitário, impede ter amigos fazendo acreditar que está sozinho no mundo. **3 – Aterrorizamento.** São agressões verbais à vítima, onde o agressor instaura um clima de medo, aterroriza a vítima fazendo crer que o mundo é hostil a ela. **4 – Abandono.** É quando o adulto não estimula o crescimento emocional e intelectual da criança e do adolescente. **5 – Cobrança.** São expectativas irreais, mentirosas, dissimuladas, ou extremadas exigências sobre o rendimento (escolar, intelectual, esportivo, trabalho lucrativo forçado) podendo estar mais relacionados os três primeiros itens com as classes sociais média e alta. **6 – Corrupção.** É o ato do adulto corromper a vítima à prostituição, ao crime e ao uso de drogas. (IBID, p. 54).

Outro conceito de violência doméstica familiar é o abandono contra criança e adolescente. Tem a ver com a ausência do responsável pela criança e adolescente dependente do pátrio poder. Considera-se abandono parcial a privação de afeto, atendimento parcial às necessidades das crianças, as situações de risco. Entende-se por abandono total o afastamento do grupo familiar, crianças sem habitação, desamparadas e sujeitas a perigos. (IBID, p. 54).

Por último, define-se por negligência a atitude de não oferecer à criança e ao adolescente aquilo de que ele necessita, quando isso é essencial para o seu desenvolvimento saudável. Na falta de assistência pode significar omissão de cuidados básicos, como: privação de medicamentos, alimentos, nudez, ausência de proteção contra frio, calor, chuva, etc. Ainda deve-se considerar que a ação de omissão pode ser voluntária ou não, contudo, é quando se evidencia descaso com a segurança e o bem-estar das crianças e do adolescente. (IBID, p. 54).



Ainda de acordo com o <sup>9</sup>Sistema de Significados Online sobre violência doméstica, é configurado como violência toda espécie de atitude prejudicial e danosa praticadas entre membros que habitam no ambiente familiar em comum. Pode acontecer entre pessoas com laços de sangue (como pais e filhos), ou unidas de forma civil (como marido e esposa ou genro e sogra).

Toda e qualquer prática de violência é repudiável, mas os casos mais sensíveis são praticados contra mulheres e as crianças, são as mais vulneráveis perante seus agressores, não encontram meio de defesa. Mesmo quando a violência doméstica não é dirigida diretamente à criança, mas testemunham sendo praticadas contra suas mães, podem contrair medos e traumas graves. A maioria dos casos verificados são de violências domésticas praticadas contra as mulheres, todos os dias as polícias e hospitais recebem cerca de 2 mil queixas de pessoas alegando ter sofrido ou sofrer violências domésticas. Um termômetro que indica o Brasil ser um país que pouco combate o problema. Por isso, é importante conduzir estudos sobre o tema, investigar as causas de forma profunda com a finalidade de implantar políticas públicas de combate e atuação imediata por parte do estado envolvendo a sociedade toda. Dar condições para pesquisadores, profissionais e as instituições, estudar e intervir no problema.

Os dados da Central de Atendimento à Mulher da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, indicam que em 2014, 43% das mulheres brasileiras viviam situações de violência doméstica e eram agredidas diariamente. Em 2015, uma pesquisa feita pelo sistema de informações - <sup>10</sup>DataSenado - revelou que uma em cada cinco mulheres brasileiras já sofreram agressões físicas, seja pelo marido, namorado, companheiro ou ex-companheiro. Nesse mesmo ano, o tema foi amplamente discutido no ENEM-2015, instigou a questão por meio de redação aplicadas para os alunos, levando-os a construir textos sobre “*A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*”. Muitos casos apareceram como forma de denúncia do problema. A violência doméstica no país é recorrente, quase sempre se desenrola em danos graves ou em feminicídio.

---

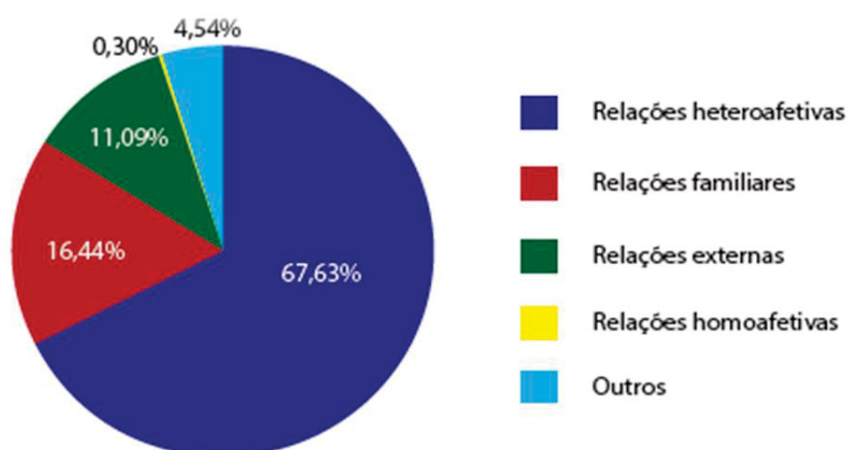
<sup>9</sup> **Consulta ao Sistema de Significados Online sobre violência doméstica.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/violencia-domestica/>>. Acessado em 29 de maio 2017.

<sup>10</sup>**Cenário da Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher divulgado pelas Secretaria de Transparência – DataSenado, de março de 2013.** Disponível em: <[https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia\\_Domestica\\_contra\\_a\\_Mulher\\_2013.pdf](https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf)>. Acessado em: 05 de jun. 2017.

O perfil e as características pessoais das vítimas (analisado) no Relatório IPEA/2014 demonstra que em 2011 houve um total de 12 087 notificações de casos de violência doméstica e estupro, e desse universo, 88,5% eram do sexo feminino e mais da metade tinha menos de 13 anos. Enquanto, 46% não possuíam o ensino fundamental completo e 51% era de cor preta ou parda. De modo geral, 70% das vítimas eram crianças e adolescentes. Ou seja, volta-se à questão do tópico anterior. A maioria das vítimas violentadas são pessoas indefesas e dependentes de pais ou de adultos, que supostamente são ou deveriam ser responsáveis por elas e protegê-las dos perigos. No real, aparecem como pais e adultos agressores, quase sempre, homens que prejudicam e comprometem o desenvolvimento das gerações futuras.

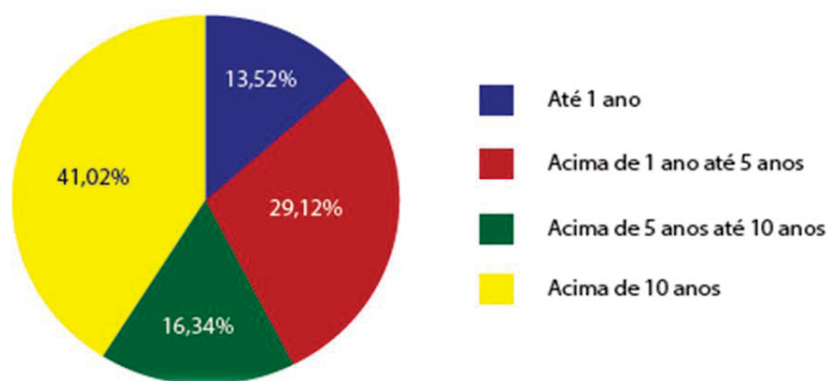
Quando observada a relação entre vítima e agressor (a), nos dados do balanço da violência contra a mulher, divulgado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e Ministério da Justiça e Cidadania, quanto aos números do Ligue 180 de 2016, destacado nos gráficos 4 e 5, verifica-se que as violências foram cometidas por homens, com quem as vítimas têm ou tiveram algum vínculo afetivo, mantidas durante um período longo de convivência entre agressores e vítimas, sendo eles: marido atual ou ex-companheiro, amante ou namorado das vítimas.

GRÁFICO 4 - RELAÇÃO DA VÍTIMA COM O AGRESSOR(A)



FONTE: Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>.

GRÁFICO 5 - TEMPO DE RELACIONAMENTO COM AGRESSOR(A)



FONTE: **Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>.

Autoras, como: Azevedo; Guerra (1988) *apud* Gauer; Machado (2009, p. 42), afirmam que o problema da violência doméstica e sexual gira em torno da questão de gênero “[...] na medida em que são mulheres as vítimas”, as quais vivem em desvantagens e em condições inferiores à dos homens. Discutir as relações de gênero associadas à violência doméstica e sexual qualitativamente, é parte importante da reflexão da tese. Considerar que esse é um problema de alta gravidade, que afeta o país cotidianamente, mutilando o corpo e destruindo os sonhos de milhares de pessoas, sendo esse um dos pontos críticos do trabalho.

As regras tendem a normatizar e equilibrar os comportamentos humanos na coletividade, de modo a estabilizar a convivência social que regula ou deveria regular as ações dos indivíduos, das famílias e da sociedade, no sentido de evitar o caos, as violências e a anomia social. Certas regras jurídicas, morais e culturais, embora estejam prescritas, autorizadas ou não por força do código civil, penal, das legislações e outros aparatos, dão a entender que o conjunto normatizador não está sendo observado ou cumprido dentro do esperado coletivamente. Há uma legião de indivíduos agressores infringindo ou desconsiderando as regras, conscientemente e de forma racional para cooptar as vítimas.

Os dados numéricos e estatísticos servem de indicadores dessas supostas mudanças sociais em termo das condutas e das mentalidades manifestadas na ação cotidiana dentro e fora dos

pequenos grupos, a família. Atitudes masculinas levam a sociedade questionar as regras do tabu do incesto associado ao mundo simbólico-cultural, tais regras estão sendo dissolvidas ou desconstruídas, na prática. Homens agressores usam seu poder em detrimento da libertação de atividades sexuais incestuosas talvez consideradas normais? É uma indagação para pensar as ações e as condutas sexuais masculinas em face do mundo feminino portador de laços de consanguinidade, qual é a mentalidade operante? É sobre isso que vamos discutir no conjunto de pesquisas qualitativas colecionadas no próximo tópico.

#### 2.1.4 O agressor na convivência com a vítima

Alguém ser apontado ou identificado dentro, ou fora do grupo de pertença como sendo uma pessoa dócil, confiável, calma, ou como um ser violento, agressor, perigoso, já causa certo impacto na mentalidade individual e/ou coletiva de forma direta e indiretamente. São adjetivos que tende deslocar uma pessoa de um lugar para outro. Tais percepções não estão descoladas de ações práticas no constructo cotidiano e na convivência social. Estão sim carregadas de diferentes valores culturais, do simbolismo das crenças, das relações sociais produzidas socialmente em face dos acontecimentos do dia a dia. Envolve elementos valorativos internalizados, transmitidos, perpetuados na vida social e o imaginário coletivo impactados na estrutura cognitiva das pessoas. As atitudes e ações são colocados em evidência, percebidas por outrem que dão sentido, significado e representação como resultados da vida relacional entre pessoas e grupos. A ideia de que o homem bom é dócil, passivo, protetor e o homem mau é agressor, violento, perigoso, predador, são construções mentais carregadas de simbolismos e ações práticas que impacta diretamente na vida social. As atitudes individuais precedem a percepção coletiva, as atividades práticas antecipam as imaginárias ou caminham em concomitância para informar quem é o outro, quem está no polo ativo ou passivo diante da realidade observada.

Muitas vezes as percepções individuais ou coletivas dão lugar de poder como carga de reforço flechado na direção de certos indivíduos portadores, ou não de atitudes, mentalidades específicas introduzidas na convivência social. Se uma pessoa está a ser apontada como dócil ou agressora, esse não é um julgamento ingênuo. É um olhar que produz valores no imaginário individual e coletivo das pessoas com quem convive direta ou indiretamente. Moralmente falando, a sociedade associa e define quem representa ser um homem de bem, bom-dócil, na oposição a essa percepção, aparece o homem ruim, mau-agressor.

A produção e a manutenção da violência dentro do lar, geralmente estão conectadas às atitudes e mentalidades manifestadas em certos tipos de homens violentos que agredem a família, classificados socialmente de agressores. Estão em posição contrária ao homem dócil, que é o tipo de homem reconhecido como um ser amoroso, referência de segurança, protetor dos dependentes. Isso implica numa série de subjetividades positivas e negativas produzidas e incorporadas pelos indivíduos, a família e a sociedade. Tem a ver com as relações de poder interpretadas também de forma positiva ou negativa, na última, representa subordinação, mando e obediência do outro.

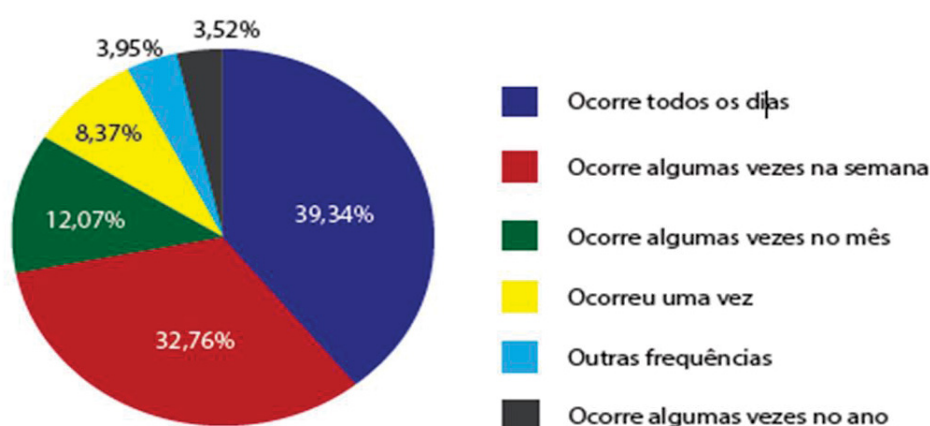
O homem marido-pai, que manifesta atividade violenta, geralmente constrói enredos diversos, mentiras criativas para justificar a violência praticada contra a prole. Também se coloca como provedor e dono, cabendo a ele, em caso de desobediência, ciúmes ou contrariedades momentâneas, castigar os subordinados, espancar, agredir ou até matar mulher e filhos se preciso for. Pois, a família também é propriedade sua. Nesse sentido, a violência é tomada como um marcador educativo no ritual de mando e obediência que deve ser cumprido e observado por todos. Talvez, mentalidades e atitudes agressivas dessa natureza são elementos usado para reivindicar sexo, honra e status sociais perante os seus e a comunidade.

A masculinidade associada à violência privada passa a fazer parte de determinado modo e estilo de vida na forma negativa e prejudicial. O controle da vida doméstica passa a prioridade e reduto de homens agressores intencionados em prejudicar e explorar o outro permanentemente. Isso se torna uma questão preocupante e urgente no sentido de salvaguardar as vidas de mulheres, crianças e adolescentes que vivem em situação de risco permanente, convivendo com os seus agressores. É preciso então pensar e repensar o tipo de cultura em operação, os discursos e as práticas que reforçam o poder masculino, aquele que preda a sua própria família, sangue do mesmo sangue.

Outra coisa é o tempo de relacionamento que a vítima mantém com os seus agressores(a), não por livre vontade de decidir essa condição, mas, sim, movidas por infinitos fatores. Sobre essa questão, os dados do balanço da violência contra a mulher, divulgado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e Ministério da Justiça e Cidadania, nas informações do Ligue 180 de 2016 no Gráfico 5, indica que no tempo de relação da vítima com o/a agressor(a), as relações de agressões permanecem acima de 5 anos, isso corresponde a 57,36% dos casos informados e registros.

Ainda sobre a convivência familiar na relação entre vítima e agressor(a), o gráfico 6, destaca o percentual da frequência das violências domésticas praticadas dentro dos lares, de acordo com os dados da Central de Atendimento à Mulher — Ligue 180 (SPM-2016). Em 2016, 39,34% dos casos, a vítima sofria violência diária; 32,76% semanalmente e 71,10% foram caracterizadas como agressões múltiplas.

GRÁFICO 6 - FREQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA



FONTE: Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>.

Os dados revelam que 28,01% das vítimas estavam ou continuam em situação de violência entre um e cinco anos; 52,09%, em período menor que um ano; 19,91% há mais de cinco anos.

Diante do cenário, não há como dissociar a cultura da violência doméstica praticada contra a mulher e os seus filhos do sistema simbólico e prático estruturado na organização patriarcal, que demarca explicitamente papéis e relações de poder entre homens e mulheres, pais e filhos. A violência torna-se um subproduto do sistema, muitas vezes de forma implícita ou oculta, mas que se reproduz e se mantém quase naturalizada dentro dos lares e fora dele.

São relações que colocam a mulher, filhas e filhos como objeto de exploração e desejo, como propriedade intocável. A autoridade de marido e o pátrio poder acabam a legitimar certas categorias de violência praticadas dentro do lar como se fossem de ordem natural, normal e coisas corriqueiras que acontecem no dia a dia de um patriarca. Sabendo que as relações sociais de

convivência e intimidade familiar são complexas e, mais ainda se houver a presença de violências dentro do lar e na convivência com o agressor.

Apesar do conjunto de regras normativas das condutas sociais e aparato legal em torno da defesa da vítima e punição do agressor, o problema da violência doméstica e do abuso sexual contra mulher, crianças e adolescentes é dado histórico, estrutural e ultrapassa os tempos modernos. No Brasil, desde a década de 60 o fenômeno da violência privada vem sendo discutido por profissionais que, na atividade cotidiana enfrentam a problemática nos diferentes espaços e camadas da sociedade brasileira. É quando aparecem as desigualdades sociais de classe, gênero e raça misturadas às diferentes expressões da exclusão social em escala. Muitas vezes conectadas ao pensamento machista de homens que operam dentro e fora dos espaços privados.

O esforço da sociedade aparece quando observamos que desde a Constituição de 1988, as discussões vêm avançando, instituições, profissionais, pesquisadores se unindo com ações, pesquisas e estudos em torno do enfrentamento da questão. O combate as violências domésticas e sexuais, atualmente desponta alguns resultados bastante significativos. Embora, pouco acelerado em comparação com a realidade explosiva, ainda assim o problema vem sendo pouco a pouco discutido e enfrentado, uma forma de teste e reforço das leis de proteção, defesa e punição com vista na criação de políticas públicas. As primeiras pesquisas apresentadas em São Paulo por Azevedo e Guerra (1988), ilustram estatisticamente o grau dessas violências domésticas e sexuais existentes no país e nos contextos familiares. Os estudos das autoras mostram que na década de 80, nada mais do que 93,5% das vítimas eram do sexo feminino, com maior frequência, contra crianças com faixas etárias de 7 a 10 anos de idade. As que possuíam idade de 11 a 13 anos, a violência sexual teve percentual de 61,3% dos casos. Com relação ao agressor, verificou-se que 68,6% deles era o pai biológico que praticava e 29,8% o padrasto.

Nesse sentido, observa-se os dados do relatório preliminar do IPEA/2014, considerando o universo de n=12 087 notificações registradas oficialmente em 2011, apontam que 24,1% dos casos, os agressores são o próprio pai biológico ou padrasto das vítimas, enquanto 32,2% são amigos ou conhecidos da criança, ou adolescente.

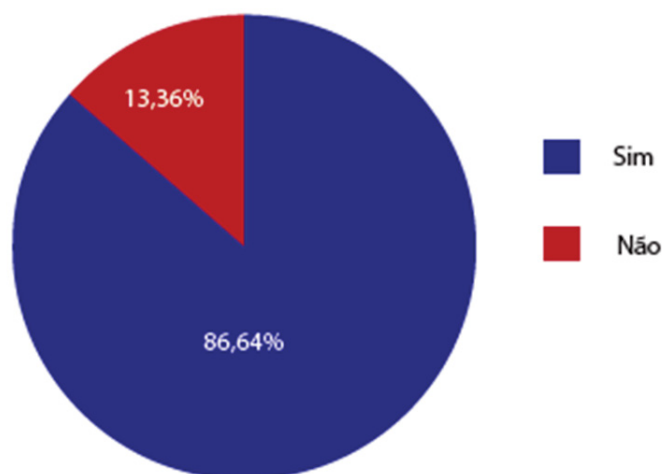
O dado mais recente é observado no Atlas da Violência no Brasil - IPEA/2016, quando estima que no Brasil, 13 mulheres são assassinadas por dia dentro das residências. O observado nos depoimentos de Azevedo (2017), reforça a necessidade de olhar os dados estatísticos aqui expostos, com a qualidade dos métodos qualitativos. Há um reforço para a tese de que o agressor



tem preferência por crianças e adolescentes mulheres, como um modo facilitador e estratégico de operar e manter as suas ações violentas dentro do lar. Nos depoimentos analisados constata-se que as vítimas, além de serem violentadas sexualmente, também foram agredidas/o fisicamente na infância e adolescência pelo pai agressor. Sofreram violências múltiplas. Sendo que a maioria dos alvos são pessoas indefesas em fases do desenvolvimento infanto-juvenil vulnerável. É quando o agressor tende a atacar de forma contínua, cíclica e processual. Consequentemente, torna-se o causador de traumas e prejuízos diversos para o resto da vida.

A agressão sofrida por uma criança ou adolescente pode comprometer aspectos do seu desenvolvimento físico, social, cognitivo, emocional e relacional de forma grave e irreversível. A violência sofrida muitas vezes se transforma em vergonha social, dor moral, bloqueios que se prolongam por toda a existência do ser. Conhecer, analisar e dar qualidade a conteúdo dessa natureza significa parar a vida frenética para pensar e refletir o que está a acontecer com os inocentes, olhar as marcas e experiências vividas, sentidas, relatadas e silenciadas pelas participantes depoentes desse estudo de tese.

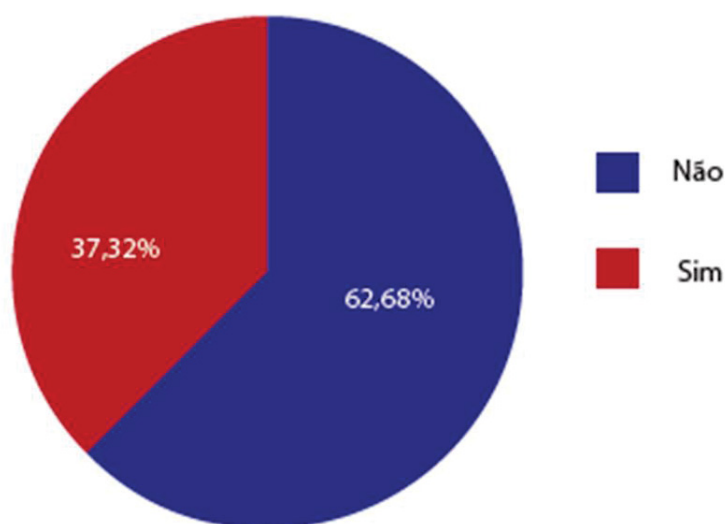
GRÁFICO 7 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR



FONTE: **Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016.**  
Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos->

Nas informações observadas no balaço da violência contra a mulher, o gráfico 7 mostra que a maioria dos relatos (registrados) pelo Ligue 180 no primeiro semestre de 2016 referia-se a situação de violência doméstica em que o agressor podia ser punido na forma da Lei Maria da Penha (Lei nº 11 340/2006). Do universo registrado aponta o saldo de 86,64% dos casos, e em comparação com o mesmo período do ano de 2015, houve aumento de 133% para esse tipo de violência, conforme demonstração do gráfico 7.

GRÁFICO 8 - DEPENDÊNCIA FINANCEIRA DA MULHER X AGRESSOR



FONTE: **Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180/SPM/2016**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/ligue-180-realizou-mais-de-um-milhao-de-atendimentos-a-mulheres-em-2016>.

Além da violência praticada contra a própria mulher, mãe dos seus filhos pelo agressor, há também uma relação direta das mesmas violências praticadas contra ela, afetando a prole-filhos(a). Os dados do Ligue 180 revelaram que 78,72% das vítimas de violência doméstica possuem filhos (a), (67,75%) delas possuem uma ou duas crianças pequenas. Revelam ainda que 82,86% delas presenciaram ou sofreram as violências praticadas contra a mãe conjuntamente.

Sobre a questão da dependência financeira da mulher, os gráficos 7 e 8, apontam que somente 37,32% dessas mulheres violentas vivem em situação de dependência financeira do marido-agressor, enquanto, 62,68% não dependem deles. É um dado importante, causa até certo

espanto perante o imaginário coletivo (senso comum), e, também a ordem do discurso masculino que opera sobre as vítimas. A dominação tende provar que a mulher dependência financeiramente do homem para sobreviver, podendo ser introjetada uma mentalidade de que a permanência dessas mulheres em lares contaminados, vivendo em situações extremas tem a ver com a relação de dependência do homem. Decerto, a cortina de fundo por detrás desses discursos esconde sim relações desiguais, perigosas e graves que colocam em risco a vida da mulher e dos seus filhos permanentemente, estão marcadas também por questões de gênero.

No entanto, as violências contra as mulheres são um fenômeno complexo que precisa ser estudado com dimensão e profundidade, avaliando os aspectos que pairam sobre outros fatores socioculturais que operam silenciosamente dentro dos lares e tolerados pela sociedade. É nesse sentido que esta tese segue a sua direção, abraça esse desafio investigativo como missão necessária, com a finalidade de ampliar a reflexão sobre o tema-problema desconstruindo ideias fixadas na mentalidade social como parte da ordem cultural.

Os números e as estatísticas indicam que a violência doméstica e o incesto são um problema sério que está em movimento dentro dos lares brasileiros historicamente e o tempo todo, se mistura com a vida elementar, porém, na modernidade, com as tecnologias e o desenvolvimento das pesquisas, os números e a realidade, começou a chamar a atenção com a necessidade de dar visibilidade ao problema no debate científico, quer dizer, um dado “corriqueiro” que sai do controle dos agressores, de dentro dos lares dominados por eles. As vítimas foram encorajadas, motivadas, levadas por diversas razões a expor a realidade, ainda que timidamente. As experiências vividas ganharam lugar de voz. Somente assim, por elas e através delas, das pessoas vitimadas, das vozes e dos conteúdos apreendidos no campo, é possível conhecer a realidade em profundidade como um fato social de impacto.

#### 2.1.5 A Lei Maria da Penha

A lei nº 11 340 de 7 de agosto de 2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, tem como objetivo lidar de forma adequada com a problemática da violência doméstica. O artigo 5º da lei, "[...] configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral, ou patrimonial". Apesar da criação desta lei, o número de vítimas da violência doméstica

no Brasil não diminuiu. Os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/2013, revelam que em alguns casos de violências houve significativamente um aumento das violências familiares. Observando as informações divulgadas pela Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo, percebe-se nos dados que houve sim um crescimento de 10% comparando aos primeiros semestres de 2012 e 2013. Cerca de 54% das vítimas mortais foram mulheres entre 20 e 39 anos, e 31% dos casos ocorreram em via pública, sendo que metade dos homicídios foram concretizados com armas de fogo.

Com a Lei Maria da Penha, o agressor pode ser punido com 1 a 3 anos de reclusão, além de ser obrigado a participar de programas de reeducação para convivência social familiar. Embora a Lei nº 11.340 tenha sido promulgada em 2006, no ano passado, a Lei 13.104, de 9 de março de 2015, tornou o feminicídio um crime hediondo. Ainda assim, os índices de agressões, estupros e assassinatos contra mulheres crescem a cada ano em todas as regiões do país. São crimes que estão previstos no Código Penal brasileiro, que esclarece que práticas sexuais não consentidas ou com pessoas imputáveis são crimes previstos no seu artigo 213, configurando o ato como estupro.

No artigo 217, qualifica a sedução sexual de crianças e adolescentes por adultos, também como crime grave. Ainda no artigo 227, parágrafo 4º, prevê punição severa do agressor com relação à violência doméstica, ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes no âmbito nacional.

Além do Código Penal que estabelece sanções punitivas contra o agressor, a Constituição Federal também prevê no seu capítulo VII, normativas e condutas da família, dos pais e dos responsáveis com relação à criança, adolescente e a pessoa idosa. Também, prevê sanções punitivas em caso de atos de violências domésticas praticadas contra essas pessoas.

O campo da violência é um espaço de disputa, de correlações de forças políticas que envolve contextos sócio-familiar, cultural e jurídico o tempo todo. Os conhecimentos e os discursos feministas surgem nesse campo para pensar a condição da mulher, a vida familiar e a convivência de gênero dada às condições desiguais pré-estabelecidas, produzidas e mantidas por homens violentos que dominam não somente a vida pública, mas, também, a privada. O alvo sempre recai sobre os filhos e a mulher, os quais são submetidos à ordem, às violências e a obedecer todo tipo de comandos operados pelo mundo masculino. A relação masculina é de força bruta e simbólica. Em parte, o movimento reflexivo sobre a vida e o mundo familiar deu certo porque a sociedade somou forças e esforços para colocar em prática, embora, ainda timidamente, não somente a Lei 11.340 Maria da Penha, mas, também, o reforçamento do Estatuto da Criança e do Adolescente

instituído pela Lei 8069 de 13 de julho de 1990. São legislações que criam mecanismos para coibir, proteger, prevenir e punir atos de violência e abusos de agressores contra as vítimas.

Apesar das leis, de acordo com o IPEA/2014, as informações e dados indicam que 70% dos casos de violência doméstica e estupro praticados no país, são cometidos por parentes próximos das vítimas, por namorados ou amigos/conhecidos. Significa que os agressores estão e continuam a fazer suas vítimas dentro dos lares, agindo com estratégias cada vez mais criativas e sofisticadas, que a lei ainda não conseguiu eliminar da vida familiar essas questões. Ou seja, a mentalidade masculina continua a mesma, atrair as vítimas para predação, pouco importando se tem vínculos de consanguinidade ou não.

Definitivamente, estou convencida de que a violência doméstica é um fato social que está presente em todas as camadas da sociedade brasileira e do mundo. Na pirâmide social atinge as diferentes classes, sem distinção de cor de pele, de condições econômicas, confissão religiosa ou territorial. É um fenômeno que pode estar fazendo parte do comportamento cultural universal, generalizado que impacta as relações humanas na vida social.

A violência dentro do lar se manifesta com diferentes faces, tipos, características, dimensões. É produzida e reproduzida nas trocas cotidianas, nas relações íntimas, sutis, permeadas por gestos e coisas que fazem parte das regras do jogo familiar. São operações tênues misturadas à noção de cooperação, trocas e afetos, mas, se mantém desde outrora.

Os estudos realizados até o momento apontam que a violência doméstica e o incesto estão presentes nas diferentes formas de relações familiares fixas e em movimento que movimentam o grupo. São estruturas concretas e simbólicas que diferenciam uma família das outras, principalmente, quando criam mecanismo para transmissão de valores, discursos, regras e normas, sejam elas conservadoras, moderadas ou liberais, mas, todos os comandos estão implicados nas estruturas hierárquicas envolvendo ordem, mando e obediência. Estão presentes também, as formas de controles, conflitos e toda espécie de dominação e subordinação entre pares e gênero. Sempre envolvendo dominação de corpo, sexo, alimento, trabalho e território, geralmente controlado por um homem alfa.

Para manter a violência dentro do lar e nas relações familiares é preciso estabelecer antes de tudo um comando claro de poder, do uso de força bruta, simbólica, de persuasão, medo, é quando o alfa julgar necessário colocar em prática sua força. A sociedade produz e tolera esses tipos de relações torna-se avalista dos riscos. O jogo passa necessariamente por uma estrutura que envolve

além de pessoas, coisas, sentidos, significados e, principalmente, relações invisibilizadas, muitas vezes, carregadas de subjetividades, traduzidas por códigos, gestos, sinais sutis, mensagens, que somente os envolvidos (agressor e vítima) conseguem interpretar. Os olhares, o tom de voz, os movimentos com o corpo são vetores de mensagens decodificadas entre agressores, vítimas e a família.

Nos depoimentos das (quatro) irmãs e (um) irmão membros do grupo familiar em estudo, nos conteúdos de narrativas no formulário de denúncias, na pesquisa “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, foi possível verificar o quão complexo é essa realidade doméstica e o mundo da violência dentro do lar. Ora as vítimas se manifestam com suposto consentimento e tolerância do grupo, ora se opõem ao silêncio reagindo com denúncia. Talvez, isso tenha a ver com “[...] a primeira oposição de classe que se manifesta na história, coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento conjugal. É a primeira opressão de classe com a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino”. (ENGELS, 1954, p. 64-65).

Os dados estatísticos, as pesquisas, os depoimentos de vítimas que vivem experiências de violências domésticas, como: agressões físicas, espancamentos (socos, pontapés, queimaduras, quedas, pedradas, surras, tiros, facadas, pauladas, estupros), violência psicológica (xingamento, insultos de inferiorização, pressão, sufocamento emocional, acusação, exposição moral), cárcere privado, isolamento social, maus tratos, total dependência financeira, material, incesto, entre outras forma de violentar a vítima que expõe a natureza e as atitudes do agressor, seus discursos dissimulados sobre cuidado e controle da família posto em operação. Revelam sim que há um modelo de relação perigosa da qual encontra-se base e origem no sistema do patriarcado no Brasil.

Como um modo estratégico de manutenção da dominação masculina na forma de manipulação das mentes e corpos. Meio dos quais homens agressores revestidos de pai, marido ou chefe de família se transformam em colecionador de privilégios a base dos riscos causados nos outros, em nome de sua máxima e absoluta autoridade dentro do e fora lar. Indicando assim a existência de uma mentalidade nascida na base estrutural que arquitetou a sociedade.

Esse tipo de homem tende cometer atos bárbaros contra a família independentemente do vínculo ou laço de parentesco e consanguinidade estabelecido. Basta somente conviver com os membros do grupo (esposa, filhos e parentes) no mesmo ambiente de partilha para se transformar num predador fatal. A moradia se torna um lugar “perfeito” para os abusos sexuais e violências

múltiplas. Qualitativamente falando como vem sendo estudados essa questão? E o que apontam os estudos qualitativos abaixo.

## 2.2 ESTUDOS E PESQUISAS QUALITATIVAS: O QUE APONTAM?

A problemática da violência doméstica e o incesto no Brasil está num campo de considerável complexidade e de difícil acesso ou aproximação para quem observa, investiga e pesquisa principalmente. Os números são alarmantes vistos nas notificações, dados e estatísticas apresentadas neste trabalho no tópico anterior. Em comparação com as poucas pesquisas qualitativas realizadas no país, de norte a nordeste, sul e sudeste, torna-se, em termo comparativo quase insignificante. Representa apenas uma pequena mostra, um sinal de que o mundo real familiar contaminado por violências privadas está longe de ser conhecido amplamente e em profundidade, o que temos em volume são dados numéricos em abundância, e ainda continua aparecendo em disparada nos estudos quantitativos apresentados em cada relatório oficial das agências divulgadoras, como, por exemplo, o IPEA e tantos outros.

Se cada caso notificado ou pelo menos um percentual destas notificações de violências domésticas e sexuais fossem investigadas, para se transformar em pesquisas qualitativas de campo, talvez, as angústias, dúvidas e ansiedades causadas pelas obscuridades do mundo invisível protegido entre paredes fortes, pouco visibilizadas dentro das casas-muralhas, que desafia há anos a capacidade intelectual e práticas dos cientistas sociais e pesquisadores empíricos desde as décadas de 60, 80, até o século XXI, pelo fato de querer talvez explorar o campo para elucidar ou explicar questões em profundidade e com segurança, não conseguir proceder pela resistência da própria realidade imposta, no mínimo é preocupante. O que é o fenômeno da violência doméstica e do incesto familiar? Pouco se sabe para responder a problemática, além disso, alarga-se a distância existente entre a vontade de investigar a realidade concreta e as condições fechadas para proceder a investigação, se tornando este um dilema de séculos.

Ainda é preciso pensar nas formas metodológicas conflitivas entre metodologias de pesquisas qualitativas e quantitativas. Sobre isso, não encontrei registro nos estudos realizados até o momento sobre a co-dependência ou a complementação direta entre os métodos com relação aos critérios utilizados para seleção da amostra das pesquisas qualitativas aqui analisadas, se as mesmas foram extraídas do universo quantitativo ou da base de informação de banco de dados oficiais.



Observei que a maioria dos casos investigados nas pesquisas qualitativas, não foram selecionados dos relatórios quantitativos ou das notificações divulgadas por órgãos oficiais que registraram estatisticamente as denúncias, ou prestaram atendimento às vítimas. Para se chegar aos participantes das pesquisas qualitativas foram utilizados outros critérios de participação, semelhante ao exemplo da seleção dos membros participantes desta pesquisa de doutorado.

Os crimes cometidos pelo agressor das participantes desta pesquisa, não foram noticiados oficialmente nem registrados no sistema de governo. Suas atividades criminosas perpetuadas na família se mantiveram aquém do estado, fora das estatísticas e do conhecimento formal da sociedade durante décadas. Poucas ou nenhuma pesquisa realizada qualitativamente e estudada para este trabalho, foi subtraída do sistema ou envolveu instituições sociais de controle do estado diretamente.

Embora, os estudos em profundidade no Brasil, que exploram a questão das violências domésticas e do incesto familiar, em tempos atuais tenha avançado um pouco mais, em comparação a outras décadas anteriores a Constituição Federal de 1988. Ainda assim, apesar dos esforços dos pesquisadores(a), pouco se fez diante da gigantesca e complexa problemática, dada como crise das relações sociais observadas a olho nu, em meio a ordem ou a desordem familiar que produziu a sociedade. Contudo, a vida social contaminada por violências domésticas não se explica apenas por números, a questão é líquida, se dissolve no corpo, nas atitudes práticas e simbólicas misturadas ao mundo empírico e o cotidiano. Com isso, resta, o esforço para a produção de pesquisas e do conhecimento científico que possam dar respostas ou explicar a realidade para a sociedade, e este é um desafio desde a década de 80. Um dos primeiros autores que levantou a questão foi o psiquiatra especialista em psiquiatria da infância e adolescência que atuava como profissionais no atendimento às questões de negligências e violências familiares praticadas contra *info-juvenis*. Lippi (1990), trouxe para o centro do debate, estudos qualitativos sobre a questão da violência doméstica contra crianças, discutindo o abuso e a negligência na perspectiva da prevenção e dos direitos sociais da criança e do adolescente em situação de riscos. Isso serviu quase como um prelúdio para o nascimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, que seguiu a mesma década. Mais adiante, outros pesquisadores como Gauer; Machado (2009), contribuíram para aprofundar as bases reflexivas sobre as questões emblemáticas da violência em contextos familiares, o autor e a autora, estudaram filhos (crianças) e adolescentes vítimas de violência dentro do lar. Na mesma década estudara a violência doméstica pensada como “[...] um trauma severo” que toma dimensão

de relações doentias na família. Principalmente, quando não se estabelece proteção para os filhos e, ao mesmo tempo, permite às vítimas conviver com a presença do agressor-abusador dentro da própria casa, mesmo sofrendo ameaças explícitas ou veladas no cotidiano. É quando as “[...] relações familiares com esse nível de doença trazem consequências desastrosas no desenvolvimento da personalidade da criança e do adolescente”. (GAUER; MACHADO, 2009, p. 40).

Ao consultar a base de dados dos periódicos capes e outras fontes de referência segura, como: Scielo, sbsociologia na busca de estudos e pesquisas sobre o tema de tese, quando lançada em 2016 a palavra-chave “violência doméstica familiar”, “incesto” poucos registros apareceram na fonte oficial. Na base de dados dos periódicos capes apareceram apenas (8) registros de trabalhos de pesquisa realizados no Brasil com esse enfoque, quatro dissertações e quatro artigos, sendo um em inglês.

As pesquisas que mais chamaram atenção foram realizadas entre 2004 a 2012. Ficou provado que apesar do fenômeno da violência ser uma realidade presente na vida familiar e na sociedade na totalidade, o aprofundamento sobre o fenômeno ainda é insuficiente, são poucos os estudos, consequentemente pouco se conhece sobre a realidade, embora, seja reconhecido o imensurável esforço dos pesquisadores na luta pelo aprofundamento do assunto. Uma realidade que precisa sim ser entendida como uma das preocupações da ciência, é preciso desvelar as complexas relações privadas permeadas de violências misturadas aos dispositivos familiares, que infelizmente os séculos vêm escondendo como segredo e vergonha. No banco de dados CAPES, algumas pesquisadoras e pesquisadores foram tomados como referência para discutir o assunto.

Os critérios para seleção das pesquisas qualitativas e artigos citados neste item, seguiu a necessidade de busca de conhecimentos e estudos sobre o assunto da violência doméstica com o agravante do incesto. Em função das dificuldades de encontrar pesquisas com essa dimensão nas bibliotecas das universidades, sem sucesso, parti do princípio de que as fontes ‘online’ seriam vastas, mas, a realidade constatada nos bancos de teses e dissertações indicou o contrário. Poucas pesquisadoras (pesquisadores) no país investigaram a violência com esse foco, o incesto.

A pesquisadora Narvaz (2005), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em sua dissertação de mestrado investigou o tema “Submissão e Resistência: Explodindo o Discurso Patriarcal da Dominação Feminina”. Examinou as diferentes posições ocupadas por uma mãe vítima de diversas formas de violência, incluindo os atos praticados contra suas filhas vítimas de

incesto. Foi um estudo fundamentado em entrevistas e análise de discurso com o objetivo de qualificar as posições das participantes ocupadas dentro da família. Os resultados do estudo apontaram que diversos processos contribuíram para a posição de submissão da mãe, entre esses os valores que influenciaram a concepção de família e os papéis sociais assumidos ao longo das várias gerações de seu grupo. A concepção de família adotada revelou um modelo de nuclear, burguesa, patriarcal e monogâmica. Indicou também que as mulheres da família assumem posições plurais e heterogêneas e que não são sempre ou apenas vítimas da violência, o que explode o discurso patriarcal da dominação feminina.

Outra pesquisadora que ajudou a pensar o tema foi Watarai (2009), ela defendeu em sua dissertação de mestrado em psicologia o intitulado “O contexto afetivo-familiar de relações incestuosas entre irmãos” e, no seu estudo, abordou casos de violência entre irmãos, sendo crianças e/ou adolescentes em um município do interior do estado do Paraná. O objetivo do estudo foi o de identificar as condições afetivo-familiares em que emergem cenas incestuosas entre irmãos e descrever a estrutura familiar que as sustenta. Fez entrevistas abertas com quatro famílias, em um total de dezesseis participantes responsáveis pelo cuidado parental de crianças e/ou adolescentes, os quais se relacionaram de forma incestuosa com os seus irmãos. Com a análise dos resultados, afirmou que “[...] na relação incestuosa entre irmãos, não se trata apenas da fratria envolvida (vítimas x agressores), mas de toda uma família que colaborou conscientemente e inconscientemente para que não fosse estabelecida uma interdição do incesto”. (WATARAI, 2009, p. 177).

Já Vollet (2012), pesquisou a violência doméstica sob o tema “O saber e o não revelar da violência sexual doméstica infantil na dinâmica do profissional escolar”, na sua tese de doutorado em educação. No estudo propôs reflexão sobre a dinâmica da violência sexual doméstica infantil em suas diversas manifestações no contexto escolar, discutindo os aspectos subjetivos que dificultam a denúncia por parte de profissionais da educação e o que mantém o silêncio da comunidade escolar. O estudo da pesquisadora girou em torno da fala de cinco profissionais escolares que se posicionaram a respeito das dinâmicas envolvidas no enfrentamento da violência doméstica, na manutenção e na origem dessa, contra crianças no seio familiar e seus reflexos na escola e na sociedade. Em sua conclusão indica que o silêncio de profissionais escolares diante da violência contra crianças é uma realidade e mantém-se através de mecanismos psicológicos complexos que exercem influência sobre a condução do problema e são mediados por constructos

sociais e culturais. Alerta ainda que a realidade institucional descrita pelos entrevistados revelou que pouco se investe na vinculação entre as diversas áreas de atendimento à família, favorecendo o isolamento e o silêncio de profissionais que estão muito próximos da criança que revela sua vitimização doméstica.

A pesquisa realizada por Benini (2012), da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, apresentou em sua dissertação de mestrado o tema intitulado “Categorias das atuações incestuosas: funcionamento familiar e psicanálise” fazendo uma mobilização investigativa sobre a questão do abuso sexual, enquanto proporcionalidade de ocorrências do fenômeno. O estudo indica que a OMS (Organização Mundial da Saúde) estima que há entre 36% de meninas e 29% de meninos, que já sofreram violência doméstica e abuso sexual em algum momento de sua vida pessoal. O estudo da autora chama atenção, diz que muitos dos casos de violência e de abuso sexual acabam não sendo revelados nem notificados oficialmente, e por essa razão a problemática acaba se agravando cada vez mais. Acredita que a situação se agrava por não ter a possibilidade de obter tratamento para os envolvidos. Diz que a violência doméstica e o abuso sexual que ocorrem dentro da família são um tipo de violência que apresenta uma dinâmica específica, que não é somente a violência envolvendo seus participantes, é muito mais complexa. O trabalho da autora se apoia na visão psicanalítica para a compreensão das características da dinâmica familiar. Para ela, a trama indica que houve uma falha na estruturação mental de todos os participantes, demarcando assim uma leitura intra/intersubjetiva e relacional para além de um estigma agressor e uma vítima.

Os objetivos do seu estudo refletiram acerca de categorias de funcionamento psíquico dessas famílias, vislumbradas dentro do eixo psicanalítico, sendo analisadas a partir de dados apreendidos em entrevistas de triagens, obtidas em uma instituição que ofereceu tratamento para as vítimas de violência sexual. A base foi um questionário elaborado para detecção de atividades sexuais incestuosas.

Concluiu dizendo que

[...] a concepção geral de família incestuosa é simbólica a compreensão de grupo familiar foi obtida através de dois tipos de funcionamento psíquico: o grupo familiar aglutinado e o grupo familiar esquizoide-disperso. Diz que há uma estrutura simbólica patológica ou sadia em toda a estrutura familiar. No caso da família incestuosa o tecido simbólico é patológico. (BENINI, 2012, p. 148).

Simão (2004), da Universidade Estadual Paulista, estudou em sua dissertação de mestrado o tema intitulado “Recursos da psicanálise na psicoterapia de crianças vítimas de abuso sexual incestuoso”, a violência com foco nos maus-tratos de crianças e jovens vítimas de práticas incestuosas por parentes próximos, como: pais, tios, padrastos e outros agentes agressores. A autora ressalta que uma das consequências dos altos índices de violência doméstica e sexual é o aumento do número de crianças vítimas de abusos que buscam auxílio psicoterapêutico. Afirmar que esse tipo de demanda precisa de profissionais que estejam devidamente capacitados, razão que justifica o desenvolvimento de estudos, pesquisas, supervisões e projetos de atuação, terapias que visem refletir o assunto, são fundamentais. O objetivo do estudo de Simão (2004), foi o de contribuir para o entendimento da violência doméstica e do abuso e suas consequências, tendo em vista, demandas sociais atuais. Sua pesquisa teve como eixo reflexivo, as teorias da psicanálise discutindo a noção do trauma e a sexualidade infantil enquanto experiência. Propôs pensar sobre a possibilidade de a vítima lidar com o trauma no contexto psicoterapêutico. Afirmar não ter obtido resultados conclusivos, mas sim conseguiu desenvolver base para uma primeira reflexão que considerasse o desenvolvimento emocional da criança, principalmente quando essa passa por uma experiência real de sedução.

Com o mapeamento das pesquisas qualitativas mais recentes, partindo daquilo que já foi estudado, os objetivos foram sendo alcançados no sentido de assegurar os necessários conhecimentos prévios e atuais sobre a questão da violência doméstica no Brasil como um marco panorâmico. Ampliando assim o debate sobre os conteúdos levantados, os depoimentos das vítimas, principalmente as estudadas na pesquisa documental com outros membros do mesmo grupo familiar. Todavia, prevendo uma longa caminhada para melhor compreender a realidade das vítimas imersas na família e na convivência com o agressor em comum. E mais, identificar os modos operantes deste pai, os tipos de violências praticadas, as características e dimensões proporcionais que atingiram a família em sua totalidade. Despertou sem dúvida novas possibilidades em torno do campo investigado, e, também, da pesquisa documental. Criando assim, as condições favoráveis para escavações das fendas na busca de respostas para a (questão) problema e seus objetivos.

Os pesquisadores e pesquisadoras aqui elencados mostraram que a realidade é de fato complexa o bastante, carecendo sim o aprofundamento do assunto. Contudo, foram estes no

capítulo a seguir, os estudos que mais contribuíram para a problematização e a reflexão das questões desta tese aqui em desenvolvimento.

### **PARTE III**

## **3 O TEMA E AS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

Em tempos modernos, a comunidade científica, pesquisadores, acadêmicos e a sociedade crítica herdam um grandioso volume de conceitos, obras e teorias produzidas por gerações de autores responsáveis pelo avanço do conhecimento e da ciência. A sociedade científica deste século herda uma legião de pensadores e estudiosos dos quais possibilitaram as atuais e futuras gerações terem acesso e consumir diferentes fontes do pensamento reflexivo e crítico. Consciente ou inconscientemente esperando a ampliação dos conhecimentos iniciados sobre as questões sociais na proeminência das relações humanas principalmente. A partir dessas referências continuar aprofundando o debate sobre as sociedades de indivíduos produtores de fenômenos, de realidade mexida por interações, acontecimentos, situações e coisas tipicamente da ordem humana. Por ser este o campo em que se constitui o tema como possibilidade de revelação do objeto e das questões pertinentes a este.

Os conhecimentos compartilhados são tesouros intelectuais escritos, materializados, possíveis de estudos, análises e críticas nas diferentes formas de refletir sociologicamente as relações de baixa ou alta complexidade desde as sociedades antigas até as recentes. Procurando a partir delas, entender como foram construídas as relações familiares no passado e como as mesmas se configuram no presente. Falo dos autores clássicos e contemporâneos citados neste trabalho desde o início, como: Levi-Strauss, Malinowski, Giddens, Vygotsky, e tantos outros que contribuíram não somente para o aprofundamento dessas questões, mas também procurando explicar a centralidade do problema olhando pela janela das relações cotidianas na cultura, o sistema de operação, intimidades e de trocas na microsociologia do lar. As que são observadas dentro das instituições sociais, como: família e escola, principalmente. Relações diversas acontecendo no dia a dia, muitas vezes percebidas, apontadas e traduzidas como violências domésticas. Os acumulados de saberes consultados felizmente estão no alcance de qualquer pesquisador (a) que se disponha de interesse em investigar o mundo das sociedades vivas e da vida

relacional. Graças a soma de esforços individuais e coletivos de pessoas com mentes brilhantes que pensaram conceitos e teorias importantes buscando explicar os feixes de relações que seriam de difícil compreensão sem as traduções explicativas. Conhecer o mundo das relações sociais ou pelo menos parte delas explicadas conceitualmente é um privilégio e uma herança de valor imensurável. Aparentemente se torna fácil depois de explicado, mas, nem sempre é tão simples como aparenta ser na primeira leitura. A vida em sociedade é complexa e as relações produzidas por seus indivíduos são mais ainda. Quase sempre pensar causa dor na mente, fadiga no corpo e confusão mental. Mesmo assim, muitos superam as dificuldades para maturar ideias procurando entender para explicar os fenômenos sociais desde o nascimento das sociedades. Felizmente, herdamos uma vasta literatura com leituras reflexivas, densas, profundas. Ainda assim os estudos sobre violências continuam frágeis, insipientes, carecendo de mais observação, dedicação exclusiva, muitas vezes espalhados em campos diferentes, trechos e pedaços mal explicados. Embora, seja exatamente esse o ofício do (a) pesquisador (a) inquieto, do (a) observador (a) atento (a), juntar as fragmentações de conteúdos sobre determinados assuntos, temas, fazer colagem de partes, reunir autores, ligar as conexões, conceitos e explicações possíveis para então dar ideia do todo. Ainda podendo fazer os recortes necessários como peças do quebra-cabeça, sem esquecer de que este é o ofício artesanal e intelectual do cientista social e pesquisador.

Os metodólogos têm essa condição de tecer os retalhos do conhecimento e conduzir a ação envolvendo os órgãos dos sentidos, como instrumentais de valor maior. Dispor do corpo, da mente, do intelecto e todos os instrumentos físicos e intelectuais para conduzir o trabalho com habilidades e competências técnicas, operativas, sensíveis, que vai desde a visão-elemento de observação, as mãos para tato do mundo físico, a cognição para mediar os conteúdos de alta complexidade. Finalmente, obter os resultados do grande treino intelectual.

No caso desta pesquisa, os saberes e os conhecimentos sociológicos, antropológicos e da educação foram os mais apropriados para dar conta do aprofundamento, análise e explicação do estudo-problema, permitindo não somente problematizar as questões e descobertas, mas, também, levar a melhor compreensão das violências plantadas na vida privada de forma contextualizada. Com a devida observação das questões implicadas no corpo, na sexualidade e na microsociologia das relações cotidianas. Entendendo que as relações estão conectadas numa grande rede e a família é o fio condutor que interliga a vida produtiva e o comportamento individual e coletivo dos membros que vivem em grupo e em sociedade. Aqueles que estão carregados de coisas, de sentidos,



significados, representações, de elementos múltiplos, desejos, construções mentais e sensações sexuais diversas que colocam a vida familiar em permanente tensão, conflito e reflexão.

Ainda pensando na questão do tabu do incesto, é interessante abrir o campo para olhar os mecanismos psicológicos do agressor enquanto construções mentais mitológicas vistas na psicanálise de Freud (1975), a luta travada entre pai e filho observada no Complexo de Édipo, abre antigos e atuais dilemas familiares carregados de dramas e conflitos internos que acabam sendo exteriorizados nas condutas e na cultura produtora de relações de poder e de dominação da sexualidade feminina discutida em Foucault (1977). Então, as práticas incestuosas dentro do grupo familiar perpassam não somente por cargas culturais expressas nas regras proibitivas do tabu, mas, também, se constrói dentro do imaginário libidinoso do mundo masculino, nas construções mentais dos desejos, para então se externalizar no comportamento do homem-pai com relação à filha(vice-versa), do filho com relação à mãe(vice-versa).

Considerar que nessa arquitetura de coisas explicadas ou não por teorias, conceitos e teses, leva novamente a reflexão sobre os tipos de relações familiares em que vivem as famílias, das quais permanecem em movimentos contínuos permeadas de controles sobre o corpo, o sexo, as intimidades. Com isso, gera conflitos diversos envolvendo posse e reivindicações de benesses, privilégios pessoais, honra e poder reivindicados a base das múltiplas violências masculinas. São reflexões introduzidas por Le Breton (2010), Simmel (1983) e Peristiany (1965), nos quais ajudaram a pensar as questões reflexivas ao longo deste trabalho.

Ainda mais, as contribuições dos pensadores da educação como é o caso de Bordenave (1982), Vygotsky (1984), Freire (1987), Houaiss (1990) e outros, aparecem para colar as partes mais importantes do objeto de investigação. Sem dúvida, o conjunto referencial indicado nesse constructo encontrou sua base teórica, conceitual e as reflexões necessárias para aprofundar o tema, as questões de pertinência e as principais categorias como ponto de partida nas ciências humanas e sociais por excelência.

Em Bordenave (1982), a comunicação se decodifica nos diálogos, nos signos, na participação e nas linguagens traduzidas ao longo das gerações, são elementos indexados pela cultura na educação formadora das gentes. Pensar os motivos, as motivações, os desejos e as vontades que levam os indivíduos a agir de certa maneira, com determinada conduta, mentalidade e ação, é questão fundamental neste trabalho. O problema é quando são atos prejudiciais ao outro, ou aos outros que estão em condições desiguais, ou indefesos. Nesse sentido, a educação na cultura

se torna uma possibilidade importante trabalhar mudanças desses comportamentos circulantes dentro e fora da vida doméstica. Desarranjar esses dispositivos carecem sim de princípios e valores de colisão. De uma base de educação forte, formadora de consciência, que forme indivíduos livres, críticos e vigilantes uns com os outros o tempo todo. O “[...] ambiente social e cultural em que se movem força-os a pensar e a sentir de determinada maneira”. (MALINOWSKI, 1976, p. 35).

A antropologia de Lévi-Strauss (1982); Mead (1975), entre outros autores, também contribuíram para pensar as relações e a sociedade a partir da cultura. A cultura como a grande produtora de regras sociais fortes ou fracas que regulam, ou não as relações individuais e coletivas da vida em sociedade. Entre essas regras do tabu do incesto, tomadas como referência que regulam ou não as atividades sexuais das sociedades humanas. É observado por todas as culturas, independentemente da vontade pessoal do indivíduo, como um traço produzido socialmente e herdado individualmente.

São as regras do tabu do incesto que regulam o casamento e as práticas sexuais de todos aculturados e subjugados por uma sociedade. Indivíduos que vivem em grupos familiares, e finalmente na sociedade maior formada por agrupamentos e instituições. Regras que determinam tipos de reprodução humana conforme o grau de parentesco e consanguinidade do grupo, quem está autorizado ou proibido para consumir relações sexuais, ou formar casamento. O tabu impõe proibições, autorizações, prescrições, sanções, punição e coerção como lei moral-social normatizadora pela coletividade, sem deixar de lado as leis reguladoras que deveria reforçar a suposta vigilância.

As regras elementares de parentesco e consanguinidade vistas em Lévi-Strauss (1982), representam um feixe de condutas impactadas no elemento biológico corpóreo e sexual como dispositivo de controle de ações individuais e coletivas observadas pelos indivíduos e as sociedades próximas e distantes, para assim evitar conflitos dessa ordem, o incesto. É a cultura quem controla os tipos de contato físico envolvendo corpo e sexo entre os indivíduos consanguíneos. Do mesmo modo, a família e a coletividade constrói feixes morais para controlar esses impulsos. O cumprimento das regras e a vigilância é de responsabilidade individual e coletiva desde o nascimento de um membro, já que as regras transmitidas sobre o tabu do incesto também fazem parte da cultura ocidental. Então, se as regras são quebradas significa dizer que o controle exercido de uns sobre os outros está sendo fraco?

Os aspectos culturais, práticos e simbólicos implicados nas relações de intimidade e convivência entre vítimas e agressor incestuoso envolvem regras quebradas, sexo violado entre sangue do mesmo. Esse envolvimento incestuoso de pai com filhas não foi produzido de forma ingênua no cotidiano da família. O pai-agressor se apropriou do corpo imaturo das filhas adolescentes, obedientes, medrosas, ingênuas para exercer poder e controle sobre elas. Tudo mantido pelos conflitos de forma regulada, até consumir o sexo incestuoso desejado, mesmo sabendo que estava infringindo o código moral e criminal que o país opera.

Sobre essa dimensão de conflito e controle social, Simmel (1983) contribui para pensar suas implicações nas relações familiares simples e complexas. Nesse caso, o conflito mantido pelo controle (vice-versa) eram apenas estratégias criadas pelo agressor dentro da moradia, para reivindicar privilégios e sexo da prole feminina, "status" de honra social perante outros rivais que representasse dominação absoluta do grupo. O mesmo tipo de honra carregado de prestígio que Peristiany (1965) discute em sua obra.

Discutir as relações familiares detalhando os laços de intimidade com foco nas permissividades observadas entre consanguíneos (pai e filhas), que resultou em violência doméstica e sexual sem limites, carece, sobretudo, de observar os estabelecidos culturais que resultaram em práticas transgressoras das regras reguladoras das ações individuais e coletivas implicadas no tabu do incesto, o que pode ser observado no comportamento do pai que preda os corpos e a sexualidade das filhas sem nenhum impedimento moral dado a sua natureza. Para entender a complexidade dessas relações faz-se necessário aproximar-se dos participantes e do grupo olhando as dimensões do contexto sociocultural dentro do qual a família foi constituída. Nesse sentido, a cultura encarnada na educação e vice-versa, abre, desenvolve e fecha o trabalho desta tese. Por assim ser, inicio abaixo o tópico ponto de partida dessa engrenagem reflexiva com foco nas questões pertinentes ao tema.

### 3.1 MÃOS INVISÍVEIS DA EDUCAÇÃO NA CULTURA

Nas reflexões de Freire (1987), encontro base para refletir o que é, ou como deveria ser o diálogo entre pessoas, grupos e instituições sociais (família-escola) principalmente, por ser elemento facilitador do desenvolvimento da linguagem, da comunicação, do processo educativo e o todo complexo cultural onde acontece a teia das relações sociais entre indivíduos, grupos e sociedades. Com essas palavras explica o autor, assim o diálogo

[...] deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos (...). Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. Diz ainda que o diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. (FREIRE, 1987, p. 122-123).

É por meio da comunicação que os indivíduos dialogam e encontram saída para solução de suas próprias questões, desde as mais simples, até as complexas, sempre estão em interação constante - de trocas, de relações múltiplas, de ensino e aprendizagens - num processo contínuo de autodesenvolvimento.

Através da linguagem decodificada na comunicação aplicada na cultura familiar, escolar, plural, de forma participativa, encontram caminhos para fundar ou dissolver conflitos, estabelecer a paz ou a guerra independentemente dos estágios da vida social. A manutenção ou interrupção desses enunciados (paz, guerra, tensões), depende do nível de diálogo que se estabeleceu nas relações humanas. No contexto familiar, essas condições não se configuram diferentes, o estado de paz ou de conflitos também perpassa por esses fluxos dialógicos, comunicativo ou não entre os membros. A presença da violência doméstica na família, a quebra das regras do tabu do incesto, são exemplos de que certamente em algum momento as relações privadas do grupo (marido, mulher, pais e filhos), foram prejudicadas, interrompidas ou desfeitas. Os laços afetivos foram suprimidos, o vínculo consanguíneo e parentesco (dese) significados, acordos quebrados. Do mesmo modo ocorre com a vida social escolar dos indivíduos, em aspectos e dimensões semelhantes. Na ausência de diálogo entre escola, família e a sociedade (vice-versa), os valores, o desenvolvimento educativo, intelectual e técnico como esperado não acontece sem a unidade das relações.

É na comunicação, no diálogo, na interação que se estabelece relações de trabalho, de amizade, de casamento, de trocas, entre outros elementos usados para mediação dos processos. Com isso, os indivíduos exercem poder, fixam territórios, criam estratégias de controle de forma sofisticada, dentro ou fora dos espaços privados, públicos ou intermitentes. Contudo, dialogam, o tempo todo, de modo a estabelecer contatos, trocas, formar laços. Indivíduos, grupos, instituições (família, escola), sociedades próximas ou distantes caminham na mesma direção de encontros. Negociam e trocam coisas, situações, objetos, casamentos, relações de toda natureza.

Com isso, surge duas situações no processo de interação social no diálogo: a primeira é a de produzir significados particulares, coletivos, acordos, regras, normas, valores, onde necessariamente se exige relações de contato direto, indireto, mediado. Espaços de convivência, intimidade, interesses, para assim produzir representação de si para com o outro, o mundo, as coisas materiais e imateriais no sentido amplo. A segunda ideia abre múltiplas possibilidades de significação das coisas com base nos fluxos das diferentes culturas que se movimentam em mundos habitados por seres humanos comunicativos. Dos quais, criam condições de relações, cultivam o diálogo formal, erudito, científico, elaborado por instituições com a mesma natureza. A educação na cultura tende conduzir isso para fortalecer entre outras coisas, o diálogo entre saberes, a comunicação entre povos e culturas para fixação de valores, regras, normas e o todo complexo educativo de forma individual, coletiva e participativa.

Se assim for, é possível dizer que a educação na cultura se desenvolve com mãos invisíveis, onde a linguagem e a comunicação atuam de forma permanente na produção e transmissão de saberes compartilhados entre os indivíduos, que pensam e agem no conjunto da sociedade.

É na relação social que se desenvolve a linguagem falada, escrita, decodificada, de forma simples e sofisticada de modo a atender as necessidades da comunicação humana, em função das negociações de trocas e cooperação. Por meio do diálogo refinado que são criados e transmitidos o todo complexo normativo cultural, educativo, social, jurídico, político, econômico, produtivo, que rege o conjunto da sociedade. Como elementos vetores, ativadores de movimentos, onde mantêm ou modificam os sistemas e as estruturas sociais que dirige a sociedade maior. Por isso, em determinado momento se chega ao estágio da conformidade individual, grupal e coletiva, de que a vida social sem o diálogo contínuo, a sociedade não obteria a necessária segurança para sobrevivência de seus indivíduos. Incluindo nisso a necessidade de ordem e de paz social. Sem a possibilidade da linguagem, da comunicação e do diálogo não seria possível tomada de decisão consensuada. O esforço é para evitar conflitos, guerras, danos, riscos e sofrimento de impacto social dramático.

Assim como na sociedade, a família também é um polo ativo que emana diálogo contínuo o tempo todo. Sem isso, a relação de convivência, segurança, afinidades, correspondência e proteção entre marido e mulher, pais e filhos, fica prejudicada. Abre-se, os espaços para os conflitos, as discordâncias, a dissolução dos acordos, onde as tensões se ampliam e se aprofundam. O diálogo na convivência e nas relações sociais é indispensável enquanto instrumento mediador

que caminha com as sociedades antigas e as modernas, é histórico e de natureza social-cultural, talvez, seja esse um modo de tradução humana complexa e sofisticada que os indivíduos desenvolveram como marco da trajetória. Funciona como recurso-ponte de controle de relações múltiplas, de acomodação das diferenças, negociação dos acordos, visando sobretudo a solução das próprias questões humanas de interesses iguais ou divergentes. O dialogo estabelecido é supõe garantia de paz, segurança, avanço e desenvolvimento da espécie.

Os intelectuais Bordenave (1982), Vygotsky (1984), Freire (1987), Houaiss (1990), também discutem processos educativos conectados ao sistema de linguagem e de comunicação como elementos fundamentais no desenvolvimento dos indivíduos em potencial, aptos de interlocução e recepção de mensagens no todo complexo cultural.

Permite dizer que a educação na cultura (vice-versa) acontece todos os dias e em todos os ambientes-lugares onde as pessoas estão se comunicando e interagindo entre si. Acontece nas trocas e nas relações sociais diversas. Desde o contato informal com a família, vizinhança e a comunidade, até as formas mais sofisticadas nos ambientes institucionais, como o escolar, do trabalho, nos templos religiosos, nos espaços públicos e privados de toda natureza. As pessoas se comunicam para aprender ou transmitir saberes nas diferentes formas de linguagens e de comunicação decodificada. Em qualquer ambiente habitável por humanos ali vai estar alguém interagindo ou intencionado em se comunicar fazendo uso de elementos transmissores de mensagens. As interações vão se estabelecendo, ganham corpo com a participação dos indivíduos que ocupam espaços, funções e papéis na vida social.

Contudo, a escola foi criada e especializada para esse fim, reforçar processos educativos formais por meio da linguagem traduzida, da comunicação sofisticada e da participação dos indivíduos autônomos. Assim exercer sua função social para além da família. De manter os saberes para as gerações anteriores e transmitir novos, para as novas, elementos culturais considerados importantes produzidos coletivamente sem dissolver a herança particular da cultural de origem de cada um.

A escola cabe o papel de transmitir, fixar pedagogicamente, saberes e conhecimentos amplos e específicos, regras formais, técnicas de produção, significados dos valores e o conjunto de coisas que exige a sociedade. É a instância secundária no preparo dos indivíduos para o exercício de suas atividades profissionais, sociais, culturais e de ordem moral. Com isso, detêm o controle do funcionamento social e a manutenção do sistema em vista da divisão dos esquemas produtivos,

simples ou complexos. Com isso, garantir a sobrevivência da espécie, o avanço e o desenvolvimento de suas estruturas.

Sendo o indivíduo a menor unidade humana desprovido de condições de sobrevivência e independência diante do mundo. Ao nascer, de imediato é tomado como membro de um grupo social familiar, um clã ou de uma unidade coletiva de pertença. É apresentado como parte de uma estrutura coexistente histórica e ancestral dado aos laços biológicos, genéticos, sociais, culturais, como um igual por semelhanças. O grupo familiar torna-se referência maior para sobreviver, crescer, reproduzir e coexistir na vida social.

É declarado herdeiro do complexo sistema social-cultural independentemente de sua vontade ou decisão. A família é quem inicia o seu ritual de socialização da cultura primária, leva-o para a escola, integra a comunidade para formar novos laços, aprender valores, conviver entre si, assimilando códigos, linguagens úteis para a prática de atividades no intercâmbio de memórias correspondentes ao gene de origem.

Assim é caracterizado como tal, por pertencer a determinada família, escola, comunidade, lugares onde são observados os traços biológicos como determinismo particular, o modo de pensar e agir diante das relações de convivência. Podendo até se diferenciar com códigos e linguagens distintas, com expressões artísticas no corpo físico, pinturas e marcas que anuncie a cultura de um grupo em particular.

Por ser a escola o espaço de operacionalização de regras na transmissão dos saberes, dos valores, dados como processos de formação de nível secundário aos novos membros nascidos imaturos de aprendizagem formal. Em determinado momento da vida social são levados a se comunicarem em massa, interagir entre si, participando de rituais de iniciação e adaptação num constante e permanente movimento. Desse modo, a cultura familiar se estende para a escolar, como estágio de segundo nível de controle do corpo, da mente e das atitudes dos indivíduos, na forma simbólica e prática a serem colocadas em movimento no palco social das operações cotidianas, nas negociações sofisticadas e elementares do dia a dia. Embora, os valores e as regras escolares sejam tanto quanto parecidas com as do grupo (cultura) familiar. Embora, na prática, se configure com distinções disfarçadas pela formalidade das relações.

Nas sociedades ocidentais, grupos familiares trabalham num sistema cooperativo com as demais instituições (escola, trabalho, exército) criadas com a mesma finalidade. Para reforçamento de atividades de controles consideradas importantes e úteis para funcionamento da vida coletiva.



A cultura familiar é ampliação na relação estabelecida com a escola e o modelo de educação, as alianças são fortes e de co-dependência, estão (pré) destinadas a formar certo padrão de indivíduo, de grupo e de sociedade fundadora da própria base. De modo a utilizar as mesmas normas e regras em espaços iguais e diferentes para assim coexistir nas semelhanças. Homens e mulheres adultas, crianças, adolescentes e idosos, são subdivididos dentro do mesmo sistema (castas), imersos na mesma teia social onde os mais velhos transmitem sabedorias, informações, conhecimentos, para os mais novos com cargas culturais valorativas de função e papéis a serem mantidos, reproduzidos e perpetuados na sociedade.

A estrutura mantenedora da educação escolar é a própria família e os grupos (base) da sociedade. A família está travestida no ambiente de trabalho, no estado, nas instituições religiosas, políticas, econômicas, jurídicas e em toda estrutura social. Todas caminham em concomitância e de forma comunada, até criar os mecanismos e elementos condicionantes que despertem as estruturas cognitivas de seus indivíduos e a capacidade de assimilação das regras adequadas para tal, até atingir o estágio ideal.

É interessante observar que no interior da cultura familiar e escolar principalmente, pais e filhos, professores e alunos, tendem reproduzir hábitos de referências da base primária, tendem colocar em funcionamento, atividades normativas correspondentes ao modelo particular do grupo de origem. O modelo de família tende ser o mesmo que está presente na comunidade escolar, uma base se reproduz na outra e nos intercâmbios da convivência coletiva.

Dos séculos anteriores ao atual, a escola se perpetua sem grandes mudanças ou alterações de seu curso, mantém entre outras coisas, a mesma função social de outrora no controle dos corpos e mentes humanas, na correspondência da manutenção do sistema produtivo do qual são exigidos dos indivíduos. É poderosa transmissora de normas e saberes múltiplos como preparatório e formação regada por normas. O funcionamento da vida em sociedade depende do todo integrado conduzido pela escola, onde a linguagem, a comunicação e a participação são elementos de trabalho cotidiano no constructo educativo e cultural das sociedades ocidentais.

A escola e a família são instituições sociais aliadas no controle, na formação cultural-social dos indivíduos. A família é quem inicia o processo de socialização dos indivíduos, cada membro herda desde o nascimento a cultura do grupo de pertença. A escola no que lhe concerne também faz sua parte na sequência, participa da vida social da criança desde os primeiros anos de sua vida

escolar, podendo essa relação se estender até a fase adulta. No conjunto, a cultura familiar e escolar molda os indivíduos orientando-os seguir determinados fluxos e direção dentro da sociedade.

Afinal, todos são levados a conviver entre si, compartilhando experiências, trabalho, território, casamentos, parentescos. Onde são motivados pensar e sentir de certa maneira, se comportar socialmente de determinado jeito, se relacionar, reproduzir e desenvolver atividades dentro da mesma lógica social. Dessa forma, compartilham valores, costumes, gostos, modos de falar, de se vestir, de organização dos espaços e da vida social de forma semelhante e, ao mesmo tempo, distinta, com a finalidade de mostrar as diferenças particulares individuais, do grupo, da comunidade de origem perante as outras. (FREIRE, 1987; VYGOTSKY, 1984; BORDENAVE, 1982).

A discussão em torno da educação e dos elementos constitutivos (linguagem, comunicação, interação, diálogo, cultura) utilizados nos processos educativos dos seres humanos, não fida aqui nem neste tópico concluído. Abre-se, a seguir nova janela de discussão e aprofundamento sobre o todo complexo cultural visto na perspectiva da antropologia, dos conceitos e autores clássicos.

### 3.2 PARTICIPANTES, FAMÍLIA E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Na antropologia encontrei a base conceitual que define cultura. Entender os enunciados ajudaram na problematização do tema e a reflexão do problema de pesquisa, olhando para os eventos parte do contexto familiar e sociocultural das participantes, com vista na interpretação da cultura simbólica e prática vivenciada no mundo particular, com a grupo de origem e a comunidade.

Os antropólogos Laraia (1986), Geertz (1973), definiram cultura na perspectiva da antropológica cultural de modo a refletir a ideia olhando as dimensões interpretativas do próprio conceito colocado em prática. Aquilo que faz parte dos enunciados da vida social cotidiana. O importante são as contribuições oferecidas pelos autores que ajudam entender refletindo a cultura das participantes imersas a um modelo de família patriarcal, levadas a seguir determinado padrão de comportamento social, simbólico e prático. Com isso, afasta-se a pretensão de dizer o que é ou deveria ser, cultura certa, ou errada para esse, ou aquele modelo familiar. Apenas alargam as possibilidades de reflexão, construção ou desconstrução de noções (pré) concebidas. O constructo cultural é social e histórico, maior e mais complexo do que a imaginação valorativa imediata. Nesse

caso, aparece tão-somente como um dado que indica algum caminho para reflexão possível do problema de pesquisa.

Sabendo que a primeira noção sobre cultura nasceu com o antropólogo norte-americano Tylor (1871), apud, (LARAIA, 1986, p. 25), quando iniciou suas expedições nativas em tribos indígenas nas Américas, principalmente na do sul. Na vigência do século XVIII, o autor definiu cultura como sendo “[...] um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade, ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Mais adiante Geertz (1973), amplia o conceito dizendo que,

[...] cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1973, p. 24).

Laraia (1986), em sua obra “Cultura: um conceito antropológico” apresenta no século XX diferentes conceitos e teorias a respeito do assunto pensado por vários outros antropólogos do mesmo campo. Com o objetivo de explicar as diferentes concepções, recorreu ao esquema conceitual elaborado por Roger Keesing, e, ao mesmo tempo, considerou a reformulação do sistema adaptado por Leslie White, para assim mostrar os conceitos que se complementam no conjunto explicativo. Ou seja, colecionou o pensamento e a escrita dos vários pesquisadores de campo discutindo sobre o que é, ou pode ser, cultura. Sobre os esquemas culturais o autor afirma que as “[...] culturas são sistemas de padrões de comportamento que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos”. (LARAIA, 1986, p. 59).

Nas Teorias Idealistas de Cultura, Laraia (1986), se apoia em Roger Keesing, para subdividir o esquema cultural em três diferentes abordagens fundamentais. Na primeira, refere-se à interpretação de Goodenough, do qual define cultura “[...] como um sistema cognitivo” onde o “[...] conhecimento, consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade”. (LARAIA, 1986, p. 61).

Na segunda concepção, apresenta a perspectiva de Lévi-Strauss, por entender que as culturas são “[...] sistemas estruturais e simbólicos, é uma criação acumulativa da mente humana”. (IBID). Por último, a terceira consideração é defendida por Geertz e Schneider, afirmam que a “[...] cultura deve ser considerada não um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de

mecanismos de controle “[...] para governar os comportamentos e a vida em sociedade. Continua afirmando que “[...] todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura”. (IBID, p. 62).

Diante dos enunciados conceituais, olho para o contexto sociocultural da família natural da região nordeste do Brasil, em que se insere a pesquisa de tese, vejo que os autores muito ajudam a entender os processos implicados nos comportamentos e nas condutas passíveis de observação e reflexão. Os conteúdos oriundos dos formulários de denúncias e outras informações levantadas na pesquisa: “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, anuncia a existência de uma cultura simbólica e prática forte que determina e conduz a vida particular e social dos membros da família, como uma espécie de predestinação de nascimento. Todos os membros nascidos dentro do grupo, cresciam num ambiente de violências até serem expulsos do lar ou fugir das condições de riscos e maus-tratos. Talvez, as violências fossem parte do funcionamento cultural do grupo correspondente ao modelo de família extensa, nuclear, com estrutura rígida, laços de consanguinidade e parentesco fechados, constituída por um pai, uma mãe e 15 filhos, onde viviam sem sofrer quebra dos vínculos, ainda que esses fossem em (parte) negativos, prejudiciais, como é o caso da manutenção das violências intrafamiliares, multigeracionais e intradomiciliares impostas pelo patriarca. Considerando que nesse contexto cultural, o agressor não mantinha apenas um grupo sob domínio por força de agressões, existiam na teia, outros grupos de outras mães e filhos vinculados ao mesmo marido e pai, todos vivendo as mesmas condições de violências em territórios próximos ou distantes. A cultura familiar abrangia uma quantidade de mulheres com filhos vinculados ao mesmo agressor colecionador de descendentes na região. São enunciados culturais que somente os conceitos antropológicos sobre cultura pode ajudar na interpretação.

A família em estudo é um grupo particular especial que amplia a discussão sobre os determinismos culturais e as formas de ver e interpretar as relações sociais de convivência e intimidade doméstica, tem organização interna forte, hierarquia definida, estrutura social controlada e marcada pela dominação de um único homem. A cultura patriarcal operante numa região, berço do coronelista brasileiro, onde o poder se manteve ou se mantém centrado num único homem, que figura ser marido, pai, senhor, patrão, donos do poder e do mandonismo social privado e público. Homens com atitudes iguais que agiam dentro e fora do lar, em cujo modelo, fixava o poder de marido, pai, homem de negócios e para todos os fins sociais ao mesmo tempo. Sobre essa relação cultural, Gurvitch (1964, p. 305), afirma ser “[...] rotineiros, tradicionalistas, estagnantes”

essas culturas patriarcais no Brasil, homens que arrastaram as famílias e a sociedade para o imobilismo social coletivo, onde todos dependem e se submetem às ordens e ao domínio de um único chefe.

Ainda sobre os aspectos culturais, no Tratado Sociológico de Gurvitch (1964), o autor faz menção às sociedades globais e as estruturas sociais que elas produzem, cabendo o caso das famílias aculturadas no modelo patriarcal. Afirma o autor que:

[...] a estrutura encontra-se apoiada na premência exclusiva do grupo doméstico-familiar de ampla envergadura, fundado no parentesco de sangue, ligado de preferência à filiação masculina, poligama ou não. Este grupo absorve todos os outros agrupamentos, tais como os de atividade econômica, de localização e vizinhança, de sexo, idade, enfim, dos agrupamentos místico-estáticos. Todas as atividades econômicas, políticas e religiosas se encontram reunidas no lar da família doméstico-conjugal, sendo o patriarca, ao mesmo tempo, pai, proprietário-emprego, sacerdote, chefe político. (GURVITCH, 1964, p. 303-304).

Esse modelo de família também é visto em Goode (1970, p. 79), o autor destaca que “[...] o termo família extensa aplica-se de modo amplo a um sistema no qual o ideal social é que várias gerações vivam sob o mesmo teto”. Sendo este o lugar onde se localiza um pai, uma mãe e seus filhos vivendo submetidos em condições múltiplas de violências e abusos sexuais por longas datas, em série e por gerações. Mesmo assim, todos se mantêm obedecendo às ordens de um único homem. Do nascimento, passando pelo berço, pela primeira e segunda infância, à adolescência, a maioria dos filhos, das filhas e a mãe, viveram dominados pelo sistema de controle que o pai construiu para engaiolar as vidas, até conseguirem romper e afastar-se fisicamente do agressor.

Em Freyre (1963, p. 83), “[...] a família não é o indivíduo, nem tampouco o Estado, nem nenhuma companhia de comércio, é, desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil”.

De acordo com Freyre,

[...] a nossa verdadeira formação social se processa de 1532 em diante, tendo a família rural ou semi-rural por unidade, quer através de gente casada vinda do reino, quer das famílias aqui constituídas pela união de colonos com mulheres caboclas ou com moças órfãs ou mesmo à- toa mandadas vir de Portugal pelos padres casamenteiros. Vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, a família colonial. Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, o patriarcado rural que se consolidava nas casas-grandes de engenho e de fazenda [...] começou a perder a majestade dos tempos coloniais. (FREYRE, 1963, p. 89: 105).

Contudo, os conceitos vistos neste capítulo ajudaram situar a família em estudo e refletir as características socioculturais observáveis, das quais os membros e o grupo foram ou estão

submetidos durante décadas. Quiçá, alimentando uma cultura familiar por força da ancestralidade, mas aqui o interesse maior é o de problematizar em profundidade as relações de convivência e intimidade em face do modelo de família e de sociedade da qual estou me referindo e estudando desde a ideia (embrião) deste trabalho, o que gira em torno das violências domésticas e do incesto familiar misturado ao ordenamento cultural do grupo. Considerando ainda as dimensões sociais que organizam a teia das relações familiares e dos indivíduos, bem ou mal relacionados entre si.

Goode (1970, p. 79), formula a noção de família e diz que é “[...] uma unidade composta pelo marido, sua mulher e filhos” e conseqüentemente, forma uma estrutura de “[...] sociedade composta de famílias”, (IBID, p. 11), onde o contexto de referência revela elementos culturais que vão desde os hábitos elementares positivos ou negativos, saudáveis ou nocivos praticados dentro do grupo, até os mais amplos reproduzidos coletivamente na convivência saudável ou nociva, como, por exemplo, atividades múltiplas de violências domésticas familiares (agressões físicas, abandono, exploração do trabalho infantil, prática de incesto) e outras, parte do enredo cotidiano. Entre outras coisas, a poligamia masculina manifestada no comportamento sexual do agressor.

Sociologicamente, a <sup>11</sup>poliginia do patriarca agressor (marido e pai) passou fazer parte da vida familiar das participantes e do grupo de origem como um evento “normal”, que deveria ser aceitável por todos os membros e a comunidade sem questionamento de sua conduta. Assim o patriarca acumulava “[...] uma ou mais esposas e a unidade doméstica é composta de duas, ou mais famílias nucleares; das quais o marido é o mesmo indivíduo”. (IBID, p. 79). A convivência entre a coletividade de filhos e as esposas parece que não é o principal problema de grupo. O fosso está nos tipos de violência e conflitos acumulados no corpo e na sexualidade das vítimas.

Os tradicionais costumes do patriarcado coronelista da região nordeste, suas influências históricas de um antepassado recente se solidificaram dentro das comunidades rurais e urbanas, certo modelo de homens formadores de grupos familiares. O que anuncia um modo de pensar e agir culturalmente quando olhada as atitudes dos indivíduos, em especial as ações do agressor das participantes principalmente.

---

<sup>11</sup> **Poliginia.** Dicionário. Tanto na antropologia social como na sociobiologia, a noção de poliginia é usado para qualificar a condição de um homem que é casado simultaneamente com várias mulheres. Integra um sistema reprodutivo no qual o macho frequenta e acasala no mesmo período com duas ou mais mulheres/fêmeas. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/poliginia/> >. Acessado em: 10 outubro, 2017.

A mentalidade violenta de homens agressores, suas atitudes dominantes não se apagaram com o tempo (passado-presente), mas, sim, produziu e reproduziu no cotidiano formas de agir cada vez mais sofisticadas, assim reforçando o simbolismo cultural de que o homem dentro da família detém o poder e a dominação sobre o restante dos membros do grupo de convivência. Na prática, mantêm-se as raízes nascidas no passado, indicando a manutenção de atividades de violências familiares cada vez mais forte e impactantes nas vítimas. Com o passar das décadas o modelo de família patriarcal arcaica de um período histórico se mantém em atividade e com os mesmos hábitos. Grupos que abriga homens travestidos de chefes de família que dão ordens e decidem a vida coletiva dos membros subordinados obedientes às suas leis privadas.

São atitudes movidas por força do mandonismo, da dominação vinculada a atividades violentas praticadas por indivíduos masculinos que se mantêm fortemente disfarçados dentro dos lares onde mantêm suas vítimas escondidas e silenciadas por séculos.

Fica evidente que historicamente as violências domésticas sempre fizeram parte das relações sociais privadas e públicas como um elemento de controle e punição dos indivíduos subordinados. Está presente na vida social familiar e coletiva, nos grupos distintos e espalhadas em todas as camadas sociais de classes, se fazendo caminhar junto com as civilizações do planeta. Observa-se que a violência está presente na natureza humana, impregnada nas atitudes, na mentalidade individual e coletiva desde o nascimento de um ser. O dado moderador das relações violentas está no autocontrole (pessoal) ou na imposição baseada nas leis (morais ou jurídicas) como forma de manter a vida com menos conflitos e danos. Em tempos modernos pode-se dizer que há um certo controle baseado em leis, de indivíduos com natureza altamente perigosa e violenta. Teoricamente, não é permitido a prática de violências domésticas contra mulheres, crianças, adolescentes e os entes familiares, sem que o agressor sofra punição ou ameaça pelo menos. Contudo, no passado recente nem sequer essa condição existia, das vítimas romperem o silêncio de denunciar as agressões sofridas.

Tudo era permitido, silenciado e controlado por ordem do homem-rei que usava seus guardiões palacianos (escravos, jagunços, empregados) também subordinados ao grande chefe do território, dono da Casa Grande desde o período colonial, depois, do casario, sobrados e mansões modernas de hoje. Estava lá e ainda continuam as violências privadas fazendo parte da vida social cotidiana dentro e fora dos muros de casas controladas por homens de épocas diferentes. Continua sendo reproduzida, mantida, perpetuada nas mansões das grandes cidades, até nos casebres das



vilas do interior-rural profundo. As violências praticadas para reparar danos ou interpretadas como de castigos merecidos, punições reguladoras de indivíduos subordinados habitantes das casas, das ruas, dos espaços cercados de muros ou de arames farpados, assim como os que habitavam os porões dos monastérios, das masmorras dos castelos, das senzalas, prisões, mucambos, periferias e favelas alagadas por mananciais, mangues e lixões, todos eram contidos por medo e controlados por seus donos algozes. A vida regulada por violência era a prática corriqueira dos séculos que antecederam ao XXI.

A violência doméstica praticada contra a mulher, mães e filhos existiu sempre, existe ainda infelizmente onde coabitam com homens violentos, dos quais reproduzem nas relações sociais de convivência e intimidades entre si, atos de controle e dominação a base da força.

É uma constatação observada nos depoimentos de denúncia dos filhos membros da mesma família, assim como nas narrativas das participantes da tese, e isso possibilita uma melhor compreensão do objeto, considerando principalmente os aspectos históricos, sociais, culturais e relacional do grupo com o agressor em comum, aquilo que fez ou faz parte do contexto social cultural no qual conecta as histórias de vida enquanto experiência pessoal de cada membro. Sendo necessário olhar as práticas e os detalhes de cada atividade posta em funcionamento no processo de socialização presente nas estruturas sociais onde acontecia as relações de convivência dentro da unidade doméstica.

São contextos onde as interações se intensificam, os discursos ocupam lugar central, as trocas e negociações são operacionalizadas no cotidiano. Na voz alta ou no silêncio total de mentes dominantes, ou dominadas pelo sistema de cooperação, imposições e controles, se dão os fluxos individuais e coletivos nos diferentes graus de “[...] intimidade nas relações sociais entre os membros, onde são moldados em parte os processos de tensão e ajustamento entre familiares”. (GOODE, 1970, p. 78). Pois, é dentro desse amontoado de coisas, pessoas e situações diversas que se materializa o poder e a dominação do patriarca.

Para a compreensão de poder nas relações sociais no que se refere à dominação de um indivíduo por outro, Weber (1991, p.33) apresenta sociologicamente em seu clássico conceito sobre esse aspecto dizendo que o “[...] poder significa toda probabilidade de impor à vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”. Onde a “[...] potência designa uma virtualidade; por outro, uma capacidade determinada que está em condições de exercer-se a qualquer momento (LEBRUN, 1984, p. 11-12) e custo.

Por isso é importante saber quem é essa família e esse homem na percepção dos membros do grupo. O que dizem os conteúdos das narrativas de histórias de vida nesse contexto? Os conteúdos de denúncias aqui são tomados como parte importante das experiências de violências na família, disponível no Anexo IV. O conjunto de depoimentos tende a complementar o constructo da tese na produção de categorias e na reflexão analítica do trabalho. Foram os conteúdos de denúncia e as histórias de vida das participantes que deram a base para tecer os fios da realidade, compondo as partes e o todo dos eventos de violências. Assim valorizar as percepções das vítimas sobre o vivido e o testemunhado nas atitudes do agressor. Decerto, é visto como um homem “violento, astuto e manipulador” como afirma a filha denunciante 04. No outro ponto de vista, é “mostro psicopata estuprador”, diz o filho denunciante 05. São percepções carregadas de sofrimento, dores e emoções que conflitam com a ideia de que o pai deve ou deveria proteger a vida da prole e dos membros face aos perigos internos e externos que o mundo oferece, pelo contrário, torna-se o próprio predador dos filhos.

São percepções importantes porque mostram parte das construções mentais e emocionais que afetaram a família e os filhos. Sendo a família o lugar onde o praticado produziu representações sociais, sentidos, significado, impressões declaratórias, memórias, marcas e experiências fortes nas vítimas. Entender o que leva um único homem a movimentar sozinho, múltiplos atos de agressões físicas, emocionais, sexual contra suas companheiras-esposas e seus filhos de forma continuada. Isso sugere a seguinte reflexão: será que a família da casa grande se transmutou em família de senzala moderna, onde o operador da violência permaneceu com as mesmas práticas de forma aperfeiçoada? Sobre as relações sociais Goffman (2012, p. 13), diz que “[...] todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes”.

Ler, entender e traduzir os conteúdos narrados pelas vítimas nesse contexto torna-se imprescindível, no sentido de conhecer a percepção de cada membro, os significados das coisas que eles falam na linguagem auto descritiva, o que faz parte das representações sociais, a dinâmica das relações de convivência e intimidade com o agressor. Tudo isso tem voz e lugar nas narrativas escritas e oralizadas pela mãe, as filhas e o filho caçula. Assim conectar os elementos que estavam presos ao sistema privado, e isso servirá posteriormente para as análises necessárias e o cruzamento de informações, de modo a atender aos objetivos da pesquisa.

O grupo inserido no seu mundo sociocultural dominado por forças opressoras do sistema simbólico e prático, mantido pelo controle patriarcal de um pseudocoronel violento, as experiências individuais e coletivas da prole e toda locomotiva diária, tende a remontar a estrutura da violência doméstica na forma ramificada, como se fosse um quebra-cabeça de alta complexidade. Talvez se assemelhe a uma partida de xadrez onde é preciso criar condições para que os jogadores possam movimentar o tabuleiro, peça por peça até o xeque-mate. No final da partida, um perde e outro ganha, mas, no caso da violência familiar, todos os membros se tornam perdedores, menos o agressor. O sentido figurado serve para considerar que o foco do jogo é conhecer as regras que mantiveram os eventos de violência dentro do grupo, mapeando pela raiz.

Na pesquisa “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, nos documentos de denúncia consta que o contexto social, do qual a família investigada fazia parte, estava totalmente contaminado por violência desde o primeiro contato do agressor com a mãe das vítimas, que também foi a primeira vítima do próprio agressor das filhas, segundo as depoentes. Foi estuprada aos 12 anos de idade, e consequentemente, gerou o seu primeiro filho fruto de violência sexual, quer dizer, uma criança que nasce violentada deste a sua passagem pelo útero. Tudo isso é atribuído ao tipo de cultura produzida pelo sistema e absorvida pelo agressor ou pelas vítimas? Nesse sentido, abre-se no tópico abaixo um nível de reflexão para pensar a cultura circulante que o sistema patriarcal coronelista produziu no Brasil.

### 3.2.1 Hierarquia social - patriarca

Apesar do título social de coronel e outras titularidades inferiores a este, ter origem e representação na hierarquia e organização do poder ligado ao Exército Brasileiro, às Forças Aéreas, às Polícias Militares e ao Corpo de Bombeiros Militares, onde tradicionalmente é concedido por mérito e competência, a um Oficial Superior de mais alto posto de comando no regime militar, um Título de Oficial, como forma de reconhecimento da honra e de prestígio pela função exercida, é um quadro completamente diferente da relação de poder que os coronéis civis estabeleceram com os títulos sociais.

No Brasil da República Velha (1889-1930) ou na conhecida “República dos Coronéis”, ou ainda “República dos Oligarcas”, por ter sido o primeiro regime de governança civil do país no modelo republicano operado após a independência da nação, os coronéis compradores de títulos

sociais das Forças Armadas utilizaram seu poder de dominação e mando se espelhando no país como se a hierárquica e a organização do poder militar tal qual ele se configurava, também pertencesse irrestritamente a eles. E assim se sucedeu, comandaram militarmente a sociedade civil do lado de fora dos quarteis gerais. (GURVITCH, 1964).

Os coronéis sem farda militar eram homens dotados de posses, endinheirados que esbanjavam poder, dinheiro, mulheres e amantes, compradores de título social do tipo: coronel, major, tenente, capitão, cabo, entre outros de menor patente, não com a mesma representação da tradição que implicava formação militar propriamente dita, mas, sim, representar gruas de autoridade no comando da sociedade civil, dos aparelhos políticos e econômicos que o país era carente, criara-se então uma cultura patriarcal coronelista de ordem e o progresso nacional. Embora, os coronéis comandantes da ordem social acabavam também exercendo nas cidades, no interior das fazendas e nas comunidades rurais, certo poder de polícia, de mando e obediência coletiva. Eram as autoridades máximas, todos os maus feitos ou desordem social, eram eles quem supostamente resolviam os conflitos com uso da força.

Uma das características do tipo de sociedade e estrutura patriarcal considerando o quesito da autoridade Gurvitch (1964, p. 305), diz que “[...] na hierarquia das regulamentações sociais ou dos controles sociais, a moralidade tradicional e a moralidade das imagens simbólicas ideais ocupam o primeiro lugar”, embora, a aparência seja tão-somente para mascarar ou falsificar a realidade tal qual ela é por falta de leis e de maturidade social. Quer dizer, os coronéis brasileiros tendem dar uma aparência de sociedade, famílias e indivíduos autônomos, livres da escravidão do senhor que nunca existiu de fato. Na verdade, permanecem presos as mesmas ordens e comandos dos coronéis semi-reis ou semi-deuses de uma época que se transpõe para os dias atuais na forma de governos, capitalistas e uma infinidade de homens com mentalidades e atitudes violentas revestidos de pai, maridos ou bons moços. Nas contribuições do autor, a vida moral das famílias na sociedade patriarcal, “[...] a moralidade de aspiração, [...] da moralidade das virtudes estão centradas no patriarca, dada a ausência quase total de diferenciação dos caracteres pessoais e profissionais”. (GURVITCH, 1964, p. 225).

Nesse sentido, os títulos davam direitos amplos, privilégios, prestígios e honra social requerida ou imposta à família e a comunidade dominada. Com os títulos os coronéis se tornavam oficialmente os chefes políticos ou latifundiários poderosos que decidiam e dominavam o interior do país. Assim, instituíram o sistema coronelista representando nas diferentes regiões e localidades,

ocuparam a mais alta cúpula de comando da ordem com poder político e econômico extremado que marcou longo período do Brasil república, teoricamente até os anos 30.

Os coronéis tinham algumas <sup>12</sup>características pessoais que marcaram o período coronelista no país, sua conduta moral era quase sempre desacerbada com mentalidade autoritária e de mandonismo. Instituiu o controle social por meio do clientelismo, voto de cabresto, fraudes eleitorais, política do “café com leite”, política dos governadores.

A cultura patriarcal influenciou o conjunto da sociedade, os hábitos da família, o estilo de vida social, a alimentação dos indivíduos, vestuários, casamentos por interesses patrimoniais, o sistema político e econômico de gerações de velhos e novos patriarcas que a sociedade produziu no tempo histórico. Principalmente, em épocas em que a cultura e a economia nacional estavam concentradas no interior e na produção rural sob o comando dos senhores de engenhos, grandes fazendeiros, homens de poder fluentes na política e economicamente dominantes. A compra de títulos sociais nos quartéis militares ampliava os "status" sociais dos subchefes de estado, os coronéis, homens de poder, principalmente na dominância da política regional onde a tomavam decisões que impactavam diretamente na vida dos cidadãos inferiores em poder. Com maior força na vida dos mais pobres, por estes depender exclusivamente de seus chefes (senhores-patrões), homens a quem deviam obediência e lealdade, pelo fato de trabalhar e/ou morar nas terras para sobrevivência.

Teoricamente, a decadência do sistema coronelista aconteceu com a Revolução de 1930, num contexto social e político de efervescência social, do qual levou os tais homens civis

---

<sup>12</sup> Dicionário de significado online sobre o **Sistema coronelista do Brasil. Clientelismo:** consistia na relação que os cidadãos mantinham com os coronéis de suas regiões, principalmente os mais pobres, que eram tratados como se fossem seus “clientes”. Assim, as pessoas mais humildes ficavam totalmente dependentes das ordens dos seus “patrões”.

**Voto de cabresto:** os coronéis controlavam o voto dos eleitores e ameaçavam aqueles que não votassem nos candidatos que apoiavam. Por temer represálias, as pessoas deixavam que os coronéis escolhessem em quem deveriam votar. Assim, os coronéis conseguiam comandar a construção do cenário político regional.

**Fraudes eleitorais:** além do “voto de cabresto”, os coronéis também costumavam fraudar as eleições. Com um sistema eleitoral fraco e pouco seguro, os coronéis conseguiam alterar os votos, sumir com urnas, falsificar documentos (para que as pessoas pudessem votar várias vezes) e até praticavam o chamado “voto fantasma”, com os documentos de pessoas que já estavam mortas ou não existiam.

**Política do “Café com Leite”:** nome dado ao esquema armado entre os líderes políticos de São Paulo (conhecido por ser o maior produtor de café do país) e de Minas Gerais (maiores produtores de leite e seus derivados). Com o apoio mútuo entre essas duas potências, os políticos garantiam a manutenção contínua do poder apenas entre candidatos desses locais.

**Política dos Governadores:** era um acordo firmado entre os governadores e o presidente da República que consistia na troca de favores, com o intuito de ambos permanecerem no poder sem perturbações. Disponível em: <https://www.significados.com.br/coronelismo/>. Acessado em 31 de maio 2017.

intitulados de coronéis perderem seu poder na história do país. A campanha liderada pelo presidente Getúlio Vargas teve sua importância no sentido de combater o sistema autoritário enraizado no Brasil mantido a base da força e da violência pura. Outro fator que ajudou foi o aumento do êxodo rural, que levou milhares de pessoas a abandonarem a vida no campo e partir para os grandes centros urbanos motivados por ideologia de desenvolvimento social. Famílias numerosas oriundas do mundo rural agrícola, analfabetas e sem qualificação profissional para adaptação nos espaços urbanos, se aglomeraram nas periferias dos centros sem percepção de vida melhor. Com elas assentaram os problemas sociais urbanos de origem rural, que se mantêm até os dias atuais ampliados nos territórios de guetos, favelas, repúblicas, mocós, marquises e outros ambientes iguais por semelhanças. Lugares invisíveis para o estado, onde a população marginalizada criou suas próprias leis e sistemas de funcionamento paralelo ao da ordem oficial. Dentro desses, a realidade é outra, onde as desigualdades sociais são materializadas na fome, desemprego, prostituição, drogas, violência doméstica, sexual, entre outras demandas como fenômeno comum.

Foram os mesmos homens de poder quem criaram as instituições sociais de interesse particular, tentáculos de controle para dominação da família, dos espaços privados e públicos, do sistema social, político, econômico e todas as formas de movimentar a sociedade. Homens que impõe condição A ou B das classes superiores e inferiores existirem nos territórios, controlam a vida social com normas, linguagens próprias, mentalidades e condutas, discursos simbólicos e práticos, para padronização da vida coletiva. Assim determinando o lugar do rico e do pobre, de quem tem poder e quem nada possui, quem trabalha para produção das riquezas e quem tem a posse delas. A cultura patriarcal determina o lugar ocupado por cada classe social, o tipo de formação prática e conhecimento erudito que cada grupo familiar vai receber, reproduzir e perpetuar como marca de mando ou de obediência quase indissolúvel na mentalidade coletiva. Onde os mesmos sujeitos com formação dominante, tem lugar no trono palaciano centrado no grande ou pequeno poder dentro da família, do estado, nas instituições diversas, como degraus que ascende e mantém o grupo de origem no mesmo lugar. Indivíduos dominantes oriundos de famílias ricas, continuam ricos exercendo o poder herdado no nascimento, homens e famílias pobres oriundas da pobreza, continuam dominados no mesmo lugar de origem da classe social. Uma sociedade de homens dominantes que produz modos operantes, dada a cultura patriarcal que de longe são identificados pelo mandonismo, mentalidades violentas, carrascos implacáveis que a sociedade abriga. Homens

que orchestra a vida coletiva exigindo dos súditos, massa de subordinados (escravos-trabalhadores), obediência absoluta. São práticas que continuam em operação carregada de atividades violentas, onde se mantém com as mesmas mentalidades até os dias de atuais.

A violência doméstica familiar, pode ser entendida como parte das práticas de homens acostumados em exercer múltiplas agressões contra a família e o seu clã de controle, operavam e continuam operando com as mesmas mentalidades de outrora aos tempos atuais. Tanto nos espaços públicos, onde os telespectadores assistiam suas atividades em praças públicas, como as fogueiras em chama alimentada por corpos e carne humanas como espetáculos dos horrores, assim como as guilhotinas furiosas, máquinas de sangramento e degola em série, ainda os esquartejamentos, fuzilamentos, prisões em porões e masmorras, surras em trocos, castigos severos praticados por jagunços, carrascos, exércitos sedentos de sangue e outras formas de exercer o poder com requinte de crueldade, os fortes e armados homens de poder exerceram força sobre os fracos, indefesos e despidos de posses. São os mesmos que coabitam os espaços domésticos de hoje, a vida privada restrita dos grupos familiares, se estendem para o congresso nacional, a classe política, empresarial, as instituições (estado) públicas e privadas, onde acontece os mesmos espetáculos de horrores de outrora, com indumentários diferentes nos tempos de hoje. Não houve alterações significativas na essência da cultura dominante.

São esses os homens que ocupam papéis de marido, pai, companheiro, "homem de bem", os que fazem parte do mesmo sistema cultural-estrutural de dominação dos grupos formadores das sociedades humanas, das primitivas as modernas. Permanecem ocupando os mesmos espaços vigiando a circulação social e convivendo com suas (vítimas) dia e noite agindo da mesma forma. As teorias científicas produzidas em 1989, até em épocas ou períodos anteriores a este, discussões foram realizados no Brasil como alerta ou modo de chamar a atenção da sociedade, em face das necessidades de desconstruir essas mentalidades operantes prejudiciais a vida coletiva. Um prelúdio denunciatório se iniciava no país. Isso, socialmente tem um preço oneroso, se configura em lutas, conflitos, feminicídios e toda forma de resistência que evite mexer ou desconstruir certas mentalidades violentas, masculinas e até de grupos familiares enraizadas há séculos no país. A tentativa de desestabilização do poder masculino, com discursos inversos de que ele protege e mantém a família a base de violências domésticas presentes na maioria dos lares, aparece como tentativa de inverter valores produtores da vida saudável para a nociva. O enfrentamento da violência doméstica e sexual significa alguém expor a construção cultural (simbólica e prática)



imposta por ideias inventadas por homens dominadores, de que a sociedade, a família, a mulher e os filhos precisam do controle de homens corajosos, fortes, machos. Em troca, exige obediência consentida ou à base da força, por estarem sob o domínio de um chefe dono do grupo. Então, todos os membros subordinados são regulados, dominados pelo ente superior. Assim a família tornou-se o ambiente privado de privilégios irrestritos, um lugar intocável, onde o chefe pode exercer seu pequeno poder perante a sociedade e as próprias vítimas, assim satisfaz o próprio ego.

O problema das violências familiares torna-se tabu, deixa de ser objeto de combate coletivo. É interpretada como questão privada onde ninguém pode interferir, já que ali existe um chefe de família dono das vidas. Coletivamente, a socialmente não tem interesse em saber o que se passa na vida privada dos grupos familiares, o assunto é descartado pela maioria dos indivíduos e, ao mesmo tempo, invisibilizado pela multidão de seres igualmente violentos. Essa construção consciente ou não, tem por detrás uma estrutura racional mantida por homens dominantes e intencionados em manter-se no lugar de controle todos os dias e durante séculos, de geração e geração constroem discursos, práticas, atividades operantes para controlar o mundo das mulheres e dos grupos considerados fracos. Sem se dar conta de que os resultados de suas ações agressivas podem ser questionadas, analisadas, criticadas, julgadas, por outros em algum momento da história. Pelo visto, nada importa ou lhes causa vergonha moral perante a sociedade, interessa a todo custo manter afastado os intrusos observadores da vida privada dominada por estes. Talvez, seja essas uma das mais sofisticadas estratégias masculinas construídas durante os séculos e culturalmente falando, manter a violência doméstica sobre seu absoluto poder e restrição. Tanto que o tabu se mantém, ninguém de fora deve se meter na vida privada de uma família, de um casal, da mulher ou dos filhos daquele homem-pai. São desse modo que homens agressores mantêm no silêncio suas vítimas por décadas em nome da vergonha social e do medo mantenedor.

É um jogo de impacto com a sociedade, as consequências são imprevisíveis, as violências afetam diretamente as vítimas e sua família, as presentes e futuras gerações de indivíduos mantidos em sistema de cárcere por homens violentos. São homens resistentes a qualquer tentativa de mudança social, impedem que os lares sejam vistos por outros, escondem os acontecimentos e a realidade de fato. Intencionalmente, produzem ideias de que o público e o privado não se misturam, com esse discurso reforçam o poder da coerção social exercida sobre a prole e a coletividade. A casa é o lugar intacto, onde corre a vida privada de um homem-rei, sentado no trono ou na cabeceira da mesa controlando os espaços dominados.

Pesquisadores brasileiros da década de 80 em diante se esforçam para desmitificação das violências no Brasil, buscam investigar as ações masculinas produzidas no modelo do patriarcado, hoje, com a mais urgência e necessidade explicativa. Desconstruir a cultura da violência masculina e a mentalidade de subordinação e obediência feminina que de certo modo ajuda a manter como estão o tabu das violências privadas, são pontos sensíveis bastantes complexos. Sobretudo, é preciso encorajar permanentemente as vítimas relatarem suas experiências, denunciarem seus agressores, falar sem tabu sobre os acontecimentos nocivos que afeta a vida em família. O exemplo dessa resistência observada é quando pesquisadores se deparam com um único homem que produziu uma legião de vítimas, mulheres, crianças, adolescentes e adultos e se mantém impune, sem registros de denúncias ou coisa parecida. Embora, as vítimas marcadas por violências múltiplas permaneçam com as feridas abertas independentemente do tempo cronológico, ainda assim resistem no silenciamento dos fatos, na desnaturalização da cultura masculina ou problematizar o assunto e as consequências no vivido.

O patriarca filho do velho coronel do nordeste brasileiro, o agressor das participantes da pesquisa de tese (mulher e filha) vítimas de múltiplas violências domésticas e abusos sexuais, expõe seu ethos cultural no modelo de família patriarcal observada também nos tempos atuais no Brasil. A forma de dominação do agressor sobre as vítimas e a família revela uma mentalidade arcaica que se mantém em operação na convivência familiar. Manifesta-se dentro do grupo nas diferentes formas da vida produtiva na relação com a mãe de seus filhos e a própria prole.

A história em curso indica que o modelo de dominação coronelista no Brasil iniciado no final do século XIX, supostamente teve seu sepultamento no começo do XX, sendo este um período em que vigorou o mandonismo e o compadrio dos coronéis, homens de poder que decidiam os encaminhamentos da vida alheia, intermediando questões desde as elementares demandadas pelas famílias e grupos, até as consideradas complexas que dependiam de decisões políticas, econômicas, multifatoriais. Antes, eram os coronéis (homens-mãos de ferro), quem dividiam os territórios, ocupavam para controlar e comandar o país. Hoje, os mesmos homens com traje e roupas modernas, usando sapatos e gravatas importadas, permanecem no mesmo lugar de comando de forma diferente em alguns aspectos apenas. Contudo, continuam impactando a vida social privada, pública e coletiva com uso da força política, de estratégias, agendas e políticas de controle via legitimidade do estado. Mudou tão-somente, talvez, o perfil das novas gerações de coronéis bacharéis, homens modernos na figura de empresários ricos, políticos corruptos, agressores donos

das leis, que agem com as mesmas atitudes e mentalidades violentas do passado familiar na escala genealógica.

Dos antigos aos novos coronéis, os privilégios acompanham a identidade social, é sinônimo de poder, honra, exposição e exibicionismo midiático, jornalesco, para serem reconhecidos como tais. Pertencentes a uma classe de homens de poder, herdeiros das riquezas produzidas, donos dos antigos engenhos onde uma elite rica decidia a vida da maioria, assim como é atualmente. Aquele poder simbólico e prático que funcionava no passado continua no presente, nas diferentes instâncias da vida social misturada às estruturas da sociedade. O ethos do patriarcado passou a ser um modo e um estilo de vida, uma cultura forte absorvida por todos, consciente ou inconscientemente. Pouco importando se a origem dessa cultura está na velha guarda reprodutora de danos e violências contra a sociedade, os homens patriarcais, coronéis e senhores de escravos, agora, patrões, empresários, donos de gerações de trabalhadores igualmente explorados.

Trata-se de uma mentalidade estruturada no sistema de classes, de relações de convivência e intimidade distintas entre as pessoas. A dominação patriarcal em curso dentro e fora das famílias, leva a execução de violências múltiplas com raízes profundas desde a colonização do país. Isso está dado na ordem de cada dia em que sobrevive as famílias vitimadas por homens portadores de mentalidade violenta.

A reflexão do estudo gira em torno das relações e do contexto familiar, onde se desenvolveram as ações simbólicas e práticas de violências privadas e a quebra das regras do incesto dentro da família. O poder e a dominação do patriarca, novo coronel, exercida sobre as participantes do estudo e a coletivamente do grupo, sem tabu nem castração do sexo predatório entre pai e filhas.

As atividades do agressor foram mantidas por décadas num jogo de sedução, controle e privilegiados, onde a moeda de troca com vítimas e a família era a possibilidade de moradia, alimento e trabalho explorado.

Assim criou condições favoráveis para disfarce das atividades, potencializando as relações sexuais e de intimidade com as vítimas. Desse modo o agressor afastava do seu território controlado outros predadores em potencial, concorrentes ou intencionados no sexo das filhas. Até os próprios filhos eram vistos como ameaças para o pai, a todo custo mantinham afastados do meio como se fossem meros estranhos. As atitudes do agressor ajuda a pensar o tema e a ideia de que o pai biológico ou social da prole, é um ente protetor dos filhos e da família incondicionalmente. Nesse

caso, o valor paternal aparece em conflito ou em condição relativa. O interesse do pai manifestado no contexto familiar, nada tinha a ver com proteção e cuidado dos filhos, o controle absoluto do corpo e do sexo das filhas, em nome da suposta paternidade ou pátrio poder, era uma estratégia sofisticada de dissimulação e predação das adolescentes. A farsa, foi tão-somente um modo de aproximação das vítimas sem imposição do critério (limite).

O modo operante dos agressores domésticos no Brasil é sofisticado, de difícil mapeamento e caracterização, como foi visto o caso estudado quando analisado os resultados de narrativas desta tese. A violência continua persistente dentro das famílias, abusadores permanecem agindo livremente contra suas vítimas, continuam protegendo uns aos outros. Talvez, isso revele a existência de aliança entre homens agressores domésticos. Homens da lei e autoridades do estado, de instituições sociais, como: delegacias, por exemplo, onde criminosos domésticos deveriam ser punir com a força das leis e com rigor, não são punidos como se espera ser. Práticas de violências domésticas ao serem denunciadas ou registradas em delegacias, principalmente, não são detalhadas como a devida seriedade e cuidado por outros homens, em especial, a maioria que assistem as vítimas nas instituições do estado. Pode sim estar a existir na relação de correspondência masculina certa resistência ou proteção de homens agressores, por agentes da lei, com igual potencial - homens violentos e predadores dos lares.

Homens que se especializam em violência doméstica nas variadas modalidades delas existirem e produzir impactos nocivos nas vítimas, no grupo e na sociedade, estes, transformam a vida das vítimas em máquinas de autodestruição, modificam o funcionamento dos lares, transforma a casa como se fosse laboratório de testes e aperfeiçoamento de suas múltiplas práticas. Criam táticas, inventam inovações e estratégias para garantir o sucesso de seus processos na estrutura cognitiva e emocional das vítimas na transmissão e internalização de seus conteúdos de violências. São atividades que não é para um sujeito despreparado, a manutenção exige do agressor um investimento permanente de controle, planejamento e racionalidade para conduzir o plano. A tarefa de conduzir a vida de uma família afetada por agressões e conflitos, requer domínio absoluto e vigilância permanente. Precisa controlar quem se aproxima de seu território, manter as regras do silêncio, da obediência e subordinação, testar se estão sendo cumpridas ou descumpridas pelos membros. A perpetuação da violência significa sucesso do agressor.

São agressores que tende acionar diversos dispositivos para funcionamento de suas operações de forma calculadas em detalhes, para obter os resultados desejados. A vida doméstica

torna-se um campo fértil para reprodução de atos de violências como laboratório de controle. Homens de natureza violento tendem saber usar da cognição das vítimas, conhecer a mentalidade feminina como dispositivo de um processo educativo anunciado desde o berço, ser obediente primeiramente ao pai, depois, ao marido. É com isso, que homens intencionados na predação trabalha com as mulheres dentro das moradias domésticas todos os dias. Usam os mesmos enredos cognitivos e culturais para dominar as mulheres e os membros mais fracos. São possibilidades que facilita o controle da subordinação tornando fácil a operação. O jogo é permeado de práticas sutis, gestos, sinais traduzidos ou não, desde as atividades de conquistas interpretadas como normais, naturais, corriqueiros, que são transmitidas nas relações entre sujeitos intencionados em sexo, casamento, amizades, proximidades. A árdua luta é a de quebrar o ciclo das violências contra mulheres e filhos, levar às vítimas e a família afetada à reflexão da questão, quebrar o tabu do silêncio e do medo, mudar o rumo das histórias de vida afetadas por homens violentos. Desconstruir a cultura do poder masculino sob o feminino desde a base familiar.

A violência doméstica ocupa o corpo físico de mulheres e sua prole, se mostra no rosto ou na face desfigurada da vítima, ocupa lugar e espaço dentro dos lares e na sociedade. Se multiplica com sofisticadas formas de operação na vida alheia das pessoas afetadas, direto e indiretamente. É caracterizada com marcas visíveis ou não, tende ser dissimulada para não impactar na aparência física. O exemplo do abuso sexual incestuoso ou não, revela a invisibilidade dos atos, assim como, os danos psicológicos, os maus-tratos escondidos, a fome, nudez moral, entre outras formas de manifestações nocivas. Todas as modalidades de violências produz danos reais e concretos de forma imediata, visíveis aos olhos sem lentes ou não. Quando a violência familiar se revela para além dos muros de controle, a raiz tende ser profunda, quase sempre nasce nos porões ou nas sombras dos lares, até aparecer na superfície das estruturas concretas, simbólicas, onde acontece a circulação comum. A presença da violência na família não permite mostrar a vida familiar como uma unidade integrada e forte, de laços afetivos e de cooperação, de confiança e intimidade mútua, esses valores são prejudicados parcialmente ou desintegrados na totalidade. Pelo contrário, em ambientes contaminados por violências sobressai-se o sentimento de tristeza entre os membros, nudez moral da vergonha, a opressão das vítimas, que vivem confinadas e com medo. Torna-se um meio de risco onde o agressor se inimigo que agride, espanca, maltrata o grupo, podendo até matar a mãe e seus filhos.

As experiências expostas pelas participantes da tese vitimadas pelo agressor em comum, tem forte significado e importante na revelação do contexto familiar do qual foram submetidas. A cooperação do grupo revela certo grau de consciência individual no sentido de se dispor em contribuir com um estudo desse nível e natureza, e assim poder oferecer conteúdo rico para a reflexão desse trabalho. Após décadas de silêncio, levantam bandeiras de lutas em defesa da família sem violências e proteção de crianças e adolescentes indefesos que vivem na guarda das famílias. Suas narrativas produzem uma forma de denúncia quando detalham a vida da própria família vivendo num cativeiro doméstico dominado por um homem violento. São experiências de sobrevivência e superação dos grandes riscos com conteúdos empíricos de grande validade e importância para o tema, não somente por isso, mas também por tratar de uma questão que atinge toda a sociedade. É preciso avançar, descamar a realidade das famílias afetadas, olhar as relações de convivência doméstica que leve entender: como são e vivem as vítimas? Ouvindo suas queixas nos formulários de denúncias apenas? Questionar os agressores do porquê de suas atividades nocivas? Isso tudo é preciso, mas também ir, além disso, é necessário investigar em profundidade cada mundo particular, entender, analisar e explicar: o que, como e de que forma acontece a vida relacional familiar que vive em condição de violências múltiplas compartilhando o ambiente com seus agressores. Sem deixar de chamar a sociedade para pensar o problema nas diferentes dimensões da vida social e perspectivas reflexivas possíveis. Procurando assim desconstruir no conjunto a cultura das violências que tanto prejudicam os indivíduos e a coletividade. Poder construir novas possibilidades de vida familiar e coletiva numa sociedade livre de violências domésticas, onde os laços familiares, o diálogo, respeito e a tolerância conduza as relações humanas.

Nesse momento é possível ir além dos dados quantitativos e estatísticos levantados, o propósito aqui é problematizar a violência doméstica que aparece nas narrativas de história de vida das vítimas, nas experiências pessoais carregadas de subjetividades e acontecimentos concretos. Com isso, construir a reflexão qualitativa pensando na construção de um inventário analítico que exponha detalhes do mundo das participantes conectadas ao familiar. Obviamente, com destaque para os enredos da (narração) indicadores de características e dimensões dos atos praticados dentro do grupo em particular.

É recomendável sim a desconstrução do mito da suposta segurança, de que o homem produz proteção da família e a ele, os membros, deve obediência. Isso, no entanto, é questionável, devendo

ser revisto e problematizado o grau de poder e as condições dadas ao patriarcal. A segurança da família e dos membros está na própria unidade de grupo, nas relações coletivas e não centrada num ente que causa conflitos, risco ou mal-estar no grupo quase sempre, ainda mais se tratando de um homem agressor que se transvestiu no papel de marido e pai, para violentar a própria família. No caso, o grupo vivia em total insegurança, desde as condições de sobrevivência básica, como: o fornecimento de alimento, abrigo, água e segurança, menos ainda as questões de ordem secundária que exigia a comunidade. O exemplo das entrevistadas demonstra que os membros do grupo se protegiam entre si, sem a participação do pai-agressor. Contrariamente, ele era o causador de riscos e conflitos dentro do grupo.

Sendo assim, a partir das características socioculturais da família estudada nesta tese, inicia-se a seguir o debate na perspectiva sociológica.

### 3.2.2 Patriarcado, honra, desonra-vergonha

“O vidro e a honra de um homem (ou de uma mulher) se partem à primeira pancada, repetem-se à comunidade”. Provérbio Espanhol.

O conceito de honra na perspectiva de Peristiany (1965), conecta aspectos moralistas e de valoração (honra ou desonra) que uma pessoa constrói ou adquire dentro da sociedade. A ideia de honra e desonra implica em feixes de relações sociais de natureza moral que uma pessoa estabelece na convivência com a comunidade, onde julgada ou reivindica seu reconhecimento como tal para conferência de seu "status" social. São valores que envolve a estrutura social revelando o poder de conferência das instituições sociais tradicionais, entre essas, a família, o estado.

A reivindicação e conferência de honra se insere num circuito de coisas emanadas por relações sociais internas e externas sustentada por estruturas de poder consideradas fortes ou fracas. No modo operacional pode promover paz ou até a guerra em defesa da própria honra, ou da de alguém que tem, ou reivindica privilégios.

A noção de honra e a desonra na sociedade brasileira, que vai desde as instituições sociais, como: famílias, estado, empresas, trabalho, entre outras, até os indivíduos poderosos que se diferenciam dentro das sociedades no mundo ocidental. A honra, representa entre outras coisas “[...] um valor que a pessoa tem aos próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade” (PERISTIANY, 1965, p.13). São “[...] maneiras como as pessoas tentam obter doutros, a



retificação da imagem que acalentam de si próprias”. (PERISTIANY, 1965, p.13). Isso não implica apenas em preferência habitual na forma de conduta que um indivíduo ou instituição produz na sociedade, mas também confere as formas de relações de convivência, intimidade, confiança, trocas, entre outras condutas passivas de valor e julgamento social.

O indivíduo que é considerado honrado tem direito a determinada posição social de hierarquia, em função do seu reconhecimento social perante os outros, adquira uma espécie de identidade social, onde a pessoa honrada ou “[...] o pretendente a honra tem que fazer com que os outros aceitem a avaliação que ele faz de si próprio, tem que conseguir reputação, caso contrário a pretensão passa a ser simples vaidade, objeto de ridículo ou desprezo” coletivo. (IBID, p. 14). Quando se trata de um indivíduo moralista, ele tem o direito de arbitrar suas pretensões de honra conforme seus próprios valores. Tende “[...] impor o que está certo e proibir o que está errado” para os outros, e assim “[...] reivindica o direito de conferir honras” (IBID, p. 14) para si mesmo, a base da força.

Nesse caso, a honra pode ser conferida de forma impositiva: “[...] como sentimento e modo de conduta, separando-se da honra que pode levar a títulos concedidos por autoridades.” (IBID, p. 14). Essas duas concepções colocam a ideia de honra em dois polos de significado que flutuam socialmente. De um lado, o sentimento de honra é procedente de conduta social imposta na relação com os outros, implica no julgamento valorativo quando se reconhece e diz: fulano “[...] perdeu tudo menos a honra”. (IBID). Por outro, aparece materializado na forma de título, em geral, o “[...] usurpador cumula os traidores que o ajudaram a alcançar o poder” (PERISTIANY, 1965, p.14-15), num jogo de vale tudo para garantir a honra de vencedor e o "status" da posição social. Se torna um perito em golpes com a finalidade de ocupar o poder obter títulos de honra.

A honra quando é resultante das qualidades pessoais de alguém, de origem familiar e de nascimento, parte do princípio de que o bem-nascido possui por herança, sentimento e caráter que confere honra de imediato, a natureza genealógica revela sua conduta na origem familiar, na ancestralidade de seus antepassados, na qual deve ser conferida e concedida pelos outros. Tem a ver com a superioridade derivada de condutas, critérios e procedência. Assim, o valor é colocado em funcionamento na estrutura hierárquica das relações sociais coletivas. Um rei transfere poder e honra para seus descendentes (príncipes, princesas e descendentes do palácio real) por gerações.

Numa sociedade, a exemplo da brasileira, as instituições sociais familiares conferem poder e honra para seus indivíduos originários e descendentes, os insere e vincula no todo complexo

cultural, histórico, político, econômico, como parte do sistema de funcionamento do poder, e assim confere título social de honra a ser reconhecido pela sociedade quase sempre de forma autoritária.

A honra obtida por título social, pode ocorrer questionamentos, conflitos e competição entre os indivíduos, quando “[...] existe uma hierarquia de honra, quem se submete à procedência de outros reconhece a sua posição social inferior” (IBID, p.15).

Dentro desse esquema mental e sociológico, é possível entender a origem da hierarquia de honra ligada a ideia divina na figura do rei, cuja legitimidade dependia da aprovação de Deus pelos degraus da estrutura social. Desde os aristocratas honrados, até aqueles que não tinha nenhuma honra, os heréticos e os infames, pode-se observar a existência de aspectos competitivos na relação social entre os reivindicadores de honra. Embora, a questão da procedência revelasse o elemento mais importante na aprovação ou reprovação da reivindicação. Todavia, “[...] em qualquer competição por honra, a reputação do vencedor é acrescentada pela humilhação do vencido, quer numa briga de rua, quer numa lista de novos titulares”. (IBID, p.15). A reivindicação de honra à base do autoritarismo, como é o caso dos títulos concedidos aos coronais senhores de engenhos do Brasil, mesmo assim, a concessão de títulos sociais obedecia a uma estrutura na hierarquia de poder dos militares. A classificação dos títulos conferido aos homens (coroneis) de poder social, econômico e político, definia quem tinha mais e quem tinha menos poder na região. O valor do título dependia da quantidade de dinheiro a ele conferido, ser coronel, major, capitão, tenente, cabo, entre outros, significava ocupar certo grau de poder na hierarquia social. Representava honra, "status social", poder e dominação na competição entre os pretendentes dos títulos.

Foi no século XVI que começou a conferência de títulos sociais de honra nas sociedades europeias. A igreja começou a valorizar a honra dos homens de poder como virtude divina concedida aos humanos. Esta era a tese de Aristóteles, mas pelo visto ele não conseguiu convencer os monarcas que concediam título de honra, por capricho pessoal ou por conveniência política aos soberanos. Já que a comercialização de títulos de honras servia para encher os cofres vazios dos reinos.

No Brasil, os títulos vendidos aos coronéis não foram diferentes do protótipo das outras sociedades antigas da Europa, a exemplo, dos títulos concedidos para posse das terras e propriedades no esquema legal e jurídico. Ter “[...] honra de facto depende da capacidade de calar aqueles que possam pôr em causa a sua honra” e seu direito de reivindicar prestígios. (PERISTIANY, 1965, p.15).

Contudo, a reputação de um patriarca (marido e pai) ou homem de negócios, no esquema cultural, suas atitudes, pode assegurar-lhe procedência favorável a obtenção de título de honra, como sendo um homem honrado perante o grupo interno e a comunidade. Isso indica que nem sempre a honra reivindicada a base da “[...] força faz o direito” (IBID, p.15) conhecido coletivamente.

A própria natureza da honra coloca a mercê de flutuações o poder de quem reivindica. O ritual de iniciação ao direito a honra é formal. Exige do requerente a submissão das formalidades cerimoniais centrada no protagonismo simbolicamente de quem chancela a coroação do título. Tem a ver com rito de passagem de uma condição estatutária para outra seguindo esquemas da tradição cultural. Na sociedade brasileira, esse protocolo formal segue o rito das hierarquias vinculando movimentos com a cabeça curvada, gesto de respeito ao tirar o chapéu para cumprimento social. Demonstra tradução de gestos e códigos quase como um ritual obrigatório na relação pessoal dos honrados com a sociedade, um modo de reconhecimento da honra, do poder e da posição social ocupada.

Mas, em oposição ao sentimento de honra adquirida por título ou herdada por genealogia familiar, a pessoa desonrada perante o grupo familiar e a sociedade, com título ou não, cai na desgraça social pela força do estigma. É levada a conviver com a morte social, como é o caso do (marido e pai) agressor das participantes da tese e de família vitimada por violências domésticas praticadas por ele. Socialmente, o agressor perante a família e a comunidade de origem, se transformou em um homem sem prestígio, desonrado e morto perante a coletividade. Assim como a honra ascende a virtude de uma pessoa, a desonra apaga e exclui do convívio social na forma particular e ampla.

Com esse espírito reflexivo, trato a seguir de questões familiares olhando estrutura genealógica do agressor, procurando entender para explicar a raiz das violências praticadas contra as participantes da pesquisa.

### 3.2.3 Genealogia e parentesco: quem é o agressor das participantes?

O agressor das participantes da pesquisa é um homem colecionador de mulheres e filhos, possui mentalidade violenta, de natureza dominante e ethos da cultura patriarcal-coronelista originária da Zona da Mata do Estado de Pernambuco, região nordeste do Brasil.

Trata-se de um homem filho do antigo (velho) coronel do Nordeste, de hábitos e estilo de vida extravagante, de personalidade forte, marcada por traços culturais da arcaica família colonizadora do país. Revela indicadores autoritários em face das atividades violentas praticadas contra as vítimas e a família, como um modo de vida no exercício do poder e na forma de dominação.

É proprietário de terras, dono de antigos engenhos de cana-de-açúcar, herdados desde o nascimento na transmissão de herança por vínculo de sangue. Ao assumir o patrimônio, mantém-se no lugar de origem exercendo força simbólica e bruta para domínio das relações sociais familiares no espaço privado, e, ao mesmo tempo, entendendo suas atividades de força para a comunidade que se insere. Levando entender que a vida alheia (dominada) é objeto de uso pessoal e posse.

Cresceu num ambiente social como mandatário centralizador de poder e força graças às estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais favoráveis na região. O que ajudou na manutenção do seu domínio intocável? Talvez, seja resultante da cultura e do sistema patriarcal de funcionamento a base do mandonismo, da violência, modo de agir que ainda relativamente está presente ou é tolerado nas relações de convivência social. No interior do estado principalmente ainda observa a prevaência da cultura nas relações de troca e favor. É observado também no compadrio, nas negociações dos casamentos arranjados entre famílias de ethos dominante, nas relações de hierarquia de poder conferido no cotidiano, de quem manda e quem obedece às ordens. Não somente é observada essa forma de relação dentro do grupo primário da família em estudo, mas também se estende para a comunidade formada por centenas de outros grupos familiares que se subscreve com os mesmos padrões.

As influências sociais positivas ou negativas, envolvendo a classe social, distinção de raça (cor de pele), origem familiar, posses de riquezas e outros indicadores sociais, determinou o lugar de ocupação e os fluxos vetores de dominação nas relações sociais perante a comunidade, assim como na estrutura política, econômica, nas atividades colaborativas da igreja católica, nos espaços culturais e os demais ambientes ligados ao poder, a tradição local e a história dos moradores da cidade em que o agressor das participantes e da família nasceu.

A origem familiar coloca o agressor num lugar de prestígio e “status” social, intimamente ligado a história do país e do estado de sua origem. É parte do processo da dominação a base da força bruta e da colonização portuguesa no Brasil, ainda influenciado pela cultura holandesa

durante os 20 anos de influências na região. Pertence a um estado produtor de cana-de-açúcar de outrora e dos dias atuais a base da escravidão, dos senhores de engenhos considerados homens de natureza insana e selvagem.

É um homem nascido no século XIX, considerado moderno, mas sua mentalidade está no passado. Não acompanhou a mudança social e cultural da época dos engenhos a vapor ou a base da força escrava e animal, em detrimento da instalação das grandes usinas de cana-de-açúcar, produtoras de refinados e álcool da zona da mata do estado, assim como o processo de transformação da produção canavieira braçal, antes, parte do modo de vida da população trabalhadora formada por exércitos de ex-escravos, para a automação das máquinas movidas a base da eletricidade. É um homem do passado no presente que continua pensando que o Brasil colônia ainda continua o mesmo.

Em tempos atuais, as usinas obviamente substituíram os grandes engenhos escravistas do século XVIII e XIX, sistema vinculado a cultura familiar do agressor, mas de certo modo este ainda mantém moradores ou trabalhadores sendo explorados em suas terras, talvez com as mesmas condições ou similares ao da Velha República, ou da República dos antigos e novos coronéis.

O marido e pai das participantes da tese, em suas narrativas, revela o agressor ser um homem com genealogia familiar sociologicamente conhecida, que ocupa o território nacional desde a formação das primeiras capitanias hereditárias do país, produtoras do ouro branco conhecido como açúcar, onde a moeda de troca com o velho mundo estava baseada na dominação, ocupação do poder e colonização de povos. Homens reprodutores de grupos familiares diversos, que via na sua descendência possibilidade de se manter no poder. Assim se formou um estado nacional centralizador de riquezas, homens de poder a base da dominação e exploração da força do trabalho alheio. Movido por ambição e mantido por mentalidade da cultura patriarcal em uma época, aparentemente sombria, mas que supostamente não focou para trás. Pelo contrário, está em operação permanente dentro das instituições sociais (família, estado, política, economia, cultura), em todas as camadas da vida em sociedade. O poder e a dominação, a força e violência estão presentes nas relações sociais e de convivência desde o nascimento e berço.

Segundo as (quatro) filhas e o filho denunciante do patriarca agressor no estudo anterior a tese, ele reconhecido o dono de dezenas de mulheres, quase uma centena de filhos, herdeiro do poder e da extensão de terras produtivas na região. Um indivíduo primogênito nascido já dono de

sua herança. É filho do último senhor de engenho fundador da cidade (berço) de nascimento, um dos engenhos deu o nome a própria cidade.

Descende de famílias de origem portuguesa colonizadoras do novo mundo colonial de Portugal, pertence à elite das oligarquias canavieiras do Nordeste de outrora, de linhagem familiar e descendência relativamente branca.

O avô paterno das vítimas, pai do patriarca agressor-incestuoso, era <sup>13</sup>bacharel formado em direito no ano 1938 pela universidade de Pernambuco. Exerceu a função de advogado dos pobres no município de Surubim-PE, cidade vizinha da região. Foi o primeiro bacharel em direito na cidade fundada por ele mesmo e sua parentela familiar, possuía fenótipo considerado para os padrões de sua época, de um homem branco ou quase branco.

#### FOTOGRAFIA 7 – RETRATO DOS AVÓS PTERNOS DO GRUPO FAMILIAR



FONTE: **Fotografia pintada a óleo dos avós paternos das vítimas, membros da família.** O avô foi o último senhor de engenho da região e primeiro bacharel em direito formado em 1938, na cidade de origem do grupo investigado. Fotografia fornecida pelas denunciante do agressor. Autora: Josefa Janete de Azevedo, junho, 2017.

#### <sup>13</sup>**Bacharel. Quem são os bacharéis e os mulatos?**

Para Gilberto Freyre (1996), os bacharéis são homens brancos e mulatos filhos dos coronéis, da oligarquia canavieira, donos de terras e de escravos do Brasil colonial. Eram os filhos legítimos ou apadrinhados brancos ou quase brancos, herdeiros ou não do patriarcado colonizador. Eram personagens do século XIX que vinham se construindo no Brasil como elemento de diferenciação dentro da sociedade rural patriarcal especialmente no Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, que procuravam integrar-se pelo equilíbrio social acomodando o antagonismo entre o Senhor e o Escravo, entre a Casa Grande e Senzala, que agora estavam representados nos Sobrados e nos Mucambos. Não eram mais habitantes de um cenário plenamente rural, eram agora pertencentes a uma sociedade semi-rural com características urbanas.

Casou-se com uma mulher branca de olhos azuis, descendente da tradicional família portuguesa também colonizadora do estado e da região. A linhagem maternal do agressor pousa na cultura da família patriarcal tradicional, proprietária de terras nos limites do mesmo território.

Disseram as filhas e filho depoentes do pai-denunciado por eles, que numa emboscada armada o avô paterno, proprietário do Engenho Bom Destino e Engenho M. Velhos, onde hoje estão localizadas suas terras, foi brutalmente assassinado com 17 perfurações de arma branca (faca) quando ainda era jovem recém-formado.

Deixou órfão dois filhos pequenos. À época, o pai-agressor das vítimas denunciantes ficou com seis (6) anos de idade, juntamente com a única irmã de cinco (5). A menina irmã do agressor, cresceu, casou-se, hoje viúva, mas consideram os sobrinhos participantes, uma tia “muito querida e boa” na família, foi como se referiram a única tia viva. É uma pessoa de natureza oposta a do pai, acrescenta o grupo.

O histórico da família das participantes da tese e do grupo de filhos denunciantes do pai-agressor, é complexo o bastante, marcante pela quantidade de eventos e situações extremas. Demonstra ser uma família marcada pela violência doméstica e familiar desde o nascimento dos primeiros membros da linhagem genética. É ancestral, não somente pela agressão fatal que sofreu o avô paterno dos filhos e filhas integrantes do grupo, mas também pelo que se sucedeu com a quantidade de atividades violentas praticadas pelo único filho, que se tornou um homem agressor da própria família. Ele, desestruturou ou rompeu os laços familiares na base, simultaneamente se relacionava com diversas mulheres com quem mantinha relações sexuais para reprodução de filhos, num harém de fêmeas férteis de um único dono.

Não unicamente por isso, mas também pela quantidade de problemas acumulado nas gerações de filhos gerados com (mães) diferentes submersos as mesmas situações de violências, formou grupos familiares moradores de casas próximas ou distantes, no mesmo território de convivência ou em cidades vizinhas. Algumas vezes compartilhando a mesma moradia, território de circulação, trabalho e subsistência, tudo acontecendo dentro e fora da propriedade controlada por ele. Possuía ou possui inúmeras mulheres com quem procriou filhos e filhas com gerações iguais e diferentes ao longo da vida. Mulheres dominadas com seus filhos pequenos vivendo em condições adversas: pobreza, abandono, riscos, violências múltiplas e uma infinidade de consequências graves. Sem nenhum impedimento moral, um homem-pai considerado rico, reprodutor de filhos pobres.



O passado-presente da família revela uma série de detalhes em contextos socioculturais diferentes em que as participantes da tese e do grupo investigado fazem parte. Afirmam as depoentes que a mãe biológica do casal de filhos órfãos, de pai assassinado à facadas, a avó paterna das vítimas e mãe do agressor, é viva, convive com o casal de filhos abandonados na infância, hoje pai e tia das vítimas depoentes, é uma senhora lúcida, saudável com seus 107 anos de idade atualmente. Falaram que no passado, o pai e a tia crianças órfãs, com (5 e 6 anos) foram criados pelos avós maternos quando ainda eram vivos. A causa do assassinato do avô das vítimas, segundo informações familiares foi cometida por um parente de sangue próximo, motivado por ganância, queria herdar as terras do parente assassinou numa emboscada. A intenção do assassino era se apossar dos engenhos e das propriedades do (tio) bacharel.

#### FOTOGRAFIA 8 - LINHAGEM PATERNA DAS DENUNCIANTES [AVÓ, PAI E TIA]



**FONTE: Descendência paterna dos membros [filhos e filhas] vitimados pelo pai agressor.** Fotografia da avó paterna (107 anos de idade), pai biológico (78) e tia (77). Imagens concedidas pelos membros denunciante do agressor. Autora: Josefa Janete de Azevedo, junho, 2017.

O avô das vítimas era dono de grandes extensões de terras juntamente com a sua família colonizadora da região, por pertencer a um grupo parental que dominava a parte sul da zona da mata de Pernambuco. Em suas propriedades, mantinha vários engenhos em funcionamento, criação de gado e outras culturas produtivas. Era dono de muitos escravos, mantinha a produção da cana-de-açúcar para fim de exportação de produtos processados para a Europa e o mundo comercial dependente do Brasil colônia. Não somente nessa fase, mas também nos períodos pós-colonial, e

até nos dias atuais, considerado tempo moderno caracterizado pelo uso de outras formas de exploração. Contudo, Pernambuco é um estado que nasceu, cresceu e continua com seu fluxo produtivo da cana-de-açúcar nas grandes usinas movidas a tecnologias.

O assassinato do pai do agressor, se deu por encerrada a produção canavieira com fins de alimentar o funcionamento dos engenhos, principalmente no Engenho M. Velhos e Bom Destino, que ainda estavam ativos na região. Com o trágico acontecimento, o funcionamento dos engenhos movidos à (vapor), caldeiras e moendas foram interrompidos e após anos substituídos pelas grandes usinas exportadoras do açúcar refinado e outros derivados. A usina deu novo ritmo produtivo ao estado e o país, com sua extraordinária capacidade de transformação e desenvolvimento da região em blocos. Os donos de engenhos passaram a produzir cana-de-açúcar para as usinas, além de receber dividendos do açúcar, lucravam também com o álcool, fertilizantes, maquinários e outros derivados do mesmo ramo. Com a industrialização os novos senhores de engenhos se transformaram em magnatas do açúcar, os donos das grandes usinas num sistema cooperativo para o fortalecimento do grande capital. Se tornaram os novos senhores de engenhos, grandes usineiros da região, homens de absoluto poder político, econômico e influenciáveis da cultura regional.

Isso provocou de certo modo um choque cultural e, ao mesmo tempo, um colapso econômico da família em estudo, em função dos conflitos gerados com o assassinato do dono da região. A viúva e os dois filhos órfãos pequenos sofreram a perda da maioria das terras, quase a totalidade das propriedades do bacharel filho do velho coronel de sua época. Talvez, esse fato tenha afetado radicalmente a estrutura familiar e a tradição do poderio econômico dos descendentes senhoriais da mesma linhagem, seguido do desequilíbrio emocional observado até os dias atuais pelos membros do grupo estudado, quando analisado os relatos dos filhos depoentes do pai e as narrativas das participantes da tese. Há sempre um evento de dor moral e social na estrutura ancestral do grupo.

A morte violenta do avô das vítimas depoentes e pai do agressor, possa ser que tenha desencadeado questões de ordem psíquica, social e moral, assim potencializando distúrbios e desajustes no comportamento social do patriarca, desde a sua primeira infância, adentrando a segunda, a juventude, até a vida adulta. O traço agressivo de hoje pode ter explicação, origem e fundamento patológico desde a infância, não isso justifique seus atos praticados contra as participantes e a família vítima de violências e abusos, mas, pode ter tomado proporção incontrolável nas demais fases do desenvolvimento físico, emocional e cognitivo do órfão. Decerto,

nasceu ali a raiz da violência transmitida de geração em geração de filhos, presente no passado e na dias atuais das vítimas.

As terras herdadas pelo avô das vítimas e transmitidas como herança para o pai-agressor, são de origem colonial vinculada ao sistema oligárquico patriarcal da sesmaria. Nos documentos complementares aos depoimentos de denúncia, consta que o velho coronel senhor de engenho, no relato da antiga vizinhança da família das vítimas, o avô era um homem honrado, considerado pelas (autoridades) local, agregados e ex-escravos, como sendo um “homem bondoso”, que todos respeitava na região.

Outra informação interessante parte do enredo, é que a tia das vítimas e irmã do agressor, quando ainda criança órfã de pai, foi prometida em casamento arranjado pela própria mãe biológica, a avó paterna das vítimas e mãe do agressor. O casamento da tia aconteceu aos 8 anos de idade, o contrato foi assinado por testemunhas na presença de um juiz de paz, que autorizou a formalidade da celebração.

Disseram que as testemunhas tiveram que se comprometer perante juízo e assinatura de documentos, em acompanhar o matrimônio da criança até sua primeira menstruação. Periodicamente as testemunhas tinham que comparecer em juízo para entrega de relatório sobre o acordo cumprido ou não. A função era a de “cuidar da virgindade” e proteção da criança na convivência com o seu marido adulto cuidador, se o mesmo estava cumprido com o trato.

O marido deveria terminar de criar a criança-esposa, até ser declarada pelas testemunhas a passagem da infância para a adolescência. Somente após a primeira menstruação, o marido podia consumir o primeiro ato sexual com a menina-infanta, teria que cumprir com o ritual nupcial autorizado pelas testemunhas e juiz, após o ato mostrar a prova de sangue pelo rompimento da virgindade. Aos 12 anos, a menina virgem, órfã de pai, inocente, imatura, abandonada pela mãe, foi transformada em criança-mulher. O acordo judicial ativado na cultura da dominação masculina de uma época, autorizada por um juiz, uma mãe biológica, três testemunhas local e um marido intencionado em adquirir suas terras herdadas, violentaram uma criança inocente, casando-a aos 8 anos de idade incompleto.

Segundo as depoentes, a motivação do casamento arranjado pela mãe da criança e avó das vítimas, estava condicionado ao próprio abandono dos filhos e ao falecimento do pai, da avó materna, quem criava e cuidava do casal de netos desde o nascimento das crianças. Com o

assassinato do pai de seus filhos e o falecimento dos membros da família, resolveu casar a filha pequena com um homem adulto desconhecido para a criança.

Com o casamento, a criança tia das depoentes recebeu sua parte da herança do pai assassinado, cerca de cem (100) hectares de terras foram destinadas judicialmente para a menina herdeira do pai. A quantidade foi destinada para o seu irmão, hoje, agressor das depoentes dos estudos familiares. O marido da menina órfã se comprometera em protegê-la juntamente com a propriedade herdada pela “esposa”, também de direito dele adquirido com o casamento, produzir nas terras e assim afastar possíveis invasores de seus limites demarcados.

Assim se sucedeu, um casamento marcado por mero interesse patrimonial acordado entre duas famílias da mesma região. O marido da criança tomou posse de suas terras herdadas, transformou a criança em mulher totalmente submissa às suas ordens, até o seu falecimento inferior a uma década.

O homem que se tornara marido da criança de 8 anos era de família conhecida e amiga de sua mãe biológica da menina, aos 12 anos de idade a recém-adolescente teve seu primeiro filho com o único homem que conheceu desde a sua infância. Segundo as depoentes, a inocente casada brincava de boneca nos cantos da casa onde morava com o marido, confundindo-o com o seu pai. Talvez, percebesse no marido a figura paterna, o homem que lhe alimentava, banhava e abrigava no mesmo espaço de convivência. Embora, exista por detrás dessas relações um grau de conflito incestuoso. A mãe da menina que casa a filha com adulto, o marido que termina de criar e depois pratica atos sexuais e procria, o juiz e testemunhas que concedem autorização jurídica-moral, como quebra de tabu. Hoje, a tia das vítimas é viúva há mais de 15 anos, continua vivendo no mesmo lugar e na mesma casa construída em suas terras após o seu casamento. É parte de uma história com raiz profunda.

Hoje é uma pessoa idosa, com o seu único marido teve 7 filhos vivos. Atualmente a sua mãe biológica de 107 anos de idade, mora em sua casa, onde é cuidada. Embora, a história familiar indica que a tia das vítimas foi abandonada na infância pela sua mãe, mesmo assim, ela assumiu a responsabilidade dos cuidados com a mãe idosa, hoje, dependente e na fase de sua velhice. A tia é uma mulher religiosa de tradição católica, sua aparição na comunidade é rara, é vista em alguns domingos participando das missas ou quando é convidada a ser madrinha de batizado, crisma, casamento ou eventos religiosos acompanhando procissão do padroeiro da cidade. É uma mulher tímida, discreta, de aparência e saúde frágil. Sua formação escolar é básica, sabe ler e escrever

apenas, frequentou somente o ensino fundamental. Seu marido falecido era de formação religiosa evangélica, não era de costume o casal andar na cidade de mãos dadas ou proximamente. Aos domingos, nas cerimônias religiosas, cada um seguia seu destino sem aproximação um do outro em público.

Nas narrativas das depoentes, a tia aparece como uma mulher quase invisível perante o marido, ela vivia escondida dentro de casa cuidando da vida doméstica. Não tinha convivência social, exceto com o marido e os filhos. Em caso de visita na sua residência não podia recebe-las, nem cumprimentar, menos ainda ocupar os espaços da sala de visita, permanecia na cozinha servindo os alimentos, sua circulação ia até os cômodos de acesso restrito, não se comunicava com ninguém, essa era a ordem do marido.

É curioso que o casal de órfãos (tia e pai agressor das vítimas) não chamavam e ainda não chama a mãe biológica de mãe. A tia chama pelo apelido, o pai agressor aprendeu a chama-la de mãe na fase adulta, casado e pai de filhos. Nos relatos das depoentes, a avó paterna até os dias atuais, não permitia ser chamada de avó pela multidão de netos, não é reconhecida como mãe ou avó perante a comunidade. As depoentes a chamam de madrinha, este é o tratamento imposto por ela para todos os demais netos.

O pai agressor das vítimas e da família, segundo as participantes ele conseguiu chamar a mãe biológica de mãe, depois de muito treinamento frente ao espelho do banheiro de sua casa, repetiu centenas de vezes escondido, para se acostumar com a mudança no tratamento. O esforço aconteceu em razão da necessidade de assistência de saúde vinculado ao seu seguro. No caso, a mãe precisou de uma cirurgia e a empresa fornecedora não reconhecia o vínculo maternal, já que o assegurado não a chamava de mãe. Além disso, a comunidade local passou a questionar o vínculo, tendo em vista que não criou os filhos desde a infância. De certo modo, configurava-se uma relação entre si minimamente suspeita e estranha. Há quem questione, que a mãe biológica do agressor das participantes desses estudos, foi quem iniciou sexualmente o filho (agressor) com atividades incestuosas entre mãe e filho dentro da família, durante principalmente sua adolescência e juventude. Podendo ele ter sido submetido a praticar sexo com a mãe, com isso naturalizou tais atividades incestuosas igualmente praticadas com suas filhas. A relação de contato íntimo, a combinação e cumplicidade, o conluio, a dependência emocional, a dominação e o poder exercido de um para o outro, é espetacularmente inexplicável. A trama criada pela mãe envolve ciúmes do filho, agressões, mentiras, sequestros de crianças com vínculo de sangue, cria de outras mulheres,

ameaças, perseguição, rejeição dos netos e descendentes, negação do vínculo familiar, um seriando de eventos indicam a mãe biológica do agressor ter relação direta com a destruição da família em estudo, assim como das demais, e corresponsável pelas violências praticadas pelo filho agressor contra as participantes e a sua família. Incluindo, sobretudo, as atividades sexuais incestuosas perpetuadas na família. A avó do grupo age perante a família, exceto seus dois filhos, como se não pertencesse ao mesmo clã. Nega vinculação de reconhecimento social e de sangue.

A conduta social, familiar, sexual e os valores morais do pai e da tia dos depoentes, é completamente distinta. A tia é o oposto do pai, é uma mulher pacífica, tolerante, educada, digna e exemplar em todos os aspectos da vida social e familiar de forma positiva. Ao contrário do pai das vítimas, um homem que possui mentalidade violenta, predadora, machista, dominadora, descontrolado sexualmente, em vista da quantidade de filhos gerados com diversas mulheres espalhadas em comunidades diferentes. Reprodutor de grupos de filhos numerosos, por onde habita acumula conflitos e problemas sociais graves pelos atos de violências praticadas e abandono da família.

Ao tomar posse de suas terras herdadas, aos 22 anos casou-se com a primeira esposa apenas no religioso, em seguida abusou e estuprou dentro do mesmo ambiente a empregada doméstica e babá de seus filhos. A empregada aos 12 anos teve seu primeiro filho com o agressor, estuprador da menina. Ali iniciou a formação da segunda família, sobre ela estabeleceu um rito de produção agrícola, utilizando mão de obra das mulheres, filhos pequenos e moradores da terra. A exploração do trabalho infantil dos filhos análogo à escravidão, foi a base de sua produção de gado, culturas da laranja, bananas e outras. Foi nas suas terras que construiu diferentes cenários para dominação total do território e da prole dominada por violências domésticas. Os castigos com crueldade contra os filhos faziam parte do cotidiano, os viam, não somente enquanto força de trabalho bruto e benesses pessoais, mas, também, como corpos objetificados portadores de sexo incestuoso fácil, com as filhas imaturas e inocentes que cresciam no ambiente.

Nos formulários de denúncias e documentos complementares ao dossiê da família - dizem as filhas vitimizadas que o pai assim declarava “orgulhosamente” ser o homem de “dezenas de mulheres” e com elas ter “reproduzido mais de 70 filhos vivos” com idades e gerações diferentes e raças miscigenadas. Além das mulheres reprodutoras de filhos e fornecedoras de sexo, o agressor no seu domínio abusava também das filhas adolescentes de sua preferência.

Reproduziu filhos com diferentes características físicas, uns nasceram brancos, outros pardos quase brancos, uns tinham cabelos lisos, outros, loiros, castanhos, pretos, crespos. Alguns de olhos claros, cor de mel, verdes, azuis, castanhos, olhos pretos. Contudo, o dado comum observado é que todas as mulheres que tiveram filhos com o patriarca agressor, eram de origem pobre, com baixa escolaridade ou analfabetas, desprotegidas da família, órfãs, total ou parcialmente submissas, de fácil dominação. As filhas nascidas dessas relações sexuais múltiplas, todas ou a maioria sofrera agressões, danos físicos, abusos sexuais, maus tratos e violências praticadas nas variadas formas, do nascimento a adolescência há relatos de agressões e dor. Umas foram rejeitadas recém-nascidas, outras abusadas sexualmente na infância e na adolescência durante anos.

A primeira esposa do agressor teve 10 filhos vivos, a traição conjugal, a violência doméstica familiar sofrida por ela e os filhos, levou a separação do casal após anos de agressões e sofrimento. Ela se separou por esses e outros motivos, além de tudo o agressor rejeitava o nascimento de meninas e as expulsavam do grupo. As filhas nascidas no primeiro casamento e segundo grupo familiar a base do concubinato, a maioria foi entregue para outras famílias criarem logo após o nascimento. Apenas pelo fato de ter nascido mulher. Assim o agressor determinava, não (querer) descendente mulher na família. As mulheres com quem mantinha relações sexuais para procriação se parisse filha teria que doar, aceitava apenas filhos homens. O patriarca manifestou esse tipo de comportamento desde o primeiro casamento.

As filhas mais velhas recém-nascidas foram rejeitadas por ele e entregues para outras famílias estranhas ou parentes criarem longe de suas terras e convivência familiar. Sabe-se que as primeiras filhas do primeiro casamento foram criadas pelos avós maternos até se tornarem independentes. Não reconheciam o pai biológico como pai, mas sim, o avô materno ou a família social que acolhia e criava. Muitas de suas filhas foram criadas por outras famílias na condição de serviçais, submetidas a todo tipo de exploração, abusos, maus-tratos e abandono.

Então, o abandono da primeira esposa do local de moradia, como fugitiva do agressor, levou a migração do grupo para a região sudeste do país, onde vivem juntos até os dias atuais. Às duas primeiras famílias do patriarca moravam nas mesmas terras, dividindo os mesmos espaços em casas diferentes. Esse foi o contexto social familiar em que filhos de duas mães diferentes, nascidos no mesmo território de circulação, conviviam e se misturavam entre si, levados pelo cotidiano e as condições de sobrevivência. Os grupos familiares, em especial a segunda família, objeto desse estudo, eram controladas e dominadas pelo homem (marido e pai) que se colocava ser o “dono dos



corpos dos grupos e do sexo das filhas adolescentes” que escaparam da doação infame. Em tempo real e em concomitância, os grupos viveram as mesmas experiências de violências e os riscos de sobrevivência dos membros. Dependendo do tipo de relacionamento que se estabelecia com as mulheres-mães, se houvesse desobediência ou algum evento que desagradasse o marido-agressor, as consequências seriam certas, sofriam além do desprezo total ao grupo por parte do agressor, razão que levava os filhos pequenos, corriam riscos de morrer de fome, doenças, agressões físicas, maus tratos e toda sorte de violências, com tempo indeterminado.

Embora, a investigação esteja concentrada em torno da segunda família, composta por 15 filhos nascidos no mesmo ambiente compartilhado com a primeira esposa mãe de outros 10 filhos vivos, irmãos por parte de pai das vítimas, ainda sabendo que esses, não são apenas os únicos grupos familiares e de irmãos que o pai-agressor reproduziu na região, ainda assim, a origem da descendência familiar, dos inúmeros subgrupos posteriores formara o grande clã de membros consanguíneos e de parentesco no contexto sociocultural ora analisado. Observa-se nas declarações das depoentes e nos documentos complementares aos formulários de denúncias, que os membros do grupo familiar em estudo, segunda célula do grande clã do pai-agressor,

[...] possui dezenas de outros irmãos desconhecidos, de outras relações afetivas do pai, moradores de perto e de longe das terras de nascimento. Constata-se também que o grupo familiar em estudo, sofre penalidades com relação à questão civil dos documentos pessoais. São herdeiros apenas do sobrenome do pai, de acordo com os registros de nascimento. O verdadeiro sobrenome da mãe biológica foi modificado, alterado pelo próprio patriarca no ato de reconhecimento e registro dos filhos.

Ou seja, a mãe biológica legítima de direito e de fato para efeitos legais não existe nos registros de nascimento e documento civil dos filhos. Essas e outras consequências, em termos de direitos e sucessão de herança e outras providências, a prole é de jurisdição e propriedade legal apenas do pai. A atitude repetida do pai modificou a documentação pessoal de todos os filhos, gerando inúmeros problemas com relação ao reconhecimento da maternidade da mãe biológica, tanto na vida social pessoal quanto na civil. As gerações de filhos e netos foram afetadas com a identidade ideológica materna alterada até os dias atuais. O problema da falsidade ideológica foi continuado acumulando problemas para os filhos de difícil solução por ser uma família numerosa. Quando há necessidade de provar formalmente que a mãe/avó é de fato, mas não se comprova de direito, gera diversos questionamentos, dúvidas de falsa verdade. Os argumentos dos filhos não são aceitos quando a escola, exército, hospitais, cartórios, onde ultrapassam as fronteiras da cidade de origem. São problemas que se alongam da infância à vida adulta dos filhos, uma violência na identidade civil iniciada desde o nascimento. Afinal, são 15 membros gerados sem a maternidade oficialmente reconhecida, filhos somente de um pai. A posse dos corpos e dos sexos dos filhos e filhas como objeto de uso e propriedade se inicia com a instauração desse tipo de relação.

Outra questão interessante que pode ajudar na análise está nos documentos do dossiê vinculado ao Cadastro Social da família, consta que os três primeiros filhos gestados pela mãe biológica do grupo familiar, foram raptados após os 9 e 8 meses de nascimento, foram arrancados à força dos braços da mãe pelo pai biológico proprietário e, entregue para

pessoas estranhas com a justificativa de que a mãe não teria maturidade para criar. Foram entregues para outras famílias criarem como filhos adotivos clandestinamente. As famílias estranhas ao receberem as crianças raptadas, as mantinham escondidas, distantes da mãe biológica para que a mesma não tivesse acesso nem contato. A mãe biológica da família em estudo teve seu primeiro filho com o patriarca aos 12 anos de idade. Porventura, a adolescente mãe era órfã, sem parentes ou responsáveis pela sua vida, foi criada pelo avô paterno até os 6 anos de idade, com o falecimento do único parente ficou totalmente desprotegida no mundo. Foi trabalhar de doméstica na casa de seu agressor hoje pai dos seus 15 filhos. Dizem os documentos que na sua adolescência sofreu as primeiras violências doméstica e sexual por parte do companheiro e pai dos filhos antes de completar 12 anos de idade. (AZEVEDO, 2017, p. 10-12)

Os conteúdos de depoimentos de denúncias produzido pelos cinco filhos denunciantes do pai agressor, complementares às narrativas de histórias de vida da mãe e da filha participante da pesquisa de tese, no conjunto, o inventário de material levantado no campo, é de extraordinário valor empírico, pela riqueza de detalhes e singularidade de um caso real de tamanha proporção e complexidade. São conteúdos que permitiu situar o grupo e os membros no contexto sociocultural da família contaminada por relações de violências mantidas entre indivíduos e o agressor. A partir das narrativas foi possível expor o fluxo de atividades operacionalizadas pelo agressor, das quais estiveram ou, ainda estão fazendo parte do funcionamento da casa.

Sendo no ambiente da casa que a multiplicidade de violência prosperou, onde o operador manteve de forma racional, planejada, calculada durante as décadas sem cometer falhas. Um único homem marcou dezenas de mães e filhos, e assim se portar como carrasco insano. Em seus esquemas, arquitetou sua dinâmica de violências repetidas inúmeras vezes contra as mesmas pessoas, em lugares iguais e lugares diferentes ao mesmo tempo. Cada grupo familiar significava para ele uma fábrica reprodutora de filhos em série de forma ininterrupta, as mulheres-mães, serviam tão-somente para reprodução de filhos para exploração do trabalho lucrativo e fins de seu lazer sexual incestuoso com as filhas adolescentes. Um fabricante de espermatozoides em potencial, fornecedor de material genético sem controle. Suas atividades sexuais abusivas, violentas resultou em dezenas de vidas condenadas a própria sorte.

Tudo acontecia num ambiente favorável ao agressor, na família exercia sua dominação e poder inquestionável de forma centralizada. Um indivíduo que exercia poder absoluto na família, mas, também na comunidade, tanto que nunca sofreu denúncia ou punição pelos crimes cometidos durante décadas contra a família. Um criminoso que abusava, estuprava, maltratava, espancava e violentava multiplamente as mulheres e seus filhos sem ninguém de dentro ou de fora do grupo intervir na situação. Permaneceu ou ainda permanece blindado pelo seu poder durante décadas.

Assim manteve a família e a comunidade em silêncio. Resta, levantar um ingênuo questionamento ao estado e a sociedade de indivíduos, que poder é esse que mantém um homem com esse grau de risco impune e intacto?

Isso me leva novamente a refletir a ideia de família que Gurvitch (1964), oferece. Para o autor,

A família doméstica encontra-se assim, simultaneamente, erguida em empresa econômica, em estado político e igreja; contudo, o aspecto de pai e de proprietário-empregador é muito mais acentuado que o chefe político e, sobretudo, do que o de sacerdote. Com efeito, os deuses ou o deus de que o patriarca é o servidor, são, antes de tudo, deuses familiares ou domésticos. (GURVITCH, 1964, p. 304).

A cultura no sistema patriarcal brasileiro transferiu poder do grupo familiar, da coletividade comunitária, dos grupos e da sociedade, para homens considerados fortes, chefes de famílias, aptos a comandar, dominar e proteger homens com a mesma mentalidade predatória, violenta, impiedosa, perversa. A família e a comunidade estavam sobre seu domínio em condições inferiores, o poder do patriarca era maior que a coletividade. As desavenças eram decididas por ele, já que se definia ser o chefe do grupo, da família, da comunidade, sem a ele caber questionamento do seu feito. A dominação coronelista, braço da cultura patriarcal reforçou o domínio desses homens autoritários, machistas, cruéis que dominam a base da força o mundo urbano e rural do Brasil desde outrora. Isso demonstra que o agressor das participantes, membros da família em estudo, era somente mais um desses sujeitos perversos que dominava a família e a comunitária de origem.

Diante desse quadro reflexivo, é importante que ciências sociais amplie sua visão sociológica explicativa e analítica a respeito das relações sociais em que os indivíduos produzem no cotidiano familiar. Não basta a sociedade ser interpretada a partir das grandes estruturas, das grandes instituições sociais como base, não somente isso, mas também é preciso fazer ciência a partir das questões elementares parte das relações ínfimas na microfísica social. O mundo das relações compõe, articula, se faz e perfaz intimidades, confiança, desconfiança, segurança, trocas, e todo jogo do cotidiano privado ou público. As relações estão permeadas de convivência direta e indireta, seja no ordinário privado ou no cenário coletivo. Pois, é lá que tudo acontece, na vida real, nos ditames do cotidiano, portanto, é ali que a sociologia precisa estar presente, fazer ciência em torno das questões micro.

Investigar a vida familiar significa entrar no mundo das relações e das representações que os indivíduos constroem entre si. Com isso, produzem interações, intimidades, trocas, modos peculiares de ser e existir no constructo da vida doméstica. Isso envolve um conjunto de coisas, tem a ver com as representações de si, do outro, dos significados que cada elemento representa, os objetos que mediam a vida permanentemente.

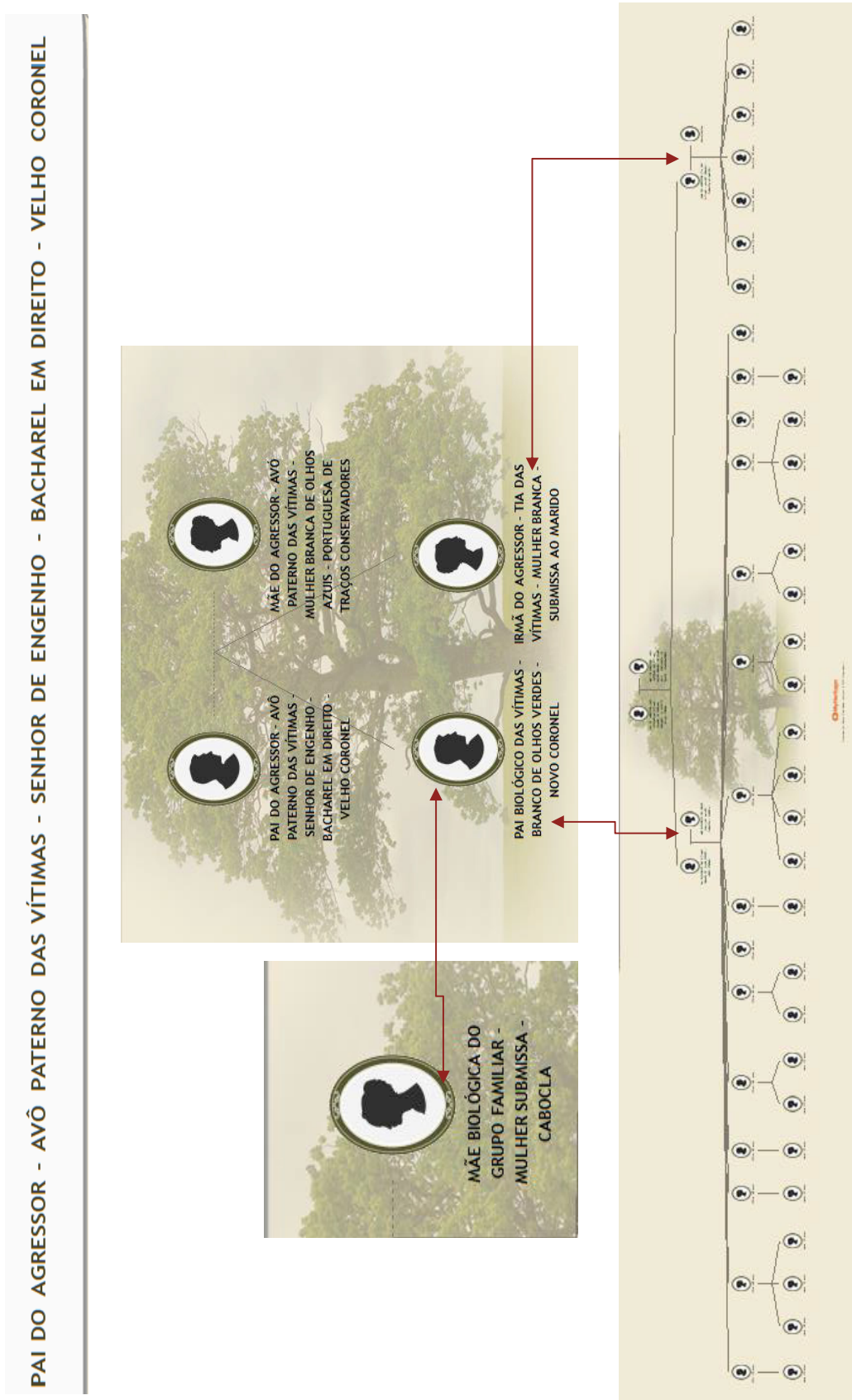
Nessa perspectiva, Schwandt (2006), desenvolve três premissas sobre representação e significação que os indivíduos produzem nas relações cotidianas. A primeira gira em torno daquilo que o ser humano busca para se orientar, tem a ver com seus atos na direção das coisas, em função do que elas significam para ele. Na segunda, centra no significado que as coisas desencadeiam em sua vida, surgindo então, como uma consequência da interação social, que cada uma mantém consigo mesmo e com o próximo. Na terceira premissa, os significados se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa, ao enfrentar-se com as coisas que vai conhecendo ao longo da vida. A ação individual é um processo de construção e isso não dado. Por isso, o comportamento humano é imprevisível e indeterminado perante o mundo e as coisas que interagem entre si. Os sentidos são manipulados através de um processo interpretativo, onde os indivíduos interagem consigo mesmos usando símbolos significantes. As pessoas se veem da mesma maneira que elas percebem que estão sendo vistas e definidas pelo grupo de pertença, ou por seus pares na convivência social. A partir daí elas elaboram sua própria definição, em face da situação em que se encontra inserida. (SCHWANDT, 2006).

Giddens (1991, 1993), fala sobre a estruturação social, é definida como processos de relações sociais que se estruturam via dualidade do estruturado. A estruturação social e o indivíduo, podem expressar-se de diversos pelas propriedades estruturais dos sistemas, como condições e resultados das atividades efetuadas dadas ao mundo social em que se insere e vive. As condições estruturantes se situam antes da ação, como condição da estrutura e como resultado dela. A família é exemplo disso, sua estrutura está presente no indivíduo estruturado ou estruturante dos padrões de relações sociais, havendo entre si uma dualidade, correspondência e co-dependência.

Pensando nesse esquema teórico, demonstro a seguir uma representação gráfica da estrutura social familiar do grupo em estudo, tratando da genealogia do patriarca agressor da família. Coloco em evidência, o lugar dos avós paternos, os pais biológicos e a tia dos membros participantes das pesquisas. Na hierarquia familiar, observa-se que os avós paternos reproduziram apenas um casal de filhos, contrastando com a capacidade reprodutora de seus descendentes. A tia dos denunciante

e o pai agressor da família principalmente, reproduziram descendentes em abundância, um grupo extenso de membros consanguíneos e de parentescos, formado por pais biológicos, irmãos, primos e sobrinhos, vinculados a linhagem dos avós paternos. Uma ilustração que revela a dinâmica reprodutiva do pai-agressor em comparação com a tia dos membros do grupo.

FIGURA 9 - ESTRUTURA FAMILIAR DAS PARTICIPANTES



FONTE: **Árvore genealógica da família em estudo.** Modelo de família patriarcal do nordeste brasileiro. Consanguinidade, descendência e parentesco. Linhagem paterna. Autoria: Josefa Janete de Azevedo, outubro, 2017.

## PARTE IV

### 4 RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA EM REFLEXÃO

Refletir a vida familiar mantida por relações de violências domésticas, exigiu preparo especial, predisposição e esforço intelectual difícil de mensuração. Discutir o assunto significa ter condições e resistência de atravessar fronteiras em conflitos. Ao iniciar a didática mental é preciso lavar em conta de que estou a referir relações de convivência dentro da menor unidade de grupo, a família, única responsável pela formação dos agrupamentos fundadores das sociedades de indivíduos humanos. Independentemente da ancestralidade do gene, da origem de classe social, de raça e etnicidade, da cultura simbólica e prática internalizada, aquilo que representa elemento marcador das diferenças. Não importa o território ocupado pelo grupo, a família continua sendo, no passado e no presente a menor unidade da sociedade. Que se agrupam como unidades tribais, povoados rurais, ribeirinhos, até se transformar em multidões de indivíduos e populações igualmente organizadas vivendo nos grandes centros urbanos. A família é a responsável pelo curso e direção das sociedades de outrora e atuais, foi ela quem produziu ou programou as condições relativas para que os indivíduos caminhassem para o mesmo fim, nascer, sobreviver, reproduzir e perpetuar à base da cooperação ou da violência.

A família é quem centraliza a diversidade de coisas e indivíduos com diferentes formas de pensar, agir, se representar e existir no mundo. No todo complexo, cria meios de dominação, de impor condições de convivência e de relacionamento. O indivíduo representa por vez o menor fragmento dessa unidade solidificada e complexa na sua natureza. A partir dela, se multiplica com características semelhantes e distintas como elemento marcador das próprias diferenças. Sempre compartilhando culturas nas linguagens, nas trocas de informações, coisas e objetos dentro e fora do território de circulação. Concebeu indivíduos sociáveis que interagem o tempo todo entre si, nos agrupamentos e nas sociedades próximas e distantes do “habitat”. Amplia relações a partir da invenção do casamento, negocia sentimento de paz e atividades de guerras por razões múltiplas, seja por divergências ou por afinidades.

É quem produz indivíduos fortes ou fracos, pacíficos ou violentos, uns considerados alfas, superiores, dominantes, outros fracos, inferiores, dominados. O “destino” da família é também o destino dos indivíduos fracos ou dos superindivíduos com superpoderes de dominação do outro,



capaz de decidir e conduzir a unidade do próprio grupo, dos agrupamentos e das sociedades humanas, talvez inferiores ao seu poder. Com os superindivíduos nasce e se reproduz mentalidades violentas em estado de natureza selvagem.

As relações positivas ou negativas se ampliam na convivência, na negociação de paz ou de guerra, nas trocas de casamento envolvendo interesses diversos, como: propriedade, sexo, objetos, dinheiro, posses e coisas outras como moeda de valor. Com isso, ocorre mudanças de interesses entre si, as relações se modificam com a convivência, no contato genético, nas relações de consanguinidade e parentesco. Sendo este um modo de produzir poder e diferenças, vai desde a formação da identidade social do grupo, de cada membro da família, até as formas mais sofisticadas de linguagem e comunicação que decodificam os hábitos de correspondência entre si.

A família é transmissora de fluxos biológicos e genéticos em potencial, é acumuladora de corpos reprodutivos aptos para atividades sexuais românticas ou pervertido. Também é fornecedora de indivíduos criativos conectados aos fluxos produtivos do cotidiano em face da vida multifacetada. A sua natureza não é seguramente harmônica ou pacífica, pelo contrário, é quase sempre reprodutora de relações conflituosas, tensas e complexas. Estão difusas na convivência e nas intimidades, nos diálogos e na divisão social do trabalho, em todos as dimensões da vida os conflitos estão presentes de forma ampla ou restrita. As tensões produzem cargas negativas ou positivas, as vezes servem até de elemento mediador de relações onde o diálogo pacífico torna-se um elemento raro. Quase sempre o conflito torna-se vetor de controle de situação que orienta ou desorienta a vida em família e dos membros. O conflito oriundo de violências domésticas representa a forma pura de uma família contaminada.

A família alterada por violências, os sonhos e anseios dos seus membros são desfeitos ou afetados, a estrutura e as relações de convivência ficam interrompidas e abaladas. Ao mesmo tempo, em que produz laços afetivos, contatos de positivos e fortes com a unidade de base, pode também se tornar um lugar de guerra interna, de conflitos e agressões severas, danos e toda sorte no polo negativo. Ato dessa natureza atinge a base e a estrutura social do grupo em todos os aspectos da vida privada, desde a representação dos papéis sociais entre si, até a liderança do grupo. A vida em coletiva se desfaz com o tempo.

Em Saffioti (1989), a problemática da violência doméstica está profundamente vinculada a sociedade patriarcal machista. Na qual, infelizmente, produziu indivíduos (fonte) de relações de dominação do homem sobre a mulher, por vez, do adulto sobre a criança, camadas de hierarquia

de poder que está presente em maior escala na convivência doméstica. Pois, é na relação familiar que “[...] o agressor detém pequenas parcelas de poder, sem deixar de aspirar ao grande poder, o local de moradia “[...] é onde ele exorbita a sua autoridade como uma síndrome”. (SAFFIOTI, 1989, p. 17). A discussão em torno das violências domésticas praticadas contra mulheres, meninas e crianças no Brasil, é longa, em especial as praticadas contra as meninas. A autora destaca que no ambiente doméstico o pai agressor se torna, “[...] um monstro estuprador e libertino, e, sobretudo, como instigador da genealogia da loucura criminoso que levará os seus filhos à ruína” fatal. (ROUDINESCO, 2003, p. 39).

A forma de dominação também é um elemento importante na discussão do trabalho, pois, a família é constituída por relações ténues num ambiente estreito onde a convivência e a intimidade se chocam o tempo todo. É lá que o pai, marido ou o ente agressor encontra o seu lugar de preferência, de privilégios. Ali, inicia o seu reinado sem disputa nem rivalidade masculina. Coloca em funcionamento seu poder até controlar o grupo e a totalidade dos membros, até atingir o ápice da dominação a base da sua autoridade. Mas, não, é qualquer forma de autoridade, é a que se confunde com a própria personalidade de quem exorbita o poder, aquele que impõe condições do outro existir na convivência. Talvez, a internalização da autoimagem funcione como entidade com poderes superiores agindo sobre as camadas de seres inferiores e obedientes a ordens.

A expectativa social feminina do que é, ou deveria ser, a associação valorativa impregnada no papel de marido, pai, chefe de família, patriarca, alfa, culturalmente aceita pela coletividade, com a imagem de homem agressor, essas atribuições ficam prejudicadas, interrompidas ou desorientada socialmente. O ente masculino (marido-pai) de natureza agressiva, não possui característica de um chefe de família movido por vocação paterna, marital na forma que a sociedade concebeu os papéis. Pelo contrário, tende ser um sujeito arrogante, compulsivo, desequilibrado, desordeiro que coloca a família em risco permanentemente.

A família de cultura patriarcal tende seguir esse padrão, possui características regularmente observáveis, é definida pela quantidade de membros consanguíneos e agregados ao núcleo fundador; o poder de decisão e mando centrado no patriarca indigesto que usa sempre a violência como elemento de controle das relações sociais dentro e fora do ambiente doméstico.

Pensando nisso, ao ter contato e observar o contexto sócio-familiar e cultural das participantes do estudo, percebido que também estão presentes esses e outros elementos caricatos desse modelo heteronormatizador, de caráter autoritário, conservador, lesivo observado nas

relações do agressor com os membros do grupo numa perspectiva da microsociologia da família. Sendo possível olhar para o cotidiano do íntimo e no ordinário do dia a dia e traduzir nas narrativas das entrevistadas, discursos, condutas, mentalidade e coisas que corrobora com as teorias. Até localizar os nexos mediadores das interações movimentadas dentro da microestrutura do grupo. Onde os interesses do patriarca agressor estava em evidência e, ao mesmo tempo, ocultos. Os enredos na engenharia dos corpos, do sexo incestuoso, nas linguagens decodificadas, nos sinais traduzidos ou sem tradução, o que era íntimo e parte do sistema de trocas posto em funcionamentos dentro da organização da moradia e nas atividades distribuídas no cotidiano. De maneira clara ou sutil, os interesses do patriarca era uma condição imposta para a família. O que de fato estava a ser dito por ele, escutado pelo grupo, sentido, vivido e traduzido pelas vítimas. O jogo de interesses transferidos e internalizados nas relações individuais e coletivamente com o grupo era a condição real de existir.

As violências na família levou por completo ao desmantelamento do grupo, do afastamento do núcleo ao desabrigo dos membros. Nessas condições, filhos e filhas adolescentes despreparados formaram outros agrupamentos familiares com características socioculturais iguais ou semelhantes. Procriaram descendentes na mesma condição de violências ou similares, vitimados duplamente pelo mesmo agressor, agora, a família compunha filhos e netos igualmente abandonados, expulsos da moradia do pai-avô, duas gerações jogadas ao abismo do mundo, sem pai nem mãe responsável pelos infantis. Cada filho(a) reproduziram um, dois ou mais, novos membros familiares povoadores da sociedade. O destino os espalhou no território do país.

Meninas e meninos adolescentes “criando” ou amamentando as suas crianças igualmente desamparadas, pais imaturos, trabalhadores desqualificados, explorados por atividades braçais ou domésticos, moradores das periferias das grandes cidades, dependentes de assistência social do estado. As violências privadas praticadas pelo patriarca ultrapassou os muros da casa, chegou as ruas aumentando tão-somente as desigualdades sociais do país.

As violências sofridas pelos membros da família continuou a ser reproduzidas em outros ambientes e territórios habitados dado o fluxo de migração forçada. A exploração do trabalho infantil doméstico era uma constante na maioria das meninas, assim como a continuidade de atividades sexuais abusivas por padrões domésticos, os superindivíduos dotados de superpoderes que passavam a controlar a vida das vítimas a base do conflito. Os filhos e filhas violentadas pelo pai reviveram ou ainda vivem nas mesmas condições de violências praticadas pelos seus

companheiros. Mulheres vitimadas da infância a vida adulta, que também submetem os seus filhos a viver as mesmas condições, explorados num ciclo sem fim, por outros homens portadores também com mentalidade agressora.

Do ponto de vista do interesse do patriarca dominante predador incestuoso, as características das vítimas são semelhantes nesse caso em particular, meninas jovens e aptas para servidão; consideradas sexualmente presas fáceis.

O agressor da família contaminou o grupo por completo, levando cada membro ao adoecimento físico, emocional, moral, social de forma grave, até não restar mais ninguém dentro da moradia.

Embora, seja a célula feminina (mulher-mãe) responsável pela concepção da origem da família, por depender das suas condições biológicas para procriação de membros, mas na cultura patriarcal é o patriarca quem molda os indivíduos a sua imagem a base das violências, é ele quem determina o lugar de seus membros descendentes perante a coletividade. Não gesta, mas cria e prepara indivíduos para exercer funções dentro das instituições formadoras da sociedade.

Ou seja, a família é quem fornece a qualquer custo indivíduo em condições saudáveis ou não, podendo até estar contaminados por violências domésticas para exercer funções, se a sociedade comporta de indivíduos violentos, anômalos, doentes, certamente também será de natureza violenta. Em meio a isso, a família e a sociedade se mantém no mesmo lugar.

O destaque da sociologia do pequeno grupo de Mills (1970, p. 12), revela isso, a dinâmica da família na sociedade, decerto “[...] influi na maneira de viver dos indivíduos” e, também de se relacionar entre si. O patriarca coronel, por ser um tipo de homem que ocupou lugar de prestígio no país e prosperou significativamente, de forma mais acentuada na região do nordeste brasileiro, é um exemplo peculiar que influenciou uma sociedade inteira, não somente pelo poder exercido sobre a coletividade, mas também por criar uma pedagogia mental em outros homens da sua geração e de gerações diferentes. Homens que mais tarde deram continuidade a cultura plantada a partir da formação de grupos familiares.

A partir dos novos agrupamentos a cultura patriarcal tomou força na tradição conservadora de outrora, onde o sistema possibilitou o compartilhamento de “[...] sentimentos, ideias, crenças, valores” do próprio grupo num circuito de indivíduos [...] máquinas de interações”. (MILLS, 1970, p. 21). Entre si, reproduzem membros para troca de casamentos, fortalecimento da classe,

concentração das riquezas, dos valores, manutenção da mentalidade da dominação pura. (OLIVEIRA, 2000).

O patriarca é quem concentra o mundo na sua volta, seja dentro da família, na propriedade, na comunidade do em torno, nada se passa despercebido aos seus olhos, a base da violência transformar a moradia numa “[...] arena, pois, é um local em que se vê uma série interminável de conflitos” provocado por ele mesmo. (MILLS, 1970, p. 32). Ao conviver com homens violentos dentro dos lares, automaticamente, abrem-se campos de guerras e lutas silenciosas ou declaradas entre si. As relações vão se chocando no cotidiano com forças opostas, os conflitos tomando volume e abrindo fendas profundas nas relações de convivência. A perda da confiança, da segurança, da intimidade entre marido e mulher, pais e filhos resulta na quebra da suposta harmonia do grupo e da intimidade compartilhada. Travam-se lutas de sangue contra sangue, os membros se transformam em inimigos estranhos, ferozes e mortais. A família finalmente se transforma em ambiente de risco permanente, ao se romper os laços, vão aparecendo as marcas com mais intensidade. Isso a memória não apaga, o vivido e o sentido dentro do lar, da infância a vida adulta possivelmente irá persistir.

A violência doméstica praticada por homens contra mulheres, crianças, adolescentes, revela simbolicamente o profundo fracasso das relações humanas. A reflexão de Mills ajuda a pensar isso, viver em família significa estar conectado a ideia de grupo, à

[...] configuração dos elementos conscientes ou inconscientes, instintivos e emocionais, bem como a processos que ocorrem nas pessoas, e entre elas, e que influi no que o conjunto de pessoas pode ou não fazer, acreditar e pensar, ou influem na probabilidade do que é feito, dito, aceito e pensado. (MILLS, 1970, p. 114).

O vínculo afetivo no caso da família em estudo, era o que mantinha ou mantém o grupo relativamente unido, ou vinculado à matriarca. A mãe biológica servia ou serve de para-raios, ela é quem alivia o sofrimento e os conflitos dos filhos a sua maneira. No seu em torno, centralizava os valores positivos transmitidos para os membros, apoio emocional para manter o espírito de cooperação, cuidado e proteção entre si. O afeto maternal, a solidariedade entre irmãos, mãe e filhos, eram elementos unificadores da unidade de grupo e, ao mesmo tempo, de luta pela sobrevivência. O grupo permaneceu unido apesar da dispersão dos membros, cada um sobrevivia até a fase da adolescência, após, eram expulsos da moradia controlada pelo agressor.

As relações familiares positivas entre mãe e filhos gerava coesão social no grupo, uma condição necessária de sobrevivência, entre si, a mãe e os filhos estabelecem normas e condutas aceitáveis, se reconheciam nos valores da matriarca, nos gestos e linguagens da cultura familiar. Goffman, diz que

[...] o indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agirá de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social ou tradição na qual pertença. (GOFFMAN, 2007, p. 67).

Pois, era no grupo que a mãe e os filhos produziam relações de cooperação e solidariedade forte no ambiente de circulação comum e fora dele, sendo essa a forma de mantê-los unidos de modo a resistir aos traumas das violências praticadas pelo agressor. Quando se julga positivo ou negativamente alguém que é observado dentro e fora do grupo de convivência, se julga, na verdade, não é exatamente a pessoa dissociada, mas sim, fortemente conectada aos atos de que ela comete contra alguém. Se ela agiu correto ou incorretamente do ponto de vista do outro, ou dos outros que o observa, automaticamente o julgamento acontece de forma valorativa e moral. Assim esteve a ser observado o agressor da família pelos filhos e a comunidade do em torno, pessoas de perto e de longe observando a conduta de um homem que espanca, abusa e agride continuamente. O julgamento obedece a um conjunto de regras morais na verificação dos valores simbólicos em práticos colocados em evidência. Aquilo que está a ser visto e impactado nas relações cotidianas e no perfazer da convivência social.

Em Goffman (2012, p. 46),

[...] os quadros primários sociais, por um lado, fornecem uma compreensão de fundo para os acontecimentos que incorporam à vontade, o objetivo e o esforço de controle de uma inteligência, de um agente vivo, sendo o principal deles, o ser humano, [...] aquilo que ele faz pode ser descrito como ações guiadas. Estas ações submetem o agente a padrões, à avaliação social de sua ação com base em sua honestidade, eficiência, economia, segurança, elegância, tato, bom gosto e assim por diante.

As relações de amizade, responsabilidade mútua, espírito de autonomia, respeito, confiança, solidariedade, honra e outros valores familiares estabelecidos no grupo de forma positiva, entre mãe e filhos, relativamente foram mantidos entre si, outros quebrados, desconstruídos ou deixados para trás com saldo negativo para os envolvidos. Os filhos, ao internalizar as regras de convivência

no grupo, foram levados a construir valores e sentimento de pertencimento, de cuidado, proteção e participação na vida produtiva, afetiva, protetiva como parte da construção do bem comum no espaço compartilhado com a mãe e o agressor.

Nos depoimentos dos filhos denunciante, assim como no analisado dos conteúdos de narrativas das participantes da tese, observou-se que os valores da família ou a cultura familiar, foi constituída a partir dos ensinamentos do avô paterno da mãe quando ainda era criança. A mãe guardou em sua memória os valores familiares transmitidos por seu avô durante a convivência com ele na primeira infância. Aprendeu a valorizar a família, ser uma pessoa honesta, correta, religiosa, respeitosa com os mais velhos, trabalhadeira, educada.

Contribuiu também para a formação do grupo as suas experiências positivas agregadas durante sua adolescência na convivência com os moradores do engenho de cana de açúcar da região, lugar onde nasceu e se criou. Reforçou os ensinamentos do seu avô, aprendeu valores mais amplos com a convivência comunitária. Foram essas as bases pedagógicas e de socialização dos valores que conseguiu transmitir para os seus filhos. Por não ter sido alfabetizada nem possuir formação letrada, a matriarca do grupo desenvolveu uma metodologia intuitiva para fixação dos valores e saberes tradicionais, culturais e morais da família, sendo estes os ensinamentos que acreditava serem úteis e importantes para a vida dos filhos, realizou o processo de ensino aprendizagem na prática e na convivência cotidiana.

Ao contrário da mãe, o pai representava ser uma figura indigna, incapaz, inabilitado para o ensinamento de algo positivo para a vida em família. Na percepção dos filhos, ele nada tinha a oferecer de valioso que pudesse ser guardado como valor paterno. Pelo contrário, a sua presença no ambiente da casa levava a desorientação do grupo, a um estado de alerta e pânico dos filhos, por significar riscos e medos permanente. Os filhos não encontravam referências positivas na relação de convivência com pai agressor. As suas atitudes produzia efeito de natureza negativa.

A vida em família não prosperou com a presença destrutiva do agressor, somente ele teve sucesso por décadas a base das violências múltiplas, dos conflitos e do controle funcionando como máquina de destruição em escala. Os conflitos e o controle, vice-versa, mantinha a família em funcionamento a base das violências, por essa razão proponho aprofundar esses conceitos no tópico a seguir.



#### 4.1 O CONFLITO E O CONTROLE FAMILIAR

As experiências de violências domésticas e do incesto familiar, narradas pelas participantes da pesquisa. Foram acontecimentos reais onde os conflitos e o controle esteve presente em todos os aspectos da vida em família. Os conceitos se transformaram em objeto de força, em elemento estratégico para o agressor controlar os eventos de violências que marcaram a vida de quase duas dezenas de vítimas pertencentes ao mesmo grupo consanguíneo. Os conteúdos de denúncias dos filhos e das participantes da tese, revelaram isso, cenas de conflito e controle sendo movimento dentro do grupo em todas as dimensões, uma realidade narrada em capítulos com conteúdo de alta complexidade. Na pesquisa intitulada, “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, resgato alguns trechos de depoimentos denunciatórios dos filhos, com interesse de discutir os conceitos que Simmel (1983) apresenta nas suas contribuições. Nesse sentido, os filhos denunciadores relatam,

[...] várias vezes eu via ele entrar no quarto das minhas irmãs sem roupas, e ficava desfilando só de cueca dentro de casa [...] hoje eu sou traumatizado com tudo isso, pelo que ele nos fez passa, até hoje eu sofro.. por não ter tido um pai e sim um monstro psicopata esturador das filhas. Depoente 05. (AZEVEDO, 2017, p. 58-59).

Sempre que ele chegava, corríamos e nos escondíamos assustados, procurando o que fazer, porque ele não admitia que nós brincássemos. Ele falava sempre, não ia sustentar vagabundos e que tínhamos que trabalhar para pagar o prato de comida que dizia nos dar, e o pouco que nos dava era com xingamentos, mais que tudo. Depoente 03. (IBID).

[...] eu tinha trauma dele eu não conseguia nem olhar pra ele quando eu via ele era por um buraco das portas sinto muita revolta, declara a depoente 01. (IBID).

No ambiente familiar, território controlado pelo pai, a mãe e os filhos eram submetidos a elevado nível de controle e de conflito mediante “[...] agressões, privações de alimentos, trabalho forçado e explorado, nudez e uma série de atos que inibia a aproximação espontânea dos filhos na direção do pai, razão, que essa condição ficou totalmente prejudicada. No lugar do afeto e da segurança familiar aparecia o medo e a confusão mental” (AZEVEDO, 2017, p. 58), elementos negativos que desorientava todo o grupo.

[...] quantas vezes tive que presenciar com meus irmão as inúmeras vezes ele agredindo nossa mãe por estar trabalhando, quantas vezes tivemos que pegar alimentos dos outros vizinhos escondido pra matar a fome dos menores enquanto ele convivia com outras mulheres que tinha de tudo do bom e do melhor. Então fui crescendo e tomei uma decisão

de ir embora, minha mãe não deixou fugir, a primeira vez minha mãe conseguiu mim trazer de volta eu disse vou fugir de novo mas não vá atrás porque não volto nunca mais aí foi quando aos meus doze anos sair e nunca voltei, nunca mas pq fiquei com muito trauma das barbaridades que vivi lá com minha família e as maus lembranças que tenho. Denunciante 01. (AZEVEDO, 2017, p. 62).

Para Azevedo (2017), Simmel (1983) é a referência tomada para pensar a noção de controle e conflito existente na família. Por se transformar em objeto de poder para o agressor, um sujeito determinado em manter o controle do grupo. O autor expõe que “[...] toda interação entre os homens é uma <sup>14</sup>sociação, e o conflito é uma das mais vívidas interações”. (SIMMEL, 1983, p.122).

Se há indivíduos comunidos dentro da família e nos agrupamentos das sociedades, é provável a existência de formas de controles e conflitos. Não existe vida social sem regras, por vez, a regulação dos indivíduos em grande parte é o que produz conflitos sociais em escalas, uma forma de organização das atividades coletivas. Ora, para controle, ora, para justificar motivos diversos em nome do equilíbrio e da harmonia social.

É possível que as regras internalizadas por determinados grupos, em especial a família sirva também para controlar as ações de uns mais fortes sobre os mais fracos, dos pais sobre os filhos, quem possui poder hierárquico maior na pirâmide familiar, domina os de castas inferiores. Isso, decerto é motivo de conflitos permanentes nas relações de convivência, de trocas, de interdependências entre os envolvidos do mesmo grupo. Há conflitos sendo produzidos na comunicação entre os indivíduos, nos códigos de silêncio, nas intimidades, nos jogos de sedução, no contato com o corpo e o sexo alheio o tempo todo.

Em Simmel (1983), o conflito possui polos em oposição, positivo e negativo. O positivo é entendido como um elemento estruturante dentro do grupo e da sociedade. É o que produz ordem e organização social como parte constitutiva do processo de convivência entre os indivíduos. Na medida em que as regras são internalizadas individual e coletivamente, a ordem e as regras são produzidas por diferentes controles sociais de uns para com os outros, ora consensuada, ora conflitivamente imposta. Contudo, o importante é produzir coesão social no grupo e, ao mesmo tempo, coerção para inibir condutas indesejadas. O grupo é o lugar onde as interações se integram nas relações de troca.

---

<sup>14</sup> **Sociação.** Simmel ao conceber a sociedade como produto das interações individuais formula o conceito de "**sociação**" para designar as formas ou modos pelos quais os atores sociais se relacionam. Explica que as interações sociais e as relações de interdependência não representam, necessariamente, a convergência de interesses entre os atores sociais envolvidos.

A trama da violência doméstica produzida dentro da família em estudo, revelou a complexidade dos conflitos produzidos no grupo, a quebra das regras do tabu do incesto presente nas relações de convivência do agressor com as vítimas, fatos que expôs a fragilidade dos valores, limites e condutas como supostos atributos que mantêm coesão e coerção interna do grupo. A linha é tênue e relativa.

Quando um pai biológico rompe os impeditivos morais, se desfaz dos feixes de regras sociais para impor relações de violências contra o grupo, violar o corpo das filhas e abusá-las sexualmente na intimidade intrafamiliar, o conflito impacta nas atividades, não somente atingindo as vítimas e o grupo consanguíneo, estendendo-se para a comunidade do em torno. É quando se observa a problemática como conflito social amplo. No relato da depoente n.01 consta:

[...] eu quando criança eu tinha uma problema de saúde de reumatismo eu tinha crises muito fortes então um certo dia eu estava vindo da escola quando tive uma crise e não conseguia andar então fiquei caída em uma estrada, ele de carro passou por mim, viu e foi embora, uma vizinha de minha mãe mim viu caída na estrada e avisou a minha mãe ela foi lá e mim pegou. Denunciante 01. (AZEVEDO, 2017, p. 60-61).

[...] lembro perfeitamente um certo dia quando foi a escola com meu irmão (M.) era onde agente tinha uma refeição aí quando não tínhamos na escola ficávamos com fome, então na nossa cidade ele tinha conta em uma venda onde vendia alimentos então na volta da escola eu e meu irmão com muita fome fomos e pegamos dois pão, quando ele foi pagar e viu que tínhamos pego nus deu uma surra tão grande, nunca vou esquecer isso. Ele chegou em casa muito bravo xingando minha mãe, nus chamando e perguntou se ele tinha nus autorizado pegar pão e tirou a cinta e nus bateu muito, nunca esquecerei disso. (IBID).

Supostamente, a sociedade exerce em último caso o controle sobre os indivíduos, sendo este um meio de amenizar os conflitos na convivência social. Mas, diante da realidade e dos acontecimentos imprevisíveis, torna-se um desafio questionar: se, como e, porque as regras familiares, as que impõe ordem, organização e conduta estão sendo quebradas recorrentemente por indivíduos intencionados e os conflitos ocultados em certa medida pelo próprio grupo familiar alvo de agressões?

Os conflitos familiares podem se tornar elementos importantes para a convivência social entre os indivíduos, nesse caso, pode ser considerado útil para manter a relação positiva e virtuosa. Afirma o autor que em “[...] todas as formas sociais aparecem sob nova luz quando visto pelo ângulo do caráter sociologicamente positivo do conflito” (SIMMEL, 1983, p.123). É possível quando os envolvidos na trama estão na mesma condição estatutária, serve como uma espécie de e nivelamento das relações.

E de fato fatores de dissociação- ódio, inveja, necessidade, desejo- são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes. (SIMMEL, 1983, p.122).

Nesses termos, há duas questões subjetivas compatíveis com a ciência do homem: a primeiro representa a unidade do indivíduo, depois, a unidade formada pelo grupo.

A contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência. Provavelmente não existe unidade social se correntes convergentes e divergentes não estiverem entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma "união" pura não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real. (SIMMEL, 1983, p.124).

O conflito torna-se um ato estipulador, possui, entretanto, a capacidade de constituir-se num espaço social, acomodar-se no momento em que o próprio confronto de práticas, discursos, ideias e atitudes são colocadas em evidências. O efeito positivo ou negativo é dado pelo processo de conformação dos indivíduos. A característica positiva é atribuída ao conflito que residiria no fato de superar os hiatos, os limites sociais, estabelecidos pelos intervalos dicotomizados dentro e fora do grupo familiar no caso, ou mesmo em função das desigualdades produzidas nos entrelaçamentos das intimidades. Por isso, o conflito passa a ser uma substância constante na diversidade das relações humanas.

Nas reflexões de Alcântara (2005), o conflito é um componente da rotina familiar, se expressa sob a forma de um gradiente das relações sociais ásperas, até às vezes ao confronto físico figurado como violência consumada. Por vez, produz uma multiplicidade de arranjos derivados dessa substância social.

É, portanto, uma força dinâmica, propulsora, bloqueadora ou desbloqueadora de situações sociais tensas, estáticas, cristalizadas, concebidas nas formas sociais existentes, nos modos adotados por uma família e os seus membros. Impõe um passo além do agora construído. Ele é uma ação desencadeadora de reviravoltas, mudanças sociais, constituindo-se num componente regular do próprio cotidiano. É uma substância existente nos diversos movimentos efetuados pelas mudanças nas relações humanas micro e macrosocial.

Simmel (1983), sugere que devemos observar a relação resultante entre as forças e as formas cristalizadas socialmente. Por ser fatores de transmutações e reordenações históricas, já que

se constitui numa parte aderente da sociedade. É interessante que o conflito dentro do grupo se torne uma dimensão que estipula limites e circunscreve espaços, ao crivar o singular e o desigual das partes constitutivas das sociações. Nele, se revela o modo operante, as formas estratégicas de controle dos membros. Há “[...] uma matriz formal de tensões” estabelecendo códigos sociais no interior das relações íntimas. Um molde estabelecido nas atitudes de oposição, aversão, sentimentos de mútua estranheza, repulsa, ódio, lutas sociais. (SIMMEL, 1983, p.127).

O conflito mantido a base de violências domésticas é um fenômeno sociológico com dimensões múltiplas, embora, a versão seja utilizada socialmente como forma de controle e relativa proteção dos indivíduos. É com o impulso da aversão que segue a discussão sobre a questão da oposição e ruptura nas relações familiares do grupo.

#### 4.1.1 Oposição e Ruptura

Assim começa a autodescrição de uma filha em seu depoimento de denúncia contra o pai agressor da família,

[...] a nossa mãe não podia fazer muitas coisas [...] foi passando o tempo, ele foi tentando com todas minhas outras irmãs. Denunciante 01. (AZEVEDO, 2017, p. 63).

No cotidiano familiar, as relações de intimidade forçada entre pai agressor e as filhas em especial, a mãe e o resto do grupo, já é dado como efeito do sofisticado controle das violências colocadas em movimento. A aproximação das vítimas, alvo de interesse sexual se dava num jogo sutil, quase sempre invisibilizado pelos valores simbólicos que são conferidos aos pais.

Com efeito, o agressor seguia com as suas atividades abusivas, violentas e incestuosas como objeto parte da aparente normalidade, mas, na verdade, era o controle que produzia conflitos, a ponto de confundir a imaginação “enganosa” das vítimas. Assim, ninguém tinha a condição de provar nada concreto e real, estavam imersas a um jogo de camuflagem mantido por ele. Baseado em relações de intimidade familiar no microcotidiano, um canal onde os atos silenciosos, intocáveis, invisíveis, eram praticados a luz do dia ou no decorrer da noite. Refiro-me às relações íntimas, os códigos e mensagens transmitidas que só as vítimas afetadas pelo conflito conseguia traduzir.

Foram relações marcadas por conflitos, desde as atividades de exploração sexual, abandono do grupo, plantação do medo, a vergonha moral, até o adoecimento do corpo e da mente por completo de cada membro. Os conflitos mantidos por meio do controle do agressor sobre as vítimas, produziu sentimentos de oposição e ruptura dos laços familiares dos membros com o grupo, das vítimas com o agressor. Os acontecimentos e eventos de violência doméstica produziu consequências graves e efeitos de riscos para todos os envolvidos. O conflito levou a ruptura total ou parcial na convivência das vítimas com a família e a comunidade de origem.

Aquilo que parecia perfeito para o agressor em termo de controle e dominação dos membros do grupo familiar, com a ruptura da convivência e a oposição manifestada, o seu reinado começou a cair. O modo estratégico de operar foi sendo modificado em cada geração para não ser totalmente desmantelado. A vida da família antes controlada, vigiada, mantida, por um poderoso sistema de dominação, não se limitava a trama da vida doméstica apenas, agora estava em risco seu monopólio de poder. A ruptura e oposição de alguns membros do grupo estava a atrapalhar o seu controle. O poder do agressor, antes inquestionável, agora podia ser objeto de observação, conflito e julgamento. O problema das violências domésticas estavam sendo expostas para o mundo social fora do seu domínio.

Os filhos mais velhos quebrou em certa medida, com força de oposição e ruptura do sistema doméstico mantido a base de violências do agressor, levou a mãe e o grupo a repensar as condutas do patriarca.

Isso despertou o sentimento de autodefesa dos membros de que o grupo familiar, as filhas e as “[...] mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina” da forma que o agressor vinha a exorbitar. A “[...] vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando demandas e novas ansiedades”. Porventura, “[...] envolvendo todos nós naquilo que chamarei de experiências sociais do cotidiano com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar”. (GIDDENS, 1993, p.18).

A prática da violência doméstica exige um ritual de controle dos conflitos que o próprio agressor estar arquitetando contra as vítimas. Um erro, tudo pode desandar. Primeiro passo é o mais demorado talvez, demanda de paciência, cuidado, cálculo, movimento certo para que possa executar cada ação usando das suas faculdades mentais plenas e de forma consciente. É preciso manter relação de proximidade e intimidade com a vítima, conhecê-la e dominá-la por inteiro. Se familiariza com o seu mundo interior, conhecer os seus gostos, as suas intimidades, as suas ideias

e emoções particulares. O ambiente físico de circulação e trânsito precisa ser mapeado em detalhe, inspecionar cotidianamente o seu humor, as suas fragilidades, até, chega perto do corpo íntimo, do sexo, das coisas de interesse pessoal. Finalmente, entrar no mundo dela e acessar as camadas da vida da vítima com intimidade e sedução. Dominar por completo todo o processo antes de iniciar o jogo de permissividades, abusos, atos de toda a natureza.

Atividades de violências domésticas e incesto familiar revela sinais e características próprias, o agressor quase sempre demonstra surtos de ciúmes excessivos das vítimas, controles desacerbados, insegurança de ser denunciado, raiva e descontrole em caso de desobediência, agressividade permanente são situações que se denuncia sem perceber que estar a cair na própria teia.

Quase sempre a mulher-mãe e os filhos, são alvos da sua tocaia cotidiana, o que está em evidência não é o afeto ou sentimento de proteção, o foco está no controle do corpo visto como objeto de exploração e sexo. Portanto, precisa ser mantido em lugar restrito e de alcance exclusivo. O agressor não transfere o seu poder de controle para outra pessoa, pode até transferir uma parcela de poder para vigiar os alvos na sua ausência. Constrói muralhas a base do medo e da agressão física, material e psicológica dentro e fora do grupo. O esforço é para afastar possíveis riscos de aproximação de rivais ou interferência de terceiros de qualquer natureza. Nada acontece sem um sofisticado planejamento e cálculo, isso garante ao agressor o total controle das vidas, dos corpos e dos sexos que lhes dão prazer. Se algo der errado ou sair do seu controle previsível, as vítimas podem ter chance de reagir gerando oposição e ruptura do seu poder, podendo o conflito vir a ser revelado ao grupo e publicamente.

Com isso, a construção social resultante de acúmulo simbólico, cultural, valorativa, do que é ou deveria ser um pai biológico, ou social, deixa de existir na relação de convivência. Os laços simbólicos são rompidos e a confiança quebrada. Passa ser visto pelos membros, grupo e a comunidade como uma espécie de inimigo de confronto, do qual precisa ser combatido, punido e banido do meio social.

A vítima em estado de conflito e oposição com o agressor, tende romper a multiplicidade de relações outras com os familiares, o isolamento ou afastamento do grupo seria um modo de superação dos sentimentos de dor, de vergonha e medo. Cria mecanismos para se abastecer com outros vínculos, produz sentimento de coragem, de vingança, ódio ou preferência pelo



esquecimento das memórias. São experiências que produzem sentimentos de oposição, ruptura e repulsa do agressor.

A oposição tende produzir ações reivindicativas de punição do agressor, formação de alianças para fortalecimento das vítimas, seja em grupos sociais ou em causas institucionais com diferentes focos. É observável, quando a vítima é criança ou adolescente, ao alcançar a fase da vida adulta, ela quase sempre se manifesta com dispositivos de negação dos eventos ou se agita contra o agressor. Algumas vítimas tendem negar as experiências de violências vividas com o agressor, minimizar os fatos, fugir do assunto, finalmente, não ter interesse de revelar as memórias. Outras, se tornam combativas, vigilantes e base de observatório da realidade. Somente na vida adulta e de forma consciente a vítima pode se perceber dentro da realidade estando fora dela, antes disso vive em estado de consciência suspensa.

Atitudes de conformidade e aceitação das violências domésticas tomadas como experiências pessoais pelas vítimas, é recorrente independentemente da classe social e da cultura familiar de origem. A vítima tende assimilar os fatos como normais, sendo considerados até da sua culpa. O repertório de autoflagelo, medo de punição com viés religioso com base na ideia de pecado, de condenação ao inferno e punição eterna, mantém o silêncio funeral e o agressor em segredo. Ela cria mecanismo de resistência, de autodefesa e justificação das atividades violentas praticadas pelo seu agressor.

Algumas experiências no atendimento social às vítimas foi possível observar essa dificuldade inconsciente. A maioria acredita que tais eventos acontecem porque “Deus quer”; “Deus é quem pode julgar e punir o agressor” ela não; “a lei dos homens não funciona, mas a de Deus sim”. São revelações de discurso simbólicos carregados de impedimentos morais de natureza cristã.

Para elas a coisa divina é superior a qualquer atividade humana, o controle exercido se dá de várias ordens no discurso masculino. Nesse esquema mental, a vítima se mantém sob o controle do agressor, mesmo que esta não esteja mais compartilhando diretamente a convivência familiar, permanece na mesma condição, vinculada ao contexto do medo, da culpa e na co-dependência emocional.

A cultura da dominação masculina sob a feminina, do agressor sob a vítima, foi internalizada com sucesso, as construções mentais são o que mantêm o controle e o conflito na psique que impossibilita reagir de forma livre e consciente. Permanece presa ao agressor por muito

tempo ou para a vida inteira. Com base nas reflexões das categorias teóricas vistas nos tópicos deste capítulo, na sequência amplio a discussão focando o conceito sobre o incesto familiar.

#### 4.1.2 Incesto – conceito e reflexões

Na concepção antropológica, o tabu do incesto é explicado a partir das estruturas elementares de parentesco de Lévi-Strauss (1982). As regras culturais na perspectiva do autor assume caráter universal enquanto informações normativas, reguladoras, impeditivas, proibitivas, autorizadas ou desautorizadas, que regulam as relações sexuais entre indivíduos com laços de parentesco e consanguinidade. O tabu do incesto é o marco fixador dessas condutas a partir dos feixes culturais adotados por cada sociedade, um modo de impor limites de contato e de relacionamento entre indivíduos agregados.

O antropólogo Lévi-Strauss (1982), em suas contribuições, problematizou o objeto questionando o dado cultural no corpo biológico. Assim questionou: qual seria então a origem do tabu do incesto? É natural ou social? Diante do impasse, a noção mais razoável é a de que a origem da cultura do incesto está na própria existência humana. Pois, o corpo biológico ao mesmo tempo, é cultural, o natural e o social, caminham em concomitância. Por isso, “[...] não existe nenhuma razão para proibir aquilo que, sem proibição, não correria o risco de ser executado”. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 56).

O sexo entre membros consanguíneos e com vínculo de parentesco - dependendo do grau de afinidade - é proibido, castrado, consciente ou inconscientemente entre membros da linhagem familiar. Isso é dado pela cultura simbólica e prática construída coletivamente. Por vez, o tabu do incesto é um dado comum que está presente em todas as sociedades humanas como efeito da cultura impactada no corpo biológico. De modo que criou condições especiais, dando a estrutura mental dos indivíduos elementos para recusa de estímulos sexuais em detrimento da carga de impedimento moral.

O sexo entre pais-filhos, irmãos, tios-sobrinhos, nora-sogro, entre outros membros da linhagem de parentesco, a atividade carnal é proibida, desautorizada, prescrita e moralmente castrada pela sociedade brasileira. Com a natureza e a cultura, o corpo nasce como portador de material biológico, genético e fluidos reprodutivos. No esquema reprodutivo, não são as condições

biológicas impregnadas no corpo quem proíbe o sexo incestuoso, mas sim a cultura impactada sobre ele.

A antropóloga Mead (1975) nos seus estudos etnográficos realizados em populações tradicionais (orientais) e sociedades modernas (ocidentais), compara dados sobre o tabu do incesto presente nas relações sociais de forma forte ou fraca, estruturada no interior das culturas como parte do cotidiano. Assim como Lévi-Strauss (1982), a autora também menção a estrutura de parentesco como base orientativa da proibição. Diz que a

[...] infração do tabu é o que pesa sobre as relações sexuais entre dois membros da família nuclear, exceto marido e mulher, ou seja, entre pais e filhos ou entre um casal de irmãos. O tabu pode se estender a outros parentes ou graus de parentesco cujos vínculos podem ser biológicos, de afinidade, de classificação ou imaginários, e as relações sexuais entre dois indivíduos assim definidos serão consideradas incesto. (MEAD, 1975) *apud*, (GAUER; MACHADO, 2009, p. 41).

É interessante problematizar a noção antropologia do que é ou deve ser as regras culturais do tabu do incesto, olhando a psicanálise de Freud (1975, p. 35), quando afirma em suas mitológicas que “[...] as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel em sua vida mental”.

Freud (1975), constrói esquemas mentais para mostrar a tormenta dos desejos escondidos por indivíduos intencionados em sexo incestuoso. Os desejos estão dissimulados nos rituais do cotidiano, nas atividades de sedução existentes nas relações e nas condutas abortadas ou não dos indivíduos que convivem e se relacionam dentro dos grupos familiares e nos agrupamentos humanos.

O pai incestuoso em evidência no estudo desta tese é um exemplo disso, fez uso de sua estrutura mental onde os desejos libidinosos foram valorizados na forma de sedução de suas vítimas. As intenções de sexo incestuoso com as filhas se manteve escondidas por detrás de atitudes supostamente de natureza paterna. O desejo libidinoso do pai superou a força das regras culturais do interdito. O tabu perdeu sentido em detrimento do objeto de desejo maior, o de obter sexo proibido.

Com efeito, a quebra das regras e as consequências dos abusos tiveram impactos diferentes para os envolvidos. Para as filhas, os efeitos surtiram de forma negativa, indicando uma multiplicidade de sinais sintomáticos e adoecimento pessoal e do grupo familiar. O impacto dos

conflitos morais, culturais, causados pela intimidade violada gerou consequências graves e negativas, já para o agressor incestuoso (pai), teve efeito positivo e sucesso dos atos.

Nesse caso, o esquema mental manipulado por um indivíduo tomado por desejo sexual incestuoso, levou a superação da carga de valores morais-culturais produzidos pela coletividade. Isso indica que o interdito do incesto, a força das regras do tabu, são frágeis e relativo o cumprimento delas dentro dos grupos familiares e nas sociedades humanas. Uma reflexão que corrobora com a afirmativa de Foucault (2004), quando afirma que “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. (FOUCAULT, 2004, p. 126). Na reflexão de Tamanini (2016), considerada por Azevedo (2017, p.62), a autora diz que “[...] o poder do pai imposto aos filhos é visto de fato como um processo constitutivo onde os mecanismos moldam e multiplicam os desejos, em vez de reprimi-los”. Esse discurso também possibilita pensar a recuperação da rebeldia dos filhos que são submetidos a “[...] coerção sem folga [...] ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade”. (FOUCAULT, 2004, p. 126) apud, (AZEVEDO, 2017, p. 62).

Os estudos antropológicos Lévi-Straussianos, da psicanálise freudiana, foucautiana e o pensamento sociológico sobre o todo complexo familiar, por ser o lugar onde as relações sociais, as intimidades, o jogo de poder estão aflorados no contexto privado; os conceitos, as teorias críticas são o que permite pensar as diferentes perspectivas sobre a questão da cultura familiar, as relações de intimidade e o incesto posto em discussão neste tópico. Com isso, problematizar a questão das violências múltiplas com foco no tabu.

Nada, do ponto de vista cultural, psicanalítico e sociologicamente falando, razões diversas tende explicar, mas não convence, a meu ver, o consentimento ou aceitação moral de atividades incestuosas persistentes dentro dos grupos familiares em nossa sociedade brasileira. Contudo, também presto atenção em Lévi-Strauss (1982), quando o autor suscita a questão da mutação genética, enquanto consequência nociva de uniões entre membros consanguíneos. Talvez, a carga repulsiva seja mais forte do ponto de vista cultural, do que a questão biologizante ou genética propriamente dita. É a cultura quem impõe limite na relação sexual dentro do grupo. Assim diz o autor:

[...] a proibição do incesto explica-se inteiramente por causas sociológicas, mas é certo que tratei do aspecto genético de maneira excessivamente ligeira. Uma apreciação mais justa da taxa muito elevada das mutações e da proporção das que são nocivas levaria a afirmações mais atenuadas, mesmo que as consequências deletérias das uniões

consanguíneas não tiveram papel na origem ou na persistência das regras de exogamia. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 25).

O mundo das relações incestuosas ainda é desconhecido ou pouco se sabe empiricamente sobre a questão. Embora, exista esforço e tentativas explicativas nas diferentes linhagens do conhecimento, mas sem pesquisa empírica em profundidade o tabu permanece gerando outros tabus dentro dos lares ou aprofundando as conjecturas teóricas simplesmente. A família se transformou num laboratório fechado e assim permanece desde outrora.

No Brasil, Azevedo; Guerra (1989), foram as primeiras pesquisadoras a produzir estudos sobre abuso sexual contra crianças e adolescentes no país. Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, suas contribuições foram determinantes para levantar a grave questão das violências domésticas praticadas por agressores dentro dos lares brasileiros.

Serviram e continuam servindo de referência para o debate, discussão e estudos sobre o assunto até os dias atuais. A época, serviu de base para a instalação de ações normativas, investimentos de políticas de combate e proteção à vítima de abuso sexual infanto-juvenil. As obras “Pele de asno não é história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família”, de 1988 e o estudo sobre “Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder”, de 1989, foram tomadas como referência de estudos empíricos, para pensar o problema das violências domésticas e do abuso sexual incestuoso enquanto questão de alta complexidade existente no país.

A autora discute a cultura da violência sexual incestuosa no contexto brasileiro, em comparação com a tradição judaica, para pensar os polos culturais em transição nas diferentes sociedades. Nesse sentido, Guerra (1988, p. 20), afirma que na tradição judaica a “[...] sodomia com crianças de nove anos de idade é um ato punível”, leva a morte do agressor por apedrejamento. A “[...] cópula com criança menor não era considerada um ato sexual, embora a punição correspondente fosse o açoitamento”. A ambiguidade da tradição judaica com relação às práticas sexuais entre adultos com crianças e adolescentes nas sociedades ocidentais, como, por exemplo, o caso da sociedade brasileira, diferentemente da cultura judaica, antes da Constituição Brasileira de 88, o casamento ou concubinato de homens adultos com meninas pequenas (adolescentes e muito jovens), era recomendado ou aceito como sinal de bom casamento entre as famílias casamenteiras do país. Pedofilia recentemente não era considerada crime contra crianças e adolescentes, se ocorria o mundo privado e o silêncio apagava qualquer exposição familiar perante a sociedade de inserção do grupo. Havendo no interior o reforço das práticas pedófilas, incestuosas

e das múltiplas violências domésticas, mantidas pelo silêncio do tabu. O sexo infantil incestuoso ou não com adultos, possivelmente era dado como corriqueiro e ato normal do cotidiano familiar.

Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente é que essas práticas abusivas foram se transformando em crime, denúncia e tabu. Embora, ninguém consiga revelar em termo de estudos e pesquisas empíricas, nem antes, nem após a Constituição de 88, a quantidade de casos, extensão e o impacto das violações sexuais contra meninas e meninos ocorridas na história da república brasileira. A vida em família já é complexa o bastante, torna-se ainda mais quando envolve violências domésticas e prática de incesto, apesar da prescrição jurídica, da desautorização moral.

O código penal brasileiro prescreve e proíbe, violências domésticas, práticas sexuais incestuosas ou não, de adultos com crianças, adolescentes e mulheres, independentemente do grau de parentesco e consanguinidade. Supostamente, o autor é punido na forma da lei, ainda moralmente pode ser desmoralizado socialmente perante a comunidade, muitas vezes apontado, como: pedófilo, estuprador, agressor e outros adjetivos com valor moral forte e de crimes hediondos.

Diante disso, se questiona: quem produz e mantém um estuprador dentro da sociedade? Uns apontam que é a própria família, outros diz que é a sociedade. Desconfio que a cultura das violências domésticas tende esconder ou invisibilizar as violências sexuais incluindo a quebra das regras do tabu do incesto. A sociedade violenta que tolera os crimes sexuais, tolera também o incesto? A ausência de educação sexual dos indivíduos é fator determinante para manutenção de atividades sexuais abusivas dentro das famílias? Como é o despertar de um homem ou de uma mulher com tara sexual pelo incesto e estupro? O patológico se explica na cultura familiar? Prática de estupro e incesto estão denunciando algo maior que a ação individual de quem estupra, aponta a absoluta ausência de limite sexual, de castração de uma pessoa com relação a outra em condição mais frágil, de negligência social nas diferentes camadas de controle da sociedade. O descontrole dos órgãos genitais de homens que operam sem educação sexual dentro das famílias, o pênis estuprador é usado para reforço da dominação e manutenção da mentalidade violenta de indivíduos que desconsideram regras de impedimento.

Finkelhor (1979), *apud*: (AZEVEDO; GUERRA, 1989, p. 38-39), afirmam que

[...] o abuso sexual e incesto às vezes costumam ser confundidos, mas não são a mesma coisa. Abuso sexual [ou vitimação sexual] geralmente designa relações sexuais entre um

adulto e uma criança. Incesto refere-se a relações sexuais entre dois membros da mesma família, cujo casamento seria proibido por lei ou costume. Muita vitimização sexual é incestuosa e muito incesto é vitimização sexual tal como a definimos: mas eles não são idênticos. Em particular, o contato sexual entre familiares da mesma idade é uma espécie de incesto que não é vitimização e o contato sexual entre um adulto estranho à família e a criança é vitimização que não é incesto.

A violência sexual incestuosa praticada pelo pai biológico contra as filhas adolescentes da família em estudo, implica em diferentes graus de contaminação da intimidade das vítimas e do grupo. A invasão do corpo e da intimidade sexual das vítimas com desejos libidinosos, toques nas partes íntimas da virilha, nos seios em desenvolvimento, beijos forçados, fricção das genitálias do agressor nos glúteos e vagina das filhas, entrada brusca e inesperada no quarto privativo de dormir, tocaia na troca de roupas íntimas, acesso ao banheiro na hora do banho das filhas. Foram tentativas de aproximação invasiva, até defloração do corpo com práticas sexuais e penetração vaginal. O pai estuprador incestuoso violentava as filhas adolescentes dentro e fora do ambiente de moradia, agia com violência nos diferentes espaços de circulação das filhas, acontecia na garagem, em meio a plantação de bananais, em motéis, dentro do veículo particular, praticava sexo incestuoso onde tivesse a oportunidade de afastar e manter o isolamento social das vítimas. A autora destaca que

[...] a violência sexual se configura como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. (AZEVEDO; GUERRA, 1989) *apud*, (GUERRA, 2001, p. 33).

Dentro desse contexto, o agressor praticava sexo incestuoso com as filhas sob ameaça psicológica, de morte e com arma de fogo apontada para a vítima. A promessa de morte seria em caso de revelação do segredo sexual, em troca a vítima e a matriarca do grupo familiar sofreriam castigos severos e fatais. As mentiras faziam parte do sadismo do agressor nas diferentes frentes de suas atividades perversas. Não somente para atender a perversão sexual com fins de prazer sexual, mas também para produção de material pornográfico, memórias eróticas como lugar de prostituição privada exclusiva e particular na forma de estupros consecutivos.

Diante do nefasto mundo das vítimas, os estupros incestuosos são

[...] caracterizados pela existência de vínculo familiar e de abuso sexual, sendo ainda necessário esclarecer o conceito da perversão sexual, pois a perversão está sempre referenciada pela não aceitação de uma norma social. No caso do incesto, a perversão seria



a relação sexual com algum membro da família que foi considerado tabu. (COHEN, 1993, p. 127).

O estuprador travestido de pai mascarado, movido por artimanhas sórdidas, mentiras fundadas em desejos sexuais violentos, incestuosos, supostamente proibidos pela cultura do tabu, o jogo sedutor como artifício, serviu para afastar as vítimas do ambiente comum do grande grupo, aproximar-se delas maliciosamente, levá-las na direção das armadilhas plantadas até consumir o coito sexual em motéis ou em qualquer ambiente relativamente seguro. Longe dos olhos dos demais membros da família.

Contudo, suas práticas e atitudes não se diferenciam de tantas outras recorrentes dentro dos lares brasileiros, igualmente contaminados por violências, de norte a sul. Por via, é a mesma sociedade que insiste em invisibilizar a exploração sexual de meninos e meninas imaturas até os dias atuais. A diferença no caso da família investigada com relação as demais igualmente afetadas está, talvez, na multiplicidade de atividades e na perpetuação das violências dentro do grupo, olhando o grau de dominação e impacto no isolamento das vítimas durante décadas. A exploração das gerações de filhos se deu de forma ampla por um único homem agressor em comum. A família fechada, extensa e inabitada pela vizinhança, foi o lugar onde todos os membros sofreram as mesmas violências, explorados e abusados em concomitância. O silêncio e o medo ajudou na manutenção das atividades e o sucesso em favor do agressor incestuoso. Talvez, dado extraordinário do caso em estudo esteja na dimensão, profundidade e multiplicidade dos fatos ainda não observado nos demais casos conhecidos a base da empiria, as ocorrências acumuladas dentro da família tomaram dimensões catastróficas no sentido puro da palavra. Embora, a mesma problemática tenha sido ou esteja sendo vivenciada por milhares de outras famílias com perfil e experiências acumuladas de forma igual, ou semelhante dentro do país.

Pois, é com essas palavras que encerro a discussão aberta nessas categorias reflexivas (parte) deste capítulo teórico, para dizer que em seguida apresento finalmente os resultados da pesquisa, a partir dos achados no campo empírico. Com isso, abrir novas categorias analíticas para discutir a questão ponto de partida desse estudo e seus objetivos de apoio. Assim segue o capítulo V desta tese.

## PARTE V

### 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tomo como referência de análise, discussão e reflexão a multiplicidade de experiências de violências domésticas vivenciadas pelas participantes da pesquisa de tese (mãe e filha), imersas num contexto sociofamiliar e cultural de origem rural do interior do estado de Pernambuco. Durante anos observei o campo e a realidade investigada, procurando assim mapear a localização do objeto de estudo na modalidade ativa e silenciosa, como meio de aproximação do mundo privado familiar das entrevistadas. Interessada obviamente na identificação dos elementos reais, concretos, o narrado de primeira mão como dados de história de vida relevado por cada uma. Me refiro aos sinais e indícios reveladores das tais experiências fatídicas, os acontecimentos e atividades domésticas impactadas na vida pessoal das participantes, visando assim o resgate de suas memórias em face do mundo contaminado por violências familiares no ambiente de convivência com o agressor doméstico e as vítimas.

Antes de iniciar a minuciosa escavação no campo procurei previamente destravar as fechaduras e cadeados que guardavam baús de segredos inacessíveis ou quase impenetráveis. Observar o mundo da família do lado de dentro era preciso para enxergar o interior da fábrica, onde as relações de convivência e os eventos de violências múltiplas eram produzidos, mantidos em silêncio a base do medo sobre as vítimas, onde estavam escondidas num labirinto cotidiano de difícil acesso, lugar proibido para terceiros ou pessoas que estavam do lado de fora do território entrar. Por ser a família um lugar de privilégios pessoais, de desfrute do prazer, de enriquecimento pessoal a base da exploração do trabalho dos filhos, era onde finalmente as vítimas estavam sendo mantidas em isolamento social, vivendo encarceradas e em condições de extrema fragilidade, agressões e ameaças de morte durante décadas. Tudo sendo praticado por um único homem de natureza violenta.

Ao entrar no mundo familiar recinto de observatório, encontrei situações de alta complexidade como parte da história de vida das participantes do estudo, reconhecendo que o tema estava totalmente comprometido com a realidade objeto de investigação. Não somente pela natureza da problemática apenas, mas também pelos impactos da cultura da dominação patriarcal impactado nas vítimas. A forma em que as violências foram produzidas e mantidas no interior do

grupo, a submissão das vítimas e empoderamento do agressor, uma teia de relações mantidas sob cabresto.

Problematizar o tema significou buscar referências teóricas que ajudasse no aprofundamento de questões tão complexas como as encontradas nas relações familiares observadas no cotidiano das vítimas participantes do estudo. O mundo privado da família precisou ser discutido a luz das contribuições de Freyre (2003), por ajudar compreender o cotidiano da estrutura familiar patriarcal, as relações particulares guiadas por homens dominantes predispostos a se manter no poder a base de violências. Afirma o autor que o patriarca familiar são os mesmos

[...] senhores rurais. Donos das terras. Dono dos homens. Dono das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal. O senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. (FREYRE, 2003, p.38).

Pronto! É com as palavras de Freyre que inicio esse capítulo: o pai agressor das participantes e da família em estudo considerava-se realmente o dono do corpo da mãe, das filhas, dos filhos, das terras, da casa e do mundo a sua volta. Mandava na casa e na cidade de origem como puxadinho de sua varanda particular. Todos estavam sob sua vigilância, obediência à ordem e subservientes a sua forma de dominação. O uso da violência física, sexual, psicológica no âmbito doméstico, fazia parte do seu ritual cotidiano, para assim conferir seu próprio poder, força e prazer pessoal sem restrições. Se portava perante a família e a comunidade como o senhor dono de tudo. Explorava violentamente a força de trabalho infantil dos filhos, dos moradores da comunidade do em torno de sua propriedade, abusava sexualmente a mãe de seus filhos e praticava incesto com as filhas adolescentes, sangue do próprio sangue. O poder centrado no patriarca dominante invisibilizava a própria família.

Este é um capítulo de maior importância do trabalho, mostra os vários aspectos das relações do grupo, a dimensão do mundo particular das participantes imersas numa teia de situações produtoras de experiências diversas. Das memórias longínquas às recentes, foram sendo puxadas como fios, reveladas na própria voz, onde os aspectos, característica e dimensões dos eventos de violências foram sendo expostos.

O resgate das memórias antigas, distantes, ou, as que exigia mais energia e esforço mental, cognitivo, emocional, em comparação com as recentes, em face dos acontecimentos mais próximos em vista da cronologia do tempo, sofriam fortes flutuações. Os acontecimentos do passado distante

parecia estar mais ativos, vivos e presentes, do que os eventos vividos em menos de uma década. As memórias antigas foram relatadas em detalhes e precisão surpreendente principalmente pela matriarca do grupo familiar. Ao relatar os eventos, detalhava como se o fato em evidência tivesse acontecendo em tempo real ou acabado de acontecer diante de seus olhos. Enquanto os mais recentes demonstrava dificuldade maior em detalhar com minúcias. As memórias recentes estavam mais próximas dos estupros sofridos pelas filhas vitimadas pelo agressor [pai], por isso, talvez, a narração dos fatos implicava em resistência e elevado grau de dificuldade de relato. Dando entender, que ali existia dor familiar, sofrimento pessoal e um esforço inimaginável. A todo custo, tentava manter-se distante das imagens e memórias.

Essa foi uma das estratégias que apareceram com frequência durante a narração, uma forma peculiar de manifestação da entrevistada, somente um observador atento consegue perceber os efeitos de cada questão.

Por isso, os estudos de Pollak (1992, p.203-204), ajudou mostrar que “[...] a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa”, mas, também [...] sofre flutuações que funciona no momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”. Embora, se saiba que este é um estudo de história de vida baseado em experiências reais, vividas e difíceis da narradora reviver as passagens internalizadas internamente ou em partes. Alguns acontecimentos familiares até são guardados sem tanta dor, ficam na periferia da mente, outros estão intocáveis na memória arquivada. Ao ser desarquivados a pessoa sofre compressão imensurável. Apagar certas imagens da memória serve de alívio da dor e estratégia de sobrevivência da vítima.

Assim, organizei os achados, os conteúdos tratados em categorias de análises divididas em três momentos do trabalho. Intencionalmente, seguindo as fases do roteiro das entrevistas realizadas com as entrevistadas (mãe e filha). A partir desse construto, propus o fechamento de cada etapa, fruto de um longo percurso intelectual-prático da pesquisadora e das pessoas envolvidas com o trabalho. É um artesanato de caráter individual, mas, também, de natureza coletiva, resultante do esforço de muitos.

Embora, seja este um estudo que se conecta com as poucas pesquisas qualitativas já realizadas no país, que investiga a questão das violências domésticas e o incesto familiar, apesar das similitudes, este trabalho se diferencia de todos os demais estudados no Brasil, pela peculiaridade do caso visto nesta família, a multiplicidade de violências vividas pelas entrevistadas

e a complexidade que envolve cada situação. Do começo ao fim, esta não foi uma narração de fácil revelação e trato, causou efeitos nauseantes e pausas das atividades por diversas vezes em cada bloco de questões, até encontrar o equilíbrio das emoções, da energia emocional subtraída. Infelizmente, situações variadas já eram esperadas, mas, também, o planejamento previa estratégias para reabastecimentos das forças individuais para superação das dificuldades, de fato, cada uma foi trabalhada e superada com a mesma velocidade que apareceram.

O importante de cada experiência foi a somar de apoio e forças compartilhadas, tanto por parte da pesquisadora e sua equipe de apoio, quanto na colaboração e cooperação positiva das entrevistadas.

No campo empírico, a investigação de temas sensíveis quase sempre se transforma num jogo de cartas desconhecidas e surpresas que surpreende os participantes o tempo todo. De um lado, a inquisidora faz perguntas desconhecidas para as respondentes, do outro, obtém respostas também desconhecidas, segundos antes.

O mundo familiar contaminado por violências masculinas produz no inconsciente das vítimas, mentalidade de dominação e medo como se tivesse sendo controladas por uma entidade mística. Mesmo quando se afastam do ambiente controlado, ainda assim elas se mantêm relativamente presas ao agressor doméstico. Às vezes justificam os fatos com sentimento de culpa ou, minimiza os acontecimentos de natureza grave na tentativa de esconder a face e as atitudes do opressor.

O ser mais desinteressado em mostrar o mundo doméstico é o próprio agressor, principalmente se for alguém intencionada em conhecer a realidade de suas vítimas e o problema causado por ele mesmo. Não há outro meio de adentrar, se não for autorizado pelas próprias pessoas afetadas.

O campo é isso, se torna um ambiente de combate e guerra silenciosa ou declarada de tripla dimensão. De um lado, as vítimas se manifestam com medo de seu algoz, tomadas de vergonha moral, de segredos e silêncios, do outro, está o reinado do agressor, senhor ameaçador de castigos e mortes; que em seu território se opõe a qualquer aproximação de suas vítimas. No outro extremo, surge a pesquisadora intrusa no ambiente desconhecido, contaminado como se pisasse em campo de minas explosivas.

A violência toma forma de jogo onde não há vencedor da batalha, existe sim pessoas vitimadas, prejudicadas, violentadas que perdem seu mundo e seu chão, a possibilidade de vida

livre e a dignidade da paz. A família que se desfaz esfacelando-se de seus valores de unidade e correspondência de grupo, sofre um desmonte que jamais será reconstruída com segurança. Finalmente, o agressor é atingido ou não com relativa condenação social e moral pelo próprio sucesso de suas atividades nocivas praticadas contra si mesmo. A perda é total, embora exista a possibilidades de redirecionar os objetivos individuais e coletivos do grupo. De quem melhor conseguir mediar os processos particulares para enfrentar novos desafios da diversidade.

Todavia, neste capítulo o esforço está centrado nos aspectos gerais e particulares que envolveu cada situação vivenciado pelas participantes do estudo e, a partir da narração de suas histórias de vida localizar a raiz e o lastro das atividades de violências que tomou conta da família. Sobretudo, procurando entender como se deu, por que, e, de que forma aconteceram a multiplicidade de violências perpetuadas no grande grupo, mesmo contendo nele, inúmeros membros vivendo as mesmas situações. Um fenômeno que pode ser visto, como agente paralisador de qualquer movimento de autodefesa. É razoável chegar a essa percepção, embora existam outros adjetivos e maneira de classificar, mas, esse foi um modo de dizer que precisou de minimamente de quatro anos ininterruptos de trabalho descamado as questões levantadas do lado de dentro e de fora do grupo. O tema investigado é de elevada complexidade, decerto carece ainda de uma década ou mais de uma, para talvez compreender e explicar o complexo enredo das relações familiares postas como atividades de violências crônicas dentro do grupo, o que de fato é, significa e representa a teia de fios, emaranhado de coisas presas e amarradas com nó.

Comprometida com o equilíbrio, compromisso profissional, ético, competências e habilidades técnicas, foi possível adentrar o campo e descamar a realidade marginal que afetou as participantes da pesquisa e o grupo familiar na totalidade. Com o avanço, tornava-se um trabalho cada vez mais difícil e sem possibilidade de descanso mental do começo ao fim. Observar, registrar, investigar, discutir e analisar fez parte do ofício e do ritual cotidiano como hábito de necessidade elementar.

Assim, o mundo contaminado da família e as ações do agressor foi sendo vistas, um homem com corpo desnudado, sem roupa alguma, nem máscaras na face. Sua mentalidade violenta, pervertida, imoral, indigna e sem pudor foi mostrada a luz do dia, observadas nas experiências e histórias de vida de suas próprias vítimas. O seu reinado familiar, sua fábrica de violências privadas foram expostas para o mundo acadêmico e a sociedade toda conhecer. As narrativas em detalhes

revelou o agressor, autor de atividades e façanhas cruéis no sentido puro da palavra, os sedimentos acumulados durante décadas mostradas em cada fase da pesquisa.

Contudo, esse foi o propósito e principal finalidade da tese, investigar a realidade familiar num contexto contaminado por uma multiplicidade de violências domésticas quase infinitas do ponto de vista vivencial das entrevistadas. Então, é sobre esse múltiplo e particular que apresento os achados do estudo distribuídos em três fases analíticas. Cada fase está identificada, como: primeiro, segundo e terceiro momento da entrevista, subdividida e organizada em categorias discursiva, interpretativa e crítica conforme a sequência do capítulo.

## **FASE I**

### **5.1 PRIMEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA**

A revelação do perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto sociocultural das participantes, considero ser uma das partes mais importantes do estudo, ao mesmo tempo, tensas ou dramáticas do ponto de vista situacional que cada entrevistada revela. Falar do eu para quem nunca falou de si antes, nem sempre este é um momento tranquilo para quem não tem o hábito de conversar com estranhos sobre a vida pessoal e familiar restrita, menos ainda, se pôr a falar sobre experiências difíceis num esquema de formalidade e gravação. Exigiu muita paciência, controle da situação, calma e tranquilidade para esperar o tempo de cada uma, até surgir a oportunidade de iniciar o processo de narração valorizando o espírito de normalidade.

Apesar das angústias e dificuldades observadas nas narrativas das entrevistadas, principalmente com relação à mãe-entrevista [n.02], a tensão causada inicialmente talvez tenha a ver com a ausência de convivência e referência familiar junto ao seu grupo primário, cultura de berço e origem de nascimento.

Mas, de modo geral, as questões foram respondidas e organizadas em subtítulos com a finalidade de apresentar os aspectos da vida pessoal, familiar e comunitária que marcaram a trajetória de cada uma. Vale dizer nesse momento que o perfil pessoal e sociofamiliar das participantes foi sendo revelado ao logo das narrativas, conforme os acontecimentos vividos iam sendo lembrados da infância a adolescência e vida adulta. Assim foi sendo construído durante as fases das entrevistas do começo ao fim.



Dito isso, neste primeiro momento do trabalho, as categorias de cada fase foram subdivididas em tópicos sequenciados com letras alfabéticas para melhor discutir as questões de cada objetivo. A primeira categoria é sobre o perfil pessoal e familiar das entrevistadas, nesta destaco a identidade social de cada participante, assim como a de seus pais biológicos. Outro aspecto revelador fora as referências pessoais percebidas dentro do grupo familiar e na comunidade, a indicação de pessoas vistas como entes vetores de representação social positiva ou negativa, as que influenciaram nas diferentes fases da vida.

Na segunda fase ou categoria analítica, destaco a vida de riscos, a pouca escola e muito trabalho em que as entrevistadas experienciaram na convivência com o agressor. Apresento também a questão da infância explorada, da adolescência-adulta sem maturidade mínima. A condição de Mãe-Mulher: imagem e autoestima afetada, é outro tópico que chama bastante atenção. Por último, a família de sangue: valor de honra e desonra fecha o enredo analítico e discursivo desta etapa.

Na terceira parte, exponho os dados na forma de categoria intitulada - vidas na encruzilhada: sexo à força e um mundo de riscos – nesta, localizo o lugar da mãe biológica [participante n.02] dentro do grupo familiar, hoje uma mulher idosa, mas que na sua pré-adolescência também sofreu abusos e estupro em série pelo mesmo abusador de suas filhas, com ele reproduziu filhos e gestações ininterruptas. É quando também apresento o todo complexo narrado pela filha participante [n. 01], abro discussões envolvendo conteúdos de natureza sexual abusiva, para refletir se a vítima na fase da adolescência foi abusada pelo pai biológico, se foi estuprada ou teve sexo consentido com o seu primeiro “namorado”, um homem adulto com idade avançada, patrão doméstico para quem a vítima trabalhava. Outro ponto de reflexão, são os tabus mantidos no âmbito familiar, a resistência da mãe falar sobre menstruação, sexo e corpo como agente de transformação natural para as filhas e filhos em fase de desenvolvimento dentro do grupo. Também, a questão religiosa e a crença individual das participantes e do grupo familiar, foram levantadas como aspectos importantes para a discussão do contexto cultural, assim como a autopercepção étnico-racial e classe social de pertença; além, do impacto da separação dos membros do grupo e o retorno das participantes ao local de origem após anos de afastamento em razão das violências. Assim, organizei os tópicos do trabalho para fechamento do estudo.

## 5.2 PERFIL PESSOAL, SÓCIO-FAMILIAR E O CONTEXTO

A entrevista foi iniciada com a filha-participante [n.01], uma extraordinária colaboradora do estudo, é importante dizer que além de sua participação efetiva, dedicada e comprometida com o trabalho, também foi o primeiro membro da família a se interessar pelo estudo, anos antes de pensar as primeiras ideias da pesquisa, ela foi quem procurou a pesquisadora para solicitar ajuda, orientação e apoio social em face das problemáticas de violências familiares e as queixas que pretendia registrar na forma de denúncia contra o pai agressor.

Nesse contexto, o contato inicial e a comunicação foi estabelecida com ela e os demais membros da (família) afetados com os mesmos problemas. A entrevistada [n.01], desde então, se declarou interessada em denunciar o agressor e participar dos trabalhos que porventura viesse a ser desenvolvido com a temática em questão. Em especial, se envolvesse o problema de sua família como objeto de estudo e intervenção. O seu envolvimento com a problemática e a pesquisa vem sendo amadurecido desde o seu primeiro contato com a pesquisadora, feito no início de 2015.

A mesma participou como Denunciante (n.03), citada no trabalho realizado anteriormente pela pesquisadora, intitulado: “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono” (AZEVEDO, 2017). Quero dizer, a filha entrevista [n.01] desta tese é um membro importante da família e uma informante especial para esta pesquisa em desenvolvimento, não somente pela sua atuação, contribuição e participação nos projetos acadêmicos, mas também pela extraordinária revelação de seus conteúdos oriundos de experiências pessoais e familiares de primeira mão. Por ter se colocado à disposição de forma íntegra, honesta, fidedigna e coerente com a realidade vivida. Esteve aberta de forma colaborativa e comprometida com os processos de produção de dados e com a investigação desde os primeiros passos da imersão da pesquisadora no campo.

Tornou-se, então, um membro motivador dentro do grupo familiar, interessada no assunto e no tema, ao ser convidada a participar do estudo, de pronto manifestou interesse e compromisso com a proposta investigativa. Ela mesma foi quem ajudou no encorajamento do grupo, no sentido de ajudar os membros mais fragilizados a participar do trabalho, dedicou apoio para que a mãe biológica se fortalecesse cada vez mais, para da melhor forma contribuir sem desistir da difícil tarefa, de ser entrevistada e falar sobre a própria vida.

A mediação da filha participante foi fundamental para o sucesso e realização da pesquisa, verdadeiramente encorajou a matriarca que resistia e oscilava suas decisões o tempo todo, ora por

alegava o medo que sentia do agressor, dele “fazer mal” para si e sua família. Embora, estivesse há [anos] separada do pai de seus filhos – agressor em comum – mas, a imagem das violências associadas a presença física do mesmo, ainda estava presente na sua memória. Graças aos esforços somados com a pesquisadora, a filha-entrevistada [n.01], ajudou na mediação do processo de forma positiva e com sucesso. Assim como ocorreu com a participação dos demais membros do grupo [4 irmãs e um irmão] denunciante do pai, onde a mesma também esteve presente de forma colaborativa, antes, durante e após a realização do trabalho com metodologia autodescritiva. Ela foi o contato direto da pesquisadora, a ponte de acesso para se chegar aos demais membros da família, principalmente na direção da matriarca entrevistada [n.02].

Assim sendo, a mãe e a filha responderam satisfatoriamente a todas as questões previstas no roteiro e nos objetivos da pesquisa, de começo se localizam a partir da revelação da própria identidade social e origem familiar considerando o contexto e a cultura de pertença. Assim segue a categoria analítica.

#### a) Identidade e origem familiar

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. (POLLAK, 1992, p. 204).

O eu, é básico para a teoria de papéis, [...] é utilizado para designar a organização da qualidade da personalidade ou a experiência da identidade. O eu compreende simplesmente uma pessoa que é objeto de sua própria atividade; pode agir perante si mesmo como age perante os outros. (ELKIN, 1968, p. 48).

Sabendo a construção da identidade social de uma pessoa depende da cultura familiar de referência, do processo de socialização, das memórias internalizadas durante as fases iniciais da vida, do acúmulo de informações, das representações e significações do mundo material, imaterial, simbólico e prático que o indivíduo procura se construir durante a trajetória. A identidade é construída a partir do mundo observado, interpretado e percebido como elemento constitutivo do eu. Pollak (1992, p.204), discute isso, diz que “[...] a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” mental. Por isso, é possível que uma pessoa possa falar sobre si, a partir de suas próprias imagens e construções do eu, de sua individualidade refletida na cultura familiar fonte de referências primárias e nos enredos sociais externos. De algum modo, ela vai encontrando na sua própria condição e capacidade de

organização interna, as respostas correspondentes que diga quem ela é, como se representa, se percebe e se situa no mundo. O fim, é a pessoa construir a própria identidade, embora seja um elemento que sofre flutuações diversas em cada fase da vida.

Cada entrevistada foi convidada a falar sobre si, a autopercepção perante o mundo social, a partir da apresentação do eu, vetor de idade, genealogia familiar e lugar de origem.

Pollack (1992, p.204), diz que:

[...] a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Ao perguntar sobre a identidade pessoal, de pronto, a filha-entrevistada [n.01] respondeu nas seguintes palavras: *Sim claro, ham, tenho 34 anos, nasci no ano de 1981, no dia 30, mês dezembro. Eu sou filha de uma agricultora, é da cidade de <sup>15</sup>M.-Pernambuco. E meu pai biológico reside na mesma cidade, ele é agricultor também e fotógrafo. Sou filha dos dois.* Não tive dúvida de que esse foi “[...] o significado do eu ou de si em expressões tais como falar consigo mesmo, orgulho de si mesmo ou envergonhado de si mesmo. Esse uso sugere que uma pessoa é tanto sujeita quanto objeto; toma uma posição de fora e encara seus próprios pensamentos, sentimentos e ações”. (ELKIN, 1968, p. 48).

A velocidade em que a filha se projetou para o mundo do outro, a [auto] identificação, revelou a essência de seu mundo social construído por ela mesma. Diferentemente, da mãe, que apresentou certa dificuldade e lentidão na autoidentificação perante o mundo social [familiar] de referência. A percepção da filha é contrária, demonstra possuir memórias construídas a partir de suas referências primárias, informações secundárias e outras influências de sociabilidade durante as fases iniciais da vida, o que lhes deram segurança para construção do eu social. O mundo internalizado, significado e representado nas relações cotidianas.

O observado nas narrativas da mãe-entrevista [n. 02], é de que há ausência de referências primárias e memórias de socialização na infância, visto que aos 9 meses de idade foi uma criança abandonada pelos seus pais biológicos. Isso comprometeu o desenvolvimento de relações de

---

<sup>15</sup> **Nota:** A abreviatura da letra alfabética [M.], representa a primeira letra do nome da cidade de origem e nascimento da filha-entrevistada n.01 e da família em estudo.

convivência e proximidade com os pais. A referência familiar estava suspensa, tudo se resumia no ouviu dizer, de que a separação de seus pais separou o grupo familiar por inteiro. Ao ser entregue aos cuidados do seu pai biológico, logo foi abandonada ainda bebê, deixada sob os cuidados de seu avô paterno-idoso. Um homem com idade avançada, viúvo e com três filhos pequenos para cuidar, além da neta recém-nascida. Casou-se novamente com uma mulher do Engenho onde trabalhava e morava com a família, era uma ex-escrava também moradora local. Tornou-se madrastra-avó das crianças enteadas e enteada-neta de nove meses.

Sobre esse acontecimento a mãe entrevistada [n.02] relatou: “[...] *era a mulher, aquela mulher do meu avô. Que não era minha avó. Meu avô foi viúvo e casou-se com ela*”, mas, de acordo com as narrativas a seguir, a madrastra-avó da entrevistada maltratava a menina quando criança, abandonada por seus pais. Uma situação que impactou na formação da própria identidade pessoal da mesma. Disse:

[...] o meu... O meu avô eu sei que meu avô era um homem direito um homem bom. Criou os seus dois, três filho, que ele ficou viúvo. Criou com muito sacrifício, muita dificuldade, ele era negociante, e era difícil pra ele criá esses três filho sozinho. Então, foi quando ele arranhou, isso que ele me falava.

Arranhou essa mulher, essa, essa mulher pra criá os filho dele e ajudá ele a criá os filho né, que ele era viajante, negociava e não podia deixa os filho sozinho. Sei que ele foi um bom pai, sei que era uma pessoa muito boa, o meu avô. É. Até hoje eu tenho muita consideração a ele, mesmo que ele seja morto, mais tenho muito respeito por ele, que é uma pessoa muito boa.

Não. Não tenho muito que dizê não, porque realmente a minha tia, essa eu era muito pequena, mas ela tinha os filho dela. O meu irmão que foi esse que ficou comigo, que o meu pai se separou, separou e, e separou os filho, ele ficou com um filho, minha mãe ficou com três, foi esse irmão que eu conheci. Ele morreu acho que tinha 18 anos, eu nem vi e nem sabia, depois que ele tinha morrido. E a minha tia casada, vivia longe de mim, eu não sei. Sei que era uma pessoa boa, pessoa direita a minha tia. Mas, eu não tenho muita coisa de falá de família não de origem da minha família, eu não tenho muita coisa pra fala não. Só mais do meu avô.

[...] eu nasci no dia 20 de 50. Dia 20 de junho. Eu tô com 66 anos. Ai, realmente eu não conheci pai nem mãe, mas meu avô que me criou até 6 anos, ele dizia que a minha mãe era J. M. da C. e o meu pai J. C. de L. Não conheci, mas meu avô dizia pa mim. Não, eu morei com meu avô até 6 anos de idade e ele morreu e eu fiquei com um tio, depois eu não, não, não fiquei com ele, saí e fiquei morando na casa das pessoa, num era na casa da minha família não, era na casa das pessoa.

Não, quando meu avô morreu eu fiquei na casa do meu tio que era filho dele e a mulher, que era mulher dele. Do meu tio. Não, ela, ela era a mãe do meu tio, fiquei na casa deles. Ai quando eu tava com 8 anos mais ou meno aí eu saí de casa porque não aguentava porque eu trabalhava demais e era judiada também.

Ah! No início eu fui pra casa de uma senhora lá, uma muler, um casal. Era vizinho. Depois que eu saí, que eu tava na casa desse casal, ai veio uma prima minha dizendo que, me, me iludin..., dizendo que era pra eu ficar, morá com a, com ela e a minha tia né. Só que eu fui e na hora que eu cheguei lá o marido dela não quis, por que ele tinha um bocado de filho, e ele não tinha condição. E foi aí que eu fiquei nas casa das pessoa, dos outro. Sem ser família. Sem sê família. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A construção do perfil pessoal a partir da genealogia familiar da mãe-entrevista [n.02], representou um momento de dificuldade carregada de emoções e tensões visíveis, a ausência de referência familiar, paterna e materna se manifestaram de forma dolorosa, mas também com memórias fortes, vividas, alegres e nítidas com relação a pouca vivência que teve com o seu avô. A percepção de si enquanto membro de um grupo ausente ficou prejudicada, provocou conflitos ao tentar se situar como pessoa portadora de identidade social localizada na cultura primária da família.

Pensar em si e em sua família biológica, pai, mãe e irmãos até hoje desconhecidos, significou trazer um passado distante para o presente, uma situação de difícil contato, por se tratar de uma pessoa adulta que passou pela infância em condição de abandono e vulnerabilidade pessoal. As memórias do seu mundo particular com o avô, apesar de serem positivas não superaram a ausência materna e paterna negligenciada por seus pais. A identidade social não foi formada com segurança dos valores e a cultura do grupo de origem, o mundo imaginado por ela, de como poderia ser ou seria sua família, a vida boa se tivesse convivido com o seu verdadeiro grupo de nascimento, a sua autoimagem também seria diferente. Esse foi um dos momentos emocionados da questão, a dor da mãe por não saber quem ela é, nem de onde partiu seu destino.

O seu mundo social é quase inexistente de vínculo, referência e relações familiares, para além da convivência com seus filhos. A ausência dos pais biológicos produziu nela uma vida de insegurança, medos e subordinação visceral. Tudo isso, afetou o todo de sua vida, talvez o mundo imaginário carregado de emoções e sonhos que ainda não viveu, tenha tanto sentido, ainda nele uma carga de esperança de encontrar suas verdadeiras raízes familiares. Hall (2000b, p.106), ressalta que esse imaginário remete a “[...] uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo” inacabado. Pollak (1992, p. 204), também afirma que no processo de

[...] construção da identidade – [...] há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados.

O vazio da origem familiar da mãe, afetou a construção do eu pessoal e de sua identidade social para o mundo exterior. Sociologicamente, Goffman (1985, p.29), discute essa situação dizendo que o “[...] indivíduo, que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes, alguma influência”, ele mesmo constrói seu mundo interior e exterioriza o eu seu consequentemente.

Além do conflito com a identidade pessoal, a situação para a mãe foi maximizada em função da desordem familiar envolvendo seus filhos em face das violências doméstica e o incesto dentro do grupo. Infelizmente, a “[...] harmonia e a cooperação familiar”, não produziu [...] regulação do incesto como um artifício que normatiza as condutas sexuais e sociais”. (COHEN, 1993, p. 129). A ausência de referência primária para a mãe, ampliou os riscos para sua descendência, já que não teve base para orientação de seus filhos.

A identidade social de uma pessoa é formada a partir da reelaboração dos valores transmitidos no [núcleo] familiar primário, as aprendizagens, trocas, interações e o todo complexo parte da estrutura compartilhada entre si, desde o berço enquanto lugar de balbucios de um membro jovem ou recém-nascido no grupo. Sem isso, a cultura e as possibilidades de socialização são forçadas, negligenciadas ou pouco absorvidas durante a infância de uma pessoa. A separação dos pais e o abandono dos filhos pequenos se transforma numa tragédia anunciada para a criança, afetando-a para o resto de sua vida. Um ser que se torna adulto sem referências de base, a identidade do eu, se transforma num problema grave, numa espécie de morte da alma sem luto. A pessoa vive um drama que nunca se dissolve, jamais é superado por qualquer outro evento. É evidente que “[...] as crianças criadas num lar feliz terão mais probabilidade de crescerem felizes e psicologicamente saudáveis”. (GOODE, 1970, P. 166). Pollak, também ajuda refletir a questão, diz que

[...] a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo como, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p. 204).

No caso da mãe entrevistada [n.02], o grupo familiar [referência] de suas origens, esteve tão-somente no seu plano imaginário. A curta convivência com seu avô, reduziu o processo de socialização da cultura familiar, os valores e a transmissão de saberes formativos úteis para a vida



de um membro. A ausência de aprendizagens dos códigos culturais, simbólicos e práticos desenvolvidos nas trocas e na convivência cotidiana com o grupo. O processo de socialização ficou falho ou interrompido. Isso gerou um problema maior para a mãe, a construção de sua identidade social ficou prejudicada até os dias atuais. Para se situar socialmente no mundo, demonstra insegurança e dificuldade de se [auto] definir ou dizer quem ela é.

O campo e a dinâmica das entrevistas proporcionou uma extraordinária experiência para a pesquisadora, observou e participou de momentos raros na convivência familiar, as surpresas surgidas no cotidiano, os eventos extras ao planejamento do estudo. Situações diversas que encheu os olhos observadores da pesquisadora. As descobertas, os diálogos emocionados na escuta, as histórias vividas e sentidas à flor da pele em cada momento alto e baixo da entrevista, os risos e choros ao mesmo tempo, sendo observados, acompanhados o desenrolar de cada situação de perto e durante variadas sessões, etapas do trabalho.

O primeiro encontro com as entrevistadas, especialmente com a mãe do grupo familiar, entrevistada [n.02], por ser ainda uma pessoa desconhecida para a pesquisadora, vice-versa, foi um momento marcante, de dedicação plena, de cuidado e delicadeza, onde o sentimento de acolhimento, gratidão, honra e respeito mútuo esteve presente durante todo trajeto investigativo. Em diferentes ocasiões, do começo ao fim de cada processo, o ritual de agradecimento e celebração era entregue. Não somente em função da dinâmica do trabalho, mas também pela significância de estar diante de uma pessoa de aparência tão simples, frágil, mas extraordinariamente forte, impactante pelas suas experiências vividas, relativamente superadas, pela capacidade de resgate de suas memórias, que inevitavelmente foram mexidas, remexidas, em profundidade dentro do seu íntimo.

Cada participante [mãe e filha], representou isso, um encontro de empatias, surpresas e afeições. Tomaram para si a palavra como instrumento de comunicação verbalizada, de contação de histórias, expressão de sentimentos de dor e alegria sendo colocados em evidências ao mesmo tempo.

As mensagens foram ditas em voz alta, ouvidas de forma qualificada, posteriormente traduzidas atentamente. Desde que cada informante interlocutora de si, pudesse assumir o protagonismo da própria vida contada em palavras, similar a num ritual xamânico em torno do fogo. Ouvir a própria voz e escutar o eco dos sons. Um rito de passagem que precisou prender a

respiração por algum tempo e por várias vezes, tudo para não interromper a narração de cada evento. Finalmente, a pesquisadora estava diante de seres especiais no sentido amplo da palavra.

A mãe e filha, imagens de mulheres com espírito e presença forte, a aparência singela, calma, paciente e em condição passiva, demonstrava a natureza de humanidade e equilíbrio pessoal, apesar de todo sofrimento e experiências atravessadas nas encruzilhadas da vida. Cada uma permitiu com tranquilidade e colaboração a total interlocução no campo e durante todas as fases das entrevistas. O elo de confiança estabelecido garantiu isso, a segurança na proximidade e convivência saudável.

Assim, se estabeleceu um vínculo afetivo, respeitoso, a empatia mútua, tudo isso ajudou nos encaminhamentos formais e informais de forma positiva e segura dentro do campo. Diga-se de passagem, o estabelecido permitiu o desenvolvimento de um tenso, denso e profundo trabalho com sucesso, conforto e bem-estar para as envolvidas diretamente na produção dos dados.

Na convivência com as participantes, os demais membros da família e a comunidade do em torno do município de Igarassu, garantiu o acesso e trânsito dentro das estruturas do campo. O acolhimento da família, a recepção amistosa dos agentes públicos, da comunidade local, dedicada à pesquisadora, garantiu sua integração no ambiente, como se a mesma fizesse parte dele causar bruscos estranhamentos. Foram experiências incríveis.

Contudo, as questões levantadas no roteiro de pesquisa, foram todas respondidas, detalhadas, particularizadas minuciosamente, desde a primeira fase das narrativas, posteriormente transcritas, organizadas e analisadas neste tópico. Sobre a identidade social da mãe biológica, o que ainda precisava saber de uma pessoa que aos 9 meses de idade foi abandonada pelos seus pais biológicos na separação da família? Pouca coisa ela podia dizer sobre suas referências familiares, com esforço de falar de si. Uma mulher idosa com 66 anos, ainda está aguardando a oportunidade e o dia de encontrar sua verdadeira família de origem. Com o advento da entrevista, pela primeira vez, se permitiu parar o mundo em sua volta e refletir sobre si mesma. De fato, esse era um dos objetivos da pesquisa, entrar no mundo interior das entrevistadas e mexer nas suas raízes.

A revelação da identidade social da mãe, se mostrou como um nó fixado na linha do tempo de sua história familiar. Sendo possível observar como isso se manifesta no seu mundo particular, na percepção de sua própria cultura étnica. As características de sua aparência física, a mentalidade feminina de subordinação operante que lhes situa no ambiente-contexto como tal, revela a adaptação de outras culturas e influências familiares diferentes das de suas origens. É uma senhora

com características físicas marcantes com traços étnico-raciais miscigenados. O cruzamento de raças (africano e indígena) está marcado em seu fenótipo. Embora, sua cor de pele seja parda, quase negra de cabelos crespos, a linhagem indígena é predominante no seu temperamento pessoal. Na convivência foi possível observar que o seu modo de ser, pensar, falar e agir é característico dos povos de natureza indígena.

Possui estatura mediana, cabelos crespos-afrodescendente, voz mansa e tom baixo, às vezes inseguras, demonstra dificuldade de comunicação clara. Por outro lado, demonstra capacidade de acolhimento, mentalidade de servidão, que se colocou sempre à disposição para servir conhecidos e estranhos.

Tanto a mãe quanto a filha, demonstraram ser pessoas afetivas, amorosas e dedicadas a família, aos filhos, filhas e netos[a]. Atenciosas com a comunidade, a vizinhança com quem mantém convivência e relações próximas, trocas, cooperação e solidariedade. Nesse contexto sociofamiliar e cultural observado, a mãe biológica do grupo em estudo, diz, sentir-se orgulhosa por ter construído uma família extensa. Declara que *“[...] tem 5 homem vivo. Tem 4 homem vivo agora porque 2 já morreu, que um nasceu, morreu com 5 mês e o outro morreu com 27 anos, lá em São Paulo. Mataram ele em São Paulo. Agora os que eu tenho de homem só tem 4 e 10 mulher”*.

O sentimento de orgulho da mãe, lembra a declaração do antropólogo Roberto Da Matta (1987, p.125), quando ele diz que: *“[...] quem não tem família já desperta pena antes de começar o entredo dramático; e quem renega a sua família tem, de saída, a nossa mais franca antipatia”*. Com isso, parece que a mãe biológica do grupo familiar, não se importa com a quantidade de filhos gestados por ela, nem com as condições em que cada um sobreviveu em face das violências e intempéries do mundo, o mais importante pelo visto foi o sucesso da procriação em si.

Mas, também há flutuações em suas declarações, algo anunciado inconscientemente que tem a ver com as ausências de suas referências familiares de origem, observa-se que a entrevistada [n.02], ao se perceber sozinha no mundo, sem vínculo parental e sem estrutura social primária, quis compensar na reprodução de filhos. Assim, tentando resolver o problema de sua descendência, de não estar no mundo sem referências alguma. Construiu sua própria família para suprir suas carências da infância e adolescência. As violências e agressões sofridas dentro de sua moradia compartilhada com os filhos pequenos e adolescentes, era algo superável em sua mentalidade dominada. Se submetia a sofrer todo tipo de abuso e crueldade com os filhos na convivência com

o agressor pai em comum. Até conseguir criá-los precariamente e encaminhá-los para o mundo desconhecido. Talvez, resistisse e sobrevivesse ao dia seguinte. Era sua aposta inconsciente talvez.

Foi um modo de reverter um quadro negativo pela falta de referência primária sofrida por ela, em positivo, com a procriação exagerada. Assim, superar a ausência de sua família biológica, de seus pais negligentes, embora, reproduzisse o mesmo quadro, mas ainda assim se tornara mãe de uma grande família desorientada igualmente, vulnerável e em desordem social. Contudo, pelo visto, foram os seus filhos quem trouxeram sentido para a sua vida.

É perceptível que a mãe biológica da extensa família revela pendências pessoais, sentimento alterado em face de seu passado familiar com feridas abertas, mas também indica questões de ordem social, cultural, moral, impregnada em sua mentalidade construída a base de violências, da dominação e autoridade masculina que esteve controlando os aspectos de sua vida. Procriar filhos e gestar fetos em séries, não estava exatamente em ordem de decisão, vontade ou desejo de escolha feminina, mas sim como uma das consequências da multiplicidade de atos de violências físicas e sexuais sofridas na convivência com seu agressor. A entrevistada [n.02], não se transformou em uma mulher-mãe por sua própria vontade, foi sim rendida, abusada, estuprada por um homem violento, libertino, devasso, que transformou sua vida numa fábrica de fazer filhos.

Freyre (1963, 2003), ao problematizar a cultura patriarcal, as características e a natureza da família, padroniza também a mentalidade do grupo e dos membros dominados e dominantes. A família extensa e a presença de atividades de violências sexuais e domésticas, está presente com regularidade de norte a sul do país. Se define na grande parentela, é aculturada no sistema hierárquico e na autoridade paterna prevalecente. A monogamia das mulheres e a poligamia dos homens são padrões tolerados, o casamento oficial indissolúvel também faz parte da teia do poder centrado no senhor travestido de múltiplos papéis sociais: marido, pai, chefe, patrão, dono do mundo e do território. Esse foi e continua sendo o modelo vigorante de outrora, mantido até os dias atuais no Brasil e em outras sociedades humanas. Pouco importa a classe social de pertença, a raça e etnicidade, a cultura de distinção social, se o patriarca é rico ou pobre, importante é que o modelo dominante da família seja esse. Que o patriarcal detenha o poder máximo sobre a prole subordinada e os fracos inferiores obedeçam a suas ordens, atenda sua vontade e desejo sem questionamento algum.

Em consequência disso, a família patriarcal nos moldes brasileiros se transformou num sistema de funcionamento poderoso, de dominação masculina espalhada em todos os cantos do

país. E na região nordeste, essa condição tomou proporções inexplicáveis, talvez por existir maior concentração de homens de natureza violenta, como é o caso dos senhores de engenhos, reprodutores exímios da cultura patriarcal, tradicional, arcaico, onde o domínio dos coronéis, também descendentes da mesma cultura, ainda em muitas regiões do interior do estado de Pernambuco e em outras comarcas, se mantêm quase intactos na forma pouco disfarçada. Homens com mentalidades pioradas a de seus ancestrais, mantêm mulheres e a prole em cárceres privados praticando atividades do horror. Um tipo de homem e de família que continua existindo em tempos modernos e atuais, como é o caso do agressor das entrevistadas [mãe e filha] participantes da pesquisa.

Não há outro grupo primário, base de referencia na socialização de uma criança, a família é essa “[...] unidade doméstica, possui uma série de implicações sobre a interação familiar” positivas ou negativas que influencia os indivíduos nas relações. (GOODE, 1970, p.78). Então é sobre isso que vou discutir na subcategoria abaixo, as referencias, representações e significados que a família produz na vida social de cada membro.

#### b) Referência e significado familiar

Em comum acordo com a reflexão do sociólogo Elkin, (1968, p. 39), quando diz que dentro da família,

[...] não são todas as pessoas que tem igual influência sobre a criança. Algumas em virtude de suas posições especiais, ou pela sua aparição em certas fases na vida da criança, tornam-se objeto de enredamento emocional e especialmente significativos no seu desenvolvimento.

A referência familiar representa modelo, cultura, mentalidade, estilo e modo de existir. A família composta de membros de gerações iguais e diferentes da qual as entrevistadas estão fazendo menção em suas narrativas, é uma representação disso, se referem a uma unidade extensa, centrada na figura do patriarca [marido e pai], contendo nelas mulheres [mãe e filhas] férteis subordinadas ao homem-macho, além de vários filhos, filhas e agregados considerados fracos. Resumidamente, é isso, “[...] um sistema no qual, o ideal social é que as várias gerações vivam sob o mesmo teto”. (GOODE, 1970, p.79).

É dentro desse modelo que a filha entrevistada [n.01] se percebe parte do grande grupo, onde compartilhou sua infância e adolescência com seus pais biológicos e irmãos de gerações diferentes durante as primeiras fases de sua vida. Aqueles com quem conviveu acumulando experiências positivas e negativas no cotidiano privado. A família para ela representa um sentimento de laços afetivos fortes, unidade de pertença e relativa segurança. Ao mesmo tempo, representa contraste, conflitos, oposição e riscos em vista da quantidade de atividades violentas disseminadas pelo patriarca-pai e outros grupos familiares reproduzidos por ele, de onde surge dezenas de irmãos nascidos de relacionamento sexual com outras mulheres, irmãos desconhecidos filhos do mesmo pai. O problema familiar se multiplica não somente dentro do núcleo de seu grupo de referência, mas também para as demais unidades do clã. Isso afeta a todos os membros com vínculo e desvinculado das relações cotidianas. Já que a família é em última instância “[...] o primeiro e mais importante agente socializador, [...] a primeira unidade com a qual a criança tem contato contínuo e o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização; é um mundo com o qual ela nada tem para comparar”. (ELKIN, 1968, p.65). Infelizmente, pelo visto a formação familiar de base, para a maioria ou a totalidade dos filhos inicia com prejuízo. A presença de um pai protetor, amoroso e dedicado a prole é inexistente.

Dezenas de irmãos e irmãs desconhecidos fez parte da infância a vida adulta da entrevista [n.01], desconhece nomes, faces, origem de nascimento, lugar de moradia, mãe biológica e o histórico familiar de cada um. Não sabe se esse ou aquele apresentado como irmão, ou irmã é membro legítimo, ou parte parcial de sua família. São pessoas estranhas, distantes e sem vínculo fraterno, não sabe quem são nem de onde veio. Mas, de repente o patriarca aparece no território ou moradia de habitação apresentando o ente como tal, filho igual a qualquer um outro do grande grupo. São crianças pequenas, adolescentes imaturos, inexperientes, vivendo em igual situação com os demais. Por outro lado, ampliam-se os conflitos entre si, irmãos filhos de outras mulheres, não são aceitos dentro do grande grupo com a mesma segurança que a estabelecida entre aqueles nascidos no mesmo ambiente, os que são filhos da mesma mãe. O valor moral afetivo se reproduz de forma negativa, a representação do grupo primário continua fechado para os membros de origem comum. Essa é uma questão que a entrevistada demonstrou constrangimento, vergonha moral e dificuldade em expor o comportamento promíscuo do pai.

Goode (1970, p.78), diz a problemática familiar maior está na “[...] falta de socialização adequada: o pai que falta não pode ser um papel-modelo adequado para os filhos ou viver como

uma fonte adicional de autoridade reforçando a conformidade às regras sociais”. Verdadeiramente, ele se torna uma desonra na percepção dos filhos e da família. Campbell (1964), também traz para o centro da discussão, a noção de honra e desonra implicada na identidade pessoal do indivíduo. Torna-se uma condição essencial para o reconhecimento positivo ou negativo dos membros dentro do grupo e da comunidade. Nesse caso, a desonra é repelida e a honra é considerada “[...] como a posse. Consiste na tentativa de relacionar a existência a determinados padrões arquetípicos de comportamento”. (p. 271).

Em oposição a honra de um homem ou de uma mulher, aparece a desonra, que é um cair em desgraça no sentido mais abrangente do termo. Significa a perda da face perante a família, a comunidade, no mínimo a separação das normas básicas que regem a vida humana na coletividade. (CHAMPBELL, 1964).

Outro olhar da filha-entrevistada [n.01], está na direção do descontrole, desestrutura e desmonte trágico da base de sua família, vê o pai como um opressor de natureza perversa, sendo ele o responsável pelos danos causados ao grupo e aos membros. Ele representa uma engenharia sofisticada de violências inesgotáveis que dispersam e desorientam os filhos para todas as direções e sem rumo algum. A prioridade dele foi ou é, o de colecionador em potencial de mulheres em fase reprodutiva, portadoras de corpo e sexo exclusivo, desde que se mantenha sob o seu domínio absoluto em ambiente controlado por ele mesmo. Os filhos gerados em consequência de suas aventuras e perversões sexuais, sirvam para o trabalho bruto e braçal em suas propriedades. De sobra, as filhas, podem ainda lhes oferecer sexo incestuoso indiscriminado, a base da força bruta. Na tradução de Joan Riviere, na Sessão II do terceiro capítulo da história da clínica do “Pequeno Hans” (1909b), no Volume XXI (1927-1931), Freud (1930). O autor escreve: “[...] não consigo convencer-me da existência de um instinto agressivo especial, ao lado dos instintos familiares de autopreservação e sexo, e em pé de igualdade com eles”. (FREUD, 1974, p. 78).

O patriarca que as entrevistadas se refere é um homem agressivo reprodutor de filhos sem controle de seus instintos sexuais, ainda tendo por base as violências físicas e sexuais em estágio incontrolável. Possuidor de um comportamento que para as participantes e a família representa medo, riscos e vergonha que leva muitas vezes os membros negarem o vínculo de sangue. As discussões de Fromm (1979, p. 42), citando Lorenz e Freud, o autor diz que “[...] a agressividade humana é um instinto alimentado por uma fonte de fluxo ininterrupto de energia, e não necessariamente o resultado de uma reação a estímulos externos”. Concordo com o autor em parte,



já que estou falando de um homem transvestido de papéis sociais que se aproveita da autoridade de pai, do pátrio poder exerce sobre os filhos, de um ‘marido’ encorajado de macho forte, viril, indomável pela cultura, sem regras e insubordinado a leis. Que diante de tudo isso produz desordem em escala dentro e fora da família, aumenta os estigmas de ordem moral e social contra o próprio sangue, isso nada tem a ver com motivações ou estímulos externos. Talvez, melhor se encaixe no quadro das mentes doentias e seres patológicos, pedófilos, desequilibrados, maníacos sexuais, psicopatas.

Nenhum filho escolhe fazer parte de um grupo familiar dominado por um pai violento que agrida mãe, filhos e a comunidade inteira. Menos ainda se for um sujeito sem honra, dignidade, valores morais que transmita segurança para o grupo. Pois, é no ambiente doméstico que a privacidade e intimidade da prole se resguarda, transformar o ambiente de guarda em lugar de risco é um grave erro. Ou, transformar a família em um sub clã com caráter de harém é mais desonroso que a própria morte do grupo. A falta de honra social de uma família produz anomia, repulsa, exclusão, isolamento social, vergonha moral para os membros afetados com a desordem do patriarca. Ao contrário da mãe e dos filhos membros da família em estudo, o agressor não se intimida, não recua com suas atividades, não sofre constrangimento algum perante a comunidade. Suas repetições revelam isso, as violências cada vez mais graves e sofisticadas em termo de planejamento indica que a coerção social não afeta sua estrutura mental.

Sua compulsão e finalidade é a de receber bônus lucrativos e ininterruptos momentos de prazer sexual exclusivo com suas fêmeas, sem demandas de compromissos algum. Descarta por inteiro, a possibilidade de vínculos ou estabelecimento de responsabilidades com as mulheres e seus descendentes oriundos de suas atividades prazerosas, o material genético deixado dentro e fora do útero são descartados de seu esquema mental. A desordem social familiar é para o grupo, para o agressor representa ordem e sucesso de suas atividades. Isso se manifesta nas situações de riscos de morrer ou sobrevivência dos membros, também aparece nas agressões continuadas no cotidiano da moradia. Fromm (1979), diz que um pai agressor “[...] é, antes de mais nada, [...] uma exercitação elaborada internamente que procura liberação e que encontrará expressão independentemente de quão adequado o estímulo externo se apresente: é a espontaneidade do instinto que o torna tão perigoso”. (FROMM, 1979, p. 43).

Como afirma Hobbes (1983, p. 74), se “[...] dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo, que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos. No caminho para seu

fim [que é principalmente sua própria conservação e às vezes apenas seu deleite] esforçam-se por se destruir ou subjugar um ao outro”. Então, os filhos, a mãe e a [família] sub clã do patriarca agressor, é resultante simplesmente dessas centenas de práticas abusivas, violentas, cometidas por homens, que representa profundas consequências e danos para as vítimas, famílias e a coletividade do país. Depois do sexo, do gozo e do prazer, os filhos, filhas e as mulheres inférteis, são colocadas no mesmo chão, depois de exploradas, são descartadas como refugos indesejáveis do seu poderoso dono. O mundo e a sociedade precisa dar conta dessa realidade nefasta, evitar o desaparecimento das vidas saudáveis e livres de violências. Manter homens violentos e impunes dentro dos lares significa ampliar e agravar os problemas históricos acumulados que a sociedade coleciona, o caos produzido por esses seres de natureza selvagem, é reproduzido por milhares de outros com instintos iguais. A bandeira de luta é o combate na raiz, via educação familiar e na cultura.

Mesmo diante da tamanha complexidade do problema, a filha-entrevistada [n.01], demonstra em suas narrativas a percepção de sua base familiar e o significado que tem para si, indica que o valor do grupo é descolado da representação paterna. O pai-agressor não é visto como símbolo positivo, ele corrompe e mancha a família, por isso, fica de fora. Assim narra:

Olha, que eu conheça, que eu saiba né. Assim, é que a minha história de vida é muita longa né. Que eu saiba dentre irmãos parte de pai e parte de mãe são muitos, aliás, parte de pai são muitos. Parte de mãe, minha mãe teve 19 filhos e 15 vivos. Mas, atualmente são 14 irmãos vivos. 10 (dez) mulheres e 4 (quatro) homens.

E referente a irmãos, quantidade de irmãos são muitos, porque meu pai biológico né, ele teve muitas mulheres e muitos filhos. Então, assim, por alto ele bate no peito e diz que ele tem 70 filhos.

Pra ele é engraçado isso. São as contas que ele expõe, a quantidade que ele expõe pros amigos e pra sociedade. Que tem muitos filhos espalhados no mundo. Nos municípios, cidades próximas. Então, a quantidade de irmãos geral não sei. Só sei referente da minha mãe, mas no geral, o total, não sei porque acho que nem ele mesmo sabe lhe informar.

Assim, como eu falei que são 14 irmãos vivos hoje, minha referência sempre foi minha irmã, uma das mais velhas né, que está em outro estado. Conseguiu se formar, no caso eu tomo ela como exemplo. Porque assim, eu não sei se é felizmente ou infelizmente, ela conseguiu agarrar, se agarrar com as chances, com as oportunidades que ela teve. Então hoje ela é formada, e tem uma vida profissional estabilizada, sempre que há necessidade, eu tenho necessidade ou a família tem necessidade de um apoio, não só referente a financeiro, mas de informação, de conselho, a gente sempre a toma como exemplo e socorre sempre. E pede socorro sempre a ela, porque assim, como nós não temos estrutura familiar entre pai e mãe, os irmãos são todos, a maioria irmãos distantes, em estados diferentes, então ela é essa minha irmã que hoje é formada, tem uma história acadêmica enorme, linda que acho que se a maioria tomar ela como exemplo, é ela que dá suporte à família, a cabeça da família é ela, em todos os sentidos.

Assim né, a minha mãe sempre foi exemplo pra mim. Porque assim, a educação que eu tive, foi ela quem me deu né. Como eu falei anteriormente, na minha necessidade com a separação, ela quem me abraçou e me socorreu naquele momento. Então assim, é exemplo total, em todos os sentidos, é a minha mãe. Sempre foi pai e mãe em todos os sentidos na

minha infância. O colo da mãe pelo menos no meu ponto de vista é a base, é tudo né. Porque uma criança, passar pelo que muitos passam, quando a mãe dá apoio, abraça, passar pelo que nós passamos, se ela fosse tão agressiva quanto ele é, acho que nós não teríamos sobrevivido né. Então, graças a Deus, tenho uma mãe. Porque a minha mãe ainda é viva e espero viver por muitos anos ainda, que eu tenho referência sempre foi ela. Referente a carinho e afeto, não referente a financeiro, nem é né, referente a financeiro o diálogo. Há algo que eu precisasse saber, se ela soubesse mais do que eu. Ela nunca me passou isso referente a educação né, para desenvolvimento, ela não tinha, não tem ainda até hoje. Então assim, a minha mãe sempre foi exemplo pra mim em todos os sentidos. Não é pelo quantitativo de filhos, porque a pessoa ter 19 filhos não é referência pra ninguém, mas foi a forma que ela achou de construir a família dela. Então, é um direito que é dela e eu respeito e a tenho como referência até hoje. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Para a mãe-entrevista [n.02], o significado e a representação familiar aparece tecida de memórias distantes, turvas e apagadas, as únicas lembranças positivas que ela mantém são as vividas com o seu avô paterno. Então, se vale do mundo familiar construído, a partir da convivência com os seus filhos, assim declara:

Antes de eu tê filho? Na minha infância o que eu tinha mais importante pra mim era meu avô. Foi que me criou pai do meu pai. Era pessoa que pra mim de mais importante. Porque ele era muito bom pra mim e só me ensinava coisa boa. Que pena que ele morreu, eu era muito pequena ainda, tinha 6 anos quando ele morreu. Mas pra mim, ele era muito importante pra mim. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Em concomitância com a imagem positiva do avô, a mãe-entrevistada [n.02], narra experiências pessoais para representar seus sentimentos guardados com a família, isso aparece após o nascimento de seus primeiros filhos. É quando destaca a importância e o significado que a sua família representa para si. A razão que deu sentido para a sua vida, declara:

Família, família pra mim é uma coisa muito importante. Eu pedi muito a Deus ter uma família, que eu era sozinha no mundo e Deus me deu uma família pra mim. Abaixo de Deus é os meus filho. Família é muito importante pra mim. É tudo pra mim minha família. Eu acho que, quem representa uma família é o pai e a mãe. É o mais importante na família é o pai e a mãe, porque sabe todos os amigos dos seus filho né?. Eu acho assim. (IBID).

O simbólico, a cultura e o modelo de família internalizada pelas entrevistadas, é predominantemente a nuclear-patriarcal, formada por uma quantidade de membros, nascidos dos mesmos pais, reconhecidos entre si em função dos laços de consanguinidade e vínculos afetivos como parte da cultura parental. É a família quem socializa os indivíduos, ensina os valores culturais e produz entre outras coisas, relações de sociabilidade afetiva, responsável pela formação do

caráter, da conduta e identidade de uma pessoa. Em cada fase da vida recebe informações precisas que tende ficar gravada na estrutura cognitiva e emocional que se mantém vivas para o resto da vida.

As contribuições dos autores no Tratado de Sociologia, Piaget (1964), escreve sobre o desenvolvimento de uma pessoa imersa no grupo familiar do ponto de vista da educação, acompanhando obviamente o pensamento sociológico, com referência ao processo de socialização dos indivíduos. Afirma que: “[...] o indivíduo não nasce social, mas torna-se progressivamente social”, a partir das relações estabelecidas “entre crianças e adultos”. Normalmente, esse processo se compõe de relações de convivência próximas, de referências intelectuais, afetivas, as que envolve estágios do desenvolvimento do eu, apreensão dos elementos e do meio social, a estratificação dos valores morais ligados ao dever, ao respeito, limites multilaterais, por fim, a noção da realidade objetiva. (PIAGET, 1964, p.319: 334-348).

Esse esquema socializador valorativo esteve presente nas narrativas das entrevistadas durante todo percurso das entrevistas, para a mãe os valores familiares recebidos devem ser transmitidos para as gerações de filhos. A base fundante está na responsabilidade dos pais:

Não, família é o pai e a mãe, um conjunto. A família é a compreta né, pai, mãe, fio, tio, avô. Tudo isso é parte de uma família. Filhos, neto, bisneto. A minha família que, atual eu não conheci muito né, acabei de falá, eu conheci o meu avô. Não conheci meu pai nem minha mãe. Conheci meu avô, pai do meu pai e um irmão. Só, a minha família que eu conheci só foi isso aí. Não conheci mais. Uma tia conheci, um irmão e meu avô só, da minha família.

Minha família atual, agora, é uma família muito grande e que eu tenho muito carinho por eles, porque eu já tenho filho, tenho neto, já tenho bisneto. Então, agora eu tenho uma família grande, que amo todos eles. Que eu era sozinha, hoje em dia já não sô mais. Tenho meus filho, meus neto, meus bisneto, que ficam ao redor de mim, faz parte da minha família e da minha vida.

É como eu já falei né. A minha família representa muita coisa pra mim. Meus filho pra mim tem grande valor. Pessoa educada, estudaram, trabalha, tem sua vida, tem seus filho. Pra mim a importância da minha família são essas. As pessoa honesta, direita. Pra mim é isso.

É, eu recebi da minha família os valores que eu recebi foi que era, era preciso de eu respeitá os mais velho, não mexê no que era dos outros e trabalha. Sê pessoa trabalhadeira, sê uma pessoa honesta. Isso eu recebi do meu avô e do meu tio e dessa mulher que me criou. Foi isso que eu aprendi, que me ensinaram.

Quando era pequena né? Na, na, quando eu era pequena eu era, como eu falei. Quando eu vivia com meu avô eu era feliz porque eu vivia junto dos meus primo, brincava junto, junto com meus primo e meu avô, é assim como eu falei, vivia junto dos meus primo, brincava com meus primo. Meu avô me ensinou trabalha muito nova pra mim aprendê a trabalha, que ele era velho, cansado já. Disse que ia morrê e precisava de me ensiná eu trabalha né?. Então, eu comecei a trabalhá com 6 ano de idade.

Seis anos. E isso pra mim foi muito bom. Que ele me ensinou, todo esses valores que a gente tem foi ele, aprendi com ele. Me ensinou a trabalhá, me ensinou a respeitá as pessoa

mais velha, me ensinou que nunca mexesse em nada de ninguém, e foi esses valores que eu tenho desde a minha família quando era pequena, vivia junto era isso que, que eu vivia bem, enquanto ele tava vivo, eu tava junto da minha família. Aí depois que ele morreu foi que, a família separou-se, fui morá em outro lugar. Meus tios também ficaram na P. depois foram morá em outro lugar em Pedra Fina, aí se separemo. A convivência com família eu tive muito pouco. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A entrevistada [n.02], os valores familiares transmitidos pelo seu avô, foram também transmitidos para os seus filhos desde o berço. A honestidade que uma pessoa deve ter, assim como a educação respeitosa consigo mesmo, com as outras pessoas e principalmente, as anciãs do grupo e da comunidade, para ela as pessoas mais velhas guardam sabedoria, merecem ajuda dos mais jovens e valor irrestrito. O trabalho também representa honra e dignidade, ter boa conduta e honrar os valores do grupo familiar. A mãe foi a única referência positiva na orientação dos filhos, durante a infância e adolescência, mesmo sem se dar conta de que, ela e seus filhos estavam sendo brutalmente explorados no trabalho adulto e infantil, ainda assim, para ela, iniciar os filhos pequenos no trabalhar aos seis anos de idade, não deveria ser brutalmente explorado como era pelo pai, mas era melhor para se tornar um homem ou uma mulher trabalhadeira, honrada, digna, que representava a cultura familiar.

Esses princípios produtivos infantis deveriam fazer parte da formação do caráter e do comportamento social dos membros perante o grupo e a comunidade. Os ensinamentos dos valores maternos tem representação e significado de honra pessoal e familiar que deviam ser preservados pelos filhos. Pois, ela também havia sido iniciada pelo seu avô quando tinha a mesma idade dos filhos. Com isso a honra se “[...] fundamenta na bondade própria e constrói-se mediante ações da própria ou daqueles que geraram numa posição. A honra tem a sua expressão social naquilo que se chama fama”. (PERISTIANY, 1965, p. 66). Apesar da exploração do pai e de sua desonra perante o grupo e a comunidade, sua má fama ou infâmia, mancha a família não por conta da escravidão da prole, mas pelos laços de sangue, pela conduta desaprovada coletivamente. De um lado, o esforço da mãe e dos filhos em preservar o sentimento de honra pessoal e do grupo, por outro, a fama da vida impoluta do pai contrasta com a morte social que atinge a todos os membros.

Nesse caso, a “[...] honra e a desonra gravita sobre a consciência do indivíduo; fama e infâmia sobre a da sociedade. E, no indivíduo e, na sociedade, actuam as ideias de vida e morte civil e moral assim como as de bem e mal”. (p. 66).

Sobre a importância do papel social de pai e de mãe, a entrevistada [n.02] assim respondeu:

Ah! sê pai. Eu não tenho nem muito o que dizê, porque realmente eu não conheci pai, nunca tive carinho de pai, num sei o que é que vem sê pai, mais eu acho que pai é uma coisa muito importante numa família. Porque o pai é a segurança, ele é a segurança dos filho. Os filhos têm segurança nos pais né. Eu acho que é o pai. O pai, a mãe, ou é alguma pessoa responsável, mas eu acho que é o pai e a mãe que são responsável pela família né. Eu não conheci o meu pai. Eu vi meu pai uma vez só. Eu tinha 5 ano. Então, eu não posso dizê que, o carinho do pai, cumé que é, que não vivi, não convivi com ele. Então é isso, que eu sei do meu pai é isso. Não, eu ouvia falá muito pouco do meu pai, porque quem falava do meu pai às vezes era o meu avô. O pai dele. Mas eu não tinha, não tinha muita informação dele não.

(Silêncio). Eu num lembro que ele falava alguma coisa não, ele me dizia assim: mas, ele deixou eu com meu avô e depois disse que vinha me buscá. Ai meu avô falava assim: Mais, que fim levou o filho dele que era José né, que não procurou mais esses filho, o que aconteceu? Era isso que escutei ele falando, mais, outras coisa ele não falava não, eu também não sabia né. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Em outras palavras, “[...] Hum! Eu acho que dos meus filho, para o pai não tem muito de falá, que era um pai dos melhores não. Que ele não, não dava muito valor aos filho, não dava atenção, muita atenção os filho. Então isso aí, eu não sei se era o melhor dos pai não”. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Mas, o que determina um homem que se tornar pai de boa ou má conduta? Uma mulher de natureza boa ou ruim para exercer o papel da maternidade? Na grande estrutura das representações sociais, o papel e a função de pai, mãe, filho, irmão e cada membro da família, inclusive o seu lugar ocupado na hierarquia social, espera-se de cada um, a correspondência dos anseios que o grupo e a sociedade confia. As responsabilidades dos pais aumentam perante os filhos, do grupo com relação à sociedade, por ser deles exigidos a função social daquilo que é conferido a paternidade, a maternidade e correspondência da filiação, isso inclui o sentimento de proteção e o cuidado dos filhos incondicionalmente. É “[...] quando tal observação se torna base para imitação, interação e especialmente (auto) referência, assume ainda maior significado”. (ELKIN, 1968, p.48).

As atividades simbólicas e práticas estão sob a égide das regras culturais construídas coletivamente, observadas individualmente e pela comunidade ao mesmo tempo, não há tolerância a erros repetidos centenas de vezes. Se houver erros de conduta, desobediência as regras, quebra do contrato social, o indivíduo deverá ser punido. Embora, o agressor das entrevistadas e do grupo familiar em questão, nada mais é do que um lobo selvagem travestido de falso pai. Parece que ainda foi moldado pelas regras culturais aceitas socialmente pela comunidade local, que supostamente é quem regula os desvios, observa os padrões como forma de garantir a segurança individual e coletiva dos grupos. A família e a comunidade abrigam em seu interior um homem que se mantém

num estado de natureza bruta, que desfaz das regras sociais independentemente do ambiente habitado. Frateschi (2008, p. 297), em suas reflexões hobbesianas afirma:

[...] o homem não nasce apto para a sociedade, mas assim pode se tornar pela disciplina. A aptidão para a vida social é, portanto, uma característica adquirida e não natural. Consequentemente, a sociedade é produto (artificial) da vontade humana, fruto de uma escolha e não obra da natureza.

Portanto,

[...] o desejo primário ou o impulso natural dos homens não visa à vida social, mas à obtenção de benefícios individuais que, em princípio, dependendo das circunstâncias e dos agentes envolvidos, podem ser obtidos por meio da [...] dominação ou até mesmo da guerra. (FRATESCHI, 2008, p. 298).

Então, ser pai, ser mãe por que procriou filhos não garante o exercício de seu papel paterno ou materno. Viver em família, proteger a prole, os filhos e a “esposa” é um atributo muito maior, é uma herança cultural dada a base do cumprimento de regras. Com êxito, devem ser observadas em operação, traduzidas e transmitidas para os membros como valores úteis si e a sociedade. Contudo, os feixes culturais da paternidade estiveram fora dos interesses do pai. Suas práticas transmitidas foram de pura violência contra a prole e a própria sociedade, esteve o tempo todo agindo do lado oposto e negativamente. Nesse sentido, concordo com Hobbes (1993), quando o autor afirma que é “[...] preciso, pois, prover a segurança não por meio de acordos, mas mediante punições” do agressor. (p. 103). Já que “[...] a unidade fundamental da organização social da comunidade é a família, quer a família unitária, quer a família extensa”. (PERISTIANY, 1965, p. 113-114).

Nessa perspectiva, a entrevistada [n.02], complementa:

[...] Sê mãe é eu acho que sê mãe é uma coisa realmente importante. Porque a mãe, a mãe é, é tudo pro filho. A mãe é que compartilha tudo: doença, na tristeza como diz a história, na doença em tudo, é a mãe que tá ali com o filho. Eu acho que é muito importante uma mãe na vida de um filho.

A minha mãe? Minha mãe apesar de eu não ter conhecido ela, não posso falá nada de mal dela, que eu não sei qual foi o motivo de ela tê me deixado. Queria muito conhecê minha mãe, a coisa que eu mais queria era conhecê minha mãe. Mas, infelizmente eu não sei nem se ela é viva mais. Mas, minha mãe, eu não posso falá nada de mal da minha mãe. Que nem conheci e nem sei o motivo dela tê separado de mim.

Na verdade, na verdade, os meus filho eu criei todos eles sozinha por causa que ele era. Ah! Era meu marido mas tinha outras mulheres, só não era eu. E ele vivia por fora de casa,



a gente trabalhava, mas ele não, não dava o que era necessário pra gente. E eu era quem..., depois ele viajô pra São Paulo, me deixou com eles pequeno e eu trabalhando, não dava pra dá de comê pros meus filho.

E a autoridade que eu tinha com os meus filho: que era que eles me respeitasse, respeitasse os mais velho, nunca mexesse em nada de ninguém e que fosse umas pessoa pobre, mas que fosse umas pessoa honesta. Foi assim que eu criei meus filho. Inda hoje eles são assim. São as pessoa honesta, de respeito que todo mundo gosta deles, todo mundo gosta, tem consideração a todo eles. Foi assim que eu criei os filho. E minha autoridade que eu tinha sobre eles, sobre eles porque eu era mãe e pai de todo eles.

Não, eu acho que na realidade nós, nós pais, eu mãe e ele, o pai, foi que não deu certo. Foi que foi errado. Porque meus filho, que eu sei que meus filho são perfeito. Não tenho nada de coisa pá diminui a minha família. Pode tê sido nesse caso, pode tê sido eu, que me coloquei com uma pessoa que não era adequada.

Sobre isso, porque a gente não conhece ninguém né. Não sabe, não conhece ninguém. Então, eu acho que a culpada de tudo isso foi eu, porque ter ficado com uma pessoa dessa, que devia ter sido uma pessoa diferente. Eu acho que isso aconteceu por causa do início da nossa vida e por isso de, de, deu tudo errado. Eu acho assim. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A mãe do grupo familiar é o exemplo mais emblemático do trabalho, pois, antes de tudo ou depois de muitas tentativas e erros, ela aprendeu a ser mãe se viu diante das experiências e fora testada cotidianamente pelas dificuldades. Trata-se de uma menina-mãe que se tornou mulher adulta, presa a uma trama de violências sem fim, a um homem violento por natureza. Aprendeu a ser mãe, na prática.

Em “[...] qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações” (FAUCAULT, 2012, p. 132), como uma cova sem brecha ou túnel de saída. O fato é que ninguém abre mão de sua própria família, por ser ela em último caso “[...] o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar”. (ROUDINESCO, 2003, p.198). A superação do sofrimento da mãe pode estar confinada nas palavras da autora.

### c) Referência comunitária

A família na comunidade torna agente de socialização. Necessariamente transmite apenas segmentos da cultura mais ampla à criança, sendo que os segmentos particulares dependem primeiramente das suas posições sociais na sociedade. (ELKIN, 1968, p. 65).

A convivência social comunitária das entrevistadas [mãe e filha] foi praticamente inexistente, prejudicada ou minimizada, em função do confinamento do grupo familiar e o isolamento dos membros, dada as violências domésticas mantidas pelo dito-cujo, [marido-pai] agressor das vítimas. A comunidade de origem e nascimento das participantes, a vizinhança mais próxima, não conseguia aproximar-se dos membros, vice-versa, por conta do medo, intimidação e

ameaças que o agressor inspirava no ambiente. Por isso, a filha-entrevistada [n.01] não tinha ninguém que pudesse citar como referência pessoal dentro da comunidade ou uma pessoa que tivesse tido aproximação e convivência direta. Somente na vida adulta pode perceber como a convivência comunitária é importante para o desenvolvimento, socialização e proteção de uma pessoa, mas, infelizmente durante sua infância e adolescência não teve essa possibilidade, esse valor não fez parte de seu cotidiano. Suas referências ficaram tão-somente restritas aos membros da família, a mãe biológica e os irmãos mais velhos do grupo apenas, assim ela narra:

Referência na comunidade.... Assim né, o nosso apoio sempre foi os irmãos. O irmão mais velho atendia sempre, protegia os mais novos. Como eu tive muitos irmãos mais velhos do que eu, então eles sempre me protegiam, tanto eu como a minha mãe. Mas, referência assim na comunidade eu não consigo compreender que colocação, se você conseguisse ser um pouquinho mais clara, pode ser.  
Nós não tínhamos convívio com parentes nem amigos porque a nossa casa era distante da cidade. Então, nós vivíamos num grupo de irmãos mesmo, primos também 1º grau porque moravam próximos. Uma pessoa infelizmente não tenho. Só mesmo os irmãos mais velhos, a minha mãe e acho que é só. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

No caso da mãe-entrevista [n.02], também afirmou que não tinha referência comunitária na cidade de nascimento de seus filhos. A sua situação ficou mais difícil, porque além de ser limitada a sua convivência no ambiente de moradia, a mesma não residia no local de nascimento, na propriedade do senhor de engenho. Embora, desde os seus 12 anos de idade morava na cidade de nascimento de seus filhos convivendo sob o domínio do agressor há muito tempo. As violências domésticas sofridas impedia a convivência social com a comunidade. Portanto, não existia em sua memória uma pessoa de referência que pudesse contar em meio a vizinhança local. Embora, considere-se pertencente a “[...] outra comunidade. É. Eu nasci, nasci na <sup>16</sup>P. Num lugar que chama-se Macicoaba, mas é vizinho de P., chama-se Macicoaba. Então, eu nasci lá e me criei, saí de lá.

A formação social (familiar e comunitária) que ajuda na construção da identidade e sociabilidade de uma pessoa, no caso da entrevistada [n.02], esse processo foi iniciado e interrompido por diversas vezes durante o seu desenvolvimento pessoal, se compõe em pedaços de histórias, referências e memórias. Pollak (1992), fala sobre isso, diz que a imagem mental, social, emocional de uma pessoa que teve o processo de socialização prejudicado como foi o caso da mãe

---

<sup>16</sup> **Nota:** A abreviatura da letra alfabética (**P.**), representa a primeira letra do nome do Engenho, lugar de origem e nascimento da mãe-entrevistada n.02.

biológica do grupo familiar, a formação da identidade social, o imaginário particular da família, é “[...] em parte herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. As memórias também sofrem flutuações que são funções dos momentos em que são articuladas com a realidade passada-presente, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”. (POLLAK, 1992, p.204).

Isso aparece quando a mãe-entrevistada [n.02] relata que foi morar na cidade de nascimento de seus filhos para trabalhar de doméstica e não por alguma referência familiar ou vínculo com algum conhecido morador da cidade. Tudo para ela era estranho, mudou de local por questão de necessidade e sobrevivência. Em determinado ponto ela narra: “[...] *tinha parente lá não. Uma amiga minha que me levou que eu não sabia nem onde era M., ela me levou pra morá na casa do patrão dela, dos patrão dela, que ela morava na terra deles.*

Ao perguntar se o Engenho de P. era uma cidade ou uma propriedade próxima da cidade de nascimento de seus filhos, perguntei: como era seu cotidiano? De imediato a mãe respondeu:

Não, é um Engenho. Eu saí de lá da P. eu tinha 12 anos. Me criei lá, saí de lá da P., vim pra M. com 12 anos, [...] fazia di tudo, todo o serviço. Eu lavava roupa, eu varria a casa, eu apanhava ração, eu tirava lenha, botava água, todo o serviço de casa eu fazia. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Diante dos conteúdos de narrativas, pode-se observar que ambas as entrevistadas não anunciaram ter sequer uma pessoa de referência comunitária dentro da cidade de origem, isso reflete o total isolamento da família no ambiente comunitário como se não fizesse parte dele. São pessoas e membros invisíveis, sem participação da vida comunitária. A mãe saiu da região do Engenho, do local de onde nasceu para trabalhar na casa do homem, que mais tarde se tornara seu agressor e pai de seus 19 filhos, gestados anualmente sem contar com a responsabilidade paterna, sequer existia planejamento familiar. Nessas condições, procriou grande quantidade de filhos nascidos vivos, outros sem vida ou abortados por conta das agressões do pai-agressor.

Aos 12 anos de idade, migrou para outro lugar com a finalidade de trabalhar na cidade pouco conhecida. Aceitou a função de doméstica, babá, serviçal desprotegida, em troca de moradia e alimento. Se dedicou as tarefas domésticas e aos cuidados de duas [crianças] filhos do casal, nascidas do primeiro relacionamento conjugal e único casamento [religioso], que o agressor se submeteu durante sua vida. Um fato que aconteceu por pressão comunitária quando ainda era jovem. Apesar da coleção de mulheres [concubinatos] posteriores, que se somaram a primeira

esposa, que teve 10 filhos nascidos no mesmo ambiente-território controlado pelo agressor em comum. Em meio a esse caldeirão efervescente de mulheres e filhos, a mãe entrevistada [n.02], foi a primeira menina abusada sexualmente, estuprada dentro da moradia da primeira esposa, torna-se adolescente-mulher violentada pelo agressor, procriou a segunda família do grande clã.

Dos 12 anos até os dias atuais, a mãe biológica do segundo grupo familiar, a entrevistada [n.02], vive na mesma cidade de origem de seus filhos, convivendo indiretamente com o seu agressor no ambiente de circulação comunitária, apesar de separada dele. Contudo, hoje se sente uma mulher livre de agressões domésticas.

Agora? Não, na minha vida a pessoa que tinha valor, que era uma pessoa boa era meu avô. E depois que ele morreu, eu não tive mais nenhuma referência de outra pessoa. Que pra contar com aquela pessoa não. Depoi, só depoi que eu tive meus filho, que foi que eu. Tenho meu filho agora. Tenho os meu filho. Mas, antes eu não tinha ninguém não. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Após a separação mãe-entrevista [n.02] com o seu agressor, a sua convivência comunitária progrediu, ficou mais forte em comparação com outros momentos de sua vida passada. No caso da filha-entrevistada [n.01], esse quadro teve pouca evolução. A convivência com a comunidade de nascimento e origem continua fraca, pouco se relaciona com a vizinhança, talvez isso tenha se agravado pelo fato de ter sido expulsa da moradia do pai, em razão das violências sofridas. O rompimento com a família, a ausência de vínculos sociais, a convivência com vizinhança e coletividade, não foi reestabelecida ou superada até os dias atuais. As pessoas consideradas importantes e significativas em suas vidas continuam restrita aos membros familiares apenas, tornando-se simbolicamente a comunidade parental de referência social, a própria família biológica.

Nesse contexto, percebe-se que a mãe biológica do grupo familiar ainda carrega em sua memória vivificada, a presença e os cuidados do seu avô paterno dedicado a ela. Após o seu falecimento, ela passou a infância e adolescência sem referência alguma por um longo período de sua vida, até o nascimento de seus filhos. Para ela, os filhos representam a única e todas as referências de sua vida. É o que lhes faz feliz enquanto pessoa e mãe, lhes dão sentido para ser melhor e viver com alegria.

É interessante que a filha-entrevistada [n.01], segue o mesmo modelo indicador de referência familiar e comunitária que a observada nas narrativas da mãe. Para a filha-entrevistada

[n.01], a sua mãe biológica e os irmãos mais velhos são suas referências mais importantes, membros considerados exemplos positivos e indispensáveis em sua vida, assim como seus filhos nascidos posteriormente ao grupo de origem.

Nesse caso, a comunidade externa aparece com pouca importância para o grupo, talvez uma forma de adaptação ao grau de isolamento e violências que a família sofreu, o que manteve o distanciamento dos membros com a comunidade, a base do medo, das ameaças de castigos e cumprimento de obediência imposta. Com isso, “[...] a unidade doméstica ampla fica como se fosse uma pequena comunidade e poderá haver muita delegação de autoridade, divisão do trabalho, etc”. (GOODE, 1970, p. 93).

Com relação à conduta negativa do agressor, a mãe-entrevista [n.02] relatou que a comunidade ao tomar conhecimento das agressões, abusos e estupros incestuosos dentro da família, a comunidade teve imediata reação, manifesto de reprovação e hostilidade contra o agressor.

Relata:

Ficô. É, a comunidade soube disso que aconteceu e todo mundo ficô revoltado né. Com ele. O povo só não falava nada pra ele porque tinha medo dele, mais não tinha consideração a ele mais. Não confiava nele não, não tinha respeito, consideração por ele. Eu... (emitiu som de incômodo com a boca). Eu não sei, não, não sei dizê porque as pessoa nunca me falaram nada, se alguém sabia de alguma coisa nunca me falaram nada e também eu nunca falei. Sabe sim, porque naquele tempo foi um rebuliço medonho e todo mundo ficô sabendo disso. Eu sei que as pessoa ficô com raiva né, não, achô que isso não era certo né. Ninguém vai dá valor a um pai que faz um isso com um filho né. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A notícia de violência sexual incestuosa, abusos e estupros na família foram acontecimentos noticiados e expostos dentro da comunidade que chocou bastante a população, produziu memória social durante muito tempo ou talvez até os dias atuais, o abusador das filhas e agressor da família é visto como tal. Um sujeito nefasto, imoral, perigoso que a comunidade deve romper convivência e mantê-lo isolado em seu território. É assim que o agressor é percebido e apontado socialmente.

O grupo vitimado e a comunidade reagiu com coerção social, repúdio e ameaças quando os abusos incestuosos vieram a tona, os segredos com as vítimas foram quebrados. O agressor teve que se afastar da comunidade e do território antes controlado por ele, num relativo espaço de tempo. Isso causou forte impacto na família e na coletividade nunca superada, quando alguém levanta o assunto, as questões vivenciadas ou testemunhadas aparecem.

O mal-estar aparece na expressão facial, na inquietação do corpo físico, na voz das vítimas, quando o corpo fala é porque o problema continua a incomodar, não somente do ponto de vista pessoal, íntimo da família, mas também perante a comunidade. A questão moral da desonra familiar parece afetar fortemente a psique emocional da mãe, também em função da sua condição de mulher-mãe vinculada a um homem tão prejudicial para si mesmo, a família e a comunidade no todo. A sua auto-estima enquanto mulher-mãe foi profundamente afetada. Embora, concorde com o autor a respeito da honra de uma pessoa. Goode (1970, p.57), diz que “[...] a comunidade - e não o indivíduo ou a família - que pode estar de acordo com a norma da legitimidade, atribuindo ou retirando prestígio de honra”, a quem ela julgar e reconhecer necessário. Assim se refere:

Ah! A minha comunidade onde eu vivo acho que já faz uns 40 ano que eu vivo em M., todo mundo me considera. Todo mundo sabe que eu sô uma pessoa boa, trabalhadeira, direita. É assim que as pessoa me considera e os meus filho também me considera assim. Sabe que eu fui, eu fui uma mãe vencedora né. Trabalhei e me esforcei pra cria eles do jeito que eu pude, não dei nada de bom pra eles porque não tinha condição, mas pelo meno dei carinho a eles que acho que isso aí, é o necessário de uma mãe. Então, é isso que eu tenho pra dizê.

E hoje como eu já falei, sô uma pessoa muito feliz com meus filho. Meus filho me acolhe, meus filho me ama, meus filho cuida de mim e pra mim, eu sô a mulher mais feliz da minha vida, como eu já falei. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Enquanto a mãe-entrevista [n.02] se sente respeitada por todos os seus filhos e a comunidade de onde mora, o mesmo não pode dizer com a relação estabelecida com o agressor de sua família. Esse julgamento acontece contrariamente e de forma diferente. Os filhos obedeciam às ordens do pai [agressor], não por relação positiva ou questão de respeito, menos ainda por laços ou vínculo de afeto, mas sim, meramente, por medo de ser espancado e agredido brutalmente. A obediência era forçada pela autoridade mantida a base de violências contra os filhos e toda a família subjugada. Afirma:

Não, realmente ele não. Ele queria que a autoridade fosse dele, só fosse dele né. Mas, só que meus filhos me respeitava e também me obedecia. Porque eu num, num, não tratava eles com violência, tratava eles com carinho. Já que ele não tinha esse carinho pra dá pra eles, eu dava por mim e por ele. A minha autoridade com meus filhos sempre foi mantida, e ele não gostava, tinha raiva disso né. Queria que fosse a dele.

É os filhos respeitava ele né, tinha medo dele também né. Quando ele falava as coisa obedecia também. Mas ele era sempre na grosseria, falava com os filho na grosseria e eu falava com carinho. Então, eles obedecia os dois, mas, de modo diferente. É isso que eu tenho com a vida dos meus filho. (Risos). (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Por estar no casamento, na conjunção sexual, a condição moral-legal consentida socialmente para procriação e continuidade da descendência, a partir da configuração da instituição familiar, diante da convenção social, o princípio da autoridade, do poder dos pais, da legalidade sobre os filhos, implica também em oferecer a descendência, a “[...] toda criança trazida ao mundo se houver um homem” e uma mulher que assumam o papel de pai e de mãe social em primeiro lugar. O casamento ou a conjunção carnal entre um casal, “[...] confere maior legitimidade à paternidade” e a maternidade mais do que ao sexo. (GOODE, 1970, p.42).

Essa é uma discussão que cabe muitas palavras, críticas e profunda reflexão. O casal procriador do grupo familiar em estudo, em especial o patriarca negligenciou gravemente a esse papel social e função paterna. Se tornou um sujeito burlador, destituído, transgressor das regras sociais e dos princípios da legalidade operante no país, se desfez dos filhos, da mulher, da família e da vanguarda social coletiva para atender seus próprios caprichos, arrogância e egoísmo pessoal. O seu prazer sexual era prioridade máxima, seus desejos se sobrepôs ao contrato social com a família e a comunidade. A conduta moral, a lei e as regras sociais se diluíram no ar.

A suposta estrutura familiar rígida, tradicional, de cultura [monopólio] do poder, dos “bons costumes”, de homens dominantes, moralistas, onde o resto da sociedade inferior se espelha para imitação, perdeu em certa medida o seu reinado, se transformou na imagem de um ambiente marginal. Aquela família formadora da sociedade patriarcal descrita por Freyre (1963), a que não tolerava a quebra das regras sociais criadas por ela, a que moldava ou molda os comportamentos sociais dos sujeitos, está em desordem. (ROUDINESCO, 2003).

Talves, a mentalidade implicada na estrutura da família patriarcal da década de 20 e 30, não exista mais no século XX e XXI. Embora, acredite que no seu interior nada tenha se modificado, papéis sociais e funções paternas sempre foram negligenciados por homens de natureza violenta, a exemplo deste pai agressor em estudo. As condutas saem dos labirintos domésticos e chegam até as ruas, mostrando suas múltiplas faces, o quão é conflitiva e pervertida a família em situação de violências e abusos sexuais incestuosos. A desordem e a “bagunça” doméstica toma proporção, chega a se fixar na mentalidade coletiva, nos olhos e nos ouvidos da vizinhança do em torno, na comunidade e a sociedade que assistem continuamente aos espetáculos dos horrores, a exemplo, das diferentes modalidades de se fabricar violências domésticas e familiares dentro dos grupos.

Fonseca e Cardarello (2010, p. 212) afirmam, que os “[...] arranjos domésticos não, os que cabiam dentro desse esquema analítico eram vistos como inconsequentes, sintoma da massa amorfa



dos sem-família”. Contudo, estou me referindo aqui a uma família extensa, sem a representação positiva de um pai. Pelo contrário, é ele quem se torna o causador da desordem social por excelência.

Sabendo que o patriarca do século XVI ao XXI, pouco ou nunca seguiu as regras sociais criadas por ele, não para si, mas para os outros. Em oposição as regras, do reino ao palácio, da casa-grande ao sobrado, das mansões [casas modernas] aos apartamentos luxuosos, homens dominantes, os antigos senhores de engenhos, os atuais empresários bilionários filhos das elites, seguiram regras sociais reguladoras das condutas humanas. Nunca tiraram as botas de couros, os sapatos importados, a gravata, ternos ou palitós de tecidos finos, para produzir riquezas, os mesmos continuam tirando proveito a base das violências e da força bruta. Me refiro aos homens de “bens” dominantes das [famílias] monopólio do poder, dos exploradores das massas e das misérias alheias, são esses os mesmos que inventaram as regras, as leis, as normas rígidas para as sociedades subordinadas, dominadas, vistas como inferiores a si. Logo, o agressor das vítimas e da família em estudo não se diferencia desse esquema social-mental que a sociedade brasileira produziu e tolera.

Corrêa (1994, p.34) diz que

[...] a família patriarcal – um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais. Ela se instala nas regiões onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção, [...] mantém através da incorporação de novos membros, de preferência parentes, legítimos e ilegítimos, a extensos clãs que asseguram a indivisibilidade de seu poder, e sua transformação dá-se por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais.

Como se a premissa fosse inegavelmente verdadeira, na família se observa o tipo de mentalidade implicada na conduta operante do patriarca agressor das entrevistadas, onde o mandonismo e a autoridade patriarcal confere poder exercido sobre o grupo e a obediência dos membros, a dominação do mundo em sua volta. Infelizmente é isso, uma realidade que será melhor discutida e analisada na subcategoria a seguir, uma discussão sobre a exploração do trabalho infantil e a negligência escolar.

### 5.3 POUCA ESCOLA - MUITO TRABALHO

A aprendizagem de comportamento social não é apenas um processo cognitivo, mas está

intimamente ligado a afetos a outras pessoas. (ELKIN, 1968, p.46).

Nesta subcategoria, submeto à [reflexão] conteúdos de narrativas de memórias e de experiências vividas no interior da família, onde as entrevistadas passaram por um processo ininterrupto de trabalho explorado e pouca condição, possibilidade, oportunidade de aprendizagem escolar. As imagens de refletidas na memória revelam isso, as ocorrências frequentes de um arriscado modo de vida, um perigoso estado de sobrevivência, a vulnerabilidade sofrida durante a infância e adolescência, assim como as consequências na vida adulta. Vidas de trabalho e morte intelectual da família sendo desviadas no cotidiano violento, onde o encontro com a escola significava situação de risco e beco sem saída. Apenas trabalhar na propriedade sem interrupção escolar era a ordem do patriarca a ser cumprida.

A exclusão escolar em detrimento da exploração do trabalho infantil foi uma realidade vivenciada por todos os membros da família. Não importava a idade, se levantasse do berço e começasse a andar, a criança teria que trabalhar como adulto.

Sem importar que o trabalho infantil fosse objeto de rejeição social ou tivesse contra as recomendações das leis brasileiras, o pai explorador exigia a força de trabalho infantil dos filhos, sem remuneração alguma, sem oferecer as condições mínimas para proteção dos infantes, era assim que o patriarca açoitava o cotidiano da família. Entre cinco e seis anos de idade, cada criança era obrigada a trabalhar na propriedade, cumprir horários iguais ao dos trabalhadores adultos, independentemente da sazonalidade do clima. Na chuva ou no sol, dos filhos pequenos aos maiores eram submetidos a condições extremas. A infância e adolescência eram as fases em que a vida escolar dos filhos era deixada para trás, abandonada ou nunca frequentada, totalmente excluída do processo de desenvolvimento e formativo de cada membro. Sociologicamente, a exploração humana se “[...] define pelas suas dimensões, estrutura, natureza, origem, pelos laços de raiz”, (GEORGE, 1964, p. 354-355), podendo também ser caracterizada como tal, dentro e fora do mundo doméstico, como é o caso dos membros da família em estudo.

O letramento e a escolarização insuficiente da família e das participantes da pesquisa, são consequências do trabalho infantil associado a outros tipos de exploração igualmente prejudiciais para o desenvolvimento cognitivo e humano em todas as dimensões. O analfabetismo dos filhos levou a mãe, que também era analfabeta absoluta ou funcional, a lutar pela inclusão dos filhos na escola, para frequentar pelo menos as séries iniciais, aprender a escrever e ler o próprio nome. Ela se empenhou para isso, de matricular os filhos na escola e insistir na aprendizagem, mesmo diante

da adversidade de coisas precárias, dificuldades financeiras e problemas de violências domésticas na família. Com esforço, conseguiu que cada um concluísse, dois, três ou quatro anos de estudo escolar. Foi o máximo que ela pôde oferecer aos filhos, evitar que crescessem analfabetos absolutos e sofressem como ela sofria na vida adulta, sem saber sequer assinar o nome. Então, os filhos precisavam frequentar a escola mesmo contra a vontade do pai-agressor, precisavam aprender o alfabeto, dominar os códigos e signos da linguagem formal, escrever o próprio nome.

A mãe-entrevistada [n.02], inconscientemente levou os filhos a desenvolver a “[...] linguagem, a evolução dos comportamentos espontâneos ou provocados, podendo esperar encontrar um desenvolvimento análogo no plano da linguagem” formal mais ampla. (PIAGET, 1964, p. 339).

O resultado positivo diante do todo complexo negativo, todos os filhos aprenderam as primeiras palavras escritas dentro da escola, apesar do curto período de tempo. Por essa razão, ela afirma orgulhosamente que todos eles “[...] estudaram. Comigo elas estudaram até a 5ª série. Porque eu tinha um monte de filho, quando aquela mais velha estudava até a 5ª série, eu já ia butá os outros. Não pude dá mais do que isso, depois disso, eles foram estudá por conta própria”.

A criança ao ser impedida de frequentar a escola ou dar continuidade ao seu processo de formação e aprendizagem, de imediato é afetado o seu desenvolvimento pessoal, intelectual, emocional, social, cognitivo. Vários outros processos de impactos negativos se desdobram ao longo de sua vida, afetando sua autoestima, autoconfinança, autonomia e independência, quiçá, para o resto da vida.

Substituir a escola de uma pessoa em fase inicial da vida, em detrimento do trabalho forçado como pior perversidade humana praticada contra indefesos, seja qual for a modalidade e a condição sobreposta, a meu ver, deveria ser banido das condutas opressoras e considerado crime hediondo inafiançável. Sabendo que essas práticas não são ações ingênuas de adultos ou pais exploradores de filhos e pessoas indefesas, são seres intencionados em explorar, prejudicar, dominar e lucrar com a condição frágil do outro. São os mesmos que negam as condições mínimas dos filhos estudarem, interrompem o seu desenvolvimento e negligenciam assistência nos diversos graus de necessidades. Submetem as violências e riscos de mortes ou danos de graves.

Uma criança que cresce fora da escola representa algo muito maior, mais profundo e complexo do que o imaginado superficialmente, significa a morte silenciosa de uma pessoa que é tomada de refém na infância. Se transforma num ser adulto sem o desenvolvimento da base

elementar, próprio dos primeiros ciclos da vida. Torna-se um ser humano em condições limitadas que afeta todos os outros aspectos da vida.

O isolamento e o silêncio da família fora da escola era uma estratégia do agressor, ele precisava evitar os filhos de expor a realidade do grupo para estranhos. Ou, alguém de fora pudesse enxergar as violências, os acontecimentos e atividades dentro da família. Pois, aprender na escola significa o acionamento de outras zonas do conhecimento, do desenvolvimento crítico, do despertar para a vida de uma criança. Significa interagir com colegas, professores e a comunidade externa sem submissão do controle do controlador dos filhos, corria o risco dos filhos colocar-se diante da vida e descobrir outras habilidades, suas capacidades individuais, o questionamento das atividades praticadas na família. Não há dúvida, é na escola que “[...] a criança aprende os modos do grupo não pelo encontro com a cultura de forma abstrata, mas, por intermédio de outras pessoas; são elas que conhecem e lhes transmitem os padrões da sociedade”. (ELKIN, 1968, p.39). A permanência dos filhos no mundo escolar foi o que garantiu minimamente a cada um, a participação das necessárias trocas e fluxos de saberes úteis transmitidos através da socialização, da cultura formal e informal dada as relações cotidianas com a comunidade local.

Estou sim diante de uma família que se manteve isolada por décadas, um pai e uma mãe que procriaram uma extensa quantidade de filhos vitimados de violências domésticas, explorados pelo trabalho infantil, abusados sexualmente com práticas incestuosas. Sofreram negligências múltiplas e exclusão escolar na infância, isso representa um grave e incomensurável saldo negativo, irreparável. Não é um problema simples de solução, de explicação, de esclarecimento, são todos complexos o bastante agravado pela multiplicidade de violências orquestradas. Observo nas narrativas que a maioria dos membros do grupo não superou parcialmente ou por completo o problema da formação escolar, o baixo nível de escolarização e os traumas das violências acumuladas na infância e adolescência, dos mais jovens aos mais velhos, as problemáticas persistem até os dias atuais. A maioria dos membros continua com a mesma escolarização da infância, distante do mundo escolar e, ao mesmo tempo, dedicados ao mundo do trabalho explorado e próximos dos riscos similares aos vividos na infância.

O agressor amarrou a família numa teia de danos e prejuízos sem fim, arquitetou o laço sem deixar pontas no nó. É o mesmo drama que mantém milhões de pessoas, famílias e populações vivendo em tempos atuais vivendo em situação de pobreza e desigualdades sociais no país. Me refiro as centenas de indivíduos iguais ou semelhantes que vivem na mesma condição que a maioria

dos membros da família em estudo, uma família que representa muitas, de pessoas pobres, analfabetas, desempregadas, violentadas, com poucas possibilidades de mobilidade social. Nesse caso, a exclusão social toma outra dimensão que vai além do conceito sociológico apenas, passa a ter face, nome, cor de pele, classe social, como elementos reais que alimenta a base da pirâmide.

Não há como deixar de referenciar Vygotsky (1987); Góes (1991); Oliveira (1995); Rego (2007); Hickmann; Asinelli-Luz; Stoltz (2015) e outros estudiosos da educação, como pensadores importantes que discutem o desenvolvimento humano enquanto possibilidades de avanço. Do quão é poderosa a elasticidade da mente na assimilação e produção dos conhecimentos uteis para a vida.

Mesmo diante da tragédia das violências familiares perpetuadas durante décadas, o esfacelamento do corpo vivo dos membros da família, os abusados incestuosamente com as meninas adolescentes, a exploração do trabalho infantil, os maus-tratos, a pouca frequência escolar e tantos outros eventos igualmente prejudiciais observados nas narrativas das entrevistadas, ainda assim, somente a educação pode ativar as ferramentas cognitivas de cada filho e leva-los ao desenvolvimento da capacidade de aprendizagem formal, intelectual e para a vida. Pode transformar um mundo escuro em mundo de luz pela via do conhecimento transmitido.

Dito isso, concordo amplamente com o autor, quando ele afirma que

[...] o processo de desenvolvimento cultural não significa apenas o enraizamento da criança em uma ou outra esfera cultural, mas também, junto ao desenvolvimento gradual do conteúdo, ocorre o desenvolvimento das formas de pensamento, configuram-se aquelas formas e modos de atividade superior, historicamente surgidos cujo desenvolvimento precisamente vem a ser a condição imprescindível para o enraizamento na cultura. (VYGOTSKY, 2012b, p.54).

Sem ter em vista outras possibilidades de sobrevivência dentro do grupo familiar, cada membro expulso buscou diferentes formas de superação das dificuldades vividas na convivência com o agressor. Felizmente, a maioria resistiu ao caos do mundo interno e externo dos quais foram expostos e submetidos. De modo semelhante sofreram com a imaturidade da pouca idade, das inexperiências, intempéries e desafios da vida. A escola física e simbólica se transformou na própria vida, as aprendizagens se deram a partir das interações sociais com o mundo, a comunicação informal com outras pessoa e as novas experiências fora da família.

O desenvolvimento pessoal e as aprendizagens [dependeu] das relações interpessoais, da convivência com pessoas estranhas ao grupo de origem. Relativamente, os novos processos tiveram êxitos na medida em que cada um reorientou a própria vida, encontrou meio de continuar resistindo

e superando as dificuldades, apesar da interrupção da convivência familiar e ausência do desenvolvimento de esquemas cognitivos nos espaços escolares.

Os grupos secundários e a sociedade ampla ocupou em tese o lugar da família, as pessoas estranhas passaram a ter contato direto ao invés da família, determinar novas condições de sobrevivência e continuidade em ambientes desconhecidos. Dentro de si, cada um desenvolveu a inteligência criativa para encaminhar a própria vida.

É um aspecto que Hickmann; Asinelli-Luz e Stoltz (2015), falam dessas possibilidades de resiliência e desenvolvimento dos indivíduos, enquanto acionamento de mecanismos internos e a capacidade de estabelecer relações e aprendizagens a partir das conexões interpessoais, das linguagens e sistemas de comunicação associado ao mundo real.

O desenvolvimento da mente social depende das condições favoráveis para a socialização de saberes, dos vínculos e atividades associativas estabelecidas entre as pessoas. Vygotsky (2014), discute a questão da linguagem enquanto processo de comunicação na cultura das relações sociais restritas e amplas que influencia o desenvolvimento dos indivíduos. Diz que

[...] a linguagem interna tem função verbal completamente especializada e diferente quanto a sua conformação e modo de funcionamento. O pensamento não coincide diretamente com a expressão verbal, [...] o pensamento é concebido em um conjunto de palavras, em um único ato, a verbalização se dá pela decomposição desse ato em palavras. (HICKMANNA; ASINELLI-LUZ; STOLTZ; 2015, p. 136).

Tudo isso tem a ver com a realidade observada na família e no campo de pesquisa, quando percebi que as crianças e adolescentes da família se tornaram pessoas adultas fora do tempo de desenvolvimento físico, amadurecimento pessoal, emocional. Um grupo extenso de filhos que não aprendeu suficientemente a cultura letrada, a linguagem e a comunicação formal transmitida pela escola. Ao invés disso, estavam todos afetados e tomados por violência doméstica, exploração do trabalho infantil, vivendo dificuldades diversas e de toda ordem das quais interferiram no desenvolvimento pessoal e nas potencialidades individuais positivas para si e a comunidade. A carga de sofrimento narrado pelas participantes foi pesada, ainda assim, ao alcançar a fase adulta alguns membros conseguiu voltar a frequentar a escola, a sala de aula do programa de educação de jovens e adultos, como tentativa de aprendizagem e reparação do dano.

Embora, seja ainda notório o quadro de dificuldades na assimilação de mensagens, de comunicação oral e escrita manifestadas durante as entrevistas, mas, ao mesmo tempo, a

demonstração de grande esforço para compreender as mensagens ditas, sua interpretação e significação de cada atividade. Houve sim em todo o processo uma comunicação permanente traduzida em detalhes para facilitação do entendimento, até cada uma compreender satisfatoriamente os encaminhamentos do trabalho, dos esquemas formais e informais que dependia todo o sucesso no campo. A metodologia da entrevista narrativa oral, também amenizou as dificuldades e limitações da escrita.

As mensagens foram transmitidas, assimiladas na mediada em que cada código, signo e símbolo era traduzido. Com as atividades a cognição das participantes foi estimulada, as estruturas mentais motivadas à ativação, apesar da baixa velocidade das conexões neurais, da sinapse e do processo assimilador, principalmente por parte da mãe. Aos poucos os códigos foram sendo assimilados com maior rapidez, como uma criança-adulta em fase inicial da aprendizagem, sendo treinada a observar, ouvir, abstrair, ler, escrever e interpretar como é feito na infância. Sobretudo, respeitando o tempo motor, fonético e cognitivo de cada uma. As participantes demonstraram essa condição, as atividades da pesquisa foram sendo compreendidas devagar, realizadas no tempo de cada uma. No mínimo foi uma experiência única, revigorante, entusiasmada e, ao mesmo tempo, desoladora, frustrante e piedosa pela história de vida de cada uma.

As violências na família causaram tudo isso, danos e destrutividades reais, irreversíveis no plano do desenvolvimento individual e coletivo, intelectual, emocional e social das participantes, isso era posto em evidência o tempo todo. Todos foram prejudicados multiplamente com impactos negativos das violências domésticas, dos abusos sexuais, dos estupros em séries, da exploração do trabalho braçal e infantil, as negligências escolares, riscos graves e toda espécie de ofensa envolvendo a vida pessoal e família. As dificuldades observadas durante o processo de narração das participantes revela um homem agressor compulsivo, de mente perversa, que sentia prazer com a destruição da família, a dor e o extermínio dos filhos.

É evidente que “[...] a destrutividade sob êxtase é o devotamento crônico da vida inteira de uma pessoa, do ódio e destrutividade, [...] a função é a de dominar todo o indivíduo, de unificá-lo ao culto de um objeto único: o de destruir”. (FROMM, 1979, p. 371-372). O devoramento da família não se limitou as atividades destrutivas praticadas contra esse ou aquele membro do grupo, a ação racional do pai-agressor tinha intenção, concretude, finalidade de transformar a família numa espécie de fábrica de filhos para uso, descarte e destruição em série. A família não refletia para o agressor sua autoimagem, correspondência na continuidade de sua descendência ou representação



do seu próprio sangue. Mãe e filhos eram tratados como inimigos, adversários pessoais ou qualquer outra espécie de sentimento negativa que atormentava sua imaginação. Estavam ali para cumprir determinados [afazeres] domésticos e braçais, mas o desejo fim seria o extermínio e a morte de todos.

Então, assim um dilema do meu pai era que não haveria necessidade de estudar, teria que trabalhar braçalmente para ajudá-lo nos afazeres domésticos, no caso pra tirar vantagem, em vez de pagar ao trabalhador do sítio, aí ele no caso, explorava a gente, pra gente trabalhar pra ajudar manter a família. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Dezenas de filhos explorados, violentados, descartados e lançados ao mundo sem rumo ou direção. Sofreram dupla sentença de morte, uma de permanecer dentro do grupo familiar na convivência com o agressor, motivo de absoluto risco, outra estava fora dele, o precipício do mundo como desgraça e insegurança total. Esse foi o fim de um ciclo da infância-adolescência e começo de outros que cada membro da família foi obrigado a enfrentar. A fragilidade dos filhos significou o sucesso da ação do agressor, suas intenções e objetivos foram alcançados. A racionalidade de um homem relativamente inteligente, jovem, de mentalidade dominante, patriarcalista conservadora, patrimonialista, violenta e com ethos coronelista estereotipado, foram observadas nas suas atitudes operantes, na ação simbólica e, na prática, cotidiana. Impiedosamente, o tempo e as consequências da ação foram moldando o passado no presente, os efeitos foram se revelando também na vida do próprio agressor. Em tempos recentes, o mundo familiar destruído por ele mesmo, configurou-se em outro espetáculo da vida. Observa-se nos conteúdos de narrativas, que a percepção das vítimas com relação ao seu agressor é de que, aquele indivíduo indesejável, horripilante e violento do passado recente, hoje se encontra em situação diferente, é visto como um sujeito doente, imoral, isolado, com idade acima dos 80 anos, vivendo isolado em seu reinado particular, na mesma propriedade-cenário de seus crimes e violências cometidas contra a família. Ninguém se aproxima nem deseja estar perto de sua imagem, em últimas consequências, restou apenas um homem velho, sozinho e abandonado em estágio final da vida, talvez seja esse o saldo menos dramático da autodestruição.

As marcas deixadas no corpo e n'alma da família foram profundas e graves, as agressões

físicas e sexuais, as perversões incestuosas, o narcisismo, <sup>17</sup>sadismo, paternidade transvestida em pele de lobo, foram atividades que fizeram parte do cotidiano. Isso causou danos irreversíveis na memória coletiva de suas vítimas e na vida real de cada um, com consequências impactadas no passado e nos dias atuais. (FROMM, 1979).

Dos quinze filhos vivos, sobreviventes aos maus-tratos e as violências do pai, somente duas filhas, uma mais velha e outra mais nova, conseguiram concluir o ensino superior. O filho caçula e a filha-participante da pesquisa terminaram o ensino médio. Diante do mundo de hoje, das necessidades de qualificação profissional, “[...] é evidente que se torna cada vez mais necessária uma sólida cultura de base científica e técnica”. (FRIEDMANN; REYNAUD, 1964, p. 630). Essa possibilidade infelizmente foi interrompida pelo agressor da família, uma realidade em que hoje a maioria dos filhos nem sequer concluiu o ensino básico.

A criança afastada da escola ou impedida de concluir os ciclos formativos durante a infância e adolescência, quando se torna adulta enfrentará maiores dificuldades em recuperar os processos deixados para trás. Sofrerá limitações de aprendizagem, de coordenação motora, diminuição da capacidade de abstração, assimilação, reflexos, habilidades, fica prejudicada a motivação pessoal de uma pessoa adulta [querer] retornar para a escola com as mesmas disposições e energia observadas na fase inicial da vida. O peso é maior, as dificuldades e preocupações se multiplicam, com isso a probabilidade de desistência aumenta, de substituição do ambiente de ensino.

Uma pessoa adulta que na infância foi desestimulada a frequentar a escola, a aprender a cultura letrada, sofrerá a própria resistência, quase sempre se vale da crença de que não vai conseguir aprender, que não nasceu para estudar, que tem vergonha, os filhos e o marido não deixam, os afazeres domésticos são prioridades, o trabalho, cada uma encontra uma forma de justificar-se para permanecer fora da escola. Raramente, uma pessoa adulta que não frequentou a escola na infância conseguirá superar as dificuldades internalizadas sozinhas, para voltar a escola, aprender e seguir os estudos, será precisar além do próprio querer, o apoio permanente de muita

---

<sup>17</sup> **Sadismo como dupla conceituação.** Primeiro, trata-se da expressão do masoquismo como essência. Que é visto no desejo de infligir a dor independentemente de qualquer conotação sexual. Outro tipo é essencialmente o sadismo sexual como fenômeno, impulsão parcial da libido na primeira fase de seu pensamento, com fim de provar que a libido é a força impulsionadora da crueldade.

O sadismo sexual juntamente com o masoquismo, é uma das perversões sexuais mais bem conhecidas. Vai do desejo de provocar a dor física numa mulher – surrando-a – até ao fato de humilhá-la, de pô-la à ferro ou de forçá-la a uma completa obediência, de outras maneiras. Podendo necessitar infligir a dor e o sofrimento, a fantasia a fim de sentir-se sexualmente excitado. Discutido em Fromm (1979, p. 376-377), na perspectiva freudiana.

gente, da escola, dos professores, amigos, família e a comunidade. O processo de assimilação de conteúdos para uma pessoa que não foi exercitada na infância ou estimulada em seu tempo, a ler, escrever, pensar, interpretar e refletir os conhecimentos e o mundo em sua volta de forma crítica, se torna um exercício relativamente doloroso.

A pessoa afetada por violências domésticas, familiares, sexuais incestuosas, tende manifestar dificuldade de concentração, de engajamento intelectual. Abrir a mente afetiva para fixação de conhecimentos formais e aprendizagens escolares, torna-se quase sempre um processo de superação dos limites na capacidade máxima, embora a mente seja elástica e capacitante independentemente das memórias arquivadas. Mas, se houver querer pessoal, esforço compartilhado, acolhimento afetivo, relação de confiança, estímulo a autoestima, segurança e motivação contínua estabelecida na convivência escolar, na [relação] professor x aluno, entre os pares, nada se torna impossível. A aprendizagem, as descobertas e o desenvolvimento intelectual acontece em tempo real.

A mãe-entrevistada [n.02] enquanto esteve na companhia de seu agressor se manteve por década uma pessoa analfabeta, somente aos 25 anos de idade, foi estimulada aprender escrever funcionalmente o próprio nome. Aos 60 anos, após a sua separação com o agressor, voltou a frequentar a escola para aprendeu a ler e escrever de verdade, com estímulo do próprio querer. Segundo ela, aprendeu ler e escrever como desejava na infância, seu sonho era frequentar a escola, encontrou um meio de superação das dificuldades, avançou na escolarização das séries iniciais da Educação de Jovens e Adultos.

A mãe ultrapassou a escolaridade da maioria de seus filhos, disse estar se esforçando para concluir o ensino médio. Orgulhosamente, declarou que recentemente concluiu o oitavo ano do ensino fundamental de EJA, por ser motivo de euforia e contentamento pessoal, sua autoestima se revelou com largo sorriso na face, como um sinal de liberdade e autonomia conquistada. Dentro da família e da comunidade é considerada um exemplo positivo, modelo de superação das dificuldades vividas, à [exemplo] das tragédias das violências familiares durante décadas. É reconhecida como uma pessoa forte e de respeito.

Disse, que além de sua própria vontade, contou com a motivação da comunidade para voltar a frequentar a escola, fez novas amizades, participou de atividades culturais diversas dentro e fora da escola, se sentia uma pessoa feliz, livre. Se tornou aluna de sua própria filha caçula que era professora de EJA, no Programa Estadual de Alfabetização de Paulo Freire. Sua filha-professora

adaptou uma sala de aula no espaço físico de sua própria casa, a moradia da mãe se transformou numa extensão da escola formal, onde aprendia ler e escrever com outros colegas da vizinhança, alunos “idosos” com dificuldades semelhantes.

Essa modalidade de ensino é bastante reconhecido no estado de Pernambuco, principalmente no interior das pequenas cidadelas, povoados e comunidade ruarias como é o caso da cidade de origem da família. Também por se enquadrar com alto índice de analfabetismo regional.

A família originária da pequena cidade do interior do estado de pernambuco, pertence a uma comunidade relativamente pequena, a população de acordo com o censo do (IBGE/2017), foi estimada em 15.820 habitantes. Embora, no último levantamento de 2010, (IBGE/2010), apontou numero menor, de 13.596 habitantes residentes. Com base neste último universo, a taxa de analfabetismo atingiu 29,4% da população de 15 anos ou idade superior.

Outro aspecto importante que não aparece nesta estatística, são as pessoas nascidas no local, mas que migraram por alguma razão para outras regiões do país que vivem em condição de analfabetismo, como é o caso da maioria dos membros da família em estudos. Decerto, essas e outras ficaram de fora da população censiada. Ou seja, não é conhecido o real quadro de analfabetismo da população urbana e rural, nem das pessoas migrantes nascidas no município. O índice de analfabetismo da população urbana residente, invisibiliza a realidade dos povoados e comunidades rurais, das pessoas migrantes para outras localidades do país e das crianças fora da escola, que estão em condição igual, dos não alfabetizados. Isso sugere enviesamento estatístico e interpretações do dado inseguros, onde absoluto é parcial.

Sem aprendizagem escolar e acesso ao conhecimento elaborado, o desenvolvimento intelectual de uma pessoa é reduzido drasticamente, a ativação das estruturas mentais-cognitivas, emocionais, afetivas, são comprometidas, prejudicadas com o tempo. A escola é a instituição mais preparada, com função específica, apta a desenvolver processo ritualizados, rotinas e atividades diárias que desperta o potencial interno de cada pessoa, portadora das condições adequadas para aprendizagens, levando-a ao desenvolvimento dos saberes, dos conhecimentos necessários e uteis para a sua vida e a sociedade. Sem a escola, a família, os grupos, agrupamentos, povoados, comunidade, cidades e a sociedade permaneceria na escuridão, continuariam sem acessar os conhecimentos e a luz. A escola é a possibilidade real do indivíduo encontrar se orientar, encontrar solução para a maioria de seus problemas pessoais, familiares, sociais, compreender os aspectos

com mais autonomia.

Erros, dificuldades, tentativas, acertos, fazem parte do processo de superação de cada pessoa, a abstração dos conteúdos sem a participação efetiva da escola, dos agentes socializadores dos conhecimentos formais na cultura letrada, simbólica e prática, os estimuladores do intelecto e da mente afetiva, são especialistas na reorientação da vida. A prova disso é que as participantes da pesquisa e uma parte dos membros da mesma família, não teriam superado as inúmeras dificuldades vivenciadas na infância e na adolescência, para na vida adulta aprender ler, escrever, interpretar, desenvolver o intelecto com relativa normalidade para concluir o ensino médio ou superior. Senão, todos os membros da família teriam permanecido na mesma situação escolar, no analfabetismo ou na total escuridão em meio ao conhecimento letrado, com “deficit” irreversível e profundo. Felizmente, não foi bem assim que aconteceu, alguns superaram e avançaram nos estudos com sucesso, embora, tardiamente.

Falo de uma situação que afetou a vida pessoal, intelectual e produtiva de cada membro, a ausência de formação escolar, de conhecimento teórico, técnico, de certificação profissional, impediu a possibilidade de cada um sonhar com sua vida melhor, de ter uma profissão especializada, de poder interpretar o mundo em sua volta e por outros ângulos. Ao contrário disso, as violências vivenciadas na convivência com o agressor e o afastamento escolar aprofundaram o quadro das desigualdades sociais na família, o desemprego, os riscos e vulnerabilidade da vida. No máximo, se submeteram a viver no submundo das periferias, a trabalhar nos subempregos, viver em condições precárias no ritual cotidiano. Sendo essa a realidade da maioria dos filhos jogados ao mundo desde a adolescência. Em dias atuais, a maioria das filhas ainda trabalha de doméstica, outras desempregadas, um é motorista, outro porteiro, e assim por diante.

Diante dos eventos tão prejudiciais impactados na família, na vida da mãe e da filha entrevistada nesta pesquisa, mesmo assim, se o grupo todo tivesse permanecido unidos, os membros convivido mais tempo entre si, principalmente durante a infância e adolescência, apesar do caos das violências, da exploração e sofrimento compartilhado no ambiente privado, dominado e controlado pelo agressor em comum, ainda assim, o grupo e cada um teria tido a chance de evitar a grande tragédia da separação, dos incontroláveis riscos encontrados no mundo desconhecido, teriam tido oportunidade de unir forças, enfrentar o agressor e a problemática dentro da família. A separação do grupo, a meu ver, foi o maior erro da família, com isso, o grupo e os membros enfraqueceram e conseqüentemente a família foi destituída enquanto unidade.

Expulsar cada filho de casa, fugir ou separar-se do grupo primário, não foi a melhor escolha ou alternativa para solução do problema, mas sim a desgraça completa, quase uma sentença de morte pessoal e coletiva para cada um. Tanto que desintegrou toda a unidade familiar, relativamente em pouco tempo. Embora, essa seja uma questão sensível que precisa de aprofundamento, reflexão exaustiva. A ausência dos filhos para a mãe causa sofrimento profundo até os dias atuais. Demonstra um sentimento de culpa e dor pela separação dos filhos, por ter sido em sua palavras uma mãe-mulher fraca.

Restou, uma família desfeita e membros distantes como resultados das ações, o cotidiano de cada tornou-se superficialmente conhecido, não há compartilhamento e trocas entre irmão, filhos e mãe em sintonia. Isso leva a mãe a se manter na mesma condição de sua infância, em dias atuais, se percebe uma mulher idosa que mora sozinha sofrendo a ausência dos filhos um dia lançados ao mundo do passado recente. Apesar de ter procriado uma família extensa, com inúmeros descendentes, onde a sua casa viva repleta de crianças pequenos, adolescentes em desenvolvimento, essa imagem ficou apenas em sua memória passada. O nascimento de seus filhos, não significou a garantia de sua permanência, a solidificação do grupo, a permanência de cada um. A sensação do passado é insistente, o sentimento de sua infância se repete na vida adulta, tendo em vista que o seu maior desejo desde manina-órfã, era o de primeiramente conhecer seus pais biológicos e construir para si uma família grande, presente, que superasse o vazio de seu passado. Infelizmente, isso não aconteceu como imaginava ser, a verdade é que continua existindo apenas em seu imaginário. Os pais biológicos nunca reapareceram e nem fizeram parte de sua vida existencial, real, seus filhos vivem ausentes desde a adolescência, assim permanece em parte, na mesma situação, sozinha no mundo.

A mãe biológica do grupo se queixa de sua situação, de que seus filhos se afastaram dela, tem dificuldades de retornar ao lugar de nascimento por diversos motivos, mas intimamente ela sabe que o maior deles, tem a ver com as violências domésticas sofridas dentro da família e na comunidade de nascimento. O sentimento de vergonha, medo, constrangimento, raiva, dor, deve ser a razão da recusa. A mãe declara que também tinha pânico e medo do agressor, isso contribuiu para o agravamento de danos contra os filhos, paralisada ela não conseguia reagir às agressões sequer em seu favor, situação que só aumentavam as negligências dos pais contra os filhos e o fortalecimento do poder do próprio agressor. A mãe foi a primeira vítima, mas, a sua condição de mãe, papel social ou função materna, esteve falha. Os filhos foram empurrados para o mundo sem

pai nem mãe ou orientação alguma de uma pessoa adulta responsável pelos encaminhamentos, foram acertando o rumo por erros e tentativas de riscos.

Hutz; Reppold et al. (2002), fizeram importantes estudos sobre a negligência parental com abuso de crianças e adolescentes dentro da família. Dentre as negligências impactadas nos filhos violentados pelo pai, a expulsão deles com a concordância ou não da mãe, talvez consentido parcialmente, para afastamento dos riscos em fase mais aguda dos conflitos, mas a sua neutralidade ou paralisação diante da realidade imposta pelo pai, gerou impactos bastante negativos para os filhos, sentimentos de revoltas e acusações fundadas no passado negligenciado pela mãe. Tanto que nenhum retornou para o lugar de nascimento com a intenção de morar na cidade, são raras as oportunidades de retorno para visita da mãe. Isso mostra que a família afetada por violências domésticas, as vítimas devem sim se manter unidas, juntas, se fortalecer e produzir força de coerção contra o agressor, denunciar a qualquer custo, buscar apoio externo, se proteger com vigilância e tocaia de suas atitudes. Se preparar coletivamente, tendo em mente de que em algum momento do conflito todos deverão enfrentá-lo, combater as violências, expulsá-lo do ambiente, assim resguardar a segurança e a unidade do grupo. A família unida torna-se mais coesa e com força superior ao agressor. Sendo essa uma possibilidade de sobrevivência e proteção dos membros. Caso contrário, o afastamento dos indivíduos significará provavelmente a separação de todos e o desmantelamento da unidade, quiçá, para sempre. Infelizmente, essa foi uma realidade constatada nos conteúdos analisados abaixo sobre a infância explorada.

#### a) Infância explorada

Início a reflexão analítica deste tópico citando Foucault para pensar o poder que um indivíduo humano exerce sobre o corpo do outro. Nesse sentido,

o corpo humano entra numa máquina de poder que o esquadrinha, o desarticula e o corrompe. Uma anatomia política que é também igualmente uma mecânica de poder, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas pare que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis, [...]. (FOUCAULT, 1987, p. 16).

A exploração do corpo, do sexo e da mão de obra infantil, feminina e de pessoas subordinadas, em condições inferiores, frágeis, que vivem sob domínio de um patriarca de natureza



semelhante ou igual à observada na família em estudo, onde a mãe biológica do grupo e seus filhos pequenos, foram completamente dominados, violentados, explorados por um homem de mentalidade e natureza idêntica a de centenas de outros homens igualmente exploradores de crianças, adolescentes e mulheres, estes, aprofundam as desigualdades e a miséria humana em nome de seu poder, dos privilégios pessoais. Em nome da produção rural e do trabalho fabril, seja no campo ou na cidade, do passado ao presente, os mesmos, estão agindo com violências, abusos e exploração de trabalhadores escravizados com a mesma mentalidade. A base da tirania, extrair da força do trabalho alheio o máximo de proveito da mais-valia.

A exploração do trabalho infantil pelo dono dos corpos da família, um sujeito praticante de incestos e fabricante de uma multiplicidade de violências domésticas, transformou a família num "playground" de atividades hediondo ou num parque de esporte macabro. Ele reproduz práticas de extermínio contra a família igual às observadas nos eventos de guerras, talvez, com maior sofisticação em tempos modernos. O agressor travou contra as participantes e a família ataques de destruição em massa, sua arma principal fora as violências domésticas perpetuadas como fenômeno social endêmico dentro do grupo e epidêmico contra a sociedade. Assim como os homens de outrora, que exploraram e violentaram mulheres, crianças e adolescentes no passado, no presente, o agressor da família representa milhões de outros iguais espalhados no país, fez das mesmas pessoas suas maiores vítimas.

As vítimas também estão espalhadas em todos os lugares do Brasil e do mundo, se escondendo nos interiores rurais, nas pequenas cidadelas, nos grandes centros e metrópoles, enquanto existirem agressores domésticos, milhares de famílias e vítimas continuarão sendo refém desses indivíduos, vivendo em situação igual ou semelhante.

No contexto familiar, social e cultural das participantes da pesquisa, as vítimas foram exaustivamente exploradas na produção da cana-de-açúcar, no plantio de bananais, nos cafezais, nas plantações de outras culturas lucrativas para o explorador ou de subsistência. As meninas e meninos crianças e adolescentes foram obrigados a trocar a escola pela roça, o livro pela enxada, o caderno pela foice. No lugar do uniforme escolar, os trapos tinham vez, de pés descalços tudo era fiscalizado pelo capataz do explorador ou o próprio carrasco da família, todos, no dia a dia, anos após anos, tinha que manter a coluna curvada explorando à terra, até os corpos não aguentarem mais, se esgotar com a subtração da energia e das forças produtivas.

Filhos pequenos transformados em adultos em miniatura, em máquina de trabalho contínuo e produção lucrativa. Ao posicionar a lupa e enxergar de perto, vejo que pouca coisa mudou no país e dentro da família modelo de muitas. Mulheres mães solteiras, crianças e adolescentes continuam sendo violentados, explorados e dominados em nome do patriarca e do pátrio poder de adultos intencionados, seja no mundo doméstico, rural, urbano, nas ruas, nos guetos, em qualquer parte do mundo, haverá exploradores e explorados. No ambiente controlado pelo agressor das participantes e da família, essa realidade não foi diferenciada, mas sim exaustivamente repetida.

Os membros do grupo foram mantidos em cativeiro doméstico, sob controle dos esquemas emocionais de cada um, pelas atitudes perversas e cruéis do agressor. Todos sofreram a multiplicidade dos eventos, as consequências dos danos, castrada a possibilidade de reclamar. Uma geração foi sendo substituída pela outra, desde que a nascimento da família. O contexto das vítimas de violências domésticas é igual ou com pouca diferença, o que muda talvez são as características da sazonalidade de cada região, há agressores e vítimas em contextos familiares bastante parecidos. A regularidade é observada nas atividades privadas, nos impactos relativamente comuns. O que muda são as intempéries do clima, uns agressores agem em unidades familiares afetadas por violências e frio, outros praticam as mesmas agressões em cenários da seca.

Infelizmente, as violências domésticas se expressa de diferentes formas, uma dessas é “[...] o processo de exploração da mão de obra agudiza-se, em se tratando da população infanto-juvenil, que exerce o seu ofício, na maioria das vezes em ocupações inseguras, perigosas, insalubres, com muitas horas de duração, não protegidos”. (GUERRA, 1998, p. 26)

A exploração humana é uma trama nociva das mais perversas que possa existir, seja ela qual for a modalidade, haverá de um (lado) relações de poder e violências, do outro, dominação e escravidão. Obviamente, na relação existirá um corpo violado por dentro e por fora.

Foucault (1989), diz que

o corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez até ideológica) da erotização [...]. Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas controle estimulação: “fique nu, [...] mas seja magro, bonito, bronzado”. (p.147).

O retorno da filha-entrevistada [n.01] para a escola ocorreu somente na fase adulta, quando já era mãe de seus dois filhos, apesar das dificuldades conseguiu concluir o ensino médio e, mais

tarde a formação técnica. Suas lutas e conquistas são motivos de orgulho e superação para ela. Depois de muita persistência, determinação e querer, conseguiu se profissionalizar em nível técnico, hoje é vigilante feminina e bombeira civil. Esse feito mudou sua autoestima, autoconfiança e relativa independência financeira, voltou a sonhar a ter possibilidades de vida melhor para si e sua família.

Mas, eu vim me alfabetizar mesmo com quase 30 anos, com 27 anos. Quando fui alfabetizada. Devido às condições precárias né, necessidades que eu tive, tive que sair pra trabalhar e não tive oportunidade de estudar porque infelizmente ele não permitia que nós estudássemos. Então, a minha vida histórica referente a estudo, infelizmente é essa. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Da mesma forma e de modo diferente ocorreu com a mãe-entrevistada [n.02], quando criança a menina nunca frequentou uma escola ou sala de aula. Isso só aconteceu aos 25 anos de idade, quando precisou aprender escrever o próprio nome para votar pela primeira vez. Foi para a escola e se matriculou no Mobral [Movimento Brasileiro de Alfabetização], iniciado na década de 70. Quando aprendeu escrever o seu próprio nome, apesar da escrita elementar e tremula, considerou esse um grande acontecimento que marcou sua vida. A exigência foi imposta por homens da política, candidatos do município com a finalidade de manter o voto de cabresto e o curral eleitoral na cidade de residência da entrevistada. Somente nessa condição, o agressor patriarca permitiu a mãe do grupo familiar se afastar do ambiente controlado por ele para frequentar a escola.

Contudo, no dia da eleição a participante da pesquisa conseguiu com esforço assinar [rabisco] a cédula do voto pela primeira vez, finalmente não precisou sujar o dedo polegar de tinta para assinar o documento. Simbolicamente, deu um passo à frente para relativa conquista de sua emancipação e liberdade.

Ao confeccionar o seu título eleitor como documento necessário para votação, pela primeira vez também confeccionou os demais documentos pessoais de que não tinha posse, como: registro de nascimento e os demais documentos de identificação pessoal, que autoidentificava ser uma cidadã brasileira e sujeito de direito. Embora, isso representasse utopia ou objeto inalcançável diante da conjuntura épica.

A vida escolar das participantes se assemelha nos vários aspectos da história de vida pessoal. Ambas se tornaram adultas em condição de analfabetismo absoluto ou funcional,

infelizmente não frequentaram a escola com a devida regularidade e sequência recomendado para uma criança durante a primeira e segunda infância principalmente. O mundo escolar foi substituído por trabalho excessivo, violências na família, abusos sexuais, incestos, atividades desumanas e cruéis mantidas pelo agressor em comum. O dano familiar prenunciou a perda escolar. É como diz a filha-entrevistada [n.01]:

É, se eu for contar do tempo que eu lembre criança, eu passei um longo tempo sem estudar, devido a necessidade da família muito pobre né. Minha mãe era agricultora, trabalhava na roça limpando mato pra vizinhança, pra manter a família, os filhos. Então assim, o mínimo de tempo que nós tínhamos era pra trabalhar nos serviços domésticos, como limpá mato, carregá banana nas costas né, é por ração pros gados, buscar água na cacimba, ajudar os trabalhadores no sítio que ele né, meu pai como agricultor tinha uma fazenda enorme, então, ele dava prioridade aos serviços braçais para os filhos menores. Então assim, eu com uns 7 anos de idade não tinha registro ainda pra estudar né, na cidade, nós morávamos num sítio e a escola ficava no sítio também só que era muito distante, é no município Chã de Lima, próximo a cidade de M.

Então assim, como eu comecei a estudar muito tarde eu não tive oportunidade de estudar, comecei a estudar com 7 anos de idade. E porque minha mãe conhecia a professora e pediu por favor pra ela colocar a gente na escola, porque a gente não podia ser analfabeta. Então, ela abriu uma exceção e mesmo sem o registro de nascimento, ela abriu exceção pra minha mãe, e aí nós começamos a estudar. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

A mãe-entrevista [n.2], também fala sobre sua vida escolar, declara: *Eu não estudei tempo de criança, tive que estudá depois de velha já, Mobral. Estudei um pouco de Mobral*. Ao perguntar se em tempos atuais, ela sabia ler e escrever, respondeu:

Sei um pouco, mai sei. Tive da escola que eu estudei, eu tive um diploma. Olha quando eu estudei a primeira vez. Eu tinha, eu acho que eu tinha uns 25 ano, quando estudei a 1ª vez. Eu estudei a 1ª vez pra aprender a fazê o meu nome pra tirá meus documento. Que eu ia, era pra mim votá, que era eu não podia tirá meus documento porque eu não tinha registro né. Primeiro pra aprendê a fazê o nome. Que eu não podia votá sem os documento e sem o registro.

Ai, foi quando eu aprendi a fazê o meu nome. Ai, eu aprendi a fazê o meu nome todo desmantelado mesmo, mas fiz assim mesmo. Ai fui, tirei meu registro e com meu registro tirei todos meus documento. Foi quando eu votei a 1ª vez. Tinha 25-26 anos por aí assim. Então, o que mais me levou a tirá meu registro, a estudá, era pra tirá meus, meus documento e meu registro. E depois estudei outras veze também no Mobral. Que eu aprendi mais um pouquinho né? Aprendi a fazê meu nome, lê assim alguma coisa, eu gosto de lê a Bíblia. Então, foi isso que eu aprendi.

O Mobral só era adulto. Depois eu frequentei uma escola de jovens e adulto. Ai estudei. Também estudei na escola de Paulo Freires.

Estudei também naquela escola e foi isso. As minhas escola foi essa. Que eu estudava de noite. Aprendi fazê meu nome. Então, eu aprendi a fazê meu nome e assim lê alguma coisinha pouca, mas eu leio.

Era, era muito bom que a gente, eu trabalhava de dia e de noite que eu tomava um banho e ia pra escola com as minhas amiga. Estudava com as minhas amiga, a minha professora gostava muito de mim. Minha 1ª professora, primeiro foi a dona Livia, depois teve uma

menina lá, uma moça que me ensinou. Então, pra mim era muito importante eu ir pra escola aprendê. Tava junto das minhas amiga ali e tava aprendendo uma coisa que eu não sabia né. Foi muito bom. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Perguntei se a mãe-entrevistada [n.02] tinha interesse de continuar os estudos, respondeu: *“[...] não tenho mais não. Não. Não tenho mais paciência não. Não tem mais, minha cabeça acho que não aprendo mais nada, mais não”*.

A mãe e a filha foram crianças e adolescentes exploradas, abusadas, maltratadas, interrompidas e impedidas de estudar desde pequena, sempre em jogo a vontade e decisão de homens bem ou, mal-intencionados. O avô da mãe, embora tenha sido para ela um homem considerado bom, bem-intencionado em garantir a sua sobrevivência, de ensiná-la a produzir o seu próprio alimento oriundo do trabalho com a terra, não priorizou a vida escolar, de lhes ensinar ler ou escrever em primeiro plano. Enquanto o pai agressor da filha-participante [n.01], contrariamente agiu com mentalidade de um homem mal-intencionado. Sua única finalidade era a de explorar o trabalho dos filhos, o corpo, o sexo imaturo das filhas e prejudicar cada membro. Um sujeito que manipulou sua imagem conflitiva no emocional das vítimas, ora agia como suposto companheiro da mãe, marido, pai, chefe da família, mas, na verdade, seu jogo era apenas para confundir as vítimas, nada de afeto e cuidado existia de sua parte. Dependendo de seu interesse, se mostrava um pai-alfa, dominante e todo-poderoso que exigia dos filhos [obediência] absoluta, uma forma de manter sua própria autoridade e dominação sob o grupo. Não importando se era a mãe ou a filha em questão, se estava diante de um membro ou do grupo inteiro, seu interesse constante era tão-somente o de manter o ritual da exploração, vigiar, punir, afastar e isolar a família do mundo social a base do medo e dos castigos. A violência para o agressor se tornou a primeira arma no manifesto do ser anômalo, um subterfúgio consciente, racional, calculista, com poder de mando e obediência absoluta.

Contudo, o trabalho infantil para a mãe representava valor diferente com relação ao pai, para ela o trabalho agregava valor moral, dignidade humana, respeito e honra. Enquanto para o pai, significava mais-valia e exploração pura. Na mentalidade da mãe, ensinar a prole trabalhar na roça significava prepara-la para a vida. Ela mesma também foi iniciada a trabalhar no campo pelo seu avô aos cinco e seis anos de idade. Então, se os filhos fossem iniciados desde cedo, assim como ela foi, seria uma coisa boa, uma atividade considerada normal e não de exploração e aproveitamento cruel como estava sendo mantido pelo pai. Por essa razão, talvez explique o

silêncio ou o consentimento da mãe com relação às atitudes abusivas e exploradoras do pai, quiça, inconsciente.

A constatação vem com o relato das experiências da mãe-entrevistada [n.02], quando diz: “[...] eu trabalhava na enxada! Na lavoura. Plantava milho, feijão, algodão, roça macaxera essas coisas. Feijão, milho, macaxera, algodão, tudo isso que nós plantava”. O sentimento moral da mãe sendo operado sobre os filhos pequenos, transformados em trabalhadores adultos em miniatura, impacta entre outras coisas, na relação produtiva com a terra, nos valores ancestrais, na cultura e nos costumes familiares que transmitiu carga moral forte. É quando “[...] se propõe a compreender o sentimento moral à base dos instintos”, o que leva uma pessoa ou um grupo a procurar “[...] sempre o prazer fugindo a dor”, e assim seria movimentada não por razões intelectuais ou do direito da pessoa, mas sim pelas “[...] razões do coração ou emotivas”. Nesse caso, “[...] as relações humanas são sobretudo consideradas pelo aspecto básico de sua utilidade ou necessidade” um meio de sobrevivência. (FERREIRA, 1955, p. 231-235).

O sociólogo Elkin (1968, p. 28), em sua obra: “a criança e a sociedade”, ele lembra que

[...] a carência de relações primárias nos primórdios da vida também é responsável por muitas personalidades psicopáticas. O psicopata é alguém que é quase completamente egocêntrico. Suas relações com os outros são superficiais; é completamente incapaz de cuidar de outros ou de estabelecer ligações emocionais com eles. Parece não ter padrões entranhados de certo ou errado, nenhum sentimento de culpa e que frequentemente demonstra ausência geral de preocupação em situações que normalmente provocam alguma reação emocional.

As reflexões de Elkin (1968), ajuda na discussão dos eventos ocorridos com as entrevistadas dentro da família, as intenções, estratégias e ações praticadas pelo agressor, indica algo que vai além da perspectiva sociológica, transcende para o comportamento patológico, doentio e grave. Que numa outra oportunidade de estudos empíricos com homens incestuosos e agressores dos lares, esse aspecto deverá ser objeto de discussão com auxílio de outras teorias, obviamente sem afastamento do referido contexto analítico. Os conteúdos de narrativas apontam que estou diante de um sujeito com características psicopáticas, portador de uma constante mentalidade violenta e distúrbio sexual extremado. Sobre essa questão Elkin diz que: “[...] psicopatas nunca chegaram a criar uma natureza humana real porque nunca tiveram relações de grupo primário adequado”. (ELKIN, 1968), p. 29).

Na tentativa de entender o mundo familiar pensado do ponto de vista do agressor, a partir dos conteúdos de narrativas das entrevistadas e o conjunto de pesquisas conexas ao tema, dos conceitos, literaturas e teorias estudadas, há indícios de que uma criança pode manifestar em algum momento de sua infância, distúrbios ou falhas no comportamento pessoal, patologias psicológicas que impactam na conduta individual e na ação social do indivíduo. Tenho observado isso, certa regularidade quando analiso estudos e pesquisas com indivíduos de perfis violentos e perversos classificados psicopatas. Acredito, na infância é que nasce o embrião do pequeno monstro psicopata, depois se torna adulto incontrolável e de alta periculosidade social. O analisado nas narrativas de histórias de vida das participantes da pesquisa, confirma isso, o agressor das vítimas é um indivíduo que sofreu na [infância] negligências de seus pais biológicos, principalmente por parte da mãe nas primeiras fases de sua vida. Negligenciar a amamentação, os cuidados maternos e o estabelecimento de vínculos afetivos com o filho recém-nascido foi uma combinação fatal que aconteceu na infância do agressor. Pois, é na primeira infância que a mãe constrói laços fortes com a cria, o contato direto com o corpo e a base da formação dos vínculos afetivos, sociais, emocionais, o estabelecimento de limites. São elementos importantes e necessários que orienta e supre as necessidades e carências infantis. A mãe constrói uma espécie de socialização particular, privada e íntima com o filho, para desenvolver as condições favoráveis e saudáveis no contato prologando. Caso contrário, a criança pode acumular falhas no seu desenvolvimento e, com o tempo manifestar distúrbios graves, como danos irreparáveis e incuráveis em sua vida. Infelizmente, essa condição e possibilidade foi negada e negligenciada pela mãe do agressor. Essa é uma provocação crítica que precisará de aprofundamento, mas também uma sugestiva hipótese para frente de estudos posteriores.

Contudo, o histórico de vida do agressor relado pelas suas vítimas participantes da pesquisa, tem a ver sim com essa reflexão ousada, trata-se de um indivíduo órfão que foi abandonado e negligenciado pela mãe biológica na infância, que encontrou na violência um modo de pensar, agir e se fazer no mundo.

Embora, isso não justifique sua multiplicidade de atos de violências contra a família e as participantes da tese. Menos ainda as perversidades e crueldades praticadas durante tanto tempo, mas, nas narrativas e nas conversas [extras] durante o tempo de pesquisa no campo, é de conhecimento que o agressor durante sua infância e adolescência nem sequer teve contato próximo com sua mãe biológica. Quem assumiu o papel da maternidade desde o seu nascimento foi a avó



materna. Portanto, a mãe biológica do agressor não estabeleceu o vínculo com o filho, nem solidificou o grupo primário dado pela convivência com a família. O agressor das participantes e sua irmã mais nova quando foram crianças, viveram sem os cuidados materno e sem proteção da mãe. O agressor nasceu, a amamentação materna foi negada, ficou sob a guarda dos avôs até o falecimento dos mesmos.

O abandono dos filhos, as violências contra as participantes e a prole, pode estar vinculada a essa memória nociva que trouxe de sua infância negligenciada pela própria mãe. O homem de mentalidade violenta quando criança foi deixado no mundo para seguir a própria sorte, se tornou adulto, casado, pai de filhos, sem ter sido socializado na cultura familiar, submetido a regras e normas sociais, moldado para obedecer limites. Nada disso fez parte de seu cotidiano.

Tornou-se um homem perigoso, agressivo, feroz, predador doméstico que foi capaz de abusar e atacar a própria família. Por isso a explicação de Elkin (1968) e os estudos psicanalíticos fazem sentido. Há sim uma grande possibilidade de estar aqui analisando práticas de violências domésticas e incesto familiar movimentado por um homem portador de distúrbios mentais sérios, requer alerta e cuidado permanente. Se todo estuprador tende demonstrar comportamento psicopático, é provável que o agressor das participantes seja um deles. Estou falando de um sujeito sem a precondição de natureza humana, das aptidões necessárias para a socialização de valores, de regras e limites necessários para a convivência social, seja com a família e a sociedade mais ampla.

Os danos praticados contra as entrevistadas e a família são atos irreparáveis, imensuráveis, do ponto de vista das consequências emocionais e sociais, com o tempo os efeitos se alongam, se aprofundam de tal modo que tende impedir a existência de vida saudável. Conviver com a dor e a memória de um passado sofrido, é como viver numa prisão particular onde a vítima encarcerada precisar encontrar forma de sobrevivência. Um indivíduo criança ou adolescente submetido a violências domésticas, ao trabalho degradante e exploração sexual, na vida adulta não conseguirá apagar tais memórias de sua mente, desprogramar as imagens vivenciadas. São práticas incompatíveis com o seu desenvolvimento saudável, por ser a fase inicial da vida um momento mais delicado, ingênuo, puro, em que a criança nada filtra, absorve as informações como uma esponja aberta, estar limitada pela imaturidade física, emocional e social.

Ter o vínculo de sangue [ser filha] ou conjugal [companheira] com o agressor, era um peso moral para as entrevistadas. O breve período da infância e adolescência em que a entrevistada [n.

01] conviveu com o pai agressor e frequentou o pouco tempo de escola, sofria constrangimento público e vergonha social perante os colegas e a comunidade escolar. É uma situação que ela relata:

Às vezes, se comentado, né, inclusive na escola algumas vezes eu presenciei algumas situações não agradáveis, ele passava na rua e as pessoas chamavam ele de, chamavam ele de estuprador. Algumas pessoas que conhecia que sabiam do caso né, desse caso verídico né, verídico, chamavam ele, até mesmo na cara dele, implicando com ele, às vezes estressadas com ele, chamavam ele de estuprador.

Na escola tinham algumas pessoas quando queriam, crianças né referente à escolar. Na escola, eles às vezes faziam: o teu pai é estuprador, na escola, então assim a gente ficava, ficava triste né, de mãos atadas porque sabe que aquele fato é verídico. Sem ter como mudar, não dizer: não o estuprador é o teu, não posso dizer isso porque o dele não é então o meu é. Então, eu tenho que engolir a seco aquela, aquela agressão! Ainda bem né. Mas é isso, referente a ele na comunidade ele não tem o mínimo respeito, as pessoas não têm o respeito com ele, que tem pela minha mãe né. As pessoas veneram e admiram demais a minha mãe. O problema porque é... são fatos verídicos né, que realmente aconteceram e acontecem até hoje. Não sei a história da vida dele com a família dele atual, não sei. Mas eu não duvido que role também violência sexual lá, ou qualquer tipo de violência com a família atual em si, eu não duvido, tenho quase certeza que sim. Mas, aí é com ela, são com elas, tô tentando cuidar da minha né, é o mínimo possível. Taí o meu relato da minha história de vida. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

A exposição dos acontecimentos na família, a desonra e a insegurança causada para a filha em detrimento da má conduta e atitudes prejudiciais do pai, aprofundou o isolamento social dos membros e do grupo. O abalo sofrido se estendeu para a comunidade, as notícias vergonhosas se transformaram em sentimentos dolorosos afetando a saúde emocional e social dos membros de forma grave. Com o tempo, o arquivo mental pode ser reaberto, se desenvolver quadros de isolamento social grave, distúrbios, pânico, dissociabilidade e outras patologias que os membros da família venha sofrer. Afastar-se da comunidade de origem e do grupo familiar pode ser uma forma de evitar acusações, hostilidades e sofrimento pessoal em aberto. Frequentar a escola e conviver com a comunidade local para a entrevistada [n.01], não, representava algo tão positivo ou motivador para ela, era sim um desafio conviver com os questionamentos da vizinhança contra o pai, da escola e da pequena comunidade onde todos se conheciam. Para uma criança ou adolescente, certas perguntas, acusações ou apontamentos em sua direção, sobre a família, irmãos, pai e mãe se torna um castigo, calvário ou quase uma sentença de morte. A família para ela é sagrada, é sua referência mais importante. Se dispor a ouvir comentários negativos, inquirições ou qualquer tipo de atividade nesse sentido, é difícil e doloroso o bastante. As memórias de vergonha e constrangimento marcam a infância e a adolescência das vítimas de forma negativa, os filhos não

conseguem explicar as atitudes e atividades nocivas dos pais, menos ainda se defender da reprovação social.

São perdas graves para um membro nas fases iniciais da vida, para a criança e o adolescente a família, a escola e a comunidade configuram instituições de referências importantes na sua orientação e formação pessoal da identidade, do caráter, personalidade, na socialização dos valores e transmissão das regras e do ordenamento social como um todo, ensinamentos que permanecem ativos para o resto da vida de uma pessoa. São processos indispensáveis na formação das crianças e dos jovens principalmente. Sem a transmissão dos valores culturais colados na convivência social familiar e nas trocas com a comunidade de forma positiva, sem essa possibilidade o indivíduo não se desenvolve em sua plenitude e de forma saudável. Embora, o observado nas narrativas das participantes, indica que a maioria dos filhos e filhas vitimados pelo pai agressor, que se separaram da família e da comunidade de origem, saíram em condições bastante negativa e conflitiva com o grupo interno principalmente, tanto que a maioria dos membros não retornaram mais para a cidade de origem. A socialização ampla e a convivência social dos membros com a comunidade principalmente, infelizmente foi interrompida, deixada para trás ou apagada da memória em certa medida.

#### b) Adolescência-adulta

Da adolescência à vida adulta as experiências vividas pelas entrevistadas e os demais membros da família vitimados por violências domésticas foram sendo ampliadas de dentro para fora do ambiente de moradia. Os constantes eventos de agressões domésticas, abusos sexuais incestuosos dentro de casa, maus tratos e toda espécie de ação nociva, levaram as meninas adolescentes e os meninos do grupo a experienciar uma multiplicidade de riscos, de inseguranças e incertezas de sobrevivência no presente e no dia seguinte. A relação de conflito, riscos, ódio e desprezo do pai biológico expulsou os filhos de casa para o mundo estranho. Situações de riscos sobre riscos era uma constante no cotidiano dos membros da família.

Uma vez expulsos, os mundos habitados agora se tornaram maiores do que o espaço doméstico privado, sobreviver nos ambientes desconhecidos dos grandes centros urbanos, morar em condição precárias e desumanas em favelas, periferias, locais de exposição às drogas, prostituição e tantas outras possibilidades de desvios da vida digna, foram desafios inimagináveis

pelos adolescentes inexperientes vindos do interior. Meninas e meninos criança-adolescentes habituados ao mundo rural da pequena cidade, ganharam o mundo urbano nos diferentes territórios do país sem proteção alguma.

A narrativa da entrevistada [n.01] representa essa realidade e experiências vividas, impactadas no próprio corpo-alma desde o momento em que foi expulsa [fugiu] da casa do pai biológico agressor. Dentro e fora da moradia encontrou riscos diversos, exploração do trabalho doméstico e abuso sexual dentro de outros grupos familiares estranhos. Se deparou com os mesmos problemas experienciados dentro de sua própria família.

Quando eu resolvi sair de casa com os meus 14 anos, eu tenho uma das minhas irmãs mais velhas, ela trabalhava, inclusive até hoje trabalha também ainda como doméstica em casa de família. Então, ela conseguiu me arrumar um trabalho com 14 anos como babá. Saí dos braços da minha mãe né, saí de lá. Acho que eu tinha 3ª série do ensino fundamental, analfabeta né.

Pronto. Aí no caso ela me arrumou esse trabalho como babá, fiquei uns 4 anos trabalhando como babá. No centro de Recife, bairro das Graças. Isso. Morava no trabalho e tinha uma folga de 15 em 15 dias. Final de semana.

Isso, nas minhas folgas. Nas minhas folgas ou eu ia pra casa da minha irmã que morava no subúrbio né, ali numa favela ou eu ia passa final de semana com ela ou eu ia pra M. As vezes escondida, porque segundo o dilema dele (meu pai), quando os filhos saíam de casa, ele não aceitava mais de volta. Então, assim, quando eu ia visita a minha mãe, eu ia visita escondido e quando ele aparecia, eu me escondia porque ele não aceitava nenhum filho de volta quando saísse, saía de casa. A gente procurava saber quais os dias que ele não estava em casa e ia visitá-la. Aí, no dia seguinte, já era a minha folga e eu voltava pra trabalhar novamente.

Eu estudei um tempo, no início. Aliás, passei dois anos ou um ano e meio sem estudar mais ou menos, depois eu voltei a estudar num colégio lá, numa escola que o pessoal, a família lá conseguiu me matricular. Porque eu sem documentação nenhum. Automaticamente, eles já foram tirando meu documento, tive carteira de trabalho e identidade que eu não tinha não, só fui com o registro de nascimento. E graças a Deus eu tive meu registro senão nem registro eu teria né

Que eu fui registrada tinha já mais de sete anos de idade. Isso devido a cobrança da minha mãe né, esperando que vários irmãos, outros irmãos também não tinham registro. Foram vários irmãos registrados de uma só vez.

Então todos passaram o que eu passei referente a documentação, a inclusão em escola e tudo mais.

Não. Foi como eu falei, eu estudei um tempo um ou dois anos quando tava trabalhando como babá depois eu não fiquei mais no trabalho, que eu larguei o trabalho e fui procurar um outro. Aliás, a criança cresceu, me dispensaram, eu fiquei um tempo desempregada morando com a minha irmã e depois arrumei um outro trabalho. Como babá também, nesse 2º trabalho como babá eu fiquei pouco tempo, acho que fiquei o que, uns oito meses mais ou menos. Daí então, minha irmã arrumou um outro trabalho pra mim, pra trabalhar como doméstica em Gravatá, na casa da mãe da empregada dela que morava em Gravatá. É uma outra cidade, próxima a Recife né. Aí, eu saí da casa dela e fui trabalhar em Gravatá, só que eu não me habituei aos idosos né, também era assim, as casas ficavam muito distantes da cidade, meu Deus! Era muito isolado, muito escuro, ficava só eu e dois idosos, que eram bem idosos mesmo. Aí, eu não me adaptei ao ambiente, entrei em contato com um colega meu, Júnior que inclusive eu conheci Júnior quando eu estudava no colégio como babá, dentro daqueles dois anos, aí eu tinha o contato dele né, e me vi desesperada

né. Eu me vi desesperada, aí ele arrumou um trabalho pra mim, onde ele tava trabalhando numa agência de turismo, vendia pacotes turísticos.

Aí ele falou com o chefe dele lá e consegui esse trabalho. Eu vim de Gravatá de volta morar na casa de minha irmã. Eu cuidava do meu trabalho e nesse meio tempo, minha mãe tava lá com os meus dois irmãos caçulas, lá em M. né, embaixo das asas dele né, ele quem mandava e desmandava. Ela não tava aguentando mais com que ele estava explorando muito as duas crianças né e não deixava eles estudarem, ficava forçando que eles fossem trabalhar no sítio com os trabalhadores. Dois pré-adolescentes, que a minha irmã caçula já era pré-adolescente né.

O meu irmão caçula também tava, era adolescente também já, ele deveria ter o que, uns 11 -12 anos.

Então, eu me vi meio que aperreada né, porque ela tava aperreada com ele quando eu estava desempregada, então como eu arrumei um trabalho nessa área de turismo, aí no caso eu namorava e tinha esse meu namorado, ele conseguiu uma casa, uma casinha, uma casa pra mim próximo a minha irmã.

Aí ele comprou essa casinha pra mim e aí eu peguei, via o desespero da minha mãe, minha mãe tava querendo sair dali de todo jeito, que já não aguentava mais as discussões dele com a minha irmã né, a caçula. E as discussões dele com o meu irmão caçula também, ela não tava aguentando mais, passava mal, ia pro hospital, a pressão subia. Aí, eu fiz um convite, perguntei se ela não queria vir morar comigo até resolver essa situação. Aí, ela disse que ia pra qualquer lugar, que até pra baixo da ponte ela iria, só queria sair de lá. Peguei, tá certo mãe, a senhora venha. Arrumei o trabalho né, fui me organizando e a gente comprou um colchão, compramos um fogão e se organiza pra gente tá todo mundo junto, a família junto. Deixa aquela criatura pra lá, que não adianta a senhora viver com ele desse jeito. Daí então, ela veio morar comigo no subúrbio de Olinda nessa casa que eu tinha ganho. Ela veio com o mínimo, veio sem nada só com a roupa do corpo que não podia trazer nada, veio escondida, fugiu dele com as duas crianças, daí ela veio morar comigo. E eu fiquei trabalhando né, nessa área de turismo pra sustentar os dois. Os três no caso, ela e os dois meus dois irmãos caçulas. Aí nesse meio tempo, eu trabalhei um tempo, um período.

Aí ficava trabalhando, o meu irmão caçula devido a história dele, nasceu e viveu no sítio né. Aí não teve a mesma liberdade de onde nós estávamos, que era uma favela. Aí nesse tempo ele estava querendo se envolver em droga, a minha irmã também que era adolescente tava se envolvendo com pessoas errada né, teve um namorado que a espancava todinha, e tudo isso eu não via porque eu passava o dia trabalhando fora. Chegava em casa tarde pra descansar e no outro dia trabalhar novamente. Tudo isso, a mamãe me falava e ficava de mãos atadas sem poder fazer nada. Tava dando o máximo de mim pra tentar suprir as necessidades deles e a minha também né, sobreviver. Aí pronto, e nesse meio tempo ela viu a situação dos dois, ela como mãe vê o erro de longe né, de estar com pessoas erradas, a gente entrou em contato com essa minha irmã referência né, que o suporte da família, sempre nos apoia em todos os sentidos referente a psicológico, conversa, alerta, ajuda incentiva a estudar, o suporte da família é ela. Então, minha mãe entrou em contato com ela e explicou a situação.

E nesse meio tempo ela veio né, do destino dela onde ela estava no momento, veio ao nosso encontro e viu que a gente tava naquela situação, onde nós estávamos. E a situação que aqueles dois adolescentes se encontravam. Aí pronto, ela pegou, se virou nos trinta e procurou casa comigo, foi lá na Secretaria de Ação Social de Recife procurar alguma casa pra alugar, fazer qualquer negócio pra tirar eles, nos tirar dali. Aí não conseguiu, entrou em contato com uma conhecida lá em M. que a disponibilizou uma casa alugada pra mamãe e pras duas crianças. Aí pronto, aí mamãe aceitou voltar pra M., mas não pras mãos, pros braços, pras mãos de papai no caso. Aí pronto, ela alugou a casa e ficou pagando a casa pra minha mãe, mamãe não tinha renda nenhuma, sem estar aposentada, não podia, não tinha mais disposição pra trabalhar, nem saúde pra trabalhar na enxada pra manter a família. No caso, as duas crianças caçulas que viviam com ela ainda. Então, essa minha irmã que sempre deu suporte a ela. Pagou a referente moradia, alimentação, deu

apoio psicológico porque era toda uma história né, de complicação de família né, e cada um que tem a sua história, então é isso. Aí nesse meio tempo quando eu estava trabalhando e morando com ela já, eu conheci o pai das minhas crianças. Eu me envolvi com ele e nesse meio tempo minha irmã né, veio socorrê-la, a levou de volta pra M. e eu fui viver a vida né maritalmente com o pai das minhas crianças, na casa da mãe dele. Já tinha engravidado também já. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Fromm (1979, p. 142-143), ao discutir sobre o instinto de fuga, afirma que, “[...] a fuga é uma reação de defesa”. O impulso de fugir ou de lutar “[...] ambos os impulsos são integrados da mesma maneira; e não há base para afirmar que a agressão seja mais “natural” do que a fuga”. O autor compreende que a pessoa é levada a fugir ou enfrentar certas situações de riscos, quando é afetada “[...] por um impulso inato, que pode tentar controlar através de sua razão”.

No relato da filha-entrevista [n.01], é observado essa atividade interna manifestada no comportamento e atitudes de decisão. Ao fugir da casa, das agressões e ameaças do pai biológico, estava em jogo situações extremas de riscos e de insegurança no grupo. Embora, no mundo externo tenha encontrado situações iguais ou semelhantes ao vivenciado dentro da família. O ato de permanecer, fugir e enfrentar os riscos, a decisão instintiva perpassa também por um sistema de cálculo e racionalidade operante que internamente mede e avalia as possibilidades de defesa ou de rendição.

A decisão de ir embora sem destino, saindo de uma teia de riscos familiares para outras estruturas desconhecidas, a causa, os motivos e motivações do instinto fugitivo revela a raiz do problema nascido desde a fecundação embrionária no ventre materno violentado. Fugir de casa produziu outros sofrimentos para a participante, o reflexo disso é o acumulado de eventos de violências transmitidas e impactadas na vida pessoal como se fosse parte do seu DNA genealógico de família. Os riscos conhecidos e desconhecidos dentro de seu grupo primário ativou os impulsos instintivos de fugir para se livrar do problema das violências do pai, mesmo sem saber que no mundo desconhecido sofreria regularidade dos mesmos fenômenos, tanto na vida pessoal quanto profissional enquanto garantia da sobrevivência.

Na sequência da entrevista procurei entrar no mundo das experiências profissionais e produtivas das entrevistadas. A filha-entrevista [n.01] respondeu da seguinte forma:

É, atualmente a minha profissão é de vigilante né, tenho experiência na área de vigilante, mas infelizmente eu me encontro desempregada já há oito meses, então infelizmente eu passo um pouco por uma situação complicada, tenho duas crianças e no momento tô nessa situação, sem emprego.

Eu saí de casa com 14 anos de idade né, devido as condições anteriores que eu já informei, que ele não deixava a gente estudar, nós éramos muito explorados né, trabalhava. Referente a trabalho braçal e outro tipo de exploração que não é o caso no momento, isso é posterior se houver necessidade. É, então saí de casa aos 14 anos pra trabalhar, pra me manter, e ajudar minha mãe, porque ela passava por muita necessidade e com os menores, os dois caçulas para ajudar, referente a estudo e tudo mais. Que ela não tem condições, ela era analfabeta e trabalhava no serviço braçal mesmo no sítio dos outros pra tirar o pão de cada dia. Então, saí de casa com 14 anos, morei um tempo no Recife trabalhando como babá depois foi morar em Itamaracá onde conheci o pai das crianças e hoje eu resido aqui em Igarassu.

Quando eu tava em Itamaracá, uma colega minha me informou que tinha um programa do governo federal, eu tenho minha casa financiada hoje pelo programa do governo “Minha Casa Minha Vida” e vivo nela com os meus 2 filhos. É referente a casa em si, minha casa é muito boa, tem dois quartos, sala, cozinha, tá ótimo. Mas, a questão infelizmente é o local.

É a infraestrutura referente a escolas, a saneamento básico né, a hospitais ou PSFs né, essas coisas, então tá muito bem precário atualmente onde eu vivo. Mas, infelizmente ou felizmente graças a Deus eu tenho a minha casa, não tenho que reclamar, tenho ela em dia devido ao programa. Estou recebendo hoje graças a Deus o programa “Bolsa Família” né, então estou sobrevivendo com ele, também não tenho pensão alimentícia, não estou recebendo pensão alimentícia há uns dois anos, é muito complicado. Mas, a gente vai se virando do jeito que Deus quer né. Faço faxina, pinto uma grade, o que aparece eu faço, pra não deixar faltar pão pros meus filhos e assim, até aparecer um trabalho, um currículo aqui outro currículo ali, falando com amigos, com parente pra tentar me inserir novamente no meio de trabalho.

Eu trabalhei um período, quando comecei minha vida profissional como Babá, em seguida trabalhei com Telemark fazendo pesquisa pra turismo, depois trabalhei um tempo na empresa de Telecom, de telecomunicações né, com o telemarketing em Recife, e no próximo trabalhei também na Prefeitura, próximo aqui da minha cidade, ali em Itamaracá, na Prefeitura né, como Auxiliar Administrativo com digitação, meu último trabalho como eu relatei também no início foi como vigilante. Minha profissão atual é vigilante. É isso. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Sobre esse mesmo aspecto, a mãe entrevistada [n.02], não revelou as experiências do passado, a sua luta pela própria sobrevivência e de seus filhos pequenos, se referiu aos dias atuais, assim disse: *“Eu sou aposentada. Não lembro, acho que já faz, acho que já faz uns, uns 8 ou 9 anos já, eu acho. Me aposentei, eu tava com 55 anos”*. Com a aposentadoria rural e recebimento de um salário mínimo, a mãe-entrevistada [n.02] era uma mulher completamente dependente financeiramente do pai de seus filhos, antes do benefício previdenciário, sofria muitas dificuldades para se manter viva e sobreviver ao dia seguinte com suas crianças pequenas. Com a possibilidade de requerer a aposentadoria rural por idade, os conflitos com o seu agressor e pai de seus filhos se agravaram, pois ela precisava de informações contidas no documento da propriedade rural que provasse sua atividade produtiva para dar entrada em sua aposentadoria, coisa que ele se negou a conceder tais informações.



A mãe-entrevistada ao iniciar o seu processo de aposentadoria rural via sindicato dos trabalhadores rurais da cidade, a trabalhadora de seu próprio marido-agressor, explorada, agredida e abusada sexualmente desde sua adolescência, não pode contar de imediato com o apoio do infame. Por anos, teve que pressionar o indivíduo a conceder tais informações sobre a terra, mesmo na condição de separada, sem renda para o sustento, vivendo com a ajuda de uma filha, o homem para quem trabalhou a vida inteira, reprodutor de 19 gestações, quando na idade avançada necessitou seu apoio contínuo a negá-lo. Mais tarde concedeu por pressão da comunidade e do sindicato dos agricultores da cidade para fornecer tais informações e os documentos comprobatórios com relação a ex-mulher trabalhadora rural de sua propriedade. Já que o documento de registro da propriedade concedido pelo <sup>18</sup>Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, estava sobre sua posse. Trata-se de um

Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR), é o documento expedido pelo Incra que comprova a regularidade cadastral do imóvel rural. O certificado contém informações sobre o titular, a área, a localização, a exploração e a classificação fundiária do imóvel rural. Os dados são declaratórios e exclusivamente cadastrais, não legitimando direito de domínio ou posse. (INCRA, 2018).

Depois de muito aborrecimento, constrangimento e humilhação, a mãe-entrevistada [n.02] conseguiu sua aposentadoria rural junto Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, finalmente, pela primeira vez sentiu-se e se tornou uma mulher livre e independente financeiramente falando dentro de suas condições de vida humilde. Nos contatos que precisou estabelecer com o seu agressor, a proposta dele era que, se ela quisesse o certificado de suas terras teria que repassar metade do valor de sua aposentadoria em suas mãos, um percentual de seu salário mínimo do que tinha direito a receber. Obviamente, a mãe-entrevistada [n.02] se negou a conceder as informações.

Para o agressor, a proposta seria uma forma da ex-mulher recompensá-lo pelo favor requerido em seu benefício. Embora, o casal estivesse separado há anos, desde o dia em que a mãe-entrevistada [n.02] fugiu da propriedade do agressor com seus dois filhos caçulas para o Recife, na tentativa de escapar das agressões e exploração do trabalho infantil imposto sobre seus últimos dois filhos pequenos, os caçulas que restou da família. Mais de dois anos ficou fora da cidade de origem,

---

<sup>18</sup> **INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, é uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional. Criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, atualmente o Incra está implantado em todo o território nacional por meio de 30 superintendências regionais. Disponível em: [http://www.incra.gov.br/institucional\\_abertura](http://www.incra.gov.br/institucional_abertura). Acessado em: 02, março de 2018.

mas teve que retornar por conta das violências na grande cidade-capital, quando pediu ajuda a uma de suas filhas mais velhas para alugar uma casa na cidade de origem para sua segurança e abrigo com seus dois filhos caçulas adolescentes na época. Conseguiu voltar e permaneceu vivendo nessas condições por mais dois anos, o grupo três pessoas sendo mantido por um membro que morava em outra regi~]ao do país, a filha mais velha assumiu as responsabilidades na garantia do sustento e pagamento dos alugueis da moradia, até conseguir que o agressor comprasse uma casa para a mãe-entrevistada [n.02] como direito civil e obrigação moral. Finalmente, depois de muita pressão e ameaça de entrar na justiça, abrir processo civil, o agressor comprou um casebre para a a entrevistada morar. É onde vive até os dias atuais.

Os conflitos familiares mantidos pelo agressor contra a mãe e os filhos era a base de seu controle no grupo, por ser o dono das terras, detentor dos documentos da propriedade, por ter dado o seu sobrenome no registro de nascimentos dos filhos. Decerto, se acha dono de tudo, incluindo os corpos, o sexo das mulheres [mãe e filhas], dono da força de trabalho dos filhos trabalhadores e, finalmente da vida de todos os membros da família.

Na convivência familiar ele não demonstrava possuir vínculo afetivo algum, nem conduta de um homem casado, chefe de família marido e pai. Era sim um ser imoral, lobo travestido de pai, um individuo de natureza perversa, agressiva, insensível e desumana. Nada mais do que um predador estranho ao grupo que usava a mãe e os filhos para se beneficiar com exclusividade e descarte.

A relação predatória e anômala era contraria ao que se esperava socialmente de um pai, prevalecia a dominação e abusos irrestritos. O aprisionamento do corpo físico dos membros da prole afetou também a estrutura emocional de cada um, o que mantinha a mãe e os filhos sob total dependência financeira e o mínimo para sobrevivência em condições precárias no cativeiro privado. Nenhum beneficio era concedido pelo agressor, nada era disponibilizado para a família sem barganha e vergonhosa humilhação. Essa era a condição imposta para a família, se a mãe e os filhos quisessem permanecer no ambiente tinha que seguir tais condições, até ser expulso ou fugir do lugar para sempre.

Essa situação pode ser observada quando a mãe-entrevistada [n.02] teve a oportunidade de conquistar sua mínima independência financeira, de se aposentar com um salário mínimo seu sustento e sobrevivência. Aí, que o agressor “dono dos corpos” se manifestou com absoluta e raivosa oposição para o impedimento. Em ultimas consequências, se colocou como oportunista

tentando tirar vantagem e proveito da situação da ex-companheira, no sentido dela recompensá-lo financeiramente pelo favor prestado. Felizmente, a mãe-entrevistada [n.02] se aposentou, se libertou da convivência direta e negativa com o seu agressor e de sua família, conquistou relativa liberdade e autonomia.

### c) Imagem e autoestima afetada

As violências perpetuadas na família atinge o ápice das agressões físicas, dos maus-tratos e dos abusos sexuais incestuosos praticados pelo agressor. Todo o grupo foi atingindo e afetado, principalmente quando uma filha adolescente foi abusada e estuprada por ele dentro e fora da moradia durante dois anos consecutivos. A descoberta de suas atividades incestuosas causou sérias consequências e sofrimento moral para toda família. Duramente, a mãe-entrevistado [n.02] por ser a matriarca do grupo teve grande impacto. Sua dignidade e honra pessoal foi afetada em profundidade. Com suas palavras ela declara:

Eu me senti, me senti muito triste. Por que eu não esperava que isso fosse acontecer na minha família. Também sei que a minha família, os meus filho com certeza também se sentiram triste também. Mas, sei que não é fácil, não foi fácil pra mim, não foi fácil pra elas. Sei que inda hoje elas têm é, é..., sofre sobre isso e eu também. Porque eu não queria que fosse assim, mas infelizmente aconteceu.

Eu sem experiência, minhas filha também sem experiência passemos por isso, por essa, essa, essas coisa que a gente não esperava, mas, eu senti muito. Que eu queria vivê junto dos meus filho. Hoje, vivo separada da maioria por causa disso que elas não querem nem vir me visita, porque não querem vim pra esse lugar porque lembra do que aconteceu né? E não se sente, não se sente feliz junto a esse lugar. Porque vai lembrá, vai vim toda lembrança. Muito embora, que a lembrança dela não vai esquecer, mais eu acho que ela achando que vem pra aqui vai senti mais constrangida né, porque vai se lembrá do que aconteceu.

Também. Isso aí também mudô a minha vida. Mudô a minha vida porque depois que eu soube que essa, essa, essa, essa experiência que eu passei junto com ela, a minha vida realmente não era mais como era. Mudô, a minha vida mudô!

Mudô, minha vida mudô porque eu ainda era uma mulher nova quando isso aconteceu, tinha uns 45 ano acho, e fez com que eu, eu perdesse a autoestima de, de, de homem. Fiquei com, com, com medo, com raiva de home porque se eu quisesse te arrumado outra pessoa eu tinha arrumado, mas não achei, não me achei com coragem, porque o pai dos meus filho aconteceu isso, imagina outra pessoa!

Então, em certa, certas forma, eu me senti diminuída assim como mulher. Mas, to me recuperando por causa das minhas filha, dos meus filho. Pelo amor que eu tenho ao meus filho e eles têm a mim, eu to recuperando, to recuperando isso aí. Esse sofrimento que eu passei junto com eles. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

As violências na família, levou a mãe-entrevistado [n.02] a viver num permanente estado emocional afetado, com medo e sua autoestima baixa, além do corpo e d'alma machucada. Sua condição de mãe e mulher foi atingida com força, sentindo-se “derrotada” perante os filhos e a comunidade por não conseguir enfrentar o agressor. O homem que arruinou sua vida e destruiu sua família sem nenhum sentimento de culpa, de arrependimento ou dor. Plantou nela um sofrimento que talvez nunca se apagará de sua memória.

O sentimento de derrota, impotência e inferioridade está sendo medido pela auto representação social perante os outros que olham na sua direção, julga ou espera alguma atitude contra o agressor, ação que não consegue proceder é paralisada pelo medo. É fato de que a mãe e a família sofreu ou ainda sofre as consequências das violências domesticas perpetuada na família, ao lembrar dos eventos manifesta sofrimento e angústia, até o sentimento de culpa intercambia a dor nas palavras ditas. O acúmulo de experiências dolorosas permite hoje perceber que algo esteve muito errado em sua família, o quão foi ruim a companhia do agressor para si e seus filhos, comenta a mãe-entrevistado [n.02].

Após a separação da mãe-entrevista [n.02] da convivência com seu agressor, é possível observar em suas narrativas as importantes mudanças em torno de sua vida e da recuperação de sua autoestima. Até a percepção de si para com os outros com relação a sua própria segurança pessoal e independência financeira. Com o tempo, voltou a frequentar novamente a escola, ter a liberdade de ir e vir para onde quiser. Foi se libertando da opressão e controle do agressor que atingia diretamente sua autoestima e autoimagem perante os filhos e a comunidade.

#### d) Família de sangue - valor de honra e desonra

Na percepção das entrevistadas o grupo familiar [mãe e filhos] passaram por situações marcantes e negativas na companhia do agressor em comum, com quem os membros passaram as fases mais importantes de suas vidas. Apesar da percepção negativa do grupo para com o agressor, da desonra familiar causada pela má conduta social, a filha-entrevista [n.01] e os demais irmãos se espelharam nos exemplos considerados positivos transmitidos pela mãe. Os valores individuais e coletivos que ela socializou ou ensinou desde pequenos. A honradez individual implicado na relação de respeito com os outros, ação correta e honestidade, ser uma trabalhadora digna, não falar mal de ninguém nem mexer nas coisas alheias; foram ensinamentos com significado forte para os

membros do grupo, com carga e valor positivo de honra. Caso contrario, a desonra recairia sobre toda a família perante a comunidade de origem, reforçando a imagem negativa impactada sobre o agressor. O aspecto valorativo é visto em Goode (1970), o autor afirma que

[...] em todas as sociedades conhecidas, quase todos os indivíduos vivem enredados numa trama de direitos e obrigações familiares chamados relações inerentes ao papel. Durante a infância uma pessoa torna-se conhecedora dessas relações através de um longo período de socialização que é o processo no qual ela aprende de que modo os outros membros de sua família esperam que ela se comporte e ela mesma possa sentir que esse é o modo correto e desejável de se comportar. (p.11).

No caso das entrevistadas, por ser membros de um grupo consanguíneo extenso, nuclear, patriarcal que mostra seus limites fechados para o mundo externo, apesar das características fortes da natureza do grupo, para as participantes fica claro a rejeição e negação da figura patriarcal do agressor, a pesar dele existir contaminando a família sua imagem não representa os membros. Embora, sua presença negativa afete o mundo social e emocional do grupo, mesmo assim nada tem a ver com valores compartilhados entre si. Pai-agressor, Mãe e filhos vivem em mundos distintos. Na hierarquia social no cotidiano familiar, o grupo produz um lugar onde “[...] as relações familiares possuem um intenso significado emocional para quase todos os membros” (GOODE, 1970, p.11), menos na relação com o patriarca agressor. Havendo dentro do sistema de funcionamento separação e distanciamento mutuo entre os membros do mesmo grupo. Uma família que se divide internamente desde o nascimento da prole.

A desonra que causa vergonha para os membros e o grupo é a parte mais negativa para a família, o julgamento social-moral do agressor atinge e recai sobre o grupo como elemento que foge da vontade individual e do controle social. Além da família, a comunidade também julga ser um homem violento que não merece respeito dos filhos nem da vizinhança próxima. A separação interna do grupo é tão forte com relação ao agressor, que a mãe-entrevistada [n.02] não se percebe parte do próprio contexto, para ela quem esta sendo desonrado e humilhado é o pai de seus filhos e ex-companheiro, e não ela. Com essas palavras se manifesta:

Na verdade quem ficô diminuído foi ele, não fomo nós. Porque a gente, todo mundo conhece a gente, sabe que é uma família de pessoas distinta, direita. Agora, com certeza pra pessoa dele é que foi diminuída na comunidade, na vizinhança. Diminuída assim, porque eu acho que um cidadão não vai confiá numa pessoa dessa mais né. Não vai confiá nem a filha, nem a sua esposa pra uma pessoa dessa. Então, eu acho que uma pessoa dessa ela se, se acha é uma pessoa diminuída na comunidade, eu acho assim.

Agora, a gente não. A gente continua a mesma coisa que a gente era, que a gente somo pessoa direita e honesta. Não temo nada que se envergonhá, a vergonha que, que, que, quem deve ter é ele, porque foi ele que fez tudo de errado, tudo de ficá humilhado mesmo, sê humilhado mesmo. É isso. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Na sociedade brasileira independente da região territorial do país, seja com relação as populações ocupantes de territórios urbanos ou nos espaços rurais, a noção de honra e desonra faz parte do mesmo esquema moral positivo ou negativo associado às atitudes dos indivíduos e grupos. Nas cidades o sistema tende ser mais aberto e com valor fraco; no interior, nas cidades pequenas e comunidades, o valor de honra e desonra opera com força e de forma fechada. De qualquer modo a noção é interpretada com variações e força, regularidade e dinâmica aberta ou fechada dependendo da região e contexto cultural da formação de cada grupo.

No nordeste, essa construção social-emocional ocupa um lugar central na vida das famílias e dos membros de seu grupo. Na cidade de origem das participantes as condutas morais são levadas a sério e importante objeto de interpretação e julgamento. A maioria dos grupos familiares presam pela tradição e os bons costumes enquanto valores morais respeitados coletivamente; reforçados pelo ordenamento religioso que ganha outras dimensões na vida em família. Na prática, as atitudes honrosas e desonrosas ganha força que vai para além do conceito sociológico. Como diz Peristiany (1965, p.65), a honra é parte do “[...] orgulho de sangue, sentimento muito cultivado” dentro das famílias que representam a comunidade.

Em outras palavras, é a

[...] convicção de que homens bons constituem, antes de mais nada, uma comunidade de fies, ideias que derivam da propaganda cristã e que – como muitas vezes foi observado – tende a restringir de modo considerável os princípios éticos difundidos na época clássica em que a comunidade era, antes de mais nada, a comunidade de cidadãos. (PERISTIANY, 1965, p.65).

Por essas e outras razões é que a mãe-entrevista [n.02], seus filhos e sua filha-entrevista [n.01], diz preservar os valores sociais e morais da família, segue com rigor as normas e os preceitos socializados e transmitidos pelos moradores mais velhos para os mais novos dentro da comunidade. Para as participantes observar os valores morais significa ser merecedor de honra, respeito e dignidade individual cultivada no ordenamento cultural da comunidade. Por isso, é compreendido que a desonra do pai-agressor, suas atitudes desonrosas pertence somente a ele, talvez seja essa uma declaração que sirva de conforto emocional para as participantes e o grupo.

A vida social da família manifestada a partir dos sentimentos, percepções e valores implicados nas atividades simbólicas e práticas, revela o modelo e família e de comunidade com comportamento social relativamente rígido. A desonra do agressor da família afeta diretamente o grupo por conta dos laços de sangue e a comunidade por abrigar um membro com natureza e atitudes tão negativas. O agressor leva a família e a comunidade a viver sempre na espreita, em alerta, tornando-se um inimigo no inconsciente individual e coletivo. Qualquer evento negativo envolvendo agressões domésticas, desavença, abusos sexuais, estupros ou ataques surgidos de qualquer direção, logo é associado a imagem do agressor da família. A acusação, repulsa e julgamento no imaginário coletivo é imediato. O agressor, algoz das vítimas e de sua família tornou-se um sujeito condenado pela coletividade.

Embora, a punição silenciosa ou não, é também transferida para as vítimas e a família, os membros sofrem as consequências da condenação social de forma dura, pelo julgamento moral e morte social do agressor pela comunidade. A mácula da desonra e mancha de sangue pelas agressões, abusos e estupros praticado por ele, não foi reparado ou vingado de acordo com os costumes local e a cultura do código de honra que é assimilado no interior do estado. A desonra da família também afeta a comunidade, com mais força quando se trata de populações do rural profundo em regiões do nordeste, principalmente em Pernambuco. A pessoa desonrada, a filha que foi abusada pelo pai, deflorada dentro de casa, que sofreu sexo incestuoso, esse dano não foi reparado como exemplo de punição aos padrões da comunidade. Ainda a desonra da vítima e da família não foi restituída socialmente, quase sempre crimes dessa natureza a honra é lavada com vingança e sangue, seja por um ente da família ou pela própria comunidade.

A família teria que ter vingado a desonra do membro que sofreu o dano ou deve ainda vingar e punir o agressor pelos atos cometidos, não importando se é parente consanguíneo, pai biológico ou estranho. Nesse caso, a punição é mais rigoroso porque o agressor fez de suas vítimas as próprias filhas e a família. Envolveu quebra do tabu e dos códigos morais, religiosos na relação sexual de sangue com o próprio sangue, a repulsa e a convulsão social é maior.

Como ainda não foi reparado o dano sexual e moral, as vítimas e os demais membros da família permanecem com a dívida perante a comunidade, até o agressor ser punido. O suposto sentimento de honra ou de ser uma pessoa honrada perante a comunidade, a mãe e os filhos não têm a certeza dessa percepção. Esse fantasioso imaginário não apaga a desonra do do agressor que também os afeta individualmente.



Essas construções sociais, mentais e emocionais da coletividade não depende da vontade individual de quem requer o direito de ser honrado, da reivindicação dessa ou daquela pessoa, grupo familiar de reparar o dano sofrido, a produção disso estar vinculado ao mundo interior e exterior muito maior.

Peristiany (1965, p. 17), fala sobre esse aspecto, diz que “[...] a noção de honra é algo mais do que uma forma de mostrar aprovação ou reprovação. Possui uma estrutura geral que se revela nas instituições e juízos de valor tradicionais de cada cultura, [...] se reflete nos conflitos da estrutura social”, é medido e julgado pela própria coletividade.

O “[...] duelo” moral entre pai agressor, mãe e filhos vitimados membros do mesmo grupo familiar “[...] é antes uma forma de resolver questões conservando a honra” dos indivíduos separadamente do ente desonrado. Já que “[...] a base da reputação social de uma família reside no reconhecimento de que tem honra” e não na imagem do desonrado. Com isso, os conflitos familiares e o afastamento dos filhos em torno do pai-agressor, se produz com mais força. (PERISTIANY, 1965, p. 21-22).

A desonra do patriarca é um conflito estabelecido dentro do grupo há muito tempo ou perpetuado. Gurvitch (1964), em sua reflexão microsociologia apresenta elemento de honra como objeto que fora renegado pelo partícipe da unidade familiar. Na ausência, surge um conflito que está conectado com as manifestações de sociabilidades divergentes no mesmo ambiente doméstico, onde a microsociologia representa os microcósmicos das relações a partir da manifestação do Eu com os Nós, entre os Eus e os Nós, com base no estabelecimento de vínculos fortes, relações mútuas de cooperação e cumplicidade. Quando forma-se a unidade coesa, infelizmente, esses elementos parece estar ofuscados ou afastados das ações e intenção do agressor.

No caso, o grupo limitado é a própria família das participantes da pesquisa, o Eu do pai e o Nós da mãe e dos filhos (a) estão em conflitos. Durante o percurso da família, o pai-agressor representou negativamente o seu papel, fixou na memória individual e coletiva do grupo sua imagem negativa. O afastamento dos filhos com relação ao pai, criou mundos divergentes e opostos em comparação com o grau de proximidade da mãe. De um lado, a relação de convivência e intimidade negativa e forte, do outro, a unidade matriarcal e laços afetivos positivos.

O autor discute esses aspectos afirmando que

[...] a intensidade da fusão em o Nós e a pressão sofrida pelos seus membros, longe de se desenvolverem paralelamente, como se poderia pensar, encontram-se uma relação de

proporcionalidade inversa, [...]. Com efeito, [...] não integram as camadas mais íntimas dos Eus e dos Outrem. (GURVITCH, 1964, p. 249).

Definitivamente, o pai-agressor não participa da vida da família no cotidiano, nem demonstra interesse para tal. Logo, automaticamente também é desintegrado do grupo e visto como inimigo, predador, desonrado pela própria família, além da comunidade externa. Gurvitch (1964, p. 255), procura explicar sociologicamente essa questão conflitiva a partir de “[...] três gêneros de relações com Outrem: as relações de aproximação, de afastamento e as relações mistas.

As relações com outrem são processos de aproximação ou de afastamento entre os grupos e os indivíduos; estão sempre em movimento, são dinâmicos como os graus de sociabilidade por interpenetração parcial de que pressupõe a existência humana. Os “[...] Eus e os Outrem necessitam de uma certa convergência para um conteúdo preciso” e o conteúdo em jogo e em comum é a violência doméstica e sexual incestuosa produzida pelo pai-agressor no interior do grupo. As relações de conflitos com o pai lava a percepção negativa e afastamento dos filhos, o acolhimento da mãe, leva-os a sireção e proximidade.

As relações activas de afastamento propriamente interindividuais são, evidentemente, inúmeras, indo da indiferença impaciente que provoca o recuo e as tentativas de isolamento, até as hostilidades e ódios sistemáticos, passando pela querelas duráveis, a concorrência e a rivalidade activas. (GURVITCH, 1964, p. 255-256).

Com esse tópico, dou sequência apresentando os conteúdos de narrativas que aprofunda a discussão dos pontos levantados até aqui.

#### 5.4 VIDA NA ENCRUZILHADA

Neste subcategoria destaco as experiências pessoais e familiares que as entrevistadas [n.01] e [n.02] vivenciaram durante sua trajetória. Me refiro as experiências vividas, sentidas e testemunhadas na convivência com o grupo primário e, depois quando a filha-entrevistada [n.01] se separou da família na qual trás a formação de sua própria família.

Para organizar as discussões do subtítulo, faço uso da ordem alfabética para dar sequência aos tópicos da análise baseada nos achados da pesquisa, assim segue.

a) Estupros em série - filhos ininterruptos

Na cápsula do mundo privado chamada de moradia controlada, a menina mãe-entrevistada [n.02] vítima foi dominada e violentada por seu agressor durante anos e décadas. Do grupo familiar se qualifica a primeira vítima a ter o corpo imaturo portador de sexo infantil mutilado, sentenciado à morte do eu num regime de escravidão sexual. A violação praticada pelo agressor da mãe e de seus filhos começou desde o início de sua adolescência, as violências foram executadas com força descomunal de um homem adulto contra a jovem menina. Transformou a vítima numa máquina de reprodução de filhos e de praticar sexo. Assim foi mantida como objeto de exploração e prazer sexual exclusivo e sem descanso de seu útero. A “[...] dominação do seu íntimo e em sua brutalidade” atingiu “[...] as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social” agredido cotidianamente. (FOUCAULT, 1985a, p. 181). Pois, é dentro do corpo que

[...] o sexo se encontra na articulação dos dois eixos da vida humana: o individual e o coletivo. É, ao mesmo tempo, o elemento mais importante do domínio da nossa interioridade, o lugar onde interagem libido, pulsões, desejos, funções, prazeres e desprazeres. (MURARO, 1983, p. 21).

Implacavelmente, o agressor exerceu absoluto poder sobre a mãe-entrevistada [n.02] de forma libertina e monstruosamente cruel, rompeu com todos os limites do desenvolvimento normal da natureza humana, do corpo em estágio de amadurecimento físico, biológico e emocional. Com isso, afetou a base da estrutura pessoal da menina, as condições mínimas de se colocar e reagir ao mundo em sua volta, os atos de violências praticados contra ela, por um homem transgressor dos códigos morais, das regras sociais observadas coletivamente, para escravizá-la com posse total de seu corpo físico e do sexo imaturo à base de estupros. A força física e medo fez parte das construções simbólicas e práticas plantadas em sua cognição desde os 12 anos de idade. Desse modo, o agressor interferiu na capacidade de a vítima pensar, falar ou reagir às violências sofridas, de tomar a mínima decisão em seu favor diante da própria vida. Foi imobilizada numa teia de violências e de riscos da adolescência à vida adulta.

Nesse ambiente e contexto invasivo, hostil e perigoso, o agressor estuprou primeiramente a mãe-entrevista [n.02] no início de sua adolescência, depois, continuou com suas práticas contra suas filhas também em fase infanto-juvenil, entre elas, a filha-entrevistada [n.01] participante da pesquisa também foi vítima. Ali, o agressor desenvolveu racionalmente armadilhas e labirintos

condutores para guiar suas vítimas aos laços e nós. Plantou as violências na família de forma profunda e bastante complexas, mantidas durante anos e geração de filhos.

Então, é sobre isso que vou discutir nessa reflexão analítica, olhando primeiramente sinais das primeiras experiências sexuais das participantes do estudo, com foco nas narrativas da mãe-entrevistada [n.02] para dar início a discussão, por ser ela a guardiã primeira das memórias mais importantes sobre o assunto. E, a partir de seus relatos entender: como se deu essa dinâmica e os detalhes dos acontecimentos ritualizados nas violências domésticas e sexuais dentro da família. De como tudo começou, se desenvolveu e se perpetuou com o tempo. Sem deixar de ir observando a passagem de uma fase para outra no constructo da vida pessoal e familiar. Talvez, me depare com as memórias mais difíceis, dolorosas ou agonizantes das histórias de vida das participantes. Desse modo, vou caminhar dentro dos conteúdos de narrativas da mãe-entrevista [n.02], me aproximar de suas experiências e depois conectar o mundo de sua filha-entrevistada [n.01] participante dessa pesquisa.

Embora, o foco nesse instante seja o narrado pela mãe biológica do grupo, a entrevistada [n.02]. Pois, em suas narrativas demonstra que sofreu atos brutais na convivência com o agressor, o que produz sofrimento inimagináveis e inapagáveis em sua memória. Na sua adolescência foi submetida a uma relação sexual com violências múltiplas, vinda de um homem adulto [agressor] interessado tão-somente em abusar de seu corpo físico e sexo imaturo violentamente. Os desejos ou instintos sexuais do selvagem humano determinava a quantidade de suas práticas, atitudes escondidas por detrás de uma aparência dissimulada de um homem casado e pai de família, mas em suas mascaras escondia perversidades sombrias, de um indivíduo patológico ou maníaco sexual transtornado de ódio com precedente desconhecido e ciúmes. Tanto que transformou a menina num objeto de exploração, consumo e capricho sexual exclusivo. Na obra de Cohen (1993, p. 127), o conceito de perversão citando por Krafft-Ebing tem esse sentido, “[...] como o de promiscuidade sexual, um instinto sexual anormal”, somente [...] os indivíduos inferiores poderiam ter esse desejo”.

No mundo, para existir fisicamente é preciso portar de um corpo visível, palpável, prático, simbólico, fluido e em movimento, que ocupe ao mesmo tempo, espaço e lugar dentro das estruturas concretas, materiais e imateriais. Pois, é o corpo quem oferece as condições reais e necessárias para que a vida coexista e atue sobre o meio. Sem ele, não haveria reprodução humana, atividades criativas e imaginação fluida, tudo conectado em condições normais leva o indivíduo a

pensar racionalmente, sentir sensações, falar a linguagem decodificada, agir e se coloca diante da vida com representação e significado. Porém, essa possibilidade de desenvolvimento saudável e pleno para a mãe biológica do grupo familiar foi interrompida por seu agressor.

O seu corpo foi visto com intenções de posse, simplesmente por corpo guardar entre outras coisas, o sexo e a intimidade pessoal, os fluidos biológicos, as possibilidades múltiplas de se modificar e construir. É ele quem determina o todo complexo de coisas do eu, da intimidade, dos sentidos nas relações que se conectam com o mundo. É como diz o autor, o “[...] corpo é essa relação entre forças dominantes e forças dominadas”. Embora, [...] toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social, político. Duas forças quaisquer sendo desiguais, constitui um corpo desde que entrem em relação”. (DELEUZE, 1976, p.33). Um corpo imaturo ou em desenvolvimento se configura em dois polos, é frágil pela incompletude da formação biológica e forte ao mesmo tempo pelos impulsos de sua energia viçosa. Contudo, o corpo frágil e em desenvolvimento da menina-mãe, estava nessas condições de fraca potência, enquanto que a força gerada pela maturidade do corpo masculino e força do seu agressor, manteve a relação de dominação desigual produzindo atrito e choque entre um corpo e outro. Com isso, “[...] o risco de machucar o outro, de irritá-lo, de deixá-lo em cólera e de suscitar de sua parte um certo número de condutas que podem ir até à mais extrema violência”, são as mais comuns das consequências. (FOUCAULT, 2009, p. 12).

Da infância à vida adulta, nas narrativas observo que as entrevistadas carregam um corpo visivelmente marcado por memórias de atividades praticadas por um homem de natureza violenta, o indivíduo que se mantém vivo durante décadas, nem a mãe, nem a filha esquece das marcas individuais e coletivas experienciadas dentro do grupo.

É sobre esses aspectos que procuro analisar, os impactos das violências e o funcionamento das atividades na estrutura da família, a dinâmica conduzida nas relações de convivência e intimidade na complexa e enigmática fábrica de violências perpetuadas no grupo. Talvez, seja essa a parte mais dolorosa no conjunto das experiências, por adentrar no campo do íntimo, ao mundo que produziu marcas e consequências na vida pessoal de cada entrevistada. No eu, em contato com o outro a base da força, das primeiras atividades sexuais violentas com o sexo oposto.

É sobre essas questões complexas que apresento nas narrativas de história de vida da mãe-entrevistada [n.02] inicialmente. Em detalhes, ela relata suas primeiras experiências sexuais com o agressor, apesar do esforço despendido para controlar a voz tremula, o tom e a velocidade da

conversa. Pedi para ela informar como foi o seu processo de educação sexual, formação ou informação sobre as mudanças do corpo íntimo e da sexualidade em desenvolvimento, disse:

Eu nunca, nunca tinha... Não tinha, não tinha. Eu nunca tive informação nenhuma sobre isso não. Não tive nenhuma informação sobre namoro, sobre filho, sobre nada. Não tive informação nenhuma. E também, namorado também não sei contá porque não, eu não tinha namorado. Nunca arranjei um namorado. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A questão é que a criança e o adolescente em especial, em fase de desenvolvimento do seu corpo físico, social e emocional, independentemente da classe social, da raça e da cultura de pertença carece dos adultos, da comunidade, das instituições sociais exemplares para espelho, preferencialmente que seja positivo como referência pessoal. A formação do eu, a orientação na socialização com o mundo depende dessas aprendizagens favoráveis para o crescimento individual e o desenvolvimento necessário para a vida em sociedade. Infelizmente, essa base formativa primária e importante para o desenvolvimento da pessoa, a mãe biológica do grupo familiar, a entrevistada [n.02] não teve em sua infância e adolescência. Então, como poderia orientar seus filhos sem ter referência familiar na base primária? Torna-se essa uma questão mais complexa.

As mudanças no corpo físico-biológico, as mutações hormonais comuns na fase da adolescência, tudo isso gerou insegurança e medo para a menina adolescente sem formação nem orientação correta, de que tais mudanças exigiria dela adaptação e com o tempo teria o amadurecimento da nova fase da vida, essas informações importantes foram negligenciadas para ela. A falta da base primária e socialização familiar ou de orientação das mulheres mais velhas e adultas, levou a desencadear graves problemas para a vida pessoal da entrevistada [n.02]. A ingenuidade, inocência e desconhecimento de seu corpo íntimo, a levou na direção dos riscos e abismos. As mudanças do corpo físico e sexual, somada ao grau de ingenuidade, facilitou a aproximação do agressor para prática de abusos e posse do seu corpo íntimo. As informações sobre corpo, sexo, menstruação e filhos era tabu, não se falava do assunto na frente de criança ou adolescente, foi o que a entrevistada disse, de nunca ter sido orientada por uma pessoa adulta. Sequer sabia o que era sexo, menos ainda os impactos que a adolescência produziu no corpo feminino. Sobre esse assunto ela relatou:

Falava nada pra ninguém não. Na verdade eu não sabia de nada disso não. Porque quando eu fui moça a primeira vez eu não sabia nem o que era. Eu não sabia o que era, eu era tão, assim tão, tão, tão besta que. Que eu já era grande né. Agora, eu era grande mas era nova.

Ai, as minhas amiga perguntava assim umas as outra: Ô, Maria já é? Ai, eu ficava pensando assim, é o que meu Deus? O que é que eu sou? Sabe! Eu pensava que elas diziam que eu tava grávida. Pensava, oxe, será que elas tão pensando que eu tô grávida. É possível que eu tô grávida! Coisa que eu nunca tinha, sabe o que era. Ai, elas dizia assim: É nada, ela é muito nova ainda. E eu ficava com aquela dúvida na minha cabeça, pra sabê o que era, e eu não sabia o que era. Aí, eu vim descobri o que era, quando, foi quando eu fui moça, que ela me falou. Aí, foi quando eu pensei: ah era isso que elas perguntavam se Maria já era. Aí, elas diziam: Não ela é muito nova ainda. Aí, foi quando eu descobri que era isso, que eu não sabia o que era isso, ninguém, nunca tive ninguém pra me falá nada. Sabia não. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Continuou narrando.

Então, eu já tava na casa dessa mulher como falei, dessa mulher. Já tava lá e eu vivia assim com barriga inchada todo dia. Barriga inchada, barriga inchada, barriga inchada e eu não sabia o que era. Aí, ela pegou, me mandou compra um remédio pra mim, um tal dum Alexir parece, tal dum Alexir. Aí, eu tomei esse remédio, quando foi de noite que eu me acordei, mas veio um tão grande no mundo, eu tava assim, um negócio estranho. Eu digo oxente, será que eu fiz xixi sem notá? Aí, quando foi no dia que eu amanheci, eu nem sabia que era, eu só sei que quando eu me acordei e saí, que eu olhei, aí eu vi diferente né. Eu fiquei me escondendo, fiquei me escondendo com vergonha. Aí, ela veio e me levou lá pro banheiro e dixe a mim, mandou eu tirá porque eu tava toda suja e me mandou tirá a roupa e disse a mim o que era.

Foi aí, me deu uma roupa pra mim vesti, que eu soube o que era, mas não sabia que a gente tinha isso não, sabia não.

Ela me explicou que eu, que todo mundo tinha isso mesmo e me ensinou que não era pra mim cumê isso, nem aquilo, nem aquilo. Ela me disse né.

Me deu roupa pra eu me vesti, que eu não, assim roupinha debaixo limpa que eu não tinha. Aí, foi quando eu vim sabê, mas não sabia que a mulher tinha isso não.

Assim, umas coisas que não era pra mim cumê, negócio de sardinha e, antigamente as mulher tinha muito, guardava muito era resguardo dessas coisa viu. Não comia peixe, não comia fruta, nada disso comia não. Mas, ela disse o que que eu podia come e o que que não podia. Aí, foi que eu fiquei sabendo, mas não sabia não. Não tinha pai nem mãe pra me falá nada. Nesse mundo de meu Deus sem sabê de nada. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A mãe-entrevista [n.02] deixa claro em suas narrativas que a primeira esposa de seu “patrão” estuprador, foi quem a instruiu na adolescência para os cuidados com o corpo físico e as mudanças biológicas, sobre o evento da primeira menstruação da menina em especial. Certamente, sem imaginar o que estava por vir na sequencia dos fatos.

Uma mulher adulta, casada, mãe de dois filhos, convivendo com uma menina adolescente que se tornara moça dentro de sua casa, era sua ajudante nos afazeres domésticos, ingenuamente logo se tornou presa fácil para os abusos e estupros de seu próprio marido, um homem travestido de violências e traição conjugal. Tudo começou dentro de sua própria moradia.

As mudanças do corpo físico da menina adolescente, mãe-entrevistada [n.02] era motivo de vergonha, medo e tabu desde a sua infância. Ao ser questionada como foi percebido o aparecimento



dos pelos nas partes íntimas do corpo, o crescimento dos seios e internalizado esse processo entre outras transformações, se pôs a relatar da seguinte forma:

Eu cheguei lá eu tinha 12 anos, aí, eu era uma menina ainda né. Aí, fiquei lá, fiquei lá e, na casa desse homem e dessa mulher que tava lá... E me disse que ia me considerar como pai, que tinha, agora eu tinha arranjado um pai pá mim, que eu nunca tive um pai. Só que aconteceu que, que ele (fez pausa...). É quando cheguei era menina, eu fiquei moça lá. Eu fiquei foi pouco tempo que eu fui moça que ele fez isso comigo. Não, a mim mesmo ele não perguntou se eu era moça não, mas a mulher dele me perguntou. Eu disse que não era não. E eu fui moça lá na casa dela. Foi, me fez de mulher e tive filho com ele.

Na verdade eu não era muito. Quando teve, quando eu tive meu 1º filho, eu não tinha essas coisa ainda não. Acho que por que era muito nova, não sei. Mas, eu não tinha não, eu uma vez ...Uma vez eu vi uma mulher. Vê como eu era tão besta que não sabia. Fui tomar banho com uma mulher. Ela tomou banho primeiro e eu fiquei segurando o menino, depois ela subiu a barreira pra pegá o menino e eu fiquei embaixo. Aí eu vi aquele negócio estranho, pensava que era uma caranguejera (risos). Pensei, oxe, oxe, oxe. Aí, eu fui olhá pra mim e eu não tinha aquilo né, oxi que negócio é aquele? Aí, fiquei o tempo todinho, todinho pensando nisso, quando via a mulher lá e ficava pensando. Só que era esse negócio, eu não sabia que a pessoa tinha isso. Era o pelo aquilo ali e eu não sabia que era o pelo aquilo. Aí, quando saiu em mim foi que eu descobri que era aquilo que eu via. Foi o que eu via, que eu vi naquela mulher era isso e eu não sabia. Porque eu não tinha. E ela era, e eu vi nela e não sabia o que era. Pensei que era uma caranguejera. Eu fui criada com, com muito respeito assim. E minha vó, se eles tivessem conversando na sala eu nem na porta não chegava, se chegasse ela me batia, dizia que eu tava escutando conversa. Não sabia de nada, de nada, nada, nada.

Ah! O meu filho, eu nem sabia que tava grávida. Não sabia nem como era fica grávida. Eu corria, eu trabalhava, eu sartava, pinoteava, fazia tudo. Quando foi pra nascê meu 1º filho, eu perguntei né, eu perguntei a ele (o pai). Eu perguntei a ele quando é que aquele menino ia nascê. Era, ele falava né. Aí eu perguntei a ele como era que ele ia nascê e quando é que ia nascê. Aí ele disse, um negócio que eu não vou dizê.

Por onde entrou vai saí. Mas, eu também não sabia, abestalhada que era eu não sabia. Aí, fiquei, quando foi pra mim, pra ele nascê, eu esperava ele nascê em dezembro. Em novembro, ele nasceu no dia 2 de novembro. Aí, eu tinha comido uns mamão lá da minha vizinha, das minhas amiga né.

De tarde e quando foi de noite eu comecei uma dor, uma dor na barriga, uma dor na barriga. Eu digo que barriga é essa, bebia chá, bebia tudo e não tinha jeito e quando foi de manhã, acho que sei o que foi, foi o mamão que me ofendeu. Eu vou pra lá tumá um chá da casca do mamão. Que quando eu comia fruta que me ofendia, eu tumava chá da casca e ficava bom. Eu cheguei desci na casa da mulher, bati na porta. A dona Elza disse assim: - Maria, o que foi? Eu disse: D. Elza, eu tô aqui com dor de barriga, eu queria que a senhora fizesse um chá pra mim da casca do mamão que eu comi ontem aqui. Aí, ela pegou, levantou-se, pegou a casca do mamão, lavô, que tava no terreiro assim. Lavou e fez o chá, aí eu vomitei. Aí, ela dixe assim: - Tu tá com essa dor desde quando? Essa mulher era moradeira, morava na terra dele.

Aí ela disse assim: - Não! É melhor tu vai pra casa. Que lá tinha 3 moça e 2 rapaz. Melhor tu vai pra casa, tu tá aí com dor, não é de barriga não. Me deu uma raiva quando ela dixe isso. Eu digo a pessoa aqui já morrendo e ela diz que não tô com dor de barriga? Tô de mentira? Aí, me levou pra casa amoadada, com raiva. Quando chegô em casa, eu senti um negócio diferente. Aí, ela disse assim, vai apanhá fava pra bota água no fogo (risos).

Era cheio de fava na roça. E ela pegou um punhado de fava dentro da bacia. Quando ela botou o 1º punhado de fava dentro da bacia que falou: - fique de cócro aí, o menino nasceu. Eu dixe: meu Deus do céu, um caroco, meu Jesus do céu. Aí, quando fez força que nasceu o menino, eu dixe é o menino? Eu nem sabia que era o menino. Aí, quando eu olhei assim, olhei assim aquele bolo de menino. Quando ela viu o choro, ela correu. - Maria, Maria, o

que foi isso aí? Eu digo: não sei não, parece que foi o menino que nasceu. Parece que é um menino. E ela:- Não é teu filho? É teu filho que nasceu, mas Maria, tu butô sozinha isso aí? Eu digo: foi. Ai, foi que ela pegou aquele menino, enrolou, butô lá. Ai, eu não fiquei boa não, fiquei o dia todinho numa posição só na cama, quando eu vim ficá boa de noite. Porque o menino nasceu mas aquele negócio não saiu. Ficô, ficô. Aí foi assim o meu 1º filho, foi assim. Não saiu. Mai meu 1º filho foi assim. Eu não sabia que tava grávida, não sabia que ia nascê, não sabia de nada. Nascu assim, porque do 2º por diante foi que eu fui sabendo.

Eu fiquei só. Eu fiquei só, as pessoa vinha, meu vizinho vinha dava banho ne, dava comida pra mim e ia simhora. Mas, não ficô ninguém lá em casa não. Não tinha, também eu não tinha ninguém que ficasse comigo.

Só que a roupa dele foi costurada depois que ele nasceu, porque eu não tava esperando, não era no outro mês ainda? Ai, foi comprado e tava lá as roupa, mas faltava costura. Foi que a mãe dele costurô. Foi as roupinha dele. Depois que ele nasceu ela fez as roupinha dele.

Olhe, eu era tão, eu era tão besta que pra mim não tinha mudado nada. Pensava que a minha vida era a mesma coisa. Quando eu tive o 1º filho, eu deixava meu filho em casa e ia brincá de balanço lá com minhas amiga. Dava banho no menino e deixava lá dormindo e ia brincá com as menina. A gente fazia balanço e a gente ia se balançá nos pé de Jaca, de Manga. Eu nem me lembrava que tinha filho.

Ai, quando eu pensava, era o grito do pai do menino, era quando eu me lembrava. Meu Deus! Deixei meu filho em casa. Ai, eu corria pra casa, chegava tava o menino suado, chorando na cama, uma rede. Eu não me lembrava que eu tinha filho. Pensava que eu era solta, que eu era daquele jeito que eu era, sem filho sem nada. Eu sofri muito pra me adaptá que eu tinha filho. Ai, foi tempo que ele morreu, esse menino morreu, eu fiquei sozinha de novo, depois eu engravidei. Ai, depois do 2º eu já sabia cuidá, já tinha mais cuidado.

Pro meu 1º filho eu não... Pensava que era como se fosse uma boneca. Deixava lá e pronto. Às vezes ele, o pai me ajudava, dizia que como era pra fazê, que não era pra deixá em casa sozinho, e não podia deixá em casa sozinho porque podia chorá, caí da rede. Mas, ele dizia isso e noutro dia eu me esquecia de novo. Ia fazê a mesma coisa. A minhas amiga que eu, que eu no tempo que era sem tê filho né, vivia junto com elas brincando e eu continuava do mesmo jeito, pensava do mesmo jeito. A gente brincava de balanço, marrava corda nos poste se balançava, caçando fruta por dentro dos sítio, correndo por dentro das capoeira, era isso que a gente fazia. Eu e um bocado de amiga minha. Ninguém se lembrava, correndo pro meio do mato se lembrava? Eu lembrava não. Só me lembrava quando ouvia o grito dele, é que eu me lembrava. Meu Deus do céu o menino! Quando o meu filho nasceu, eu tinha 13 anos. Ai, eu pensava que, eu ia vivê a vida assim né, eu pensei. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Continuei perguntando, e suas amigas também tinham filhos? A mãe-entrevistada [n.02] continuou a responder, disse: *“não, as outras eram tudo, eram menina como eu, não teve filho com 13 ano. Era a idade delas, eu tinha 13-14-15 anos, era a idade delas também. A gente ficava tudo junto brincando. Só que elas não tinha filho e eu tinha né”*. Depois que ficou grávida e teve o primeiro filho? Afirmou: *“Não, eu fiquei morando na mesma casa que ele morava. Eu sempre fiquei lá, sempre... Sai, depois que eu fiquei grávida do meu primeiro filho aí, eu posso dizer o que vou contar?”*.

Ainda sobre seu primeiro filho, como ele era na sua percepção? Que memórias a senhora tem dele? A mãe-entrevistada [n.02] respondeu: *“Muito bonito, muito bonito, gordo, muito*

*gordinho, os zoinho azul*”. Mais um instante! Esse seu filho que morreu com 5 meses de vida, sabe dizer qual foi o motivo que levou a óbito? Perguntou a pesquisadora. A entrevistada disse:

Óh! Eu não sei, eu não sei. Não sei por que foi, mas às vezes eu me culpo que foi porque eu não soube criá ele direito. Pode ser que foi por causa que eu não sabia dá alimentação direito. Mas, também teve problema dos dente, naqueles tempo morria muita criança de nascimento de dente sabe? Dava era desinteria, era vomitando, eu não sei. Não sei se foi por causa que eu não soube cria direito ou se foi por causa dos dente mesmo que ele morreu. Sei que quando morreu ele tava com 5 meses.

Eu gritei lá de casa, não fui lá não. Eu gritei lá de casa, chorando né.

Ai, ele veio. Chegou em casa, eu dixei que o menino tinha morrido, na frente de todos. Ai, ele viu que tinha morrido mesmo. Foi enterrá. Enterrou no cemitério que ele já tinha 5 mês de nascido (voz baixinha e tristonha). (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Perguntei, como a senhora imaginava cuidar de uma criança? A atenção e os cuidados que ela precisava para sobreviver? Respondeu como se tivesse voltado ao seu passado em memória, de modo tal que levou até a gestação e nascimento de seu primeiro filho, mesmo com a sua infância-adolescência forjada, imatura, desorientada, ainda assim respondeu com forte lembrança, disse:

Era. Era pra dexá lá e pronto, eu não precisava de tá perto. Eu não tava sabendo de nada, pensava que era assim. Quando ele começou adoecê né, começou adoecê, ai, eu não saí mais, fiquei em casa. Deixei de brincá. Ele (o pai da criança) passava muito carão em mim, dizia que eu tinha que cuidá do filho, não ficá brincando, ai, eu fiquei em casa e foi quando com 5 mês, eu tava dormindo com ele, ele morreu nos meus braço. Como eu falei, ele tava nascendo os dente, com febre, desinteria, vomitano, tudo isso né. Dormia com ele nos braço, que ele chorava e eu ficava que ele tava frio já, acho que já tava era morrendo, eu não sabia.

Ai, eu me acordei de noite, fui dá mingau a ele, ele não quis, ai, botei a chupetinha nele e enrolei com meu lençol. Enrolei ele e dormi com ele, assim no meu braço. Ele se acordava bem cedinho, antes de eu me acordá ele se acordava e dava com os pezinho, assim dando coice e eu me acordava né. Ai, nesse dia eu me acordei e ele nem chorô nem nada, não se acordou-se nem nada. Oxe, quando eu me levantei tava escuro ainda. Ai, eu me levantei, que eu olhei assim ele tava com os olhinho aberto e a chupetinha na boca, mas eu não vi jeito de respiração, nem nada. Ai, quando me levantei, escutei assim ai tava parado, sem fôlego, toquei assim tava duro. Ai, eu corri, me levantei e gritei por ele, ai, ele veio. Na hora que eu tava dando o mingau a ele e que ele não quis, que tava abrindo a boquinha e revirando os óio, ele tava morrendo e eu não sabia.

Não conhecia. Ai, ele morreu nos meus braço sabe. Eu dormi um sono, me acordei com ele meio chorando né. Ai eu fui, dei o mingau a ele, ele não quis. Ai eu peguei botei a chupeta na boca dele e enrolei, ele tava meio frio. Acho que ele tava é morrendo mesmo. Ai, eu enrolei ele com lençolzinho quente e botei no meu braço e me deitei juntinho dele ali. Ai, nessa hora ele tava era morrendo e eu não sabia. Que eu nunca tinha visto, não sabia.

Ai, quando foi de manhãzinha que eu me acordei, que eu fui olhá, ele tava quietinho lá, tava morto já. Do jeito que eu botei a chupetinha dele ficô e os olhinho aberto. Ele tava morrendo e eu não sabia, não conhecia. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

O rito de passagem da infância para a adolescência como processo preparatório para a vida adulta, essa formação inicial para a mãe-entrevistada [n. 02] não aconteceu dentro da normalidade do seu desenvolvimento pessoal, o corpo físico, sua sexualidade e estrutura emocional foi gravemente violada prematuramente, mesmo sem possuir as mínimas condições de receber nefastos impactos das violências sexuais praticadas pelo agressor. Os estupros sofridos resultou em gravidez aos 12 anos de idade, depois em dezenas de outras gestações que dilacerou o corpo da menina ainda em formação e desenvolvimento, a precoce maternidade só agravou iniciado problema das violências na raiz da história familiar.

A vítima foi sendo submetida a uma multiplicidade de violências e exploração controlada pelo agressor. Usada para o trabalho braçal e pesado, atividades sexuais e estupros permanentes de forma cruel e abusiva por um homem adulto, casado, pai de filhos pequenos. As agressões físicas e sexuais fizeram parte do cotidiano da mãe desde seu primeiro contato com o agressor, com o tempo se perpetuou.

Uma menina órfã e desprotegida submetida a rituais de trabalho doméstico e sexo forçado que resultou no defloramento da vagina e do útero infantil, misturado ao ambiente doméstico, até aparecer a gravidez e ser expulsa do trabalho caseiro pela primeira esposa do agressor. Esta se transformou numa situação e contexto complexo.

Onde o sexo violento e a exploração infantil aprofundou o problema em concomitância. George (1964), afirma que nos espaços domésticos “[...] a natureza da mão de obra caracteriza-se pela importância numérica” de atividades não qualificadas onde o “[...] lugar ocupado” esteve historicamente desvinculado de remuneração. Prevaleceu a ideia de ajuda, favor, compensação de troca, entre outras adjetivações que justificou e até hoje tende justificar a existência de vínculo empregatício. E a situação da menina empregada doméstica do agressor, não era remunerada pela exploração de sua mão de obra, mas sim, como uma troca de favor, de trabalho por moradia e alimento. Desse modo, a manutenção de privilégios de uns e exploração de outros se manteve ou se mantém até os dias atuais. A mãe-entrevistada [n.02] foi empregada doméstica sem remuneração e abusada sexualmente pelo “patrão”.

Sobre esse aspecto mãe-entrevistada [n.02] relatou:

Ele era casado, ai tinha deixado a mulher dele. E depois a mulher voltou. Ela levou os filhos. Na verdade quando ele tava vindo, já tava me iludindo, a mulher dele tava em casa ainda. Ele dizia que ia deixa ela e ia casá comigo, mas eu não queria de jeito nenhum.

Ficá com ele não. Aí depoi que ela foi se embora, ele pegou e fez isso comigo. Fiquei com ele e a mãe dele. Aí ele me tirou, me levou pro Recife pra trabalhar, porque eu tava grávida já, seis meses de gravidez já. Eu não tava grávida não, quando ela deixou a casa dele, eu fiquei grávida depois. Depois, eu vim me embora de novo, aí tive o filho lá, aí fiquei, fiquei com ele lá.

Não. Ele tinha, ele separou-se da mulher dele e eu fiquei dentro de casa com a mãe dele e ele. E ele, aí ele pegou e fez isso comigo. Aí quando eu fiquei grávida com 6 meses a mãe dele, a mulher dele queria voltar, aí ele tirou eu de casa pra ela vim. E quando foi pra mim ter o filho aí eu voltei, tive o filho lá, não nessa casa, já em outra casa já.

Foi ele, mandou o homem que me levou, trazer. Eu fui pra casa de um morador dele. Aí da casa do morador dele, ele botô na casa da mãe dele pra mim ter, pra tê o filho na casa da mãe dele. O primeiro filho eu tive com 13 anos, ele morreu com 5 mês de nascido. E fui todo ano, aí fui tendo filho todo ano. 19, têm 16 vivo. Três aborto. Então, vivo filho homem parece que foi sei, sei, 5 filho parece. Seis filho. Um que morreu. O resto tudo menina, tudo mulher. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Sozinha e perdida no mundo, a menina que foi trabalhar em outra cidade-comunidade para sobreviver encontrou lá, um “patrão” carrasco, cruel e de má intenção, o sujeito que deu início atividades de estupro sequenciados e a teia de violências domésticas contra si, depois, estendido contra as próprias filhas adolescentes. Aos 13 anos de idade, a menina-mãe teve seu primeiro filho resultado das violências sexuais, foi abusada continuamente até ficar grávida uma vez e dezena de vezes.

A criança de outrora se tornou menina-mãe de 19 gestações resultantes de estupro do mesmo agressor. Três abortos, dois filhos nascidos e falecidos depois, quatorze vivos atualmente, da adolescência à vida adulta procriou filhos sendo amamentados um em cada mama, uma sequencia de idade menos de uma ano de diferença, cinco a dez crianças sobrevivendo em condições precárias, de negligencias e de pobreza.

Nas narrativas da entrevistada [n.02] essa situação fica clara, apesar das experiências difíceis, guardou segredo do sofrimento vivenciado. Quando perguntei se ela comunicou para a esposa ou a mãe do agressor sobre os primeiros abusos e estupro praticados contra ela no ambiente doméstico, ela disse:

Não falava nada pra ela não, mas acho que ela sabia, porque quando ele ficava me, me, me apanhando pa tê esse negócio comigo eu não queria, aí ele ficava com raiva de mim. Aí a mãe dele dizia assim: - Ah vai lá perto dele, dê um xero nele que ele não fica mais com raiva não, é que ele tá com raiva de tu porque alguma coisa você não tá querendo assim, fazê o que ele que. Ela dizia assim, ela não sabia se era isso que ela pensava ou se era outra coisa.

Não sei. Não. Não foi de gosto de vontade meu não, que eu não queria não. Eu não sabia realmente nem o que era direito, mas depoi que eu, que eu vi que era, eu não, como era, eu não queria não, mas mesmo assim ele ficava, aconteceu isso comigo. Sentí muita dor, saiu sangue tudo. Eu não sei quantos vezes eu passei, mas depois eu fiquei grávida.

Não. Aí eu não queria mais, depois que ele fez isso aí eu não queria mais, aí ele disse assim: - Não adianta porque tu não sois moça mais vai ficar agora pra tia. Agora tem que ficar comigo mesmo. Ele disse. Ele ficava em cima me apanhando, insistindo. Sofri muito porque eu não queria não.

Não, eu tive 19 filhos. Agora vivos mesmo eu tive 16 filhos, vivo. Que tem 14 vivo agora. Morreu 2, 16 filhos agora, 3 foi aborto. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

As estratégias do agressor funcionou com sucesso dentro da família, violentou a mãe-entrevistada [n.02] aos seus 12 anos de idade mantida sobre medo e em silêncio absoluto, com as mesmas táticas agiu contra as filhas adolescentes com a mesma idade que tinha a mãe. Abusou de todas as filhas dentro da mesma casa e ambiente, umas conseguiu abusar com mais facilidade e sucesso, outras nem tanto. Uma delas abusada, estuprada e agredida fisicamente durante dois anos de sua vida, dos 12 aos 14 anos de idade.

São informações importantes que demonstra o grau de periculosidade do agressor das vítimas e da família, sua mentalidade e conduta patológica em permanente atividade, um maniaco sexual pervertido que usa da força, o poder do medo e do controle para dominar e impor certas condições ao grupo, como um disfarce dissimulado para ocultar seus crimes e se manter impune.

Fica claro que as violências domésticas dentro da família envolveu abusos sexuais da mãe-entrevistada [n.02], estupros sequenciados e depois continuada as mesmas atividades com suas filhas. Nada foi feito para interromper esse fluxo de violências contínuas, a imediata solução era a de fugir do agressor e abandonar o grupo. Uma filha adolescente era expulsa de casa, outra em fase de desenvolvimento ocupava o seu lugar. Desse modo, o agressor sempre saía na vantagem reproduzindo filhos e abusando a hora que quisesse. A mãe-entrevistada [n.02] numa posição de fragilidade, medo e indefesa não reagia às violências do agressor, não denunciava, sequer registrou durante toda a sua vida um boletim de ocorrência pelas agressões sofridas na delegacia de polícia da cidade, embora, fosse agredida gravemente, surrada e abusada permanentemente com seus filhos e filhas pequenos e adolescentes como se fossem “sacos de pancadas”. Assim se manteve em silêncio durante décadas.

Nesse contexto de violências premeditadas envolvendo agressões, abusos, estupros e negligências, mãe-entrevistada [n.02] desde a sua adolescência começou a colecionar filhos e experiências de fome, desabrigo, abandono e todo tipo de sofrimento sem fim. Foi desse modo, que a violência doméstica criou raiz profunda, atingindo diferentes aspectos e dimensões de sua vida pessoal e em família. É quando a entrevistada relata suas experiências a partir do nascimento de seu primeiro filho, diz:

[...] quando foi pra mim ter o filho, aí eu voltei, tive o filho lá, não nessa casa, já em outra casa já. Não, o primeiro filho eu tive na casa da mãe dele. Ainda não tinha casa não. Aí depois foi que ele fez uma casa, uma casinha pra mim. Era uma casinha de, de, de, de taipa. Cobertinha de palha de coco. Taipa é chama é casa tampada com barro. Não era tijolo, era barro. Era toda de barro. Era. As parede era coberta com barro. Ficava dentro de um sítio, dentro do sítio dele. Ficava longe da casa dele, pra baixo dentro dum sítio. Um sítio dele, aí ele pegou e fez essa casa pra mim e eu morava lá. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

O primeiro filho após seis meses de vida faleceu, com essas palavras a entrevista [n.02] disse: *“É que o primeiro filho, ele, o 1º de tudo morreu. E depois eu tive outro filho que ele deu também”*. Depois ficou grávida do segundo menino, da terceira e quarta menina, todos os anos ficava grávida, nascia uma criança de parto natural ou por força de abortos provocados por agressões e espancamentos praticados pelo próprio pai-agressor. Três de seus filhos faleceram ainda no útero, a menina que foi estuprada pelo agressor durante dois anos, quase nasceu com deficiência em uma de suas pernas por conta dos espancamentos na semana de seu nascimento. Entre um aborto e um sobrevivente, a entrevista [n.02] tinha intervalo no ciclo de suas gestações.

Nesse contexto, nasceram e sobreviveram os três primeiros filhos da mãe violentada, seus filhos mais velhos. Logo após o nascimento das crianças, entre oito e nove meses de vida, o pai-agressor em combinação com a sua mãe e avó dos recém-nascidos, raptaram dos braços da menina-mãe para “doar” para pessoas estranhas e desconhecidas que tinha “interesse” em criar as crianças, os bebês ainda em fase de amamentação. Aos prantos a mãe permaneceu por muito tempo, não sabia para onde tinham levado seus filhos, nem com quem iam morar. O pai-agressor, a vó dos bebês e as supostas amigas, arrancaram as crianças dos braços da mãe, levaram sequestrados sem o seu consentimento, se afastaram para outras cidades e famílias distantes de onde nasceram.

Tudo acontecia em horário marginal, durante a calada da noite, o pai-agressor, a vó e as famílias envolvidas na trama agiam sem humanidade alguma. A entrevistada disse que pessoas estranhas chegavam a noite em sua casa batendo na porta de madeira velha, queriam entrar e ver a criança dormindo. A mãe morava sempre em casebres artesanais, com estrutura de madeira, varas finas, cipós e barro amassado nas paredes, casa de taipa. Pois, essas pessoas chegavam em sua casa, entravam sem sua autorização, justificando falsas histórias para ter a chance de sequestrar a criança dormindo ou nos braços da mãe-adolescente, ingênua e insegura. Na verdade, era apenas um disfarce para roubar seus filhos de maneira perversa, cruel e brutal. As violências domésticas foi sendo ampliada e aprofundada em cada episódio fabricado pelo agressor na vida cotidiana da



vitima. Assim, a menina-mãe, desprotegida e sem ter para quem pedir socorro foi sobrevivendo no ambiente controlado e hostil. A autorização e ordem dos sequestros vinha do próprio pai-agressor das crianças recém-nascidas.

Atos gravíssimos e criminosos ainda por cima justificado pelo agressor, afim de conformar a adolescente mãe-entrevista [n.02] diante de sua dor, de ter perdido seus três filhos bebês em fase de amamentação e seus cuidados. Talvez, a justificativa de que a menina mãe não sabia cuidar dos bebês não fosse exatamente esse o motivo, mas sim, por detrás de suas atitudes e dos sequestros, houvesse a intenção do maníaco sexual libertar a mãe da maternidade para atender aos seus caprichos sexuais abusivos sem interferência das crianças. Assim ele ficava livre para o sexo a hora que desejasse.

Sobre esse drama materno, a mãe-entrevistada [n.02] relembra em detalhes, desde as características físicas de seu primeiro filho sobrevivente, o que foi retirado de seus braços à base da mentira e visita dissimulada dos envolvidos. Ela disse que a criança sequestrada *“tinha 8 mês. Que ele disse que não tinha como criá. Ai tive um de novo, outra menina, ele deu com 9 meis de novo, aí nasceu outra menina de novo, ele deu novamente. Ele tirava de mim sem me, sem nem me dizê que ia dá, tirava e dava”*.

Não, uma ele deu de noite, ele chegou, a mulher chegou, a menina tava dormindo. Ai ela chegou, a mulher chegou batendo na porta aí eu perguntei quem era, ela disse assim: - Ah! uma amiga, uma amiga da família. Eu disse, mas quem é? Deixá aqui, abre que eu digo quem é. Quando eu abri era uma conhecida dele, eu não conhecia ela. Ai ela disse: deixa eu vê a tua menina. Eu disse: não! ela tá dormindo já. Ai, ela pegou, botou no braço e nessa hora ela carregou a menina. Era ela e uma amiga dela, e levou a menina. Eu não sabia, eu não sabia quem era, nem pra onde tinha ido. Isso, ai foi, foi a segunda já. Foi de noite, era umas 7 hora da noite, mais ou meno. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Enquanto o rapto acontecia, o pai-agressor assistia o desfecho das cenas escondido do lado de fora da casa, encostado na parede do casebre onde a menina mãe-entrevista [n.02] morava com seu filho bebê. O agressor observava tudo na companhia de sua mãe, avó da criança. Se manteve escondido nas sombras da escuridão da noite. Em sua narrativa a entrevistada [n.02] conta com suas palavras trêmulas:

[...] tava escondido, não tava junto não, ele ficou escondido, depois que ele apareceu. Eu fiquei desmaiada, quando tiraram a menina eu fiquei desmaiada e ele ficou me aconselhando, me dando conselho dizendo que eu ia arrumá outra, uma outra. Que, que eu ia criá meus filho, daí me levou pro Recife, lá, tinha arrumado um trabalho pra mim, me levou pro Recife.

O rapaz já tava, ele já tava, já tava certo. Ai me levou pro Recife pra trabalhá. Ai eu fui trabalha e ele não sabia onde é que eu tava, depoi lá, aí ele, ele..., é..., descobriu onde eu tava e foi, e foi pra lá, aonde eu tava. Aí me tirou eu de lá, pra me botá em outro lugar. E assim eu fui vivendo muitos ano desse jeito, indo prum canto trabalhava, não dava certo, ia pra outro e até que, até que eu já tinha tido 3 filho já ele tinha dado, aí depoi foi que eu fiquei grávida do meu, do dum filho, aí foi desse tempo que eu fiquei na, na terra dele e não saí mais. Nasceu os outro menino e eu fui criando. (ibid.).

Perguntei se ela sabia onde estavam os seus filhos raptados bebês, os que foram levados por pessoas estranhas, respondeu:

Não, eu demorei, demorei a saber. Tinha uns que eu não sabia onde tava não, depoi de um tempo foi que eu descobri aonde tava. Aí eu fui lá na casa do home e eles ficaram cum medo, pensaram que eu ia busca meus filho, aí foi que eu conheci eles, eu conversei com ela e disse que não ia toma os fio deles, que eles tavam muito bem criado. Ai, fi, fiquei conhecendo eles, mais antes, eu não sabia quem era e estava não. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

As violências praticadas contra a menina mãe-entrevista [n.02], não somente pelo agressor pai de seus filhos, foi também por outras pessoas estranhas e conhecidas, incluindo a suposta sogra e avó das crianças. A mãe do abusador era sua aliada na pratica dos abusos sexuais e agressões contra a menina vitimada por eles, a mísera sogra sabia das intenções do filho agressor, ela participava diretamente de tudo, das combinações e tramas, dos sequestros aos abusos e maus-tratos, esteve do lado do opressor, afinal era sangue do mesmo sangue, ambos de natureza perversa. Observo nas narrativas que a única fase em que a mãe-entrevistada [n.02] se sentiu protegida e segura foi enquanto esteve ao lado do seu avô paterno falecido quando ainda era pequena, uma memoria positiva e alegre que durou até os seus 6 anos de idade. Depois disso, sua trajetória foi somente de sofrimento, abandono, maus-tratos na casa de um de outro, até chegar ao ponto máximo de suas experiências pessoais na convivência com o infame agressor. Assim foi a trajetória de sua vida.

Foram muitos os acontecimentos graves geradores de experiências múltiplas e de difícil superação para a mãe-entrevistada [n.02], apenas uma menina adolescente com inocência de criança, criando outras crianças quase na mesma condição, mãe e filhos indefesos e agredidos pelo mesmo predador desde o berço. A menina passou pela infância rapidamente, desconheceu sua adolescência de sonhos e descobertas, se transformou precocemente numa criança-adulta reprodutora de filhos, foi transformada numa máquina de fazer sexo e de trabalho lucrativo para o agressor. Foi exposta ao mundo e surpreendida com as intenções alheias sem ter a consciência do

que estava acontecendo em sua vida, as maldades praticadas contra sua integridade física, emocional e moral automatizaram os impactos. Infelizmente, percebo o quão a entrevistada foi explorada, violentada e abusada em sua longa jornada, cada dia sofria o risco de não sobreviver ao dia seguinte. A exploração do trabalho infanto-juvenil e adulto fez parte de seu cotidiano, o único meio de sua sobrevivência juntamente com seus filhos pequenos. O ciclo vicioso de violências, abusos e exploração só teve fim quando a entrevistada [n.02] se separou definitivamente do agressor, ela relata: “[...] *Eu deixei ele, fai um par de ano, mai eu não quis casá mais não. Tô sozinha agora, tô sozinha. Meus filho, cada um tá trabalhando, foram estudá, outros foram trabalhá e eu tô sozinha agora*”.

Outra questão girou em torno da convivência e vida sexual da entrevistada com seu agressor-pai de seus filhos, perguntei, se em alguma fase de sua vida teve sentimento positivo na intimidade da relação, ela respondeu:

No começo era. Depois duns tempo foi que foi mudando né. No começo eu não sabia não. Não sabia não, ele era quem... Ah! Na verdade, eu aprendi junto com ele, que eu não sabia de nada. Sobre esse negócio aí, eu aprendi com ele. Não sabia. Aí, depois duns tempo foi que eu fui sabendo como eram as coisa, às vezes minhas amiga conversava comigo, falava comigo. Mas, é assim, a minha convivência com esse home foi assim, não tive experiência nenhuma. Ele que me ensinou né, que eu não sabia. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

E atualmente como está sua vida com o pai de seus filhos? Imediatamente a mãe-entrevistada respondeu: “*Ah! O pai dos meus filho eu deixei ele já, parece que já faz uns 10 ano ou mai, eu acho. Ele não, não tenho contato com ele não. Ele é pra lá no canto dele e eu no meu. Eu não tenho contato nenhum com ele mais*”. Ele tem outra família além da sua? Continuou a responder:

Tem. E com as outras mulher ele tem vários filho, eu nem sei a quantidade de filhos, só ele sabe por que eu nem sei. Tem filho dele que a gente nem conhece. Tem filho que a gente nem conhece. Sei que tem bastante filho. Num sei, eu não sei não viu, mai eu acho que ele tem mai de 40 filho. Mais de 40, uns 40 filho eu acho. É quase tudo registrado no nome dele. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Sobre a sua relação e convivência atual com seus filhos, o que a senhora tem a dizer? Arrumou o corpo na cadeira e disse: “*Tá bem. A minha situação com meus filho tá bem graças a Deus. Todos meus filho me considera, me respeita. Eu gosto muito dos meus filho, meus filhos gosta de mim, tô bem. Tô bem graças à Deus agora. Com meus filho eu vivo muito bem*”.

Definitivamente, esse é um extenso enredo de história de vida real, como bem coloca Foucault (2003, p. 207-208),

[...] o poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, [...]. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmática – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder.

A memória da vida sexual da entrevista [n.02] caminha no tempo como marcas de experiências reais que compõe a sua história de vida. As experiências da mãe não se diferenciam das vivenciadas por sua filha entrevistada [n.01]. Em sua narrativas observa-se acontecimentos relativamente comuns ou semelhantes vividos por ela e ambas, até com certa regularidade de fatos envolvendo vida pessoal e familiar de cada uma bastante singulares. É sobre sua história de vida que vou apresentar as narrativas e analisar a seguir.

#### b) Estupro ou sexo consentido?

A atenção e centralidade do tópico, está voltada para as experiências pessoais e familiares envolvendo a filha-entrevistada n.01, é sobre suas experiências íntimas, as primeiras atividades sexuais parte de sua história de vida que inicia a narração. Sobre a iniciação sexual ela contou:

Certo, como eu falei anteriormente, eu saí de M. com 14 anos pra trabalhar, eu trabalhei como babá, aí depois trabalhei numa outra empresa. E referente a família, meu 1º filho, tinha com 22 anos de idade, então assim, não foi tão cedo né. Devido às experiências referentes à família que eu passei referente à minha mãe.

Isso, 1º filho eu tive com 22 anos, depois de dois anos tive minha filha caçula que hoje vai fazer 10 anos e meu filho vai fazer doze (12). Sim. Mesmo pai os dois.

É, P.H. tem 11 anos, vai fazer 12 anos dia 9 de agosto, então ele tem 11 anos ainda, tá cursando hoje o 6º ano na escola integral que eu consegui, aqui no município mesmo, e A. J. ela tem 9 anos, vai fazer 10, também, em agosto dia 12, ela está cursando o 4º ano do ensino fundamental. Pronto é isso. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Ao perguntar se engravidou daquele homem de 58 anos, com quem aos 14 anos teve sua primeira experiência sexual, respondeu:

Não. Ele foi meu 1º namorado. Então, não dava certo porque ele era casado. Eu namorei com ele, então logo em seguida que eu cheguei pra trabalhar como babá, eu tinha o que 14 anos pra 15 anos, ele é pai da minha patroa.

Ele já era maior de idade, tinha sessenta e poucos, 58 anos, então eu me envolvi com ele e perdi minha virgindade com ele. Foi 1º namorado.

Isso, aí nós namoramos um bom tempo né, escondido. E depois que me envolvi com ele, eu tive que sair da casa porque não tinha condições de conviver né, com medo das pessoas descobrirem.

Aí depois ele pagou um pensionato pra mim, ele não queria que eu fosse pra casa da minha irmã porque era favela e não sei, não queria. Mas, assim, aí, ele pagou um tempo, uns 4 meses de pensionato pra mim. Pensionato feminino. Né, fiquei um tempo lá.

No Recife. Ele pagou um tempo, aí depois não tinha mais condições de arcar com a despesa né, que eu tava só estudando nessa época, não tava trabalhando, aí que eu foi que eu resolvi morar na casa da minha irmã de novo. Nesse meio tempo morei com ela, uma, das mais velhas. Aí, no caso, não tinha mais condições porque eu tinha medo da família descobrir. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Continuando ainda sobre o assunto, perguntei para a filha-entrevistada [n.01] se a esposa daquele senhor casado com idade de 58 anos, com quem ela teve a sua primeira experiência sexual, o considerado “patrão-namorado”, o pai de sua patroa, para quem prestava serviços domésticos de babá, se a mesma sabia do “romance” envolvimento sexual dela [empregada] com o pai [patrão] dentro de sua casa. Tendo em vista a convivência doméstica no ambiente familiar compartilhado entre si. Com essas palavras ela respondeu:

Não sabia, isso. Aí eu saí de lá por causa disso. Depois que eu conheci o pai das crianças aí eu já tinha comprado a minha casa, a mesma casa né, ele comprou um terreno pra mim que tinha uma casa, que seria necessário reforma. Não tinha dinheiro pra fazer reforma, aí fui morar com a minha mãe do jeito que estava né, tive que fazer isso. Mas, ele me deu depois que minha mãe voltou pra M., minha irmã veio buscá-la, aquela situação. Então, nós vendemos a casa era baratinha, acho que na época vendida por três mil reais, aí pronto, o dinheiro nós dividimos, ele ficou com a metade e eu fiquei com a metade.

Também, a casa eu fiz questão que ele colocasse a documentação no nome dela, da minha mãe. Não quis no meu. Aí, nós vendemos. Ela me deu uma parte e ela ficou com a outra parte. Aí, é isso.

É, ele me procurou um tempo né, mas aí eu falei que não queria mais, que eu não queria né, que eu não queria aquela vida pra mim. Eu queria construir uma família né, então assim é, felizmente ou infelizmente, terminei com ele. Eu não sei se ele me perseguia, sei que finalizou, ele ficou pra lá e eu fiquei pra cá. Aí, eu me envolvi literalmente com o pai das crianças. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

As primeiras experiências sexuais das participantes [mãe e filha] na fase da adolescência foram bastante semelhantes, em tempos distintos ambas foram vitimadas por homens adultos, casados, pai de filhos, com idade exageradamente superior a delas. Mãe e filha foram dominadas e vitimadas em ambientes domésticos habitados por um “chefe de família” abusador, mal-intencionado em preda suas vítimas em condição indefesa e de fragilidade. São homens agressores sexuais com idades próximas e vítimas também com perfil semelhante. Fizeram delas seus alvos de seu interesse sexual apenas e objeto de exploração do trabalho no cativo doméstico, nada mais do que isso.

A mãe foi abusada quando cuidava dos filhos de seu agressor, da mesma forma, sua filha-entrevistada [n.01] vivenciou as mesmas experiências. Também foi abusada no espaço doméstico trabalhando como babá dos netos de seu abusador, um homem velho quase idoso, com idade de ser seu avô, mas agia conduzindo racionalmente sua vítima para as sombras no habitat da própria família. No seu cotidiano cercava a menina virgem, a babá de seus netos, dissimulava ser seu “namorado” apesar de casado e em traição conjugal contra a verdadeira esposa. Iludiu com mentiras e falsas promessas a adolescente doméstica até deflorar o sexo imaturo no ambiente de circulação e convivência familiar. Os modos operantes utilizados pelos agressores e as armadilhas planejadas racionalmente para atrair suas vítimas, com perfis frágeis, vulneráveis, iguais ou semelhantes em situação de abandono e pobreza, são os mesmos em termo de práticas e atitudes reproduzidas.

As violências sexuais impactadas na mãe e na filha foram praticamente iguais, ambas vivenciaram experiências semelhantes, sentiram os mesmos sentimentos de insegurança, viveram os mesmos riscos de não sobreviver ao mundo, nem ao dia seguinte.

Observando as estratégias de sedução utilizadas pelos abusadores contra as vítimas adolescentes [mãe e filha], a forma de controle, dominação e o jogo movimentado no cenário doméstico, são praticamente as mesmas. Nas narrativas da mãe-entrevistada [n.02] e da filha-entrevista [n.01], essa construção fica bem clara, os detalhes das experiências sexuais, o modo de operação e o lugar onde aconteciam os eventos, revela a realidade de uma que infelizmente não se diferencia da outra.

O mais surpreendente é que para as entrevistadas, em especial a filha, em sua auto crítica e percepção, ela não considera que sofreu abusos e estuprosexuais pelo homem adulto com quem teve sua primeira experiência, como configura a lei e a cultura coletiva. Ela relativiza a situação e descarta a existência de violências sexuais praticadas contra ela, mas sim, houve na relação carnal um grau de consentimento e decisão própria, mesmo sendo praticado por um homem mais velho do que ela. Nesse caso, não importando se era adolescentes e em condição vulnerável, o sexo aconteceu por ele consentiu. É a sua percepção sobre o assunto.

A tática de sedução, controle e proximidade lenta, devagar, racional que os abusadores, estupradores, pedófilos de crianças, adolescentes, filhas e filhos usam são as mesmas, e isso ajuda a confundir a percepção de suas vítimas, desorienta o emocional do infante. Há sempre em curso o mesmo jogo de atrair o alvo, envolve-lo com discursos e segredos para atingir a estrutura

emocional e cognitiva da vítima. Assim, os abusadores adquirem confiança de suas vítimas, fazem com que elas os defendam em qualquer circunstância de risco, afastem possíveis suspeitas contra eles. É assim que eles agem no interior dos lares, tanto que nem a filha, nem a mãe se percebem alvos de violências sexuais com estupros cometidos contra elas. A ênfase é dada com mais força para as violências domésticas, talvez, uma tentativa de invisibilizar a violência sexual por simbolizar vergonha social e moral.

Mas, a constatação é de que ambas [mãe e filha] sofreram violências sexuais, ora, pelo agressor em comum, ora, em ambientes diferentes.

É como Foucault (1995) afirma,

[...] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (p. 243).

O agressor em comum na moradia compartilhada entre mãe, filhas e filhos violentados, os abusos incestuosos praticados principalmente contra a filha-entrevistada [n.01], foi o que levou a adolescente fugir de casa, embora tenha sido surpreendida com as mesmas violências no ambiente de trabalho.

A diferença observada entre ambas, é apenas uma, por sorte a filha não teve filho, nem permaneceu convivendo por décadas com seu abusador, enquanto que a mãe, não conseguiu se distanciar dessa condição, apenas isso. A seguir, discuto a questão da educação sexual interpretada como tabu pessoal e familiar.

### c) Corpo tabu – Sexo Violado

A interrompida socialização da cultura familiar da mãe-entrevistada [n.02], levou a valorização da cultura transmitida por grupos secundários durante sua infância e vida adulta, porém, certos assuntos tabus continuaram intocáveis, como por exemplo a educação sobre o corpo feminino em transformação, sexualidade, menstruação, casamento, filhos e todas as informações sociais parte do ordenamento moral das regras autorizadas ou proibidas de falar dentro de casa. A



conduta social carregada de tabus impactada na infância da mãe-entrevistada [n.02] se fortaleceu na vida adulta.

Informações dessa natureza continuou com força de tabu, apesar do nascimento dos filhos e filhas membros da família. A resistência teve impacto na desinformação e desinformação da mãe, depois reproduzida para o grupo. Até entre as mulheres adultas, os jovens meninos e meninas moças eram deixados de fora do processo de socialização sobre o desenvolvimento do corpo e do sexo, os pais e adultos evitavam falar sobre tais mudanças para seus membros em fase da adolescência. Era assunto interpretado como objeto proibido na ordem moral dos costumes, talvez, um suposto modo de preservar a inocência da criança ou do jovem imaturo, ou, não despertar a curiosidade dos meninos e meninas para não experimentar o sexo fora do casamento, de não arriscar a honra da família, ou, sofrer a perda da virgindade e não acontecer uma gravidez indesejada.

Desse modo, a desorientação da vida sexual em família se transformar em realidade e tabu rígido. Decerto, teve efeito contrário ao que podia simbolizar inocência, a desinformação gerou desorientação da sexualidade dos filhos, fato que ampliou uma série de outros riscos, incluindo gravidez sequenciadas e surpresas com todas as consequências possíveis tanto para a mãe, quanto para a filha, ambas afetadas pelo mesmo esquema moral.

A mãe não recebera informações de seus antepassados, em consequência disso também não transmitiu orientação alguma sobre corpo e sexo para suas filhas e filhos adolescentes, no sentido de prevenir violências sexuais e informar sobre as mudanças biológicas e emocionais que iriam sofrer na passagem de uma fase para outra durante a vida, levando em conta as explosões hormonais, os desejos sexuais e outras demandas do mundo masculino e feminino, nada disso foi repassado ou transmitido. Contudo, a rigidez em torno do assunto se manteve intacta e em operação dentro de uma prole de adolescentes em ebulição hormonal, meninos e meninas desorientados e dissocializados das regras culturais em torno da sexualidade do grupo. O sexo-tabu se transformou em múltiplos problemas de ordem elementar, nem superficialmente sobre a individualidade de cada um foi conversa em particular, as meninas moças assustadas e surpreendidas com a primeira menstruação, para a mãe as descobertas e experiências pessoais aconteceriam na prática. Uma realidade constatada nas narrativas de ambas as entrevistadas participantes desse estudo, dentro da família se a menina menstruasse teria que pedir orientação para outra pessoa que não fosse membro, alguém de fora lhes dizia o que deveria fazer para cuidar da higiene pessoal, dos cuidados com o

corpo e a nova fase da vida, desde que não partisse da própria mãe. Nesse contexto de tabus, se algum membro praticasse sexo por vontade própria ou de forma forçada, ninguém podia saber, pois, estava em jogo a dominação do agressor envolvido na atividade sexual, o aprisionamento da vítima pelo medo de quebrar o silêncio, a própria honra pessoal e a moral da família. Com isso, o sexo consentido, ou, à base das violências se transformou em outros tabus misturado com o tabu do incesto dentro da família, como é o caso desse estudo em movimento. Um “costume” com carga negativa, nascido com a mãe que agravou as violências do agressor contra ela mesma e suas filhas principalmente.

A desorientação familiar sobre corpo e sexo é tão forte na cultura local, que a gravidez prematura da mãe-entrevistada [n.02] resultante de abusos e estupros, ela só ficou sabendo de sua gestação na hora do nascimento de seu primeiro filho, antes disso ninguém havia lhes preparado para a maternidade, menos ainda para a vida adulta.

A ausência de educação sexual na família foi total, realidade que também reproduziu relações e convivência de gerações de filhos desprovidos dessas informações. A matriarca, mãe-entrevistada [n.02] resistia falar sobre o assunto com suas filhas adolescentes a qualquer custo, segundo ela por questão de vergonha e tabu. Assim imaginava que não lhes cabia abordar a questão por desconhecer a informação correta e também em função da autoridade materna, talvez a sua justificativa tenha a ver com as violências sexuais sofridas envolvendo o mesmo agressor da família, além da influência moral e cultural.

Diante das negligência dos pais e adultos, cada filha e filho deveria descobrir as tais mudanças biológicas, a partir de suas próprias experiências de contato com a individualidade e o mundo externo, pouco importando se o saber transmitido estava certo ou errado. Nesse contexto, observo nas narrativas que a maioria das meninas adolescentes buscou orientação sobre as mudanças biológicas impactadas no próprio corpo e sexualidade com os amigos e colegas mais próximos, quase sempre da mesma idade, menos com a mãe.

Um sistema rígido, fechado, inalterado, onde cada membro da família foi desprovido de orientação básica, como elemento de segurança e diretivo para lidar com a vida pessoal e o mundo, todos foram prejudicados, as dúvidas sobre o íntimo foram mantidas em silêncio, valendo as regras dos tabus reforçado pela mãe biológica e, ao mesmo tempo, piorado pelos abusos do agressor incestuoso.

Haja visto que

[...] a proibição do incesto que se tornou inerente ao ser humano, é algo que deve ser alcançado pelo indivíduo para que ele possa ingressar na cultura; portanto, esta proibição que não é natural, deve ser ensinada a cada ser humano que nasce. (COHEN, 1993, p. 125-126).

Os riscos dentro de casa se tornaram reais, os abusos e estupros, atividades permanentes praticados pelo agressor em comum da mãe e de suas filhas, onde a moléstia sexual fez parte do cotidiano como ato verídico. As filhas desorientadas e inseguras de si, das mudanças do próprio corpo e de sua sexualidade, as chances do agressor predá-las foram bem maiores, não somente por isso, mas também por conta de suas intenções e armadilhas planejadas para chegar a esse fim. O corpo vulnerável das meninas adolescentes, a incapacidade de capturar ou maliciar as intenções do agressor, o despreparo e a fragilidade para o embate, se transformou em alvo fácil, sem resistência alguma. Por gerações os “costumes” tabus mantidos em segredos impediu a comunicação aberta na relação de convivência e intimidade entre mãe e filhos, adultos e jovens. Uma conversa responsável entre gerações vanguardas e jovens, sobre corpo feminino, masculinos, menstruação, sexo, gravidez, namoro e os riscos, teria evitado muitos dos problemas observados na família, mas, nada disso foi lavado a sério ou colocado em prática. As barreiras morais agravaram as dificuldades na família, é com essas palavras que a mãe biológica do grupo reconhece e relata:

Olha não sei. Eu não sei por que as minhas filhas menstruaram e nunca me disseram nada. Porque eu sempre fui uma mulher assim vergonhosa, nunca, nunca falei nada pra minhas filhas como é que as coisas aconteciam. Então, elas menstruavam e nunca me falavam não. Não sei com quantos anos ela foi, ficou, se ela tinha sido moça nesse tempo, porque ela também não me falou. Eu não sei dizer. Porque eu fui criada assim. Eu fui criada com a minha vó de criação, mãe de criação, e ela, e era muito, mas ela era muito rigorosa assim. A gente não, não me criou sabendo de nada, não conversava na minha frente, nunca me falou nada. Não sabia de nada. Me criou assim, então, nada pra minha filha eu também ensinei, porque eu fui criada assim, tinha vergonha de falar pra elas e nem elas falavam pra mim. Então, assim, eu não sei com quantos anos ela foi moça, se ela já era nesse tempo ou não, eu também não sei. Ou se foi moça lá, não sei. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A necessidade da educação sobre o corpo e a sexualidade humana, principalmente em torno da criança e do adolescente na fase de desenvolvimento, é uma urgência da sociedade e de extraordinária importância para o processo formativo e educativo de uma pessoa crescer de forma segura e saudável. Conhecer o próprio corpo e a sexualidade de forma correta e responsável. É o que ajudará diminuir as chances de agressores oportunistas espreitar e fazer novas vítimas. Preparar e orientar nossas crianças e adolescentes em cada fase de suas vidas, significa evitar dramas com

as mudanças do corpo biológico, emocional e do comportamento individual de cada ser, além de preservar a vida em segurança. É um dever da família, da escola e das instituições sociais adequar material didático e preparar profissionais para esse fim. Sem isso, a violência sexual não será interrompida e desmantelada na base.

A instituição social - família – reprodutora e formadora da pessoa em primeiro plano da vida social, responsável pela socialização de valores, regras e padrões, não pode assumir tamanha responsabilidade sozinha, é preciso compartilhar com outras instituições na garantia da base formadora de crianças e adolescentes. A família falha em muitos aspectos de forma grave que prejudica uma criança para o resto da vida. É preciso estender a educação sexual das pessoas para a escola e instituições de caráter social-educativo. Família, escola e o conjunto de instituições sociais precisam levar a sério a urgência da necessidade de formar as crianças e os adolescentes de modo adequado e consciente para se tornarem conhecedores dos processos do desenvolvimento de seu próprio corpo e de sua sexualidade.

Os meninos e as meninas bem informados, orientados e acompanhados por pais e profissionais conscientes, a preservação da intimidade individual de cada um deve fazer parte da vigilância coletiva e de forma saudável para proteção de seus membros. Individualmente e coletivamente sermos capazes de identificar nas atitudes maléficas e intencionadas de adultos predadores e abusadores do sexo infantil-juvenil, para atuar com punição e coerção social. A tragédia das violências domésticas e sexuais persistentes dentro dos grupos familiares e nos espaços diversos da sociedade, atividades dessa natureza podem ser evitadas e combatidas se coletivamente iniciarmos movimento para inversão de valores negativos para positivos. Ao invés das vítimas silenciarem as violências domésticas e sexuais sofridas dentro da família, devem expor e denunciar seus agressores publicamente; não reforçar os tabus mantidos à base do medo, da vergonha social, da desonra feminina e familiar, são invenções masculinas criadas para manter mulheres, crianças, adolescentes e o grupo subalterno sobre dominação de um macho mal-intencionado.

A função social da família e da educação não deve se limitar a quem se responsabiliza pela informalidade ou formalidade, é preciso ambas instituições se unir para reconfiguração da vida social, levando em conta o mundo individual dos sujeitos e a coletivo da sociedade, mexer nos valores e invenções indicadoras de interesses puramente masculinos, para destituir tais mentalidades para transformar em objeto útil e de interesse da coletividade, isso é fundamental e urgente. Por isso, considero que essa é uma das possibilidades de pensar e redirecionar as unidades

de forças que temos na sociedade, as instituições fortes para alcançar novas travessias pedagógicas e culturais. Vejo a escola, a família e a comunidade como a base necessária para tais mudanças de condutas e de comportamento dos indivíduos e da coletividade em alerta. Assim creio que predadores sexuais tenham mais dificuldades em pregar suas vítimas, embora, esses seres não deixarão de existir dentro das sociedades, mas se as crianças e adolescentes forem desde cedo orientados corretamente, serão também desviados desses danos, uma vez vitimados não terão mais volta. Reagir individual e coletivamente de forma consciente e sábia, podemos sim mudar o comportamento dos indivíduos habitantes do mundo, decerto, teremos impactos mais positivos sobre as relações e intimidades com o corpo e a sexualidade humana em todos os aspectos da vida.

Nas reflexões de Foucault (1995),

[...] o exercício do poder consiste em conduzir condutas e em ordenar a probabilidade. O seu núcleo enunciativo está em diversas localidades e seu objetivo está na propensão a regência da ação do outro e, não no afrontamento entre dois adversários, não é um bloco maciço que pesa sobre as pessoas, mas algo que age com sutileza sobre ações na busca de conduzi-las. (p. 243-244).

Grossi; Casanova e Starosta (2004), fazem observações interessantes a respeito das violências de gênero, focam a relação conjugal de casais que iniciam seus núcleos familiares já à base de violências. Ainda nesse sentido discutem os estágios das violências e entre essas, a dimensão cognitiva que afeta e incapacita a vítima, assim afirmam que

[...] o homem violento apresenta uma percepção rígida e estruturada da realidade. Apresenta poucas possibilidades de mudar ou rever suas ideias. Percebe sua mulher como uma pessoa provocadora e tem uma espécie de lente de aumento para observar cada pequeno detalhe em sua conduta. Dessa forma, possui uma enorme dificuldade de observar a si mesmo, suas sensações e sentimentos, confundindo o medo com a raiva e a insegurança com uma chamada de atenção sobre algum comportamento que apresentou. (GROSSI; CASANOVA; STAROSTA, 2004, p. 203).

Concordo com as autoras quando dizem que um homem violento não muda facilmente sua forma de ser e de agir, se um núcleo familiar é iniciado por um casal ou um dos cônjuges tiver natureza violenta, logo, vai espancar, agredir e até matar sua vítima, quase sempre esta vítima é a esposa. É provável que o marido ao se tornar pai, também este seja violento com os filhos. É assim que nasci a violência doméstica no espaço privado como fenômeno que se amplia e toma dimensões múltiplas na vida do grupo. Diante das observações dessa pesquisa, acredito ser esta a questão mais complexa da investigação, tudo gira em torno dos valores e das regras culturais, morais, religiosas,

envolvendo classe, gênero, raça, e todo complexo simbólico e práticos que foram transmitidos para na formação dos grupos familiares, são questões que necessitam de profundas e amplas reflexões sobre as mentalidades operantes, dominantes e consolidadas dentro da sociedade, tem a ver com a revisão de funções e papéis sociais que cada um desempenha sem a necessária reflexão. As ações da vida individual e coletiva no automático não é mais o caminho, é preciso parar e tomar novos rumos. A violência está na cultura e a cultura está impregnada na mentalidade, nas condutas e ações dos indivíduos, os conteúdos formadores da mente social de uma pessoa pode ou não, ser naturalizada no ambiente doméstico, aja visto a questão das violências domésticas e do incesto familiar praticados no cotidiano como atividade “naturalizada”, como podemos observar no tópico a seguir. E isso é grave.

#### d) Formação religiosa e crença

A cultura familiar, a formação religiosa e crença dos membros da família, oscilam entre os dogmas do catolicismo praticante e não praticante e o protestantismo local. A crença religiosa como confissão de fé, aparece em conflito ou em oposição entre as entrevistadas, aparentemente existe um mal-estar interno ou desconforto entre as participantes. A filha-entrevistada [n.01] declarou possuir religião católica apesar de não ser praticante, foi batizada na igreja católica juntamente com os demais membros da família, incluindo os pais biológicos. Enquanto que a mãe-entrevistada [n.02], afirmou timidamente ter formação católica, mas que agora é frequentadora de igreja evangélica.

Weber (2001, p. 122: 43-46), discute a questão da cultura religiosa em sua obra “A ética protestante e o “espírito” do capitalismo”, olhando para os efeitos das ações sociais dos indivíduos, as condutas e intenções implicadas nas construções mentais com carga religiosas e tradição no protestantismo. É uma leitura rica para compreender a religião como atividade vocacional, moral e capitalista. Uma forma de tradução da vida material bem sucedida conectada a ascensão divina, onde a “[...] disciplina da igreja e a pregação exerciam grande influência sobre as pessoas”, já que as forças religiosas eram as influências decisivas na formação do caráter”, significando assim um suposto “[...] desapego do catolicismo e a suposta alegria materialista do protestantismo”. (WEBER, 2001).

Simultaneamente, o espírito vocacional e a tradição protestante na “[...] profissão concreta do indivíduo, isso lhes aparece cada vez mais como uma ordem de Deus para ele ocupar a vida de

forma produtiva, centrada, pois, esta foi a posição concreta que lhes reservou o desígnio divino”. (WEBER, 2004, p. 76). Assim, a vida material bem-sucedida dos fieis, significa que a pessoa foi escolhida para ascender a Deus, portanto herdará o reino do céu como recompensa o esforço pelo seu trabalho lucrativo e bem executado como dádiva. Embora, o sucesso profissional ou abundância material, olhando a realidade da mãe protestante e de sua filha católica, o imaginário ou efeitos concretos ainda não foram alcançados.

Finalmente,

[...] o conceito de vocação foi introduzido como dogma em todas as denominações protestantes e descartada pela igreja católica. O único modo de vida aceitável por Deus não estava na vida monástica, mas unicamente no cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. Essa era sua vocação. (WEBER, 2001, p. 69-70).

Do ponto de vista de Simmel (1968, p.75), “[...] o valor da religião é o de exprimir a forma sociológica da reciprocidade, que nós chamamos de unidade de grupo”. Porém, no contexto familiar das entrevistadas, a formação e crença religiosa aparece com forte carga de valores pessoais, a religião para a mãe é vista como elemento de mediação dos problemas familiares, da vida pessoal talvez, há também um grau de retração, resistência e oposição de valores de uma e de outra. É quando declaram.

Eu sou batizada na religião católica né, os meus dois filhos também. Mas, infelizmente eu não sou assídua a religião, eu não frequento templo, não vou justificar o motivo porque aqui não vem ao caso, mas minha religião é o catolicismo. A minha e a dos meus dois filhos. Qual é a religião do pais e a família de origem? São católicos. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Religião? Olha a minha base que eu tinha de religião é sempre evangélica, é..., católica. A gente ia pra missa, tudo. Mas depois de uns tempo, eu depois que eu aprendi um pouquinho lê, que eu conheci a Bíblia, aí eu gosto muito de lê a Bíblia. Minha, minha, não tenho religião, mas eu gosto muito de lê a Bíblia, porque a Bíblia, é tá tudo que eu preciso de bom, as coisa que eu preciso com Deus, tem tudo escrito ali. Pra mim basta. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A religião foi a principal motivação que levou a mãe-entrevistada [n. 02] a voltar para a escola formal, com o desejo de aprender a ler e escrever os conteúdos bíblicos. Sua aprendizagem funcional esteve vinculada a esse elemento simbólico de ordem religiosa, por significar e representar a sua necessidade íntima de estabelecer uma relação com o sagrado, talvez encontrar explicação ou respostas para os acontecimentos da vida pessoal e familiar.



A partir da religião estabelecer um acordo psicológico-espiritual para prover a justiça divina, somente o mundo simbólico sagrado, o imaterial e o místico responde a tais providências em torno da vida real e concreta. Onde tudo estar sendo visto, controle e encaminhado pelo ente sagrado, “Deus”.

Por outro lado, a filha-entrevista [n.01] avançou em seus estudos com motivação e interesse diferente da mãe, de obter formação profissional e ascender ao mundo do trabalho em torno da própria sobrevivência. Como católica não praticante, a crença religiosa não teve diretamente relação alguma com suas escolhas profissionais e modo de vida. No entanto, a questão religiosa da família impacta diretamente na moral do grupo, no corpo e na sexualidade dos membros.

A desmotivação da entrevistada [n.01] em participar ativamente dos eventos da igreja católica, pode estar relacionado com sua homossexualidade, talvez em conflito com valores religiosos e a rigidez da cultura patriarcal heteronormativa da família. Sabendo que a entrevista mantém relacionamento homoafetivo aproximadamente uma década com sua companheira. Em sua casa compartilham a vida familiar convivendo com seus dois filhos adolescentes. Trata-se de uma questão íntima envolvendo dois polos conflitantes – cultura religiosa da família e família homoafetiva onde todos os membros foram afetados por violências domésticas e sexuais. Nas narrativas esses conflitos são explicitados de forma complexa e bipolar. A mãe-entrevistada [n.02] não aceita a homossexualidade da filha-entrevistada [n.01], talvez por questões culturais envolvendo a moral religiosa. Alega que a filha vive em pecado, está desviada dos ensinamentos de Deus, a família certa é aquela formada por um homem e uma mulher como diz a bíblia.

São conflitos permanentes entre os membros da família de origem e a família formada pelo casal homoafetivo, principalmente por parte dos membros da família que se declaram protestantes.

Gurvitch (1963, p. 225), discute sobre a moralidade humana, diz que esse conceito

[...] ocupa o primeiro lugar no caráter rotineiro e estático de toda a moralidade coletiva. Esta moralidade tradicional das sociedades patriarcais favorece mais a forma racional do que a mística; é ao mesmo tempo intuitiva e firmemente respeitada e combinada à tendência para a amplitude com certo rigorismo de suas exigências. A moralidade das imagens simbólicas ideais (patriarca, filho dedicado, filho mais novo obediente, vem logo a seguir.

Pelo observado nas narrativas, a mãe-entrevistada [n.02] é a principal protestante da relação homoafetiva da filha, embora tenha conhecimento de que o casal homoafetivo vive em harmonia, em segurança e como companheiras cúmplices e amorosas. Finalmente, a entrevistada [n.01] vivi

livre de violências domésticas, de traição conjugal do ex-marido pai de seus filhos e de outras atividades danosas que sofria em seu primeiro casamento. A exemplo das experiências que a mãe vivenciou em sua relação heteronormativa com patriarca agressor da família, imersa a uma realidade movida por violências.

Mesmo assim, a matriarca renega a vida sexual da filha, em conversas extras à pesquisa, a entrevistada [n.01] pontuou os conflitos e declarações de reprovação da mãe, a ponto de preferir que a mesma sofresse violência doméstica na convivência de um homem, para ela numa relação “normal”, do que viver com uma mulher.

O conflito ou o problema familiar é complexo, de ordem cultural e moral, e isso não se encerra com a questão puramente religiosa ou sexual do ponto de vista da mãe, mas há em jogo e em movimento uma mentalidade dominante estruturada que opera na mentalidade familiar de forma rígida. A associação da cultura familiar hétero normativa expõe que a crença religiosa em polos conflitantes em alguns aspectos, as similaridades de determinados valores e divergências de outros entre o catolicismo e o protestantismo, ampliam os conflitos familiares em torno da vida das participantes considerada certa ou errada entre mãe e filha. Onde as violências masculinas são invisibilizadas para colocar no centro a sexualidade da filha, vista como objeto de reprovação divina e negação familiar interpretada como desvio dos desígnios de Deus ou inobservância dos preceitos divinos. Não somente isso, há também uma cultura da dominação forte influenciando verticalmente a mentalidade da mãe, em preservar a hierarquia da família e do discurso masculino impactado sobre corpo e sexo feminino. Afinal, a bíblia diz que a mulher estar para o homem e ponto final.

A seguir, proponho uma discussão sobre percepção de classe social e raça do ponto de vista das entrevistadas.

#### e) Classe social e Raça

Na perspectiva sociológica as categorias explicativas de classe social e raça ajuda entender o sistema de estratificação social e as diferenças raciais impactadas nas estruturas da vida concreta. A partir dessa noção compreender o que as diferenças produzem nas relações sociais de convivência na vida cotidiana, com isso problematizar a realidade social a partir da origem [etnicidade e raça] e da condição social dos membros participantes do estudo, que pouco se

diferencia da realidade maior em os indivíduos, grupos, agrupamentos vivem dentro das sociedades humanas. Onde a classe social e a raça herdada se conectam com a cultura de base, com a genealogia familiar enquanto referência particular conduzido pela coletividade. Como diz Gurvitch (1964, p. 262), o grupo de referência é aquele que

[...] constitui uma unidade coletiva real, mas parcial, diretamente observável e fundada em atividades coletivas contínuas e activas, tendo uma obra comum a realizar, unidade de atividade, obras e condutas que constituem um quadro social estruturável, que tende para uma coesão relativa das manifestações de sociabilidade.

A partir da noção de classe social e raça o indivíduo é particularizado em sua origem e condição social vinculado a determinado grupo familiar e agrupamentos constituidores da sociedade maior, onde é localizado dentro da estrutura social estratificada. A categoria passa a identificar, representar e significar simbólico e materialmente o indivíduo como elemento marcado de diferença e distinção social. Por via, os “[...] super-agrupamentos particulares de facto e à distância estão caracterizados pela sua super-funcionalidade” a fim de produzir resultados positivos para uns e/ou negativos para outros. É dentro de tudo isso que nascem os conflitos, diferenças e desigualdades entre classes e raças com “[...] tendência para uma estruturação adiantada” de resistências e incompatibilidades entre si. (GURVITCH, 1964, p.277).

É preciso considerar as dimensões e consequências que as categorias analíticas alcançam em cada contexto da realidade social, raramente as questões de [classe social e raça] estão dissociadas de outros elementos igualmente complexos, haja visto o exemplo da estrutura familiar em estudo mexida por violências domésticas onde tudo se mistura ao mesmo tempo: classe social e raça do agressor marcando diferença e distinção com relação aos demais membros da família, além dos conflitos, está em jogo os privilégios pessoais envolvendo uma multiplicidade de exploração de um sobre os outros. São questões carregados de discursos, praticas, lutas e correlação de forças entre quem tem ou não privilégios na micro e na superestrutura.

Nas narrativas da filha-entrevistada [n.01], a autopercepção de classe social e raça é conflitiva e relativamente confusa, ao mesmo tempo em que se percebe de classe social baixa [pobre], por pertencer a um grupo familiar composto de membros considerados pobres, onde a noção de pobreza está associada não somente às condições de vida financeira insuficiente ou precárias da família, tendo como centro a referência materna e as condições sociais da mãe

biológica. Tem a ver, também, com a baixa escolaridade e analfabetismo da mãe incluindo a maioria dos filhos.

Por outro lado, sua percepção de classe social e raça com relação ao pai biológico é distinta, o pai é visto e interpretado de forma separada do grande grupo, onde a mãe biológica e irmãos consanguíneos pertencem a mesma classe social inferior e [pobre], de raça também inferior por ser de descendência indígena e negra, em comparação a do pai rico e branco, mas também renegado pelo grupo a sua herança consanguínea por representar entre outras coisas, vergonha social e desonra familiar. Diante do conflito, a entrevistada se considera filha de mãe pobre e pai rico vivendo realidades distintas no mesmo espaço doméstico.

Pertencer a uma classe social baixa e sofrer a ausência da cultura letrada reforça a sua autopercepção com relação a mãe biológica, de ser uma mulher desprovida de bens materiais e riquezas líquidas por não ter herdado de seus pais, enquanto o pai sim, é um herdeiro bem sucedido. Nesse contexto, a mãe só pode oferecer aos filhos seu amor materno e sua limitada proteção, do lado paterno, nem transferência material nem financeira, sequer afeto é oferecido à prole.

Enquanto a entrevistada [n.01] percebe o pai como sendo um homem rico, dono de propriedades, terras produtivas e patrimônios, é também um indivíduo de cor de pele branca, de origem familiar tradicional, que também é dona de propriedades, dominante na região, rica e de posses. Por isso, ele pertence a outra classe social diferente da de sua mãe e dos descendentes gerados por ela. Apesar da prole herdar o nome do pai, mas isso não significa que os membros se percebam parte ou pertencente a classe social, a raça e genealogia familiar do pai, pelo contrário, essa condição é negada e vinculada a referência da mãe.

São duas classes sociais e raças distintas em oposição e conflito ocupando os mesmos espaços domésticos e lugar na hierarquia social familiar.

Guimarães (2008, p.68), diz que a percepção de classe social e raça,

[...] está sempre em processo de formação ou dissolução, ela nunca é permanente, porque, para criar essa comunidade precisa-se criar um discurso de origem ou um discurso de destino. Ou seja, construir uma família, grupo, comunidade de destino ou a comunidade de origem exige tempo, história, política – não é algo que se faça automaticamente.

O sentimento de pertencimento a uma classe social, inevitavelmente se conecta também a determinado grupo étnico-racial com traços e características particulares que foge do controle ou da vontade pessoal. Não somente isso obviamente, mas há de se considerar as várias outras

influências de ordem biológica, genética, cultural, social, os fluxos de valores herdados, a ocupação de determinado território e o conjunto de coisas materiais e simbólicas que produz semelhanças e diferenças dentro do grupo. No caso da percepção da filha-entrevistada [n.01], a classe social e a raça de seus pais biológicos são completamente distintas, o que produz dentro da própria família diferenças, desigualdades e conflitos, desde o modo de pensar e agir entre si e o mundo das coisas em sua volta.

A hierarquia operada nas relações convivência tencionadas pelas diferenças impactadas nas intimidades do cotidiano familiar, em especial, entre marido e mulher, pai-filhos, mãe-filhos, são rígidas e conflitivas. Por ser o lugar onde o pai determina suas ordens, a mãe e os filhos tem que obedecer e cumprir. A relação de superioridade e inferioridade, de poder e dominação, se configuram de tal modo em função das distinções e diferenças entre classes sociais e raças em oposição dentro do grupo, não há correspondência na unidade de grupo de forma homogênea, a desintegração é concreta e real. Tem a ver com a estrutura das relações estabelecidas entre si envolvendo a hegemonia do poder do pai operante sobre a mãe e filhos destituídos, portanto, subordinados.

Meu pai é um homem branco, rico, letrado e de posse, já minha mãe é uma mulher miscigenada de traços negroide e indígena, de origem familiar desconhecida, pobre e analfabeta, em outras palavras a filha-entrevistada [n.01] declara:

Na minha percepção, ela é uma família pobre né. Porque assim, a maioria são analfabetos infelizmente, mas de origem classe média. Porque assim, os meus avós, os meus avós parte de pai tiveram condições, têm condições financeiras boas. Meu avô paterno ele é bacharel em direito, não é mais porque ele já é falecido. Foi dono e senhor de engenho né. Então, a minha família paterna, são ricos, considero ricos. A minha família materna, são pobres. Foram pobres e são pobres ainda hoje, até hoje mamãe é pobre, eu não conheço a minha família materna, não tenho parente nenhum, não conheço parente nenhum da parte de mãe, não tenho. Não convivi com nenhum deles e no meu ponto de vista hoje minha família permanece pobre. Com exceção dessa minha irmã, hoje tem um outro patamar de realidade, devido ao esforço dela ao estudo, dedicação. Na realidade, o estudo que ela teve né. Então assim, a única que vive melhor é essa minha irmã de referência. Mas, a minha família em si, desses 14 irmãos, todos são pobres. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

O desconforto na autopercepção é visível nas narrativas da filha-entrevistada [n.01] principalmente, aparece o tempo todo em conflito e agitação interna quando tais conteúdos são expostos para análise e autorreflexão.

O fato do pai ser um homem rico, torna-se inaceitável a família sofrer tantas privações materiais e de sobrevivência da forma em que foi submetida, sobretudo, viver por décadas em

condição extremamente precária. Mostra que a abundância e riqueza do pai não modificou a condição de pobreza da mãe e consequentemente a de seus filhos, onde a sobrevivência de cada um dependeu dos esforços e lutas da matriarca com perfil de [mãe solteira]. Se é uma mulher pobre e analfabeta, a condição social de seus filhos também não se diferencia.

Diante disso, o dado positivo é que a mãe construiu na base uma relação forte de trocas, de afetos, cuidados e proximidades entre ela e seus filhos, percebe-se que esse elo é solidificado, estreito e coeso. Diferentemente das relações distantes, frias e de repúdio que a entrevistada [n.01] e seus irmãos sentem pelo pai, um sujeito que representa medo, desconforto, desafeto, vergonha, raiva e hostilidade dentro do grupo. Embora, seja o dono das riquezas supostamente pertencentes à família, apesar de que na prática essa distribuição nunca aconteceu. As consequências das violências praticadas por ele, os danos e riscos gerados para o grupo, essa construção negativa teve também retorno impresumível para o pai agressor, o total afastamento dos filhos, o desprezo e o abandono são atitudes reais. Não havendo entre si o estabelecimento de vínculo afetivo, em comparação com o reconhecimento da mãe.

Os membros do grupo não se beneficiavam dos lucros nem das riquezas produzidas na propriedade por eles mesmos, tudo é controlado e de posse do pai explorador da força de trabalho dos filhos adultos em miniaturas. Gerações de filhos nascem desprovidas, crescem de qualquer jeito e se mantêm nas mesmas condições de sempre, explorados e negligenciados em todos os aspectos da vida pessoal e em grupo. Somente na fase da adolescência, com o afastamento dos membros mais jovens da família, sempre expulsos pelas múltiplas formas de violências domésticas, é que encontraram no mundo desconhecido, em meios aos riscos eminentes, outras possibilidades de sobreviver buscando melhor condição de vida. Nas piores das hipóteses, cada um encontrou meios relativamente melhores daqueles em que tinha antes, sob a dominação do agressor, embora pobres, mas menos sofrido do que antes. Essa foi uma observação importante constatada nos relatos das entrevistadas.

A história de vida de cada participante vincula a trajetória do grupo, as memórias dos acontecimentos, as experiências vividas, sentidas e testemunhadas foram também comuns para o grande grupo, aos demais membros da família. São filhos e filhas de gerações diferentes condicionados ao trabalho explorado, ao mundo das violências privadas sem tréguas. Esses traços foram observados quando exposta a quantidade de atividades produtivas que os membros realizavam durante sua infância e adolescência na propriedade do pai. Motivados por ordens e

castigos exigia dos filhos a exploração máxima da energia do corpo, talvez isso levou a filha-entrevistada [n.01] principalmente a desenvolver certo grau de inquietação interna, angústia e ansiedade implícita na performance hiperativa da participante, o tempo todo esteve preocupada com os afazeres produtivos e com a sobrevivência. Talvez, sua compulsão pelo trabalho tenha sido desenvolvida como uma espécie de exploração pessoal internalizada na infância e refletida na vida adulta, é uma hipótese.

Ao mesmo tempo em que há uma relação forte com o trabalho, percebe-se o distanciamento ou baixo interesse pela escola. Estou me referendo a uma pessoa adulta que fora treinada na infância pelo próprio pai, a trabalhar sem folga para substituição da escola, porventura, essa realidade aparece como um dado significativo e relevante.

A precária condição de vida e as necessidades materiais da família, não era por falta de recursos financeiros ou pouco dinheiro no cofre, considerando que a propriedade do agressor era de terras produtivas, porém, os lucros e as riquezas eram distribuídas ou para sustentar outras famílias e mulheres, com quem o agressor mantinha relações sexuais extras. O trabalho explorado dos filhos era para manter o seu único bem-estar, boa moradia, roupas finas e sofisticadas, endomentários caros. Era esse o modo de vida e estilo do agressor, não distribuía os lucros com os filhos, menos ainda o atendimento às necessidades básicas para sobrevivência do grupo, incluindo a mãe-entrevistada [n.02]. São antigos problemas e atuais consequências com sentimento pesado e dor. Trata-se de pai agasalhado com roupas de seda e seus filhos vestidos de trapos ou de corpo nu. São vidas separadas e distintas que marcaram as memórias dos membros da família, entre esses, as participantes do estudo.

Dada as relações de convivência produtoras de diferenças e distinção de classe social e raça em conflito permanente dentro do mesmo ambiente dormitório da família, essa realidade fica bastante explícita nas narrativas da filha-entrevistada [n.01], bem como os demais elementos que denunciam a mentalidade violenta, perversa e cruel do agressor, a exemplo da exploração do trabalho infantil e multiplicidade de negligências praticadas entre essas a escolar. Da infância à adolescência, meninos e meninas foram submetidos a condição de vida miserável e desumana pelo próprio pai, planejada em detalhe e racionalmente. Esse não um dado raro de se observar em pesquisa empírica, mas é relativamente incomum pela quantidade de eventos praticados por um único indivíduo, por isso é espantoso.

Todos, por décadas mantidos em silêncio vivendo atrocidades no mesmo ambiente,



obedecendo regras rígidas para invisibilizar as violências de raiz profunda e perpetuadas. Uma masmorra que dilapidou a vida e inocência de crianças e adolescentes imaturos, abrindo no corpo individual e coletivo feridas com cicatrizes de morte, apagamento do eu emocional, moral, esvaziamento da autoestima, da dignidade pessoal indisível. As violências familiares atingiu o íntimo de cada membro afetado pela complexidade dos fatos, das atividades nefastas cotidianamente. As violências estão ainda estampadas na aparência física das participantes, na face desfigurada ou modificada pelo tempo, na voz tremula e insegura, no ofuscado brilho dos olhos. Da cabeça aos pés, de forma sutil ou não, há marcas do sofrimento individual e coletivo da família como laboratório de observação, me refiro as participantes que desde criança sobreviveram ao mundo sem proteção. Infantis que trabalharam com os pés descalços se machucando no solo seco, quente ou úmido, molhado ou frio para abrir valas e fazer plantações à base do trabalho forçado, até não conseguir mais suportar o esgotamento de suas energias. No lugar onde os cenários dissimulados foram montados como armadilhas fatais. Com a finalidade de predar o sexo infantil incestuoso e violentar o corpo portador do próprio sangue.

O alento da família se resumia as pequenas doses de alegrias momentâneas nos encontros e na convivência íntima entre os membros, nos momentos em que mãe e filhos portadores de corpos desfigurados pelos maus-tratos sofridos se encontravam para dar força e apoio um para com o outro, quase sempre procurando encontrar uma saída e sobreviver as dificuldades do dia seguinte, sendo a preocupação a companheira inseparável na mente de cada um, criar as condições possíveis para prover o sustento dos mais novos e dar conta das exigências do carrasco da família.

Mas, nada disso elimina do corpo a carga genética e o material biológico supostamente indesejável que cada membro carrega, a herança consaguínea negativa de um homem travestido de pai, mas que na verdade representa um lobo feroz com pele humana. Felizmente, a metade dessa memória genética que tanto atormenta a existência dos filhos é mesclada com o sangue materno, fluido simbolicamente positivo.

A mãe é quem transfere os feixes de referência familiar com caráter simbólico e positivo para os filhos, procurando aproximá-los de sua figura materna e, ao mesmo tempo, da sua ancestralidade familiar. É o que lhes permite puxar fios de memórias vinculando situá-los em seus mundo relativamente imaginado, como único meio de mostrar as características física de seus parentes, apesar de não ter conhecido os pais biológicos. Mesmo assim ela afirma: [...] *por parte de pai, minha família era tudo branca. Meu avô que eu conheci mesmo era bem branquinho dos*

*óio azul. A minha avó, a mãe do meu pai, não conheci. Agora o meu avô paterno era, ele era bem escuro, bem preto ele. Mas também eu não conheci ele não*”. A genealogia familiar por parte da mãe é figurada por imagens mentais e memórias distantes, com esforço ela faz resgates de suas emoções vividas ou imaginadas durante a infância para dar corpo aos enredos na contação de histórias para os filhos pequenos. Com isso, a mãe-entrevistada [n.02] produz identidade pessoal e familiar, sentido e significado positivo para os filhos, a fim de desenvolver na cognição individual compensação pela ausência física de seus parentes e membros desconhecidos, embora essa seja a sua realidade concreta. Contudo, esse tipo de resgate de antigas memórias sobre sua convivência com o avô paterno, serve para situar seus filhos em sua linha do tempo e, no mesmo instante integrá-los como parte de sua linhagem ancestral. Talvez, seja essa uma forma inteligente de aliviar as angústias e os sentimentos negativos por conta da consanguinidade herdada do lado paterno.

A carga maior de tudo isso está nas impressões do corpo social e biológico envolvendo memória de classe, etnicidade e raça, cultura, valores e todo complexo dominante que afetou todos os membros da família, onde o elemento simbólico produziu realidade concreta e impactante.

Em parte, tudo isso tem a ver com a questão do patriarcado lincada a categoria de classe social e raça que Freyre (2006) discute em seus estudos sociológicos, a partir da miscigenação ou da mistura das raças como prova da suposta democracia racial. Mas, a constatação observada nas narrativas das entrevistadas é de que essa convivência inter-racial e com diferença de classe, produziu na família em estudo resultado diferente. De um lado, aparece uma mulher-mãe de raça miscigenada, dominada por um patriarca, servil e fértil para procriação e mais, pertencente a uma classe social baixa, considerada inferior que significa subordinação. Do outro, um homem-pai de cor branca, com mentalidade e atitudes dominantes, de classe social supostamente superior, que transformou a mãe e a própria família em objeto de opressão.

A ideia de democracia racial, integração social ou convivência harmoniosa entre classes sociais diferentes, nesse caso não houve a consolidação dentro da unidade do grupo, o juízo de que o patriarca é o ente mediador dos conflitos e do caos, essa imaginação simbólica deixa de existir, pelo contrario, é quem representa e amplia a desordem social entre os membros. A família em estudo mostra que as relações de convivência e a realidade interna é mais ampla, mais profunda e complexa do que a ideia de miscigenação racial que aparece na reflexão explicativa do autor, embora revele sua percepção vinculando determinado contexto épico. Ainda assim escreve que os homens brancos foram se

[...] misturando gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas [...]. A miscibilidade mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas. (FREYRE, 2006, p.70)

Creio que as relações sociais de classes misturadas a raças diferentes produziu sim mais conflitos e distinções do que democracia e unidade social, não há integração ou conformidade quando há violências em jogo, poder e dominação do forte [branco e rico] sobre o fraco [negro e pobre] operando com interesses e sentidos opostos. A relação de poder e força estabelecida pelo patriarca da família, na direção da mãe e dos filhos pequenos em condição desigual, a natureza da relação mostrou o nível de distanciamento. Isso estar presente nas narrativas das participantes, mas também representa a realidade concreta da sociedade maior.

#### f) Violências repetidas

As violências domésticas e o incesto praticado pelo agressor separou todos os membros da família, depois de décadas a filha-entrevistada [n.01] retornou à comunidade de origem para reencontro de sua mãe biológica [entrevistada n.02] e dos irmãos caçulas últimos membros do grupo habitante da moradia. O retorno foi motivado pela necessidade de ter o apoio de sua mãe nos cuidados de suas crianças pequenas [netos], uma com um ano de idade e outra recém-nascida ou prestes a nascer. Além do fato de ter sido abandonada com suas duas crianças pequenas pelo marido-pai de seus filhos. Realidade que foi repetida e experienciada por ambas entrevistadas, mãe e filha. Com outras palavras, a entrevistada [n.01] suspira profundamente e narra os fatos parte de sua história de vida.

(Suspiro). O ato em si né, a violência com ele e o acontecido com a minha irmã né, a violência sexual, eu com medo e pra não acontecer comigo também. É depois que eu saí né, com os meus 14 anos né, eu voltei depois de casada com filhos. Com o pai dos meus filhos, sim. Então eu voltei com o 1º e já estava gestante da menina. Em princípio nós alugamos uma casa, acho que ele já estava na intenção de me deixar. Aí nós alugamos uma casa né, nos estruturamos num local e como eu trabalhava com turismo, ele fazia o telemarketing pra chamar os clientes para ele, eu fazia atendimento. Fazia esse trabalho em casa e ele viajava. Então nós alugamos uma casa em M. e morei um tempo, acho que chegou mais ou menos um ano com ele. Nesse meio tempo, eu já estava gestante, aí A. J. nasceu minha caçula, aí pronto foi a última vez que. Não, a antepenúltima vez que convivi com ele.

É, eu me separei, vendi os móveis né, tudo que eu tinha e fui morar, pedi socorro à minha mãe.

Aí minha mãe me socorreu, essa minha irmã como sempre né, me apoiou, me ajudou financeiramente, todo mês ela me dava, depositava um valor “X” pra comprar as coisas, manter as crianças, que eu tava sem nada, sem pensão, sem trabalho, dependendo. Nessa época, a minha mãe que já tinha se aposentado graças à Deus. Nossa, devo muito a essa minha irmã e a minha mãe, porque se não fosse elas, acho que teria ficado na rua. Devido a situação que eu me encontrava no momento.

É, o caso é, eu convivi um tempo com ele né, uns 4 ou 5 anos no máximo, e tive o meu 1º filho com ele depois nós convivemos juntos, depois que eu engravidei da minha filha.

Depois que eu engravidei e tive a minha filha, após 27 dias de nascida ele foi embora, ele sumiu e falou que não queria mais viver comigo e que tinha outra, que ia pra casa da mãe dele, que ia, que tinha outra pessoa e que não gostava mais de mim e me deixou sozinha com as minhas duas crianças. O mais velho o P. H. tinha 2 anos de idade e a minha bebê caçula, recém nascida tinha 27 dias de nascido. Então assim, uma barra muito árdua pra mim, sabe? Aí depois eu tive apoio da minha mãe, a minha sorte que tive, eu sempre tive o apoio da minha mãe, mesmo distante, mas eu tive. Então de onde eu estava eu me desfiz de tudo e fui morar com ela. Então hoje eu tenho minha vida independente, não estou mais com ela, mas próximo a ela no caso né. Estou em outro município, mas sempre na minha necessidade, ela se dispõe a me ajudar com o pouco que ela tem né. Então sou grata a ela eternamente. E a minha vida referente ao pai das crianças eu não tenho muita coisa boa pra informar referente a ele né. Que é um homem que tem capacidade de deixar a sua criança recém-nascida e ir pros braços de outra mulher e informar que não te quer mais. Então é muito complicado. Mas, graças a Deus, superei e estou aqui hoje contando a minha história de vida e estou lutando pra sobreviver. É isso.

Não, hoje eu não vivo mais com ninguém, tenho, eu vivo com as minhas duas crianças e estou muito bem assim. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

No mesmo sentido, a mãe-entrevistada [n.02] afirmou que após fugir da casa de seu avô após seu falecimento, devido as agressões praticadas por sua avó-madrasta quando ainda era criança, embora órfã e abandonada no mundo, ela retornou ao local da antiga moradia onde morava. No lugar onde havia deixado para trás alguns parentes. Uma visita oculta ou invisibilizada pelo medo, com passos lentos e silenciosos se escondendo nas sombras da noite e dos arbustos da plantação. A criança não podia aparecer fisicamente para a avó-madrasta, corria risco de ser espancada e maltratada novamente. Assim ela relata como foi seu retorno ao local:

[...] No local que eu...Voltei. Nesse lugar que eu sempre fiquei, na casa não sei se era esse mesmo lugar, na P. mesmo. É no Engenho da P. Mas, pra morá, voltá na casa que eu saí do meu tio, não voltei morá não. Às vezes, eu voltava pra visita, mas eles nem me via. Não. Eu ia escondido, porque eu sabia que eles não queria me vê, aí eu ficava escondida. Eu via assim as coisa escondido assim, aí, eu via o que que eles falavam, o que que eles tavam fazendo, mas eu não me apresentava a eles não. Escutava (risos).

Ah! Eu fiquei muito tempo sem voltá. Ai depois que eu saí de casa, eu fui em casa umas duas vezes escondido, como eu tô falando. Ninguém me via, só que eu via tudo, mas ninguém me via (risos). Eu ficava escondida, dentro das fava, que tinha muito roçado de fava. E eu ficava escondida dentro da fava e eu escutava o que eles dizia de noite. Era. Escondia pra eles não me vê, agora eu via eles quando e o que eles tavam falando, eu via. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Disse que na casa de seu avô morava “[...] *era meu tio e a mulher do meu avô, que não era minha avó. Era outra mulher que ele arrumou*”. Também foi perguntado se ela gostava afetivamente deles, respondeu: “*Gostava. Assim, ela me batia e tudo, mas eu gostava deles assim sabe*”. Por que eles lhe batiam, perguntou a pesquisadora. Respondeu: “*Não sei, porque acho que era ignorância dela, ela era muito ignorante, muito bruta. Não era que tivesse muito motivo não, sabe. Não dava muito motivo não, qualquer coisa que ela mandasse eu fazê e eu demorasse, ela já batia em mim*”.

Perguntei, a sua madrastra-avó tinha outros filhos com o seu avô falecido? Continuou a responder a entrevistada [n.02]: “*Tinha 2 filho, nesse tempo que meu avô morreu, só tinha o meu tio só, que a minha tia já tinha morrido já. Não conheci ela não. Conheci mesmo esse meu tio*”.

Possivelmente, os maus-tratos praticados pela madrastra-avó da entrevistada [n.02], podia estar sendo motivados por ciúmes ou disputa de atenção afetiva na relação de convivência com o avô paterno da menina criança, talvez por ser órfã e única neta razão que dedicava atenção e proteção no lugar dos pais biológicos da menina, é uma hipótese. Pois, na percepção da entrevistada, a madrastra-avó não teria motivos reais e claros que justificasse a quantidade e a brutalidade das agressões, castigos, maus-tratos e punição contra a criança de cinco e seis anos de idade.

Um assunto que chamou bastante atenção, quando procurei explorar um pouco mais a questão a fim de conhecer quem era a madrastra-avó da entrevistada [n.02] que fez a menina fugir de casa para o mundo desconhecido aos seis anos de idade, já que a madrastra-avó foi quem iniciou as agressões físicas, espancamentos e maus-tratos contra a menina órfã na fase mais frágil de sua vida, uma criança indefesa e abandonada por seus pais biológicos desde o nascimento.

Em conversa extra às gravações disse que o avô ficou viúvo de sua primeira esposa que era indígena raptada da floresta quando fazia expedições para colonizar a região em sua época, a jovem indígena não se sabe em que condição se foi espontaneamente ou a força casou-se com o seu avô e com ele teve três filhos.

Quando ainda eram pequenos sua primeira esposa indígena faleceu deixando o avô paterno da entrevistada [n.02] viúvo e sozinho para cuidar dos filhos. Então, seu avô com muita dificuldade, por ser comerciante mercantil, tinha que viajava à cavalo por toda a região vendendo produtos alimentícios e outras utilidades, trabalhar e cuidar dos filhos pequenos era seu maior tormento. A maioria do tempo, os filhos pequenos ficavam sozinhos em casa. Com a sobrecarga

de responsabilidade e trabalho seu avô viúvo teve que procurar uma mulher para se casar pela segunda vez, precisava de ajuda para os cuidados e criação de seus filhos. Situação e contexto que culminou com a separação dos pais biológicos da mãe-entrevistada [n.02], logo após o seu nascimento, ainda bebê, foi entregue a seu avô paterno para ser cuidada temporariamente até o seu pai se re-estabelecer e vir buscá-la definitivamente, isso nunca aconteceu. Foi abandonada pelos pais em fase de amamentação para sempre.

A segunda esposa de seu avô era moradora do mesmo Engenho em era foreiro e a neta nasceu, com perfil de uma mulher negra, forte, alta, brava, violenta, ex-escrava também moradora do local. Lembra quando seu avô chegava do comércio tarde da noite, quando ele ia lhes acordar para dar alimento, banho, pentear seus cabelos e conversar com neta de cinco e seis anos de idade, mesmo cansado botava a menina no colo, abraçava com afeto e emoção. Mas, durante o dia e a maior parte do tempo ficava na companhia e sob o domínio da madrastra-avó, a mulher que lhes “judiada” e espancava todos os dias.

As memórias narradas sobre a infância, as experiências e vivências marcantes na convivência com a madrastra e com seu avô, são emocionantes o bastante. O avô paterno bondoso e adorado, a madrastra-avó sinônimo de medo e risco. São percepções e sentimentos opostos, conflitivos e dolorosos nunca esquecidos pelas memórias em quadros e imagens misturados com a própria vida. São resgates que renderam ricos momentos de emoções durante a maior parte do tempo das entrevistas e narração.

É interessante observar que as violências domésticas que marcaram a memória da mãe-entrevistada [n.02] precede as que o seu principal agressor praticou durante sua adolescência e vida adulta. O problema das violências vêm se enraizando desde a sua infância, atividades iniciadas no berço de forma simbólica e pratica quando houve o abandono de seus pais biológicos, depois ampliada e multiplicada na convivência com sua madrastra violenta, até chega na fase da adolescência com o encontro do agressor principal, quem deu continuidade. A violência domestica e sexual faz parte da vida particular da entrevista e depois se instalou na unidade do grupo, quase sempre como práticas continuadas, repetidas ou reproduzidas por membros agressores e membros agredidos com laços de sangue e parentesco.

Com isso, as violências privadas na família foram sendo aprofundadas e complexificada a cada geração de filhos, o ambiente doméstico se transformou numa fábrica de atividades nocivas e contaminadas, cuja estrutura ocupou espaço no ritual da vida cotidiana de seus membros

olhando as violências de forma naturalizada. Essa é uma discussão que Grossi; et al. (2004), levanta para pensar a dinâmica das violências nas relações íntimas e conjugal dentro da família.

A autora afirma que

[...] a violência conjugal é entendida como uma violência oculta. Existem muitas razões que levam a vítima e o agressor a tentarem dissimular e ocultar a situação de violência. Por esse motivo é que só quando a violência provoca graves danos físicos e psicológicos ela deixa de ser velada. (GROSSI; et al.; 2004, p. 201).

A violência iniciada na relação conjugal, entre um casal [homem e mulher] não necessariamente nessa ordem de gênero, é a mesma que contamina a vida individual e se estende para a família. Seja qual for a forma de manifestação, o dano imediatamente se instala no ambiente, isso acontece quando um viola as regras, sobrepõe sua vontade sobre o outro à base da força física ou psicológica e outras formas de coerção. O corpo [físico, sexual, emocional] violentado é o principal receptor desses impactos, nele fica registrado as marcas, as memórias e emoções.

Grossi (2004), discute a dinâmica da violência conjugal como ciclo, na qual se constitui em três fases na relação de um casal. Primeiro, se inicia com a acumulação de tensões recorrentes, persistentes, de ordem emocional oscilando entre a leve e a grave; com o avanço passa para o segundo ciclo, a descarga das tensões se transformam em eventos graves carregados de danos e conflitos. No terceiro ciclo ou estágio, é quando os episódios de violências contínuas se transformam em ciclo vicioso, passando a fazer parte do cotidiano do casal. Até, não raramente, acontecer uma tragédia fatal, o feminicídio por exemplo.

Algumas etapas desse ciclo infelizmente fez parte da realidade das entrevistadas, muitas atividades graves foram praticadas e repetidas durante anos, as relações de violências estabelecidas entre o agressor e suas vítimas tiveram sucesso de evolução do quadro. A violência doméstica é de fato um fenômeno complexo que se desenvolve de forma silenciosa e sutil quase sempre. Ao se instalar no ambiente doméstico, lugar de compartilhamento e socialização dos membros integrados ao mundo privado, torna-se um espaço privilegiado para as práticas do agressor que vive espreitando suas vítimas para atacar. Ali, ele estabelece seus cenários e esquemas pedagógicos com etapas controladas, sequenciadas e definidas na armadilha engatilhada. Suas estratégias são para desequilibrar e render as vítimas, quase sempre acontece de forma silenciosa e surpresa. É recorrente atividades com agressões físicas, espancamentos, ferimentos, xingamentos e ataques psicológicos que afeta o emocional do alvo, a vida financeira e moral, tudo premeditado em



detalhes. Os eventos de violências praticadas contra as participantes, mãe e filha, não se diferenciam desse ritual circular no mundo doméstico. Para ambas, eventos semelhantes ou iguais se repetiram com as mesmas estratégias em territórios comuns e diferentes ao mesmo tempo. Onde tudo acontecia na luz do dia e na escuridão da noite dentro da moradia e na propriedade do agressor, cuja mãe, em determinado momento fora substituída pelas filhas alvos das mesmas violências sexuais pelo estuprador em comum. A mãe “velha”, usada e abusada durante toda a sua vida deu lugar as filhas jovens, indefesas e imaturas sem malícia. A casa de moradia da família se transformou em lugar de abusos e exploração privada similar a estabelecimento de escravidão sexual.

Com esse posicionamento analítico-reflexivo finalizo o primeiro momento da entrevista narrativa, o denso e rico material colocado em discussão, reflexão e análise possibilitou evidenciar e compreender a realidade das participantes a partir de três categorias analíticas distribuídas em tópicos ou subcategorias.

Na categoria sobre perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto cultural da entrevistadas, valorizei a identidade e origem familiar; referência e significado [familiar e comunitária]. Na segunda etapa, concentrei atenção para a categoria: pouca escola - muito trabalho, discutida a partir das subcategorias: infância explorada; adolescência-adulta; imagem e autoestima afetada; família de sangue - valor de honra e desonra.

Finalmente, a categoria terceira intitulada: vida na encruzilhada, procurei analisar os conteúdos de narrativas a partir das subcategorias: estupro em série - filhos ininterruptos; estupro ou sexo consentido; corpo tabu – sexo violado; formação religiosa e crença; classe social e raça; violências repetidas.

Ainda neste primeiro momento do trabalho demonstro em gráficos os achados e surpresas identificadas nas narrativas de história de vida e as experiências de violências domésticas vividas pelas entrevistadas, a partir de ilustrações gráficas produzidas com apoio das ferramentas do software Nvivo 11, surpreendentemente o uso dessa metodologia com o apoio das lúps tecnológicas, revelou destaques antes não identificadas e os sentimentos ocultos implícitos nas categorias e dados.

Levei em conta o total de conteúdos tratados, organizados e quantificados em 9.780 palavras narradas na modalidade oral pela filha-entrevistada [n.01] durante o primeiro e segundo momento de narração. No primeiro momento, no que se refere a infância e adolescência da

participante o volume de dados capturados e quantificados foi de 4.400 palavras. No segundo, a quantidade ficou em 5.380 códigos reveladores de experiências parte da história de vida. Me refiro a base de dados com material gravado, transcrito e depois decodificado pelo software, onde analisei o conjunto e separadamente comparando e verificando discursos individuais, respostas às perguntas e informações específicas a partir dos tópicos guiados pelo roteiro de entrevista. Também, procedi com o cruzamento dos conteúdos a fim de verificar o grau de sentimento positivo ou negativo implicado nas narrativas reveladoras do mundo familiar.

Com a mesma modalidade metodológica, critérios e formato analítico foquei nos conteúdos registrados no primeiro e segundo momento da entrevista realizada com a mãe-entrevistada [n.02], cuja quantidade de palavras ditas ficou em 13.709 expressões que compôs sua história de vida. No primeiro momento, o volume registrados foi de 7.237 palavras e, no segundo momento, 6.472 códigos.

A história de vida de cada participante literalmente foi produzida e traduzida por palavras oralizadas, quantificadas e decodificadas, fortemente carregadas de sentidos, significados, representação e hierarquia dos sentimentos, como podemos ver nos gráficos a seguir. Os gestos, os movimentos, os olhares, a voz, as palavras não ditas, mas observadas e sentidas, não capturadas pelos áudios de gravação infelizmente ficaram de fora desses registros originais, mas, ao mesmo tempo foram registradas na memória da pesquisadora enquanto experiências de campo. Sem dúvida, em outro momento precisam ser materializadas.

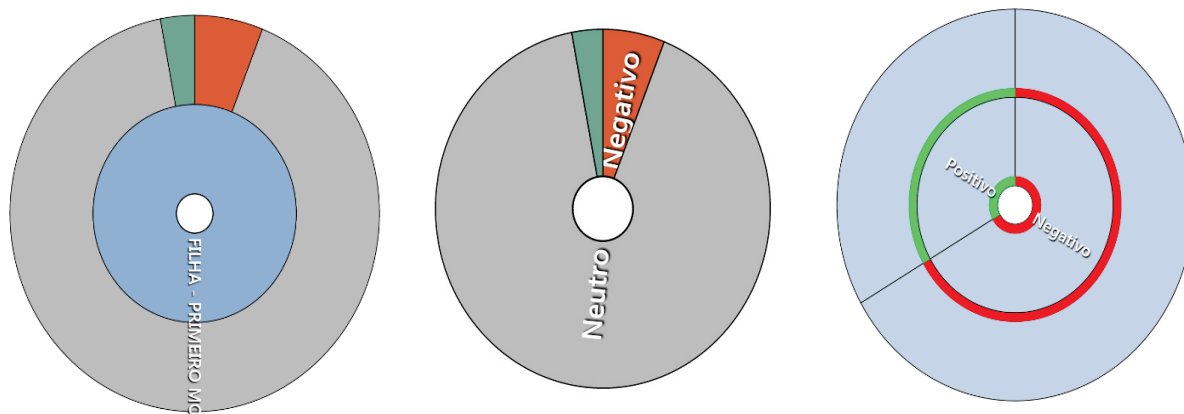
Em meio a todo isso, dar discutir o simbólico das expressões corporais, das inquietações e a dinâmica que fizeram parte do cotidiano do trabalho, o nervosismo demonstrado no movimento das mãos, a voz grave e aguda, insegura e falha, trêmula, quase não pronunciada, os sorrisos sem motivos, os longos minutos de silêncios, os soluços e tosse repentina, a palidez na face, os movimentos desorientados dos olhos, o corpo e a mente falava tanto quanto a voz capturada nos áudios. Foram observações densas e marcantes.

Na análise usei o critério de frequência e consulta de palavras exatas com a quantidade de 7 letras do alfabeto brasileiro, decodificadas no software Nvivo. A partir desses critérios e uso das ferramentas explorei os dados do primeiro momento da entrevista, verificando informações sobre o perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto cultural das participantes.

Nessa categoria, a filha-entrevistada [n.01] pronunciou o total de 4.400 palavras decodificadas para responder as questões levantadas no roteiro. Do total, 1.157 palavras ditas



GRÁFICO 10 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [FILHA]



FONTE: **Nvivo 11** - Contexto familiar: frequência de sentimentos positivos (verde), neutro (cinza), negativo (vermelho) misto e muito negativo. Filha-participante [n.01]. Autoria: Josefa Janete de Azevedo, março, 2018.

Ambiente, habitat, impactos: positivo e negativo.

Aspectos moderadamente negativos: [4] referências decodificadas.

- 1 ***Isso 1º filho eu tive com 22 anos, depois de dois anos tive minha filha caçula que hoje vai fazer 10 anos e meu filho vai fazer doze (12).***
- 2 *É, P.H. tem 11 anos, vai fazer 12 anos dia 9 de agosto, então ele tem 11 anos ainda, tá cursando hoje o 6º ano na escola integral que eu consegui, aqui no município mesmo, e A. J. ela tem 9 anos, vai fazer 10, também, em agosto dia 12, ela está cursando o 4º ano do ensino fundamental.*
- 3 *Aí pronto, ela pegou, se virou nos trinta e procurou casa comigo, foi lá na Secretaria de Ação Social de Recife procurar alguma casa pra alugar, fazer qualquer negócio pra tirar eles, nos tirar dali.*
- 4 *Não tinha dinheiro pra fazer reforma, aí fui morar com a minha mãe do jeito que estava né, tive que fazer isso.*

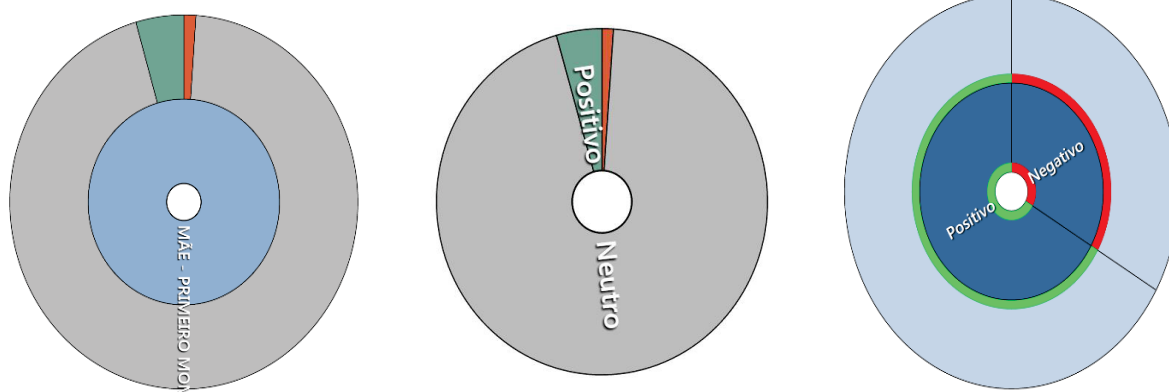
Aspectos moderadamente positivos: [2] referências decodificadas

- 1 ***Então, nós vivíamos num grupo de irmãos mesmo, primos também 1º grau porque moravam próximos.***
- 2 *Aí minha mãe me socorreu, essa minha irmã como sempre né, me apoiou, me ajudou financeiramente, todo mês ela me dava, depositava um valor "X" pra comprar as coisas, manter as crianças, que eu tava sem nada, sem pensão, sem trabalho, dependendo.*

Com o mesmo critério de frequência e consulta de palavras exatas decodificadas e composta no mínimo de 7 letras do alfabeto, a mãe-entrevista [n.02], das 7. 237 palavras pronunciadas na



GRÁFICO 12 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [MÃE]



FONTE: **Nvivo 11** - Contexto familiar: frequência de sentimentos positivos (verde), neutro (cinza), negativo (vermelho) misto e muito negativo. Mãe-participante [n.02]. Autoria: Josefa Janete de Azevedo, março, 2018.

Ambiente, habitat, impactos: positivo e negativo

Aspectos moderadamente negativos: [2] referências decodificadas.

- 1 ***E a gente não tem liberdade pra fazer tudo que quer quando tem filho pequeno.***
- 2 *Então, é obrigado a fazer o que os filho precisa né.*

Aspectos moderadamente positivos: [4] referências decodificadas.

- 1 ***Não, na minha vida a pessoa que tinha valor, que era uma pessoa boa era meu avô.***
- 2 *É, eu recebi da minha família os valores que eu recebi foi que era, era preciso de eu respeitá os mais velho, não mexê no que era dos outros e trabalha.*
- 3 *Quando eu vivia com meu avô eu era feliz porque eu vivia junto dos meus primo, brincava junto com meus primo e meu avô, é assim como eu falei, vivia junto dos meus primo, brincava com meus primo.*
- 4 *Que ele me ensinou, todo esses valores que a gente tem foi ele, aprendi com ele.*

É interessante e importante observar as diferenças reveladas entre filha-entrevista [n.01] e mãe-entrevistada [n.02], a partir dos gráficos de palavras significativas e representativas mais pronunciadas entre si. Nos gráficos, informações sobre perfil pessoal, familiar e sobre o contexto sociocultural de pertença, um rol de palavras foram pronunciadas umas com maior e outras com menor frequência e força simbólica, considerando o valor pessoal de cada uma com vista nas semelhanças e diferenças entre as participantes. A entrevistada [n.01] expressou um volume de códigos carregados de significados fortes, representações implicadas na dinâmica das emoções



positivas e negativas que chamou bastante atenção principalmente na primeira parte da entrevista, quando comparado com os resultados demonstrado no gráfico representativo dos conteúdos narrados pela entrevistada [n.02].

Observo que a quantidade de palavras ditas reveladoras de sentidos e sentimentos expresso pela mãe, como carga inferior em comparação com aos conteúdos da filha. A partir dessa leitura e análise, a mãe se manteve na maior parte do tempo de narração simbolicamente neutra, com pouca expressão geradora de emoções em face das memórias de experiências vividas e resgatadas de sua infância e adolescência. Envolvendo o ambiente onde ocorreram eventos de violências iniciadas e se perpetuadas dentro da família. Enquanto nos conteúdos decodificados da filha, a mesma reagia durante sua narração pronunciando maior frequência de palavras carregadas de fortes emoções com relação a suas experiências e em torno da família.

A hierarquia de palavras positivas e negativas demonstradas nos gráficos revela isso, um grau de sentimento forte ou fraco como destaque das informações no todo narrado. A filha-entrevistada [n.01] indicou ser a família e a violência doméstica as questões mais importantes, que marcaram sua infância e adolescência na convivência com a família, em seguida aparece a questão do trabalho infantil também como elemento marcador em sua história de vida.

Já para a mãe-entrevistada [n.02] a palavra com significado, representação e carga de sentimento forte mais relevante vinculou a questão da “gravidez”. Simboliza significativa condição que acompanhou toda a sua vida reprodutiva com maior impacto. Em segundo lugar, a “família” aparece como a mais importante. Em terceira posição, a representação de sua infância foi simbolizada a partir das memórias resgatadas do “Engenho” de Cana-de-Açúcar, lugar onde nasceu, cresceu e viveu na companhia de seu avô.

A questão da “violência” familiar para a mãe, em termo de frequência e comparação com a quantidade de códigos repetidos por sua filha, aparece de forma relativamente tímida. Os aspectos positivos e negativos implicados nas palavras ditas e no contexto, quando analisada as mensagens decodificadas revela certa neutraliza de impacto e sentimento, interpretada como inversão de valores menos importantes ou significativos para a mãe. Considerando o que é neutro e positivo para ela, é moderadamente e muito negativo para a filha.

A filha-entrevistada [n.01] se posiciona com 4 textos narradas que considera conteúdos bastante negativos e apenas 2 positivos, enquanto que a mãe, com relação as mesmas questões



levantadas se manifesta com neutralidade e visão positiva sobre os fatos e a realidade. Sendo essa uma das surpresas encontradas na pesquisa.

No conjunto, os dados analisados até aqui apresentaram um volume alto de conteúdos densos e informações ricas a ponto de dar diferentes respostas para o objeto, embora, seja ainda cedo responder a totalidade, mas no conjunto das narrativas analisadas nesse primeiro momento encontro respostas parciais e fortes indícios que ajudam no esclarecimento e compreensão com segurança e profundidade.

Os acontecimentos moldou a história de vida das participantes, suas experiências semelhantes e percepções distintas entre mãe e filha, embora os fluxos de violências domésticas e sexuais dentro da família seja o dado comum. Sendo esse um assunto que aprofundo nas categorias a seguir. Com a continuidade apresento conteúdos do segundo momento da entrevista com foco nas características das práticas de violência doméstica e incesto familiar; cuja centralidade está na busca de resposta para o objeto de pesquisa.

## **FASE II**

### **5.5 SEGUNDO MOMENTO DA ENTREVISTA**

No dossiê “sociologia da violência” do professor e cientista social Pedro Bodê de Moraes, aprofunda a discussão sobre violências nos diferentes olhares, para ele

[...] todas as concepções estão relacionadas a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”, o que nos leva a tomá-la como eminentemente negativa. No entanto, há uma questão fundamental: se a violência tem a intenção de impedir a ação violenta e ilegal, ela passa a ser vista como “legítima”, para utilizarmos uma categoria weberiana. [...]. Neste sentido, a violência não seria negativa, mas positiva e necessária ao processo de proteção social. (MORAES, 2014, p.14).

Nesta etapa da pesquisa, a questão da violência doméstica intrafamiliar com foco no incesto centralizou a discussão da temática como previsto no planejamento do roteiro, distribuído em três momentos das entrevistas como já pontuado neste Capítulo V. Então, na segunda fase dou continuidade à discussão analítica mapeando as características das violências domésticas praticado

contra as participantes e o grupo familiar, com vista nas atividades incestuosas entre pai-agressor e filhas vitimadas por ele.

Os conteúdos de narrativas-respostas das entrevistadas [mãe e filha] revelou peça por peça a maquinaria das violências praticadas dentro do grupo de várias formas, maneiras e direções com vista na conduta social do agressor, no modo habitual de pensar, falar, gesticular e agir; nas dimensões, aspectos e características das atividades nocivas. Do acumulado de conteúdos surgiram um amontoado de coisas ditas, sentidas, vivenciadas como experiências pessoais intransferíveis e inapagáveis. Dentro do mundo doméstico a vida das vítimas e do agressor foi exposta nas narrativas da filha-entrevistadas [n.01] e da mãe-entrevista [n.02] como prova real dos acontecimentos. Mãe e filha conduzidas por longos fios de histórias de vida, com o esforço de mostrar a realidade doméstica tal qual ela se produziu num ritual de eventos de violências impactadas na memória do corpo objetificado pelo agressor em comum.

Nesta parte do trabalho analiso conteúdos de narrativas bastante complexos, considero não mais importantes que o primeiro momento da entrevista, mas decerto o mais difícil e doloroso de narrar pelas participantes e também de ouvir sem afetar as emoções para a entrevistadora. Me refiro as experiências reais vividas por mãe e filha, contadas em outro tempo e lugar na transição de suas vidas.

As revelações e achados ajudou mapear as características das violências discutidas nas categorias analítica na ordem alfabética. Cada evento foi planejado pelo agressor com enredo, estratégias específicas e atividades próprias, um modo comum e isolado de se manifestar e impactar às vítimas. Sem dúvida, o material é rico em detalhes e em profundidade, que somente alguém que vivenciou uma realidade tão complexa como esta, é capaz de relatar tais fatos com tanta perícia e fidedignidade. Sobretudo, procurando responder ao problema central do estudo e seus objetivos estruturados nesta etapa da pesquisa, aqui está o centro da questão ponto de partida. Obviamente, não se trata de dados ou de uma fase hierarquicamente superior ou inferior as demais, mas estes são os conteúdos mais esperados na análise pelas importantes chaves que apresenta de possíveis respostas ao problema de pesquisa.

Os dados levantados nesta etapa da pesquisa foram tratados e organizados em categorias seguindo a ordem alfabética e com os mesmos procedimentos metodológicos analíticos utilizados na fase anterior, cuja análise acompanhou o esquema estrutural da decodificação de palavras

usando as ferramentas do software Nvivo 11. Cujos resultados foram também submetidos em gráficos qualitativos para demonstração dos principais achados.

Na sequência do roteiro e com foco no segundo momento me dirigir às entrevistadas procurando conhecer a percepção individual e entender o *é*, *significa* e *representa* a violência doméstica e o incesto familiar envolvendo pai [marido] e mãe [mulher], pais e filhos(a); e, como tudo isso se caracteriza na prática considerando as experiências vividas, sentidas e testemunhadas dentro da família.

Com essa centralidade abro a seguir o rol de categorias analíticas acompanhadas de tópicos para mapear e desenvolver a discussão reflexiva em torno das características das violências domésticas e do incesto familiar praticado pelo agressor no espaço doméstico habitado pelas participantes vitimadas e os demais membros do grupo.

## 5.6 CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E INCESTO FAMILIAR

Na percepção da entrevistada [n.01], a violência doméstica e o incesto familiar se manifesta e se caracteriza da seguinte forma, declara:

É, no meu ponto de vista né, como não tenho muita, não estudei sobre isso, mas é a minha percepção e a minha experiência né, não direta, mas automaticamente indiretamente. É quando se é violentado os direitos do cidadão né, da criança no caso, da criança ou do adolescente. E, principalmente, é violentada referente a parentesco, de que grau for, que seja consanguíneo ou não consanguíneo. Eu estou me confundindo porque é referente à família. Então, como se a criança, a pessoa como estamos falando, a criança ou adolescente, ela é abusada, no meu ponto de vista. Algo referente a sexo, que ela não permita. Vai estar no caso, é sendo agredindo de forma brutal, sem a permissão da pessoa no caso. Então é meu ponto de vista, não sei se tô falando corretamente, mas o meu ponto de vista seria esse, como sendo violentado. Os direitos e os limites do cidadão. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Para a entrevistada [n.01], a violência doméstica e sexual se caracteriza como agressões físicas ou atos praticados em que a pessoa possa sentir dor. Observo que no primeiro momento, a participante se posicionou tomando como referência suas experiências pessoais de forma mais gerais, sem esgotar todos os detalhes. Seus posicionamentos tem a ver com os problemas internos da família e as consequências enfrentadas experienciados enquanto vítima das violências praticadas pelo agressor. De forma ampla, tanto a mãe quanto a filha define a violência doméstica como atos

de agressões físicas, para elas acontece quando um homem bate na mulher, um adulto agride uma criança ou adolescente. Quando alguém usa da força física para castigar ou fazer uma pessoa sentir dor.

Mas, na percepção das participantes a ideia do homem chefe de família [marido ou pai], por ser a autoridade máxima, se sente dono do corpo e do sexo da prole, podendo ele fazer com os membros do grupo o que bem quiser, bater e violentar sexualmente por vontade própria, mesmo sem o consentimento da pessoa vitimada. Também não precisa ter motivos para tal, ele faz o que quiser com a família, agride a hora que desejar, depois se achar razão justifica suas agressões alegando ciúmes, desobediência, provocações e outras alegações.

A resposta em torno das violências domésticas e sexuais, a mãe-entrevistada [n.02] fez longa pausa de silêncio demonstrando dificuldade em responder a questão, mas finalmente declarou:

(Minutos de silêncio). Eu já ouvi falá sobre essa violência doméstica. Eu já ouvi fala, mas eu não entendo bem, mais eu sei que não é coisa boa, que não é coisa boa. Violência doméstica é... a mulher que é judiada. A mulher que é judiada pelo marido, é isso? É que... o home bate na mulher né. O home bate na mulher... Não respeita a mulher em nada; acha que a mulher não vale nada, acha que só tem valor é o home.

Então, eu acho que a violência é da mulher né. Deve sê isso. O home que violenta as mulher, espanca as mulher, eu acho assim, no meu ponto de vista eu acho que é isso. Silêncio. Eu acho que.

Sofri. (Silêncio). É que eu não sei muito fala assim realmente como é, mas eu já passei por violência, e um home que meu marido batia em mim, judiava comigo e eu acho que a violência é da mulher também, as coisa assim. (Silêncio). Porque ele achava que tinha direito. Achava que a mulher era assim, era pra fazê só o que ele queria. Então, por causa disso que ele achava que tinha que sê assim, ele fazia isso. Batia, batia em mim. Eu acho que a violência da mulher deve sê assim. (Silêncio)

Ah! O que eu passei, a violência que eu passei foi, eu entendo que foi assim. Tinha. Tinha medo dele. É, tinha medo por que ele batia, medo por qualquer coisa e pelo fato disso, eu tinha medo de ele me batê, se eu fizesse alguma coisa a mais né. Não, ele não bebia não.

Acho que, ele dizia que era ciúme, só não sei se era ciúme ou ruindade dele, não sei, por que eu não dava motivo pra ele tê ciúme. Ele dizia que era ciúme mas, não sei.

Não, ele dizia que eu. Pra todo canto que eu ia fazê as coisa: apanhá ração, tirá lenha, busca água, ele tava me atocaiando. Ele vivia me atocaiando, não acreditava, ele dizia que eu tava com alguma pessoa. E eu não tava, ele sabia que eu não tava, mas ele dizia.

Eu achava. Achava, eu acho que o homem quando fica com uma mulher sem ela querer, isso também é violência. Que isso aconteceu comigo né, quando eu era nova. Que não sabia que, que era isso. E ele me iludiu um monte de tempo até que aconteceu. Eu acho isso também uma violência da mulher. Oi, eu posso dizê que foi a força por que eu não queria né. Ele. Eu não queria e ele insistiu. E até que aconteceu isso comigo. Não, foi em casa mesmo. No quarto quando eu dormia. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Na perspectiva da sociologia da violência, Moraes (2014, p.15) afirma: “[...] sem grande exagero, falar da violência significaria acionar o medo” que a vítima sente do agressor e acrescenta, sem a cultura da violência o

[...] crime não existe. É criado. Primeiro existem atos. Segue-se depois um longo processo de atribuir significado a esses atos. A distância social tem uma importância particular. A distância aumenta a tendência de atribuir a certos atos o significado de crimes, e às pessoas o simples atributo de criminosas. (CHRISTIE, 1998, p.13 *apud* MORAES, 2014, p. 15).

Pois, nesse sentido a filha-entrevista [n.01] seguiu narrando suas experiências incestuosas e a percepção do que entendia sobre o assunto, em face de sua convivência doméstica com o pai agressor. Sendo este um dos objetivos-chaves do estudo, onde procurei investigar em profundidade e detalhe os acontecimentos sem perder o foco das atividades simbólicas e práticas supostamente controladas pelas regras do tabu do incesto e a quebra do acordo de proibição. Sobre essa questão a participante respondeu que o incesto

Não é correto né, inclusive no meu caso, da minha família, eu cresci com essa história aí, com medo. E, com percepção também nesse tipo de violência né. Então, no meu ponto de vista, isso aí não é correto. Acredito que as leis do país, mais ou menos gerais, elas estabeleçam regras rigorosas, leis que realmente punam esse tipo de agressores, que é agressão e no meu ponto de vista. A coisa é assim sabe, desumano, principalmente referente a família. Pai né, independente, pai, mãe. Isso aí não é correto na sociedade, não se pode se fazer. E na consanguinidade, em parentesco não é correto, não pode, é proibido né, então se é proibido, não é pra se fazer. Se faz, tem que ser punido, tem que ter punição.

Em casa mesmo. Na própria família, no caso a minha mãe né. A minha mãe e os irmãos mais velhos. A gente ia crescendo e ia percebendo que vínculo de irmão é diferente, né. O vínculo de irmão pra irmão, como é sangue e carne da mesma carne, jamais eu posso ver meu irmão ou minha irmã de forma diferente. Então assim, eu tive essa educação, minha mãe me passou isso e eu fui criada nesse meio, mas, infelizmente né. No decorrer da infância, a gente vai crescendo e vai entendendo melhor as coisas. Via, vi e presenciava de forma diferente, que não era o que acontecia na minha residência, na minha casa, com as irmãs mais velhas no caso. Então, é uma coisa sabe, que é difícil falar né, porque eu participo dessa família, sou membro dessa família e não concordo jamais em tempo algum que isso é correto. É isso. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Na sequência das narrativas em torno da questão do incesto, a mãe-entrevistada [n.02] relatou que em sua família

[...] já teve um caso desse. Já teve um caso desse com a minha filha, mas só que eu não sabia. Isso aconteceu, ele tirô a menina de casa, levô pra uma outra mulher que ele tinha lá, ficou lá a menina. Não sei se foi uns 6 mês, mais ô meno. Acho que foi, agora ela não tava com ele sozinho não. Ela tava morando na casa dele com uma mulher, ele tinha uma mulher. Não era ela sozinha e ele não. Fez isso com ela e disse que não era pra dizê a mim, se ela dissesse pra mim, que era a primeira que ele matava era eu. Pra ela não dizê. Ela ficô muitos tempo com esse caso escondido sem eu sabê. Quando foi mais ou meno, não sei depois de quantos ano, o meu filho descobriu. Meu filho descobriu que tinha feito isso com ela e eu passei muito mal, não sabia se um pai faria isso com uma filha, aí eu perguntei a ela, disse a mim que tinha sido mesmo. Como eu não pude fazê nada, o que

pude fazê no outro dia, eu tirei ela de casa. Mandeí ela pro Rio de Janero. Hoje ela é casada, tem 2 filho e nunca mais ela botô os pé em casa.

Na verdade, tinha uma amiga da gente que tava lá em casa, do Rio de Janeiro.

Tinha essa amiga da gente que tava lá em casa e ela quando soube disso, ela disse que levava ela pra casa dela e ia arrumá um trabalho pra ela. E foi isso mesmo que ela fez. Comprô a passage dela e levô ela. Ela, a menina filha dela e a minha filha. Quando chegô lá, ficô com a minha filha na casa dela e arranjo um trabalho pra ela. E depoi duns tempo ela casou-se com irmão dessa moça, que é o pai dos 2 filho dela.

Foi assim, eu não mandei ela assim de qualqué jeito não. Ela foi com uma pessoa responsável. Ela ligava pra mim, ela me ajudava. Depoi, eu fui na casa dela. Não, porque eu sei que ela não tinha culpa de nada, a culpa toda era dele. Não houve nada sobre a minha vivência, a minha e dela e dos irmãos, não teve diferença não. Amo ela do mesmo jeito. Não voltô. Ela não voltô mais não.

Eu acho que ela tinha, eu não me lembro bem. Mas eu acho que ela tinha uns 11, uns 11 ano por aí assim. É eu não me lembro bem, mas eu acho que foi mais ou meno essa data sim. Quando eu descobrí, quando ela falô que tinha acontecido isso com ela. O irmão dela que descobriu e ela confirmou. No outro dia eu mandei, eu tirei ela de casa e mandei ela pro Rio de Janero.

Não, ela detalhou. Ela falô assim, não pra mim. Mas ela falô pra uma amiga minha, que uma amiga minha me falô. Disse que ele tiro ela de casa dizendo que ia ensiná ela a tirá foto. E que nem pergunto a mim se podia leva ela nem nada e levô. Ele morava no São Vicente. E ela foi. Quando chegô lá ele começo a agredi ela e ela não vinha em casa por que ele não dexava. Ela queria vim pra casa, ele não dexava. Acho que pra ela não me falá alguma coisa. Ai, quando foi uma vez, ela disse pra ele que se achô tonta, agredindo a mão dele e dixe a ele que se ele não trouxesse ela pra casa ela ia, ela ia se atravessá na, na estrada e deixá o carro mata ela. Ai, um dia ele chegô com ela, mas até aí eu não sabia de nada. Ai, ela ficô comigo em casa sem eu sabê, não sei se foi 2 ano ou foi quando meu filho descobriu. Ela disse, disse a uma amiga minha e sube que ela disse que tava assistino no sofá um filme e ele tava lá também assistino. Ai, depoi ele fingiu que foi se deitá parece e ela ficô assistino e ali ela dormiu né. E ela dormiu e quando acordou-se ele tava era praticano isso com ela.

E, só que com a mulher que vivia com ela, que vivia com ele, que ela tava lá, prometeu uma punição a ela, disse que era mentira dela, que ele não ia fazê isso com ela não, e no outro dia mandô ela lavá o sofá que tinha sujado a noite. E ela sofreu muito lá, até que ela disse isso pra ele: se ele não truxesse ela ia ficá na estrada e deixava o carro mata ela, foi por isso que ele troxe ela pra casa. Mas ela não me dixe, eu não sabia de nada disso. Acho que se passou uns dois ano.

Ah! Eu não, eu, eu não desconfiava nada. Porque eu não sabia que um pai faria isso com a filha. E outra porque eu não, não via motivo, eu não tinha motivo não. Ela vivia só assombrada dentro de casa, olhava pra mim, olhava, olhava, depois saía chorano, perguntava: ela não me dizia, mas, vai vê, era por causa disso, acho. Acho não, era por causa disso, aí, eu não desconfiava de nada. Desconfiava de nada porque nada, eu nem sabia, eu nem sabia que um pai faria, faria isso com a filha. Eu acho que ela tinha (silêncio). Uns 15, uns 14 anos pá 15, quando ela saiu de casa. Eu acho que era nessa base, não me lembro direito não. Mas, acho que ela era mocinha nova, era. Estudava. Estudô até a 5ª série. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

As entrevistadas e os demais membros da família foram mantidos pelo agressor dentro de uma cultura de violências graves praticadas por ele cotidianamente com duas finalidades: primeiro - gerar lucro para o seu bem-estar pessoal; segundo - realizar seus desejos sexuais exclusivos, a

qualquer hora do dia e da noite, não importando se eram autorizados ou proibidos culturalmente, o julgamento social-moral pouco importava.

Para manter sua fábrica de violências diversificadas o agressor estruturou arquivos secretos com estoques variados de planos malinos, estratégias sofisticadas, enredos de histórias falaciosas, cenários falsos e armadilhas, jogos de sedução, fantasias, presentes e promessas para ganhar confiança das filhas alvos e, ao mesmo tempo, em caso de frustração agia com espancamentos, maus-tratos e castigos pela não obediência das ordens e mandos. Comportando-se como um animal selvagem movido tão-somente por instintos, sua tara sexual era fixada no corpo e no sexo infanto-juvenil das filhas adolescentes, na direção delas atacava como predador e presa. Com estratégia de afastar a vítima alvo do ambiente de circulação coletiva era o primeiro plano fatídico, embora todas as atividades preparatórias para tal fim, eram colocadas em prática no cotidiano de forma sutil e dissimulada. O predador observava e agia o tempo na direção das vítimas para mapeamento do comportamento individual de cada uma, com isso, entrar no mundo particular das intimidades e confundir o emocional imaturo e invadido, até tomar posse do corpo e dominar as atitudes da vítima. Afastá-la do ambiente significava o domínio do corpo e da mente da menina garantido pela aprovação dos testes montados nas armadilhas. As mesmas artimanhas aplicadas para atrair, seduzir e violentar a mãe biológica do grupo quando também estava na fase de sua adolescência.

Um indivíduo criminoso que atuou contra a família de forma premeditada e calculada durante décadas e gerações de filhos, mente violenta e modos operantes requintados de crueldade, decerto, os espancamentos, agressões físicas e estupro produziam prazer pessoal nunca encerrado. Da mesma forma que começou as violências contra a mãe-entrevistada [n.02], continuou praticando contra a filha-entrevistada [n.01] e os demais membros do grupo. Até abusar de todas e estuprar uma delas que se tem conhecimento e/ou outras não citadas neste trabalho, é o que se base considerando as informações extras às entrevistas.

A vítima alvo era afastada do ambiente familiar a todo custo, a proibição ou autorização da mãe não tinha importância ou validade alguma, a vítima estava presa às chantagens do agressor, às incertezas e riscos que iria enfrentar. Era sua estratégia discursos para o convencimento das vítimas, com táticas infalíveis o agressor incestuoso agia nas sombras até amarrar a vítima numa teia fatal. Sobre os abusos e estupro incestuosos envolvendo o agressor e as filhas, a mãe-entrevistada [n.02] narra com dificuldades os acontecimentos dentro de sua família, segue:



Olhe, eu não observava não. Eu não observava porque eu não sabia. Não sabia que os pai fazia isso com as filha. Então, por isso que eu não observava que eu não desconfiava nada. E ele era muito discreto. Se ele fazia alguma coisa assim com elas, mas eu não prestava, num, num, nunca notei não. E tanto é, que pra fazê isso com essa filha, ele teve que tirá ela de casa. Ele sabia que, que, que em casa, talvez, não tivesse chance né. De fazê.

Eu achava diferente porque ele comprava as coisa mais pra ela. Roupas, calçado, sombrinha essas coisa assim. Ele comprava mais pra ela e pros outro não. E ela com a inocência dela achava que ele gostava mais dela de que dos outro. Ela assim sem sabê, inocente né. Ela achava que era porque ele gostava mais dela. Inocente também.

O que, que. O que eu sei, que eu tô sabendo que isso só foi com essa. Agora eu sei que ele agrediu outras, a outra filha minha. Agora eu não tenho certeza se ele fez alguma coisa mais com outra. É mais velha. É que eu sei, que eu sei só uma, uma que ele fez isso, foi uma. A outra, sei que ele agrediu ela, mas num sei se ele fez alguma coisa com ela ou não.

Eu acho que, o que eu sube que depois disso que ela veio de lá, ela não teve mais negócio com ele não. Ele agredia muito ela, mas ela não aceita, não aceitou não, mais nada não. Ela era assustada dentro de casa e eu não sabia porquê. Quando ele chegava, ela ficava assustada. Porque eu acho que ele ia é apanhar ela né.

E ela com medo saía correndo, se escondia, chorava e tudo isso. Agora eu não sabia que era por causa dele, vim saber e descobri depois que eu soube que ele tinha feito com ela. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Qualificadamente ouvi a narrativa e acrescentei: a senhora tem conhecimento se a sua filha após ser abusada e estuprada pelo pai agressor ficou grávida ou fez aborto? Imediatamente respondeu a entrevistada [n.02]: *“Não. Não, graças a Deus não”*.

As queixas observadas nas narrativas da filha-entrevista [n.01] no primeiro momento da entrevista, sobre os tabus envolvendo corpo, sexo, menstruação e a total desorientação a respeito das mudanças biológicas na transição da infância para a adolescente, principalmente para a menina em fase de desenvolvimento físico, hormonal e emocional, de que sofreu com as negligências no processo de socialização familiar, em especial com a mãe, estes episódios incestuosos certamente teriam sido evitados ou reduzido os riscos vivenciados pelas vítimas. Fica claro o grau de importância do papel da mãe nesse processo de orientação das filhas e filhos, informações básicas e ensinamentos socioeducativos tende alertar as jovens para os perigos independentemente da natureza do agressor. Decerto, a falta de conversa particular e aberta causou graves problemas na família, se as meninas vitimadas pelo pai tivesse sido orientada corretamente pela mãe ou adultos vigilantes, possivelmente tais acontecimentos teriam sido estancados. É um alerta para mudança de conduta familiar.

Conversar entre os membros de uma família sobre a proibição de práticas incestuosas entre indivíduos consanguíneos deve fazer parte dos ensinamentos, até fixar as informações na estrutura cognitiva dos mais jovens. Isso também gera vigilância no comportamento dos membros, é o que

torna o sentimento repulsivo, proibido e coercitivo na cultura familiar. Ao contrário disso, as meninas adolescentes da família tornara vítimas de abusos e estupros em série dentro de casa e na convivência predatória com o agressor.

Da mesma forma, esses eventos foram observados nas narrativas da mãe-entrevista [n.02] registrados no primeiro momento de sua entrevista, quando ela detalha suas primeiras experiências sexuais de iniciação, atos absurdamente violentos praticados a base da força pelo agressor em comum. Diante dessas práticas abusivas desde a sua adolescência e em face dos enunciados dos fatos, a mãe biológica do grupo familiar foi naturalizada a viver sob a égide das violências domésticas e sexuais. Fica evidente que ela não tinha ou ainda não tem, esse noção de que foi e ainda é vítima de tudo isso, é afetada gravemente pelas consequências da multiplicidade de violências continuadas e perpetuadas por abusos sexuais e estupros em série dos quais sofreu durante toda a sua adolescência e vida adulta.

Sendo este um problema que esteve presente desde as primeiras aproximações do seu agressor, com a mente carregada de intenções contra ela. A reprodução de uma grande quantidade de filhos são resultante disso, de abusos e estupros. Embora, tenha vivido todo tipo de experiência, mesmo assim não foi vigilante e alerta o suficiente para o cuidado e proteção de suas filhas adolescentes em risco dentro de casa principalmente, já que predador de maior periculosidade era o próprio pai. Talvez, ela não tinha tal esperteza, astúcia feminina ou consciência, de que também era vítima do mesmo indivíduo violento que convivia com suas filhas. A análise crítica é de que a mãe e suas filhas viveram durante anos escravizadas sexualmente e explorada pelo trabalho também escravo pelo mesmo e único agressor, o chefe da família.

Somente após a exposição dos eventos mais graves de violências sexuais dentro da família, quiçá, não apenas o único, diante de tais fatos expostos na família e publicizado na comunidade, quanto aos estupros ocorridos durante dois anos contra a filha vitimada, é que a mãe-entrevistada [n.02] tomou a primeira e única atitude, de reagir por pressão dos demais membros do grupo e da própria comunidade. A coerção fez ela cair em si e perceber que o pai de suas filhas e filhos é um estuprador incestuoso, perigoso que levou sua família a ruína e a destruição final.

A quebra das regras do tabu do incesto praticada por ele gerou repulsa e negação dos laços de sangue por parte dos filhos, as atitudes do agressor atingiu a moral e a honra do grupo. Coisa que para a prole o sexo entre pai e filha não poderia acontecer em hipótese alguma, além de ser aberração moral é pecado gravíssimo diante de Deus.

Nos relatos denunciatórios, onde a filha-entrevistada [n.01] participou da pesquisa intitulada: “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono” (AZEVEDO, 2017), detalhou os abusos sofridos dentro de casa na convivência com o mesmo agressor de sua mãe e demais irmãs, o próprio pai biológico. Com isso, fica claro que o indivíduo abusador agiu contra a maioria ou com todas as filhas biológicas.

Com as regras do tabu do incesto violadas pelo pai, desencadeou dentro da família infindáveis problemas e conflitos que abalaram e continuam abalando a estrutura e unidade do grupo até os dias atuais, os impactos negativos atingiu a todos.

Lévi-Strauss (1982) e Mead (1975), são antropólogos clássicos e contemporâneos que oferecem ricas discussões a respeito do tabu do incesto olhando o todo complexo cultural implicado no corpo biológico que também é social.

Em Freud (1975), a perspectiva da psicanálise se conecta a tudo isso, o indivíduo é biológico, social, mas também psicológico. Cohen (1993) corrobora com as discussões trazendo o campo psicossocial, destaca o incesto considerando os diferentes pontos de vistas, coloca em reflexão o conceito de incesto a partir da (*Enciclopédia Internacional das Ciências Sociais*), reconhecendo que a prática incestuosa,

[...] é a violação do tabu que pesa sobre as relações sexuais entre os membros da família nuclear, excluídos marido e mulher, isto é, entre pais e filhos ou entre irmãos. O tabu pode estender-se a outros parentes e graus de parentesco, cujos vínculos podem ser de afinidades ou biológico. (COHEN, 1993, p. 18).

A partir desta e de outras imersões reflexivas, procura pensar o problema com foco na psicopatologia forense analisando os “[...] conflitos inerentes ao incesto, [...] como um problema genético, mental, sexual, social, ético ou legal”. (COHEN, 1993, p. 18). É quando cita Lévi-Strauss (1969), para

[...] explica a universalidade do tabu do incesto sustentando a ideia de que o ser humano é um ser biológico (produto da natureza) e ao mesmo tempo é um ser social (produto da cultura). Portanto, ele é um ser ambíguo, ou seja, produto da natureza e cultura, o que explicaria a ambiguidade existente em relação ao incesto que por um lado ele deseja e por outro lado lhe é proibido. (LÉVI-STRAUSS, 1969), *apud* (COHEN, 1993, p. 24).

Essa questão é observável quando a filha-participante [n. 01] detalha a partir de suas memórias e experiências pessoais, as dramáticas atividades de violência doméstica e de abusos

incestuosos sofridos ou testemunhados na convivência cotidiana com o agressor da família. Com detalhes ela relata tais fatos quando era criança e adolescente.

Hum, certo. Referente não a só a sexo, mas assim, como eu falei que o adolescente vai se desenvolvendo né, vai fazendo aquela mudança de criança pra pré-adolescente e adolescente e a juventude. Ele, meu pai não permitia, como eu falei no início da minha história, que nós namorássemos. Então, assim, se eu era uma das mais novas, então as mais velhas não podiam namorar, jamais em hipótese alguma. Algum menino ou rapazinho não podia chegar, não poderia chegar em casa procurando uma delas, isso aí se ele visse, botava pra correr. É puxava a arma, gritava, batia e pintava o sete, desenhava o oito, mas não permitiria. Não permitia que isso acontecesse. Então, como eu via essa questão toda, me perguntava por que não pode namorar? Ele disse que não tinha uma explicativa né. Não tem justificativa pra isso. A gente sabe que uma mãe, um filho, mãe e pai que cria um filho, a gente cria o filho para o mundo, dá os princípios básicos e o filho vai criar as suas próprias asas e voa né?

Seja ele pra que caminho se direcione, contanto que venha né, que os pais o direcione pra posição, para o posicionamento certo.

Mas, então assim, os mais novos vendo toda aquela confusão referente a namorado, então automaticamente se retraía. Ainda mais vendo aquela confusão que minha irmã mais velha, tava tendo referente a ele né, com o meu pai, referente a namorado. Isso aí não se permitia, jamais eu iria levar namorado em casa ou algo desse tipo né. Então, eu não tive oportunidade, como falei anteriormente de arrumar namorado e levar pra casa. Eu era muito jovem e depois dessa confusão toda. E referente a minha mãe, as minhas irmãs sempre tocava no assunto de não arrumar namorado. Depois que eu cresci um pouco fiquei sabendo também, a minha irmã foi abusada, forçada a falar né, ouve aquele rebuliço todo, aquela confusão. Meu irmão queria bater nele, foi aquela confusão, e assim sabe, é muito difícil falar.

Eu lembro sabe. Assim, com referente à minha irmã né. Ela é mais velha do que eu 1 ano, ela já era moça né.

Acredito que ela deveria ter uns 13 anos mais ou menos. 13 ou 14 anos, eu não lembro bem a data. Tinha um rapaz que gostava dela, ele morava na vizinhança ali próxima. E assim, por que nós, eu ficava sabendo porque o meu irmão tava falando pra mamãe pra tomar cuidado com ela, minha irmã A., tava de namorico com esse cidadão né, era adolescente também. Então, certo dia não sei se eles se encontraram e foram namorar, algo desse tipo, sei que ela aparentemente abriu o jogo pra ele informando que não era mais virgem.

Aí esse rapaz falou pro meu irmão, o mais velho, que essa irmã que foi abusada né, chegou pra o meu irmão e falou que ela não era mais virgem. Aí meu irmão ficou indignado, chegou e disse que não sabia a procedência do caso, que isso aí nunca tinha acontecido na nossa família né, mesmo que as outras mais velhas não fossem mais virgens, mas tiraram a virgindade fora de casa acredito né.

Aí no caso ele deu uma surra nela valendo, bateu nela valendo, minha mãe chegou desesperada pra atrapalhar a confusão e daí imprensou ela na parede e ela falou que tinha sido ele (meu pai). Contou toda a história, que ele no caso tinha uma outra família, que morava próximo ao município de onde nós morávamos, São Vicente Ferrer. Ele tem outra família lá e informou pra mamãe que tava precisando de alguém pra tomar conta de uma casa de fotografia que ele tinha lá nesse município.

Acho que meio que forçou mamãe, que aperreou demais minha mãe ou ameaçou, sei lá. Mas, sei que mamãe permitiu que ela fosse ajudá-lo lá. Sei que ele fez o ato sexual, estupro em si nessa casa dessa outra mulher.

Aí ela começou a explicar tudo que tinha acontecido, como tinha sido, aí deu aquele desespero, aquela turbulência entre ele, ela, mamãe e meu irmão mais velho. E logo em seguida ele (meu pai) chegou, ou ele já tinha chegado, alguma coisa desse tipo. Sei que foi aquela confusão enorme, meu irmão partiu pra cima dele, queria agredi-lo e ele meio

com medo e pediu perdão, e dizia: não vão me matar, e não sei o que, com aquele desespero dele. Safadeza, a pessoa ter capacidade de fazer um negócio desses. Ele não é gente, não é um pai. Um monstro. Aí nesse meio tempo nós menores né. Sim, estava presente. Naquela confusão minha mãe passando mal, desmaiando e a pressão dela subiu. Foi aquela confusão, um monte de criança chorando e o meu irmão partindo pra cima do meu pai e a minha irmã também desesperada chorando, também não sabia o que fazer. Sei que nesse meio tempo, consegui se acalmar a situação e resolveu tirar a A. de casa. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Com a exposição das violências domésticas e os incesto familiar entre o pai-agressor e a filha-vitimada, os conflitos dentro do grupo proporções importantes. O ambiente de moradia ficou totalmente contaminado, com alto risco de morte dada as ameaças de vingança da honra da irmã entre um dos membros [filho] mais velho do grupo e o pai-estuprador da filha. O jovem adolescente ao ameaçar dar fim a vida do pai-agressor, prometeu reparar a honra da família com o sangue do próprio pai. Iria matá-lo com facão ou machadada para vingar as violências praticadas na família.

Esse era o contexto doméstico em eminência de um assassinato entre um filho-adolescente que trabalhava para criar os irmãos pequenos, que se colocava como protetor e guardião do grupo e o pai abusador da família.

Talvez, tenha sido este um dos momentos mais difíceis que os membros vivenciaram dentro do grupo, de intensos conflitos e dificuldades de encontrar solução para o grave problema instalado, de dormir e acordar com uma menina [irmã] brutalmente violentada e desonrada pelo próprio pai, situação de fragilidade total da mãe e dos filhos expostos vivenciando uma tragédia familiar entre si e perante a comunidade.

A única alternativa encontrada de imediato pela mãe foi o afastamento da vítima do grupo familiar e do ambiente comunitário, ou seja, expulsar a vítima de dentro de casa como forma de evitar novos ataques do agressor ou uma tragédia fatal envolvendo seu filho e pai. Sem se dar conta que a menina vitimada seria mais um membro lançado ao mundo de riscos multiplicados sem proteção alguma. Essa foi a solução acertada? Analisando os conteúdos narrados pela filha-entrevistada [n.01] esta não foi a melhor alternativa de escolha, embora a atitude da mãe-entrevistada [n.02] de afastar [expulsar] a filha de dentro de casa, os graves conflitos surgidos com as revelações da vítima tende justificar tais decisões diante das condições possíveis. Enquanto a vítima era encaminhada para o mundo incerto, o agressor permaneceu no mesmo lugar circulando no ambiente doméstico e comunitário sem sofrer nenhuma denúncia formal ou punição mais severa. A mãe-entrevistada [n.02] além de afastar [expulsar] a filha vitimada pelo pai agressor, tomou a mesma decisão e conduta na direção do filho mais velho que ameaçava matar o pai. Assim

se sucedeu no cenário doméstico, dois membros adolescentes da família foram expulsos de casa seguidos um do outro. Num contexto em que a irmã violentada foi levada para a cidade do Rio de Janeiro com pessoas estranhas supostamente para trabalhar de doméstica, com isso, o irmão expulso também foi em sua direção para a mesma cidade. Lugar onde vivem há mais de 20 anos até os dias atuais, ambos nunca mais retornaram ao lugar de origem, sequer para visita da mãe que mora na cidade de nascimento. No Rio de Janeiro o irmão mais velho assumiu o papel de protetor da irmã abusada pelo pai agressor.

Cohen (1993) ao citar Malinowski (1968), diz que o incesto

[...] não pode existir na humanidade, porque ele é incompatível com a vida familiar, desorganizando os seus fundamentos. A base de todos os laços sociais, isto é, as relações normais entre o filho e a mãe ou o pai, seria destruída. O instinto sexual deve ser aplacado na composição dos sentimentos familiares. Este instinto, entretanto, é difícil de ser controlado, sendo incompatível com os outros sentimentos, e inclui o tipo de cultura que exclui o incesto, é o único que permite a existência da organização social e da cultura. (MALINOWSKI, 1968, *apud* COHEN, 1993, p. 30).

Na perspectiva de Cohen (1993), a sociedade não dispõe apenas do tabu para observar regras de condutas incestuosas, há muitas outras regras supostamente fortes ou causadoras de impactos e coerção em torno do incesto familiar intolerável pela sociedade. Seguir as regras e os códigos transmitidos por meio da cultura coletiva e das relações de sociabilidade entre os indivíduos comunidos em grupos, pois, são essas regras que “[...] origina a noção de limite no indivíduo e na sociedade” humana. (COHEN, 1993, p. 22).

O autor também destaca algumas metas que são produzidas pela própria sociedade, como possíveis resguardos e vigilâncias em torno do tabu do incesto, assim diz que é necessário para:

- a) proteger contra possíveis danos pessoais importantes;
- b) salvar os mais debilitados;
- d) prevenir perturbações nos atos vitais, como o nascimento, a iniciação, o casamento e as atividades sexuais;
- e) proteger os seres humanos diante do poder ou da cólera dos deuses ou dos demônios;
- f) resguardar os neonatos e as crianças pequenas. (COHEN, 1993, p. 22).

Além dessas e outras estratégias de vigilância e de cuidado deve ter foco individual e coletivo para observância e cumprimento das normas, o que primeiramente é função da família orientar e vigiar seus membros, mas também deve estar associadas ao ordenamento maior das

regras de controle da sociedade. Ambas, família e sociedade constituídas por grupos primários e secundários, com referência as diferentes instituições sociais, como: a família, escola, igreja e trabalho, por exemplo, sem essa unidade coesa, o cuidado com a vigilância permanente, de forma compartilhada e estreita entre indivíduos, grupos e comunidade, a socialização das regras do tabu do incesto, corre sérios riscos de não serem transmitidas. Com isso, a função moral dos adultos protegerem crianças e jovens imaturos e desprotegidos aparece fraca e sem efeito prático no cotidiano. Onde as negligências reforçam as violências domésticas, servindo de instrumento simbólico conferindo poder em favor dos agressores, incluindo os incestuosos. A coesão dos membros familiares e dos vínculos de parentesco e da comunidade do em torno, precisa ser forte para formar bolhas de proteção e enfrentamento do agressor. Talvez, somente assim, mulheres, crianças e adolescentes tenha a chance de escapar das violências domésticas e predação incestuosas dentro e fora de casa. A seguir, na subcategoria discuto a partir das experiências da filha-entrevistada [n.01] realidades vividas dentro da família conexas a essa discussão.

#### a) Filha-estuprada sai – pai-estuprador fica

A filha estuprada pelo pai biológico ao ser expulsa do grupo familiar, do local de nascimento e da casa onde morava, foi totalmente abandonada em um dos momentos mais difíceis de sua vida, além da fragilidade causada pelas violências, estava vulnerável por conta da inexperiência e imaturidade da adolescência. A mãe biológica ao tomar essa decisão, de afastar a filha abusada de dentro de casa, não denunciar o agressor nem registrar o crime na delegacia de polícia, de certo modo foi condescendente com as atividades do agressor e, também, por tolerar sua permanência dentro da família. Tanto que na percepção e opinião das participantes, em especial o olhar da filha-entrevistada [n.01], para ela quem deveria ter saído de casa, ser expurgado da família era o pai-agressor e não a irmã-vitimada. Neste item, ambas detalham os acontecimentos com posicionamento sobre a situação testemunhada:

Sim, permaneceu no grupo e a minha irmã no caso, que tinha sido abusada, ficou resolvido que tinha que tirá-la, a gente tirou ela de casa.

A gente entrou em contato com uma comadre da minha mãe, tinha uma filha que morava no Rio de Janeiro, e lá conseguiram arrumar um trabalho pra ela, sei que ela viajou pro Rio de Janeiro de imediato e conseguiu arrumar um trabalho pra ela lá e ela está lá até hoje. Então assim, eu não conversei muito com ela, porque depois que ela foi, ela não voltou mais pra sua cidade natal, então assim conversei com ela vagamente por WhatsApp



ou por telefone. O contato nosso é mínimo e ela evita tocar no assunto né, também pra evitar certo tipo de emoção que machuca. O que eu presenciei foi isso sabe, então depois dessa situação, desse fato acontecido, outros irmãos que moravam distante e depois que ficaram sabendo, ficaram todos indignados. E as mais velhas tinham sido abusadas, disseram: sabia, tenho certeza que isso tinha acontecido, porque já tinham meio que tentado, sido tentado referente a elas, acredito.

Todos ficaram indignados e com ódio mortal dele, não é pra menos. Só que nós tínhamos que ficar, porque a minha mãe continuou com ele devido à situação, e a tirou de casa. Acho que a única solução de imediata foi essa. Então, eu permaneci e logo em seguida fui crescendo e fui verificando o comportamento dele referente à minha pessoa e fui automaticamente saindo de casa com meus 14 anos, pra não acontecer comigo o que aconteceu com ela. Então minha experiência vivida referente a abuso sexual familiar infelizmente é essa.

Assim, amizade em si a minha mãe não tinha. Era comadre né, era conhecida próximo da vizinhança da minha mãe e infelizmente a única opção que ela teve foi essa né. De imediato arrumar um trabalho, meio pra ela encaminhá-la, pra saí do seu ambiente né, pra não continuar acontecendo a desavença entre a família. No caso, meu irmão que faltou matá-lo de desespero, e ele (meu pai) desestruturou assim a família em si. Desestruturada, depois desse incidente, desse acontecido, com certeza se desestruturava mais ainda.

Ele ficou um tempo, uns dias sem aparecer em casa depois de tudo, do acontecido né. Ele foi embora e minha mãe no caso resolvendo a situação, de encaminhá-la também, ele ficou um tempo sem vir em casa. E já vinha, vivia na minha casa esporadicamente, não tinha dia certo, passava 15 dias sem vim, 8 dias. Então assim, não tinha responsabilidade nenhuma com a família, a não ser por interesse né, que visivelmente é apenas interesse.

Então, nós né, por ser menores ficamos todos assim. Eu percebi que ele ficou todo vergonhoso, não tinha coragem de, às vezes não entrava nem em casa, tirava a roupa fora de casa mesmo pra trabalhar. Vinha todo arrumado, aí pegava a roupa de trabalho de sítio, botava lá por fora mesmo. Às vezes ele tinha vergonha até, ele não entrava nem em casa. Daí com o tempo ele foi voltando à vida dele normal. E ninguém olhava mais com os mesmos olhos pra ele, apesar da violência, a gente tinha paz vivenciado com os irmãos mais velhos. Com ele era brigas, confusões com a minha mãe. A violência dele com a minha mãe, bater, espancar e tudo mais, além de tudo isso, ainda essa nova atitude dele referente a coisas que nós aprendemos que isso aí não pode se fazer de jeito nenhum. Que são os irmãos, são sangue do mesmo sangue e que não pode, é pecado se for analisar. Se for analisar na religião que eu cresci, era pecado. A lei religiosa, ela não permite de jeito nenhum que isso aconteça.

Então, assim, presenciar isso na família foi uma barra muito árdua sabe. Todos nós, do grande ao pequeno sofreu e ainda sofre com tudo isso.

Depois que ela foi embora, o comportamento da minha mãe foi de muito sofrimento, ela chorou muito, se desesperou muito né, não sei o que passava pela cabeça dela, só ela sabe, ela e Deus sabem.

O que se passava, tava acontecendo com ela. E depois que minha irmã foi embora eu falei, vez ou outra, ela ligava pra minha mãe, perguntava como é que ela tava, eu também, minha mãe também às vezes procurava ela por telefone. E é isso, aí ela virou adulta e tem a história que sei, ela casou novamente, é a história dela, aí é com ela.

Eu vou tentar falar rapidamente. O que eu observo que houve de errado né, ao invés de tirar o agressor da família se fez ao contrário, se tirava a vítima. É onde ocasionou no meu ponto de vista minha percepção dessa desavença. Mas, o deslocamento de todos do grupo familiar, que era pra sair naquele momento era ele, seria ele! Ele que fez o movimento, era o agressor no momento. Não tem que se tirar a vítima, tem que se punir, tem que se tirar o agressor!

E o que não aconteceu naquela situação, naquele momento naquela família. Então, por isso que eu observo que a família é assim sabe. Como eu falei, aí todos cresceram, são adultos, apenas um formado, infelizmente entre 15 irmãos apenas um formado, dois no caso desculpe, dois formados, que tem a caçula que ela se formou, que reside em M. ainda. Então assim, assim se tivesse se tomado outra, outras, outras, outras regressões referente

à família não teria acredito, nós estaríamos diferente hoje. Eu observo isso. Não seria pra ter tirado a vítima, era pra ter tirado ele, pra ele ter pago, pagado o erro que ele cometeu ou a violência que ele fez. Ele destruiu aquela família. Aquela família tinha tudo pra dar certo, é uma família constituída por 15 irmãos. E eu não via essa necessidade dele estar ali, continuando a fazer aquele tipo de violência, ameaça e tudo mais. Não tem pra que, era pra ele ter saído daquele grupo. E infelizmente ele não saiu e está aí impune até hoje, infelizmente. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Na verdade era ele que tinha de saí. Se eu tivesse tido força, mas tinha que tomá decisão. Na verdade, era ele que tinha de saí, não os meus filho. Mas, como eu tinha medo e não tinha, eu não tinha força pra tumá decisão né, então, por isso que os filho saíram e ele ficô. Que realmente era tudo dele, não era nada meu. Era tudo dele. Eu não tinha peito pra enfrentá essa, essa, essa, esse problema. Então, acho que por isso muitas coisa deu errada porque eu não tive peito pra resolvê. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Na sequência perguntei sobre a dinâmica das relação de convivência e intimidade que o agressor estabeleceu e manteve com a filha depois de ser estuprada, após ser devolvida para a mãe o grupo familiar. Como era o cotidiano antes da família ficar sabendo dos estupros ocorridos com a vítima. Me referindo obviamente ao antes e o depois dos estupros, das artimanhas para o afastamento da adolescente de dentro de casa, a fim de entender os comportamentos sociais observados individualmente dentro do contexto, os sinais de abusos e as condições em os membros da família capturavam entre si. Mesma sabendo, que os abusos já não era mais novidade para a mãe nem o grupo, mas como tudo isso permaneceu em silêncio absoluto, antes da vítima ser expulsa de casa com destino para Rio de Janeiro. O que de fato era percebido nas relações de proximidade, convivência e intimidade do agressor com a vítima, que tipo de relação era mantida dentro do grupo? Sobre essas questões a entrevistada [n.01] respondeu demonstrando constrangimento e raiva:

Não, jamais. Sempre que ele chegava ela chorava. Às vezes ela se escondia por trás de casa, chorava, às vezes eu desesperada perguntava, tá chorando porque fulana? Ela não dizia o porquê. Então, assim percebi que a presença dele a incomodava demais, era visível, né. Então, meu irmão também mais velho do que ela, o que ficou enfurecido com ele, percebia também facilmente que tinha algo estranho naquela situação. Então, assim, era perceptível que realmente, claro que ela jamais iria participar de uma safadeza dessa né, e com o seu pai. Ela foi vítima, tenho certeza que ela foi vítima das agressões dele em todos os sentidos. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Do ponto de vista da filha-entrevistada [n.01], o sexo incestuoso entre pais e filhos (a), irmãos e irmãs ou membros com laços de consanguinidade é proibido, não somente por conta das regras culturais do tabu do incesto, mas também pela proibição de ordem moral e religiosa

internalizada pelas pessoas. Por ser pecado transgredir os princípios religiosos, a lei divina criada por Deus, atividade que é interpretada como pecado gravíssimo.

O impedimento é controlado pelo medo do pecado e dos castigos divinos que pode recair sobre o transgressor das regras do tabu. Ao observar a mentalidade das participantes em torno do incesto e da religião, faço um questionando provocativo: se de repente a negligência de denúncia contra o agressor, a falta de atitudes severas, principalmente por parte da mãe biológica e dos demais membros da família, estão influenciadas por questão tão-somente de ordem religiosa, tal mentalidade substitui a força da lei penal e a punição do agressor pelos crimes cometidos em detrimento das providências divinas, cuja esperança e fé, é que haja castigo de Deus justificado pelo domínio da crença. Talvez, essa interpretação das vítimas induza a paralisia da mãe e dos membros resistirem agir contra o agressor, fazendo com que se mantenha impune e intocável até os dias atuais. Ou, a resistência em denunciar pode estar sendo produzida pelo medo que as vítimas tem de sofrer novas agressões, de reviver acontecimentos deixados para trás. Então, a punição do agressor e a solução do problema familiar depende da agenda divina?

Quando questionado os motivos que impediram a mãe e os membros registrarem de boletim de ocorrência na delegacia da cidade para os devidos encaminhamentos legais, a filha participante [n.01] respondeu:

Que eu saiba não né, mas assim, os meus irmãos, os mais velhos, inclusive essa minha irmã que saiu de casa pra estudar fora, ela sempre foi em busca de soluções para o caso. Então, uma pessoa sem experiência e sem esclarecimento não tem condições de levar um caso desse para a frente.

Inclusive uma vez, essa minha irmã, de onde ela estava ela veio pra se reunir com os irmãos pra fazer um BO contra ele referente aos crimes que ele tinha né, cometido. E infelizmente nunca foi possível apoio de mamãe, acredito que seja por medo e reação dele, ela nunca quis fazer nada contra ele.

Isso, a minha mãe. Aí vem com a justificativa de sempre, que referente a religião, que Deus que tem o poder de punir[']

Ir, de castigar, ela não tem capacidade pra isso, ela não tem autonomia pra isso. Então assim sabe, é complicado porque ela é a chave. Ela é a chave base de tudo não é, ela é a gestora da família né, acho que a palavra é essa gestora da família, genitora da família né. E ela (suspiro), e ela como no caso é maior de idade, ela é responsável pelos filhos. Então assim, era pra ter atitude, era pra ter iniciado, ter atitude e ter tomado algum tipo de decisão. E ela nunca permitiu que isso acontecesse. Aí não se sabe justificar o motivo né, ela justifica que é referente à religião, mas acredito que não seja só isso, acho que tem algo mais. Aí só ela mesmo né, ela e Deus pra falar. Ela pode falar, eu não posso falar por ninguém, posso falar por mim.

A gente né, mesmo antes de isso acontecer dessa, dessa bomba estourar referente à minha irmã agredida sexualmente, então assim, depois que ainda soubemos disso a gente ficou todo mundo pasmado, pasmo, porque na cabeça da gente aquilo não era uma coisa, era

coisa do diabo, do demônio né, que ninguém em sã teria capacidade de fazer uma coisa dessa. Então assim, todas se conversavam entre si, como que ele teria capacidade de fazer um negócio desse? Uma violência dessa? Aí todo mundo, a maioria se afastava dele o máximo possível né.

Ninguém se aproximava. As meninas e nem os meninos com medo também dele, porque ele era muito agressivo né. Então, ninguém se aproximava dele pra nada. É isso. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

O ciclo vicioso das violências domésticas, dos abusos sexuais e estupros cometidos e mantidos pelo agressor durante décadas e gerações de filhos e filhas nascidas, violentadas desde o útero, sem sofrer nenhuma punição, legitimou suas atividades como atos curriqueiros. O agressor se viciou a espancar, bater, machucar e as vítimas se acostumaram com as violências. Essa multiplicidade de eventos graves faz parte das narrativas da mãe e da filha como elemento do cotidiano “normal”, faz parte da história de vida de cada uma. No entanto, o estupro praticado contra uma de suas filhas, de quem tem conhecimento, foi o que causou certo rompimento do ciclo, todo o resto dos acontecimentos dentro de casa não gerou força para ação contrária. As violências praticadas pelo agressor contra o grupo, ocupava espaço e lugar de dominação. Nesse contexto, a mãe biológica do grupo era apenas mais uma vítima, nada fazia em seu favor ou para proteção dos filhos, talvez paralisada pelo medo e pela negligência inconsciente. Sobre esses aspectos a filha-entrevistada [n. 01] defende a mãe biológica dizendo que:

Claro! Não tem como ela ser complacente da situação. Ela foi tão vítima, foi mais vítima do que nós né.

Porque assim, antes de nos ter, se ela for contar a história de vida dela pra você, você vai ver que é uma vida só de sofrimento, como ela teve o início da história. Então assim, ela foi tão vítima quanto eu, e quanto às outras. As outras filhas, os outros filhos, não estão falando de filhos porque foram agressões né, a agressão sexual né. Então, claro que ele não ia procurar os meninos, mas os meninos tiveram as histórias deles né. Mas, ela é tão vítima quanto nós e sofre muito mais do que nós, porque assim: a gente percebe que ela se culpa por a gente, vai conversar com ela, ela se culpa por não ter feito, podido fazer nada naquela situação.

Então, eu observo que ela é tão vítima quanto nós e é uma guerreira por ter segurado essa barra por tanto tempo, e dado suporte pra todas nós né. Nem que fosse de colo, de psicológico, porque acho que ela não teria mais do que isso pra dar. Mas o mínimo que ela pode dar, ela deu, o máximo dela. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

As violências domésticas na família produziu percepções relativamente distintas entre as participantes e os membros do grupo, apesar da gravidade dos fatos isso não significa interpretar que a realidade vivida tenha produzido esclarecimento ou consciência crítica. É uma dificuldade observada nas narrativas das vítimas traumatizadas gravemente, razão que leva a bloquear o

sofrimento passado para evitar memórias de dor no presente, decerto, funciona como uma estratégia de sobrevivência pessoal, não pensar racionalmente as experiências vividas.

A contaminação da unidade familiar, o desvio dos sonhos sonhados por cada membro, resultou no enfraquecimento coletivo e esgotamento das forças individuais, por fim, a dispersão geral do grupo. Essa foi uma das estratégias mais sofisticadas utilizada pelo agressor, não permitir que os filhos passasse da fase da adolescência dentro de casa. Ao mesmo tempo em que os membros cresciam, eram violentados, um prelúdio para expulsão individual e em massa onde as agressões e os conflitos faziam parte desse controle anunciatório.

A família violenta é negligente e também compõe a mesma estrutura social histórica que os demais grupos. A diferença é que uma negligencia seu papel e outra assume informando na prática ou simbolicamente sua função e papel social na orientação de seus membros, que a ela se vincula e depende da socialização. Fleck (1964, 1972), *in* Renshaw (1984), faz essa discussão afirmando que há duas importantes divisões a ser consideradas:

[...] a primeiro é o limite prescricional, [...] pais que educam, conduzem e ensinam; prole que deve aprender e suceder. Esta mesma linha separa os pais sexualmente ativos e aqueles a quem o sexo é proibido na família. Segundo eixo é a divisão do sexo, no qual ocorre o aprendizado da função do sexo, por exemplo, que tipo de trabalho é feito por cada sexo e como cada um deles se comporta em público e na sua privacidade. (FLECK, 1964, 1972), *in* (RENSHAW, 1984, pg. 38).

Embora, o contexto em que os autores estão tomando de referência seja a sociedade americana, mas a questão da normatividade implicada na estrutura familiar não se diferencia do modelo familiar analisado na sociedade brasileira. Então, autor continua dizendo que há

[...] dois limites estruturais como os deveres mais importantes da vida de cada família, [...] levam a concretização destes limites. Não importando qual o tipo do estilo de família, os limites procriacionais e divisões do sexo devem ser transmitidos aos jovens pelos pais velhos. (FLECK, 1964, 1972), *in* (RENSHAW, 1984, p. 38).

A complexidade das experiências incestuosas vivenciadas pelos membros da família, configura uma dramática realidade que Renshaw (1984) ajuda a pensar apontando alguns fatores para reflexões da problemática, o que pode ter ajudado a aprofundar o quadro. Observar se no contexto familiar existia 1-relacionamento matrimonial rompido, 2-experiências anteriores envolvendo costumes incestuosos que prevaleceu, 3-uso de álcool e drogas, 4-psicopatia, 5-inabilidade de aceitar a masturbação, 6-intimidade e privacidade inadequadas, 7-famílias

recentemente constituídas, 8-personalidade incestuosa do agressor. São aspectos da vida social familiar que a autora considera canais abertos ou facilitadores para práticas incestuosas com a natureza em que investigo nesta tese. (RENSHAW, 1984). São pontos que de fato me chamou atenção durante a análise do todo narrado pelas entrevistadas, entre os fatores apontados, considero também a questão da orientação sexual dos membros interpretada como assunto tabu. Onde se constituiu um grupo extenso sem orientação clara da função e do papel da família. Onde a questão de corpo, sexualidade, menstruação e as mudanças biológicas não fazia parte da socialização ou da formação social dos membros, mas, sim, concebido como tabu.

As autoras Azevedo e Guerra (1994, p. 66-67), lembra que a violência doméstica com traumas físicos quase sempre deixa “[...] sinais observáveis de agressão capazes de comprovar” com menos dificuldade, mas quando se trata de violências psicológicas, de negligências, maus-tratos, exploração privada envolvendo abusos sexuais e o silêncio das vítimas “[...] raramente existem sinais físicos ou traumas que comprovem” os fatos. Os “[...] agressores sexuais tiram proveito do que estão fazendo; [...] o comportamento em si é agradável e reforçador” de suas atividades. Transformam o mundo familiar em oásis de prazer, ao mesmo tempo em que agredem e violentam suas vítimas, agradam com presentinhos, ofertas, mentiras, sedução ou usam das ameaças para conseguir o que quer. A cultura do tabu funciona não para castração do comportamento nocivo, mas para manter o controle das vítimas.

Azevedo e Guerra (1994), construíram um quadro indicador de perfis de agressores sexuais existente nas famílias. Afirmam que geralmente as violências sexuais são praticadas por pais biológicos ou padrastos; cuja maioria são homens adultos que agem contra a criança ou adolescentes meninas. Suas vítimas estão geralmente na faixa-etária entre 0-18 anos de idade, embora demonstrem preferências por crianças com idade de 7-10 anos. Contudo, a violência sexual ocorre em todas as classes sociais do país, não interessando a origem família, a raça ou a religião da vítima, nem mesmo do agressor. Embora, o maior número de casos de denúncias apareça associado às classes populares, mas isso não significa que nas classes privilegiadas economicamente [média e alta] não existam as mesmas violências, havendo talvez uma diferença, de que na classe baixa as vítimas estão mais expostas e nas classes altas mais protegidas ou invisibilizadas por uma multiplicidade de fatores.

O alcoolismo também funciona como um elemento potencial na predisposição de agressores sexuais intencionados agirem motivados pelo álcool e outras drogas. A maioria das

vítimas estão convivendo com esses dentro dos lares compartilhando o dia a dia e a vida doméstica sujeitas às agressões. É dentro de casa que os agressores constroem muralhas e complôs de silêncios, ninguém fala sobre o problema das violências existentes na família, é ordem e lei a ser obedecida. Em caso de desobediência ou descoberta dos fatos, a primeira reação do agressor é negar os fatos e o crime.

Em meio a tudo isso, os agressores constroem enredos mentirosos, falsos, discursos de culpabilização das vítimas, se armam de defesas e artifícios para desqualificar, desorientar e impotencializar os alvos.

Isso pode ser observado nas reações da mãe-entrevistada [n.02], além de ter sido abusada pelo mesmo agressor de sua filha estuprada, violentada dentro de casa, ela não reagiu ao agressor, foi desarmada, enfraquecida e controlada pelas mesmas violências e discursos. Ou, será que estava em jogo a negligência consciente? Será que uma vítima não enxergava a outra? Foi o medo do agressor que impediu a vítima agir? Observo que há uma série de questões que precisam ser investigadas, discutidas em profundidade com vista nas relações familiares contaminadas por violências e avançar na questão.

Todos os atos de violências na família teve consequências drásticas para as vítimas, exceto para o agressor. O corpo físico ficou marcado por lesões graves na genitália feminina, das filhas com virgindade intocada, mas com a penetração de um pênis adulto, o rompimento violento do hímen vaginal causou graves danos nas adolescentes defloradas pelo pai, foi quando a violência sexual na família se aprofundou no grau máximo.

O corpo imaturo deflorado cheio de dor e silêncio circulante no ambiente doméstico sem ninguém perceber ou ver o sangue por baixo das roupas, assim foi mascarada a história de vida das vítimas sexuais da família. Caladas, isoladas, vigiadas e afastadas do grupo cada uma viveu o porão da moradia, num verdadeiro cativeiro privados. À base da força os estupros aconteceram em meio aos riscos da filha engravidar do próprio pai, onde as doenças e até a morte podia acontecer. Cada uma sofreu sozinha no mundo particular mantido pelo agressor, as dores das violências até ser expulsa do ambiente de moradia. Muitas das vítimas que sofrem tais adversidades continuam sendo vitimadas pelas consequências dos abusos sexuais, geralmente se envolvem com drogas, prostituição, desenvolve problemas psicológicos e sociais, possuem baixa escolaridade ou são analfabetas, ocupam subempregos, adquirem doenças graves, tem gravidez precoce e se tornam mães solteiras.



É quando precisa de um acompanhamento social e tratamento terapêutico, também é importante o completo afastamento do agressor, para assim resguardar a vítima de contatos e riscos de novas agressões. O suporte social, psicológico e clínico na forma individual e para os demais membros da família torna-se indispensável. (AZEVEDO; GUERRA, 1994). Ao encerrar esse tópico reflexivo, continuo a seguir o aprofundamento da discussão.

#### b) Família controlada - garantia da impunidade

Com medo e sem coragem de enfrentar o problema da violência na família, a mãe-entrevistada [n.02] permaneceu paralisada no mesmo lugar reconhecendo sua impotência perante o agressor, assim relata:

Na verdade eu tinha, eu tinha medo dele, eu não tinha força pra enfrentá-lo. E outra coisa porque eu não tinha quem me desse realmente força, me ajudasse de verdade. Então, por isso, além do medo, eu não tinha quem me desse força pra mim enfrentá essas coisas né, que eu achava muito difícil por causa do medo que eu tinha dele. Tinha medo que ele fizesse alguma coisa comigo, com as minhas filha, então, por isso que eu fiquei, fiquei nessa situação.

Não, não tenho mais não, porque isso já faz muito tempo e eu quero é, quero recuperá isso aí. Eu não quero mais, não quero mais fazê nada com ele não. Quero vive o resto da minha vida em paz. Não quero mexê com nada disso não.

É perceptível o trauma e o sofrimento misturados com a relutância da mãe-entrevistada [n. 02] em denunciar o agressor, mesmo depois da passagem cronológica de um relativo tempo em que as violências familiares foram cometidas contra ela e seus filhos(a). Pelo visto, denunciá-lo formalmente tornou-se um ato não concebido ou impraticável. Demonstra que continua sendo dominada e controlada mesmo sem necessariamente compartilhar sua moradia atual com o agressor, basta resgatar suas memórias ou revisitar imagens traumáticas do passado que decide nada fazer. Quando perguntei quais motivos ou possíveis impedimentos de não ter registrado oficialmente os fatos em documento de denúncia na forma da lei, a entrevista respondeu:

Ó, na verdade eu, eu tive medo. Eu tinha muito medo dele. Tinha muito medo e tenho ainda, por causa que ele é violento. Eu tinha medo que ele fizesse alguma coisa ou comigo ou com meus filho. Então, por isso que eu não, nunca denunciei ele por causa disso, que eu tinha medo dele. Inté hoje eu tenho, porque se ele subé até alguma coisa. Ele é, é muito mal sabe. Eu tenho medo que ele faça alguma coisa com meus filho ou comigo mesmo.

Eu não tinha orientação de ninguém não. Nem ninguém falava nada do que eu poderia fazer ou não. Nunca tive orientação de ninguém, nunca me disseram nada não.

Ao contrario da mãe, a filha-entrevistada [n.01] discorda que o agressor se mantenha impune, apesar de ter iniciado um movimento contra o agressor, mas acredita que oficialmente nada ainda foi registrado, com incerteza afirma: *“Eu acho que não. Que eu saiba não, não sei. Agora que falô com ele, sobre essas coisa não, eu acho que não”*.

Não faz parte do plano da mãe-entrevistada [n.02] denunciar seu agressor ou colaborar para sua punição, prefere manter tudo como estar, na pior das hipóteses, prefere mantê-lo afastado de sua atual moradia e da sua convivência direta. Pelo visto torna-se cada vez mais distante a possibilidade de ajudar seus filhos vitimados a proceder com qualquer ação punitiva. É um problema interno que lhes incapacita a tomar atitude dessa natureza, dando entender que o problema não é apenas movido pelo medo do agressor, de suas possíveis ameaças de vinganças, a questão é mais profunda e complexa, se manifesta com força de proteção ou apagamento das violências cometidas pelo próprio agressor.

Tanto resiste quanto impede os filhos agirem para reparação dos danos causados pelo pai-agressor, talvez ultrapasse a justificativa do medo, das questões de ordem moral, religiosa, da vergonha ou constrangimento perante a comunidade, o sentimento de culpa e proteção do abusador são atitudes observadas quando a vítima perde a capacidade de se reconhecer fora do esquema naturalizante em que foi submetida. Uma espécie de perda da própria identidade do eu. Sentir-se culpada e derrotada pelas tragédias na família, faz parte da auto-justificação dos erros acumulados. A insegurança de si ou a pouca confiança nas decisões e atitudes perante os outros, produz efeitos dessa natureza. É até capaz de enxergar o lado positivo do agressor, apesar de ser um homem violento, arrogante, agressivo, estuprador, é também um indivíduo relativamente aceitável por que de certa maneira permaneceu na sua companhia para procriar seus filhos até a adolescência. Esse pode ser um elemento emocional em operação ativa.

Outra questão gira em torno da autoridade materna e paterna enquanto pátrio poder operante sobre as filhas e filhos, o que sugere responsabilidade legal, mas, em benefício do filhos qualquer defesa e proteção também foi negligenciada. A transgressão dos direitos fundamentais à vida da criança e do adolescente foram praticados por ambos os pais, principalmente contra os últimos membros [filhos] caçulas por estes já estarem amparados pela legislação recente do Estatuto da

Criança e do Adolescente. Mesmo assim, os caçulas sofreram os mesmos danos que os demais membros.

A acusação silenciada, sentida ou não falada por membros violentados que ao se perceber vítimas de mãe e pai negligentes, não resolve o problema de cada um e do grupo, pelo contrário, amplia os conflitos na família considerando que hoje todos são pessoas adultas, portadores da capacidade cognitiva com a condição de perceber, criticar e questionar o quão os pais biológicos foram prejudiciais para suas vidas.

Ao perguntar se a mãe-entrevistada [n.02] em algum momento buscou apoio profissional para orientação psicossocial para si e os membros da família, respondeu:

Nunca busquei não. Como já falei, eu tinha medo, eu tinha medo dele né. Nem eu sabia, porque eu sô uma pessoa muito, não tenho conhecimento das coisa, nunca aprendi a lê, nem tive quem me ensinasse as coisa, não sabia de nada. E outra, como eu falei, tinha medo dele de procura assim alguma coisa. Tinha até algum filho que queria me ajudá mesmo, teve filho meu que queria me ajudá, mas, eu por medo, eu não levei à frente a situação. Deixei que ficasse, que fosse levada assim, assim mesmo e na verdade eu não tive força pra nada, eu vô dizê, eu nunca tive força pra enfrentá. Eu tive filho que queria enfrentá, mas eu não tive corage. Isso aí, é uma verdade.

O controle da família garantia de impunidade do agressor, o que significava também a perpetuação de suas atividades de violências domésticas com práticas sexuais incestuosas contra as filhas, sem sofrer ameaça de competição masculina, punição ou interferência de pessoas externas ao grupo. O abusador estava seguro de seu sucesso predatório pelo rigor do controle exercido sob a mãe e os filhos, mantidos à base do condicionamento do medo, da pressão psicológica e da escravidão sexual e física.

O lugar ocupado na hierarquia social do grupo, a autoridade do pai biológico era superior em todos os aspectos da vida familiar, é a percepção da filha-entrevistada [n.01], sobre essa questão relata:

Quem mandava e desmandava sempre era ele, desde que eu me entendo por gente né. Ele que era quem mandava e desmandava. Todos os membros da família eram submissos a ele em todos os sentidos. Não se pegava um peixe sem a permissão dele, jamais em tempo algum. E se pegasse um peixe no açude muitas vezes era escondido pra ele não saber, que ele não queria. Então assim, tudo era principalmente em frente à minha mãe, ela sempre foi submissa a ele, muito submissa. Nem que fosse abaixo de cacete, que ela levou muito pau dele apanhou muito dele né. Acho que as doenças de hoje que ela tem, nas limitações dela é decorrente a sofrimento que ele causou também né. Também, o histórico de vida da minha família infelizmente, não mais hoje graças a Deus, mas na minha infância foi de violência. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

É um contexto de dominação que a mãe-entrevistada [n.02] também afirma o grau de obediência que o grupo tinha com relação às ordens do agressor, diz que ela e os filhos “*Obedeciam. Obedecia por causa de que eu tinha medo. Eu não tinha ninguém que fosse por mim, não tinha pai, não tinha mãe, não tinha ninguém. Então, aí tinha que obedecê né. Cheia de filho, não tinha pra onde í, me sujeitei a ficá sofrendo com meus filho*”.

A mãe submissa tomada de medo do agressor transferia para os filhos os efeitos do pânico, crianças e adolescentes cresciam igualmente traumatizados e inseguros. As táticas eficientes e os planos perversos colocados em prática produziam resultados positivos e favoráveis para o predador; e extremamente negativos e prejudiciais para a família.

O ambiente doméstico era ou ainda é, um lugar de privilégios para o exercício de poder concentrado no agressor, onde transformou a família num laboratório vivo como treinamento pessoal para atuar no grande palco da sociedade maior. Talvez, do ponto de vista do agressor, a família representava sucesso do seu controle da estrutura pela força da ordem, para os filhos, o pai foi o responsável pela desordem e a destruição da família. A dominado mantinha as violências de forma perpetuada e ininterrupta reversada por uma multiplicidade de atividades aplicadas individualmente, em grupo, em série e em concomitância.

Ao mesmo tempo em que o agressor agia com violências contra a mãe, atuava também na direção dos filhos, onde todos os membros eram submetidos às mesmas ordens, ao rigor do controle, as ameaças de punições e castigos físicos. Esse foi o meio utilizado para desmontar o grupo e dar fim aos membros um a um. No final da saga sem conteúdo mitológico, mas sim, repleta de histórias reais e concretas, restou apenas dois membros caçulas acompanhados de uma mãe doente, fraca, abandonada e improdutiva com idade avançada. São memórias de fortes experiências impactadas no corpo e na psique de cada vítima difícil de serem apagadas da história pessoal, nada mais do que consequências intransponíveis e profundas que segue com a vida.

Em determinada etapa do segundo momento da entrevista, perguntei para cada participante se tinha conhecimento ou notícia depois que os membros vitimados na família ao saíram de casa, se continuaram vivenciando alguma experiências de violência doméstica na convivência com companheiros ou maridos com quem formaram suas famílias.

A mãe-entrevistada [n.02] com dificuldade e voz emocionada respondeu fazendo pausas e silêncios, disse:

(Silencio). Na verdade as minhas filha agora tão tudo longe de mim. Tá no Rio de Janero, outra em São Paulo. E eu não tinha muito contato com elas nem elas comigo. Nem ia me visitá, nem eu visitava ela. Então, acredito que sim. Agora eu não sei realmente dizê qual era as violência que ela, essa mesmo que eu tô falando que aconteceu isso com ele. Ela casou-se, ela era judiada também pelo marido. O irmão da mulher que levou ela pro Rio. Disse que também ele era muito violento com ela, brigava com ela, acho que batia nela, eu não sei direito não, mas eu já vi falá que era assim sabe? Foi, até que separaram. São separado, faz tempo que são separado. Tá criando aqueles filho dela sozinha.

Eu na verdade eu fiquei sabendo pelo meu filho. Que o meu filho também morava lá. E ela tamém depoi de muito tempo ela me falô alguma coisa. Eu acho que eles brigava né. Ele brigava com ela. E eu não sei realmente o que era. É como eu tô lhe dizeno, eu morava aqui e ela morava no Rio. Escuto assim, alguma conversa assim que meus filho dizia, mas eu não sei dizê realmente como era a vivênça dela. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Continuei perguntando se o agressor continuou tendo contato com a filha estuprada após sua saída de casa, a mãe-entrevistada [n.02] respondeu: *“Não, ele não teve. Ele não teve, ele não falô com ela nunca mais desse dia pra cá. Nem ela viu ele, nem ele viu ela pra cá. Não veio pra cá, já faiz acho que uns 20 anos”*. Acrescentei perguntando se a família (mãe, irmã e sobrinhos) do agressor ficaram sabendo das violências sexuais incestuosas praticada por ele? Contra a própria filha. Com dificuldade a mãe-entrevistada [n.02] continuou a responder:

Suberam, eu falei. Eu falei pra irmã dele. Só que a irmã dele sabia que ele era capaz disso, mas só que disse a mim que eu fizesse nada com ele não, que Deus é que ia dá o pagamento a ele. Acreditô. Ela sabe que ele é capaz disso, mais disse que eu não fizesse nada não. Só que a mãe dele é que não acreditô. A mãe dele acha que, (disse pra uma pessoa), eu soube, que ela disse que ele só fez isso pra minha filha porque ela só vivia se oferecendo a ele. A vó dela disse isso. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Durante a narração perguntei para a mãe-entrevista [n.02] na condição de possível hipótese, se hoje em tempos atuais tivesse conhecimento da existência de novos casos de abusos e violências sexuais incestuosas acontecendo novamente na família, do agressor contra qualquer outro membro do grupo, que atitude tomaria a respeito dos fatos? Respondeu:

É difícil a gente falá hoje, que as coisa, a violência tá muito grande nesse mundo, e a gente não vê quase resultado das coisa. Mas, eu acho se hoje houvesse alguma violência na minha família eu faria alguma coisa. Eu acho que eu faria alguma coisa. Não dizendo que violência se paga com violência né. Eu sô uma pessoa sô, sô, sô religiosa, gosto e obedeço muito as palavra que meu Deus nos ensina, Ele diz que a gente não paga o mal com o mal, mas, eu peço a Deus, que não visse violência na minha família mais, que a gente viva tudo em paz e feliz. É isso que eu peço ao meu Deus, porque eu sô uma pessoa que não gosta de violência, gosto de amor e de paz. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Somente no auge da maturidade é que a mãe-entrevistada [n.02] demonstra ter noção mais clara da complexa realidade familiar e as graves consequências das violências domésticas vividas com seus filhos. Embora, isso não signifique dizer que consiga agir contra o agressor em caso de novos ataques de violências na família.

A situação de conflito familiar é explicada por Bastide (1964), entendendo que as sucessivas violências impactadas na mãe produziu uma espécie de paralisia sociopsicológica que impede tomar qualquer decisão ou atitude na direção do agressor, uma construção mental com efeito anestésico que não teve mais fim.

Tem a ver com a mentalidade impeditiva automatizada, naturalizante, introjetada na mãe e seus filhos a partir dos enunciados ordinários da vida cotidiana. O impulso primeiro é o de eliminar da atividade mental qualquer possibilidade de ação ou reação sobre determinado fato ou acontecimento praticado pelo agressor, mesmo que o alvo de impacto negativo seja o próprio corpo, o sexo violentado, a vida em risco, ninguém reage para defesa de si nem do outro, mesmo que esse outro seja os próprios filhos. Trata-se de vítimas tocadas e agressor intocável.

Essas construções tende alimentar da imagem potencial criada pelo medo, revelando motivação e posição de inferioridade do eu da vítima com relação ao outro-agressor, tanto que dentro da família tudo permaneceu como estava durante anos, agressor e vítimas seguindo o mesmo curso das atividades normalizantes sem quebra da ordem imposta. Os eventos se tornam relativamente previsíveis, onde o agressor dar sinal da eminência das agressões e as vítimas esperam os impactos.

Bastide (1964), define o conceito dessa “situação” de conflito como sendo

[...] um fenômeno psicocultural; é por um lado um fenômeno psicológico, pois contém elementos afetivos, intelectuais e voluntários, mas é ao mesmo tempo um fenômeno cultural, pois os objetos que orientam esses sentimentos, conceitos ou ações são objetos comuns a todos os membros, é determinado pelos outros atores. (BASTIDE, 1964, p. 105-106).

Consequentemente, a situação conflitiva desintegrou a mãe e os filhos da unidade familiar com efeito na estrutura psicossocial, embora as ações sociais familiares não se reduzam apenas as motivações psicológicas, mas com os aspectos emocionais afetados o grupo se autodestruíu incluindo a vida social. (BASTIDE, 1964, p.106).

### c) Família-Fábrica de corpos, sexo e trabalho explorado

Na sequência do roteiro de entrevista perguntei para a entrevistada [n.01] se em algum momento de sua vida havia sofrido abusos sexuais incestuosos por parte do pai agressor da família, uma vez que o mesmo agia de forma semelhante no ataque de suas vítimas, com planos e estratégias, artimanhas e mentiras, sedução e ciúmes, castigos e agressões conforme o sucesso ou insucesso nas atividades predatórias. Com isso, entender a dinâmica do funcionamento das operações a partir das experiências em detalhes narradas pela participante, a fim de mapear a forma de controle exercido para a aproximação da vítima. Os códigos transmitidos e traduzidos para dominar e afastar o alvo do grupo. Com essas palavras, a filha-entrevistada [n.01] respondeu:

Certo. Eu acho, que é como eu falei anteriormente né. O que posso informar é que ele ficava dizendo que ia presentear com roupa íntima, ficava observando que os seios estavam crescendo, às vezes tinha que mergulhar no açude de roupa, roupa que ficava colada no corpo, ele ficava o tempo, eu percebia que ele ficava com o olhar diferente no meu corpo.

Então assim, a roupa cola no corpo aparece meio que o formato das pernas grossinhas né, o formato do bumbum mais redondinho, os seios já né, que a criança tá passando da fase criança pra adolescente, tem toda a mudança. Então, eu percebi que ele olhava de forma diferente. Comecei às vezes até evitar tomar banho, mergulhar com ele perto pra não chegar e não chamar atenção. Comigo, sim vivenciava isso e observava isso referente a ele.

Certo. Eu observava que ele era. Um exemplo, 5 filhas né, era escolhida a mais velha do que eu, eu encostada a ela e mais três menores que eu. Ele só se direcionava a ela pra comprar roupa né, comprava uma roupa pra ela, não comprava pra gente. Comprava maquiagem pra ela, ela ia pra rua com ele às vezes fazer compras.

Se isso ela observava eu não sei, mas eu observava que tudo era ela pra ele. Assim, eu observava também sabe, que ele brigava muito com minha mãe referente a ciúme, ele morria de ciúme, ele não deixava, não queria que ela fosse estudar de jeito nenhum. Se passasse algum rapazinho pra ir pro um campo próximo pra jogar bola, ela não podia tá na calçada, se ele visse ficava brigando, gritando com ela pra ela entrar. Então assim, foram coisas que eu fui observando, que observei e infelizmente que resultou nessa desavença familiar né, provocada por ele. Mas eu percebia que ele era muito ciumento e agressivo com ela.

Mais nova que eu não, porque assim depois dela sou eu, depois vem uma encostada a mim e mais quatro. Então, a que mais conviveu com ele foi a caçula né.

A caçula e o caçulo são os dois mais novos. Logo após que eu saí, aliás, antes de eu sair de casa, a mais nova já tinha fugido de casa já, tinha saído já. Então, ela saiu primeiro do que eu, aliás, desculpa eu me enganei nós saímos juntas praticamente, nós fomos trabalhar juntas praticamente como babá. A minha irmã mais velha que morava em Recife, ela trabalhava como doméstica e arrumou um trabalho, logo após que A. saiu de casa, pra nós duas. Eu e a que era encostada a mim. Então ficaram só duas.

A outra que era a mais escurinha, a que puxou a minha mãe que vivia literalmente escondida dele, logo em seguida ela saiu também pro Rio de Janeiro pra casa da minha irmã. E ficou só a caçula. A caçula e o caçulo.



Naquela situação, naquela convivência de violência, ele disse que não ia sustentar vagabundo se não trabalhasse pra ele, pra dá um prato de comida, tem que trabalhar pra comer. Assim sabe, então minha mãe via tudo isso, escutava e presenciava tudo isso.

Ele tinha o máximo 9-10 anos. Ele fazia né, porque assim, ele ordenava e tinha que fazer senão era cacete. Porque tinha que trabalhar muito, assim trabalhar como adulto no sítio pra poder ter o que comer. Então, nós vivíamos, a criança vivia jogada dentro da lama dos açudes, botando, encanando água, que tem uns canos grossos pra fazer irrigação. A gente vivia, ele né principalmente que foi o último que ficou em casa com a minha mãe, vivia no meio do mato com a pá, fazendo os mandados dele. E educação e escola zero, por ele era zero, só o mínimo que nós aprendemos como falei anteriormente. Foi devido a guerra e a luta da minha mãe.

Daí ele não dava alimentação e teve que trabalhar como escravo e tudo mais. Acredito, que o que tenha acontecido com as outras, outro tipo de violência, igual o que nós passamos. Se não fosse ele, todo mundo estaria lá ainda. Então, foram obrigados a sair de casa, alguma coisa tem errado, algo, acontece a mesma coisa com todos. Ai, é a visão de cada um né, (voz emocionada). (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

A visão geral da estrutura social da família era essa, mãe, filhos e filhas mantidas sob controle para fornecimento de lucro, privilégio, prazer pessoal e sexo. Sua finalidade de ação e intenção foi a de tornar a família um ambiente altamente sofisticado e inacessível para intrusos ou observadores de fora do grupo. Por isso, seu planejamento elaborado, testado e executado para cada membro continha detalhes sobre a personalidade individual de cada um, controle do comportamento, mapeamento da intimidade e das emoções.

A família fabricante de corpos infantis e jovens, fornecedora de sexo à vontade e de força de trabalho lucrativo era controlada como uma empresa de alta complexidade, especializada e diversificada em produção. A conduta reflexo da mentalidade predatória de um suposto “chefe” de família dissimulado no ambiente doméstico, agia conscientemente como se suas atividades cruéis e perversas não causasse sofrimento para a mãe, filhas e filhos pequenos. Nenhuma reação de humanidade ou correspondência familiar demonstrava ter, cotidianamente praticava seus testes até a vítima em condição inferior não resistir mais as violências praticadas contra ela. Agredir, explorar, abusar e estuprar fazia parte de suas atividades corriqueiras.

Quando perguntei para a filha-entrevistada [n.01] se após o seu afastamento da família, da casa dos pais biológicos e da convivência com o agressor, obviamente me referindo ao momento em que decidiu fugir para trabalhar de doméstica na cidade de Recife, para escapar dos abusos e riscos de ser estuprada pelo pai agressor, perguntei se depois dos acontecimentos na família a mesma continuou sofrendo violências sexuais no trabalho, com essas palavras ela respondeu:

Não, comigo graças a Deus, eu nunca sofri nenhuma violência sexual né, pelo menos depois que eu saí de casa. Também em casa não cheguei a sofrer, mas meio que um

“pré” né. Então, graças a Deus depois que eu saí de casa, que fui viver independente não tive nenhum desse tipo de problema comigo. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Observo que a percepção da filha-entrevistada [n.01] a respeito da violência sexual é limitada apenas ao estupro à base da força física exercida contra a vítima. No caso de seu relacionamento com o patrão no ambiente do trabalho doméstico, portanto, isso não configura abuso sexual ou estupro. Apenas se materializou de forma diferente dos abusos sexuais praticados pelo pai biológico dentro de casa, com vista no fato de ter sido iniciada sexualmente a partir do seu consentimento pessoal. Interpreta que o ato sexual com primeiro “namorado” adulto não configurou abuso ou estupro, embora se trate de um homem casado, com idade de 58 anos, pai biológico de sua patroa para quem trabalhava de babá. Independentemente disso, o rompimento de sua virgindade aos 15 anos de idade foi livremente entregue para um homem quase idoso. Por isso, não representa violência sexual, já que considera violência sexual quando existe estupro da vítima criança, adolescente ou de uma mulher adulta, sem que haja seu consentimento.

É quando a filha-entrevistada [n.01] explica como foi a aproximação e envolvimento com o seu primeiro “namorado”; explica da seguinte forma:

E aos poucos, ele foi me conquistando, eu comecei a gostar dele também e nós começamos a sair, com medo né porque eu era virgem ainda. Mas, ele sempre foi muito carinhoso comigo, cuidou de mim, me presenteava, passeava comigo, me matriculou em uma escola. Então assim, meu ponto de vista, eu me envolvi com ele porque eu quis. Gostava dele, e queria ficar com ele. Nada a ver de abuso sexual referente à minha vida não. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Com a mesmo entendimento e percepção, a filha-entrevistada [n.01] acredita que não foi vítima de violência sexual de fato por parte do pai biológico, entende que sofreu apenas tentativas de abusos. Nesse sentido afirma: “[...] *sim. Não houve abuso em si né, que eu não sofri abuso com ele. Sim vá, conclua o seu pensamento depois eu falo*”. Perguntei na sequência sobre os eventos ocorridos com ela e o pai no açude da propriedade, quando tomava banho incluindo o episódio da rede conforme declara no depoimento de Denúncia [n.03] autodescrito na pesquisa “As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono”, se a mesma comunicou sobre os fatos para a sua mãe ou alguém da família. Assim ela respondeu:

Eu falei pra minha mãe em seguida, não em abuso, referente a abuso, mas referente ao comportamento dele comigo. Ah, ficou chateada e enfurecida com ele né. Foi aí que ela ameaçou.

E ela, vez ou outra, ela alertava ele: Olhe, cuidado! Tô de olho em você viu. Nem tente que eu mato você dessa vez. Nem sonhe fazer o que você fez com a outra. Então, vez ou outra ela passava na cara dele e eu me policiava né. Aí ele se afastava, ficava chateado comigo, tudinho, mas assim sabe, porque o mínimo que ele tentou, ela ficou sabendo da situação e acho que por isso que ela me mandou de casa logo também pra evitar. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Nos conteúdos de narrativas observo um grau de confusão mental das participantes com relação a interpretação pessoal e entendimento daquilo que configura ser ou não, abusos e violências sexuais. Ambas demonstram bastante dificuldade em perceber as intenções misturadas nos atos abusivos, nas atitudes e comportamento dos agressores sexuais. Embora, essa confusão mental-emocional instalada nas vítimas é parte do jogo e das estratégias desse tipo de predador, faz com que a própria vítima tenha dúvida de suas percepções e julgamentos.

De acordo com o relato da mãe-entrevistada [n.02] atividades predatórias semelhantes aconteceu com sua filha estuprada pelo pai. Em detalhe relata como agia com a sua filha vitimada, emocionada ela falou:

Não. Ele, ele. Uma vez ele foi pra casa da minha filha, da irmã dela. Ele saiu de casa dizendo que ia pra casa da minha filha com ela. Só que acho que no caminho ele, acho que ele levô ela pra algum canto e disse pra ela que, eu sube não foi ela que me disse não. Acho que foi a irmã e depois eu sube disso. Disse que ele era o pai dela não. Ai, ele entrou em algum canto assim com ela. Num hotel né. E nisso ai era pra dizê que ele era o pai dela não. Ela não me dixe isso, eu sube disso depois. Quem dixe isso, acho que foi uma irmã dela, e ela me contô depois. Praticô, ela disse a irmã dela que ele só fez com ela porque levô ela pra esse lugar, mai depoi que ele, ela veio de lá em casa ele tentava, mai ela não queria, não deixava, não queria não. É. (Suspirando, silêncio). (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Os abusos sexuais sofridos pela filha-entrevistada [n. 01] dentro e fora de casa, tanto pelo pai biológico e quanto pelo padrão doméstico suposto namorado de 58 anos de idade, foram reais e arquitetados em detalhes com semelhança de mentalidade e atitudes. O pai iniciou os abusos no ambiente domestico habitado pela família, o padrão “namorado” também agiu da mesma forma e no mesmo ambiente com penetração carnal. Não foram tentativas de abusos e sexos inocentes, foram sim predação consciente de homens adultos contra uma menina adolescente imatura.

Mas, na percepção da vítima quase sempre interpreta que essa ou aquela tentativa de abuso e sedução, não se configura violência sexual. Essa é uma mentalidade também construída nas vítimas.

É uma situação que se complexifica com a percepção e a mentalidade da mãe-entrevistada [n.02], ela também não se percebe vítima das violências domésticas e sexuais sofridas durante a maior parte de sua vida. Enquanto esteve na convivência e companhia de seu agressor, pai de seus filhos. Infelizmente, pouco demonstra tal percepção, de que foi vítima de uma multiplicidade de agressões e riscos. Pelo visto, as violências domésticas foram introjetadas e naturalizadas de tal modo que se tornara uma realidade do cotidiano da família. Essa é uma observação do ponto de vista investigativo e analítico.

#### d) Vidas interrompidas por violências

Os danos físicos, psicológicos, morais, sociais e econômicos impactados nas participantes e no grupo familiar são reais e se manifestaram nas narrativas como memórias de torturas gravadas no corpo e n'alma de cada uma, me refiro as consequências e aflições sentidas e internalizadas individual e coletivamente pelos membros. Até ousar afirmar na condição de pesquisadora e profissional do campo, que em toda minha trajetória não havia me deparado com uma multiplicidade de fatos tão graves envolvendo uma extensa prole vitimada e um único agressor, como visto neste caso investigado, isso é extraordinariamente chocante ou espantoso. Da literatura às pesquisas empíricas estudadas até o momento, não encontrei no país estudos com essa dimensão, desdobramento e alcance como visto nesta investigação, embora as violências domésticas [incesto] figure no século XXI uma realidade relativamente parte do cotidiano das famílias brasileiras quando observamos os dados estatísticos. Infelizmente, torna-se uma complexa causa da vida humana. É um fenômeno imensurável por atingir e afetar o eu individual da pessoa vitimada, um soco na face ou em qualquer parte do corpo, não atinge somente o esqueleto coberto de pele, com a energia da agressão vem junto uma multiplicidade de coisas sentidas e marcadas na memória para o resto da vida. Machuca e contamina o corpo visível, mas também afeta o interior da pessoa, a honra pessoal, a identidade e o corpo imaterial ou invisível de forma oculta ou silenciosa, sutil que não existe forma de mensuração. A vida interrompida é mais ou menos isso, tem a ver com o sofrimento físico e interior, com os impedimentos, os desvios e bloqueios que o agressor construiu para a vítima não se movimentar no lugar. O isolamento e a tortura é superior a tudo isso.

A história de vida da filha-entrevistada [n.01] membro de uma família marcada por uma multiplicidade de violências, das quais ela também estava sendo impactada cotidianamente, é

carregada de memórias vivas e reais bastante fortes, como se tivesse vivendo, sentindo e vendo a realidade em tempo real, onde o tempo e o lugar da infância e da adolescência permanece relativamente congelada. As violências narradas aflorava as emoções e a sensibilidade de cada participante o tempo todo e com bastante força, os sentimentos foram variados demonstrando dor profunda diante de cada imagem e passagem da vida, as angustias vividas, a impotência individual e a raiva do agressor, tudo misturado. Também, uma luz de esperança n'alma de cada uma despontava com desejo de mudança e de dias melhores no presente e futuro da família, apesar da ilusão também fazer parte dos sentimentos. Com suspiro profundo a entrevistada [n. 01] começou narrar suas memórias de violências na família, disse:

É, veja só. Infelizmente, eu faço parte de uma família que tem esse problema né. Sofreu esse tipo de violência. Mas, eu não sou a única e nem serei a última. No caso meu, da minha família, o meu caso não será a primeira nem será a última né, a gente vê e escuta tal né? Participa, escuta casos e às vezes, às vezes se vê de mãos atadas e não pode fazer nada. (silêncio).

É ..., é difícil sabe pra uma família se reestruturará depois de uma situação dessa, é muito difícil. Mesmo que se tenha acompanhamento ainda psicológico e tudo mais. Eu acredito, não sou psicóloga, não tenho né esclarecimento, mas acredito que não tenho problema referente a isso né, acho que nenhuma de nós tivemos, não entendo por quê. Graças a Deus né, porque pela espécie de vida que nós vivemos, era pra todos nós termos algum tipo de deficiência, de distúrbio, alguma complicação né, psicológica. Porque presenciamos e vivenciamos muitas coisas ruins na nossa infância. Muitas né, coisas ruins e coisas boas, porque criança independente de tá com fome ou doente ela vive aquele momento no pensamento e pronto, pra criança é isso. Então assim, de referência, referente à família não sei se não existir sabe, por isso que eu estou participando dessa pesquisa né, e pra tentar fazer a minha parte na sociedade, pra mudanças melhores pra sociedade né. Que eu tenho a minha, tenho os meus filhos e quero que as coisas mudem para melhor futuramente. Esse é o sonho de todo cidadão né. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Ao mesmo tempo em que as participantes sentem, percebem e reconhecem a gravidade das violências domésticas e sexuais na família e na própria vida, o que desestruturou o grupo e atingiu todos os membros, reconhecem a importância de ter consciente sobre o problema e lutar contra as violências domésticas tão prejudiciais às famílias e a sociedade toda, concordam que deve ser um compromisso social e uma bandeira para no enfrentamento da questão. Por ser uma problemática que afetou e afeta não somente ou exclusivamente a própria família, pelo contrário, está espalhada dentro dos lares e no cotidiano de famílias pobres e ricas. Na sequência, a mãe-entrevistada [n.02] expôs sua percepção pessoal, disse:

Eu acho que a minhas filha saiu tudo de casa nova, foram vivê as suas vida, trabalhá pra vivê a vida, porque não dava pra vivê dentro de casa com ele. Sendo que ele não era um

bom pai. Sei que ele não tinha confiança de vivê junto com as filha, porque depois que eu descobri isso que ele fez com a minha filha, eu não, não, não tive mais confiança nele.

Então, por isso minhas filha saiu de casa tudo nova, foram trabalhá fora e até hoje tão, tão tudo por fora e não voltaram pra casa mais porque depois que saísse de casa também ele não queria que voltasse mais. Que se saísse de casa era pra vivê do jeito que quisesse, ele não queria nem sabê. Os meus filho home também saíram de casa porque ele, ele explorava muito os menino, queria que trabalhasse pra ele sem ganhá nada, e a mesma coisa foi os home, tudo saiu de casa novo também, e até hoje nunca mais que voltô pra me visitá. Não me via lá, porque não queria vir me visitá lá, por causo dele, não queria. Então, o que sei contá dele é isso. Não tenho nada de coisa boa pra contá do pai dos meus filho não. Ele era violento, era brabo, fazia as coisa do jeito dele, do jeito que ele queria, achava que podia fazê tudo, então é isso. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

As cenas do jogo com estratégias de ataques fatais fazia parte da dinâmica das violências perpetuadas na família com elevados níveis de acertos e resultados, isso garantia a manutenção das atividades do agressor. Os membros eram vistos como peças do mesmo jogo vencido ou como objeto de exploração e servidão particular. Embora, em determinado momento inevitavelmente cada um seria descartado, expulso, ameaçado de morte. Com a mínima manifestação de enfrentamento, desobediência ou oposição contra a vontade do opressor, qualquer sinal de ameaça se transformava em guerra privada e motivo de expulsão. Expulsar os meninos adolescentes do ambiente doméstico era a primeira atitude tomada, a mais recorrente dentro do grupo. Quando não conseguia usava das chantagens de intimidação, fingindo ser pai com autoridade reivindicada, transferindo para os filhos a ideia da culpa cristã para se manter agindo da mesma forma, exigindo obediência dos subordinados. Com isso, controlava os membros e mantinha a dinâmica violenta dentro do grupo.

A exposição das violências praticadas dentro da família para a comunidade, causou em certa medida descontrole da situação para o agressor, mesmo assim usou de novas estratégias e artifícios para escapar das consequências. Primeiro negou estar envolvido com os atos, acusando a vítima de ser mentirosa, estava inventando estória para prejudica-lo, construiu um enredo malicioso e arquitetado para desqualificar a filha estuprada e sair ileso do conflito. Sem saída, transferiu a culpa para o diabo, confessando que foi arte do maligno, o demônio foi quem induziu abusar e estuprar a própria filha. Portanto, ele também era vítima do pensamento malino e das atividades do capeta, por isso não podia ser punido pelo grupo.

A voz da mãe-entrevistada [n.02] narra tais acontecimentos em detalhes:

Eu não lembro muito, o que aconteceu assim. Com meus filho como eu falei, meus filho ficaram revoltado com ele. O meu filho ficô revoltado com ele, que tava revoltado com ele né. Mas, ninguém fez, ninguém fez nada.

Não, eu e meu filho, a gente tava conversando lá dentro no quarto, eu soube disso a noite. Meu filho tinha ido pra rua e um amigo dele falô, não, uma amiga dele falô isso pra ele. Ai, quando ele chegô em casa e falou comigo como já falei. Ai quando foi de manhã a gente tava conversando.

Tinha tirado a menina de casa pra dormi na casa dessa mulher que ia viaja. A gente tava de manhã conversando. Meu filho conversando comigo e ele chegô. Ai, ele falô assim: - Que reunião é essa? Tão falando aí que eu não posso sabê? Tão falando de mim? Ai, foi nessa hora que meu filho partiu pra cima dele e falô pra ele: - Tô falando de você mesmo, que você não presta. Você é um miserável, um desgraçado. Falô pra ele né.

Nesse dia era corte de banana, ai, o menino pegô um facão e desceu lá pra baixo pro açude e eu tava alterada e fiquei muito, muito, muito abalada com o que tava acontecendo e pedi pra ele que não, não fizesse nada com ele pra, que ele queria, acho que queria mata ele. Ai, ele veio pra casa, a gente foi pra rua. A gente ia liga pra um outro filho meu que tava em São Paulo. Quando a gente tava pra pegá no celuló, no negócio do orelhão pra ligá pra ele, ai, ele deu um bote, chegô, deu um bote no celular da minha mão no orelhão. Me jogô dentro do carro e me troxe pra casa. Ai, quando chegô em casa a gente entrô lá pra dentro dum sitio, fomo conversá dentro da banana. Ai, ai, tava eu, meu filho e a menina que, que ele fez isso.

Aí a gente perguntô: Ele fez isso com você minha filha? Ela dixe: Fez. Ele dixe: Mentira da menina. Ela dixe: - Fez. Ai, nessa hora assim ele pego, pegô o revólve e queria, botô assim no ouvido pra sê mata, só que meu filho não dexô. E meu filho dixe assim: - Se ele, ele se mata, ele vai dizê que foi eu que matei ele. Só que ele tava aqui a gentes três, a gentes quatro e ele vai dizê que foi eu que matei ele, ai, tumô o revólve dele. Ai, ele caiu assim de joelho no chão e disse que o dêmo tinha atentado ele, que era tentação do inimigo, tinha feito isso mai, foi o inimigo que atentô ele, não sei o quê, foi fraco. Podia mata ele, podia mata ele ali. O menino dixe: - Não vô mata o senhô não. Eu não vô deixa o senhô se mata pro senhô me complicá não. Ai, foi nessa hora que a gente saiu e eu ajeitei a mala da minha filha e foi simhora. E ele pego, foi simhora pra casa da mulher dele.

Isso foi no dia, isso foi. Como eu falei que eu descobri de noite e logo de manhã a gente tava conversa, conversa, conversano, ele chegô, ai teve esse coisa todinha, ai nesse dia, nesse dia mesmo eu mandei a menina í simhora pro Rio de Janeiro. A minha amiga levô ela pro Rio de Janeiro como já falei.

E ele ficô, foi simhora pra casa da, da, da mulher dele e a gente ficô, eu fiquei em casa com meus filho. Ai, eu dixe a ele que: a partir, a partir disso, hoje, não tem nenhum direito de falá sobre nada das minhas filha, deixe as minhas filha que quem vai mandá nelas sô eu. Não se mete na vida de minha filha nenhuma. E ele obedeceu. Quando ele queria, quando ele queria sismá, eu dizia assim: Tá esquecido do que eu lhe disse? Que você não manda na minha filha, quem manda na minha filha sô eu! Ou você qué que eu diga porque, porque, ai ele se calava. Ai, ele se calava e saia. As vez, ia pra casa. Nesse dia eu disse a ele que eu tinha um bocado de menino pequeno, eu não tinha pra onde eu í. Disse a ele assim: Vou fica aqui por causa deles, mas mulhé sua, a partir de hoje sô mai não. E passei 7 ano com ele dentro de casa, mai não tinha nada, nada com ele. Ele nem perto de mim ele chegava. Ele respeitô. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Após os fatos ocorridos com a filha estuprada, perguntei para a entrevistada [n.02] como era a vida conjugal estabelecida com o pai de seus filhos, que considerações tinha a respeito da convivência e intimidade pessoal? Nesses termos ela respondeu:



Não, não. Até que um dia a gente fugiu. Eu sai de casa com os meus dois filho mais novo né. Só que os outro já tinha ido simhora já, só tinha os dois mais novo, a menina tava com 15 ano e o menino tava com 11.

A gente pegô foi simhora, fugimo, fomo simhora pro Recife. E lá a gente ficô, depoi eu vim, tô morando, fiquei morando aqui em M. e até hoje, ainda a gente não, não quero sabe, não quis sabe dele mai. E nem ele tá, nem ele. Tem as veze que ele ainda chega querendo falá comigo, mais só que eu dizia pra ele: Eu dixei pra você que eu não queria sabe de você nunca mai, e ele respeitô. E hoje ele vive a vida dele pra lá e eu vivo pra cá, eu não sei de vida dele, ele não sabe da minha, nem me interessa. E a minha filha tá no Rio de Janeiro, casou-se, separou do marido, tá com aqueles dois filho dela e tá pra lá, nunca veio depoi que teve esse caso pra cá, ela veio mais não. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Os filhos mais velhos eram quem trabalhavam para criar e sustentar os irmãos mais novos e a própria mãe abandonada pelo agressor. Cujas aproximação era apenas para procriação e reprodução de filhos resultante de estupros e seu exclusivo prazer sexual. Consequentemente, se aproveitava do nascimento dos filhos para exploração do trabalho braçal à base da força e dos castigos físicos. Independentemente da idade dos pequenos, todos tinha que trabalhar como gente adulta, sem remuneração nem direito à vida livre de violências.

A mãe-entrevistada [n. 02] ao tomar conhecimento dos estupros praticados contra sua filha expulsa ou afastada de casa, a forte pressão social do grupo fez com que ela mudasse a forma de comunicação e contato com o agressor, ficando mais alerta com relação as demais filhas igualmente adolescentes da mesma geração, disse:

Eu depoi que fiquei sabendo eu falei, eu falei com eles: qualqué coisa que ele dissesse ou fizesse, ou quisesse fazê com elas, me dissesse. Não me enganasse mai. Falasse pra mim porque pra gente fazê alguma coisa. Mas, o que aconteceu que elas foram embora e quando eu falei que ele não mandava mais na minhas filha, então as duas filha minha foi pra casa de outra filha minha casada no Recife e lá ela ficô morando com elas e trabalhano.

E eu fiquei com os 2 mais novo. Depoi, a menina mais nova foi pro Rio de Janero na casa de uma amiga minha, uma como que fosse uma mãe dela né.

Foi pra lá trabalha, ficô lá, estudava e trabalhava. E mandava todo mês dinheiro pra mim. Eu fiquei só com menino mais novo. Depoi, ele ficô muito, é, ele trabalhava muito, pequeno ainda e tava explorando muito o menino, ai, eu num, num, não achei aquilo certo. Ai, foi que a minha filha, uma filha minha tinha uma casinha no Recife, ai, veio me busca. Foi quando eu fugi com os dois. Ela, a menina veio do Rio, ficô em casa comigo, ai, depois a gente fumo simhora. A gentes três: eu e ela, e os dois mais novo, fomo lá pro Recife. E é justamente esses dois que ficaram comigo, a gente chegô, a gente não tinha nada, eu não era aposentada ainda. O menino trabalhava, tirava a conta com amigo da gente.

Conta é limpá sítio. Conta são 10 metro quadrado. 10 metro quadrado é uma conta, era isso que ele fazia pra ajudá, pra ajuda a gente, que eu não era aposentada nem nada. Com amigo da gente mesmo.

Ai depois, depois eu me aposentei, foi quando eu fui pro Recife e depois vim me embora pra cá, na casa de uma amiga minha, a filha minha que pagava a renda da minha casa. É uma filha mais velha, ela que pagava a renda da minha casa e depois, depois ele comprô uma casa pra mim e eu agora tô morando nela. O meu filho foi pro Rio de Janeiro trabalhá, a minha filha se casou-se e eu moro só. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Apesar da tomada de decisão tardia com relação a mudança de comportamento pessoal, da percepção mais apurada e de atitudes assertivas da mãe-entrevistada [n.02] com relação ao agressor na convivência com as filhas adolescentes, incluindo orientação sexual dos membros e vigilância dos comportamentos, inacreditavelmente foi necessário acontecer uma tragédia explosiva de grande proporção para ela supostamente reagir na direção do agressor, quando praticamente a maioria dos filhos já estavam gravemente violentados e o grupo desfeito na base.

Diante dos fatos, será que a mãe-entrevistada [n.02] não percebia a mudança de comportamento, os sinais reveladores de acontecimentos estranhos envolvendo o [companheiro] pai e filhas vitimadas? Essa é uma dúvida sem resposta clara que surge nessa questão, considerando a quantidade de atividades fatídicas, os alertas das filhas mais velhas sobre os abusos sexuais e as tentativas de ataques constantes vindos do agressor, incluindo as cenas do jogo de intenções movimentadas de dentro do ambiente familiar, será que existia uma venda nos olhos da mãe-entrevistada [n.02] que impedia enxergar ou perceber em sua volta o que estava acontecendo com suas filhas? A justificativa analisada até o momento da narração não fecha esse lado da história. Estaria em jogo um grau de convivência da mãe, de cumplicidade ou cenas de vista grossa em torno dos acontecimento, para não se comprometer com as negligências históricas acumuladas contra os filhos sem consciência ou maturidade? A pendência continua em aberto neste tópico, porém atenta para filtrar possíveis respostas na subcategoria a seguir.

#### e) Vidas separadas - conectadas pelo afeto

Em meio ao caos e a humilhação sofrida pelas violências domésticas e sexuais que afetaram todos os membros da família, ainda assim a mãe-entrevistada [n.02] expressa sentimento de afeto e amor pelos seus filhos de forma emocionada, talvez uma forma de redenção ou compensação dos malefícios causados pelo companheiro agressor. É quando manifesta seus sentimentos afetivos, os laços e vínculos autênticos e fortes com seus filhos e, ao mesmo tempo, em conflito e oposição com relação ao agressor, diz:

É, na verdade o amor é uma coisa muito forte. Eu tinha muito amor pelo meu avô, a primeira pessoa que eu convivi. Depois que o meu avô morreu primeiramente, eu creio que primeiramente o amor vem de Deus, primeiramente é Deus. E depois, os meus filho

que eu amo verdadeiramente. Primeiramente Deus e meus filho, é o amor que eu sinto de verdade, vem do meu coração, aí por outra pessoa não.

Não. Ó, na verdade, eu não, não, eu nunca tive amor a ele não. Na verdade ele era muito mais velho do que eu, no início da nossa vida foi assim como eu já falei, sem se dá a minha permissão, que eu não queira. Então, eu vivi sempre assim com ele por medo, acho que por necessidade porque eu não tinha pra onde ir, não tinha quem fosse por mim, não tinha pai, não tinha mãe, não tinha ninguém. Então, por isso que eu me obriguei a ficar, ficar nessa situação. Mãe, eu acho que mais por medo e necessidade de que por amor. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

A história das entrevistadas foi marcada por uma diversidade de fatos reais e questões profundas e complexas. No conjunto das narrativas encontrei uma multiplicidade de temas misturados com os eventos surgidos de todas as direções, tornando-se até difícil de sistematização das etapas ou unidade do roteiro, pois, em cada questão levantada surgiam uma variedade de situações tão complexas quanto o tema central; conectadas ao contexto particular.

A inesgotável fonte revelou surpresas em cada fase das entrevistas, emergiam do interior das narrativas elementos de teores negativos na maior parte do tempo, e alguns positivos colocados em evidencia.

Os momentos felizes para a mãe-entrevistada [n.02] se resumiram em sentimentos de liberdade, segurança e afeto sentido na companhia de seu avô, nas singelas e preciosas lembranças de sua primeira infância. A surpresa de seu entusiasmo ao revelar os únicos momentos positivos nos dois extremos de sua vida. Um na infância com seu avô e o outro na maturidade na convivência com seus filhos pequenos. São as únicas lembranças positivas de felicidade pessoal durante toda a história de sua vida.

O último sentimento considerado positivo possivelmente tem a ver com o cumprimento da função materna com relação a família, somente após a adolescência de seus últimos dois filhos caçulas supostamente crescidos e criados, é que a mãe-entrevistada [n.02] se sentiu livre do compromisso pessoal, um sentimento de liberdade e felicidade alcançado na maturidade. Se tornara uma mulher mais experiente com a vida, apesar de ter alcançado a terceira idade, mesmo assim demonstra um espírito de força e, ao mesmo tempo, de fragilidade. Convicta e segura de si afirma:

Hoje eu me sinto uma pessoa livre, uma pessoa feliz. Tenho tudo na minha vida. Tenho nada, sô pobre, não tenho nada. Mas, tendo felicidade pra mim, eu tenho tudo na minha vida. Tô junto dos meus filho que eu amo, pra mim não me falta nada. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

É um momento revelador de sabedoria pessoal e das próprias experiências acumuladas na escola da vida. Pelas memórias do passado e do presente com marcas profundas de um tempo que luta para esquecer talvez. Contudo, permaneci diante de uma história de vida contada na voz de uma senhora extraordinariamente forte, apesar de sua saúde frágil com marcas de tempo difícil, mostrando sinais do envelhecimento do corpo muitas vezes machucado, mas, sobretudo, percebi elevado nível de equilíbrio pessoal, de relativa calma e lucidez admirável. Os momentos de felicidade vivida com seu avô, de amor materno transmitido para seus filhos, talvez sejam os motivos que lhes mantém vigorosa, feliz e viva para contar sua história.

#### f) Efeitos da pesquisa

As emoções a flor da pele, a ansiedade individual, os sentimentos de gratidão, esperança, angustias e constrangimentos, alívio pessoal e outras descargas de energia particular fizeram parte das narrativas e manifestações das participantes durante todo percurso das entrevistas. A participação e envolvimento direto de cada uma possibilitou essa observação com diferentes efeitos. O que produziu impactos positivos e importantes do ponto de vista pessoal e também familiar. O eu de cada uma foi exposto do lado averso, evidenciado a intimidade privativa particular em profundidade e detalhe; e isso não é uma ação de simples manejo ou de fácil construção. É extremamente delicado e complexo, não somente pela essência do eu materializado nas palavras, mas também por alcançar a totalidade da família.

Ambas envolveram indiretamente todo o grupo familiar como parte de suas histórias de vida, cujas realidades vividas por um, era também compartilhadas por todos. Essa foi uma dinâmica que fez parte do processo de narração individual, antes e durante a coleta de dados. A construção da história de vida de cada participante esteve vinculada e comprometida com a história de vida dos demais membros do grupo familiar.

Diante do conjunto de informações é importante observar que apesar da dispersão dos membros ou desmantelamento do grupo, a maioria dos filhos e filhas se estiveram conectados entre si e com a mãe biológica. Os laços afetivos estabelecidos na infância e na adolescência não foram totalmente desfeitos com a separação dos membros do grupo. Desde o planejamento da pesquisa, antes e durante a realização das entrevistas, foi possível observar fortes conexões e vínculos na

forma de comunicação e convivência entre os membros [mãe e filha]. Considero esse um ponto positivo em benefício do grupo e também da pesquisa. No campo as entrevistadas demonstram sólido vínculo e permanentes trocas de afetos na relação de contato e convivência entre si, um mútuo apoio de base como forma de motivação para realização da pesquisa. Tanto que todas as fases das entrevistas foram realizadas com sucesso, sem nenhum incidente ou falha no previsto ou nos encaminhamentos planejados. As questões gerais e específicas consideradas simples e complexas todas foram respondidas em profundidade, com seriedade e foco, em detalhes e de forma satisfatória. Esse foi o saldo geral.

No desfecho final, cada uma discorreu sobre a própria experiência vivida em tempo real durante a participação do estudo, na forma de agradecimento destacaram:

Então, então eu agradeço, agradeço a senhora em estar empenhada nessa função né, nessa sua pesquisa. E que a senhora seja vitoriosa em nome de todas as mulheres para fazer, essas mudanças, tentar fazer a sua parte como eu tô fazendo a minha, para mudanças em leis né. Que a gente espera um Brasil, um mundo melhor, mesmo que seja meio que ilusão, que a gente sabe que nosso país hoje tá um caos. Mas, tem que se batalhar, tem que se lutar pra melhorar, pra melhorar as coisas. Então, não dá pra ficar pra permanecer na mesmice. Se eu puder acrescentar, o mínimo que seja para mudanças, para melhorar as famílias eu vou fazer o que estou fazendo. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Eu me sinto constrangida de fala dessas coisa, e no mesmo tempo me sinto, me sinto aliviada. Porque constrangida por uma situação que isso não é, não é bom, não é coisa boa de tá se falando, mas também me sinto bem porque tô falando o que eu sinto e que eu passei, e que é a realidade. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Outra observação importante tem a ver com o fato das entrevistadas participarem de uma pesquisa com essa natureza pela primeira vez em toda a sua vida, o orgulho e satisfação transmitida por participar de uma investigação científica e oficial com tema tão importante para a sociedade e as famílias vitimadas por violências. Considerando também ser esta uma oportunidade especial de contribuir com suas histórias de vida para a ciência e o país se tornar talvez um mundo melhor, quiçá, livre de violências domésticas como desejo pessoal. A segurança e a confiança depositada na pesquisadora garantiu tal compromisso, de expor suas experiências pessoais tão difíceis de serem reveladas e dolorosas para o íntimo. Pois, a vida particular esteve fechada num baú de segredos e de silêncios intocáveis por tanto tempo de suas vidas, somente com essa certeza da segurança profissional tiveram coragem de participar do estudo do começo ao fim.

Na etapa final, levantei para reflexão uma síntese das experiências vividas no passado com vista nos objetivos e sonhos pessoais sonhados para o presente e futuro, obviamente fazendo um

movimento hipotético de resgate pessoal daquilo pudesse ser modificado na vida pessoal de cada participante. Perguntei: se o tempo passado regredisse e a senhora tivesse a oportunidade de mudar o destino ou rumo de sua vida pessoal, de sua história familiar, quais pontos ou aspectos mudaria? Pensativamente, depois de uma longa pausa de silêncio, a mãe-entrevistada [n.02] respondeu com as seguintes palavras:

(Silêncio). Eu, eu não, não tenho nem o que dizê assim. Se eu pudesse volta atrás... Por que atrás mesmo nem coisa muito boa me aconteceu, só quando eu era criança. O que eu podia querê voltá atrás era conhece, vivê com, vive com meu avô, com os meus pai. Eu acho que a minha vida seria diferente se eu tivesse me criado com meus pai, com meu avô. Assim como eu me criei até 6 ano de idade. Eu acho que isso aí, ia contá muito na minha vida, se eu conhecesse a minha família verdadeira. Era isso que eu desejava conhecê, que eu não conheci. Eu acho que a minha vida ia sê diferente se eu conhecesse. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Complementei a pergunta: com relação a sua família, se a senhora pudesse voltar no tempo o que mudaria?

(Silêncio). Mudá a minha vida? Ah! Uma coisa que eu muito queria e quero, era vivê junto da minha família. Se não tivesse ouvido essas coisa que aconteceu. O que eu mais queria era ficá perto de todos, tudo os meus filho, vivê perto dele, pra mim isso aí era uma, era uma vida muito boa que ia tê, que eu tinha. Que eu vivo distante de muitos filho, tem filho que eu passo muitos ano sem vê e isso me..., eu fico triste com isso, eu queria ficá junto de todo ele. Se eu pudesse mudá, era isso que eu mudava se eu pudesse. Mudá minha vida de vivê junto da minha família, dos filho. (ENTREVISTADA N.02 – A MÃE).

Surpreendentemente, os desejos ou sonhos da mãe-entrevistada [n.02] em torno de sua família produziu impactos e sentimentos variados. Seus olhos brilhantes e a voz entusiasmada manifestava no semblante expressões faciais com força de realidade e, ao mesmo tempo tristonha caia em si falando das impossibilidades de alcance dos sonhos imaginados, porém mantendo-se cheia de esperança de um dia reunir e conviver com todos os seus filhos, é seu único sonho.

Sendo este um momento em que a mãe-entrevistada [n.02] manifestou três memórias ou passagens rápidas em sua vida consideradas importantes e pouco aproveitadas. Primeiro, ela gostaria de ter convivido mais tempo na companhia do seu inesquecível avô, por ser a única pessoa de referência positiva de sua infância. Segundo, desejaria saber onde estão e o que aconteceu com seus pais biológicos, seus irmãos desconhecidos, gostaria muito de ter a oportunidade de conhecê-los ainda em vida ou antes de morrer. Por último, tem a ver com a esperança de conviver proximamente de todos os seus filhos, reencontrar com todos os membros da família na cidade de origem, do lugar deixado para trás por cada um. Seu desejo é acolher todo o grupo em sua casa e

passar os últimos dias de sua vida perto de todos. São revelações e desejos fortes carregados de emoções e significados. Talvez, diante da difícil tarefa a mãe-entrevistada [n.02] perceba alguma possibilidade de realização desse sonho. Esse foi um dos momentos marcantes, emocionantes e fortes revelado pela entrevistada para enriquecimento da pesquisa.

Como não há uma explicação sociológica pronta que ajude na reflexão sobre o que é resiliência humana, embora, exista discussões adaptadas no campo da psicologia adotada na educação, achei por bem emprestar do <sup>19</sup>“Dicionário Online de Português” para discutir a ideia. Nesse sentido, resiliência seria a habilidade do indivíduo se adaptar às intempéries, às alterações ou os infortúnios impactados na vida pessoal. Sendo esta uma “característica mecânica que define a resistência dos choques de materiais” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS).

As discussões em torno da resiliência humana adaptada às diferentes áreas do conhecimento com a finalidade de situar o indivíduo portador de capacidade resiliente, em face da multiplicidade dos fatos e realidades superados, é sem dúvida um elemento de reflexão encontrado em alguns estudos. Angst (2013, p.34), inicia sua discussão afirmando resiliência tem a ver com as “[...] estratégias de superação do risco” que cada pessoa supera em sua trajetória pessoal, [...] não havendo uma forma melhor do que outra ou padronizada para lidar com as adversidades”. Ao mesmo tempo cita Libório; Ungar (2010, p. 478) para afirmar que a

[...] resiliência, está longe de se referir unicamente a traços individuais, associa-se igualmente com as características do lugar social e político ocupado pelas crianças, adolescentes, suas famílias e comunidades. Essa forma menos individualizante de conceber resiliência minimiza a tendência de atribuir ao sujeito de forma singular, a responsabilidade por seu insucesso. (*apud* ANGST, 2013, p. 34).

Pensando no acumulado de palavras ditas no primeiro e segundo momento das entrevistas, onde foram expostos temas e atividades de violências domésticas em variedade, cujas representações e significados produziram experiências multiplicadas nos diferentes aspectos da vida pessoal e coletiva no cotidiano das participantes, esse caldeirão de eventos e coisas em ebulição distorceu a realidade e consequentemente a percepção das vítimas, a ponto de lavá-las a internalizar, encarnar seus efeitos das agressões e adaptar-se ao ambiente conhecido como parte do arcabouço familiar predestinado nas relações de convivência introjetada.

---

<sup>19</sup> **Dicionário Online de Português.** Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/resiliencia/>>. Acessado em: 10 de março, 2018.



Contudo, resistir as intempéries do ambiente familiar, superar as dificuldades e sobreviver as condições tão difíceis em meio às violências extremadas, como relatadas e expostas nas narrativas individuais, talvez a ideia de resiliência traduza em parte o mundo particular ajustado por cada membro. A perpetuação das violências domésticas com atividades incestuosas, coloca em xeque a legitimidade, função e papel de um marido-pai enquanto suposto chefe de família, uma vez que o ordenamento cultural exige dele atribuições sociais específicas, enquanto ele deveria proteger a prole e a matriarca do grupo, contrariamente a isso, leva a família ao abismo dos riscos, o que sugere a quebra de contrato social sem precedente.

Diante do amplo quadro de violências vivenciadas pelas participantes da pesquisa e o grupo familiar de origem, pesquisadoras como Azevedo; Guerra (1994, p. 52), ajudam a pensar a natureza desse fenômeno na perspectiva da

[...] vitimização sexual doméstica” que se inicia com rituais de crimes perfeitos desde a infância, se estende para a adolescência e depois se cristaliza na vida adulta. É no ambiente doméstico que as violências e o abuso “[...] é praticado por alguém da relação de consanguinidade com a vítima ou, então, de afinidade ou de mera responsabilidade e que, portanto, esteja impedido, em função do vínculo, de contrair matrimônio com ela.

A herança consanguíneas não garante nem significa que o incesto familiar seja afastado do ambiente doméstico ou das relações parentais entre pai biológico e filhas, principalmente quando há um predador intencionado para tal. Da mesma forma ocorre nas relações predatórias quando existe tão somente relações sociais de interdependência. Me refiro ao momento em que a mãe-entrevistada [n.02] chegou na sua casa do agressor aos 12 anos de idade para trabalhar de doméstica. O dono da casa, seu “patrão” e suposto chefe daquela família se apresentou para a menina órfã como dissimulado pai social adotivo, declarando que ira adotar a menina como se fosse filha. Já que via a mesma como um ser abandonado no mundo, sem saber se era órfã de pais falecidos ou vivos. No instante em que intencionalmente se aproximou do alvo com discursos falsos e estratégias para estabelecimento de vínculo paternal, automaticamente iniciou o ritual de abusos e estupros incestuosos. Nesse sentido, a menina carente de família enxergou no patrão intencionado a figura paterna da qual havia sido negligenciado desde o seu berço. Inconscientemente, via naquele homem a possibilidade de ter um pai social adotivo como suposta referencia paterna, até ser violentada sexual e gravemente por ele. A relação da menina imatura de 12 anos com o agressor sexual adulto - dissimulado de pai adotivo ou patrão, era de inferioridade,

subordinação, medo e obediência dentro da moradia compartilhada. A naturalização das violências, do sexo abusivo e incestuoso entre o “pai-patrão”, depois, companheiro pai de seus filhos e filhas também abusadas, foi se constituindo por relações predatórias e continuadas iniciadas com a mãe biológica do grupo, num esquema além de violento, incestuoso na essência. E isso explica o problema do silêncio histórico, das negligências com os filhos, a multiplicidade de eventos continuados sem interrupção.

Azevedo; Guerra (1994), falam sobre o fenômeno das violências domésticas e sexuais incestuosas, afirmando que tais atividades ocorrem em todas as classes sociais da sociedade brasileira, dispensa distinção ou diferenciação de raça-etnia, cultura ou religião. Contudo, se configura como fato crítico com vista na relação de dominação masculina sobre a feminina, o que envolve relações de gênero em condições desiguais. Onde homens agredem mulheres, crianças ou adolescentes vulneráveis transformando a família e a sociedade em ambientes devastados por violências múltiplas. (AZEVEDO; GUERRA, 1994, p. 53-54). Com essas palavras encerro o segundo momento da entrevista para dar sequência e continuidade no terceiro momento, analisando as produções criativas e artísticas com foco nas representações e significações das atividades produzidas por cada participante da pesquisa.

Para finalizar esta etapa, destaco abaixo quatro gráficos produzidos com uso das ferramentas do software Nvivo, seguindo o mesmo esquema da decodificação anterior, cuja finalidade é dar visibilidade às informações relevantes identificadas no conjunto de conteúdos a partir das narrativas de história de vida das participantes [n.01] e [n.02]. A fim de analisar as categorias mais importantes e representativas informadas pelas participantes [mãe e filha].

Foram decodificadas o total de 5.380 palavras expressas pela filha-entrevistada [n.01] no segundo momento da entrevista com uso das ferramentas do Software Nvivo. Desse universo, 507 palavras exatas pronunciadas com frequência e comprimento mínimo 7 letras do alfabeto brasileiro, produziu gráficos de nuvem e de hierarquia de palavras com sentimentos positivos e negativos. Em primeiro lugar a palavra “**família**” apareceu repetida por 34 vezes, cujo percentual é de 0,67% do total da amostra. Em segundo, surgiu a palavra “**violência**” pronunciada por 18 vezes com porcentagem de 0,36%.

A terceira palavra decodificada na base de dados com maior frequência na hierarquia foi a expressão “**criança**”, repetida por 15 vezes durante a narração do segundo momento da entrevista, em termos percentuais ficou com 0,30% da amostragem. Para a filha-entrevistada [n.01] a

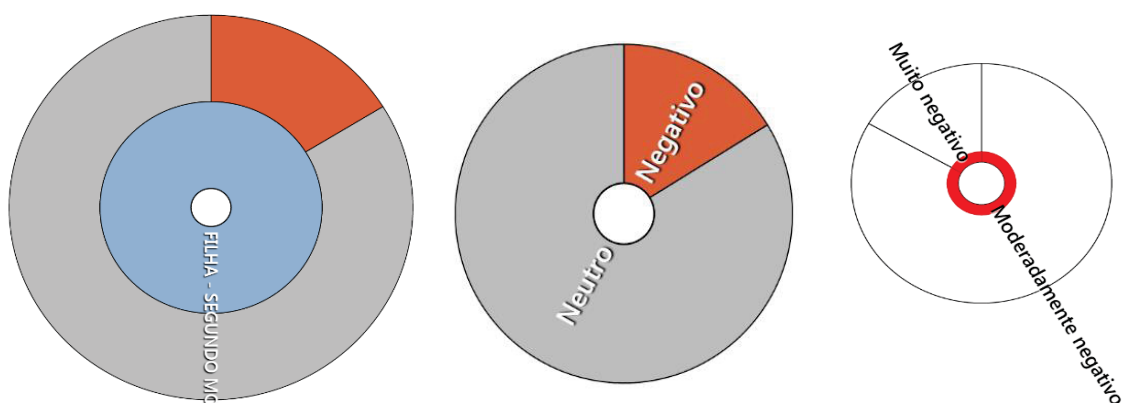
percepção de família, violência e criança teve maior destaque e relevância no seu ponto de vista, o que sugere elevado grau representação e significado para ela. Como é demonstrado nos gráficos representativos a seguir:

GRÁFICO 13 - FREQUÊNCIA DE PALAVRAS DECODIFICADAS [FILHA]



FONTE: **Nvivo 11** – Palavras representativas de sentimentos positivos e negativos – segundo momento da entrevista. Autoria: Josefa Janete de Azevedo, março 2018.

GRÁFICO 14 - HIERARQUIA DE SENTIMENTO POSITIVO E NEGATIVO [FILHA]



FONTE: **Nvivo 11** - Contexto familiar: frequência de sentimentos. Cor cinza (neutro), Vermelha (negativo misto e muito negativo). Autoria: Josefa Janete de Azevedo, março, 2018.

Ambiente, habitat, impactos:  
positivo e negativo.

Aspectos muito negativos: [3] referências decodificadas.

1	<i>Infelizmente eu tenho ele no registro porque não tem como se mudar, ele foi apenas meu genitor, conforme eu presenciei várias, várias coisas ruins dele né.</i>
2	<i>Porque presenciamos e vivenciamos muitas coisas ruins na nossa infância.</i>
3	<i>Muitas né, coisas ruins e coisas boas, porque criança independente de tá com fome ou doente ela vive aquele momento no pensamento e pronto, pra criança é isso.</i>

Aspectos moderadamente negativos: [15] referências decodificadas.

1	<i>Vai estar no caso, é sendo agredindo de forma brutal, sem a permissão da pessoa no caso.</i>
2	<i>Foi aquela confusão, um monte de criança chorando e o meu irmão partindo pra cima do meu pai e a minha irmã também desesperada chorando, também não sabia o que fazer.</i>
3	<i>Comprava maquiagem pra ela, ela ia pra rua com ele às vezes fazer compras.</i>
4	<i>Ele fazia né, porque assim, ele ordenava e tinha que fazer senão era cacete.</i>
5	<i>Então, nós vivíamos, a criança vivia jogada dentro da lama dos açudes, botando, encanando água, que tem uns canos grossos pra fazer irrigação.</i>
6	<i>Mas, ela é tão vítima quanto nós e sofre muito mais do que nós, porque assim: a gente percebe que ela se culpa por a gente, vai conversar com ela, ela se culpa por não ter feito, podido fazer nada naquela situação.</i>
7	<i>Nem sonhe fazer o que você fez com a outra.</i>
8	<i>Inclusive uma vez, essa minha irmã, de onde ela estava ela veio pra se reunir com os irmãos pra fazer um BO contra ele referente aos crimes que ele tinha né, cometido.</i>
9	<i>E infelizmente numa foi possível apoio de mamãe, acredito que seja por medo e reação dele, ela nunca quis fazer nada contra ele.</i>
10	<i>Participa, escuta casos e às vezes, às vezes se vê de mãos atadas e não pode fazer nada.</i>
11	<i>Então assim, de referência, referente à família não sei se não existir sabe, por isso que eu estou participando dessa pesquisa né, é pra tentar fazer a minha parte na sociedade, pra mudanças melhores pra sociedade né.</i>
12	<i>E que a senhora seja vitoriosa em nome de todas as mulheres para fazer, essas mudanças, tentar fazer a sua parte como eu tô fazendo a minha, para mudanças em leis né.</i>
13	<i>Se eu puder acrescentar, o mínimo que seja para mudanças, para melhorar as famílias eu vou fazer o que estou fazendo.</i>
14	<i>Então assim, o mínimo que eu puder cooperar, fazer pra mudanças eu vou estar disponível pra isso.</i>
15	<i>E eu não via essa necessidade dele estar ali, continuando a fazer aquele tipo de violência, ameaça e tudo mais.</i>

Nesta etapa da entrevista, a filha-entrevistado [n.01] durante toda a sua narração de história de vida não manifestou nenhuma palavra identificada e decodificada pelo Software Nvivo com significado e representação de sentimento positivo ou moderadamente positivo. Diferentemente do primeiro momento da entrevista onde foi observada uma certa oscilação de palavras com cargas

valorativas de teores positivos e negativos pronunciadas durante a narração, embora aponte maior predominância para as negativas.

Em comparação com os depoimentos da mãe-entrevistada [n.02], a filha-entrevistada [n.01] manifestou sentimentos opostos e conflitos contínuos considerando as experiências pessoais e os eventos de violências na família, tanto no primeiro quanto no segundo momento da entrevista. Neste último se expressou com forte emoção e sentimento totalmente negativo, com posicionamentos contrários aos conteúdos da mãe.

Aqui se revela um quadro de percepções contraditórias e opostas com conteúdos significativos para a análise e interpretação dos dados da pesquisa, quando observo aquilo que representa e significa sentimentos positivos e negativos entre as duas participantes. A mãe-entrevistada [n.02] percebe as violências perpetuadas no ambiente doméstico sem grandes impactos na estrutura emocional, sugerindo que as atividades violentas sofridas por ela e no interior da família atingiu um grau de naturalização. Com isso, as negligências sofridas pelos filhos pequenos não se justifica pela paralisia ou imobilidade causada pelo medo como alega e se culpa por ter sido uma mãe fraca, não teve coragem de enfrentar o agressor durante toda a sua vida. Porém, não se trata somente disso, a questão das negligências e submissão da mãe perpassa pelo processo de normalização das violências movimentadas por uma multiplicidade de atos e relações negativas introjetadas como positivas. O que fez parte do cotidiano pessoal durante décadas e iniciadas desde a última infância na convivência com o agressor.

Portanto, as violências domésticas e sexuais impactadas no corpo e na sexualidade da mãe e, ao mesmo tempo repetidas na vida dos filhos e as filhas crianças e adolescentes, não causou choque ou surpresas para ela. Foram concebidas como acontecimentos supostamente “normais”, onde cada membro deveria assimilar os enunciados na prática e no cotidiano simbólico, a fim de se adaptar às realidades impostas pelo agressor, como atividades corriqueiras do cotidiano de cada um. Pois, a natureza da relações de convivência entre agressor e vítimas foi introjetada e interpretada como normal, o homem-chefe de família pode fazer com a mulher e a prole o que ele quiser, já que é quem decide o destino de cada um.

Esse é a mentalidade masculina plantada na cognição feminina, principalmente quando se trata de indivíduos agressores e pessoas vitimadas por ele, como é o caso visto neste estudo. Por isso, a mãe biológica do grupo familiar de referência não se comoveu ou manifestou sentimentos negativos quando expôs suas experiências, pelo contrário, a dor e suas emoções foram

neutralizadas ou transformadas em percepções positivas diferentemente da percepção de sua filha-entrevista [n.01] que demonstrou forte inquietação e reprovação em torno das violências domésticas e sexuais incestuosas vividas, sentidas e testemunhadas na família.

O incômodo da mãe-entrevistada [n.02] com relação a filha estuprada dentro de sua própria moradia, a suposta indisposição não foi causada pelos atos de violências domésticas e os incestos na família, mas sim pelo fato da comunidade ficar sabendo dos segredos e eventos internos à família, e com isso ter gerado vergonha moral e constrangimento para ela no meio social comunitário. Por ter sido coagida a explicar os acontecimentos para vizinhança, caso contrário, correr o risco de ser apontada cúmplice das barbáries incestuosas principalmente. Tanto que a maioria das filhas sofreram os mesmos abusos sexuais dentro de casa, a maioria alertaram a mãe das atitudes e intenções do agressor, mesmo assim a mãe-entrevistada [n.02] nada fez na defesa das filhas, sequer teve reação para evitar novos ataques do abusador incestuoso. Pelo contrário, se manteve neutra e imparcial diante da grave situação. Em último caso, afastava as filhas vitimadas de abusos de dentro de casa com solução imediata, antes da comunidade tomar conhecimento dos fatos. Sendo esta uma forma de invisibilizar a realidade para não quebrar as construções internalizadas na base.

Finalmente, os gráficos abaixo anunciam isso, os achados e as surpresas encontradas nos conteúdos de narrativas da mãe-entrevistada [n.02] indicam categorias acompanhadas de hierarquias de palavras reveladoras de sentimentos positivos e negativos em contrastes.





Aspectos moderadamente negativo: [1] referências decodificadas.

1	<b>Nem ninguém falava nada do que eu poderia fazer ou não.</b>
---	--

Aspectos moderadamente positivos: [2] referências decodificadas.

1	<b>Não respeita a mulher em nada; acha que a mulher não vale nada, acha que só tem valor é o Home.</b>
2	Ninguém vai dá valor a um pai que faz um isso com um filho né.

De 6.472 palavras ditas pela mãe-entrevistada [n.02] decodificadas no segundo momento da entrevista, desse universo, 289 palavras representam sentimentos positivos e negativos com frequência de repetição contínua ou intervalar no conjunto de dados narrados. Com a decodificação da amostragem considerado o critério de correspondência de palavras exatas de comprimento mínimo de 7 letras do alfabeto brasileiro, os gráficos mostraram o que pensa e sente a entrevistada.

Na hierarquia de palavras ditas, quatro categorias foram analisadas nos gráficos da mãe-entrevistada [n.02]. Primeiramente, a questão da “**violência**” apareceu em primeira posição, na qual foi repetida por 18 vezes, com isso atingindo um percentual de 0,29% do total da amostra. Em segundo lugar a expressão “**aconteceu**” teve frequência de 17 pronunciamento com sentido e valor também inesperado, cujo percentual foi de 0,28 da amostragem. E a palavra “ninguém” teve significado e representação surpresa, repetida por 12 vezes e com 0,19%, não ficou distante da palavra “**silêncio**” com 11 repetições oralizadas, em termo percentual ficou com 0,18% da amostra. Por último, a palavra “**família**” foi citada com frequência de 9 vezes, atingindo o percentual mais baixo, de 0,15% do total da amostra. É um quadro distinto e relativamente diferente.

A comparação de palavras representativas e significativas indicadoras de sentimentos positivos e negativos entre mãe e filha são conflitivos e opostos, conforme as categorias representadas nos gráficos abaixo. Tanto no primeiro quanto no segundo momento da entrevista, ambas participantes disparam com posicionamentos, olhares e percepções distintas. Um traço que aparece do começo ao fim das narrativas, em alguns pontos se distanciam com mais força como observado nos gráficos.

Nos gráficos 3 e 4 do segundo momento com vista no conjunto de dados analisados e postos em evidência, as diferenças e oscilações entre mãe e filha ficam mais explícitas quando observo a hierarquia das palavras, frequência e os aspectos negativos e positivos implícitos no interior dos códigos. As manifestações a respeito dos acontecimentos de violências na família aparece com

força ampliada para a filha e reduzida para a mãe. O que é negativo para uma é interpretado como positivo para a outra. Também chama atenção a quantidade de referências decodificadas com aspectos predominantemente negativos para a filha e positivo para a mãe. No caso da entrevistada [n.01] três posicionamentos considerados muito negativos e mais quinze referências moderadamente negativas, o que causou impacto e surpresas nos resultados da pesquisa. No conjunto dos conteúdos narrados, a filha se manifestou com por cento de olhares ou percepções negativas com vista nas experiências pessoais e a realidade familiar. Já para a mãe-entrevistada [n.02] os resultados foram diferentes, manifestou apenas uma referência com aspecto moderadamente negativo e dois moderadamente positivos durante todo curso de seu relato. Porém, do ponto de vista analítico, o aspecto considerado por ela como moderadamente positivo, é interpretado como negativo pela natureza do conteúdo analisado.

Diante das diferenças de percepções entre mãe e filha, os quadros de violências domésticas e incesto familiar investigado em profundidade nesta etapa da pesquisa, a multiplicidade de acontecimentos vivenciados pela mãe, a filha e o grupo familiar presas na teia de dominação do agressor, apesar das manifestações de palavras decodificadas pelo software, detectadas como positivas e negativas com valores contrários, mostra que a força de naturalização das violências domésticas plantadas por agressores familiares pode se manter na mentalidade das vítimas ou se alterar com o tempo. É o que observo nos posicionamentos e discursos das participantes.

O processo analítico e de interpretação dos dados gerou entusiasmo pelos achados e descobertas, mas também segurança por estar diante de duas metodologias de apoio e testes. De um lado, a análise tradicional e do outro as ferramentas tecnológicas do software Nvivo, o que ajudou no desfecho final. Mesmo assim, procedi com repetição dos testes para confirmar por mais de uma vez os resultados dos gráficos, para decodificação das palavras e verificação dos aspectos positivos e negativos observados nos conteúdos da mãe e da filha de forma separada e cruzada. O que resultou em confirmação das categorias analíticas e com isso descartando qualquer possibilidade de erro ou equívoco na análise.

As categorias e sentimentos ocultos ou invisibilizados na análise tradicional a olho nu, com o software do Nvivo esse mistério deixou de existir, foi desvelado com uso das ferramentas metodológicas e trazido para o centro da análise. Como por exemplo os conteúdos supostamente negativos pronunciados pela mãe-entrevistada [n.02], quando afirma que o companheiro “*não respeita a mulher em nada; acha que a mulher não vale nada, acha que só tem valor é o Home*”;

*Ninguém vai dá valor a um pai que faz um isso com um filho né*”. A narrativa de queixa manifestada nas palavras da mãe, apesar do teor ser negativo aparentemente não significa que represente sentimentos puramente negativos, pelo contrario, se mantem no campo da neutralidade com relação às atitudes do agressor. Afinal, são condutas masculinas parte da cultura, da convivência e da dinâmica familiar. Porventura, seu ponto de vista sobre as atividades do próprio agressor e pai de seus filhos, não compõe a hierarquia de sentimentos positivos ou negativos considerados relevantes para a mãe, finalmente o que ele pensa e faz não está na ordem de suas prioridades ou produção de sentidos com carga emocional. Demonstra não ter importância expressiva conforme mostra os gráficos representativos analisados.

É um quadro que denota sentido e chama atenção na análise, principalmente quando mãe-entrevistada [n.02] narra suas experiências de violências e a dinâmica das atividades agressivas manifestadas no comportamento do agressor na direção da família. Isso fica claro quando perguntei sobre a sua percepção do que seria um pai e uma mãe. De imediato respondeu que tinha dúvida ou incerteza se o homem-agressor com quem dividia a vida pessoal, era visto pelos filhos como um bom pai, pelo contrário, achava que era péssimo na percepção dos filhos.

Não há dúvida que a mãe-entrevistada [n.02] sofreu adaptação e naturalização das violências domésticas e sexuais à base da força e do medo internalizado durante anos, como já apontava a análise reflexiva desde o primeiro momento da entrevista. Por isso, constato que a problemática das violências familiares incestuosas não causam os mesmos impactos e sentimentos de repúdios em comparação com a filha. Essa é a razão e fato.

A neutralidade ou indiferença emocional nos conteúdos narrados pela mãe biológica do grupo familiar contaminado por violências, são achados importantes nos resultados da pesquisa, assim como deve ser para a comunidade científica e a ciência. Com isso, é preciso levar em conta o alcance da pedagogia das violências familiares transmitidas e silenciadas por gerações, a dinâmica e a cultura da naturalização a base de discursos e práticas masculinas, os efeitos impactados nas vítimas confinadas nos lares brasileiros corrompidos por violências domésticas. É preciso enxergar para além das experiências ditas, ampliar e aprofundar a análise com metodologias diferentes para evidenciar o que há por detrás de cada mensagem.

Outro aspecto que chamou atenção gira em torno das categorias analíticas olhando a hierarquia das palavras manifestadas nos discursos das entrevistadas. Percebo que a filha-entrevistada [n.01] se manifestou demonstrando um grau de consciência em torno das

problemáticas que afetaram a vida pessoal e a família com bastante clareza em comparação com os posicionamentos da mãe-entrevista [n.02]. Em primeiro lugar a filha aponta ser a “família” a entidade mais importante na hierarquia de seus sentimentos positivos e negativos ao mesmo tempo, depois, a questão da “violência” como elemento negativo e prejudicial para a vida em família, representando o lado mais negativo na sua percepção. Em terceira posição, a representação da palavra “criança” foi a pessoa mais afetada com as violências dentro da família.

Por sua vez, a mãe-entrevistada [n.02] destaca em primeiro lugar a problemática da “violência” na família, seguida da palavra “aconteceu” como adjetivo carregado de culpa e transferência de significado. Em terceiro, a palavra “ninguém” também representa valor e faz parte do enredo e repertório hierárquico de palavras repetidas com teor de importância para si. Sobre as duas últimas, o sujeito está oculto, quando se refere a “ninguém” quer dizer que alguém esteve ausente em sua vida, por isso aconteceu tanta tragédia na família [ninguém me orientou, ninguém disse nada para mim, ninguém, ninguém, então tudo isso aconteceu, aconteceu]. As palavras [ninguém e aconteceu] carregam no interior forte sentido e representação para ela. Por último, destaco a quarta posição ocupada pela palavra “silêncio”, na qual aparece como um dado importante na hierarquia dos códigos oralizados pela mãe, seguido da termo “família”, mas, ambas as terminologias foram menos citadas considerando o grupo das cinco palavras mais repetidas no segundo momento da entrevista. E isso tem impacto no conjunto representativos dos dados narrados pela mãe.

São pontos de vistas identificados entre mãe e filha em torno das experiências pessoais, contexto familiar e realidades vividas em comum. Contudo, é importante observar se as mesmas impressões estão explicitadas no terceiro e último momento da entrevista. Onde cada participante livremente e individualmente pode materializar suas memórias e sentimentos representativos e significativos mais importantes para si. Obviamente, usando de sua criatividade e espírito artístico na feitura de atividades conforme as figuras abaixo. Sendo estas as representações principais parte das análises dos conteúdos do terceiro momento a seguir.

### FASE III

#### 5.7 TERCEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA

A noção de pessoa no sentido maussiano é intrínseca à própria natureza e estrutura da sociedade humana e ao comportamento social humano em toda parte. (FORTES, 1973, p. 288 *apud* GOLDMAN, 1996, p. 98).

Nesta terceira e última etapa da pesquisa, propôs para as participantes a realização de três atividades criativas que simbolizasse suas memórias mais importantes, as lembranças significativas onde pudesse representar por meio de figuras, desenhos, colagens, imagens artísticas, o sentido e significado [valor particular] para cada uma. Obviamente, com base nos eventos reais, nas experiências vividas, sentidas e testemunhadas durante a infância, adolescência e vida adulta.

Individualmente, desenhar de próprio punho e de forma original, os elementos representativos fazendo uso do material de escolha, como sugestão: colagens de figuras, pinturas e outras possibilidades criativas de forma livre, desde que fosse de escolha pessoal e sem indução alheia. Contudo, deveria se ater às experiências da trajetória olhando os acontecimentos e as relações na convivência familiar. Esses e outros enunciados fizeram parte da orientação e acompanhamento da parte final do trabalho de pesquisa.

Esse fez parte do rico momento para pensar com a sociologia da arte, onde a linguagem e a comunicação é entendida como um modo de representar o mundo, o eu e os acontecimentos reais possíveis de serem materializados em rabiscos à base de lápis e papel. A arte na linguagem escrita é parte da existência social do indivíduo, vetor de comunicação e trocas valorativas. Granai (1964), instaura essa reflexão sobre os signos criativos, diz que “[...] a linguagem exige como suporte a existência que ela exprime simbolicamente” no eu. Isso permite a necessária “[...] conexão da linguagem com a experiência da qual o significado remete”. (GRANAI, 1964, p. 364-365).

A existência de uma pessoa,

[...] não é só simplesmente vivida de forma isolada, é mediatizada pelos signos, é expressa e, através de sua expressão assumida pelos sujeitos, ao mesmo tempo como experiência singular e coletiva, sempre susceptível de ser comunicada. Esta intervenção da expressão simbólica na existência, fundamenta precisamente a existência social. (GRANAI, 1964, p. 365).

Na forma criativa e lúdica, as participantes da pesquisa de forma reclusa e no espaço privado, particular e individualmente, cada uma reservou um lugar que fosse tranquilo, silencioso para dedicar um tempo para pensar em si. Respeitando obviamente as condições particulares e as próprias limitações de tempo e letramento a fim de materializar o pensamento criativo regatado da memória pessoal. E assim, representar o seu mundo pensado, vivido, sentido para si e dentro do grupo primário. Finalmente, a expressão do eu, na forma livre, original e fidedigna, sem sofrer interferência de terceiros ou influência externa no processo de criação, deveria ser representado. E assim aconteceu.

Na sociologia da arte tudo pode, toda imagem ou objeto figurativo de acordo com Granai (1964, p. 396), é termo de uma experiência vivida e, ao mesmo tempo, um ponto de partida para uma nova experiência introduzida ou reintroduz no espírito do seu autor. Talvez, como um ponto fixo em torno do qual se cristalizam os processos combinados de pensamento e ação. Ou seja, toda obra artística se torna em último caso um ponto de partida para proceder uma reflexão sobre a representação significativa demonstrada na arte.

Depois de produzidas as atividades e colocadas à disposição para leitura, análise e interpretação, o terceiro momento da entrevista foi concluído com sucesso e satisfação para todos os envolvidos no trabalho. Essa é a minha percepção e olhar para o lado de dentro do campo de pesquisa. Pois, é com esse espírito que inicio a reflexão das categorias analíticas selecionadas abaixo.

## 5.8 MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E SIGNIFICADO

Eu e meus irmãos brincando de balanço no pé de jaca e seriguela. Domingo feliz em casa em família. (ENTREVISTADA Nº 01 - A FILHA).

Com palavras acima a filha-entrevistada [n.01] representou sua infância e adolescência na família. O depoimento permitiu entrar na categoria analítica e olhar para as fases da vida e faces da realidade vivida como parte da trajetória pessoal, dos enredos cheio de experiências oriundas da convivência com o agressor e os demais membros da família. A mostra do mundo particular obscuro e turbulento mesclado com o íntimo colorido visto pela criança possibilitou proceder com cuidado e reflexões sobre os detalhes mostrados nas atividades artísticas, sobre a percepção da realidade e contexto familiar. Mauss ajuda a pensar nesse sentido, diz que

[...] não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente, não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos, mas fenômenos sociais marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade, e da obrigação mais perfeita. (MAUSS, 2001, p. 325).

A infância da participante [n.01] retratada na figura 2, revela o mundo encantado na forma mais pura que uma criança podia imaginar, expressa a inocência e ingenuidade n'alma. A menina brinca em meio ao perigo sem preocupação alguma com os riscos escondidos dentro e fora de casa. Desenha um balanço para brincadeiras infantis sem imaginar o vai e vem das obscuridades dentro da moradia-masmorra com portas fechadas e sem penetração da luz do sol. Foi na arte que ela materializou as realidades ocultas nas figuras e inconscientemente manifestadas.

Na infância, a filha-entrevistada [n.01] se representa a partir de uma imagem cheia de elementos, personagens e paisagens pensadas em detalhes, criadas com delicadeza e cuidado para mostrar o seu mundo traçado à mão livre e, nele revelar os aspectos da vida vivenciados do lado de fora da casa. Em meio a tudo isso, representa as brincadeiras infantis preferidas, as relações de convivência, intimidade, segurança e afeto compartilhado com os irmãos menores. Um cenário que expressa simbolicamente um ambiente saudável e momentos de trocas e afetos entre os membros da mesma geração. Meyerson (1973), citado por Goldman (1996), afirma que

[...] a pessoa, com efeito, não é um estado simples e uno, um fato primitivo, um dado imediato: ela é mediata, construída, complexa. Não é uma categoria imutável, eterna ao homem: é uma função que se elaborou diferentemente através da história e que continua a se elaborar sob nossos olhos. (MEYERSON, 1973, p. 8 *apud* GOLDMAN, 1996, p. 90).

O ponto de partida neste terceiro momento da entrevista está centrado nas categorias estruturantes da análise, cujos conteúdos foram organizados e distribuídos em itens seguindo a ordem das letras alfabéticas conforme a sequência das etapas anteriores. Dessa forma, apresento a seguir as atividades criativas e artísticas da filha-entrevistada [n.01] e na continuidade, as produções da mãe-entrevistada [n.02] conforme enunciado no terceiro momento da entrevista do capítulo V.

## 5.9 FASES E FACES DA INFÂNCIA-ADOLESCÊNCIA [FILHA]



A criação artística da filha-entrevista [n.01] se conecta fortemente com o primeiro e o segundo momento da entrevista. Cujas atividades criativas dão continuidade à narração da história de vida com expressão do pensamento lúdico infantil. O revelou como a memória produz sentidos nas imagens mentais sobre a realidade. Um pensar criativo apurado com voz silenciada no imaginário refletido. Outra maneira de expressão empregada nas narrativas escritas.

O particular e a intimidade do eu entrou em estágio de contato e solidão pessoal da participante motivada a pensar sobre sua infância e a adolescência vivida num contexto movimentado por gritos, choros, lamentos e rupturas familiares. Em meio ao caos, encontrar motivos para retratar suas brincadeira infantis e colorir o mundo em sua volta. As memórias e experiências transformadas em imagens criativas arrastadas de um tempo-lugar para outro; expressam a mais genuína forma de comunicação com uso da imaginação criativa sem uso da linguagem oral, mas que remonta o inventário da vida real com total originalidade.

A participante foi levada a entrar na cápsula do seu tempo, ficar lá durante dias falando consigo mesma, diante do próprio espelho refletido a própria imagem até resgatar as fases da própria vida e as faces da realidade vivida. Um exercício altamente subjetivo colocado em prática.

Pensar em si com zelo e o devido cuidado com foco na materialização do eu durante a feitura da criação artística representativa da própria história de vida. E livremente escolher o melhor ambiente para tal realização, representar e significar cada imagem representada. E assim, definir o ponto de partida como desafio pessoal e superar as dificuldades encontradas.

Antes de tudo, assimilar as mensagens transmitidas pela pesquisadora até não restar nenhuma dúvida do que fazer, depois, processá-las cognitivamente para fim de realização da tarefa, atender aos objetivos de cada etapa da criação até chegar ao fechamento final do trabalho. De fato, o desenvolvimento das atividades resultaram em experiências únicas, que marcaram positivamente a etapa final da pesquisa, principalmente para a mãe-entrevistada [n.02] por nunca ter anteriormente participado de estudos dessa natureza, assim como sua filha, ambas nunca ter desenhado figuras ou objetos representativos olhando para a própria vida. E elas conseguiram com sucesso e entusiasmo de crianças [adultas] dedicadas.

No caso da filha-entrevista [n.01] a primeira atividade criativa representa a fase inicial de sua vida. Ela mostra passagens da infância e o desenrolar da convivência social com seus irmãos(a) mais novos em especial.

Na figura [2], a filha-entrevistada [n.01] recria cenários e momentos a partir de suas experiências compartilhadas com os membros da família interagindo no ambiente externo da moradia, da casa onde nasceu e viveu sua infância e adolescência. Cada elemento representado é parte importante do seu cotidiano. Ao colocá-los em movimento revela o mundo colorido visto por ela, o lado positivo da infância, os momentos felizes, alegres e saudáveis das brincadeiras infantis compartilhadas nas relações de convivência com os irmãos pequenos, mas também por detrás dos elementos, dos cenários e tonalidades das cores revela as sombras do mundo obscuro vivido na infância revelados talvez inconscientemente.

Na primeira atividade artística a filha-entrevistada [n.01] representa os cenários guardados em sua memória mostrando apenas o ambiente de circulação na parte externa da casa, da moradia contaminada por violências onde convivia com os membros da família e com o agressor. A casa de portas fechadas esconde as cenas ocultas da história mostradas por cores vibrantes no ambiente externo. Portas e janelas fechadas para ninguém ver o mundo do lado de dentro, impedir acesso ao ambiente de riscos, pois, não há vida dentro dela.

É uma casa simples, relativamente pequena se considerar a quantidade de membros e vidas habitantes, pai, mãe e 14 irmãos (a) vivos ocupantes do mesmo espaço. Embora, se saiba que na infância da entrevistada muitos de seus irmãos já haviam sido expulsos da moradia por força dos conflitos e violências sofridas, estavam espalhados no mundo estranho e incerto. Restando somente os membros mais jovens, pequenos, indefesos e mais vulneráveis. O caminho de acesso à casa foi sinalizado com pedras de diferentes tamanhos, cercas e espaçamentos limitados, mas a existência da moradia e do caminho guia, não significa a permissão de entrar em seu interior, o que permanece de portas fechadas. Ao redor tem grama verde, sem cercas ou muralhas visíveis, apenas paredes esconderijos das torturas e confinamentos das vidas aprisionadas no ambiente interno, teto, janelas e portas sem abertura para ventilação ou entrada de luz. O cenário colorido não é tão encantado como visto na imagem imediata, é revelador de um mundo oculto, feio, hostil e contaminado de medo.

As violências na família e o silêncio operante como código de segredo, fecharam as portas da casa para sempre. A vida da participante na convivência com seus irmãos estão em movimento do lado de fora. Dentro da moradia-masmorra ou prisão-caverna insalubre, quase inabitada, ninguém quer ficar lá dentro, todos procuram interagir com o espaço supostamente aberto e livre. A realidade pessoal e familiar revelado na estrutura representativa e simbólica da casa de portas e

janelas fechadas, é para esconder a vida maltratada e a família violentada pelo agressor. É um ambiente de perigo e contaminado onde prevaleceu a dor e o sofrimento de todos os membros. Por isso, as portas e janelas foram fechadas para ninguém adentrar ou enxergar o lado de dentro, já que não tem outra saída a não ser ficar do lado de fora e fugir dos perigosos escondidos no interior.

Enquanto que do lado de fora a vida se mostra num ambiente livre de circulação e aberto aparentemente, embora, vigiado e controlado pelas mesmas violências nascidas e mantidas dentro da casa. O controle e dominação está espalhada em todo o território de domínio do agressor.

Nesta atividade criativa, a participante representa o seu mundo particular e íntimo na forma mais profunda e original que uma pessoa adulta podia resgatar de sua memória as importantes imagens e lembranças de sua infância. O retrato da infância revela uma criança pequena brincando e cuidado de seus irmãos também pequenos, nenhuma pessoa adulta por perto, são crianças cuidando de outras crianças menores ainda.

FIGURA 10 - REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA-ADOLESCÊNCIA



FONTE: Cenário e memórias da infância. Vida familiar e convivência entre irmãos. Atividade artística-criativa produzida pela filha-entrevistada [n. 01], em agosto de 2016.

Pela posição do sol é um dia ensolarado, vibrante, céu claro com nuvens azuis, aves [abutres] voando baixo e alto, borboletas coloridas na direção das flores e frutos. Um cenário com árvores saudáveis e frutíferas parecendo ser duas árvores carregadas de jaca, outra, de seriguela maduras e verdes no quintal da casa parte da propriedade do agressor, são frutas típicas da região do nordeste brasileiro e comum na zona da mata do estado de pernambuco, lugar de nascimento da entrevistada. Os frutos das árvores frutíferas são partes da cultura alimentar ou da dieta cotidiana da família. Nas árvores há instalação de dois balanços para brincadeiras infantis, um deles parece ser de pneus e cordas, o outro, de cordas e madeira. Ambos ocupados pelas crianças da família.

É um cenário rico de elementos importantes que fizeram parte da infância e da adolescência da participante, tudo misturada com o mundo social da família onde acontecia as trocas e as interações íntimas da convivência entre os membros. Onde se estabeleceu os laços afetivos e de correspondência construídos desde o berço.

A filha-entrevistada [n.01] aparece brincando aparentemente feliz do alto da jaqueira carregada de frutos, de lá, olha e cuida de seus irmãos mais novos, porém, todos fora do alcance ou das vistas dos pais biológicos ou de adultos supostamente responsáveis pelos infantes. Afinal, são cinco crianças “soltas” no quintal da casa relativamente desprotegidas compartilhando brincadeira ou atividades livres e de riscos.

Duas crianças estão sentadas nos dois balanços [brinquedos] sendo balançadas por outras duas livremente. A quinta menina representa a entrevistada no topo do pé de jaca, sorridente, tirando a fruta. A vida social da família é integrada à natureza do em torno da moradia. São elementos parte da memória seletiva, cujas imagens revela um cenário rico em detalhes, representativo e significativo que teve importância para vida pessoal e familiar da participante. Porventura, também aparece nas narrativas de história de vida reveladas oralmente nas fases anteriores. Tudo se conecta e faz sentido.

A família é composta por membros infantis e adolescentes que não consegue chegar à fase adulta dentro do grupo. Uma casa fechada com quintal aberto, porém controlado, habitado por crianças indefesas e sem vigilância. Cada um desde pequeno vive e sobrevive a própria sorte.

Para além do quintal da moradia, a vida das crianças e dos adolescentes da família se transformava em objeto de exploração do trabalho infantil e do sexo incestuoso onde meninas e meninos viviam uma multiplicidade de violências, necessidades básicas e negligências estendidas.

O lado colorido e positivo da infância da participante não ocultou o mundo obscuro das violências que contaminaram sua vida pessoal e familiar, embora tenha se esforçado para isso. Diante de toda essa experiência de campo, digo, que somente as pessoas fortes são capazes de sobreviver aos inimagináveis desafios e diversidade de coisas. Contudo, a entrevistada mostrou isso, uma força interior rara que possibilitou encontrar um modo de seguir com a vida, olhando para as próprias experiências familiares. E, isso, pode mudar o mundo, apesar do processo ser relativamente lento.

Vygotsky (1991) *apud* Pasqualotto; Löhr; Stoltz (2015, p. 4-5), voltam a discutir a ideia de resiliência entendida como

[...] uma função psicológica superior resultante dos processos de auto-regulação de um indivíduo. Por sua vez, esses processos decorrem da regulação externa que ocorre no contexto histórico e cultural. Através de processos de internalização, que implicam que a regulação externa seja transformada em auto-regulação, um indivíduo cria suas próprias formas de lidar com situações de risco e é fortalecido por elas. Essa transição envolve uma negociação com a cultura e criatividade da pessoa, com base na seleção e controle do que está disponível em seu contexto social e cultural.

Decerto, os achados e descobertas observadas nas figuras criativas analisadas nesta etapa do estudo, revele a grande capacidade que a filha-entrevistada [n.01] tem de desenvolver resiliência, talvez, seja essa a melhor forma de encaixá-la ao próprio mundo refletido por outrem que observa de fora. Dito isso, apresento a seguir, a segunda atividade criativa que representa sua juventude e vida adulta.

#### a) Fase adulta -vínculo materno [filha]

Eu, em fase adulta, minhas gestações. O dom de ser mãe! Amor incondicional. (ENTREVISTADA Nº 01 - A FILHA).

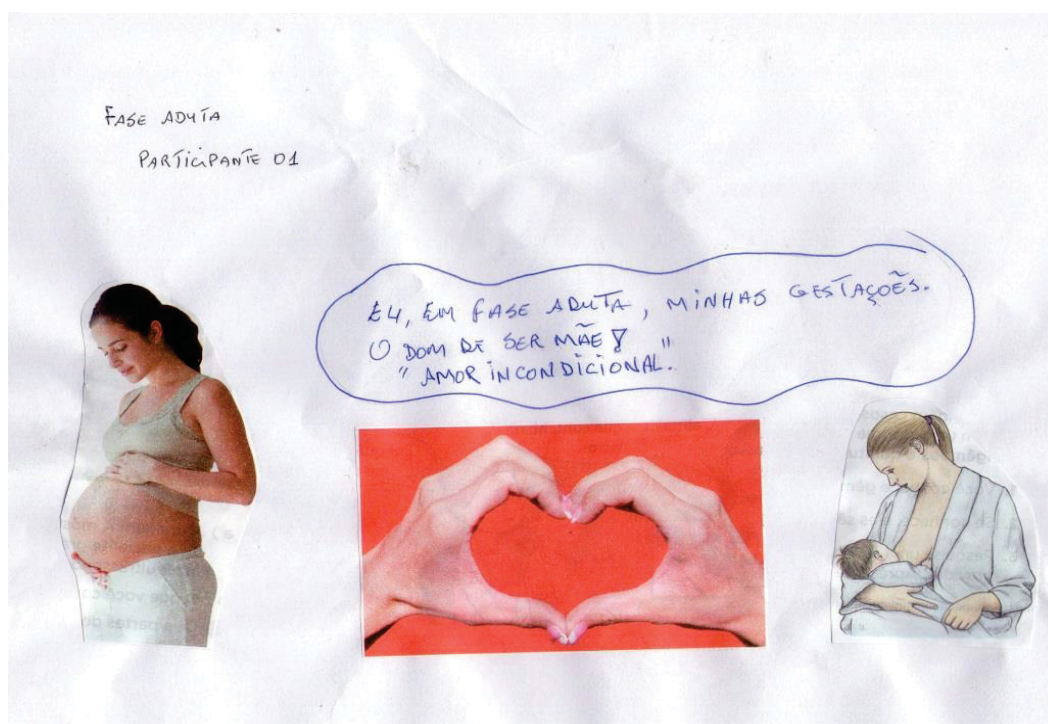
Com idade de 22 anos a filha-entrevistada [n. 01] teve o seu primeiro filho, atualmente com 12 anos de idade considerando o ano de referência de [2016]. Um ano depois deu à luz a sua filha caçula. Por fim, a entrevistada constituiu sua família na fase adulta, tem um casal de filhos saudáveis, bonitos, estudiosos e bem cuidados sob a sua proteção materna. Antes do nascimento de sua filha caçula foi abandonada pelo pai biológico das crianças, tornou-se mãe solteira, sozinha teve que criar os dois filhos. O vínculo maternal é bastante forte entre mãe e filhos, é amorosa,



afetuosa e com autoridade sobre eles. Essas descrições foram observadas na convivência com a participante no cotidiano da pesquisa.

O vínculo materno entre a filha-participante [n.01] e seus filhos adolescentes foi demonstrado em sua atividade criativa [figura 3]. A partir da figura artística resgata a fase da gravidez e gestação de seu filho mais velho, o nascimento e amamentação de sua filha caçula como memórias importantes de sua história de vida na juventude-adulta.

FIGURA 11 - JUVENTUDE-ADULTA



FONTE: Memórias da juventude-adulta. Gestação e amamentação dos filhos. Atividade artística-criativa produzida pela filha-entrevistada [n. 01], em agosto de 2016.

É um quadro dedicado aos seus rebentos membros de sua família secundária, composta por uma mãe solteira e dois filhos em desenvolvimento. Não muito diferente das experiências vividas com o seu grupo primário. Quando convivia na companhia de sua mãe biológica [entrevistada n.02] – mãe solteira de fato - e o extenso grupo de irmãos pequenos abandonados também pelo pai biológico. Tanto na figura da filha-entrevistada [n.01] quanto na da mãe-entrevistada [n.02] observa-se a ausência da figura paterna ou masculina fazendo parte do grupo familiar, companheiros e pais não integra o grupo. São mães solteiras com filhos pequenos para criar e cuidar

sozinhas, sem a participação do marido. É um traço em comum entre mãe e filha que se repete em tempo e espaços diferentes.

Apesar da diferença de idade da primeira gestação entre mãe-entrevistada [n.02] a sua filha-entrevistada [n.01], em comparação com a quantidade de filhos nascidos considerando a idade de 12 anos da mãe e de 22 anos da filha quando cada uma teve seu primeiro filho, os aspectos das relações afetivas e os vínculos estabelecidos na convivência familiar, não observei diferenças. Ambas demonstram laços fortes com os filhos, apesar das diferenças de percepções anteriormente observadas. O vínculo afetivo com o grupo familiar primário ou secundário, tais atitudes não se diferenciam em termo de trocas entre membros mais velhos e novos. A dedicação, afeição e amizade faz parte da estrutura familiar na base e funciona como princípio transmitido de geração em geração pela matriarca do grupo original.

A relação maternal forte da mãe-entrevistada [n.02] estabelecido com seus filhos quando ainda eram pequenos, o modelo afetivo foi transmitido para a descendência secundária. É uma família desprovida de convivência direta ou próxima, mas sustentada por vínculos afetivos fortes e mútuos compartilhados entre si. A cumplicidade e correspondência do grupo acontece por essa via, exceto com o pai-agressor da família.

#### b) Silêncio que fala

Depois de esclarecida as etapas das atividades criativas a serem produzidas pelas participantes, onde cada uma individualmente deveria resgatar suas memórias representativas, podendo ser de forma positiva ou negativa vividas da infância à vida adulta, para fim de reconstituir e significar as experiências mais importantes que marcaram a vida pessoal e familiar na convivência com o grupo. De forma criativa e artística cada participante deveria a partir da própria criação se auto-representar nos desenhos, pinturas, gravuras e outras modalidades de livre escolha. E também permitisse a mediação ou o acompanhamento da pesquisadora dentro de um determinado limite de aproximação e sem interferência a realização da tarefa, na condição de orientadora do processo. E assim se sucedeu.

Contudo, as estratégias utilizadas pelas entrevistadas em busca do isolamento pessoal ou recolhimento privado para fim de realização da tarefa chamou bastante atenção. Cada uma encontrou um modo diferente para representar-se diante da própria vida com alto nível de



concentração individual. O esforço do primeiro impulso criativo levou a conexão com o silêncio da mente, do mundo interno e externo numa termodinâmica de baixa frequência.

As habilidades individuais foram ativadas de forma impressionante, o espírito criativo permitiu o detalhamento cuidadoso dos cenários, das personagens e elementos envolvidos nas cenas, o tempo e os espaços habitados por cada uma ganharam nova vida. A persistência com dedicação, afeto e delicadeza mostrou o potencial e a força criadora das participantes de forma extraordinária. As atividades criativas representaram entre outras coisas um estágio observado de perto e de longe difícil de esgotar a descrição. A criatividade nas emoções representativas e significativas expôs as experiências vividas e guardadas na memória individual.

Um momento de imersão nas emoções e no silêncio do eu, para assim estabelecer um diálogo consigo mesmo onde a sensibilidade tomou conta do íntimo de cada uma.

Nas etapas anteriores, mãe e filha compartilharam os mesmos espaços e ambientes para narração de suas histórias de vida, uma cuidando e apoiando-se na outra até o final da segunda fase do trabalho, agora estavam novamente separados para produzir e fechar a última etapa. Finalmente livres para se auto-descrever e se representar perante a própria vida. Foram hábeis na escolha de imagens positivas, com o descongelamento representaram em profundidade as importantes memórias da infância e da juventude preferencialmente. Isso também chamou atenção, ambas se concentraram nessas duas fases da vida.

Tanto que a filha-entrevistada [n. 01] relatou em particular que esses foram os dias mais importantes de sua vida, de ter participado do estudo e ter tido a oportunidade de desenvolver atividade criativa dessa natureza, o que significa um autorretrato das experiências marcantes em sua história familiar que levará para o resto da vida. O resgate das memórias pessoais e a materialização do seu pensamento, das emoções e das realidades vividas é muito maior que a entrega dos dados. Tem efeito de esvaziamento das tristeza do íntimo e preenchimento dos espaços com alegrias e sentimento de liberdade. O mundo doloroso que estava preso no interior sofreu colapso definitivamente libertador. Aquilo que era secreto foi revelado e colocado em evidência, a sensação de agora é de vida livre vista por outros ângulos. Embora, não signifique que esta tenha sido uma experiência fácil de representar-se e sentir o mundo.

Resumidamente, a primeira atividade filha-entrevistada [n. 01] demonstra a sua infância e adolescência carregada de acontecimentos e emoções compartilhados com os irmãos pequenos no lugar onde nasceu. Na segunda, revela as mudanças ocorridas em sua vida com o nascimento de

seus filhos. Porém, todo o processo criativo foi construído na companhia do silêncio da noite, quando seus filhos estavam dormindo e o movimento da rua em calmaria. Um momento em que suspendeu o mundo do lado de fora para dar lugar à imaginação criativa, num ambiente reservado para si, onde ninguém pudesse interromper ou interferir no seu trabalho. Ali, podia pensar no que quisesse sem ninguém ver seus rabiscos, tentativas e erros, acertos e toda engenharia para seleção mental e criativa colocada em julgamento, sequer teria alguém acordado para perguntar o que estava fazendo na madrugada. Foi assim que construiu os quadros criativos mais originais de sua memória representativa da vida concreta e real.

Teve vários encontros consigo mesma antes de iniciar a atividade, por dias e noites ficava imaginando o que escrever e desenhar. Muitas vezes falou sozinha e por várias vezes com alguém sem essa pessoa existir fisicamente, apenas um diálogo com a imaginação e as emoções vindo à tona. Fez inúmeras perguntas, uma ela mesma deu respostas e outras ficaram em silêncio. A quantidade de rabiscos descartados, outros deixados reservas ou de lado, ora, porque ficaram feios, desalinhados, tortos, imperfeitos, talvez, pela dificuldade motora, o nervosismo, o cansaço ou as emoções a flor da pele. Também as tensões e a ansiedade de fazer a tarefa perfeita ou da melhor forma possível para mostrar o resultado à pesquisadora. De conseguir colocar seus pensamentos no papel e conseguir representar os momentos mais importantes de sua vida. Uma atividade desafiadora e nada fácil.

Foram muitas tentativas de desânimo ou sentimento de incapacidade pessoal percebida durante a realização da tarefa, porém, jamais a declaração de desistência ou renúncia. Apensar do volume de imagens e memórias que passava com velocidade ou fixidez pela mente de cada uma, ora, manifestava alegria, tristeza e dor, ora, um turbilhão de emoções e coisas acompanhava cada fase da vida. Dentre tantas, escolher apenas três cenas gerou um grau de conflito interno. O que selecionar na hierarquia das memórias dos fatos? Seguramente, as imagens positivas e os acontecimentos positivos deram lugar aos eventos negativos. Apenas aqueles mais importantes e significativos responsáveis pelas mudanças positivas da história de vida, que permitiu cada participante se tornar uma pessoa melhor certamente. Por isso, ambas mostram as cenas do nascimento dos filhos e a convivência afetiva entre si.

Pasqualotto; Löhr; Stoltz (2015, p. 4-5) ao tomar Vygotsky (1998) como referência teórica, observam que a “[...] zona de desenvolvimento proximal” de uma pessoa, é vista a partir da [...] distância existente entre o nível real de desenvolvimento (o que uma pessoa é capaz de fazer por

conta própria) e o nível de desenvolvimento potencial (o que uma pessoa é capaz de aprender quando auxiliado por outros)”.  
 Porém,

cada pessoa tem diferentes zonas de desenvolvimento proximal, decorrentes de diferentes experiências de aprendizagem dentro de um contexto social e cultural, que estão sempre em transformação. A mente humana é, portanto, social na sua origem. Isso é entendido porque, na visão de Vygotsky, o aprendizado precede o desenvolvimento ao invés de coincidir com ele. A aprendizagem abre diferentes canais de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1998 apud PASQUALOTTO; LÖHR; STOLTZ, 2015, p. 4-5).

Vygotsky e as pesquisadoras estudiosas do assunto, ajudam a pensar sobre o desenvolvimento humano com vista na dinâmica de aproximação e distanciamento da realidade em movimento e nas atividades colocadas como desafio pessoal, dispositivos mentais e práticos são acionados por excelência para superação das dificuldades. Contudo, traços assim foram observados nas atitudes das participantes da pesquisa com relativa frequência. Talvez, uma forma de provar e conferir a validade das teorias da educação.

#### 5.10 MEMÓRIA DESENHADA – DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA [MÃE]

Na primeira gravura a mãe-entrevistada [n.02] representa sua infância na companhia do seu avô paterno, no cenário valoriza os elementos da natureza, a moradia e o lugar onde viveu. Na segunda gravura destaca a fase de sua adolescência conectada ao Engenho de P., além de representar o lugar de nascimento é um ambiente de memórias positivas guardadas até os dias atuais. Na terceira e última atividade criativa, retrata as experiências da juventude e vida adulta, se apresenta na companhia de seus filhos pequenos realizando as atividades domésticas do seu cotidiano elementar.

Nesta categoria organizei os conteúdos de narrativas em tópicos seguindo o mesmo esquema das etapas anteriores estruturantes do trabalho, obviamente fazendo uso das letras do alfabeto brasileiro para melhor analisar os conteúdos conectados às figuras que compõe cada fase da vida.

Assim, na letra [a] da categoria principal apresento a primeira atividade criativa da mãe-entrevistada [n.02] conforme [figura 4], cuja reflexão e análise acompanha os traços de sua memória representativa e significativa da infância na companhia de seu avô paterno. Na sequência,

sinalizando a letra [b] introduzindo a [figura 5] com foco na fase da adolescência e das representações do elemento parte do Engenho da P., lugar onde a participante nasceu e viveu o primeiro e segundo setênio de sua vida.

Por último, destaco a letra [c] olhando os conteúdos da [figura 6] reveladores de memórias e dos acontecimentos na juventude-adulta. A partir desses encaminhamentos inicio com o primeiro item.

#### a) Retrato da infância - neta e avô

“Minha casa e do meu avô”. (ENTREVISTADA Nº 02 - A MÃE).

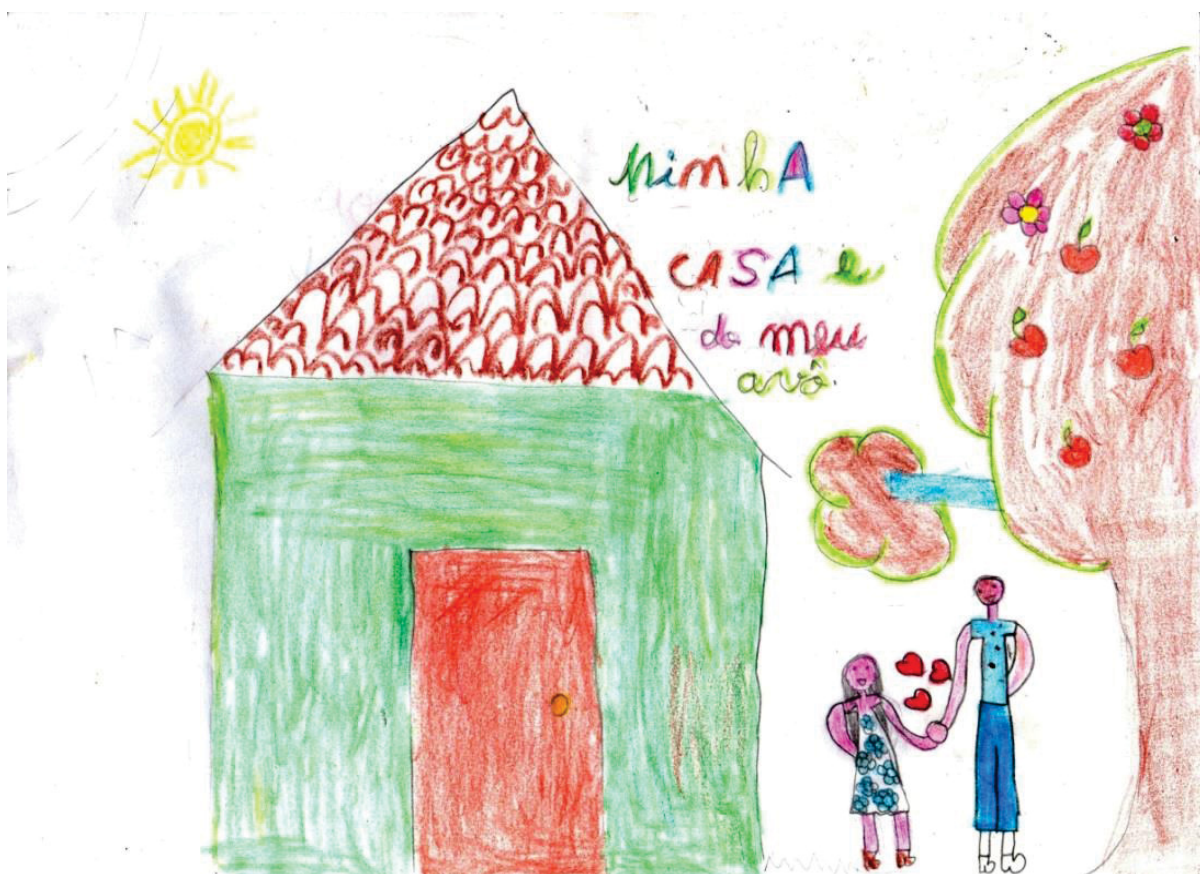
É um retrato com moldura, linhas, pinturas e detalhes, assim se mostra a arte no quadro da produção criativa da mãe-entrevistada [n.02]. Numa folha de papel branco ela pinta em cores a sua vida infantil. Neste, revela momentos importantes na convivência de seu ente querido, o seu avô paterno, único parente com quem viveu durante a sua primeira infância.

Através da primeira figura expressa sua profunda conexão de afeto, vínculo de amor e saudade de seu avô e, ao mesmo tempo, expõe sua fragilidade, insegurança e necessidade de acolhimento e proteção da família ausente que nunca conheceu. Volta as memórias reveladas em palavras nas etapas anteriores da pesquisa, com a diferença que nesta fase teve oportunidade de mostrar na atividade criativa o quão essa questão está em aberta. A ausência do avô, o abandono dos pais biológicos, a dor de sentir-se órfã, são memórias que se mantêm fortemente vivas até os dias atuais.

Esse sentimento se revelou nas palavras ditas durante as narrativas e também na materialização das atividades artísticas. Sempre sinalizando a importância e o significado que tem a família para ela. Talvez, isso esclareça ou explique tamanha força e resistência em suportar a multiplicidade de violências sofridas durante anos na companhia de seu agressor, ainda que inconscientemente, abriu mão de si para procriar uma extensa quantidade de filhos. Formar sua grande família sabendo que ali circulava seu próprio sangue, sua descendência e povoamento do mundo. Somente assim, nunca mais iria se sentir sozinha ou sem família no mundo. Essa é uma possibilidade irracional ou não de conceber o valor parental. Afinal, era um ser abandonado sem rumo ou destino, procriar e construir uma família era seu objetivo maior. É uma percepção que também fica clara nas narrativas das etapas anteriores da entrevista. A polaridade de sentimentos

mostra dois lados principais, primeiro a vida feliz com seu avô, do outro, a tragédia pessoal causada após o seu falecimento, o que transformou sua vida num tormento sem fim, até conceber sua própria família. É um quadro bastante revelador e importante para a análise.

FIGURA 12 - REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA



FONTE: **Cenário e memórias da primeira infância.** Neta e avô de mãos dadas na convivência familiar. Atividade artística-criativa produzida pela mãe-entrevistada [n.02], em agosto de 2016.

Antes do falecimento do seu avô a menina era de uma criança feliz. Uma etapa da vida retratada de forma bastante coerente e conexa com os depoimentos narrados no primeiro momento da entrevista.

O cenário representado é colorido, mas é de observar que a casa de moradia também está de portas fechadas, assim como revelada no desenho da sua filha-entrevistada [n.01] na figura [2] quando representa na atividade criativa as memórias de sua infância. Essa é mais uma das características que aparece em comum.

Na [figura 4] a mãe-entrevistada [n.02] congela um quadro criativo onde se representa ao lado da casa com uma única porta fechada à travas, local de moradia e convivência com o seu avô, porém, a vida e a segurança estava do lado de fora, da mesma forma que foi representada a vida infantil de sua filha em sua criação artística. Contudo, neta e avó aparece de mãos dadas com sapatos e vestuários aparentemente novos combinando com a cor azul. Entre o corpo da neta e do avô surge três corações simbolizando o afeto entre si. Diferentemente dos personagens representados pela filha, a mãe mostra uma pessoa adulta como responsável por ele.

Entretanto, não revela os demais habitantes da casa, apenas ela, o avô, a casa e os elementos da natureza fazem parte do inventário de suas memórias, o cenário que compõe sua história de vida trazida do berço. Embora, em outras passagens de narrativas tenha revelado que na casa do avô existia outros habitantes moradores, inclusive sua madrasta-avó agressiva que lhes causou danos e maus-tratos.

É uma imagem interessante porque representa uma narrativa de memórias longínquas, remotas e, ao mesmo tempo tão próximas e vivas. Apenas as passagens positivas são retratadas por ela, eliminando todas as demais de conteúdos negativos em todas as fases de sua vida, principalmente com relação às experiências ruins na convivência com sua avó-madrasta e o companheiro agressor, ambos são invisibilizados em sua história.

No conjunto, os elementos da criação artística da participante são ricos em detalhes e, ao mesmo tempo, simbólicos e reveladores das realidades diversas vividas em cada fase de transição da vida. A figura compõe um ambiente pintado com cores fortes, cuja predominância é o vermelho ou marrom terra. Nas figuras [4 e 5] essa característica fica exposta com bastante força, as cores que representam sua infância e adolescência-adulta.

Ambas as participantes ao desenhar a figura da casa onde abrigava a vida em família revela que esse elemento é bastante emblemática e conflitivo. A casa não representa essencialmente uma moradia ou abrigo para proteção dos riscos do lado de fora, pelo contrário, lá dentro há algo perigoso que precisa ser mostrado de portas fechadas. Não representa abrigo seguro.



Na perspectiva da entrevistada [n.02], a casa do avô dispõe somente de uma única porta de acesso, está fechada com chaves, sem janela de ventilação ou fuga, pintada na cor vermelha forte. É simbólico. Uma vez que a neta e o avô estão do lado de fora, não fazendo parte da escuridão do lado de dentro.

O sol brilhante ilumina a natureza em sua volta, a árvore frutífera oferece frutos vermelhos e flores coloridas, abertas, talvez, simbolizando o nível de segurança e liberdade sentida na companhia de seu avô. Entretanto, há um galho saindo da árvore sobre sua cabeça, o que simbolicamente pode representar a menina se afastando da estrutura familiar. A grande árvore com um galho disperso representa a base familiar ausente em sua vida, sendo ela o membro lançado ao mundo aberto, desconhecido e cheio de riscos, sozinha e sem família de referência. Uma árvore com um galho diferente de madeira azul, cor do vestido da criança responsável pela própria vida e sobrevivência, representa o seu desligamento total da vida em família.

Na trama criativa e lúdica observa-se uma criança de cinco ou seis anos de idade sentindo-se aparentemente feliz por estar segurando a mão de seu avô adulto. Sem imaginar que depois seria expulsa de sua moradia pelos maus-tratos e espancamentos sofridos com a madrasta-avó.

O mundo infantil antes desconhecido ou inimaginável se mostrou colorido, pintado de cor marrom, talvez, esteja por detrás revele a infância sofrida imaginada alegremente do ponto de vista da entrevistada adulta. Onde tudo aparece de forma suspensa, a casa, a árvore, os pés que sustentavam o corpo da neta e do avô, todos os elementos do cenário não tem base no chão firme, indicando sinal de incerteza, insegurança e medo.

Apesar das dificuldades de letramento e formação escolar baixa da mãe-entrevistada [n.02], a sua atividade criativa atendeu com sucesso o objetivo do estudo, seu esforço e dedicação foi infinita, se utilizou de estratégias pessoais para superação das dificuldades e conseguiu retratar com autenticidade suas experiências representativas e significativas da infância a vida adulta. Suas valiosas contribuições foram extraordinariamente surpreendentes, ricas em detalhes, fortes em conteúdos e bastante complexas, emblemáticas na essência, no conjunto de sua obra narrada-documentário, as experiências únicas nunca antes vivenciadas no campo, me ensinaram muito conhecimento, mas, também, sobre a vida enquanto valor de humanidade. Convivi durante semanas com uma senhora especial, admirável e de coragem que se prontificou em mostrar uma complexa realidade ainda desconhecida relativamente pela sociedade considerando o alcance e a profundidade do estudo. Por isso, minhas manifestações não traduz a importância e o significado



de tudo isso, simplesmente, conseguimos realizar todas as suas etapas. Ou melhor, aqui, encerro a discussão sobre a infância da participante [n.02] dando início ao ritual de passagem de uma fase para outra e evidenciar a adolescência no anúncio do tópico a seguir.

#### b) Adolescência e vida no Engenho da P.

“Este é o Engenho da P. onde nasci e me criei”. (ENTREVISTADA Nº 02 - A MÃE).

A mãe-entrevistada [n.02] nascida no Engenho da P. - grande propriedade do senhor de engenho e lugar onde passou sua infância e início da adolescência, precisamente até os 12 anos de idade. A menina jovem conhecia todo o território e ambientes de circulação no engenho, conhecia estilo e o modo vida dos moradores e as relações sociais de convivência estabelecidas entre si, em especial com o senhor de engenho e seus moradores empregados [ex-escravos]. Ela conhecia o funcionamento do lugar, o ritmo da produção e o cotidiano bem de perto.

Explorou o lugar antes de iniciar sua trajetória na direção da casa do patrão doméstico, que mais tarde se tornara seu companheiro e ausente-pai de seus filhos. Tudo em torno da pequena cidade de M., recém inaugurada pelas famílias tradicionais do lugar vinculadas ao coronéis e senhores de engenhos também fundadores, incluindo entre esses o Dr. Ê. proprietário herdeiro do Engenho de P., cuja cidade se tornara berço de nascimento e origem de suas crianças. Situada no <sup>20</sup>interior do estado de Pernambuco, antes, povoado, depois, vila, conhecida como Distrito de Bom

---

#### <sup>20</sup> **Histórico da Cidade de M./Pe.**

Fundação em 20 de dezembro de 1963. Distância da capital – Recife, 81 km. População atual: 13.632 habitantes. Nosso município está situado em terras do antigo ENGENHO BOM DESTINO, pertencia ao município de BOM JARDIM. A sede, próxima ao ENGENHO M. (de propriedade da família do mesmo nome), recebe o nome do engenho em virtude de tal aproximação. O marco zero do nosso município, localiza-se onde atualmente está edificada a Igreja Evangélica Congregacional.

A primeira casa, construída por MANOEL JOÃO RODRIGUES DO NASCIMENTO, data do ano de 1890 e, lhe serviu de residência e ponto comercial. Tal fato despertou a atenção de outras pessoas, que começaram a construir novas casas, iniciando, assim, a VILA M.

A partir de sua fundação, o povoado cresce e é elevado à categoria de vila.

Em 10 de outubro de 1917 realiza-se a primeira feira livre, que resistindo às pressões de alguns políticos da região, foi se firmando e atraindo a atenção dos comerciantes das comunidades vizinhas, que aqui instalavam suas barracas a fim de comercializarem seus produtos. Gentílico: Machadense.

#### **Formação Administrativa**

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Bom Jardim o distrito de M. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o distrito de M. permanece no município de Bom Jardim. Assim permanecendo em divisão territorial datada de I-VII-1960.

Jardim. O Engenho por ser uma propriedade próxima da cidade de M., seus proprietários e habitantes costumavam visitar e frequentar a comunidade assiduamente, tinham amigos e interesses políticos, econômicos e sociais na nova cidade. O Engenho da P. em dias atuais continua sendo um complexo arquitetônico histórico. Continua preservado na grande propriedade de terra daquele senhor de engenho que de perto a participante [n.02] conheceu. Assim como, os recantos e os detalhes peculiares do lugar, todos são reconhecidos por ela, afinal, trata-se de uma ex-moradora do lugar.

Durante e após as décadas de 50 e 60 fixou suas raízes profundas na propriedade escravocrata com seu avô paterno que era morador foreiro do engenho, apesar de ser neta de morador arrendatário de terras [foreiro], mesmo assim foi socializada numa cultura de dominação e controle social à base do regime do velho coronel. Depois, continuada com seu único filho que se tornara o novo [coronel] senhor daquele engenho.

São traços da herança colonizadora de um estado canavieiro, açucareiro e escravista de uma época em que o açúcar era chamado de ouro branco. O estado de Pernambuco em especial no interior da zona da mata berço dos engenhos e da escravidão legitimada reforçou um ethos de classe na tradição familiar mantida por determinados grupos dominantes no país à base das violências físicas e simbólicas ativadas na cultura dominante. Desde o Brasil colônia do século VI e XVII, homens, mulheres e grupos familiares homogêneos exploram outros grupos de raças, classes e gentes diferentes dominadas à base da força bruta, ora, por senhores de engenhos e coronéis mandatários, ora, por capitalistas, patrões e empresários em tempos modernos. Todos se conectam às mesmas genealogias familiares e classes dominantes de outrora.

A posse da grande propriedade do Engenho de P. onde a mãe-entrevistada [n.02] nasceu e viveu sua infância e adolescência também passou por esse processo histórico de dominação, escravidão e transferência de título da terra priorizando o poder de uma família dominante para outra, seja por acordos políticos e econômicos; ou, por descendência familiar e parentesco.

A posse da terra por título comprado ou por herança de sangue transferida de pai para filho, descendentes e parentescos da mesma classe social de origem, produziu na base social coletiva

---

Elevado à categoria de município com a denominação de M, pela lei estadual nº 4994, de 20-12-1963, desmembrado de Bom Jardim. Sede no antigo distrito de M. Constituído do distrito sede. Instalado em 22-11-1964. Em divisão territorial datada de I-I-1980, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Disponível em: < <http://pernambucoimortal.com/c/pernambuco/machados>>. Acessado em: 17 de fevereiro, 2018.

determinada cultura de classe dominante, cuja mentalidade violenta foi transferida individualmente. A pedagogia das violências senhoriais misturadas nas relações de trabalho escravo, nos processos produtivos da cana-de-açúcar, na agricultura em geral dentro da propriedade engenho, a mesma forma de dominação à base das violências praticas e simbólicas se misturaram nas relações familiares e com o espaço doméstico sem diferenciação.

Na entrevista jornalística do <sup>21</sup>Professor Edgar ressalta que o “[...] Engenho de P. está localizado no Distrito de Bizarra” pertencente ao <sup>22</sup>Município de Bom Jardim, <sup>23</sup>Região do Agreste de Pernambuco.

---

<sup>21</sup> **Engenho P. do Bom Jardim é referência do patrimônio histórico do agreste.** Reportagem. Disponível em: <http://professoredgarbomjardim-pe.blogspot.com.br/2014/12/engenho-palmas-do-bom-jardim-e.html>. Acessado em: 17 de fevereiro, 2018.

<sup>22</sup> **Histórico do Município de Bom Jardim.**

Fundação em 19 de maio de 1850. Distância da capital-Recife, 83 km. População atual: 37.828 habitantes.

Envolta em poética lenda está a fundação de Bom Jardim. Conta-se que, no início do século XVIII, a rico fazendeiro pertenciam as terras em que hoje se localiza o Município. A fim de dar assistência religiosa aos moradores locais, seu proprietário contratou um capelão, que edificou sua morada numa elevação, rodeada de frondosas árvores, entre as quais se destacavam os paus-d'arco, pela beleza do colorido das flores.

Um riacho circundava a floresta. Diariamente, ao nascer do sol, o velho cura orava e se extasiava com a beleza do sítio que sua vista dominava. Era um jardim majestoso, que até árvores de ouro ostentava, tal a impressão que lhe davam as flores amarelas dos paus-d'arco, banhadas pelos raios de sol. Certa vez exclamou: "Bom Jardim, sim é um bom jardim! De hoje em diante este curato se chamara Bom Jardim". Desde que foi erigida a Capela, em homenagem a Nossa Senhora Santana, o povoado começou a crescer, habitado por mercadores de algodão do sertão da Paraíba. O arruamento aumentou depressa, com o movimento dos tropeiros que iam buscar aquele produto em Campina Grande, para beneficiá-lo no Recife.

Em 1876, os missionários capuchinhos construíram a bela Igreja Matriz, em estilo toscano. Dezesete anos depois, foi eleito o primeiro prefeito republicano. A luz elétrica foi inaugurada em 1923.

**Formação Administrativa**

Distrito criado com a denominação de Bom Jardim criado, em 1757 e por Alvará de 16-08-1800, subordinado ao município de Limoeiro. Elevado à categoria de vila com a denominação de Bom Jardim, pela lei provincial nº 922, de 19-05-1870, desmembrado de Limoeiro. Sede na vila de Bom Jardim. Constituído do distrito sede. Instalado em 19-07-1871. Elevado à categoria de cidade, Por força da lei provincial nº 1327, de 04-02-1879.

Pela lei municipal nº 3, de 27-04-1893, é criado o distrito de Surubim e anexado ao município de Bom Jardim. Pela lei estadual nº 991, de 01-07-1909, desmembra do município de Bom Jardim o distrito de Surubim. Elevado à categoria de município. Em divisão administrativa referente ao de 1911, o município é constituído do distrito sede. Pelo ato municipal de 27-03-1931, é criado o distrito de João Alfredo e anexado ao município de Bom Jardim

Em divisão administrativa referente ao de 1933, o município é constituído de 2 distritos: Bom Jardim e João Alfredo.

Pela lei estadual nº 23, de 10-10-1935, desmembra do município de Bom Jardim o distrito de João Alfredo. Elevado à categoria de município. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 4 distritos: Bom Jardim, Bizarra, M. e São Paulo. Pelo decreto-lei estadual nº 235, de 09-12-1938, o distrito de São Paulo foi extinto, sendo seu território anexado ao distrito sede de Bom Jardim. Pelo decreto-lei estadual nº 92, de 31-03-1938, o município de Bom Jardim adquiriu do município de Limoeiro o distrito de Cedro. Pelo decreto-lei nº 952, de 31-12-1943, o distrito de Cedro passou a denominar-se Urucubá. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Bom Jardim, Bizarra, M. e Urucubá ex-Cedro. Pelo decreto-lei estadual nº 1117, de 14-02-1945, transfere o distrito de Urucubá do município de Bom Jardim para o de Limoeiro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 3 distritos: Bom Jardim, Bizarra, M. Pela lei municipal n.º 2, de 29-12-1953, é criado o distrito de Tamboatá e anexado ao município de Bom Jardim. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído de 4 distritos: Bom Jardim, Bizarra, M. e Tamboatá. Assim permanecendo em divisão territorial datada de I-VII-1960. Pela lei estadual nº 4994, de 20-12-1963, desmembra do município de Bom Jardim o distrito de M. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 3 distritos: Bom Jardim, Bizarra e Tamboatá. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Em sua reportagem o professor Edgar afirma que “[...] a casa grande, a igreja e a casa das caldeiras com algumas peças são atrativos do local” se referindo ao Engenho de P. (EDGAR, 2014).

São peças com valor histórico e arqueológico por pertencer a uma Era marcante da colonização do Brasil e da região nordeste. Também, lugar de origem do antigo senhor de engenho e do coronelismo brasileiro dos velhos tempos, embora, continuem travestidos de homens e famílias modernas em dias atuais.

Mas não se iluda, são apenas indivíduos deslocados de um tempo épico para outro, contudo, a natureza violenta e mentalidade bruta continua a mesma. Das ruas às instituições sociais privadas e públicas, dentro dos lares do país em todo o território nacional, estão lá fazendo suas vítimas com uso da força e da dominação ancestral. Se acham donos dos corpos alheios, do sexo das mulheres e meninas – filhas ou não - das vidas subordinadas, continuam acreditando que as pessoas, as coisas e o mundo em sua volta lhes pertence a qualquer custo.

Finalmente, se produziu no Nordeste e no Brasil um protótipo humano portador de mentalidade violenta na essência, dominante por natureza, anômala na concepção, mas que prosperou e se multiplicou com sucesso até os dias atuais.

Faoro (1958), em sua obra “Os Donos do Poder” discute em profundidade os traços característicos, a cultura e a mentalidade desses tipos humanos - os coronéis brasileiros - na perspectiva da ciência política. O que se conecta com a clássica sociologia de Freyre (1963), quando discute a família e o poder patriarcal operante na Casa Grande e todo o resto. Ambos os autores, ajudam entender a engenharia desse poder a partir da tradição familiar e das relações tecidas dentro dos espaços privados.

Aparentemente, o tempo em movimento induz mudanças sociais, culturais e até estruturais nos territórios fixos. Paisagens, cenários, culturas, relações, as vezes sofrem intervenções ou alterações de perspectivas. Mesmo que aconteça superficialmente, mas, isso não muda a essência do que foi antes, a simbologia e materialidade da coisa continua lá, quase sempre intocável ou congelada na mesma posição que nasceu. O Engenho de P. e o complexo da Casa Grande habitada pelo senhor de engenho e sua família dominante, privilegiada e servida por um exército de moradores explorados parte da paisagem do mesmo complexo, porventura também era o lugar

---

<sup>23</sup> **Distrito de Bizarra.** Está vinculado ao município Bom Jardim no estado Pernambuco - PE. Situado na divisão regional do IBGE, na Região Nordeste do Brasil e tem como capital a cidade Recife. Este distrito pertence à microrregião Médio Capibaribe e à mesorregião Agreste Pernambucano. Disponível em: <<http://www.geografos.com.br/distritos/distrito-bizarra.php>>. Acessado em: 17 de fevereiro, 2018.

de nascimento e moradia da mãe-entrevistada [n.02]. O engenho, o complexo, a senzala transferida para os pequenos casebres do entrono, tudo continua intacto. Apenas algumas modificações superficiais para modernização do processo produtivo da cana-de-açúcar. De Engenho movido à base da força escrava, animal ou à vapor, passou a ser chamada de complexo da Grande Usina de cana-de-açúcar e álcool produtora de insumos em grande escala para consumo interno e exportação.

As grandes propriedades dos Engenhos se transformaram em grandes latifúndios monopolizados por capitalistas modernos. Isso aparece em toda região do Brasil, com predominância na região nordeste e no interior da zona da mata de Pernambuco. O patriarca senhor de engenho e coronel de outrora se transformou num homem de negócios internacionais, acionistas das bolsas de valores, em proprietários usineiros ou sócios das grandes usinas canavieiras da região.

O dono das grandes extensões de terras produtivas com cultivo de uma única cultura, a cana-de-açúcar, nada mudou com o tempo, apenas se expandiu com o avanço das pesquisas científicas e uso das tecnologias para esse fim. Consequentemente, o modo produtivo à base da exploração da mão de obra escrava também foi adaptada ou disfarçada na força de trabalho dos mesmos exércitos de trabalhadores rurais em condição de miséria, pobreza e analfabetismo, as vezes remunerados com um salário mínimo por força das leis trabalhistas ou apenas em troca de moradia e o mínimo para sobreviver. Desse modo, o antigo senhor de engenho dominante, violento, explorador, continua vivo no novo usineiro que age com a mesma mentalidade e ethos cultural e de classe, assim como o antigo escravo está incorporado no trabalhador assalariado e pobre que hoje disputa um lugar na usina com outros milhares iguais. Infelizmente, essa é a realidade do país.

Das décadas de 50-60 aos dias atuais, esse volume de coisas também fez parte da história de vida da mãe-entrevistada [n.02]. A cultura do engenho onde passou sua infância e adolescência situado no território do município de Bom Jardim, digo, antes e depois de migrar para a cidade de M., toda essa engenharia de dominação e exploração foi internalizada na base da estrutura pessoal. Dentro ou fora da propriedade do engenho se tornou uma pessoa dominada e explorada igualmente aos demais moradores daquele lugar.

Pois, é na [figura 5] que a entrevistada mostra e materializa a cultura de dominação, exploração e servidão da qual estou me referindo. Em sua atividade criativa a entrevista [n.02] representa quadros de sua vida no Engenho da P. na fase da adolescência, embora, complementa os conteúdos da figura [5] com materiais de narrativas e transcritos de gravações realizadas em momentos extraoficiais à pesquisa como já situei, trata-se de um documento produzido nos

intervalos dos cafés, lanches, chás, passeios livres no jardim da Casa da Mulher, nos ambientes compartilhados na casa de sua filha-entrevistada [n.01] por ter sido o local que passou boa parte do tempo de descanso.

É um conteúdo valioso sobre a vida no Engenho da P. narrado por uma antiga moradora do local, a oportunidade de registrar e explorar o mundo vivido na adolescência da mãe-entrevistada [n.02] e, ao mesmo tempo se mostrar motivada em contar sua história na presença de sua filha e netos entusiasmada com o convívio familiar e no ambiente descontraído naquele contexto, não exitei em conhecer investigando os detalhes.

Seus relatos considero uma obra prima que compõe a sua história de vida contada nas figuras e desenhos criativos, incluindo a sua atividade artística para representação da fase inicial de sua adolescência.

Contudo, foram registrados quatro áudios com gravações extraoficiais sobre a vida da entrevistada no Engenho de P., mas, apenas o primeiro foi selecionado para fazer parte desse enredo reflexivo. Não utilizei critérios pré-estabelecidos, a escolha se deu por constatar que havia um material rico que ajudaria a entender a adolescência da entrevistada no contexto do Engenho e da Casa Grande.

A narração espontânea foi um momento de entusiasmo para a mãe-entrevistada [n.02], se expressava com o espírito de uma criança-adolescente feliz, risonha, que resgatava da memória os acontecimentos e eventos marcantes de sua vida de moradora do lugar, até suspendeu da memória que era uma menina sem referência familiar que sobrevivia sozinha naquele ambiente. As gravações extras renderam momentos especiais de fato. Por isso, incluo nesta etapa da atividade conectada a [figura 5] apresentada abaixo.



FIGURA 13 - REPRESENTAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA



FONTE: Cenário e memórias da infância e adolescência no Engenho de P. Atividade artística-criativa produzida pela mãe-entrevistada [n.02] em agosto de 2016.

A representação e significação das memórias materializadas na [figura 5] que descreve a adolescência da mãe-entrevistada [n.02] é no mínimo correspondente a uma realidade conexas a sua história de vida e, ao mesmo tempo, inimaginável pela história viva que representa e a quantidade de experiências reais acumuladas na mente.

O cotidiano do Engenho e os acontecimentos simbolizados nos elementos criativos explicados em detalhes nos conteúdos de suas narrativas nos tópicos a seguir, isso é extraordinário pela materialidade do real.

É um cenário rico e instigante pela precisão das memórias representadas nas figuras criativas e depois descritas minuciosamente sobre o dia a dia do Engenho movimentado por protagonistas e personagens. Até observa-se algumas semelhanças na forma de criação comparada com a [figura 4] reveladora de sua infância. As cores vermelha e marrom continuam predominantes

na tonalidade nas arquiteturas das casas, tanto na edificação da moradia de seu avô, quanto no complexo do Engenho.

A mãe-entrevistada [n.02] inconscientemente optou por cores fortes para pintar e colorir a parte externa das estruturas, ambas casas aparecem de portas fechadas, com personagens suspensos do chão. Transfere uma linguagem silenciosa e, ao mesmo tempo, reveladora de si e do mundo visto em sua volta. Decerto, esteja apontando um ambiente fechado, controlado, suspenso, inseguro e sem liberdade, sequer com os pés no chão firme ou na base da estrutura familiar inexistente. É um dado importante que sempre aparece em suas narrativas, tentando mostrar a criança abandonada de outrora, a adolescência forjada pelo seu agressor e a pessoa adulta marcada que hoje se encontra. Uma constante revelação de conflitos internos, inquietações e retraimento pessoal, as vezes de autopunição por ter sido vítima do abandono de seus pais biológicos e do agressor de sua família como destino da sua vida.

No em torno das casas [moradia do avô] e a estrutura arquitetônica [complexo do engenho], em ambas não existe muros, nem cercas de limites visíveis aos olhos, aparentemente o mundo está aberto e, ao mesmo tempo com liberdade vigiada. A relação próxima com a natureza mostra sua conexão com meio, característica particular que acompanha a representação dos dois cenários [figuras 4 e 5]. Em volta do complexo do Engenho há plantação de cana-de-açúcar, gado pastando, pássaro voando, flor colorida alegrando o ambiente e o administrador do Engenho de braços abertos vigiando tudo. Consegue detalhar as características físicas guardadas na memória sobre o fenótipo do homem administrador. É do tipo negroide, ex-escravo do engenho, um negro de confiança do Dr. Ê. - o dono de tudo, o capataz justiceiro guardião.

Segundo ela, é o “[...] *Seu João Diló diministradô da P.*” o vigia da fazenda. Sua relação social com o morador da fazenda aparece no polo negativo, é um indivíduo causador de medo e pânico. Está em oposição com a imagem positiva e segura que guarda de seu avô. Duplo imaginário masculino que representa de um lado a figura positiva de um homem bom e de outro negativa de um indivíduo ruim, perigoso, malino e violento.

As figuras masculinas identificadas com o nome de João ocupam funções e hierarquias diferentes dentro do Engenho, são indivíduos distintos que agem no controlado do ambiente, sobre as atividades e funcionamento do cotidiano, também há um grau de solidariedade mecânica entre si. Afirma que o “[...] *seu Zé João dava todo dia um litro de leite, [...]. Eu fui buscá o leite. Seu João trabalhava no Engenho. Era o maquinista do Engenho. Aí, a gente entrava, bebia caldo,*

*comia rapa de tacha*”. As vívidas memórias positivas com o [João] maquinista do engenho, mesmo assim preferiu potencializar a figura masculina do administrador da fazenda como personagem negativo. Destaca principalmente a surra [agressão] que tomou do administrador do engenho por conta de uma fruta [abacate verde] que estava no chão perto da casa quando pegou e comeu, detalhou nos tópicos de narrativas apresentadas nesta categoria.

São imaginários construídos em torno da figuras masculinas em oposição e conflito com discursos distintos, um indivíduo vetor de afeto e proteção, enquanto o outro, causador de medo e violências. No conjunto, nenhuma personagem do sexo feminina fez parte da representação e significação de sua adolescência, contudo, na infância cita a madrasta-avó também como personagem do imaginário negativo.

#### c) Juventude-adulta

“Eu e meus 14 filhos lavando roupas no açude”. (ENTREVISTADA Nº 02 - A MÃE).

Em plena maturidade ou na condição privilegiada da vida adulta em termo de sabedoria, experiências e memórias vivas, uma senhora considerada idosa se dispôs a olhar para sua vida vivida, para os acontecimentos do passado memorizado, das experiências marcadoras de sua história e narrar com sua palavras, gestos corporais e figuras criativas a sua história de vida contada em três fases de transição e passagem sem ruptura.

Em 1962, a mãe-entrevistada [n.02] completava seus 12 anos de idade em silêncio e sem comemoração de aniversário como era o costume. No ambiente de trabalho doméstico fez a transição da infância para a adolescência sem se dar conta do ritual de passagem.

Nesta última atividade criativa [figura 6], a participante se concentrou na fase mais difícil e dolorosa de sua vida, foi quando seu agressor iniciou a multiplicidade de violências sexuais e físicas contra ela. E ao mesmo tempo, representa o estágio mais feliz sentido por ele, pelo nascimento de seus filhos e formação de sua família. Um paralelo de situações complexas e realidades diversas geradoras de permanentes conflitos. Na medida em que representa uma face da realidade as outras aparecem em multiplicidade.

Os emblemáticos cenários de representação e significação simbólica e prática observado nas três figuras criativas na produção artísticas da participante, o mundo oculto e aparente se revelam o tempo todo, para além do seu cotidiano elementar passivo de explicação imediata. As

imagens e pinturas escondem muitas sombras e palavras não ditas. É uma mãe transportadora de peso superior a sua capacidade de força e resistência pessoal, por isso entregou seu corpo para uso, exploração e procriação de filhos, sua condição intransponível do eu ficou paralisada, a possibilidade de pensar, refletir e reagir a própria vida não teve avanço. O corpo feminino da jovem menina se transformou em corpo de polvo com tentáculos de alcance. A figura [6] representa isso, mostra uma mãe com peso na cabeça carregando nos quadris uma criança em cada lado, outra, segurada pela mão, as demais caminhando em sua direção. O cordão de filhos em ordem crescente e da mesma geração paralisou o mundo da entrevistada. Da infância à vida adulta serviu para reprodução e trabalho.

A figura [6] expressa uma criação original regada de emoções, sentimentos fortes, autênticos e experiências reais em sua essência. Moldurada com rabisco livres, traços e curvas que fala do lugar, dos acontecimentos, dos personagens envolvidos nas cenas. Cada linha ou pedaço de memória foi pensado por horas, dias e semanas, maturados com delicadeza para mostrar no final o belo de sua arte na história. Talvez, a mãe-entrevistada [n.02] com o seu envolvimento na obra com demanda de concentração, esforço mental, emocional, cognitivo, criativo, deliberado para realização do trabalho; sequer imaginou ou percebeu quanto sofrimento e dor também estava em sua volta em cada detalhe das cenas. As partes e o todo das imagens criativas apresentadas nesta etapa do estudo, revelam importantes passagens da vida pessoal e familiar da entrevistada [criança, adolescente e adulta] vivenciando os acontecimentos em cada fase de sua vida. As cenas representativas se conectaram ao conjunto da obra narrada oralmente por ela, onde tudo fica mais claro, faz sentido e se mostra na tessitura do texto e análise dos conteúdos estruturantes deste capítulo V. Uma forma metodológica [narração oral] que se complementa com a outra [representação criativa].

Dito isso, abaixo apresento a [figura 6] e última criação da mãe-entrevistada [n.02] na fase de sua juventude-adulta interagindo com seus filhos pequenos no ambiente de circulação comum na propriedade do agressor da família. Uma criação desenhada em detalhes com perfeição e delicadeza de uma mãe relativamente dedicada aos filhos.

FIGURA 14 - JUVENTUDE E VIDA ADULTA DA MÃE



FONTE: **Cenário e memórias da juventude-adulta. Mãe e filhos compartilhando o cotidiano doméstico.** Atividade artística-criativa produzida pela mãe-entrevistada [n.02] em agosto de 2016.

A mãe-entrevistada [n.02] apresenta nesta figura um cenário com bastante vida e sombras marginais como parte do seu cotidiano estendido ao ambiente da moradia. O açude com peixe indica possibilidade de alimento, às margens do lago plantações de bananeiras resultante da produção à base do trabalho infantil forçado. Os elementos do cenário-território do em torno [açude e plantação] fazia parte da vida familiar, mas também testemunhava os abusos sexuais incestuosos praticados contra suas filhas e palco de violências e exploração nos encontros dos membros da família com o agressor predador.

A cena mostra intimidades na convivência cotidiana entre mãe e filhos pequenos compartilhando as atividades mais simples do dia a dia, os laços e vínculos estabelecidos entre si a partir das relações de cuidados e afetos manifestados nos movimentos observados no grupo. Embora, seja esse um ambiente que representa riscos reais semelhante a uma arena de lutas sem fim, ou, de um campo de combate e guerras intrafamiliar declaradas por um inimigo que faz usos

de armas de fogo e artilharias de castigos físicos, de controle psicológico e abusos sexuais contra mãe e filhos, ainda assim, a entrevistada conseguiu mostrar o lado positivo da vida vivenciada com o grupo no ambiente contaminado e sua forte ligação com seus filhos.

É um cenário morte e conflitos, medos, tramas e incertezas de sobrevivência do dia seguinte para as vítimas. Onde o agressor operou com enredos maliciosos por décadas, com perversidades e danos recaídos sobre a família controlada e dominada por ele. Tudo isso aparece nos depoimentos de narrativas durante as falas e discursos. Também na galeria de figuras criadas e detalhadas cirurgicamente nas figuras artísticas. A personificação do açude, da casa, do bananal, dos membros e os elementos envolvidos nas cenas retrata o mundo real vivido por cada uma.

O engajamento da entrevistada [n.02] nas cenas da [figura 6] é emocionante, se transforma numa mãe heroína capaz de equilibrar a vida dos filhos em sua volta como porto seguro para sobrevivência de cada um. O seu corpo compartilhado aparece como abrigo dos filhos, a bacia de roupas lavadas na cabeça se equilibra com a gravidade sem apoio dos braços ocupados com a sustentação de outros corpos. Ainda caminha com expressão facial de uma pessoa aparentemente contente e sorridente puxando o cordão umbilical de seis [6] filhos pequenos representando o total de quatorze [14] vivos ou dezenove [19] gestações. É no mínimo um quadro complexo e simbólico na análise e interpretação da realidade mostrada.

A unidade do grupo envolvendo mãe e filhos é um dado que aparece com frequência nas narrativas de entrevistas, não somente entre [mãe e filha] participantes do estudo, mas também quando observo os vínculos estabelecidos no depoimentos de denúncias de outros membros da família, entre irmãs e o irmão participante da investigação anterior a tese. A sobrevivência da mãe e dos filhos dependia disso, da unidade coesa, dos laços fortes de correspondência, proteção e cumplicidade entre si.

As figuras representativas, significativas, simbólicas, produzidas pela mãe-entrevistada [n.02] em especial são realmente únicas e desmistificadoras, não menos ou mais importantes do que as demais exploradas e analisadas até aqui, entretanto, há elementos sobrepondo elementos nas várias direções. Por isso, carece de novos planos de estudos para o aprofundamento e continuidade na exploração do tema e do objeto, contando com outros campos do conhecimento além da educação e das ciências sociais [sociologia e antropologia], caberia inclusive as contribuições da psicanálise ou da psicologia por exemplo. É o que espero.



Analiso os elementos dos cenários e os detalhes nas figuras criativas, o mundo pessoal e coletivo do grupo, da infância à vida adulta da entrevistada tudo permanece suspenso. É um quadro com mensagens instigadoras. O inconsciente operado nas relações sociais suspende a vida, o histórico e os efeitos dos acontecimentos na família. Contudo, os fatos não foram tão coloridos ou apenas imaginados, foram reais e tiveram consequências graves para todos.

Finalmente, apresento a fotografia [13] como uma imagem extra colocada em evidência para olhar a expressão do corpo físico debruçado sobre a mente e vice-versa, o esforço despendido e dedicado para feitura das atividades criativas para contar a história de sua vida como se tivesse voltado ao tempo real do passado.

#### FOTOGRAFIA 15 - LUDICIDADE E CRIAÇÃO



FONTE: **Cena da realização da atividade artística-criativa** produzida pela mãe-entrevistada [n.02]. Fotografia de acervo pessoal, agosto de 2016.



A concentração e delicadeza empregada nos movimentos, transferir a grande carga de sentimentos e emoções impregnada nas folhas de papel, mas, não é qualquer papel, são as páginas de sua vida real. Atua como se tivesse cuidando de crianças de berço ou amamentado seus filhos com o afeto materno que dedicou por toda sua vida. A fotografia capturada mostra cenas de um ato à margem das impressões digitais do retrato moldurado. Sem dúvida é uma imagem digna de apreciação, exame e respeito.

A finalidade da mostra do esforço envolvido em cada etapa do processo de narração e de criação desprendido por cada participante é para dizer que se não fosse esse comprometimento, decerto, o mais importante do processo, o que levou ao sucesso da pesquisa, sem esse elemento determinante o alcance não teria acontecido da forma que aconteceu.

O descongelamento do tempo com resgate de memórias predominantemente pesadas, doloridas e diversas é uma atividade mental invisível que poucas pessoas consegue fazer, somente as fortes do meu ponto de vista. As imagens mentais resgatadas da infância com o avô paterno, a vida no Engenho da P. até o início da adolescência, a construção do quadro mais importante de sua vida, quando representa a cena da lavagem de roupas no açude - parte da propriedade do agressor - na companhia de seus filhos pequenos e indefesos, porém, com expressão facial de bem-estar e felicidade, essas imagens produzidas com tanta emoção e sentimento são a expressão do admirável estágio de superação. Isso pode ser observado em todo o processo de construção das diferentes narrativas, como a mãe-entrevistada [n.02] se mostra na fotografia abaixo, sem se diferenciar da dedicação observada também por sua filha-entrevistada [n.01] participante do mesmo processo.

Chamava atenção o entusiasmo espontâneo da entrevista [n.02] quando comentava sobre suas atividades criativas, os detalhes desenhados por ela e o que cada elemento representava em sua vida. Era capaz de detalhar a história vivida em cada traço rabiscado.

Os filhos agarrados ao seu corpo em ordem decrescente, dos mais novos para os mais velhos, embora, fosse todos pequenos. Cada detalhe nas peças de roupas, as cores dos artefatos e indumentários coloridos. Como o boné na cabeça do menino, os laços da menina, cores das saias, vestidos, uns de sapatos, outros descalço. Diferentes cortes de cabelos e a própria roupa mostrava simplicidade, mas, bastante zelo e cuidado.

Deixa claro que o grupo sempre estava unido, os filhos acompanhava a mãe o tempo todo, não importava o tipo de atividade ou o tempo que iria permanecer nela, estavam todos vivendo as

mesmas situações, um modo de segurança e proteção talvez. As atitudes da mãe indicam questões traumáticas vivenciadas e associadas ao medo da perda de seus filhos pequenos, assim como aconteceu com os primeiros nascidos no grupo. Como ela disse, foram raptados pelo pai biológico e a avó paterna e entregue para estranho criar sem o seu consentimento, quando recém-nascidos em fase de berço e amamentação. Isso pode estar o anunciando trauma e medo de sofrer novas perdas. A solução talvez encontrava foi esse, de mantê-los próximo ao seu corpo e em vigilância materna.

Outra observação foi a fase de preparação pessoal para realização da atividade criativa respeitando o seu tempo cognitivo, imaginativo e de criação. Pediu para ter paciência e esperar o tempo necessário que precisaria para desenvolver o processo criativo. A internalização da ideia, das orientações dirigidas e para todo esboço artístico precisava de tempo para pensar no que iria construir, como e de que forma representar suas memórias mais importantes de sua vida num papel em branco. E, a partir da criatividade compor sua história de vida nunca contada antes com tanta força e profundidade.

Resumidamente, em três folhas de papel sulfite acompanhadas de um kit de lápis de cera colorida, cola, tesoura, revistas e figuras diversas, tintas, lápis grafite e de cores, canetas, borracha e outros materiais de apoio precisava realizar aquela tarefa, reunir ideias e materializar o pensamento, as emoções, as experiências em três quadros representativos. Emergir e selecionar da memória o mundo que representasse sua vida e a de sua família. E assim se sucedeu com reconhecido sucesso.

As horas, os dias necessários e dedicados para cada atividade criativa não sofreu pressão externa ou interrupção de outrem, cada realização seguiu o seu próprio curso e esgotamento espontâneo. Contudo, não significa a inexistência de dificuldades pessoais, embora, todas superadas na medida em que cada etapa era vista como desafio. Principalmente, pela baixa escolaridade que dificultava o domínio da coordenação motora e das habilidades pedagógicas.

O seu silêncio pessoal do mundo interior para o ambiente externo ajudou na concentração e realização da atividade resultando um grande acontecimento individual, não somente pela superação dos obstáculos e dificuldades encontradas no caminho, mas, principalmente pela integração do eu indissociável com a própria história de vida, são com essas experiências únicas que encerro o terceiro momento desta pesquisa, sem deixar de anunciar a discussão sobre os pressupostos na fase IV a seguir.

## FASE IV

### 5.11 PRIMEIRO PRESSUPOSTO

Propositivamente, o primeiro pressuposto levantado e defendido nesta tese tem a ver com o estabelecimento ou não, do vínculo afetivo e ética do cuidado existente ou inexistente entre pais e filhos numa perspectiva da cultura familiar olhando as praticas do incesto. A partir do enunciado defendo que:

se o pai biológico-social de uma criança ou adolescente [menina ou menino] não estabelecer vínculo afetivo forte, a fim de construir laços de correspondência, a cultura do afeto, da proteção e segurança do dependente; mantido sob a ética do cuidado com vista na relação de convivência e intimidade familiar estabelecida no cotidiano, na ausência desses valores, princípios e limites, o ente paterno torna-se predador voraz do filho ou filha capaz de abusar sexualmente, praticar incesto, estuprar e violentá-lo como selvagem domado tão somente pelos instintos. O impedimento afetivo, cultural, moral internalizado no consciente humano individual e coletivo tende funcionar como elemento castrador de práticas violentas, abusivas e incestuosas de pai [adultos] contra filho [crianças]. Fora disso, restam somente adultos agressores, predadores, seres estranhos vivendo dentro dos lares e oferecendo riscos, causando danos e prontos para atacar [indefesos] membros da família. (AZEVEDO, 2018).

Diante do conjunto de dados transformados em conteúdos categorizados, aptos de análises conforme visto nos três momentos deste capítulo V, os pressupostos examinados, postos à prova e provocados a partir da narrativas da filha-entrevistada [n.01] e da mãe-entrevista [n.02]; baseada nos resultados a tese se mostra positivamente.

Em resposta ao primeiro pressuposto me utilizei da afirmativa da própria filha-entrevistada [n.01] vitimada pelo pai agressor para responder a questão. Com suas próprias palavras confirma a inexistência de vínculo paterno ou de estabelecimento de qualquer relação afetiva, cuidado e proteção com ética ou correspondência paternal na relação familiar. Ela responde com as seguintes palavras:

Entre eles nós não tinha, como que eu posso dizer... respeito. A gente era obrigado a respeitar ele em todos os sentidos. Por qualquer coisa que acontecia, a primeira pessoa que dizia: não faça! porque senão, se ele pegar, souber, ele vai matar, vai esfolar. Então assim, não tinha vínculo nenhum referente a ele, reuniões e afeto com ele, não tinha. A minha relação com ele, eu não tenho nenhuma relação com ele. Me afastei, às vezes quando vou encontrar alguém ali em M., encontro vizinho, algum vizinho ou vizinho dele e às vezes ou outra eles falam: o teu pai às vezes pergunta por tu, que você sumiu, não aparece.

Então assim jamais eu tenho interesse em me aproximar dele né, e sem contar que eu tenho filhos, eu tenho uma pré-adolescente.

Então eu jamais eu vou querer estar próxima de uma pessoa que fez mal pra mim e minha família. Eu não tenho ele como exemplo, eu não quero que os meus filhos tomem ele como exemplo, que se aproximem dele, jamais eu quero. Então, assim não tenho aproximação nenhuma com ele, então não o reconheço como pai, não tenho como pai né.

Infelizmente eu tenho ele no registro porque não tem como se mudar, ele foi apenas meu genitor, conforme eu presenciei várias, várias coisas ruins dele né.

Como pai em si, tem que dar exemplo para o filho, ele não pode estar presenciando essas coisas erradas e feias né.

Então, é isso dele, não tenho vínculo com ele e também não tenho interesse. E referente à minha mãe, tenho vínculo com minha mãe, minha mãe frequenta a minha casa, eu frequento a casa dela. Assim, sempre que temos oportunidade nos reencontramos, nos encontramos e é isso. Minha mãe é a mulher que eu amo. E admiro muito como mulher.

(ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

A ausência de vínculo afetivo e de relações de confiança, segurança, cuidado, trocas éticas, convivência livre entre o pai-abusador e filha-abusada, tanto na relação com a entrevista [n.01] quanto com os demais [irmãos] membros da família, essa conduta configurou sim uma realidade inquestionável, uma constatação dos fatos comprovados nas narrativas da filha, bem como, nos depoimentos de denúncias dos demais participantes [filhos] do mesmo grupo. Entre pai e filhos o distanciamento paternal é real, com isso ele mantinha uma espécie de *apartheid* com o grupo. Um movimento iniciado no berço, evoluído e declarado no cotidiano de cada filho até chegar a fase da adolescência, obviamente, depois se estendendo para a vida adulta.

O desligamento sentido pelos filhos também era declarado pelo distanciamento do pai-agressor nas várias maneiras de expressão e transferência das mensagens. Entre tanta, a exploração do trabalho infantil, as agressões e violências múltiplas, os maus-tratos e abandonos, até encerrar o assunto com a violação sexual incestuosa contra as filhas. Dai, acontecia o rompimento definitivo com o sangue transplantado no corpo da prole, como uma espécie de auto-canibalização paterna intrafamiliar.

Uma vez, a relação de estranhamento e distanciamento capturada, sentida, vivenciada pelos filhos, o processo de afastamento acontecia em ambas as direções. Assim como o pai-agressor mantinha suas reservas e estranhamentos, os filhos e filhas também correspondia a seus estímulos. Apenas os conflitos mediava as relações no cotidiano doméstico, pai-inimigo dos filhos e vice-versa. Com intenções e objetivos racionais o pai-agressor dos filhos (a) mantinha no controle e domínio da prole levado por outros interesses e finalidades, exclusivamente para exploração do trabalho e do sexo infantil incestuoso. Nada mais do que isso, revelando-se um libertino incestuoso-pedófilo fonte de riscos, violências e tragédias.

O pai-abusador nunca estabeleceu com os filhos (a) qualquer vínculo afetivo ou laços fortes de convivência próxima e de confiança com a prole, pelo contrário, via os membros como objeto de uso pessoal apenas, o fato de ter reconhecido a paternidade no registro de nascimento, não significou o reconhecimento do sangue, seu sobrenome emprestado servia somente para conferir obediência, controle e dominação.

Por outro lado também era repudiado pelo filhos, na medida em que iam crescendo e entendendo a trama da família, as experiências vividas e as histórias contadas pelos irmãos mais velhos para os mais novos [medo, indignação, vergonha, revolta, ódio, repúdio] eram os sentimentos que cresciam dentro do grupo. A rejeição dos filhos para com o pai-agressor era também um fato real.

Consequentemente, os filhos também negavam o sangue do pai, passando a ser percebido e considerado um indivíduo estranho, perigoso, de riscos, que colocava o grupo em estado de alerta total. Sua aproximação se restringia tão somente às cobranças e exigências dos lucros gerados pelo trabalho braçal e bruto e, também a reivindicação de benesses e privilégios com o sexo “fácil” das filhas adolescentes imaturas em fase de desenvolvimento do corpo físico. As negligências também estão associadas com a ausência do afeto, da ética do cuidado, o vínculo e a responsabilidade com a proteção e segurança da família. Na ausência disso, restou apenas a predação multiplicada e sem limite do fim.

É isso que os conteúdos de narrativas revelam como agados importantes nesta pesquisa, uma mãe com seus 14 filhos violentados pelo suposto patriarca da família. Um quadro que atende e responde de forma positiva o primeiro pressuposto desta tese. Dito isso, sinalizo abaixo o segundo pressuposto levantado para discussão, reflexão e verificação.

## **5.12 SEGUNDO PRESSUPOSTO**

Neste, a inquietação reflexiva gira em torno do questionamento das regras do tabu do incesto supostamente internalizadas culturalmente por alguns indivíduos e, ao mesmo tempo, as mesmas regras são quebradas por outros pertencentes a mesma cultura e sociedade, como por exemplo a brasileira. É diante dessa realidade e dado concreto, levanto o pressuposto e defendo a tese de que:

o sentido da proibição do incesto, cuja prescrição das regras que desautoriza e proíbe práticas sexuais incestuosas entre membros consanguíneos e com laços de parentescos, como previsto no ordenamento cultural reforçada nos ditames do código penal [crime], supostamente absorvido pelos indivíduos e a coletiva brasileira, esse conjunto de regras culturais proibitivas não produz efeito castrador dentro da família. Ao invés de produzir atitudes de repulsas, controles sexuais e observação vigiada do funcionamento da cultura transmitida e socialização entre sociedade e membros parentais [pais, filhos, parentes], produz efeitos contrários, são as proibições e as próprias regras que geram outros tipos de tabus no processo de educação sexual dentro da família, a ausência de formação e informação pedagógica-familiar, reforça a quebra das regras do tabu do incesto e o acesso de predadores fortalecidos nas relações domésticas com as vítimas. O sistema de comunicação e formação sexual dos membros familiares são assuntos tabus, ao mesmo tempo, fechados. Com isso, há uma facilitação de práticas predatórias de abusadores sexuais incestuosos que mantem seus privilégios em ambientes restritos, à família. Portanto, as regras criadas por homens intencionados em sexo incestuoso, representam o modo mais subjetivo de camuflagem de práticas supostamente proibitivas dentro das famílias dominadas e controladas por estes. E, assim, não sofrem disputas de fêmeas sexuais [consanguíneas ou não] com outros machos iguais no território dominado. Há também o prazer da rivalidade de um macho trapacear o outro na disputa de mulheres, cuja mentalidade machista representa posse e poder. Definitivamente, as regras do tabu do incesto dissociadas do processo de socialização cultural no esquema educativo aberto enquanto formação sexual da família, serve tão somente para produzir e reforçar o incesto, novos tabus e atividades facilitadoras de violências sexuais dentro de grupos e agrupamentos privados, nada mais do isso. (AZEVEDO, 2018).

A invisibilidade ou a negligência de socialização existente no interior dos grupos familiares no Brasil, aqueles que negam os esclarecimentos e orientações abertas sobre as regras do tabu do incesto, o impedimento sexual entre parentes - pais e filhos(a) por exemplo - produz forte resistência de fala ou comunicação entre si e, ao mesmo tempo, a facilitação no contato físico e sexual entre membros interditos. Enquanto, isso, deveria ser objeto da discussão aberta no cotidiano do grupo, como obrigação moral e parte da agenda dos membros adultos para os mais jovens em especial. A transmissão desse saber [educação sexual] do corpo deveria fazer parte da socialização de uma geração para outra sem dissimulação ou falsa moralidade dos pais e adultos responsáveis. Com a possibilidade da socialização com carga positiva no processo formativo da criança e do adolescente como parte da educação [familiar-escolar] quebraria o ciclo vicioso, o polo negativo de um tabu produzir outros tabus. Ou, um tabu ser protegido por outros tabus.

Tanto que o crime de violências sexuais incestuosas praticadas contra as entrevistadas e outros membros da família em estudo, como observado nas narrativas de entrevistas e nos depoimentos das filhas denunciantes, a punição prevista em leis é percebida como fraca, não produz efeito algum que possa mudar a mentalidade e a conduta do agressor. Enquanto isso, o julgamento e punição dos crimes está agenda da justiça divina, essa sim não falha. Com isso, perante a lei dos

homens não há mais crime do agressor e nem queixa das vítimas. A forte carga religiosa [moral] soluciona o conflito interno e social entre os envolvidos na violência. Simples assim.

O dado significativo que mantém as práticas incestuosas dentro das famílias e a manutenção de agressores impunes está na ordem do controle do medo, da vergonha moral perante a comunidade e a igreja, o que resulta no processo de naturalização dos rituais incestuosos mantidos na relação do agressor com suas vítimas.

A problemática em reflexão mostra o quanto está invisibilizado e negligenciado o processo educativo e de socialização dos limites sexuais entre familiares, é possível observar essa ausência nas narrativas das participantes da pesquisa (mãe e filha). Ambas, justificam questões criminais dos atos incestuosos e das violências familiares se valendo dos princípios religiosos, cuja denúncia é colocada em suspenso ou eliminada da agenda em detrimento das providências divinas, certas de que a reparação do dano pela entidade divina é confiável. Dessa forma, substitui a tomada de providência com base no ordenamento jurídico regulador das condutas individuais dentro da sociedade. Assim, Deus é o responsável pela reparação do pecado carnal praticado pelo incesto entre pai e filhas. Uma forma de negligenciar responsabilidades sobre os fatos.

Cohen (1993), segue a linhagem do pensamento Lévi-straussiano afirmando que o “[...] incesto é o abuso sexual intrafamiliar, com ou sem violência explícita, caracterizado pela estimulação sexual intencional por parte de um dos membros do grupo e que possui um vínculo parental pelo qual lhe é proibido o matrimônio”. (COHEN, 1993, p. 132).

As atividades incestuosas prolongadas na família aparece nas várias manifestações de narrativas e nos depoimentos das vítimas, com força eliminando qualquer possibilidade de interrupção ou risco de impedimento da continuidade, tanto que a intenção do pai incestuoso [agressor] era a de fugir com a filha abusada e estuprada por ele durante dois anos consecutivos da menina [filha] vitimada [dos 12 aos 14 anos de idade], na tentativa de garantir a continuidade das atividades incestuosas a qualquer custo, definitivamente afetando-a do ambiente familiar, essa era a proposta racionalizada por ele; e com ela viver maritalmente – como homem e mulher – fora do esquema da relação paternal de pai e filha. Cujas, estrutura hierárquica, moral e castradora se desfez nas tais atividades supostamente proibidas. Na mentalidade do agressor a resolução do conflito familiar estava na tomada de decisão da filha violenta sexualmente aceitar fugir com ele e viver em outro ambiente [cidade grande] longe do grupo familiar (mãe, filhos, comunidade) que não pudesse alcançar nem circular proximalmente do “casal” incestuosos (AZEVEDO, 2017).



A manutenção do incesto e a exploração sexual exclusiva e privada com a filha era o plano infalível do abusador, embora não tenha sido concretizado como previa. Volta a discutir a questão das negligências da educação sexual e a socialização das regras do incesto na transferência para a menina principalmente pela mãe, foram consequências altas e duras para os membros vitimados durante a infância e adolescência dentro da família.

As violências sexuais contra a mãe-entrevistada [n.02] e suas filhas, tais práticas vem de longe, de um passado construído induzido por desvios de condutas repugnantes de um marido e pai que transgrediu as regras culturais e até a “lei divina deixada por Deus”. As normas jurídicas foram transgredidas, a cultura coletiva desfeita, os dogmas da religião quebrados, o transgressor não está observando nada disso, apenas cuidando de seus interesses individuais, as regras não servem para ele e também a ideia de castigo divino, punição pelo pecado cometido ou risco de maldição não tem efeito.

Enquanto isso, continua sem sofrer denúncia formal perante a lei penal do país, talvez, tenha sofrido apenas algum tipo de coerção social vinda da família e da comunidade em face do julgamento em torno da questão de honra e da desonra familiar cometida pelo agressor, apenas isso.

No mais, a punição do abusador foi sempre adiada por décadas pelas próprias vítimas, a tomada de providência não depende delas, isso fica claro nos depoimentos de narrativas, embora algumas filhas demonstre esperança de obter justiça e reparação dos danos com base nas leis do país, exceto, a mãe.

Declaradamente, a mãe se coloca diante dos fatos como uma pessoa fraca e sem força para enfrentar o medo que sente e o poder do agressor. Ainda se coloca como culpada pelos danos causados na família. Trata-se de uma vítima que não se percebe vítima, mas sim uma culpada pelos crimes de seu agressor, julgada e condenada silenciosamente pelos próprios filhos. Essa mentalidade aparece também nas discussões e nas pesquisas realizadas no país que oferece esse tipo de conteúdo, em especial nos estudos realizados por Azevedo; Guerra (1988, 1989, 1994), Saffioti (1989), Cohen (1993), Assis (1994), Gauer; Machado (2009), Azevedo (2017), entre outras pesquisadoras de campo investigadoras do assunto. Isso indica que as mães vitimadas por violências domésticas e abusos, enquanto mulheres-mães responsável por suas filhas igualmente violentadas e abusadas dentro de sua própria casa, carece de mais atenção por parte do poder

público, das instituições protetoras, de mais foco e estudos aprofundados que ajude no acolhimento, esclarecimento e mudança desse quadro.

Portanto, o segundo pressuposto também se confirma nesta tese, a reação da filha-participante [n.01] com relação às violências domésticas e sexuais praticadas pelo pai agressor contra ela, a mãe e seus irmãos (a) crianças e adolescentes membros do mesmo grupo, é de repúdio absoluto pela quebra das regras do tabu do incesto e transcrição dos princípios morais, momento em que a participante explica:

Então, eu espero que né, as veias competentes estudem melhor os casos de família referentes às agressões e que se modifiquem as leis referente a família, a mulher, a criança, adolescente, seja lá o que for para se punir os agressores, literalmente. Ou, se deixar abertura entre as leis, sei lá, tirar vantagem de alguma forma. Então assim, o mínimo que eu puder cooperar, fazer pra mudanças eu vou estar disponível pra isso. (ENTREVISTADA N.01 – A FILHA).

Apesar da filha-entrevistada [n.01] não ter formação acadêmica ou domínio de teorias antropológicas nas quais discutem as regras do tabu do incesto no interior da cultura, ainda assim, a internalização [inconsciente] desse impedimento de contato sexual incestuoso foi transferida pela cultura coletiva observada conscientemente dentro da comunidade, apesar de estar associando a ideia de castração ao conteúdo puramente religioso. Contudo, a linha imaginária desse limite é o que regula inconscientemente as intenções e ações dessa natureza. Por isso, o estranhamento, a repulsa e a negação de atividade sexual e matrimônio entre consanguíneos foi manifestado por ele. Quer dizer, na mentalidade da filha e no julgamento pessoal, o incesto entre pai e filha configura ato proibido e aversivo socialmente. Com isso, prova que as regras do tabu do incesto estão sendo observadas e interpretadas em polos opostos, em contradição e conflito. As mulheres interpretam atividades sexuais incestuosas diferentemente dos homens, para a filha-abusada as regras sevem ser de proibição e obedecida dentro da família e na sociedade, para o pai-abusador, as regras não representa o mesmo valor, tanto que se desfaz desses feixes culturais e religiosos no cotidiano familiar, pratica incesto com todas as filhas adolescentes. É uma conduta masculina incestuosa comprovada nas narrativas e depoimentos das vítimas, com isso a tese levantada no pressuposto também se confirma positivamente.

De fato as leis proibitivas das quais deveriam controlar e punir agressores praticantes de incestuosos, não corresponde com a realidade, não servem de orientação masculina ou pouco ajudam na proteção de mulheres, crianças e adolescentes dominados por homens violentos e

intencionado na predação familiar. A cultura das regras do tabu do incesto, assim como a lei penal do país cria mecanismo abertos ou com enunciados dissimulados que na prática não funciona para proteger mulheres, crianças e adolescentes vitimados, mas sim, homens protegendo homens igualmente intencionados e com as mesmas mentalidades. Esse é o quadro da cultura prática e simbólica operante na família, mundo privado e dominado por homens predadores com mentalidades iguais. E no espaço da cultura, dos discursos e das subjetividades masculinas tudo cabe como parte do processo legitimado por homens que se “protegem” em nome da família, sua propriedade intocável por outros homens-machos, inclusive suas práticas de violências domésticas e sexuais incestuosas cometidas por eles. Essa é a realidade, as regras do tabu do incesto nada mais é do que uma estratégia dissimulada de homens intencionados em predaar suas vítimas dentro dos lares do país.

Sem dúvida, os pressupostos testados nas narrativas das entrevistadas abre um campo fértil e necessário para iniciarmos uma profunda reflexão crítica em torno das regras do tabu do incesto e da cultura familiar. Não basta os conceitos e teorias explicativas sobre os problemas observados nas pesquisas e nas condutas familiares observadas até aqui, teoricamente tudo isso é válida e aceito academicamente, mas precisamos ir além, associar a questão reflexiva, educativa, formativa dos indivíduos adultos e em desenvolvimento o despertar da consciência de que estamos diante de um problema grave, que é preciso formar, esclarecer, vigiar e cuidar dos infantes individual e coletivamente com enfrentamento no dia a dia. A cultura simbólica precisa ser colada à cultura prática na convivência e vigilância familiar, dentro da escola, nas instituições sociais e em toda sociedade para quebrar o ciclo vicioso, negativo, danoso de homens predadores das vidas alheias, que fazem de suas vítimas domésticas seres destruídos de dentro para fora. E isso precisa mudar.

Os pressupostos apontam sim que há problemas graves na tradução dos esquemas teóricos com linguagem puramente academicistas – de acadêmicos para acadêmicos e não da academia para a sociedade geral - que supostamente produzem impedimento de sexo incestuoso e intimidade abusiva entre pais e filhas, adultos-crianças, membros familiares consanguíneos ou com laços de parentescos próximos. Os conceitos e as teorias sócio-antropológicas se tornam produtos de reserva ou de domínio apenas de um grupo tradutor da escrita, de apropriação tão somente de professores, alunos e cientistas sociais membros das academias, cujos efeitos não impactam em processos educativos das massas desinformadas, desorientadas dos princípios regulares impostos pelo tabu, no sentido de formar e fortalecer a coesão social necessária, a tomada de consciência individual e

coletiva mediada por essas estruturas produtoras de conhecimento importantes mas que estão a desejar. Não há tradução do conhecimento científico, erudito, formal para o saber prático que esteja ao alcance da população menos letrada, para compreensão da totalidade dos indivíduos interessados no assunto. E por isso, não impacta sobre a realidade cotidiana das famílias, das populações múltiplas que vivem na empírica dos fatos reais, como deveria ser parte da cultura familiar socializada, transmitida e falada abertamente de geração em geração. O conhecimento científico sem tradução para a sociedade geral, serve para que e para quem? Não se justifica manter-se guardado ou invisibilizados nas prateleiras das universidades. É preciso inverter esse quadro e oferecer informações seguras para o entendimento claro sobre a violência do incesto, que finalmente esteja conectado à cultura e à estrutura cognitiva de cada pessoa.

A socialização esclarecedora sobre as regras do tabu do incesto dentro da família responsável pela educação sexual dos membros em conjunto com a escola precisa ser introduzida com urgência e internalizada com segurança para produzir os necessários efeitos e mudanças positivas na orientação dos membros imaturos e em desenvolvimento. Sem mexer nessas estruturas não haverá mudança nem solução do problema do incesto. A racionalidade weberiana não falha, uma sociedade com elevados índices de vítimas domésticas predadas sexualmente dentro das famílias é certo que por detrás das atitudes há intenções masculinas bem preservadas, tanto que existe um número alarmante de agressores fazendo vítima durante séculos e continuam espreitando oportunidades dia e noite. A proteção de crianças e adolescentes imaturos depende da orientação das mães e das mulheres adultas reconduzirem essa nefasta realidade familiar, preparar seus filhos para se proteger dos predadores sexuais espalhados na sociedade que também estão dentro de casa.

E assim produzir tradução pedagógica e criar mecanismos práticos, protetivos e compreensíveis que reforce a cultura do impedimento do sexo incestuoso contra crianças e adolescentes principalmente. A vigilância parental é preciso constar na agenda familiar e na mentalidade coletiva utilizando estratégias pedagógicas para o fortalecimento da cultura do cuidado ético e a desnaturalização das violências invisibilizadas no âmbito doméstico.

As contribuições desta pesquisa sirva também para esse fim, produzir novas reflexões com vista nos conhecimentos empíricos e científicos como possibilidade de novas práticas pedagógicas, educativas e técnicas que produza resultados positivos para a vida individual e coletiva da sociedade brasileira. Que ajude no desmantelamento da estrutura masculina operante na cultura das

violências nos lares, creio ser essas as possibilidades de enfrentamento direto, que seja objeto de interesse da sociedade e da agenda governamental enquanto ações de políticas públicas.

O assunto e o tema exaustivamente discutido, investigado e colocado à prova nesse trabalho, corresponde a realidade das participantes vitimadas, das famílias afetadas e os agrupamentos familiares desse país. Também, como uma resposta e alerta aos predadores dos lares que não se achem tão protegidos como o imaginado, estão sim expostos tanto quanto suas vítimas. O esforço aqui foi o do trazer luz para as questões levantadas, embora careça do aprofundamento contínuo apesar das contribuições das demais pesquisas conectadas a esta que ajudaram na compreensão do problema, mas não descarta a necessidade de reflexividade múltiplas, estudos interdisciplinares com críticas e discussões sobre o tema e o assunto com o intuito de construir sensibilidades, mudanças de condutas, comprometimento individual e coletivo, políticas públicas no combate ao silêncio do medo, a vergonha da vítima e os tabus produtores de efeitos negativos para os grupos vitimados e a sociedade toda.

Somente assim, as mulheres mães desse país, as crianças e adolescentes vulneráveis tenha a chance de se proteger de forma consciente por serem os principais alvos de predadores perigosos. Que a educação sexual sobre corpo e sexualidade familiar seja forte e positiva, capaz de inverter as cargas negativas dos tabus, em correntes positivas, coesas e favoráveis ao grupo.

Nas narrativas das entrevistadas essa dificuldade fica clara, a ausência de formação e orientação sobre a vida sexual dos membros, sobre as mudanças naturais do corpo e a transformação da intimidade das filhas, tais negligências contribuíram para a manutenção de atividades incestuosas dentro do grupo e a perpetuação das violências. Então, esses assuntos são considerados necessários suas discussão e esclarecimentos educativos dentro da família, os tabus no âmbito familiar reforça o comportamento predatório do pai-agressor e o descomprometimento da mãe igualmente vitimada. Certamente, foi o que facilitou a manutenção do controle e da dominação do pai-predador em manter suas filhas sob silêncio durante décadas, talvez, algumas delas se mantenha calada até os dias atuais.

Os resultados da pesquisa mostra isso e aponta a necessidade de refletir a questão de gênero, de corpo, de sexualidade e o incesto familiar na perspectiva da formação de grupo, da mulher e da cultura familiar com urgência, devendo esses fazer parte da agenda informal e do dia a dia entre mãe e filhas(o). Do processo de formação de meninas e meninos, de jovens e mulheres como conteúdos indispensáveis para a vida. Desde a fase inicial de uma criança ou adolescente em

preparação para a vida adulta, independentemente da classe social de pertença, da religião e crença, da raça e etnicidade, do nível de formação e letramento, todos os seres humanos deveriam aprender sobre o próprio corpo e sua sexualidade enquanto processo civilizador e integrante do desenvolvimento pessoal, que independe da própria vontade. Assim servindo como meio de proteção e vigilância social em meio a coletividade, o desenvolvimento da cultura do cuidado de uns para com os outros conectados a força maior enquanto sociedade livre de violências domésticas.

Treinar os olhos femininos para identificar sinais de predadores incestuosos com quem compartilham a vida familiar, muitas mulheres e mães responsáveis pelos filhos não conseguem perceber os riscos dentro de casa. É preciso sair da zona de conforto e estudar o funcionamento e a mentalidade masculina, os comportamentos de riscos, as estratégias criadas por agressores domésticos que agem com perícia e camuflagem.

Diante dos resultados da pesquisa fica claro que as regras do tabu do incesto nada tem a ver com os interesses do mundo feminino ou a proteção da violação sexual de criança, adolescente e mulher, é sim uma invenção criada por grupos homogêneos formados por homens intencionados em manter a exclusividade sexual com suas vítimas dentro de um ambiente restrito, a família. Finalmente, o incesto é um produto criado por homens sem a participação feminina, embora ela seja o objeto de interesse e alvo principal, mas estar de fora dos esquemas dominantes. Isso prova o quão os homens mal intencionados estão envolvidos com essa cultura, regras criadas por eles, grupos também controlados pelos mesmos homens predadores que se protegem. Aqueles, porventura, que estão fora do esquema mental e social do grupo privado, sofrem a desvantagem sexual, por isso pode cobiçar mulheres alheias e invadir o território controlado por outro predador, assim as regras protege homens e evita disputa com outros.

A tradução das regras, a reflexão profunda em torno de seus efeitos, a desmistificação da mentalidade masculina e a desnaturalização das práticas são pontos de grande importância na continuidade do estudo. As mulheres precisam sim construir novas possibilidades e canais seguros que produzam mudanças de comportamento individual e coletivo dentro de seus grupos familiares, das instituições sociais e da sociedade geral. A mulher-mãe, a família-escola na forma individual e na coletividade são capazes de transformar o mundo a partir do seu.

Se uma mulher-mãe treinar seu olhar e adquirir hábitos de observação avançada dentro das relações e intimidades familiares, na convivência entre marido-pai e filhos, a captura de sinais

predatórios fica mais fácil de identificação. Esse modo de proteção dos filhos é fundamental, uma vez que o processo formativo-educativo da prole quase sempre depende dela. É isso, se não quiser ser vítima doméstica, nem permitir que crianças e adolescentes tenha o mesmo fim, é preciso mudar de percepção ingênua ou cúmplice para se reposicionar no lugar ocupado dentro da família e assim repensar o papel de esposa-mãe dentro da sociedade, passando a observar mais e bem de perto o comportamento do marido, pai, companheiro, namorado ou qualquer homem que se aproxime da vida em família. A mentalidade e as atitudes masculinas pode ser modificadas com o tempo se as mulheres mudarem também suas condutas e comportamentos sobre os filhos. Afinal, toda criança [homem ou mulher] nascida no mundo depende de uma mulher. É ela quem alimenta, cria e educa desde o útero, da amamentação à vida adulta é a mãe quem mantém o vínculo mais forte com o filho. Muita coisa na vida de uma pessoa depende dela, desde a formação primária responsável pelo direcionamento das condutas, do caráter e todos os estágios da vida. Contudo, homens dóceis e homens violentos, machistas, abusadores também tiveram ou tem uma mãe por detrás de suas atitudes. São homens violentos filhos de mulheres violentas? Machistas, agressoras e abusadoras? Como explicar a natureza e as praticas de homens violentos, abusadores e estupradores descolado da cultura materna? Talvez, essa incisão ou neutralidade não seja possível fazer, é preciso refletir todos os polos de congruências dessa realidade concreta.

O alerta é para a falsa ideia que todo pai é protetor de seus filhos e da família, essa não é uma realidade plena, é sim bastante relativa. As estruturas ideológicas mantenedoras do funcionamento dos grupos familiares e da coletividade brasileira precisam ser remexida no lado de dentro das instituições formadoras da nação, família, escola, trabalho, estado, política e outras estruturas sociais, se comprometer com as alianças e a nova ordem do pensamento cultural de forma positiva, fortalecer a coesão social no combate à cultura das violências domésticas e incestuosas entre indivíduos, como uma condição para a liberdade e dignidade humana. Fora disso, resta-nos a condenação do caos e as violências generalizadas.

Por fim, aqui encerro a discussão sobre o segundo pressuposto onde discuto um conjunto de elementos considerados importantes nesta tese. Em seguida apresento três quadros sínteses com informações chaves analisadas nas categorias principais deste capítulo V, com foco no perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto cultural das entrevistadas; sobre as características das práticas de violência doméstica e incesto familiar; e as memórias representativas e significativas analisadas nas atividades criativas das participantes. É o que disponho abaixo.



5.13 SÍNTESE DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS

a) Quadro 1 - Perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto cultural

Identidade e origem familiar			Trabalho infantil	Idade e motivos da saída de casa.	Vida conjugal	Quant. de filhos	Escolaridade	Profissão/ função
idade	lugar de origem e nascimento	pais biológicos/ profissão						
Entrevista n.01 Filha	34 anos	M./ Pe	Iniciada aos 7 anos de idade na produção agrícola do pai-agressor. Exploração do trabalho forçado.	Aos 14 anos. Exploração do trabalho infantil. Violência doméstica, maus-tratos e abuso sexual incestuoso praticado pelo pai biológico.	Separada do pai dos filhos. Há aproximadamente uma década possui relacionamento homoafetivo.	Um casal de filhos adolescentes (menino com 12 anos e a menina com 10).	Alfabetizada aos 27 anos de idade. Possui ensino médio e cursos técnico. É vigilante e bombeira civil. Quando criança não teve oportunidade de estudar.	Desempregada
Entrevista n.02 Mãe	66 anos	Macicoaba - Engenho da P. de Pernambuco	Iniciada aos 5 anos na roça com o avô.	Aos 8 anos de idade. Abandono dos pais, maus-tratos e espancamentos da madrasta-avó.	Separada do pai dos filhos há mais de 10 anos, continua sozinha.	6 homens, 4 vivo e 2 falecidos, um morreu com 5 mês e o outro aos 27 anos, morte/violenta. 10 mulheres vivas. 3 abortos. Total: 19 gestações.	Estudou Mobral aos 25 anos. Alfabetizada	Aposentadoria rural

Referência familiar	Referência comunitária	Crença e religião	Percepção de classe social	Percepção de raça
Entrevista n.01 Filha	IRMÃ MAIS VELHA, por ser formada, ter estabilidade profissional, ser suporte para orientar a família e ajudar nas necessidades.  MÃE - é exemplo total, em todos os sentidos. Colo, base, carinho e afeto, respeito.	Não tem referência comunitária.  <i>1- uma pessoa infelizmente não tenho. Só mesmo os irmãos mais velhos, a minha mãe e acho que é só.</i>	Católica não praticante  Classe social baixa – parte da mãe. Família pobre.  Classe social alta – parte do pai. Família rica.	Mãe (negra e índio) e pai branco. Filha miscigenada
Entrevista n.02 Mãe	AVÔ PATERNO <i>1- Na minha infância o que eu tinha mais importante pra mim era meu avô. Foi que me criou pai do meu pai. Porque ele era muito bom pra mim e só me ensinava coisa boa. Que pena que ele morreu, eu tinha 6 anos.</i>  FILHOS <i>1- eu era sozinha no mundo e Deus me deu uma família pra mim. Abaixo de Deus é os meus filhos. Família é muito importante pra mim. É tudo pra mim minha família.</i>	Não tem referência comunitária.  <i>1-já faz uns 40 ano que eu vivo em M., todo mundo me considera. Todo mundo sabe que eu sô uma pessoa boa, trabalhadeira, direita.</i>  <i>2-sô uma pessoa muito feliz com meus filho. Meus filho me acolhe, meus filho me ama, meus filho cuida de mim e pra mim, eu sô a mulher mais feliz da minha vida.</i>	Católica de formação. Crença e pratica evangélica.  Classe social baixa – família pobre.	Avô paterno branco. Avô materno negro (notícia de terceiros). Pais biológicos desconhecida a cor de pele.

Fonte: Azevedo (2018).

## b) Quadro 2 - Características das práticas de violência doméstica e incesto familiar

Inicição sexual – 1º abusador - Perda de virgindade						Violência doméstica na família de origem e incesto		
	idade	Local dos abusos/estupros	Autor/idade	1ª gravidez idade	Agressor é pai biológico dos filhos?	Local	Tipos	Quem praticava
Entrevista n.01 Filha	14 anos	Ambiente de trabalho doméstico.  Função: babá.	Pai de sua patroa, 58 anos de idade. Era casado.	22 anos.	Não. A filha não se percebe abusada pelo 1º “namorado”. Somente pelo pai biológico.  <i>Ele já era maior de idade, tinha sessenta e poucos, 58 anos, então eu me envolvi com ele e perdi minha virgindade com ele. Foi 1ª namorado.</i>	Casa dos pais biológicos	Exploração do trabalho infantil, agressões físicas, maus-tratos, abandono de incapaz, abuso sexual, pressões psicológicas, ameaças, condições precárias (fome, nudez, moradia ruim). Impedimento de frequentar escola para trabalhar, proibição de namoro.	Pai biológico
Entrevista n.02 Mãe	12 anos	Ambiente de trabalho doméstico. Função: Serviço, Empregada doméstica e babá.	Patrão, 22 anos. Casado com 2 filhos pequenos.	13 anos	Sim	Casa do avô paterno	Abandono de incapaz, exploração do trabalho infantil, maus-tratos, agressões físicas, psicológicas.	Pais biológicos e madrastra-avó.

Características das violências doméstica e incesto na convivência do agressor com a vítima		Preferência do agressor pelas vítimas	
Entrevista n.01 Filha	Contra a família constituída	Incesto contra as filhas	Criança menino (filho)
			Criança menina (filha)
	Abandono dos filhos pequenos pelo pai biológico, traição conjugal, risco de sobrevivência da família, privação financeira. Negligência de pensão alimentícia.	Não houve do pai biológico contra os filhos, mas sim tentativa do avô-agressor.	Moeda de troca. Visita esporádica em troca de pensão. Alienação parental. Abandono.
Entrevista n.02 Mãe	Abandono dos filhos pequenos pelo pai biológico, traição conjugal, risco de sobrevivência da família, negligência de pensão alimentícia.	Abusos, sedução, afastamento das filhas do grupo, invenção estórias/mentiras, estupro, frequência a motel, silêncio mantido pelo medo, ameaças de morte, afastamento da escola e da comunidade. Proibição de namoro, ciúmes, controles, conflitos, competição, maltrato, obediência das ordens, agressões e espancamentos.	Adolescentes meninos
	Espancamento e agressões físicas graves da mãe e filhos, violência sexual (estupros), fome, nudez, moradia precária, exploração do trabalho pesado adulto e infantil, ciúmes, ameaças de morte, maus-tratos. Sequestro dos filhos bebês, privação financeira total, medo, tocaia.		Adolescentes meninas (filhas)
			Exploração do trabalho pesado, uso da força para produção financeira. Exploração sexual incestuosas privada e trabalho doméstico.

Fonte: Azevedo (2018).

c) Quadro 3 – Memórias de representação e significado das figuras criativas

Memórias, representação e significados			
Infância-adolescência		Adolescência-vida adulta	
Entrevista n.01 Filha	<b>Aspectos positivos</b> Brincadeiras infantis com os irmãos, amizade e afeto entre si, proteção, cumplicidade, respeito e convivência com a mãe.	<b>Aspectos negativos</b> Presença do pai-agressor no ambiente de circulação e moradia da família.	<b>Aspectos negativos</b> Nascimentos dos filhos. Convivência afetiva com a família (mãe e irmãos).  Vergonha do pai biológico, medo, afastamento. Constrangimento da comunidade de origem em função do vínculo de sangue com o agressor.
Entrevista n.02 Mãe	Convivência com o avô paterno e primos. Brincadeiras infantis, banho de rio, subir em árvores, pescaria, comer frutas, mel. Amigas. Vida no Engenho.	Convivência com sua madrasta-avó e falecimento do seu avô.  Ter muitos filhos e formado uma família grande.	Medo do agressor. Ausência dos filhos pela distância territorial.

Fonte: Azevedo (2018).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO

Como bem observa Clastres, “[...] as exigências do pensamento científico se movem no universo da partilha”, e se concretizam como possibilidades de fazer ciência dentro desse pensamento científico reconhecido. (CLASTRES, 1968, p. 89-90). Clastres me leva a acreditar que este estudo realmente esteve do começo ao fim produzindo ou procurando produzir um pensamento científico com diferentes reflexões e críticas. Pelo menos foi canalizado um esforço, deliberada energia para construir um pensamento consistente e comprometido que ajude a refletir e explicar a estrutura e a dinâmica das violências múltiplas no habitat familiar posto à prova.

Ao mapear a realidade identificando as características das violências domésticas a partir de teorias, conceitos e dados empíricos pensados cientificamente, a meu ver, isso já é uma contribuição válida e importante para a comunidade científica e a sociedade brasileira carente dessa reflexão.

Para chegar até aqui, foi preciso antes de tudo fazer uma longa viagem intelectual e prática com paradas diversas em diferentes campos do conhecimento teórico e empírico para poder pensar o tema e o problema levantado nesta pesquisa. O trajeto foi longo, de difícil trânsito, mas também rico o bastante pelas experiências compartilhadas. Muitas experiências foram acumuladas e obstáculos superados cotidianamente, mas entendo que a diversidade do campo faz parte do ofício. Creio que sejam características comuns vivenciadas por inúmeros pesquisadores desse país que fazem pesquisa no mesmo campo de atuação.

Contudo, a organização geral do trabalho foi distribuída em cinco capítulos (partes), sendo que na última parte, além dos três momentos das entrevistas roteirizadas pela pesquisadora, as três categorias de análise (objetivos) construídas a partir dos conteúdos das narrativas, foram também organizadas em quatro fases.

Primeiramente, parti com a apresentação do planejamento detalhado da pesquisa para mostrar e dizer o que pretendia fazer durante esses quatro anos dedicados a esse estudo. Cronologicamente parece ser muito tempo, mas diante do universo imerso, foi curto e até insuficiente. Mas, na primeira parte-capítulo defini os métodos, a epistemologia base, o detalhamento do problema e objetivos incluindo o caminho metodológico a ser seguido e o campo a ser construído no passo a passo. Todos os procedimentos formais e informais foram minuciosamente expostos e detalhados, os instrumentos utilizados, as ferramentas tecnológicas de

acesso, o roteiro, as técnicas de coleta de dados, o cronograma de transcrição dos dados, a organização, o modo de categorização até chegar à análise. Todo esse traçado fez parte do primeiro capítulo, e ao mesmo tempo foi aprofundado com o apoio de uma significativa linhagem de metodólogos que ajudaram a pensar e colocar em prática o empreendimento acadêmico. No sentido figurado, nada mais do que o coração da tese em termos de centralidade do pensamento e foco.

Na segunda parte, dei lugar a outras experiências, os achados com o levantamento de dados quantitativos, numéricos e estáticos que apontam a problemática da violência doméstica e o incesto familiar no Brasil de forma nua e como uma realidade alarmante no cenário macro social. Transitei por vários canais inventariando informações oficiais, abrindo arquivos diversos com diferentes aspectos sobre a realidade mostrada quantitativamente, se é possível se mostrar em número, mas olhei para os indicados e registrados nos estudos qualitativos. Ainda li e reli as poucas pesquisas qualitativas sobre o tema e o problema realizadas no país. Nesta etapa fui produzindo reflexões a partir dos dados quanti-qualitativos.

Na sequência, o terceiro e o quarto capítulo abriram o campo para o aprofundamento do tema e das questões de pesquisa nas diferentes perspectivas e aproximações teóricas. As reflexões e contribuições da educação foram conectadas à estrutura cultural, alinhando o eixo central do trabalho com foco nos aspectos da realidade das entrevistadas, suas experiências e trajetória pessoal, objeto do estudo. O pensamento da educação se conectou às reflexões e discussões sociológicas, antropológicas e da psicanálise, onde teorias e conceitos clássicos e contemporâneos ajudaram fortemente na discussão das categorias teóricas envolvendo cultura, família patriarcal e genealogia, honra e vergonha, relações de violência intrafamiliar, conflito e controle; ruptura e oposição, conceitos de incesto, entre outras relações fundamentais que deram a base para o trabalho. Tudo como preparatório para chegar ao quinto capítulo, onde os resultados das narrativas e o conjunto de dados foram apresentados, discutidos e analisados à luz das teorias e da realidade empírica.

No quinto capítulo, os conteúdos foram organizados em três momentos da entrevista, em função do volume de narrativas levantadas no campo. Cada momento centrou-se numa categoria de análise a partir dos objetivos da pesquisa, que foram subdivididas em fases sequenciadas por itens identificados por letras alfabéticas e numéricas. Sendo assim, o capítulo cinco compôs-se de quatro fases.



Na primeira, apresentei e discuti os conteúdos sobre o perfil pessoal, sócio-familiar e o contexto cultural das entrevistadas. Na segunda, as características das práticas de violência doméstica e o incesto familiar. Na terceira fase, as memórias, representação e significados das entrevistadas e na quarta, os pressupostos, as possibilidades da Educação e as considerações finais, como fechamentos do enredo geral.

Mas, vale a pena dizer que os capítulos desta tese produziram um apanhado de coisas refletidas e discussões inquietantes com efeitos profundos. Ao pensar o tema, o problema, os objetivos transitando por diferentes teorias e metodologias, lembrei da imaginação sociológica que Wright Mills (1982) se refere em sua obra. O tempo todo pensando como estruturar e colocar em condições de análise uma quantidade de dados com essa multiplicidade de eventos e natureza sem perder o foco, e a partir deles instaurar um constructo teórico que passasse pelo campo e permanecesse dentro dele até encontrar o objeto. Um outro mundo de encontros planejados minimamente, mas com surpresas e inesperados acontecendo ao mesmo tempo.

Repetindo o dito popular, a ficha não caiu. Quero dizer que essa não foi uma imaginação ou artesanato intelectual-prático de fácil manejo e construção. Foram muitas as experiências agregadas à grande experiência de produzir uma tese, um trabalho com essa dimensão e natureza. E no final de tudo, ainda estar viva apesar da sentença de quase morte do corpo físico e apagamento da energia mental. Para não esquecer que todas as experiências observadas, sentidas e vividas no campo e fora dele, muitas coisas encontradas no caminho foram vencidas ou superadas. Cercas de pontas agudas impedindo passagem, muros erguidos, desvios, afazeres multiplicados e eventos de toda ordem estiveram na mesma direção. Um desafio a cada instante (dias sem noites, incertezas, solidão, isolamento, alegrias silenciosas, tristezas mudas, dores no corpo físico pela imobilidade, ...), tudo misturado numa lista classificatória em conflito que fez parte do crescimento do trabalho.

Foi entrando e saindo do campo de combate que estabeleci acampamento, encontrar-me com as participantes da pesquisa e com elas experienciar novas etapas. Posto em movimento os afazeres compartilhados, num instante a família significava para elas um lugar de relações afetivas, fortes, de segurança, acolhimento, proteção mútua e amor na convivência estabelecida entre mãe e filha, e o restante do grupo. Num outro, e ao mesmo tempo em que observava a dinâmica em detalhe, pude enxergar também o lado da realidade vivida num ambiente hostil, impiedoso, cheio de riscos, medos, agressões, violências e conflitos permanentes, principalmente quando os

membros e o grupo eram surpreendidos com a presença do agressor dono da casa, do corpo-sexo de cada um(a), e finalmente das vidas controladas.

Afinal, a família para ele representava tão somente uma fábrica de atividades bem-sucedidas, um laboratório para fabricação de filhos, de práticas libidinosas mantidas à base de violências privadas, e assim garantir seu prazer sexual sem vínculo afetivo com ninguém. O abrigo da prole era o seu lugar preferido de diversão sexual e de exploração do trabalho forçado, que se aproximava para ver o sofrimento dos filhos e ao mesmo tempo se afastava para testar até onde resistiriam.

Um ambiente rigorosamente protegido, vigiado e guardado com força de arma de fogo e capaz de tocaia. Ninguém podia se aproximar do território controlado fornecedor de produção lucrativa e sexo farto com exclusividade. A família se transformou num parque de lazer onde um homem treinava suas táticas de dominação colocando em prática sofisticadas estratégias na direção das vidas dependentes, desprotegidas, maltratadas, ...

O corpo físico da prole e o sexo da mãe e das filhas adolescentes tinha valor de moeda de troca de fácil negociação e acesso. Em troca de trabalho e sexo oferecia o espaço de moradia precária e alimentação racionada como condição de sobrevivência, caso contrário seriam jogados no mundo. Já que a força produtiva do grupo resultava em lucro financeiro rentável e, ao mesmo tempo, podia praticar suas aventuras prazerosas sem sofrer grandes resistências no ambiente sem saída, eram filhos, filhas e mãe fracas e subordinadas. Sendo ele o marido-pai “chefe” de família podia também praticar os abusos à vontade, estupros e toda ordem de atividades violentas na hora que quisesse ou desejasse obter prazer.

Era ele quem detinha a posse restrita do corpo e do sexo frágil de todos. Para controlar o fluxo usava da força física, espancamentos, agressões, maus-tratos, abandono, fome, nudez, escravidão privada disfarçada de pai de família. Planos colocados em prática por décadas. Foi assim que agiu o agressor até destruir a família por completo. Por último, sobrou uma mãe agonizando e dois filhos caçulas pequenos que também foram expulsos do ambiente pelas mesmas violências.

Estou falando de duas vítimas entrevistadas ouvidas em profundidade, membros de uma extensa família e dominadas por um agressor que representa os milhares espalhados no país, que nesse exato momento estão mantendo milhões de outras vítimas sob seu domínio, escondidas em lares-prisões, sob o silêncio imposto com ameaça de morte em ambientes onde ninguém tem acesso nem pode ver o lado de dentro.

Assim como milhares de agressores familiares, este pai abusador da família em estudo também foi capaz de quebrar as regras do tabu do incesto durante gerações de filhas, com a mesma intenção de seus iguais, violentar sexualmente as filhas, praticar incesto e naturalizar a cultura das violências domésticas no ambiente privado. E dentro dele mutilar corpo e sexo de suas vítimas por meio de relações de intimidades desautorizadas, permissivas, perigosas, criando traumas e danos em suas vítimas para o resto da vida. Tudo de forma planejada e consciente de seus atos.

Feliz pela realização desse trabalho e infeliz pela dura realidade encontrada, observada, registrada e analisada tão de perto. Mas esse era o propósito da pesquisa, mostrar a real arquitetura e a estrutura, o funcionamento e a dinâmica, as características e as camadas das violências domésticas e do incesto que estavam misturados com a vida cotidiana das participantes e de sua família.

Tomo este como um exemplo de produção de conhecimento rico, de crescimento profissional e pessoal, com novas experiências e aprendizagens sobre o mundo das vítimas afetadas por violências intrafamiliares e incesto. Os acontecimentos familiares foram narrados face a face, explorados em detalhes, vistos por vários ângulos sobre a mesma realidade manifestada de formas diferentes e complexas. Realidade multiplicadora de memórias difíceis de serem faladas e, também, de serem ouvidas. Mas, não foi somente a vida das vítimas e da família que foi mostrada nesse processo mosaico fixado à mão, aconteceu a também derrubada das máscaras do um homem agressor dissimulado durante décadas, que se resguardava no poder de dominação à base da força e da violência fabricada.

A exposição das faces camaleônicas reveladas em cada momento de narração mostrou quem é o pseudo e falso pai, marido que agia dentro da família e sobre os membros. As narrativas, além de comunicar a realidade, também são denunciatórias de crimes e da capacidade inesgotável do sujeito portador dessa natureza. Revelou-se o disfarce da aparência social e foi possível o desmantelamento dos mitos que camuflam homens-monstruosos vestidos de supostos pais, maridos, donos de família que vivem colecionando vítimas a vida inteira. A montagem falsa desmoronada revela os verdadeiros leviatãs domésticos. O tipo de homem agressor e predador sexual foi mostrado e provado nos depoimentos narrados pelas próprias vítimas. As subjetividades narradas com base nas experiências vividas por cada participante, revelaram a dimensão, os aspectos e as características das violências domésticas e sexuais incestuosas que afetaram negativamente as participantes e todos os membros da família, exceto o agressor.

Mas a dinâmica e os detalhes das violências privadas, não foram expostos na primeira tentativa de abordagem, principalmente por parte da mãe, houve sim resistências em revelar os acontecimentos mais complexos. Foi preciso ir devagar, profundando o tema a cada momento da entrevista, aproximando a vítima da realidade com o devido cuidado. E em cada questão levantada olhar atentamente e de perto para o conjunto de informações e coisas sendo ditas quase sempre misturadas e confusas. Mesmo assim, criar condições para enxergar o teor, os sentidos, significados das mensagens, os códigos e sinais capturados e não capturados pelo equipamento de registro para pensar outros ângulos, com outras lentes e metodologias diferentes. Somente assim foi possível verificar os sentimentos implícitos em cada conjunto narrado, que ainda estavam ocultos.

Os resultados da pesquisa foram de muita surpresa, inesperados e espantos. Falo da quantidade de conteúdos carregados de percepções, subjetividades, questões complexas para uma, e simples-normais para outra, coisas de toda natureza envolvendo corpo, trabalho, sexo, experiências, aspectos múltiplos sobre as violências domésticas e sexuais vividas pelas participantes e pelo grupo consanguíneo.

O mais surpreendente foram os resultados dos conteúdos decodificados pelo software Nvivo utilizado no primeiro e segundo momento da pesquisa. Quando revelou as opiniões, percepções e sentimentos entre mãe e filha em direções opostas com relação ao conjunto de conteúdos sobre as mesmas realidades-questões vivenciadas na família. Conteúdos com mensagens positivas ou negativas sofreram oscilações quando postos em comparação. Apesar do contexto de referência familiar ser o mesmo, assim como as experiências de violência vividas semelhantes, foram impactadas e sentidas na vida pessoal de formas diferentes. Embora, em alguns momentos, foram tão somente repetidos, reproduzidos em tempos diferentes da vida, percepção da mãe caminhou em oposição à da filha.

O dado com carga negativa do ponto de vista da mãe não representou sentimento negativo como se esperava, em comparação com a filha. O assunto temático seguindo no roteiro das entrevistas, produziu narrações de conteúdo, analisados sem codificação tecnológica, que apontaram para um ângulo. E os decodificados tecnologicamente demonstraram outros aspectos relativamente novos. Os dados não decodificados foram organizados e definidos como categorias e subcategorias de análise no modo tradicional. Os decodificados foram definidos automaticamente como conteúdos muito positivos, moderadamente positivos, neutros, negativos e moderadamente negativos. A finalidade do teste era medir o grau de sentimentos, representação e significação dos

signos para as participantes com relação aos impactos produzidos, dada a realidade social-contexto, o habitat e o ambiente de referência das entrevistadas.

Os resultados surpreenderam porque as narrativas com teores negativos para a mãe, não significaram sentimentos negativos, pelo contrário, o dado negativo oscilava entre neutro, moderadamente positivo e às vezes moderadamente negativo. O narrado pela mãe revelava um tipo de mensagem com sentido oposto em termos de sentimento pessoal. Enquanto que para a filha, os conteúdos acompanharam o sentido representado de forma clara. Nas narrativas da mãe, fora do Nvivo, seus sentimentos estiveram ocultos.

E isso, produziu um momento de novas reflexões e análises em função dos olhares relativizados detectados na decodificação a partir do uso do software Nvivo 11. Com as ferramentas do programa, o olhar da pesquisadora foi aumentado com lupas tecnológicas, onde outras metodologias produziram espantos e surpresas. Um dado que não se esperava.

Contudo, posso afirmar que a mãe sofreu um processo de naturalização das violências doméstica e sexual pelo seu próprio agressor desde os seus 12 anos de idade, um homem violento que também se tornou o agressor da família e abusador sexual incestuoso de suas filhas adolescentes. De tal modo, que a mãe-entrevistada n.02, a matriarca biológica do grupo, internalizou a complexa problemática da violência doméstica e sexual como se fosse um acontecimento corriqueiro do cotidiano, atos que fazem parte da vida em família. Pois, o homem-marido e pai da prole é quem decide e manda principalmente na vida da mulher, incluindo as filhas. Uma percepção totalmente diferente da sua filha-entrevistada n.01. Razão pela qual se posicionou nas narrativas com repúdio e reação negativa contra qualquer prática de violência dessa natureza, principalmente se for praticada por pai ou membros da família. A violência doméstica e o incesto familiar produziram na filha reação imediata, além de ser interpretado como ato proibido com força de pecado.

Diante dos resultados da pesquisa, reitera-se a necessidade de continuidade de estudo e investigação da problemática das violências perpetuadas na família. Surgem novos questionamentos sobre o tema e novas reflexões carentes de respostas.

Será que a dificuldade de dismantelamento da estrutura das violências doméstica e sexual incestuosa perpetuadas no Brasil, perpassa pelo processo cognitivo das vítimas com força de naturalização? É uma estrutura que não se abala nem se modifica por que os agressores estão alimentando suas operações mentais, pelo controle, dominação, com impactos culturais dentro dos

lares e mais fortes que a própria sociedade? Por que as vítimas resistem em expor a problemática e modificar a mentalidade masculina introjetada na feminina? Ou a mentalidade violenta de homens agressores é mantida por mulheres machistas que produzem e mantêm seus próprios algozes na convivência cotidiana? O que leva a mulher-mãe e a família a adaptar: mente, corpo e sexo às violências masculinas dentro dos lares? São muitas as questões pensadas a partir dos achados nesta pesquisa, e digo mais, estão longe de seu esgotamento. É um estudo da educação de natureza interdisciplinar que também requer novas fases para pensar em planejamento de ações interventivas-educativas multidisciplinares. E principalmente a continuidade desta pesquisa com novos desdobramentos do assunto temático.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA JÚNIOR, José O. **Georg Simmel e o conflito social**. Disponível em: <[http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=162&catid=54&Itemid=114](http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162&catid=54&Itemid=114)>. Acesso em: 08 de dezembro, 2015.
- ANGST, Rosana. **Habilidades sociais e resiliência em acadêmicos de licenciaturas**. 108 f. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. et al. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**. MARQUES, Maria Aparecida Barbosa (Org.). Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- AZEVEDO, Josefa Janete de. **As faces da violência doméstica familiar: do estupro ao abandono**. 143f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Ciências Sociais), Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2018/02/Monografia-Josefa-Janete-de-Azevedo-090517.pdf>>. Acesso em: 29 de abril, 2017.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo (Orgs). **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pele de asno não é só história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família**. São Paulo: Rocco, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A vitimização sexual doméstica de crianças e adolescentes**. In: Violência Doméstica contra crianças e adolescentes. Maria Aparecida; Barbosa Marques (Orgs.), Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2005, [2009].
- BASTIDE, Roger. **Sociologia e psicologia**. In: Tratado de Sociologia. 2ª ed. Trad. Rui Grácio. Presses Universitaires de France-Paris. Iniciativas: 1964. (v. I).
- BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BAUER, Martin; AARTS, Bas. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BENINI, Maria Carolina Madeira. **Categorias das atuações incestuosas: funcionamento familiar e psicanálise**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2012.



- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CAMPBELL, John Kennedy. **Honor, family and patronage**. Oxford: University of Oxford, 1964.
- CANDIDO, Antônio. **A família brasileira**. In: SMITH, T. Lynn & MARCHANT, Alexander (orgs.). Brasil: retrato de meio continente. Nova York: The Dryden Press, 1951.
- CLASTRES, Pierre. **Entre silêncio e diálogo**. In: Lévi-Strauss. São Paulo: Documentos, 1968.
- COHEN, Claudio. **O incesto um desejo**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 1993.
- CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. In: Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil. 3ª ed. Campinas-SP: Unicamp, 1994.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3ª ed. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DA MATTA, Roberto. **A família como valor**: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. M. et al. (Orgs.) Pensando a família no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.
- D'ARÓZ, Marlene Schussler; STOLTZ Tania; MARTINS, Paula Cristina Marques. **Pobreza, família e direitos humanos**: um diálogo entre mulheres-mães no Brasil e em Portugal. Contemporâneos – Revista de artes e humanidade, n. 17, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ELKIN, Frederick. **A criança e a Sociedade**: o processo de socialização. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.
- FERREIRA, Pinto. **Sociologia: tomo I**, Rio de Janeiro: Editor José Konfino, 1955.
- FONSECA, Claudia; CARDARELLO, Andrea. **Família e parentesco**. Sociologia: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 15).
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Trad. Maria Tereza da Consta Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos e Escritos vol. V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **A vida dos homens infames.** *In:* Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber. Trad. Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder.** *In:* DEYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michael Foucault uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

\_\_\_\_\_. **Os corpos dóceis.** Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Soberania e disciplina.** *In:* Microfísica do poder. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRATESCHI, Yara. **Estado e direito em Thomas Hobbes.** *In:* Curso de Filosofia política: do nascimento da filosofia a Kant. São Paulo: Atlas, 2008.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **A sedução e suas consequências imediatas [1918].** *In:* Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. **Carta 69 [21.09.1897].** *In:* Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. I. Rio de Janeiro: Imago, Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. **Carta 71 [15.10.1897].** *In:* Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. I. Rio de Janeiro: Imago, Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. **Totem e Tabu.** *In:* Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, Brasileira, 1975.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Ed. 21ª, Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

\_\_\_\_\_. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed., São Paulo: Global, 1963, [2003], [2006].

\_\_\_\_\_. **Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil - decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano.** *In:* Sobrados e Mucambos. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FROMM, Erich. **Anatomia da destrutividade humana.** 2ª ed. Trad. Marcos Aurélio de Moura Matos. Zahar: Rio de Janeiro, 1979.

GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora Silva. **Filhos & vítimas do tempo da violência**: a família, a criança e o adolescente. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

GEORGE, Pierre. **Sociologia geográfica**. In: Tratado de Sociologia. 2ª ed. Trad. Carlos Montenegro Miguel. Presses Universitaires de France-Paris. Iniciativas: 1964. (v. II).

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade**. 2a edição. São Paulo: UNESP, 1991.

GÓES, Maria Cecília. **A natureza social do desenvolvimento psicológico**. In: Cadernos CEDES, Centro de Estudos Educação e Sociedade. Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. São Paulo: Papyrus, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOLDMAN, Marcio. **Uma Categoria do Pensamento Antropológico: a Noção de Pessoa**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 1996, v. 39 nº 1. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111620/109658>. Acessado em: 16 de março, 2018.

GOODE, William J. **A família**. São Paulo: Pioneira, 1970.

GRANAI, Georges. **Problemas da sociologia da arte**. Trad. Carlos Montenegro Miguel. In: Tratado de sociologia. 1964. (v. IV).

\_\_\_\_\_. **Problemas sociológicos da linguagem**. Trad. Carlos Montenegro Miguel. In: Tratado de sociologia. 1964. (v. IV).

\_\_\_\_\_. **Técnicas do inquérito sociológico**: as técnicas de observação. Trad. Carlos Montenegro Miguel. In: Tratado de sociologia. 1964. (v. I).

GROSSI, Patrícia Krieger; et al. **Grupos para homens que exercem violência conjugal**: um desafio no enfrentamento da violência de gênero. Violência Gênero e Políticas Públicas. STREY, Marlene Neves; et al. (Orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos**: uma tragédia revisitada. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1998, [2001].

GURVITCH, Georges. **Agrupamentos particulares e classes sociais**. In: Tratado de Sociologia. 2ª ed. Trad. Alberto Pereira. Iniciativas Editoriais. Originais em francês, Paris: Presses Universitaires de France, 1964. (v. I).

\_\_\_\_\_. **As Sociedades globais e os tipos de suas estruturas**. In: Tratado de Sociologia. 2ª ed. Trad. Alberto Pereira, Iniciativas Editoriais. Originais em francês, Paris: Presses Universitaires de France, 1964. (v. I).

\_\_\_\_\_. **Problemas da sociologia da vida moral**. In: Tratado de Sociologia. 2ª ed. Trad. Maria José Marinho. Iniciativas Editoriais. Originais em francês, Paris: Presses Universitaires de France, 1964. (v. I).

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?**. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000b.

HICKMANN, Adolfo; ASINELLI-LUZ, Araci; STOLTZ, Tania. **Piaget e Vigotski: Contribuições para as Relações Interpessoais no Ensino-Aprendizagem do Século XXI**. Revista de Educação, Ensino e Ciências Humanas, 2015. v. 16, n. 2. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/view/2897>>. Acessado em: 02, dezembro, 2017.

HOBBS, Thomas. **De cive: elementos filosóficos a respeito do cidadão**. Trad. Ingeborg Soler. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HOUAISS, Antônio. **O que é língua**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HUTZ, Claudio Simon; et al. **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean; et al. (Org.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. **A entrevista narrativa**. In: Martin Bauer; George Gaskell (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociologia do corpo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas elementares do parentesco**. trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, [1969], 1982.

LIPPI, José Raimundo da Silva. **Abuso e negligencia na infância**: prevenção de direitos. Rio de Janeiro: Ed. Científica, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. [1884-1942]. **Objeto, Método e alcance desta pesquisa**. In: Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1976.

\_\_\_\_\_. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2ª ed., São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1978.

\_\_\_\_\_. **La vita sessuale dei selvaggi nella Melanesia nord-occidentale**. Milano, Feltrinelli, 1968.

\_\_\_\_\_. **Um Diário no Sentido Estrito do Termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MEAD, Margaret. **Incesto**. In: Enciclopédia internacional de las ciencias sociales. v. 5. Madrid, Espanha: Aguiar, 1975.

MILLS, Theodore M. **Sociologia dos pequenos grupos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1970.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. **Dossiê sociologia da violência**. Revista Paranaense de Desenvolvimento Econômico, Curitiba, v.35, n.126, p.1-27, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/700/889>>. Acessado em: 18 de março, 2018.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira**: corpo e classe social no Brasil. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.

NARVAZ, Martha Giudice. **Submissão e Resistência**: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico.** São Paulo: editora Scipione, 1995.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio das genealogias: classe dominante e Estado do Paraná (1853-1930).** Tese de Doutorado de Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000.

PASQUALOTTO, Rosana Angst; LÖHR, Suzane Schmidlin; STOLTZ, Tânia. **Skinner e Vygotsky Compreensão da Resiliência no Ambiente Escolar.** Educação criativa, 2015, 06, 1841-1851. doi: 10.4236 / ce.2015.617188.

PERISTIANY, John G. **Vergonha e Honra: valores das sociedades mediterrâneas.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

PIAGET, Jean. **Problemas de psicossociologia da infância.** In: Tratado de Sociologia. 2ª ed. Trad. Presses Universitaires de France-Paris: Iniciativas, 1964. (v. IV).

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social: estudos históricos.** Rio de Janeiro: v.5, n 10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acessado em: 25, junho, 2017.

PROGRAMA: MULHER VIVER SEM VIOLÊNCIA. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/diretrizes-gerais-e-protocolo-de-atendimento-cmb.pdf>>. Acessado em: 25 de abril, 2018.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

RENSHAW, Domeena C. **Incesto: compreensão e tratamento.** Trad. Antônio Alberto de Toledo Serra. São Paulo: Roca, 1984.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Do contrato social.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A síndrome do pequeno poder.** In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. (orgs.). Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira.** 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAMARA, Eni de Mesquita. **O Que Mudou na Família Brasileira?:** da Colônia à Atualidade. v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/53500/57500>>. Acessado em: 25, junho, 2017.

SCHWANDT, Thomas A. **Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa:** interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. *In:* O Planejamento da Pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2ª ed. São Paulo: Artmed/ Bookman, 2006.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SIMÃO, Paula Vanessa Pestana. **Recursos da psicanálise na psicoterapia de Crianças vítimas de abuso sexual incestuoso.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: São Paulo, 2004.

SIMMEL, Georg. [1858-1919]. **A natureza sociológica do conflito e Conflito e estrutura de grupo.** Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº. 34. *In:* Moraes Filho, E. (org.). Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *L'etica ei problemi della cultura moderna.* Napoli: Guida, 1968.

TAMANINI, Marlene. **Algumas bases da violência de gênero:** como pensar a instituição do masculino em seu sentido subjetivo e estruturante na cultura?. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2016. (Aula presencial, 80 slides).

VOLLET, Mayra Rocha. **O saber e o não revelar da violência sexual doméstica infantil na dinâmica do profissional escolar.** Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras: São Paulo, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Obras escogidas IV:** Paidología del adolescente. Problemas de la psicología infantil. Madrid: Machado, 2012b.

\_\_\_\_\_. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984, [1987].

WATARAI, Cristina Fukumori. **O contexto afetivo-familiar de relações incestuosas entre irmãos.** Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras: São Paulo, 2009.

WEBER, Max. [1864-1920]. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade.** Vol. I. Brasília: UnB, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 4ª ed. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001.



## ANEXOS

### ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO [TCLE]

<p>Tema da pesquisa: O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência sexual doméstica no Brasil.</p>
<p>Pesquisa: Quem são as dez irmãs vítimas de violência sexual doméstica e incesto, praticado pelo pai biológico no Brasil? Problematizando os modos operantes do agressor e as causas da invisibilidade materna face ao abuso sexual das filhas.</p> <p>Coordenadora: <u>Doutoranda Josefa Janete de Azevedo</u>, sob a Orientação da <u>Professora Dra. Tânia Stoltz</u>.</p>
<p><u>Natureza da pesquisa</u></p> <p>Prezada participante, você é convidada a participar desta pesquisa, que tem como finalidade investigar as histórias de vida, as memórias, as experiências, as atitudes, as percepções, os significados, as representações e sentimentos vividos, passados e atuais das irmãs vítimas de violência sexual doméstica e incesto, praticado pelo pai biológico. O estudo procura também traçar o perfil sócio-familiar, identificar possíveis abusos sexuais sofridos pela mãe biológica, por outros membros da família de origem e atual da entrevistada, bem como investigar a que recursos de apoio às vítimas buscaram para tratar da violência e do abuso sofrido.</p>
<p>1. <u>Participantes da pesquisa</u></p> <p>A participante da pesquisa será no máximo dez irmãs, mulheres adultas, com idade atual de 48, 47, 44, 43, 40, 36, 35, 34, 31, 30 anos, que pertencem ao mesmo grupo familiar por consanguinidade, que tenham convivido entre si, com os pais biológicos dentro do mesmo lar, e sofrido violência sexual doméstica e incesto praticado pelo pai.</p>
<p>2. <u>Envolvimento na pesquisa</u></p> <p>Prezada entrevistada, ao participar desse estudo você deve autorizar primeiramente que a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa entreviste você para produção dos conteúdos da investigação. As entrevistas podem ser em sua residência ou em outro ambiente de sua escolha, desde que o local reúna as condições necessárias para a condução do estudo, como: segurança, silêncio, tranquilidade, um local onde será coletado os dados para tecer o trabalho final. O local, dia, hora e duração das entrevistas serão flexíveis e respeitadas as suas condições conforme sua disponibilidade e interesse. Levar-se-ão em consideração o tempo necessário e suficiente para você contar a história da sua vida a partir das questões que serão feitas a você. São previstas até 04 entrevistas com cada participante, com a duração aproximada de 90 minutos cada uma delas. O tempo de duração e o número de entrevistas respeitarão seu interesse, disponibilidades e condições emocionais. A participante terá total liberdade de prosseguir ou suspender a entrevista a qualquer momento ou fase do estudo, sem natureza alguma de ônus ou prejuízo.</p> <p>Este é um tema que certamente vai suscitar memórias, experiências, lembranças e sentimentos, talvez se sinta desconfortável em algum momento do estudo, porém, você terá apoio social durante todo o processo de investigação, e mesmo antes ou depois das entrevistas, se você o</p>

desejar será dada continuidade ao acompanhamento pelo Serviço Social e encaminhamento para atendimento de apoio psicológico. Você poderá ser encaminhada também a algum serviço público para atendimento psicossocial, que poderá ser realizado no Centro de Referência de Assistência Social - CRASS do seu município, através da minha mediação e encaminhamento técnico.

Em qualquer tempo antes, durante e após a pesquisa, se você quiser interromper para pedir mais informações sobre as questões e a pesquisa, terá total liberdade, é só sinalizar. Poderá entrar em contato com a coordenadora da pesquisa através dos telefones (41) 9621-1578 ou no e-mail: janete.azevedo2@gmail.com, ou com o Comitê de ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, localizado na Rua Pe. Camargo nº 285 – térreo, CEP 80060-240 – Bairro Alto da Glória – Curitiba – PR, Telefone: (41) 3360-7259, e-mail: cometica.saude@ufpr.br

#### Sobre as entrevistas

As entrevistas serão marcadas com antecedência. Serão solicitadas informações para traçar o perfil sócio-familiar do grupo familiar de origem e de cada entrevista, como: idade, emprego, escolaridade, composição da família de origem e de sua família atual, entre outras. Serão feitas perguntas sobre a sua família, seus pais, sua comunidade, sua história da vida, desde sua infância até sua vida atual e sobre seus sentimentos, seus relacionamentos íntimos, amorosos e sociais, seus pensamentos, suas percepções e atitudes em face de violência sexual doméstica e incestuosa sofrida dentro e fora da família.

#### 3. Riscos e desconforto

Seguramente a sua participação nessa pesquisa não lhe trará complicações legais, institucionais ou de qualquer natureza por interferência de outrem, talvez apenas, a mobilização de esforços para lembranças das memórias e experiências de alguns eventos, pessoas, sentimentos, emoções em função da temática que será abordada. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem rigorosamente aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos a sua integridade e dignidade.

#### 4. Confidencialidade

Todas as informações coletadas neste estudo serão estritamente confidenciais. As gravações das narrativas e os relatos de pesquisa serão identificados com um código, ou nome fictício se assim o desejar, e não com o seu nome. Apenas os dois membros responsáveis por essa pesquisa, a pesquisadora e a orientadora, terão acesso e conhecimento dos dados. Se você der a sua autorização por escrito, assinando a Permissão para utilização das entrevistas gravadas, os dados poderão ser utilizados para fins de ensino, artigos, publicações e debates acadêmicos científicos, relatórios científicos, apresentação em congresso, elaboração de projetos de lei complementar a Lei Maria da Penha e outros trabalhos de cunho técnico, acadêmico científico que seja relevante para a ciência e a sociedade.

5. Benefícios

Ao participar dessa pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, de remuneração ou concessão de qualquer espécie. Entretanto, esperamos que este estudo produza conhecimentos e informações importantes sobre as questões relativas à violência sexual doméstica incestuosa no Brasil, para municiar as famílias e a sociedade, chamando atenção para a necessidade de desconstrução da cultura masculina impostas nas regras do tabu do incesto, da qual funciona como estratégia de camuflagem para as práticas incestuosas com filhas dentro do lar. Na ausência da ética do afeto, do cuidado e de correspondência do pai para com as filhas, a cultura do incesto e a previsão de crime, não impedem as práticas sexuais incestuosas entre pai e filhas. Essa é a tese. No futuro essas informações poderão ser utilizadas em benefício de da sociedade como um todo, em especial das famílias, mães e filhas indefesas que precisam modificar a cultura de dominação e posse masculina dentro dos lares.

6. Pagamento

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Entretanto, você receberá os resultados do estudo que você e sua família de origem participou. Em nome do grupo estudado, a família receberá um exemplar da tese após a defesa do trabalho e será agendado um encontro online, via Skype, com o grupo das irmãs entrevistadas para fazer a exposição do trabalho de defesa.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

---

Nome da participante da pesquisa

---

Local e Data

---

Assinatura da participante da pesquisa

---

Coordenadora da Pesquisa  
Josefa Janete de Azevedo.

**ANEXO A-1 – NOTA DE ESCLARECIMENTO [PROTOCOLO DE PESQUISA]**

O projeto de pesquisa e o conjunto documental anexo do protocolo, inicialmente foi submetido ao Sistema da Plataforma Brasil direcionado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná - SCS/UFPR em **03 de maio de 2016** para proceder a análise, avaliação e aprovação do projeto de tese.

Mas, no decorrer do processo avaliativo, embora, todas as pendências tenham sido atendidas no prazo, uma delas não podia ser “verdade”. A doutoranda pesquisadora foi surpreendida pela coordenadora do CEP/UFPR, a Sra. Ida Cristina Gubert, no momento em que exigiu mudança de responsabilidade e autoria da pesquisa.

No caso, a doutoranda deveria alterar a documentação oficial do protocolo, modificando a responsabilidade e titularidade na folha de rosto. Sabendo que, a folha de rosto é o último documento emitido pela Plataforma que possui efeito legal. Portanto, deveria ser modificada diretamente no sistema e assim proceder com substituição do nome da doutoranda para constar o nome da professora orientadora da pesquisa. Essa foi a condição e a exigência imposta pela servidora coordenadora do CEP/UFPR.

Disse ainda via telefonemas diversos que: em caso do não atendimento às suas exigências, a doutoranda sofreria prejuízos e atrasos no cronograma. E, finalmente, a reprovação do projeto de pesquisa em questão. Declarou categoricamente a parecerista em tom de ameaças.

Diante do impasse, a servidora foi questionada quanto à legalidade de seus atos, sua conduta antiética e contraditória à finalidade da pesquisa, além dos problemas de ordem civil e criminal que recairiam sobre os envolvidos em caso de mudanças dessa natureza. Me referi também, aos graves desenvolvimentos com consequências materiais, éticas, morais e financeiras que desencadeariam sobre o conjunto da produção do trabalho e, principalmente, com relação à execução da pesquisa no campo. Sobre essas questões, a funcionária foi alertada por mim, verbalmente e por escrito via recursos. No caso, estava ela transgredindo a legislação maior e as leis de direitos autorais e de proteção à propriedade intelectual da doutoranda, além de afetar questões de ordem ética profissional ligada à pesquisa de tese e à produção do trabalho final. Sem sucesso de entendimento ou solução do problema instalado, a servidora coordenadora do CEP/UFPR ignorou arrogantemente todos os alertas levantados por mim. Pelo contrário, continuou declarando que a mesma faria questão de ser a parecerista do protocolo de pesquisa e que eu seria realmente prejudicada. Fato este que foi constatado, quando a mesma auto distribuiu o protocolo de pesquisa para si. Em seguida, se manifestando via parecer e de forma ameaçadora, o anunciado anteriormente. Logo, emitiu as diligências (pendências), até o parecer final de reprovação do projeto. Ao mesmo tempo justificando que o protocolo foi reprovado porque a doutoranda havia se negado a proceder com as alterações documentais exigidas por ela. Finalmente, suas ameaças e declarações foram cumpridas de fato.

Após o parecer de reprovação postado em **10/08/2016**, a estudante pesquisadora encaminhou recurso à CONEP em **30/08/2016** contestando a justificativa da parecerista, as ilegalidades e indução de erros graves com relação ao projeto de pesquisa. E as ameaças sofridas de cunho pessoal. Apontado ainda, o desvio de finalidade do CEP/UFPR, a conduta antiética da servidora, a transgressão às leis e legislações vigentes que protege direitos autorais e outras providências legais. Por fim, requeri, sobretudo, os esclarecimentos, as providências e uma

nova avaliação do projeto em instância superior – a CONEP. Deixando claro que a pesquisadora não iria aceitar jamais as tais alterações documentais quanto às responsabilidades e autoria da pesquisa, muito menos a aceitação das ameaças declaradas e cumpridas.

Após completado mais de um ano de tramitação administrativa entre CEP/UFPR e CONEP, em razão dos transtornos, atrasos e várias alterações feitas no cronograma de pesquisa, a nova comissão avaliadora aceitou e iniciou os necessários procedimentos administrativos. A atuação arbitrária da funcionária do CEP/UFPR, deveras, acarretou desgastes desnecessários recaídos sobre a pesquisadora, o campo de pesquisa, inclusive, afetando as relações acadêmicas nas instâncias internas e externas à instituição de ensino gerando inseguranças com os pares e envolvidos na pesquisa. Desencadeou uma situação lamentável e grosseira que de fato criou vários problemas de ordem acadêmica, além de ter afetado a execução da pesquisa em sua plenitude e tranquilidade. Tanto que das dez participantes previstas para o trabalho, apenas duas permaneceram na pesquisa. Os atrasos na liberação do protocolo, as mudanças de cronograma constante e os desgastes gerados pela servidora, verdadeiramente, afetaram todo o processo da pesquisa dentro e fora do campo.

Os desencontros com o campo e com os envolvidos na pesquisa tiveram prejuízos graves e reais, incluindo ônus financeiros previstos no planejamento e orçamento inicial do trabalho. A relação causa e efeito experienciada neste protocolo foi uma realidade nociva, desnecessária para a pesquisa, a pesquisadora, as participantes e o conjunto do empreendimento.

Após a superação dos enredos burocráticos promovidos pelo CEP/UFPR, o projeto de pesquisa finalmente foi **aprovado** na íntegra pela instância superior da CONEP em **27 de junho de 2017**, sem ressalva de conteúdo ou da proposta metodológica. Mas, sim, com as recomendações administrativas para tomada de providências jurídicas (civil e criminal) a fim de reparação dos danos e dos prejuízos causados pela servidora. Nesses termos, declara a instância superior com relação ao CEP/UFPR: “[...] a CONEP esclarece que cumpriu suas atribuições em fazer apreciação dos aspectos éticos da pesquisa e sugere que questões penais e cíveis sejam encaminhadas ao foro competente”. (CONEP, PARECER DE APROVAÇÃO, 2017, p. 19 de 21).

**ANEXO B - PERMISSÃO PARA UTILIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO EM ÁUDIO**

Eu, por meio desta, autorizo a pesquisadora Josefa Janete de Azevedo e a integrante de seu grupo de pesquisa, a sua orientadora professora doutora Tânia Stoltz, a utilizarem os dados contidos nas gravações em áudio realizadas comigo durante as entrevistas que fazem parte desse estudo. A permissão é para que as gravações e os dados nelas contidos possam ser utilizados em encontros científicos para ilustrar aspectos das questões envolvidas nos casos de abuso sexual, em debates entre grupos de pesquisa, ainda para fins didáticos, de ensino, artigos, publicações, debates acadêmicos científicos, relatórios científicos, apresentação em congresso, elaboração de projetos de lei suplementar a Lei Maria da Penha e outros trabalhos de cunho técnico, acadêmico científico que seja relevante para a ciência e a sociedade. Eu estou ciente de que as pessoas envolvidas na pesquisa, a começar por mim a participante que será entrevistada, em nenhum momento serei identificada pelo meu nome, exceto na medida em que eu estiver falando algum nome de meus familiares durante a entrevista.

---

Nome da participante da pesquisa

---

Assinatura da participante da pesquisa

---

Local e Data

## ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA

<b>APRESENTAÇÃO INICIAL</b>
<p>No primeiro momento, proceder com a apresentação da entrevistadora, da professora orientadora da pesquisa e da universidade responsável pelo estudo. Depois seguir com a explicitação dos objetivos da entrevista, a sua finalidade acadêmica enquanto estudo e pesquisa sobre o assunto. Leitura e discussão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e da Autorização das entrevistadas para gravação em áudio com relação aos conteúdos das entrevistas, que contará também com a participação da entrevistadora na condução da pesquisa. Garantir o retorno e acesso aos resultados do trabalho individualmente. Por último, em nome dos responsáveis pela pesquisa proferir os sinceros agradecimentos pela colaboração e participação individual e coletiva do grupo de irmãs participantes da investigação.</p>
<b>PRIMEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA</b>
<b>1 Perfil e contexto sócio-familiar da entrevistada</b>
<p>Nome fictício ou anonimato:          Idade:          Filiação:          Escolaridade:          Ocupação:          Você mora na família e comunidade de origem? ( ) sim ( ) não          Você constituiu família na vida adulta? ( ) sim ( ) não          Situação conjugal:          Local de residência/moradia e condição:          Número de filhos (sexo, idade, escolaridade, paternidade):          Todos os seus filhos biológicos são do mesmo pai? ( ) sim ( ) não          Confissão religiosa da entrevistada e da sua família:          Número de membros da família de origem.          Pessoa (ente) da família/comunidade mais importante na sua infância e adolescência.          Idade que se separou da família da origem.          Quando se separou da família de origem, você foi para onde e ficou com quem?          Você retornou para a sua família e comunidade após ter saído de casa? ( ) sim ( ) não.          Tempo que permaneceu separada da família e comunidade de origem.          Percepção de classe social da família de origem e atual.</p>
<b>SEGUNDO MOMENTO</b>
<b>2 SOBRE A FAMÍLIA, OS RELACIONAMENTOS E A COMUNIDADE</b>
<b>2.1 FAMÍLIA – PERCEPÇÃO, SIGNIFICADO E REPRESENTAÇÃO.</b>
a) Do seu modo, diga-me o que é família para você. Quem representa família. Quem é a sua família e que importância tem na sua vida (de origem e atual).
b) Diga-me, o que é ser pai. Quem é o seu pai para você, a família e a comunidade. Como foi o seu pai na sua infância e adolescência.



c) Diga-me o que é ser mãe. Quem é a sua mãe (você, família, comunidade). Como foi a sua mãe na sua infância e adolescência. O que você sabe sobre a história de vida dos seus pais e seus avós.
d) Fale-me das memórias e experiências positivas e negativas que você guarda do pai, da sua mãe e dos seus irmãos e irmãs.
e) Quanto os valores familiares. Quais valores (educacionais, religiosos, morais, éticos, econômicos, políticos, sexuais) considerados importantes eram transmitidos pelos seus pais na sua infância e adolescência.
f) Que memórias você guarda do lugar-espço, onde você nasceu e viveu na infância e adolescência, da casa dos seus pais, das coisas, do trabalho, do lazer e da convivência na família e comunidade.
g) l. Fale-me quem é, e como é a sua comunidade de origem. Quais memórias e experiências positivas e negativas você guarda da sua comunidade na fase da sua infância e adolescência.
h) Fale-me de sua trajetória e vida escolar (idade que entrou na escola, suas memórias positivas e negativas).
i) Fale-me sobre a sua infância, adolescência, suas amizades, namoros e descoberta da sexualidade, como foi.
j) Diga-me como foi sua juventude e entrada na vida adulta, vida profissional/trabalho, relacionamentos/casamentos/companheiros.
l) Relate-me como está a sua vida atual, sua relação com a sua família de origem, com o seu companheiro, com seus filhos/as.
3 TERCEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA
<b>3.1 SOBRE HISTORIA DE VIDA, VIOLÊNCIA SEXUAL DOMÉSTICA E INCESTO</b>
a) Para você, o que é violência sexual doméstica. Diga-me o que você sabe sobre o tabu do incesto (sobre a existência de práticas sexuais entre pais biológicos e filhas).
b) Fale-me sobre as histórias, memórias e experiências de violência sexual doméstica incestuosa, que você vivenciou, viu, ouviu e sentiu dentro da sua família (contra sua mãe e suas irmãs e irmão) na sua infância e adolescência.
c) Fale-me detalhadamente, como foi, quando foi, onde foi, quanto tempo durou e de que forma aconteceram os atos de violência sexual doméstica praticada por seu pai biológico contra você. Que memórias e experiências de violências vividas e sentidas marcaram a sua infância e na adolescência dentro da sua família. Que estratégias (modos operantes) o seu pai utilizava para lhe seduzir e praticar abusos e violência sexual.
d) Marre-me quais foram os motivos da sua separação do grupo familiar. Como foi o processo. Onde você foi morar. Com quem. Que idade você tinha. O que aconteceu com a sua vida até atingir a fase adulta. Qual era o meio de subsistência.
e) Fale-me como está a sua relação com os seus pais biológicos hoje na sua vida adulta.
f) Fale-me se houve outras situações de violência doméstica ou abuso sexual sofrido por você após ter saído de casa, como foi, quando foi, com quem foi, o que você sentiu e pensou da sua vida, como você superou.
g) Quando aconteceu violência e abuso sexual com você, você falou para a família ou alguém. Como você reagia com a aproximação-sedução de intimidade sexual do seu pai com você. O que

ele falava, prometia para você. Quem suspeitava ou ficou sabendo da violência sexual que você sofria.
h) Você sabia que outras irmãs já tinham sofrido a mesma violência sexual incestuosa que você. De que forma você protegia suas irmãs mais novas para evitar a mesma violência.
i) Olhando para as suas experiências, da infância a vida adulta, quais sentimentos e pensamentos você suscitou a respeito desses eventos de violência sexual doméstica incestuosa.
j) Quais as atitudes tomadas imediatamente pela sua família e sua mãe após a revelação do abuso sexual. Como a sua mãe reagiu com você e o seu pai. Qual era o lugar e a posição da sua mãe dentro da família. Sua autoridade com relação ao seu pai.
l) O agressor foi afastado do lar, foi denunciado pela a família ou a comunidade. O que aconteceu dentro e fora do lar com relação ao seu pai agressor.
m) Após a revelação da violação sexual com o seu pai, o evento afetou a sua relação com a sua mãe, suas irmãs, irmãos e a comunidade. De que forma.
n) O fato de você ter sofrido violência doméstica e sexual incestuosa na infância, adolescência ou vida adulta, esse evento afeta ou afetou a sua relação com os seus filhos, seu companheiro sua família extensa. De que forma.
o) As experiências de violências doméstica sexual incestuosa vividas dentro ou fora da família de origem, afetou a sua autoimagem enquanto mulher e enquanto mãe? Como, quais são as dificuldades?
p) As experiências vividas da infância a vida adulta e o modelo de família da qual você pertence afetou algum aspecto da sua vida. De que formas?
q) Você em algum momento buscou alguma ajuda e apoio psicossocial para tratar os efeitos da violência sofrida. De quem? Por quais motivos o crime de violência doméstica e abuso sexual cometido pelo seu pai, agressor não foi denunciado criminalmente por familiares e a comunidade.
r) Ainda você deseja denunciar o seu pai agressor a órgãos oficiais. Por que você deseja denunciá-lo ou não. Que dificuldades você encontra ou encontrou nesse processo.
s) Como você descreveria a sua vida atua. Como você agiria se a sua filha, filho ou neto sofresse violência doméstica e abuso sexual incestuoso dentro do seu lar. O que faria com o pai agressor.
t) Se você pudesse voltar atrás no tempo, faria algo diferente por você, sua mãe e seus irmão e seu pai? O que? Por quê?
Tem conhecimento se a sua mãe foi vítima de algum tipo de violência sexual na sua infância, na adolescência, na vida adulta. Fale-me o que sabe sobre ela, sobre seu pai, seus avós, outros parentes.
u) Que críticas e julgamentos sociais morais você sofreu por parte da família, pessoas.
v) Você já desconfiou de algum evento de abuso sexual praticado contra seus filhos e filhas. Por parte de quem?
x) Dentro do seu lar e da sua família, se repete ou se reproduz algum tipo de violência doméstica ou sexual vivenciada por você na infância e adolescência.
z) Você deseja falar alguma algo que não foi perguntado e que acha importante.
y) Como você se sentiu participando desse estudo e respondendo a estas questões.
FINALIZAÇÃO

Nessa oportunidade gostaríamos de agradecer imensamente a sua disponibilidade de participar dessa entrevista. Sem dúvida sua contribuição foi muito importante para entendermos melhor sobre o fenômeno da violência sexual doméstica incestuosa no Brasil, e a partir desses conteúdos vamos avançar nos estudos científicos sobre o tema e propor algumas medidas de complementação da Lei Maria da Penha, para tornar o crime de abuso sexual e estupro um crime imprescritível. Dessa forma a sua participação nesse estudo familiar possa auxiliar a sociedade e as famílias, em especial às meninas vítimas de incesto e suas mães no enfrentamento deste tipo de violação de seus direitos. Principalmente, contribuir para a mudança da mentalidade cultural da sociedade e das mulheres-mães, que acreditam no discurso patriarcal de que a criança está segura e protegida pelas regras do tabu do incesto, na relação de intimidade entre pai e filhas. É sobre esse modelo cultural que se pretende com esse estudo desconstruir.

Fica garantido o retorno dos resultados da pesquisa para cada participante. Com a finalização do trabalho, será organizada uma apresentação online via *Skype* para as participantes e a entrega de um exemplar para a família.

Fonte: Autoria: Josefa Janete de Azevedo, março, 2015.

**ANEXO D – DECLARAÇÃO DE APOIO À PESQUISA [IGARASSU/PE]**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE IGARASSU**  
**Secretaria de Políticas Sociais e Educação Profissional**

Igarassu, 27 de junho de 2016

Declaro para os devidos fins, que o município de Igarassu possui a rede de proteção social constituída, conforme Política Nacional de Assistência Social, gestada pela Secretaria de Desenvolvimento Social.

Portando, daremos o apoio necessário à pesquisadora **Josefa Janete de Azevedo** e também à pessoa entrevistada nesta pesquisa, que versa sobre "O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência sexual doméstica no Brasil". A entrevista que residente nesta comarca, na Praça da Bandeira, pode ser referenciada nos seguintes serviços: CRAS I, CRAS II E CREAS.

Respectivos Endereços:

- **CRAS I:** Rua Santina Gomes de Andrade, 230- Próximo ao Terminal de Tabajara – Centro Igarassu
- **CRAS II:** Rua Tenente Pedro Galvão, nº 267 - Cruz de Rebouças (na Rua da COMPESA)
- **CREAS:** Av. Joaquim Nabuco, nº 122 – Centro Igarassu ao lado do Conselho Tutelar de Igarassu

*Luciana Santos*  
Prefeitura Municipal de Igarassu  
SPSEP  
Luciana Santos  
Secretária  
Mat. 407920

Luciana Santos  
Secretária



CNPJ: 10359560/0001-90 | Praça da Bandeira, 14, Centro – Igarassu/PE, CEP: 53.610-610. PABX: 81 3543.0435 | [igarassu.pe.gov.br](http://igarassu.pe.gov.br)

## ANEXO E – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA [Nº 01 e Nº 02]

### **Apresentação inicial da pesquisadora para as entrevistadas [n. 01 e n. 02]**

Senhoras, boa tarde! Desde já, agradeço a presença e participação das senhoras nesta pesquisa. Com a sua licença peço apenas uns minutos para me apresentar e logo iniciaremos nossa conversa formal.

Sou Janete, aluna doutoranda e pesquisadora da Universidade Federal do Paraná, estou aqui representando minha orientadora e a universidade, com a finalidade de realização desta pesquisa intitulada “O dono dos corpos, o incesto e a teia da violência sexual doméstica no Brasil”. Vim ao encontro de Vossas Senhorias, no município de residência sugerido, Igarassu, região metropolitana do Recife-Pernambuco, para conduzir o trabalho de pesquisa empírica, como já é do seu conhecimento.

Com vossa participação, hoje vamos dar início ao 1º momento da entrevista, como primeira parte da produção dos dados. Como já anteriormente ficou decidido e acordado, estarei lhe identificando como entrevistada nº 01 para identificar a filha, e n.02 para me dirigir e identificar a mãe do grupo familiar. A finalidade é invisibilizar o seu verdadeiro nome, sua identidade pessoal, levando em conta a segurança e os procedimentos éticos na pesquisa. Por isso, o código numérico.

Do início ao fim da entrevista, seguirei uma ordem de questões orientativas de acordo com o roteiro esquematizado no planejamento, onde livremente você ou a senhora, poderá responder as questões abertas e com narrativa oral para gravação em áudio. Não haverá em momento algum julgamento de respostas certas ou erradas, estou interessada apenas em conhecer sua história de vida e a verdade de suas experiências ditas por cada uma. Quanto as perguntas, sintam-se tranquilas e a vontade para respondê-las ou não. Terá também, a liberdade de interromper, pausar ou desistir da entrevista no momento que quiser, sem sofrer prejuízo algum ou de qualquer natureza.

No mais, pessoalmente agradeço imensamente e em nome da minha orientadora desta pesquisa, a professora Tânia Stoltz, pela grandiosa colaboração e participação das senhoras neste trabalho. Um estudo, de fato considerado importante para a produção do conhecimento sobre o tema da violência doméstica e sexual no âmbito familiar. Desde já, meu muito obrigada!

Então senhoras, neste instante exponho as orientações gerais, incluindo os procedimentos metodológico e técnicos seguidos no processo de realização da pesquisa, sua formalidade. Dito isso, farei nesse momento a leitura explicativa do Termo de Consentimento, Livre e Esclarecido - TECLE, podendo as senhoras acompanhar com sua cópia em mãos e tirar suas dúvidas. Em caso de dúvida durante a leitura é só interromper, dar um sinal a qualquer momento para os devidos esclarecimentos. Depois da leitura e consentimento do Termo, gostaria de sua assinatura e autorização para gravação em áudio. No desenvolvimento dos tópicos do roteiro da entrevista, prevê a participação da entrevistadora na condução da pesquisa do começo ao fim. (Leitura do TECLE em voz alta e da autorização para gravação dos dados). Em seguida os documentos foram assinados.

Como orientação, deixo claro e assegurado, que o retorno desse trabalho será entregue para as senhoras logo após a apresentação final dos resultados da pesquisa na universidade.

Pois bem, finalmente hoje é um momento muito especial, o encontro com as senhoras e o campo, e isso me deixa muito feliz pela oportunidade de conhece-las pessoalmente e dar início ao trabalho. Então, a primeira parte da entrevista, vamos fazer um levantamento de dados gerais para compor o perfil sócio-familiar e o contexto cultural do qual as senhoras pertencem. No segundo momento entraremos no tema com mais profundidade e no terceiro, o desenvolvimento de uma atividade criativa e artística de forma individual. Então, na verdade iniciaremos uma conversa aberta, dirigida, com tranquilidade, com toda calma possível, para que possamos produzir os dados da melhor forma, obviamente, respeitando os limites de cada uma. Ou seja, finalmente, estou aqui, com muita honra e agradecida pela oportunidade e autorização de conhecer com suas palavras, a história de vida de ambas. E isso é motivo de grande satisfação. Muito obrigada!

**Entrevistadas:** Ok.



## 1) FILHA-ENTREVISTADA [N.01]

### PRIMEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA

Entrevista realizada na Secretaria da Mulher, centro do Município de Igarassu, região metropolitana de Recife/ Pe. Datada em 27/julho de 2016, horário de início e término previsto, das 14 às 18 horas.

Tempo de duração: 4 horas com intervalos.

**Pesquisadora:** Como a senhora optou em manter-se no anonimato e ser tratada por você, então lhes pergunto: você pode informar qual é a sua idade? Que dia, ano e mês que você nasceu?

**Entrevistada:** Sim claro, *ham*, tenho 34 anos, nasci no ano de 1981, no dia 30, mês dezembro.

**Pesquisadora:** Com relação a você, seus pais biológicos e sua família, você poderia informar suas origens?

**Entrevistada:** Eu sou filha de uma agricultora, é da cidade de M.-Pernambuco. E meu pai biológico reside na mesma cidade, ele é agricultor também e fotógrafo. Sou filha dos dois.

**Pesquisadora:** Obrigada! E com relação a sua escolaridade, que série escolar formal você concluiu?

**Entrevistada:** É, se eu for contar do tempo que eu lembre criança, eu passei um longo tempo sem estudar, devido a necessidade da família muito pobre né. Minha mãe era agricultora, trabalhava na roça limpando mato pra vizinhança, pra manter a família, os filhos. Então assim, o mínimo de tempo que nós tínhamos era pra trabalhar nos serviços domésticos, como limpá mato, carregá banana nas costas né, é por razão pros gados, buscar água na cacimba, ajudar os trabalhadores no sítio que ele né, meu pai como agricultor tinha uma fazenda enorme, então, ele dava prioridade aos serviços braçais para os filhos menores. Então assim, eu com uns 7 anos de idade não tinha registro ainda pra estudar né, na cidade, nós morávamos num sítio e a escola ficava no sítio também só que era muito distante, é no município Chã de Lima, próximo a cidade de M.

Então, assim um dilema do meu pai era que não haveria necessidade de estudar, teria que trabalhar braçalmente para ajuda-lo nos afazeres domésticos, no caso pra tirar vantagem, em vez de pagar ao trabalhador do sítio, aí ele no caso, explorava a gente, pra gente trabalhar pra ajudar manter a família. Então assim, como eu comecei a estudar muito tarde eu não tive oportunidade de estudar, comecei a estudar com 7 anos de idade. E porque minha mãe conhecia a professora e pediu por favor pra ela colocar a gente na escola, porque a gente não podia ser analfabeta. Então, ela abriu uma exceção e mesmo sem o registro de nascimento, ela abriu exceção pra minha mãe, e aí nós começamos a estudar. Mas, eu vim me alfabetizar mesmo com quase 30 anos, com 27 anos. Quando fui alfabetizada. Devido as condições precárias né, necessidades que eu tive, tive que sair pra trabalhar e não tive oportunidade de estudar porque infelizmente ele não permitia que nós estudássemos. Então, hoje eu estou no 2º grau, e consegui com muito esforço né, conclui já tinha os meus dois filhos, deixava eles com um e com outro pra estudar e trabalhar e manter a minha família. Então, a minha vida histórica referente a estudo infelizmente é esse.

**Pesquisadora:** Perfeito, muito obrigada. E a sua ocupação, o provimento do lar, trabalho, vida funcional. Qual é a sua condição de trabalho hoje? Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** É atualmente a minha profissão é de vigilante né, tenho experiência na área de vigilante, mas infelizmente eu me encontro desempregada já há oito meses, então infelizmente eu passo um pouco por uma situação complicada, tenho duas crianças e no momento tô nessa situação, sem emprego.

**Pesquisadora:** Você mora atualmente com a sua família primeira e na comunidade de origem? Digo, onde a você nasceu?

**Entrevistada:** Não. Eu saí de casa com 14 anos de idade né, devido as condições anteriores que eu já informei, que ele não deixava a gente estudar, nós éramos muito explorados né, trabalhava. Referente a trabalho braçal e outro tipo de exploração que não é o caso no momento, isso é posterior se houver necessidade. É, então saí de casa aos 14 anos pra trabalhar, pra me manter, e ajudar minha mãe, porque ela passava por muita necessidade e com os

*menores, os dois caçulas para ajudar, referente a estudo e tudo mais. Que ela não tem condições, ela era analfabeta e trabalhava no serviço braçal mesmo no sítio dos outros pra tirar o pão de cada dia. Então, sai de casa com 14 anos, morei um tempo no Recife trabalhando como babá depois foi morar em Itamaracá onde conheci o pai das crianças e hoje eu resido aqui em Igarassu.*

**Pesquisadora:** Você constituiu família como acabou de falar, mas constituiu família na vida adulta ou você ainda era adolescente, jovem? Fale sobre a constituição da sua família atual? Você casou e saiu de M., da casa de sua família de origem?

*Entrevistada:* Certo, como eu falei anteriormente eu saí de M. com 14 anos pra trabalhar, eu trabalhei como babá, aí depois trabalhei numa outra empresa. E referente a família, meu 1º filho, tinha com 22 anos de idade, então assim, não foi tão cedo né. Devido as experiências referentes família que eu passei referente à minha mãe.

**Pesquisadora:** Entendi. Depois você teve mais algum outro filho?

*Entrevistada:* Isso 1º filho eu tive com 22 anos, depois de dois anos tive minha filha caçula que hoje vai fazer 10 anos e meu filho vai fazer doze (12).

**Pesquisadora:** Seus filhos são todos do mesmo pai biológico?

*Entrevistada:* Sim. Mesmo pai os dois.

**Pesquisadora:** E sua situação conjugal hoje? Você mora com o pai dos seus filhos? Como que está sua situação conjugal?

*Entrevistada:* É, o caso é eu convivi um tempo com ele né, uns 4 ou 5 anos no máximo, e tive o meu 1º filho com ele depois nós convivemos juntos, depois que eu engravidei da minha filha. Depois que eu engravidei e tive a minha filha, após 27 dias de nascida ele foi embora, ele sumiu e falou que não queria mais viver comigo e que tinha outra, que ia pra casa da mãe dele, que ia, que tinha outra pessoa e que não gostava mais de mim e me deixou sozinha com as minhas duas crianças. O mais velho o P. H. tinha 2 anos de idade e a minha bebê caçula, recém nascida tinha 27 dias de nascido. Então assim, uma barra muito árdua pra mim sabe? Aí depois eu tive apoio da minha mãe, a minha sorte que tive, eu sempre tive o apoio da minha mãe, mesmo distante, mas eu tive. Então de onde eu estava eu me desfiz de tudo e fui morar com ela. Então hoje eu tenho minha vida independente, não estou mais com ela, mas próximo a ela no caso né. Estou em outro município, mas sempre na minha necessidade, ela se dispõe a me ajudar com o pouco que ela tem né. Então sou grata a ela eternamente. E a minha vida referente ao pai das crianças eu não tenho muita coisa boa pra informar referente a ele né. Que é um homem que tem capacidade de deixar a sua criança recém-nascida e ir pros braços de outra mulher e informar que não te quer mais. Então é muito complicado. Mas, graças a Deus superei e estou aqui hoje contando a minha história de vida e estou lutando pra sobreviver. É isso.

**Pesquisadora:** E hoje você tem outro companheiro?

*Entrevistada:* Não, hoje eu não vivo mais com ninguém, tenho, eu vivo com as minhas duas crianças e estou muito bem assim.

**Pesquisadora:** Certo. E como que é o local da sua residência? Que condições de moradia é a sua? Como é que você considera a sua condição de moradia hoje? Você paga aluguel ou tem casa própria? Como que você mantém as condições de vida e moradia para seus filhos?

*Entrevistada:* Quando eu tava em Itamaracá, uma colega minha me informou que tinha um programa do governo federal, eu tenho minha casa financiada hoje pelo programa do governo “Minha Casa Minha Vida” e vivo nela com os meus 2 filhos. É referente a casa em si, minha casa é muito boa, tem dois quartos, sala, cozinha, tá ótimo. Mas, a questão infelizmente é o local.

**Pesquisadora:** Digo sobre a infraestrutura.

*É a infraestrutura referente a escolas, a saneamento básico né, a hospitais ou PSFs né, essas coisas, então tá muito bem precário atualmente onde eu vivo. Mas, infelizmente ou felizmente graças a Deus eu tenho a minha casa, não*



*tenho que reclamar, tenho ela em dia devido ao programa. Estou recebendo hoje graças a Deus o programa “Bolsa Família” né, então estou sobrevivendo com ele, também não tenho pensão alimentícia, não estou recebendo pensão alimentícia há uns dois anos, é muito complicado. Mas, a gente vai se virando do jeito que Deus quer né. Faço faxina, pinto uma grade, o que aparece eu faço, pra não deixar faltar pão pros meus filhos e assim, até aparecer um trabalho, um currículo aqui outro currículo ali, falando com amigos, com parente pra tentar me inserir novamente no meio de trabalho.*

**Pesquisadora:** Sim. Então você considera sua moradia, seu habitat com a sua família, adequado e dentro das condições consideráveis boas na sua percepção?

**Entrevistada:** Sim, referente a infância que eu tive, com certeza.

**Pesquisadora:** Você falou que tem dois filhos, uma menina e um menino. Qual a escolaridade dos seus filhos?

**Entrevistada:** É, P.H. tem 11 anos, vai fazer 12 anos dia 9 de agosto, então ele tem 11 anos ainda, tá cursando hoje o 6º ano na escola integral que eu consegui, aqui no município mesmo, e A. J. ela tem 9 anos, vai fazer 10, também, em agosto dia 12, ela está cursando o 4º ano do ensino fundamental. Pronto é isso.

**Pesquisadora:** Qual a profissão religiosa de sua família?

**Entrevistada:** Eu sou batizada na religião católica né, os meus dois filhos também. Mas, infelizmente eu não sou assídua a religião, eu não frequento templo, não vou justificar o motivo porque aqui não vem ao caso, mas minha religião é o catolicismo. A minha e a dos meus dois filhos.

**Pesquisadora:** E qual é a religião da sua família de origem?

**Entrevistada:** São católicos.

**Pesquisadora:** Tá certo. E quantos membros têm na sua família de origem?

**Entrevistada:** Olha, que eu conheça, que eu saiba né. Assim, é que a minha história de vida é muita longa né. Que eu saiba dentre irmãos parte de pai e parte de mãe são muitos, aliás, parte de pai são muitos. Parte de mãe, minha mãe teve 19 filhos e 15 vivos. Mas, atualmente são 14 irmãos vivos. 10 (dez) mulheres e 4 (quatro) homens. E referente a irmãos, quantidade de irmãos são muitos, porque meu pai biológico né, ele teve muitas mulheres e muitos filhos. Então, assim, por alto ele bate no peito e diz que ele tem 70 filhos. Pra ele é engraçado isso. São as contas que ele expõe, a quantidade que ele expõe pros amigos e pra sociedade. Que tem muitos filhos espalhados no mundo. Nos municípios, cidades próximas. Então, a quantidade de irmãos geral não sei. Só sei referente da minha mãe, mas no geral, o total, não sei porque acho que nem ele mesmo sabe lhe informar.

**Pesquisadora:** E, na sua percepção, qual é a pessoa ou o ente familiar que você tem como referência na sua família? Quem que é a pessoa que lhe representa positivamente, que você se dirige sempre e toma como exemplo, referência? Digo, entre seus pais, seus irmãos, parentes próximos, amigos?

**Entrevistada:** Assim, como eu falei que são 14 irmãos vivos hoje, minha referência sempre foi minha irmã, uma das mais velhas né, que está em outro estado. Conseguiu se formar, no caso eu a tomo ela como exemplo. Porque assim, eu não sei se é felizmente ou infelizmente, ela conseguiu agarrar, se agarrar com as chances, com as oportunidades que ela teve. Então hoje ela é formada, e tem uma vida profissional estabilizada, sempre que há necessidade, eu tenho necessidade ou a família tem necessidade de um apoio, não só referente a financeiro mas de informação, de conselho, a gente sempre a toma como exemplo e socorre sempre. E pede socorro sempre a ela, porque assim, como nós não temos estrutura familiar entre pai e mãe, os irmãos são todos, a maioria irmãos distantes, em estados diferentes, então ela é essa minha irmã que hoje é formada, tem uma história acadêmica enorme, linda que acho que se a maioria tomar ela como exemplo, é ela que dá suporte a família, a cabeça da família é ela, em todos os sentidos.

**Pesquisadora:** Entendi. E na comunidade qual é a pessoa mais importante que você toma de referência? Você disse tem uma irmã mais velha de referência na sua vida hoje? E na fase da sua infância e da adolescência a quem você se referia tanto na família quanto na comunidade? Quem são os entes de referências, as pessoas a quem você recorria na família e na comunidade na fase da infância e adolescência?

**Entrevistada:** Assim né, a minha mãe sempre foi exemplo pra mim. Porque assim, a educação que eu tive, foi ela quem me deu né. Como eu falei anteriormente, na minha necessidade com a separação, ela quem me abraçou e me socorreu naquele momento. Então assim, é exemplo total, em todos os sentidos, é a minha mãe. Sempre foi pai e mãe em todos os sentidos na minha infância. O colo da mãe pelo menos no meu ponto de vista é a base, é tudo né. Porque uma criança, passar pelo que muitos passam, quando a mãe dá apoio, abraça, passar pelo que nós passamos, se ela fosse tão agressiva quanto ele é, acho que nós não teríamos sobrevivido né. Então, graças a Deus, tenho uma mãe. Porque a minha mãe ainda é viva e espero viver por muitos anos ainda, que eu tenho referência sempre foi ela. Referente a carinho e afeto, não referente a financeiro, nem é né, referente a financeiro a dialogo. Há algo que eu precisasse saber, se ela soubesse mais do que eu. Ela nunca me passou isso referente a educação né, para desenvolvimento, ela não tinha, não tem ainda até hoje. Então assim, a minha mãe sempre foi exemplo pra mim em todos os sentidos. Não é pelo quantitativo de filhos, porque a pessoa ter 19 filhos não é referência pra ninguém, mas foi a forma que ela achou de construir a família dela. Então, é um direito que é dela e eu respeito e a tenho como referência até hoje.

**Pesquisadora:** E na comunidade com relação a sua infância e adolescência, e também hoje na vida adulta, na sua comunidade de origem, para quem você se reporta ou se reportava dentro da comunidade? Digo, como era a sua relação social com a comunidade?

**Entrevistada:** Referência na comunidade.... Assim né, o nosso apoio sempre foi os irmãos. O irmão mais velho atendia sempre, protegia os mais novos. Como eu tive muitos irmãos mais velhos do que eu, então eles sempre me protegiam, tanto eu como a minha mãe. Mas, referência assim na comunidade eu não consigo compreender que colocação, se você conseguisse ser um pouquinho mais clara, pode ser.

**Pesquisadora:** Claro, quando falo sobre a sua vida social comunitária, me refiro a sua vida escolar, aos professores, a sua vizinhança, a quem você buscava apoio ou contava fora do grupo familiar. Seus afetos, amizades de confiança, convivência social. Pergunto, quem eram as pessoas consideradas mais importantes na sua infância e adolescência?

**Entrevistada:** Nós não tínhamos convívio com parentes nem amigos porque a nossa casa era distante da cidade. Então, nós vivíamos num grupo de irmãos mesmo, primos também 1º grau porque moravam próximos. Uma pessoa infelizmente não tenho. Só mesmo os irmãos mais velhos, a minha mãe e acho que é só.

**Pesquisadora:** Quando você se separou da família de origem aos 14 anos, você foi para onde? Foi morar com quem?

**Entrevistada:** Quando eu resolvi sair de casa com os meus 14 anos, eu tenho uma das minhas irmãs mais velhas, ela trabalhava, inclusive até hoje trabalha também ainda como doméstica em casa de família. Então, ela conseguiu me arrumar um trabalho com 14 anos como babá. Sai dos braços da minha mãe né, sai de lá. Acho que eu tinha 3ª série do ensino fundamental, analfabeta né. Pronto. Aí no caso ela me arrumou esse trabalho como babá, fiquei uns 4 anos trabalhando como babá.

**Pesquisadora:** Onde você trabalhava?

**Entrevistada:** No centro de Recife, bairro das Graças.

**Pesquisadora:** E você morava no trabalho?

**Entrevistada:** Isso. Morava no trabalho e tinha uma folga de 15 em 15 dias. Final de semana.

**Pesquisadora:** Aí na folga você ia pra casa de sua irmã? Como que era?

**Entrevistada:** Isso, nas minhas folgas. Nas minhas folgas ou eu ia pra casa da minha irmã que morava no subúrbio né, ali numa favela ou eu ia passa final de semana com ela ou eu ia pra M.. As vezes escondida, porque segundo o dilema dele (meu pai), quando os filhos saiam de casa, ele não aceitava mais de volta. Então, assim, quando eu ia visita a minha mãe, eu ia visita escondido e quando ele aparecia, eu me escondia porque ele não aceitava nenhum

*filho de volta quando saísse, saía de casa. A gente procurava saber quais os dias que ele não estava em casa e ia visitá-la. Ai, no dia seguinte, já era a minha folga e eu voltava pra trabalhar novamente.*

**Pesquisadora:** E você ficou nessa situação dos 14 aos 18 anos como babá, visitando sua família na cidade de origem escondido. É isso?

**Entrevistada:** Positivo.

**Pesquisadora:** Você estudava nesse período também, ou não conseguia conciliar estudo e trabalho?

*Entrevistada:* Eu estudei um tempo, no início. Aliás, passei dois anos ou um ano e meio sem estudar mais ou menos, depois eu voltei a estudar num colégio lá, numa escola que o pessoal, a família lá conseguiu me matricular. Porque eu sem documentação nenhum. Automaticamente, eles já foram tirando meu documento, tive carteira de trabalho e identidade que eu não tinha não, só fui com o registro de nascimento. E graças a Deus eu tive meu registro senão nem registro eu teria né

*Que eu fui registrada tinha já mais de sete anos de idade. Isso devido a cobrança da minha mãe né, esperando que vários irmãos, outros irmãos também não tinham registro. Foram vários irmãos registrados de uma só vez. Então todos passaram o que eu passei referente a documentação, a inclusão em escola e tudo mais.*

**Pesquisadora:** Aí você foi fazer a 4ª série?

**Entrevistada:** Isso.

**Pesquisadora:** A partir dali que você começou a estudar, terminou o 1º grau, as séries do ensino fundamental?

*Entrevistada:* Não. Foi como eu falei, eu estudei um tempo um ou dois anos quando tava trabalhando como babá depois eu não fiquei mais no trabalho, que eu larguei o trabalho e fui procurar um outro. Aliás, a criança cresceu, me dispensaram, eu fiquei um tempo desempregada morando com a minha irmã e depois arrumei um outro trabalho. Como babá também, nesse 2º trabalho como babá eu fiquei pouco tempo, acho que fiquei o que, uns oito meses mais ou menos. Daí então, minha irmã arrumou um outro trabalho pra mim, pra trabalhar como doméstica em Gravatá, na casa da mãe da empregada dela que morava em Gravatá.

**Pesquisadora:** É um bairro do Recife?

*Entrevistada:* Não, é uma outra cidade, próxima a Recife né. Aí, eu sai da casa dela e fui trabalhar em Gravatá, só que eu não me habituei aos idosos né, também era assim, as casas ficavam muito distantes da cidade, meu Deus! Era muito isolado, muito escuro, ficava só eu e dois idosos, que eram bem idosos mesmo. Aí, eu não me adaptei ao ambiente, entrei em contato com um colega meu, Júnior que inclusive eu conheci Júnior quando eu estudava no colégio como babá, dentro daqueles dois anos, aí eu tinha o contato dele né, e me vi desesperada né. Eu me vi desesperada, aí ele arrumou um trabalho pra mim, onde ele tava trabalhando numa agência de turismo, vendia pacotes turísticos.

*Aí ele falou com o chefe dele lá e consegui esse trabalho. Eu vim de Gravatá de volta morar na casa de minha irmã. Eu cuidava do meu trabalho e nesse meio tempo, minha mãe tava lá com os meus dois irmãos caçulas, lá em M. né, embaixo das asas dele né (meu pai), ele quem mandava e desmandava. Ela não tava aguentando mais com que ele estava explorando muito as duas crianças né e não deixava eles estudarem, ficava forçando que eles fossem trabalhar no sítio com os trabalhadores. Dois pré-adolescentes, que a minha irmã caçula já era pré-adolescente né.*

*O meu irmão caçula também tava, era adolescente também já, ele deveria ter o que, uns 11 -12 anos.*

*Então, eu me vi meio que aperreada né, porque ela tava aperreada com ele quando eu estava desempregada, então como eu arrumei um trabalho nessa área de turismo, aí no caso eu namorava e tinha esse meu namorado, ele conseguiu uma casa, uma casinha, uma casa pra mim próximo a minha irmã.*

*Aí ele comprou essa casinha pra mim e aí eu peguei, via o desespero da minha mãe, minha mãe tava querendo sair dali de todo jeito, que já não aguentava mais as discussões dele (meu pai) com a minha irmã né, a caçula. E as discussões dele com o meu irmão caçula também, ela não tava aguentando mais, passava mal, ia pro hospital, a pressão subia. Aí eu fiz um convite, perguntei se ela não queria vir morar comigo até resolver essa situação. Aí ela*

disse que ia pra qualquer lugar, que até pra baixo da ponte ela iria, só queria sair de lá. Peguei, tá certo mãe, a senhora venha. Arrumei o trabalho né, fui me organizando e a gente comprou um colchão, compramos um fogão e se organiza pra gente tá todo mundo junto, a família junto. Deixa aquela criatura pra lá, que não adianta a senhora viver com ele desse jeito. Daí então, ela veio morar comigo no subúrbio de Olinda nessa casa que eu tinha ganho. Ela veio com o mínimo, veio sem nada só com a roupa do corpo que não podia trazer nada, veio escondida, fugiu dele com as duas crianças, daí ela veio morar comigo. E eu fiquei trabalhando né, nessa área de turismo pra sustentar os dois. Os três no caso, ela e os dois meus dois irmãos caçulas. Aí nesse meio tempo, eu trabalhei um tempo, um período.

Aí ficava trabalhando, o meu irmão caçula devido a história dele, nasceu e viveu no sítio né. Aí não teve a mesma liberdade de onde nós estávamos, que era uma favela. Aí nesse tempo ele estava querendo se envolver em droga, a minha irmã também que era adolescente tava se envolvendo com pessoas errada né, teve um namorado que a espancava todinha, e tudo isso eu não via porque eu passava o dia trabalhando fora. Chegava em casa tarde pra descansar e no outro dia trabalhar novamente. Tudo isso, a mamãe me falava e ficava de mãos atadas sem poder fazer nada. Tava dando o máximo de mim pra tentar suprir as necessidades deles e a minha também né, sobreviver. Aí pronto, e nesse meio tempo ela viu a situação dos dois, ela como mãe vê o erro de longe né, de estar com pessoas erradas, a gente entrou em contato com essa minha irmã referência né, que o suporte da família, sempre nos apoia em todos os sentidos referente a psicológico, conversa, alerta, ajuda incentiva a estudar, o suporte da família é ela. Então, minha mãe entrou em contato com ela e explicou a situação.

E nesse meio tempo ela veio né, do destino dela onde ela estava no momento, veio ao nosso encontro e viu que a gente tava naquela situação, onde nós estávamos. E a situação que aqueles dois adolescentes se encontravam. Aí pronto, ela pegou, se virou nos trinta e procurou casa comigo, foi lá na Secretaria de Ação Social de Recife procurar alguma casa pra alugar, fazer qualquer negócio pra tirar eles, nos tirar dali. Aí não conseguiu, entrou em contato com uma conhecida lá em M. que a disponibilizou uma casa alugada pra mamãe e pras duas crianças. Aí pronto, aí mamãe aceitou voltar pra M., mas não pras mãos, pros braços, pras mãos de papai no caso, aí pronto, aí ela alugou a casa e ficou pagando a casa pra minha mãe, mamãe não tinha renda nenhuma, sem estar aposentada, não podia, não tinha mais disposição pra trabalhar, nem saúde pra trabalhar na enxada pra manter a família. No caso as duas crianças caçulas que viviam com ela ainda. Então, essa minha irmã que sempre deu suporte a ela. Pagou, a referente moradia, alimentação, deu apoio psicológico porque era toda uma história né, de complicação de família né, e cada um que tem a sua história, então é isso.

**Pesquisadora:** Você morava com a sua mãe na época em que você estava trabalhando com o turismo, você morava junto com ela ou você apenas auxiliava na manutenção dela?

**Entrevistada:** Isso, morava com ela. Aí nesse meio tempo quando eu estava trabalhando e morando com ela já, eu conheci o pai das minhas crianças. Eu me envolvi com ele e nesse meio tempo minha irmã né, veio socorre-la, a levou de volta pra M. e eu fui viver a vida né maritalmente com o pai das minhas crianças, na casa da mãe dele. Já tinha engravidado também já.

**Pesquisadora:** Engravidou daquele rapaz que comprou a casa pra você? Ele é o pai dos seus filhos?

**Entrevistada:** Não. Ele foi meu 1º namorado. Então, não dava certo porque ele era casado. Eu namorei com ele, então logo em seguida que eu cheguei pra trabalhar como babá, eu tinha o que 14 anos pra 15 anos, ele é pai da minha patroa.

Ele já era maior de idade, tinha sessenta e poucos, 58 anos, então eu me envolvi com ele e perdi minha virgindade com ele. Foi 1º namorado.

**Pesquisadora:** O primeiro em que você teve experiência sexual?

**Entrevistada:** Sim.

**Pesquisadora:** Aí você saiu da casa dele e foi para essa casa que ele arranhou para você, morar com a sua mãe posteriormente, foi isso?

**Entrevistada:** Isso, aí nós namoramos um bom tempo né, escondido. E depois que me envolvi com ele, eu tive que sair da casa porque não tinha condições de conviver né, com medo das pessoas descobrirem.

Aí depois ele pagou um pensionato pra mim, ele não queria que eu fosse pra casa da minha irmã porque era favela e não sei, não queria. Mas, assim, aí ele pagou um tempo, uns 4 meses de pensionato pra mim. Pensionato feminino.

**Pesquisadora:** Sim

**Entrevistada:** *Né, fiquei um tempo lá.*

**Pesquisadora:** No Recife?

**Entrevistada:** *No Recife. Ele pagou um tempo, aí depois não tinha mais condições de arcar com a despesa né, que eu tava só estudando nessa época, não tava trabalhando, aí que eu foi que eu resolvi morar na casa da minha irmã de novo. Nesse meio tempo morei com ela, uma, das mais velhas. Aí, no caso, não tinha mais condições porque eu tinha medo da família descobrir.*

**Pesquisadora:** A esposa dele não sabia ainda?

**Entrevistada:** *Não sabia, isso. Aí eu saí de lá por causa disso. Depois que eu conheci o pai das crianças aí eu já tinha comprado a minha casa, a mesma casa né, ele comprou um terreno pra mim que tinha uma casa, que seria necessário reforma. Não tinha dinheiro pra fazer reforma, aí fui morar com a minha mãe do jeito que estava né, tive que fazer isso. Mas, ele me deu depois que minha mãe voltou pra M., minha irmã veio busca-la, aquela situação. Então, nós vendemos a casa era baratinha, acho que na época vendida por três mil reais, aí pronto, o dinheiro nós dividimos, ele ficou com a metade e eu fiquei com a metade.*

*Também a casa eu fiz questão que ele colocasse a documentação no nome dela, da minha mãe. Não quis no meu. Aí nós vendemos, ela me deu uma parte e ela ficou com a outra parte. Aí é isso.*

**Pesquisadora:** Você conheceu o pai dos seus filhos, você ficou grávida e esse senhor que você namorou e que ele foi sua 1ª experiência sexual não lhe procurou mais?

**Entrevistada:** *É, ele me procurou um tempo né, mas aí eu falei que não queria mais, que eu não queria né, que eu não queria aquela vida pra mim.*

**Pesquisadora:** Sim

**Entrevistada:** *Eu queria construir uma família né, então assim é felizmente ou infelizmente, terminei com ele.*

*Eu não sei se ele me perseguia, sei que finalizou, ele ficou pra lá e eu fiquei pra cá. Aí eu me envolvi literalmente com o pai das crianças.*

**Pesquisadora:** E quanto tempo você permaneceu separada da sua família, da comunidade de origem? Sem voltar na sua cidade, sua família primeira?

**Entrevistada:** *É depois que eu saí né, com os meus 14 anos né, eu voltei depois de casada com filhos.*

**Pesquisadora:** Com o pai dos seus filhos.

**Entrevistada:** *Com o pai dos meus filhos, sim. Então eu voltei com o 1º e já estava gestante da menina.*

**Pesquisadora:** Para morar com a sua mãe?

**Entrevistada:** *Em princípio nós alugamos uma casa, acho que ele já estava na intenção de me deixar. Aí nós alugamos uma casa né, nos estruturamos num local e como eu trabalhava com turismo, ele fazia o telemarketing pra chamar os clientes para ele, eu fazia atendimento. Fazia esse trabalho em casa e ele viajava. Então nós alugamos uma casa em M. e morei um tempo, acho que chegou mais ou menos um ano com ele. Nesse meio tempo, eu já estava gestante, aí A. J. nasceu minha caçula, aí pronto foi a última vez que. Não, a antepenúltima vez que convivi com ele.*

**Pesquisadora:** Aí você se separou?

**Entrevistada:** *É, eu me separei, vendi os móveis né, tudo que eu tinha e fui morar, pedi socorro a minha mãe.*

*Aí minha mãe me socorreu, essa minha irmã como sempre né, me apoiou, me ajudou financeiramente, todo mês ela me dava, depositava um valor "X" pra comprar as coisas, manter as crianças, que eu tava sem nada, sem pensão, sem trabalho, dependendo. Nessa época, a minha mãe que já tinha se aposentado graças à Deus. Nossa, devo muito a essa minha irmã e a minha mãe, porque se não fosse elas, acho que teria ficado na rua. Devido a situação que eu me encontrava no momento.*

**Pesquisadora:** Qual é a sua percepção sobre a classe social que pertence a sua família de origem? E a sua família atual? Se considera de classe baixa (pobre), média, alta ou de família rica? Qual é a sua percepção?



**Entrevistada:** Na minha percepção, ela é uma família pobre né. Porque assim, a maioria são analfabetos infelizmente, mas de origem classe média. Porque assim, os meus avós, os meus avós parte de pai tiveram condições, têm condições financeiras boas né. Meu avô paterno ele é bacharel em direito, não é mais porque ele já é falecido. Foi dono e senhor de engenho né. Então, a minha família paterna, são ricos, considero ricos. A minha família materna, são pobres. Foram pobres e são pobres ainda hoje né, até hoje mamãe é pobre, eu não conheço a minha família materna, não tenho parente nenhum, não conheço parente nenhum da parte de mãe né, não tenho. Não convivi com nenhum deles e no meu ponto de vista hoje minha família permanece pobre. Com exceção dessa minha irmã né, hoje tem um outro patamar de realidade, devido ao esforço dela ao estudo, dedicação. Na realidade, o estudo que ela teve né. Então assim, a única que vive melhor é essa minha irmã de referência. Mas, a minha família em si, desses 14 irmãos, todos são pobres.

**Pesquisadora:** MUITÍSSIMO obrigada, por participar dessa fase inicial da pesquisa. Eu vou fazer uma pausa para tomarmos uma água, um café e lanche. Retornaremos em breve, amanhã para darmos continuidade.

## SEGUNDO MOMENTO DA ENTREVISTA

Datada em 28 de julho de 2016, horário de início e término previsto, das 14 às 18 horas.

Tempo de duração: 4 horas com intervalos para o lanche.

**Pesquisadora:** Primeiramente, receba meus cumprimentos de boa tarde! Estamos aqui novamente, na Casa da Mulher, para darmos continuidade ao segundo momento da entrevista junto a entrevistada nº01. Desde já, agradeço mais uma vez a sua colaboração, disponibilidade na realização deste trabalho.

Então, hoje vamos conhecer um pouco mais sobre a sua história de vida pessoal e familiar, dando continuidade ao assunto iniciado ontem. Hoje, conversaremos sobre a questão da violência doméstica e incesto familiar, suas experiências vividas e testemunhadas dentro da sua família. Assim, dando sequência aos tópicos do roteiro. Ressalto, que esta é entrevista aberta, em profundidade onde prevalecerá, sobretudo, a sua liberdade de respostas e decisão.

**Pesquisadora:** Então, vou iniciar o procedimento da entrevista perguntando a entrevistada nº01. No seu entendimento o que é violência doméstica e sexual? Pode pensar e responder com as suas palavras quando quiser, lembrando que aqui não há julgamento de resposta certa ou errada. A verdade dita está na sua percepção, seu sentir, seu entendimento sobre a questão. O que você entende e sabe sobre essa realidade?

**Entrevistada:** É no meu ponto de vista né, como não tenho muita né, não estudei sobre isso, mas é a minha percepção e a minha experiência né, não direta, mas automaticamente indiretamente. É quando se é violentado os direitos do cidadão né, da criança no caso, da criança ou do adolescente. E, principalmente, é violentada referente a parentesco, de que grau for, que seja consanguíneo ou não consanguíneo. Eu estou me confundindo porque é referente à família. Então, como se a criança, a pessoa como estamos falando, a criança ou adolescente, ela é abusada, no meu ponto de vista. Algo referente a sexo, que ela não permita. Vai estar no caso, é sendo agredido de forma brutal, sem a permissão da pessoa no caso. Então é meu ponto de vista, não sei se tô falando corretamente, mas o meu ponto de vista seria esse, como sendo violentado. Os direitos e os limites do cidadão.

**Pesquisadora:** Perfeito. Nesse caso a violência sexual doméstica da qual estou referindo, envolve a questão do tabu do incesto, que é a prática sexual incestuosa entre pais e filhos. Nesse caso, seria a sua percepção com relação prática de violência familiar e sexo entre pais e filhas (o).

**Entrevistada:** Não é correto né, inclusive no meu caso, da minha família, eu cresci com essa história aí, com medo. E, com percepção também nesse tipo de violência né. Então, no meu ponto de vista, isso aí não é correto. Acredito que as leis do país, mais ou menos gerais, elas estabeleçam regras rigorosas, leis que realmente punam esse tipo de agressores, que é agressão e no meu ponto de vista. A coisa é assim sabe, desumano, principalmente referente a família. Pai né, independente, pai, mãe. Isso aí não é correto não na sociedade, não se pode se fazer. E na consanguinidade, em parentesco não é correto, não pode, é proibido né, então se é proibido, não é pra se fazer. Se faz, tem que ser punido, tem que ter punição.

**Pesquisadora:** Quem falou para você de que era proibida a prática sexual entre pai e filhas?

**Entrevistada:** Em casa mesmo. Na própria família, no caso a minha mãe né. A minha mãe e os irmãos mais velhos. A gente ia crescendo e ia percebendo que vínculo de irmão é diferente, né. O vínculo de irmão pra irmão, como é sangue e carne da mesma carne, jamais eu posso ver meu irmão ou minha irmã de forma diferente. Então assim, eu tive essa educação, minha mãe me passou isso e eu fui criada nesse meio, mas, infelizmente né. No decorrer da infância, a gente vai crescendo e vai entendendo melhor as coisas. Via, vi e presenciava de forma diferente, que não era o que acontecia na minha residência, na minha casa, com as irmãs mais velhas no caso. Então, é uma coisa sabe, que é difícil falar né, porque eu participo dessa família, sou membro dessa família e não concordo jamais em tempo algum que isso é correto. É isso.

**Pesquisadora:** Fale-me sobre a sua história de vida, sobre suas memórias e experiência vividas com sua família na doméstica. O que você vivenciou, viu, ouviu e sentiu dentro da sua família com relação a violência doméstica? Contra a sua mãe, suas irmãs ou irmãos na fase da infância ou adolescência? Você tem alguma informação, memória ou experiência com relação a você, sua família e seu pai?

Com relação também aos seus outros irmãos. O cotidiano da família, o que você presenciou na convivência com a sua mãe, seu pai, com os seus irmãos, que envolvia violência doméstica e relação sexual? Gostaria de falar sobre esse assunto?

**Entrevistada:** Hum, certo. Referente não a só a sexo, mas assim, como eu falei que o adolescente vai se desenvolvendo né, vai fazendo aquela mudança de criança pra pré-adolescente e adolescente e a juventude. Ele, (meu pai) não permitia como eu falei no início da minha história, que nós namorássemos. Então assim, se eu era uma das mais novas, então as mais velhas não podiam namorar, jamais em hipótese alguma. Algum menino ou rapazinho podia chegar, poderia chegar em casa procurando uma delas, isso aí se ele visse botava pra correr. É puxava a arma, gritava, batia e pintava o sete, desenhava o oito, mas não permitiria. Não permitia que isso acontecesse. Então, como eu via essa questão toda, me perguntava por que não pode namorar? Ele disse que não tinha uma explicativa né. Não tem justificativa pra isso. A gente sabe que uma mãe, um filho, mãe e pai que cria um filho, a gente cria o filho para o mundo, dá os princípios básicos e o filho vai criar as suas próprias asas e voa né?

**Pesquisadora:** Sim.

**Entrevistada:** Seja ele pra que caminho se direcione, contanto que venha né, que os pais o direcione pra posição, para o posicionamento certo.

Mas, então assim, os mais novos vendo toda aquela confusão referente a namorado, então automaticamente se retraía. Ainda mais vendo aquela confusão que minha irmã mais velha, tava tendo referente a ele né, com o meu pai, referente a namorado. Isso aí não se permitia, jamais eu iria levar namorado em casa ou algo desse tipo né. Então, eu não tive oportunidade, como falei anteriormente de arrumar namorado e levar pra casa. Eu era muito jovem e depois dessa confusão toda. E referente a minha mãe, as minhas irmãs sempre tocava no assunto de não arrumar namorado. Depois que eu cresci um pouco fiquei sabendo também, a minha irmã foi abusada, forçada a falar né, ouve aquele rebuliço todo, aquela confusão. Meu irmão queria bater nele, foi aquela confusão, e assim sabe, é muito difícil falar.

**Pesquisadora:** Você teria condição de detalhar como que foi esse momento, quando a sua família ficou sabendo que havia prática sexual entre suas irmãs ou sua irmã e seu pai? E como foi recebida essa notícia na família de forma mais detalhada? Se quiser e tiver condição de falar o detalhamento desse problema, é claro.

**Entrevistada:** Eu lembro sabe. Assim, com referente à minha irmã né. Ela é mais velha do que eu 1 ano, ela já era moça né.

**Pesquisadora:** Tinha que idade?

**Entrevistada:** Acredito que ela deveria ter uns 13 anos mais ou menos. 13 ou 14 anos, eu não lembro bem a data. Tinha um rapaz que gostava dela, ele morava na vizinhança ali próxima. E assim, por que nós, eu ficava sabendo porque o meu irmão tava falando pra mamãe pra tomar cuidado com ela, minha irmã A., tava de namorico com esse cidadão né, era adolescente também. Então, certo dia não sei se eles se encontraram e foram namorar, algo desse tipo, sei que ela aparentemente abriu o jogo pra ele informando que não era mais virgem.



*Aí esse rapaz falou pro meu irmão, o mais velho que essa irmã que foi abusada né, chegou para o meu irmão e falou que ela não era mais virgem. Aí meu irmão ficou indignado, chegou e disse que não sabia a procedência do caso, que isso aí nunca tinha acontecido na nossa família né, mesmo que as outras mais velhas não fossem mais virgens, mas tiraram a virgindade fora de casa acredito né.*

*Aí no caso ele deu uma surra nela valendo, bateu nela valendo, minha mãe chegou desesperada pra atrapalhar a confusão e daí imprensou ela na parede e ela falou que tinha sido ele (meu pai). Contou toda a história, que ele no caso tinha uma outra família, que morava próximo ao município de onde nós morávamos, São Vicente Ferrer. Ele tem outra família lá e informou pra mamãe que tava precisando de alguém pra tomar conta de uma casa de fotografia que ele tinha lá nesse município.*

*Acho que meio que forçou mamãe, que aperreou demais minha mãe ou ameaçou, sei lá. Mas, sei que mamãe permitiu que ela fosse ajuda-lo lá. Sei que ele fez o ato sexual, estupro em si nessa casa dessa outra mulher.*

*Aí ela começou a explicar tudo que tinha acontecido, como tinha sido, aí deu aquele desespero, aquela turbulência entre ele, ela, mamãe e meu irmão mais velho. E logo em seguida ele (meu pai) chegou, ou ele já tinha chegado, alguma coisa desse tipo. Sei que foi aquela confusão enorme, meu irmão partiu pra cima dele, queria agredi-lo e ele meio com medo e pediu perdão, e dizia: não vão me matar, e não sei o que, com aquele desespero dele. Safadeza, a pessoa ter capacidade de fazer um negócio desses. Ele não é gente, não é um pai. Um monstro. Aí nesse meio tempo nós menores né.*

**Pesquisadora:** Sim, você estava presente?

**Entrevistada:** Sim, estava presente. Naquela confusão minha mãe passando mal, desmaiando e a pressão dela subiu. Foi aquela confusão, um monte de criança chorando e o meu irmão partindo pra cima do meu pai e a minha irmã também desesperada chorando, também não sabia o que fazer. Sei que nesse meio tempo, conseguiu se acalmar a situação e resolveu tirar a A. de casa.

**Pesquisadora:** Seu pai permaneceu no grupo?

**Entrevistada:** Sim, permaneceu no grupo e a minha irmã no caso, que tinha sido abusada, ficou resolvido que tinha que tirá-la, a gente tirou ela de casa.

**Pesquisadora:** Ela foi pra onde?

**Entrevistada:** A gente entrou em contato com uma comadre da minha mãe, tinha uma filha que morava no Rio de Janeiro, e lá conseguiram arrumar um trabalho pra ela, sei que ela viajou pro Rio de Janeiro de imediato e conseguiu arrumar um trabalho pra ela lá e ela está lá até hoje. Então assim, eu não converso muito com ela, porque depois que ela foi, ela não voltou mais pra sua cidade natal, então assim converso com ela vagamente por Watzapp ou por telefone. O contato nosso é mínimo e ela evita tocar no assunto né, também pra evitar certo tipo de emoção que machuca. O que eu presenciei foi isso sabe, então depois dessa situação, desse fato acontecido, outros irmãos que moravam distante e depois que ficaram sabendo, ficaram todos indignados. E as mais velhas tinham sido abusadas, disseram: sabia, tenho certeza que isso tinha acontecido, porque já tinham meio que tentada, sido tentada referente a elas, acredito.

*Todos ficaram indignados e com ódio mortal dele, não é pra menos. Só que nós tínhamos que ficar, porque a minha mãe continuou com ele devido a situação, e a tirou de casa. Acho que a única solução de imediata foi essa. Então, eu permaneci e logo em seguida fui crescendo e fui verificando o comportamento dele referente à minha pessoa e fui automaticamente saindo de casa com meus 14 anos, pra não acontecer comigo o que aconteceu com ela. Então minha experiência vivida referente a abuso sexual familiar infelizmente é essa.*

**Pesquisadora:** Nesse momento em que você esteve acompanhando esse drama com relação a sua irmã, a pessoa que a recebeu no RJ, era conhecida ou desconhecida dela?

**Entrevistada:** Assim, amizade em si a minha mãe não tinha. Era comadre né, era conhecida próximo da vizinhança da minha mãe e infelizmente a única opção que ela teve foi essa né. De imediato arrumar um trabalho, meio pra ela encaminha-la, pra saí do seu ambiente né, pra não continuar acontecendo a desavença entre a família. No caso, meu irmão que faltou mata-lo de desespero, e ele (meu pai) desestruturou assim a família em si. Desestruturada, depois desse incidente, desse acontecido, com certeza se desestruturada mais ainda.

**Pesquisadora:** No momento em que ficou decidido que ela sairia de casa, o agressor participou dessa tomada de decisão? Ele se afastou do grupo? Como ficou a relação dele com o grupo, sua mãe e os filhos, as outras filhas após o conflito?

**Entrevistada:** *Ele ficou um tempo, uns dias sem aparecer em casa depois de tudo, do acontecido né. Ele foi embora e minha mãe no caso resolvendo a situação, de encaminha-la também, ele ficou um tempo sem vir em casa. E já vinha, vivia na minha casa esporadicamente, não tinha dia certo, passava 15 dias sem vim, 8 dias. Então assim, não tinha responsabilidade nenhuma com a família, a não ser por interesse né, que visivelmente é apenas interesse. Então, nós né, por ser menores ficamos todos assim. Eu percebi que ele ficou todo vergonhoso, não tinha coragem de, as vezes não entrava nem em casa, tirava a roupa fora de casa mesmo pra trabalhar. Vinha todo arrumado, aí pegava a roupa de trabalho de sitio, botava lá por fora mesmo. As vezes ele tinha vergonha até, ele não entrava nem em casa. Daí com o tempo ele foi voltando à vida dele normal. E ninguém olhava mais com os mesmos olhos pra ele, apesar da violência, a gente tinha paz vivenciado com os irmãos mais velhos. Com ele era brigas, confusões com a minha mãe. A violência dele com a minha mãe, bater, espancar e tudo mais, além de tudo isso, ainda essa nova atitude dele referente a coisas que nós aprendemos que isso aí não pode se fazer de jeito nenhum. Que são os irmãos, são sangue do mesmo sangue e que não pode, é pecado se for analisar. Se for analisar na religião que eu cresci, era pecado. A lei religiosa ela não permite de jeito nenhum que isso aconteça. Então assim, presenciar isso na família foi uma barra muito árdua sabe. Todos nós, do grande ao pequeno sofreu e ainda sofre com tudo isso.*

**Pesquisadora:** Eu imagino. E a sua mãe, como que ficou a relação dela com a filha abusada? Depois do acontecimento e da notícia? A relação dela com o seu pai e o resto do grupo? Como que ficou a relação do grupo em si, entre com sua mãe, seu pai e os outros irmãos?

**Entrevistada:** *Entre eles nós não tinha, como que eu posso dizer... respeito. A gente era obrigado a respeitar ele em todos os sentidos. Por qualquer coisa que acontecia, a primeira pessoa que diziam: não faça! porque senão se ele pegar, souber, ele vai matar, vai esfolar. Então assim, não tinha vinculo nenhum referente a ele, reuniões e afeto com ele, não tinha.*

*Depois que ela foi embora, o comportamento da minha mãe foi de muito sofrimento, ela chorou muito, se desesperou muito né, não sei o que passava pela cabeça dela, só ela sabe, ela e Deus sabem.*

*O que se passava, tava acontecendo com ela. E depois que minha irmã foi embora eu falei, vez ou outra, ela ligava pra minha mãe, perguntava como é que ela tava, eu também, minha mãe também às vezes procurava ela por telefone. E é isso, aí ela virou adulta e tem a história que sei, ela casou novamente, é a história dela, aí é com ela.*

**Pesquisadora:** Sim. Agora fale-me detalhadamente se aconteceu, como foi, quando foi, quanto tempo durou e de que forma aconteceram os atos de violência doméstica e sexual praticada pelo seu pai biológico contra você. Deseja falar sobre você? Digo, suas memórias, experiências e as violências vividas, sentidas marcaram a sua infância e adolescência dentro da sua família?

E que estratégias seu pai utilizava para lhe seduzir e praticar abuso? O que ele falava para você enquanto ato e intenções? Os códigos que ele transmitia e você traduzia para se aproximar intencionalmente de você?

**Entrevistada:** *Certo. Eu acho, que é como eu falei anteriormente né. O que posso informar é que ele ficava dizendo que ia presentear com roupa íntima, ficava observando que os seios estavam crescendo, às vezes tinha que mergulhar no açude de roupa, roupa que ficava colada no corpo ele ficava o tempo, eu percebia que ele ficava com o olhar diferente no meu corpo.*

*Então assim, a roupa cola no corpo aparece meio que o formato das pernas grossinhas né, o formato do bumbum mais redondinho, os seios já né, que a criança tá passando da fase criança pra adolescente, tem toda a mudança. Então, eu percebi que ele olhava de forma diferente. Comecei às vezes até evitar tomar banho, mergulhar com ele perto pra não chegar e não chamar atenção. Comigo, sim vivenciava isso e observava isso referente a ele.*

**Pesquisadora:** Com relação as suas irmãs que foram abusadas, você falou na questão anterior que observava algum comportamento específico dele com relação a elas, envolvia sedução e dominação/posse do corpo e do sexo das filhas. Como que você via essa situação com relação de intimidade familiar que acontecia dentro do lar?

**Entrevistada:** *Certo. Eu observava que ele era. Um exemplo, 5 filhas né, era escolhida a mais velha do que eu, eu encostada a ela e mais três menores que eu. Ele só se direcionava a ela pra comprar roupa né, comprava uma*

roupa pra ela, não comprava pra gente. Comprava maquiagem pra ela, ela ia pra rua com ele as vezes fazer compras.

*Se isso ela observava eu não sei, mas eu observava que tudo era ela pra ele. Assim, eu observava também sabe, que ele brigava muito com minha mãe referente a ciúme, ele morria de ciúme, ele não deixava, não queria que ela fosse estudar de jeito nenhum. Se passasse algum rapazinho pra ir pro um campo próximo pra jogar bola, ela não podia tá na calçada, se ele visse ficava brigando, gritando com ela pra ela entrar. Então assim, foram coisas que eu fui observando, que observei e infelizmente que resultou nessa desavença familiar né, provocada por ele. Mas eu percebia que ele era muito ciumento e agressivo com ela.*

**Pesquisadora:** Você percebia que a relação da família e de sua irmã abusada, era uma relação de mando e obediência, violências e medo. Nesse contexto, você percebia códigos traduzidos entre sua irmã e o seu pai?

**Entrevistada:** Não, jamais. Sempre que ele chegava ela chorava. Às vezes ela se escondia por trás de casa, chorava, as vezes eu desesperada perguntava, tá chorando porque fulana? Ela não dizia o porquê. Então, assim percebi que a presença dele a incomodava demais, era visível, né. Então meu irmão também mais velho do que ela, o que ficou enfurecido com ele, percebia também facilmente que tinha algo estranho naquela situação. Então assim, era perceptível que realmente, claro que ela jamais iria participar de uma safadeza dessa né, e com o seu pai. Ela foi vítima, tenho certeza que ela foi vítima das agressões dele em todos os sentidos.

**Pesquisadora:** As demais irmãs mais novas que você também observava e acompanhou esse drama, presencialmente. Você tem notícias se houve recorrência com outras irmãs mais novas que você?

**Entrevistada:** Mais nova que eu não, porque assim depois dela sou eu, depois vem uma encostada a mim e mais quatro. Então, a que mais conviveu com ele foi a caçula né.

A caçula e o caçulo são os dois mais novos. Logo após que eu saí, aliás, antes de eu sair de casa, a mais nova já tinha fugido de casa já, tinha saído já. Então, ela saiu primeiro do que eu, aliás, desculpa eu me enganei nós saímos juntas praticamente, nós fomos trabalhar juntas praticamente como babá. A minha irmã mais velha que morava em Recife, ela trabalhava como doméstica e arrumou um trabalho, logo após que A. saiu de casa, pra nós duas. Eu e a que era encostada a mim. Então ficaram só duas.

A outra que era a mais escurinha, a que puxou a minha mãe que vivia literalmente escondida dele, logo em seguida ela saiu também pro Rio de Janeiro pra casa da minha irmã. E ficou só a caçula. A caçula e o caçulo.

Naquela situação, naquela convivência de violência, ele disse que não ia sustentar vagabundo se não trabalhasse pra ele, pra dá um prato de comida, tem que trabalhar pra comer. Assim sabe, então minha mãe via tudo isso, escutava e presenciava tudo isso.

**Pesquisadora:** Que idade eles tinham?

**Entrevistada:** Quem?

**Pesquisadora:** Os seus irmãos mais novos.

**Entrevistada:** Os caçulas?

**Pesquisadora:** Sim. Que tinham que trabalhar?

**Entrevistada:** Ele tinha o máximo 9-10 anos. Ele fazia né, porque assim, ele ordenava e tinha que fazer senão era cacete. Porque tinha que trabalhar muito, assim trabalhar como adulto no sitio pra poder ter o que comer. Então, nós vivíamos, a criança vivia jogada dentro da lama dos açudes, botando, encanando água, que tem uns canos grossos pra fazer irrigação. A gente vivia, ele né principalmente que foi o último que ficou em casa com a minha mãe, vivia no meio do mato com a pá, fazendo os mandados dele. E educação e escola zero, por ele era zero, só o mínimo que nós aprendemos como falei anteriormente. Foi devido a guerra e a luta da minha mãe.

**Pesquisadora:** Essa relação que você teve de intimidade e acompanhamento dos seus irmãos mais novos que você falou, o que você presenciou. Você via se ocorria algo semelhante com as suas irmãs mais velhas?

**Entrevistada:** Eu acredito que sim. História não tinha né, porque se aconteceu não foi divulgado, não foi falado, isso aí é a história de cada um. Eu acredito que sim né, não a violência diretamente sexual, mas a violência assim em outro sentido de exploração.

Daí ele não dava alimentação e teve que trabalhar como escravo e tudo mais. Acredito, que o que tenha acontecido com as outras, outro tipo de violência, igual o que nós passamos. Se não fosse ele, todo mundo estaria lá ainda.

*Então, foram obrigados a sair de casa, alguma coisa tem errado, algo, acontece a mesma coisa com todos. Aí, é a visão de cada um né.*

**Pesquisadora:** Sim. Muito obrigada. Tem algo mais a acrescentar?

**Entrevistada:** Não, eu acho que não... *(com a voz de quem está emocionada)*.

**Pesquisadora:** Para aliviar o emocional, lhe convido para fazermos uma pausa, o que você acha? Sugiro um intervalo, tomar café e um lanche, vamos? Depois, a gente continua. Podemos fazer uma caminhada, passeio no jardim da instituição - Casa da Mulher para descontrair um pouco. Tudo bem?

**Entrevistada:** Tudo!

**Pesquisadora:** Uma hora de intervalo. Dando continuidade com a nossa conversa. Apesar de você já ter falado, mas, objetivamente, qual foi o principal motivo que levou você se separar do seu grupo familiar, sair de sua família e cidade? Como foi esse processo de separação? Tem algo que queira acrescentar ainda, que não tenha falado?

**Entrevistada:** *(Suspiro)*. A senhora pode repetir?

**Pesquisadora:** Claro, quais foram os motivos ou o principal motivo da separação da sua família, do seu grupo familiar, de sua comunidade? Como foi esse processo para você?

**Entrevistada:** *O ato em si né, a violência com ele e o acontecido com a minha irmã né, a violência sexual, eu com medo e pra não acontecer comigo também.*

**Pesquisadora:** Esse foi o motivo da separação.

**Entrevistada:** Sim, sim.

**Pesquisadora:** De modo geral, em quais funções você trabalhou até o momento atual?

**Entrevistada:** *Eu trabalhei um período, quando comecei minha vida profissional como Babá, em seguida trabalhei com Telemark fazendo pesquisa pra turismo, depois trabalhei um tempo na empresa de telecom, de telecomunicações né, com o telemarketing em Recife, e no próximo trabalhei também na Prefeitura, próximo aqui da minha cidade, ali em Itamaracá, na Prefeitura né, como Auxiliar Administrativo com digitação, meu último trabalho como eu relatei também no início foi como Vigilante. Minha profissão atual é vigilante. É isso.*

**Pesquisadora:** E como está a sua relação atual com os seus pais biológicos?

**Entrevistada:** *A minha relação com ele, eu não tenho nenhuma relação com ele. Me afastei, às vezes quando vou encontrar alguém ali em M., encontro vizinho, algum vizinho ou vizinho dele e as vezes ou outra eles falam: o teu pai as vezes pergunta por tu, que você sumiu, não aparece.*

*Então assim jamais eu tenho interesse em me aproximar dele né, e sem contar que eu tenho filhos, eu tenho uma pré-adolescente.*

*Então eu jamais eu vou querer estar próxima de uma pessoa que fez mal pra mim e minha família. Eu não tenho ele como exemplo, eu não quero que os meus filhos tomem ele como exemplo, que se aproximem dele, jamais eu quero. Então, assim não tenho aproximação nenhuma com ele, então não o reconheço como pai, não tenho como pai né.*

*Infelizmente eu tenho ele no registro porque não tem como se mudar, ele foi apenas meu genitor, conforme eu presenciei várias, várias coisas ruins dele né.*

*Como pai em si, tem que dar exemplo para o filho, ele não pode dar presenciando essas coisas erradas e feias né. Então é isso dele, não tenho vínculo com ele e também não tenho interesse. E referente a minha mãe, tenho vínculo com minha mãe, minha mãe frequenta a minha casa, eu frequento a casa dela. Assim, sempre que temos oportunidade nos reencontramos, nos encontramos e é isso. Minha mãe é a mulher que eu amo. E admiro muito como mulher.*

**Pesquisadora:** Você percebe ou percebia a sua mãe complacente, também responsável por todo esse conjunto de situações que envolvia a família ou você a percebe como vítima também?

**Entrevistada:** Claro! Não tem como ela ser complacente da situação. Ela foi tão vítima, foi mais vítima do que nós né.

Porque assim, antes de nos ter, se ela for contar a história de vida dela pra você, você vai ver que é uma vida só de sofrimento, como ela teve o início da história. Então assim, ela foi tão vítima quanto eu, e quanto às outras. As outras filhas, os outros filhos, não estão falando de filhos porque foram agressões né, a agressão sexual né. Então, claro que ele não ia procurar os meninos, mas os meninos tiveram as histórias deles né. Mas, ela é tão vítima quanto nós e sofre muito mais do que nós, porque assim: a gente percebe que ela se culpa por a gente, vai conversar com ela, ela se culpa por não ter feito, podido fazer nada naquela situação.

Então eu observo que ela é tão vítima quanto nós e é uma guerreira por ter segurado essa barra por tanto tempo, e dado suporte pra todas nós né. Nem que fosse de colo, de psicológico, porque acho que ela não teria mais do que isso pra dar. Mas o mínimo que ela pode dar, ela deu, o máximo dela.

**Pesquisadora:** Tá certo. Aconteceu situações de violência doméstica ou abuso sexual sofrido por você após ter saído de casa? Se houve como foi, quando foi, com quem foi o que você viveu, pensou e se superou. Gostaria de falar sobre isso?

**Entrevistada:** Não, comigo graças a Deus, eu nunca sofri nenhuma violência sexual né, pelo menos depois que eu saí de casa. Também em casa não cheguei a sofrer, mas meio que um “pré” né.

Então graças a Deus depois que eu saí de casa, que fui, viver independente não tive nenhum desse tipo de problema comigo.

**Pesquisadora:** Aquele relacionamento que você teve com aquele senhor, pai de sua patroa, como foi sua primeira relação sexual? Foi consensual, você tinha quantos anos?

**Entrevistada:** Eu tinha de 15 pra 16 anos.

**Pesquisadora:** Como foi esse processo? Você estava envolvida mesmo e consentiu?

E aos poucos, ele foi me conquistando, eu comecei a gostar dele também e nós começamos a sair, com medo né porque eu era virgem ainda. Mas, ele sempre foi muito carinhoso comigo, cuidou de mim, me presenteava, passeava comigo, me matriculou em uma escola.

Então assim, meu ponto de vista, eu me envolvi com ele porque eu quis. Gostava dele, e queria ficar com ele. Nada a ver de abuso sexual referente à minha vida não.

**Pesquisadora:** Você não considerava.

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** Quando aconteceu abuso sexual com você em relação a seu pai, você falou para a sua família ou alguém de sua confiança?

**Entrevistada:** Sim. Não houve abuso em si né, que eu não sofri abuso com ele. Sim vá, conclua o seu pensamento depois eu falo.

**Pesquisadora:** Quero dizer. Com relação a aproximação do seu pai com a sua intimidade sexual, quando observava seu corpo molhado no açude. O que ele prometia para você? Você compartilhou essa situação com alguém de sua família?

**Entrevistada:** Eu falei pra minha mãe em seguida, não em abuso, referente a abuso, mas referente ao comportamento dele comigo.

E ela, vez ou outra, ela alertava ele: - Olhe, cuidado! Tô de olho em você viu. Nem tente que eu mato você dessa vez. Nem sonhe fazer o que você fez com a outra. Então, vez ou outra ela passava na cara dele e eu me policiava né. Ai ele se afastava, ficava chateado comigo, tudinho, mas assim sabe, porque o mínimo que ele tentou, ela ficou sabendo da situação e acho que por isso que ela me mandou de casa logo também pra evitar.

**Pesquisadora:** Qual foi a reação dela quando você relatou do episódio da rede que você relata no seu depoimento individual de número 03, que participou da pesquisa anterior do TCC? Como que ela reagiu?

**Entrevistada:** Ah, ficou chateada e enfurecida com ele né. Foi ai que ela ameaçou.



**Pesquisadora:** Ela nunca chegou a fazer um registro oficial na delegacia por ameaça, abuso, violência doméstica ou estupro contra seu pai? Digo, um Boletim de Ocorrência Policial – BO?

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** O que que ela justificava?

**Entrevistada:** *Que eu saiba não né, mas assim, os meus irmãos, os mais velhos, inclusive essa minha irmã que saiu de casa pra estudar fora, ela sempre foi em busca de soluções para o caso. Então, uma pessoa sem experiência e sem esclarecimento não tem condições de levar um caso desse para a frente.*

*Inclusive uma vez, essa minha irmã, de onde ela estava ela veio pra se reunir com os irmãos pra fazer um BO contra ele referente aos crimes que ele tinha né, cometido. E infelizmente numa foi possível apoio de mamãe, acredito que seja por medo e reação dele, ela nunca quis fazer nada contra ele.*

**Pesquisadora:** A sua mãe?

**Entrevistada:** *Isso, a minha mãe. Ai vem com a justificar sempre, que referente a religião, que Deus que tem o poder de punir, de castigar, ela não tem capacidade pra isso, ela não tem autonomia pra isso. Então assim sabe, é complicado porque ela é a chave. Ela é a chave base de tudo não é, ela é a gestora da família né, acho que a palavra é essa gestora da família, genitora da família né. E ela (suspiro), e ela como no caso é maior de idade, ela é responsável pelos filhos. Então assim, era pra ter atitude, era pra ter iniciado, ter atitude e ter tomado algum tipo de decisão. E ela nunca permitiu que isso acontecesse. Ai não se sabe justificar o motivo né, ela justifica que é referente à religião, mas acredito que não seja só isso, acho que tem algo mais. Ai só ela mesmo né, ela e Deus pra falar. Ela pode falar, eu não posso falar por ninguém, posso falar por mim.*

**Pesquisadora:** Sim. Você já respondeu a respeito, mas vou só consultar se você tem algo a mais para acrescentar. Você sabia que outras irmãs já tinham sofrido o mesmo abuso e violência incestuosa que você. De que forma você protegia suas irmãs mais novas, para evitar tornar-se vítima da mesma violência praticada pelo seu pai?

**Entrevistada:** *A gente né, mesmo antes de isso acontecer dessa, dessa bomba estourar referente à minha irmã agredida sexualmente, então assim, depois que ainda soubemos disso a gente ficou todo mundo pasmado, pasmo, porque na cabeça da gente aquilo não era uma coisa, era coisa do diabo, do demônio né, que ninguém em sã teria capacidade de fazer uma coisa dessa. Então assim, todas se conversavam entre si, como que ele teria capacidade de fazer um negócio desse? Uma violência dessa? Ai todo mundo, a maioria se afastava dele o máximo possível né. Ninguém se aproximava. As meninas e nem os meninos com medo também dele, porque ele era muito agressivo né. Então, ninguém se aproximava dele pra nada. É isso.*

**Pesquisadora:** Olhando as suas experiências da infância à vida adulta, quais sentimentos e pensamentos você suscitou, teve a respeito dessa violência sexual incestuosa? Toda essa experiência de vida, as memórias, o que significa tudo isso? Qual o seu entendimento a respeito dessa violência doméstica e sexual incestuosa na sua opinião?

**Entrevistada:** *É, veja só. Infelizmente, eu faço parte de uma família que tem esse problema né. Sofreu esse tipo de violência. Mas, eu não sou a única e nem serei a última. No caso meu, da minha família, o meu caso não será a primeira nem será a última né, a gente vê E escuta tal né? Participa, escuta casos e as vezes, as vezes se vê de mãos atadas e não pode fazer nada. (silêncio).*

*É ..., é difícil sabe pra uma família se reestruturá depois de uma situação dessa, é muito difícil. Mesmo, que se tenha acompanhamento ainda psicológico e tudo mais. Eu acredito, não sou psicóloga, não tenho né esclarecimento, mas acredito que não tenho problema referente a isso né, acho que nenhuma de nós tivemos, não entendo por que. Graças a Deus né, porque pela espécie de vida que nós vivemos, era pra todos nós termos algum tipo de deficiência, de distúrbio, alguma complicação né, psicológica. Porque presenciamos e vivenciamos muitas coisas ruins na nossa infância. Muitas né, coisas ruins e coisas boas, porque criança independente de tá com fome ou doente ela vive aquele momento no pensamento e pronto, pra criança é isso. Então assim, de referência, referente à família não sei se não existir sabe, por isso que eu estou participando dessa pesquisa né, e pra tentar fazer a minha parte na sociedade, pra mudanças melhores pra sociedade né. Que eu tenho a minha, tenho os meus filhos e quero que as coisas mudem para melhor futuramente. Esse é o sonho de todo cidadão né.*

**Pesquisadora:** Sim.

**Entrevistada:** Então, então eu agradeço, agradeço a senhora em estar empenhada nessa função né, nessa sua pesquisa. E que a senhora seja vitoriosa em nome de todas as mulheres para fazer, essas mudanças, tentar fazer a sua parte como eu tô fazendo a minha, para mudanças em leis né. Que a gente espera um Brasil, um mundo melhor, mesmo que seja meio que ilusão, que a gente sabe que nosso país hoje tá um caos. Mas tem que se batalhar, tem que se lutar pra melhorar, pra melhorar as coisas. Então, não dá pra ficar pra permanecer na mesmice. Se eu puder acrescentar, o mínimo que seja para mudanças, para melhorar as famílias eu vou fazer o que estou fazendo. Então eu espero que né, as veias competentes né, estudem melhor os casos de família referente as agressões e que se modifiquem as leis referente a família, a mulher, a criança, adolescente, seja lá o que for para se punir os agressores, literalmente. Ou se deixar abertura entre as leis, sei lá tirar vantagem de alguma forma. Então assim, o mínimo que eu puder cooperar, fazer pra mudanças eu vou estar disponível pra isso.

**Pesquisadora:** Muito obrigada! Se a senhora concordar, podemos interromper mais um instante, dar uma pausa para fazermos um lanche e torarmos um café, o que você acha? Depois, a gente retorna para concluir a parte final desse segundo momento, tudo bem?

**Entrevistada:** Tudo!

**Pesquisadora:** Retornando aos trabalhos. Sobre essa questão você já respondeu, mas, gostaria de saber se tem algo a acrescentar, no caso, sobre as atitudes tomadas pela família e sua mãe, após a revelação dos abusos sexuais que vinham sendo praticados contra as filhas adolescentes? Digo, sobre a violência o abuso sexual contra você e os outros membros.

**Entrevistada:** Desculpa. Eu vou tentar falar rapidamente. O que eu observo que houve de errado né, ao invés de tirar o agressor da família se fez ao contrário, se tirava a vítima. É onde ocasionou no meu ponto de vista minha percepção dessa desavença. Mas, o deslocamento de todos do grupo familiar, que era pra sair naquele momento era ele, seria ele! Ele que fez o movimento, era o agressor no momento. Não tem que se tirar a vítima, tem que se punir, tem que se tirar o agressor!

E o que não aconteceu naquela situação, naquele momento naquela família. Então, por isso que eu observo que a família é assim sabe. Como eu falei, aí todos cresceram, são adultos, apenas um formado, infelizmente entre 15 irmãos apenas um formado, dois no caso desculpe, dois formados, que tem a caçula que ela se formou, que reside em M. ainda. Então assim, assim se tivesse se tomado outra, outras, outras, outras regressões referente à família não teria acredito, nós estaríamos diferente hoje. Eu observo isso. Não seria pra ter tirado a vítima, era pra ter tirado ele, pra ele ter pago, pagado o erro que ele cometeu ou a violência que ele fez. Ele destruiu aquela família. Aquela família tinha tudo pra dar certo, é uma família constituída por 15 irmãos. E eu não via essa necessidade dele estar ali, continuando a fazer aquele tipo de violência, ameaça e tudo mais. Não tem pra que, era pra ele ter saído daquele grupo. E infelizmente ele não saiu e está aí impune até hoje, infelizmente.

**Pesquisadora:** Qual era o lugar e a posição da sua mãe dentro da família? Sua autoridade com relação a seu pai enquanto esposa, como mãe em relação aos filhos?

**Entrevistada:** Quem mandava e desmandava sempre era ele, desde que eu me entendo por gente né. Ele que era quem mandava e desmandava. Todos os membros da família eram submissos a ele em todos os sentidos. Não se pegava um peixe sem a permissão dele, jamais em tempo algum. E se pegasse um peixe no açude muitas vezes era escondido pra ele não saber, que ele não queria. Então assim, tudo era principalmente em frente a minha mãe, ela sempre foi submissa a ele, muito submissa. Nem que fosse abaixo de cacete, que ela levou muito pau dele apanhou muito dele né. Acho que as doenças de hoje que ela tem, nas limitações dela é decorrente a sofrimento que ele causou também né. Também, o histórico de vida da minha família infelizmente, não mais hoje graças a Deus, mas na minha infância foi de violência.

**Pesquisadora:** Muito obrigada! A última questão desse bloco. Você já falou que o agressor não foi afastado do grupo, nem foi denunciado pela família ou a comunidade? Tem algo a acrescentar sobre alguma pressão, ameaças, que seu pai tenha enfrentado com relação a comunidade local?

**Entrevistada:** Sim.

**Pesquisadora:** Digo, naquele momento em que ficaram sabendo do abuso e do estupro da sua irmã?



**Entrevistada:** Sim. As vezes se comentado né, inclusive na escola algumas vezes eu presenciei algumas situações não agradáveis, ele passava na rua e as pessoas chamavam ele de, chamavam ele de estuprador. Algumas pessoas que conhecia que sabiam do caso né, desse caso verídico né, verídico, chamavam ele, até mesmo na cara dele, implicando com ele, as vezes estressadas com ele, chamavam ele de estuprador.

Na escola tinham algumas pessoas quando queriam, crianças né referente à escolar. Na escola, eles às vezes faziam: o teu pai é estuprador, na escola, então assim a gente ficava, ficava triste né, de mãos atadas porque sabe que aquele fato é verídico. Sem ter como mudar, não dizer: não o estuprador é o teu, não posso dizer isso porque o dele não é então o meu é. Então, eu tenho que engolir a seco aquela, aquela agressão! Ainda bem né. Mas é isso, referente a ele na comunidade ele não tem o mínimo respeito, as pessoas não têm o respeito com ele, que tem pela minha mãe né. As pessoas veneram e admiram demais a minha mãe. O problema porque é... são fatos verídicos né, que realmente aconteceram e acontecem até hoje. Não sei a história da vida dele com a família dele atual, não sei. Mas eu não duvido que role também violência sexual lá, ou qualquer tipo de violência com a família atual em si, eu não duvido, tenho quase certeza que sim. Mas, aí é com ela, são com elas, tô tentando cuidar da minha né, é o mínimo possível. Tai o meu relato da minha história de vida.

**Pesquisadora:** Muito obrigada! Então, nesse momento finalizamos o segundo momento da entrevista, a terceira e última parte, continuaremos amanhã. Agradeço imensamente sua contribuição.

**Entrevistada:** De nada.

### TERCEIRO MOMENTO DA PESQUISA

Datada em 31 de julho e 1º de agosto de 2016, horário de início e término previsto, das 14 às 18 horas.

**Procedimentos e Orientações Gerais.** A atividade lúdica e criativa prevista para essa última etapa da pesquisa, o tempo anteriormente previsto, foram estendidos em função das limitações e dificuldades motoras apresentadas pelas participantes.

Então, a pesquisadora reorientou o tempo da atividade, no sentido de que cada participante, individualmente, destinasse os dias 31/07 e 01/08/2016, no horário destinado a entrevista, um momento privado, reservado, podendo ser em casa ou na Casa da Mulher, local das entrevistas, para dedicar a sua produção criativa parte final da pesquisa.

Assim, preservando a forma livre e pessoal de cada participante. No contato inicial com cada participante, foi destinado um kit de material didático, contendo papel A4, lápis de cores, caneta, grafite, borracha, giz de cera, cola, revistas e figuras, para a produção do terceiro momento da atividade. Nesta fase, poderia permanecer o tempo que achasse necessário para realização da mesma. Assim ficou acordado entre pesquisadora e entrevistadas que no dia 31/07, as participantes finalizariam a parte final do trabalho, assim, atendendo a todos os objetivos da pesquisa e sua finalização. Cada uma podia pensar com tranquilidade em cada fase de sua vida, resgatando suas memórias, experiências para representar de forma significativa de forma criativa. Sobretudo, respeitando o tempo motor, cognitivo, imaginativo e lúdico de cada uma. Nesta atividade a pesquisadora permaneceu acompanhando, tirando dúvidas e a disposição integral das participantes. E assim, se sucedeu.

### REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CRIATIVAS DA FILHA-ENTREVISTADA [N.01]

Figura 1 - Representação da infância e adolescência.

Figura 2– Memórias e significados da juventude e vida adulta.

## 2) MÃE-ENTREVISTADA [N. 02]

### APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA.

Boa tarde senhora! Sou Janete, acadêmica doutoranda e pesquisadora responsável por esse estudo, em meu nome, da minha orientadora professora Tânia Stoltz e da Universidade Federal do Paraná, agradece imensamente a sua presença e participação neste estudo. Vou tomar como base as formalidades previstas na **apresentação inicial da pesquisadora orientadas para esta pesquisa**, nesse sentido vou pedir licença para ler e explicar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a senhora, podendo junto acompanhar a leitura com sua cópia em mãos. Sigo as mesmas orientações prestadas para a entrevistada n.01, (TECLE lido).

Após esse ato, vou abrir os trabalhos e anunciar os encaminhamentos do dia. Então, hoje é sexta-feira, dia 29 de julho de 2016, exatamente às 14 horas. Estamos acomodadas e sentadas aqui no gabinete cedido pela Secretária Municipal, responsável pelo Espaço Mulher, do município de Igarassu/Pe. Eu e a mãe do grupo familiar em estudo, a entrevistada n° 02, estamos reunidas para darmos início a entrevista.

Então Senhora, nesse momento é uma grande satisfação conhecê-la pessoalmente, uma honra, tê-la participando deste estudo, meu muito obrigada! Receba meus cumprimentos e sincero agradecimento pela sua participação.

Apenas para registrar. Como a senhora chegou da sua cidade, interior do estado no dia de hoje, exclusivamente para participar desta atividade, na breve conversa que tivemos anteriormente, ficou decidido que irei me dirigir a sua pessoa com pronome de tratamento de senhora e também lhe identificando como entrevistada n° 02. Sabendo que o objetivo é de preservar sua identidade e manter o anonimato neste estudo, tudo bem?

Então, como já explicado no TECLE, o estudo prevê uma entrevista narrativa com questões abertas, terá uma sequência a partir de um roteiro orientado por mim, no sentido de compor sua história de vida. Nada mais, do que uma conversa aberta, livre e espontânea entre nós.

Ressalto, que aqui não haverá julgamento de resposta certa ou errada, o que escutarei durante todo processo será a sua verdade, suas experiências de vida, esse será o foco. Então, estou aqui para lhe escutar com todo respeito e atenção, ouvir o que a senhora tem a dizer sobre suas memórias e vivências pessoais e com a sua família, o seu mundo doméstico, as situações de conflito vividos, sentidos, testemunhados que a senhora puder narrar. O objetivo é a partir de sua história de vida, entender melhor, a dinâmica e as práticas de violência doméstica e sexual que acontece dentro da família. Mesmo sabendo, que essa problemática não é uma realidade vivenciada apenas pela sua família, infelizmente. Enquanto pesquisadora, posso afirmar a violência doméstica e sexual espalhada no país, atinge um conjunto expressivo da sociedade brasileira, que infelizmente as mulheres, crianças e adolescentes são as maiores vítimas. Mas, nesse momento vim ao seu encontro para conhecer a sua realidade, suas experiências como mãe de um grupo familiar de 15 filhos vivos. Nesse sentido, a sua participação é uma parte muito importante para este estudo.

É com palavras de agradecimento que lhe recebo e acolho neste ambiente de trabalho! Durante a nossa conversa, caso a senhora deseje interromper, pausar ou desistir, terá total liberdade e direito de descontinuar sem sofrer prejuízo ou dano algum. É só dar um sinal que lhe atenderei.

Senhora, quero deixar registrado a garantia do retorno e o acesso aos resultados deste trabalho, será entregue um exemplar impresso e apresentado na forma expositiva para que a senhora e os interessados de sua família tomem conhecimento do trabalho na íntegra.

Então, a partir de agora, iniciaremos nossa conversa para compor o seu perfil sócio familiar e o contexto cultural do qual a senhora pertence. Tudo bem?

**Entrevistada:** Tudo.

## PRIMEIRO MOMENTO DA ENTREVISTA

Entrevista realizada em 29/julho de 2016, horário de início e término previsto, das 14 às 18 horas.

Tempo de duração: 4 horas com intervalos.

**Pesquisadora:** Pois bem, qual é a sua idade atual e data que a senhora nasceu? Pode informar?

*Entrevistada:* Eu nasci no dia 20 de 50. Dia 20 de junho. Eu tô com 66 anos.

**Pesquisadora:** E quem são seus pais?

*Entrevistada:* Ai, realmente eu não conheci pai nem mãe, mas meu avô que me criou até 6 anos, ele dizia que a minha mãe era J. M. da C. e o meu pai J. C. de L. Não conheci, mas meu avô dizia pa mim.

**Pesquisadora:** Sobre sua escolaridade. A senhora estudou? Qual é a sua escolaridade?

*Entrevistada:* Eu não estudei tempo de criança, tive que estudá depois de velha já, Mobral. Estudei um pouco de Mobral.

**Pesquisadora:** A senhora sabe ler e escrever.

*Entrevistada:* Sei um pouco, mai sei.

**Pesquisadora:** A senhora tem certificado de alfabetização?

*Entrevistada:* Tive da escola que eu estudei, eu tive um diploma.

**Pesquisadora:** E qual que é a sua ocupação atual? No momento a senhora é aposentada, trabalha.

*Entrevistada:* Eu sou aposentada.

**Pesquisadora:** Faz quanto tempo que a senhora é aposentada?

*Entrevistada:* Não lembro, acho que já faz, acho que já faz uns, uns 8 ou 9 anos já, eu acho. Me aposentei, eu tava com 55 anos.

**Pesquisadora:** A senhora mora atualmente com a sua família e na comunidade de origem? Digo, na comunidade onde a senhora nasceu?

*Entrevistada:* Não, não. Moro em outra comunidade.

*É eu nasci, nasci na P. Num lugar, lugar que chama-se Macicoaba, mas é vizinho de P., chama-se Macicoaba. Então eu nasci lá e me criei, saí de lá.*

**Pesquisadora:** P. é uma cidade?

*Entrevistada:* Não, é um Engenho.

**Pesquisadora:** Engenho de P.?

*Entrevistada:* É. Eu saí de lá da P. eu tinha 12 anos. Me criei lá, saí de lá da P., vim pra M. com 12 anos.

**Pesquisadora:** E em M. a senhora veio com seus parentes, seu avô?

*Entrevistada:* Não, eu morei com meu avô até 6 anos de idade e ele morreu e eu fiquei com um tio, depois eu não, não, não fiquei com ele, saí e fiquei morando na casa das pessoa, num era na casa da minha família não, era na casa das pessoa.

**Pesquisadora:** E seus pais eram vivos?

*Entrevistada:* É eu não conheci.

**Pesquisadora:** A senhora ficou na casa de outras pessoas conhecidas após o falecimento de seu avô?

*Entrevistada:* Não, quando meu avô morreu eu fiquei na casa do meu tio que era filho dele e a mulher, que era mulher dele. Do meu tio. Não, ela, ela era a mãe do meu tio, fiquei na casa deles.

*Aí quando eu tava com 8 anos mais ou meno aí eu saí de casa porque não aguentava porque eu trabalhava demais e era judiada também.*

**Pesquisadora:** A senhora trabalhava em que? E como que era essa judiação?

*Entrevistada:* *Que eu trabalhava na enxada! Trabalhava na enxada e..., trabalhava na enxada e eles. Na lavoura, plantava milho, feijão, algodão, roça macaxera essas coisas. Feijão, milho, macaxera, algodão, tudo isso que nós plantava.*

**Pesquisadora:** E quem judiava da senhora?

*Entrevistada:* *Era a mulher, aquela mulher do meu avô. Que não era minha avó. Meu avô foi viúvo e casou-se com ela.*

**Pesquisadora:** Quando a senhora foi para M., quando saiu do Engenho de P. A senhora foi morar com quem, tinha algum parente por lá?

*Entrevistada:* *Não, tinha parente lá não. Eu fui. Uma amiga minha que me levou que eu não sabia nem onde era M., ela me levou pra mora na casa do patrão dela, dos patrão dela, que ela morava na terra deles.*

**Pesquisadora:** A senhora foi para M. trabalhar então?

*Entrevistada:* *Foi.*

**Pesquisadora:** E lá a senhora se casou? Teve filhos? Como foi a formação de sua família? Permaneceu solteira?

*Entrevistada:* *Não. Eu cheguei lá eu tinha 12 anos, aí eu era uma menina ainda né. Aí fiquei lá, fiquei lá e, na casa desse homem e dessa mulher que tava lá...*

*E me disse que ia me considerar como pai, que tinha, agora eu tinha arranjado um pai pa mim, que eu nunca tive um pai. Só que aconteceu que, que ele (fez pausa...).*

**Pesquisadora:** Ele lhe fez de mulher? Teve filho com ele?

*Entrevistada:* *Foi, me fiz de mulher e tive filho com ele.*

**Pesquisadora:** A senhora tinha 12 anos?

*Entrevistada:* *Era.*

**Pesquisadora:** Aí começou a construir sua família ali?

*Entrevistada:* *Foi.*

**Pesquisadora:** Teve o seu primeiro filho com quantos anos?

*Entrevistada:* *13 anos.*

**Pesquisadora:** Tá certo. E daí no local da sua residência. A senhora teve filho com 13 anos, e como ficou? A senhora ficou morando na mesma casa em que ele morava?

*Entrevistada:* *Não, eu fiquei morando na mesma casa que ele morava. Eu sempre fiquei lá, sempre... Saí, depois que eu fiquei grávida do meu primeiro filho aí, eu posso dizer o que vou contar?*

**Pesquisadora:** Sim pode, fique à vontade.

*Entrevistada:* *Ele era casado aí tinha deixado a mulher dele. E depoi a mulher voltou.*

*Aí ele me tirou, me levou pro Recife pra trabalhar, porque eu tava grávida já, seis meses de gravidez já. Depoi, eu vim me embora de novo, aí tive o filho lá, aí fiquei, fiquei com ele lá. O primeiro filho eu tive com 13 anos e fui todo ano, aí fui tendo filho todo ano.*

**Pesquisadora:** Quando a senhora ficou grávida, ele lhe levou para Recife foi isso?

*Entrevistada:* *Foi. Eu fiquei grávida, ele me levou pra Recife porque a mulher dele voltou.*

**Pesquisadora:** Ele tinha separado porque a senhora ficou grávida.

**Entrevistada:** Não. Ele tinha, ele separou-se da mulher dele e eu fiquei dentro de casa com a mãe dele e ele.

*E ele, aí ele pegou e fez isso comigo. Aí quando eu fiquei grávida com 6 meses a mãe dele, a mulher dele queria voltar, aí ele tirou eu de casa pra ela vim.*

**Pesquisadora:** Entendi.

**Entrevistada:** E quando foi pra mim ter o filho aí eu voltei, tive o filho lá, não nessa casa, já em outra casa já.

**Pesquisadora:** E como que eram as condições da moradia, da sua nova residência? Era uma casa boa, a senhora considerava boa, como que era a sua moradia?

**Entrevistada:** Depois que eu fui mora?

**Pesquisadora:** Depois que a senhora voltou do Recife para ter o seu filho, que a senhora não ficou mais na casa dele, foi morar na sua própria casa. Como que era a sua casa?

**Entrevistada:** Não, o primeiro filho eu tive na casa da mãe dele. Ainda não tinha casa não.

**Pesquisadora:** Entendi. Morava perto?

**Entrevistada:** Morava. Aí depois foi que ele fez uma casa, uma casinha pra mim. Era uma casinha de, de, de, de taipa. Cobertinha de palha de coco.

**Pesquisadora:** O que é taipa?

**Entrevistada:** Taipa é chama é casa tampada com barro. Não era tijolo, era barro. Era toda de barro. Era. As parede era coberta com barro.

**Pesquisadora:** E daí a senhora morou lá.

**Entrevistada:** Morei.

**Pesquisadora:** E onde que ficava essa casa?

**Entrevistada:** Ficava dentro de um sítio, dentro do sítio dele.

**Pesquisadora:** Afastado daquela casa da qual a senhora morava com ele?

**Entrevistada:** É. Ficava longe da casa dele, pra baixo dentro dum sitio. Um sitio dele, aí ele pegou e fez essa casa pra mim e eu morava lá.

**Pesquisadora:** A separação da mulher dele, teve alguma relação com a sua gravidez?

**Entrevistada:** Não. Eu não tava grávida não, quando ela deixou a casa dele, eu fiquei grávida depois.

**Pesquisadora:** Entendi. E a senhora fazia o que na casa da mulher dele?

**Entrevistada:** Fazia di tudo, todo o serviço. Eu lavava roupa, eu varria a casa, eu apanhava ração, eu tirava lenha, botava água, todo o serviço de casa eu fazia.

**Pesquisadora:** E como ele se aproximou da senhora? Ele tinha filho?

**Entrevistada:** Tinha.

**Pesquisadora:** Ele tinha quantos filhos?

**Entrevistada:** Dois.

**Pesquisadora:** E a senhora cuidava desses filhos? Quando a mulher dele se separou, deixou os filhos com ele?

**Entrevistada:** Não, ela levou os filho. Fiquei com ele e a mãe dele.

**Pesquisadora:** Como que foi a aproximação dele inicialmente com a senhora?

**Entrevistada:** Na verdade quando ele tava vindo, já tava me iludindo, a mulher dele tava em casa ainda. Ele dizia que ia deixa ela e ia casá comigo, mas eu não queria de jeito nenhum. Ficá com ele não. Aí depois que ela foi se embora, ele pegou e fez isso comigo.

**Pesquisadora:** E a mãe dele sabia? Conseguia falar alguma coisa do que ele estava querendo para mãe dele?

**Entrevistada:** Não. Falava nada pra ela não, mas acho que ela sabia, porque quando ele ficava me, me, me aperreando pa tê esse negócio comigo eu não queria, aí ele ficava com raiva de mim.

*Aí a mãe dele dizia assim: - Ah vai lá perto dele, dê um xero nele que ele não fica mais com raiva não, é que ele tá com raiva de tu porque alguma coisa você não tá querendo assim, fazê o que ele que. Ela dizia assim, ela não sabia se era isso que ela pensava ou se era outra coisa. Não sei.*

**Pesquisadora:** E a senhora era virgem?

**Entrevistada:** É quando cheguei era menina, eu fiquei moça lá. Eu fiquei foi pouco tempo que eu fui moça que ele fez isso comigo.

**Pesquisadora:** E ele perguntava se a senhora já era moça?

**Entrevistada:** Não, a mim mesmo ele não perguntou se eu era moça não, maí a mulher dele me perguntou. Eu disse que não era não. E eu fui moça lá na casa dela.

**Pesquisadora:** E como que foi o ato sexual com ele? A senhora consentiu?

**Entrevistada:** Não. Não foi de gosto de vontade meu não, que eu não queria não. Eu não sabia realmente nem o que era direito, mas depois que eu, que eu vi que era, eu não, como era, eu não queria não, mas mesmo assim ele ficava, aconteceu isso comigo.

**Pesquisadora:** A senhora chegou a pedir ajuda pra alguém?

**Entrevistada:** Não. Aí eu não queria mais, depois que ele fez isso aí eu não queria mais, aí ele disse assim: - Não adianta porque tu não soi moça mai vai ficar agora pra tia. Agora tem que ficar comigo mesmo. Ele disse. Ele ficava em cima me aperreando, insistindo. Sofri muito porque eu não queria não.

**Pesquisadora:** A senhora sentiu muitas dores depois do ato?

**Entrevistada:** Senti sim. Senti muita dor, saiu sangue tudo.

**Pesquisadora:** Ai logo em seguida a senhora ficou grávida?

**Entrevistada:** É. Eu não sei quantos vezes eu passei, mas depois eu fiquei grávida.

**Pesquisadora:** E quantos filhos a senhora teve? Vivos e não vivos?

**Entrevistada:** Não, eu tive 19 filhos. Agora vivos mesmo eu tive 16 filhos, vivo. Que tem 14 vivo agora. Morreu 2, 16 filhos agora, 3 foi aborto.

**Pesquisadora:** Com relação a seu primeiro filho, quando a senhora foi para o Recife e voltou para ter seu filho. Quem foi lhe buscar para a senhora dar a luz?

**Entrevistada:** Foi ele, mandou o homem que me levou, trazer. Eu fui pra casa de um morador dele. Aí da casa do morador dele, ele botô na casa da mãe dele pra mim ter, pra tê o filho na casa da mãe dele.

**Pesquisadora:** O seu primeiro filho é vivo?

**Entrevistada:** Não, morreu com 5 mês de nascido.

**Pesquisadora:** Aí depois a senhora ficou grávida do segundo.

**Entrevistada:** Foi.

**Pesquisadora:** Do segundo em diante, todos estão vivos?

**Entrevistada:** Tão.

**Pesquisadora:** Quantos abortos a senhora teve?



**Entrevistada:** 19, têm 16 vivo. Três aborto.

**Pesquisadora:** São todos do mesmo pai biológico?

**Entrevistada:** É.

**Pesquisadora:** Quantos filhos homens e mulheres a senhora teve?

**Entrevistada:** Eu tive... Com o que morreu também?

**Pesquisadora:** Sim.

**Entrevistada:** Então, vivo filho homem parece que foi sei, sei, 5 filho parece. Seis filho. Um que morreu.

**Pesquisadora:** E o resto foram meninas?

**Entrevistada:** É. Tudo menina, tudo mulher.

**Pesquisadora:** Teve algum que não foi criado com a senhora?

**Entrevistada:** Teve.

**Pesquisadora:** Gostaria de falar sobre a história de seus filhos que não criados pela senhora?

**Entrevistada:** É que o primeiro filho, ele, o 1º de tudo morreu. E depois eu tive outro filho que ele deu também.

**Pesquisadora:** Qual a idade que esse filho foi doado e porquê?

**Entrevistada:** Tinha 8 mês. Que ele disse que não tinha como criá. Aí tive um de novo, outra menina, ele deu com 9 mês de novo, aí nasceu outra menina de novo, ele deu novamente. Ele tirava de mim sem me, sem nem me dizê que ia dá, tirava e dava.

**Pesquisadora:** Ele tomava a força dos seus braços? Como acontecia?

**Entrevistada:** Não, uma ele deu de noite, ele chegou, a mulher chegou, a menina tava dormindo. Aí ela chegou, a mulher chegou batendo na porta aí eu perguntei quem era, ela disse assim: - Ah uma amiga, uma amiga da família. Eu disse, mas quem é? - Deixá aqui, abre que eu digo quem é. Quando eu abri era uma conhecida dele, eu não conhecia ela. Aí ela disse - Deixa eu vê a tua menina. Eu disse: não! ela tá dormindo já. Aí ela pegou, botou no braço e nessa hora ela carregou a menina. Era ela e uma amiga dela, e levou a menina. Eu não sabia, eu não sabia quem era, nem pra onde tinha ido. Isso aí foi, foi a segunda já.

**Pesquisadora:** Isso a noite.

**Entrevistada:** Foi de noite, era umas 7 hora da noite, mais ou meno.

**Pesquisadora:** E o pai da sua criança raptada estava junto?

**Entrevistada:** Tava escondido, não tava junto não, ele ficou escondido, depois que ele apareceu. Eu fiquei desmaiada, quando tiraram a menina eu fiquei desmaiada e ele ficou me aconselhando, me dando conselho dizendo que eu ia arrumá outra, uma outra. Que, que eu ia criá meus filho, daí me levou pro Recife, lá, tinha arrumado um trabalho pra mim, me levou pro Recife. O rapaz já tava, ele já tava, já tava certo. Aí me levou pro Recife pra trabalhá. Aí eu fui trabalha e ele não sabia onde é que eu tava, depois lá, aí ele, ele..., é..., descobriu onde eu tava e foi, e foi pra lá, aonde eu tava. Aí me tirou eu de lá, pra me botá em outro lugar. E assim eu fui vivendo muitos ano desse jeito, indo prum canto trabalhava, não dava certo, ia pra outro e até que, até que eu já tinha tido 3 filho já ele tinha dado, aí depois foi que eu fiquei grávida do meu, do dum filho, aí foi desse tempo que eu fiquei na, na terra dele e não saí mais. Nasceu os outro menino e eu fui criano.

**Pesquisadora:** Somente após o 4º filho e 3º vivo que a senhora começou criar?

**Entrevistada:** Foi, foi.

**Pesquisadora:** E a senhora sabia onde estavam os seus filhos doados para outras pessoas?



**Entrevistada:** Não, eu demorei, demorei a saber. Tinha uns que eu não sabia onde tava não, depois de um tempo foi que eu descobri aonde tava. Aí eu fui lá na casa do home e eles ficaram cum medo, pensaram que eu ia busca meus filho, aí foi que eu conheci eles, eu conversei com ela e disse que não ia toma os fio deles, que eles tavam muito bem criado. Aí fi, fiquei conhecendo eles, mais antes, eu não sabia quem era e estava não.

**Pesquisadora:** Sobre a sua situação conjugal hoje. A senhora continua com o pai de seus filhos?

**Entrevistada:** Não, eu deixei ele, fai um par de ano, mai eu não quis casá mais não. Tô sozinha agora, tô sozinha. Meus filho, cada um tá trabalhando, foram estudá, outros foram trabalhá e eu tô sozinha agora.

**Pesquisadora:** E a senhora pretende outro casamento?

**Entrevistada:** Não mais não.

**Pesquisadora:** E seus filhos, gostaria de falar sobre eles?

**Entrevistada:** É tem 5 homem vivo. Tem 4 homem vivo agora porque 2 já morreu, que um nasceu, morreu com 5 mês e o outro morreu com 27 anos, lá em São Paulo. Mataram ele em São Paulo. Agora os que eu tenho de homem só tem 4 e 10 mulher.

**Pesquisadora:** Suas filhas e seus filhos estudaram?

**Entrevistada:** Estudaram, comigo elas estudaram até a 5ª série. Porque eu tinha um monte de filho, quando aquela mais velha estudava até a 5ª série, eu já ia butá os outros. Não pude da mais do que isso, depois disso aí, eles foram estudá por conta própria.

**Pesquisadora:** Todos sabem ler e escrever?

**Entrevistada:** Sabe.

**Pesquisadora:** Qual é religião que a senhora e sua família segue?

**Entrevistada:** Religião? Olha a minha base que eu tinha de religião é sempre evangélica, é..., católica. A gente ia pra missa, tudo. Mas depois de uns tempo, eu depois que eu aprendi um pouquinho lê, que eu conheci a Bíblia, aí eu gosto muito de lê a Bíblia. Minha, minha, não tenho religião, mas eu gosto muito de lê a Bíblia, porque a Bíblia, é tá tudo que eu preciso de bom, as coisa que eu preciso com Deus, tem tudo escrito ali. Pra mim basta.

**Pesquisadora:** Com relação a sua família de origem e a comunidade primeira. Qual é a pessoa que a senhora considera mais importante na sua infância e adolescência?

**Entrevistada:** Antes de eu tê filho? Na minha infância o que eu tinha mais importante pra mim era meu avô. Foi que me criou pai do meu pai. Era pessoa que pra mim de mais importante. Porque ele era muito bom pra mim e só me ensinava coisa boa. Que pena que ele morreu eu era muito pequena ainda, tinha 6 anos quando ele morreu. Mas pra mim, ele era muito importante pra mim.

**Pesquisadora:** Ainda na sua fase adulta, a referência que a senhora tem continua sendo ele?

**Entrevistada:** Sendo ele.

**Pesquisadora:** A senhora tem uma pessoa de referência na sua comunidade?

**Entrevistada:** Agora? Não, na minha vida a pessoa que tinha valor, que era uma pessoa boa era meu avô. E depois que ele morreu, eu não tive mais nenhuma referência de outra pessoa. Que pra contar com aquela pessoa não. Depois, só depois que eu tive meus filho, que foi que eu. Tenho meu filho agora. Tenho os meu filho. Mas antes eu não tinha ninguém não.

- **Pesquisadora:** Então, essa é da Comunidade mesmo não teve uma pessoa importante assim depois do seu avô.

**Pesquisadora:** A senhora tinha quantos anos quando perdeu contato com a sua família de origem?

**Entrevistada:** Oito. Da minha família, dessa do meu tio e dessa, dessa mulher. É. Meu avô morreu eu fiquei com 6 anos. E da minha, desse meu tio eu fiquei, eu tinha uns 8 ano.

**Pesquisadora:** Quando separou a senhora foi para onde, foi morar com quem?

**Entrevistada:** Ah! No início eu fui pra casa de uma senhora lá, uma muler, um casal. Era vizinho. Depoi que eu saí, que eu tava na casa desse casal, ai veio uma prima minha dizendo que, me, me iludin..., dizendo que era pra eu ficar, morá com a, com ela e a minha tia né. Só que eu fui e na hora que eu cheguei lá o marido dela não quis, por que ele tinha um bocado de filho, e ele não tinha condição. E foi aí que eu fiquei nas casa das pessoa, dos outro. Sem ser família. Sem sê família.

**Pesquisadora:** Depois que a senhora saiu da casa de sua família e daquela comunidade na qual a senhora havia nascido e vivido, a senhora voltou em algum outro momento naquele local de onde a família morava?

**Entrevistada:** No local que eu...Voltei. Nesse lugar que eu sempre fiquei, na casa não sei se era esse mesmo lugar, na P. mesmo. É no Engenho da P. Mas, pra morá, voltá na casa que eu saí do meu tio, não voltei morá não. Às vezes, eu voltava pra visita, mas eles nem me via.

**Pesquisadora:** Não?

**Entrevistada:** Não. Eu ia escondido, porque eu sabia que eles não queria me vê, aí eu ficava escondida. Eu via assim as coisa escondido assim, aí eu via o que que eles falavam, o que que eles tavam fazendo, mai eu não me apresentava a eles não. Escutava (risos).

**Pesquisadora:** Da casa do seu tio, quanto tempo a senhora ficou sem voltar?

**Entrevistada:** Ah! Eu fiquei muito tempo sem voltá. Ai depois que eu saí de casa, eu fui em casa umas duas vezes escondido, como eu tô falando. Ninguém me via, só que eu via tudo, mas ninguém me via (risos). Eu ficava escondida, dentro das fava, que tinha muito roçado de fava. E eu ficava escondida dentro da fava e eu escutava o que eles dizia de noite.

**Pesquisadora:** A senhora visitava a noite geralmente?

**Entrevistada:** Era. Escondia pra eles não me vê, agora eu via eles quando e o que eles tavam falando, eu via.

**Pesquisadora:** Quem era que morava nessa casa de sua família? A que a senhora morava antes?

**Entrevistada:** Era meu tio e a mulher do meu avô, que não era minha avó. Era outra mulher que ele arrumou.

**Pesquisadora:** A senhora gostava deles?

**Entrevistada:** Gostava. Assim, ela me batia e tudo, mas eu gostava deles assim sabe.

**Pesquisadora:** Ela lhe batia por quê?

**Entrevistada:** Não sei, porque acho que era ignorância dela, ela era muito ignorante, muito bruta. Não era que tivesse muito motivo não, sabe. Não dava muito motivo não, qualquer coisa que ela mandasse eu fazê e eu demorasse, ela já batia em mim.

**Pesquisadora:** Sua avó-madrasta tinha filhos com o seu avô?

**Entrevistada:** Tinha “2 filho”, nesse tempo que meu avô morreu, só tinha o meu tio só, que a minha tia já tinha morrido já. Não conheci ela não. Conheci mesmo esse meu tio.

**Pesquisadora:** Sobre a sua família de origem e atual, a senhora considerar ser de família pobre, de classe média, de família rica?

**Entrevistada:** A minha família não era uma família rica não. Era família pobre.

**Pesquisadora:** Eram pessoas de cor de pele preta, parda, branca...?

**Entrevistada:** Por parte de pai minha família era tudo branca. Meu avô que eu conheci mesmo era bem branquinho dos óio azul. A minha avó, a mãe do meu pai, não conheci. Agora o meu avô paterno era, ele era bem escuro, bem preto ele. Mas também eu não conheci ele não.

**Pesquisadora:** Senhora, muito obrigada. Sobre essas questões levantadas até o momento a senhora tem alguma informação que queira acrescentar? Sobre seu perfil sócio-familiar?

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** Senhora, com suas palavras, o que representa e significa família para a senhora?

**Entrevistada:** Família, família pra mim é uma coisa muito importante. Eu pedi muito a Deus ter uma família, que eu era sozinha no mundo e Deus me deu uma família pra mim. Abaixo de Deus é os meus filho. Família é muito importante pra mim. É tudo pra mim minha família. Eu acho que, quem representa uma família é o pai e a mãe. É o mais importante na família é o pai e a mãe, porque sabe todos os amigos dos seus filho né?. Eu acho assim.

**Pesquisadora:** Então, família seria pai, mãe e filhos?

**Entrevistada:** Não, família é o pai e a mãe, um conjunto. A família é a completa né, pai, mãe, fio, tio, avô. Tudo isso é parte de uma família. Filhos, neto, bisneto. A minha família que, atual eu não conheci muito né, acabei de falá, eu conheci o meu avô. Não conheci meu pai nem minha mãe. Conheci meu avô, pai do meu pai e um irmão. Só, a minha família que eu conheci só foi isso aí. Não conheci mais. Uma tia conheci, um irmão e meu avô só, da minha família.

Minha família atual, agora, é uma família muito grande e que eu tenho muito carinho por eles, porque eu já tenho filho, tenho neto, já tenho bisneto. Então, agora eu tenho uma família grande, que amo todos eles. Que eu era sozinha, hoje em dia já não sô mais. Tenho meus filho, meus neto, meus bisneto, que ficam ao redor de mim, faz parte da minha família e da minha vida.

É como eu já falei né. A minha família representa muita coisa pra mim. Meus filho pra mim tem grande valor. Pessoa educada, estudaram, trabalha, tem sua vida, tem seus filho. Pra mim a importância da minha família são essas. As pessoa honesta, direita. Pra mim é isso.

**Pesquisadora:** Senhora, com suas palavras: o que significa ser pai no seu ponto de vista?

**Entrevistada:** Ah! sê pai. Eu não tenho nem muito o que dizê, porque realmente eu não conheci pai, nunca tive carinho de pai, num sei o que é que vem sê pai, mais eu acho que pai é uma coisa muito importante numa família. Porque o pai é a segurança, ele é a segurança dos filho. Os filhos tem segurança nos pais né. Eu acho que é o pai. O pai, a mãe, ou é alguma pessoa responsável, mas eu acho que é o pai e a mãe que são responsável pela família né. Eu não conheci o meu pai. Eu vi meu pai uma vez só. Eu tinha 5 ano. Então, eu não posso dizê que, o carinho do pai, cumé que é, que não vivi, não convivi com ele. Então é isso, que eu sei do meu pai é isso.

**Pesquisadora:** A senhora tem alguma informação, comentário de outras pessoas de quem eram seu pai?

**Entrevistada:** Meu pai?

**Pesquisadora:** Sim.

**Entrevistada:** Não, eu ouvia falá muito pouco do meu pai, porque quem falava do meu pai às vezes era o meu avô. O pai dele. Mas eu não tinha, não tinha muita informação dele não.

**Pesquisadora:** O que seu avô falava do seu pai, lembra?

**Entrevistada:** (Silêncio).

Eu num lembro que ele falava alguma coisa não, ele me dizia assim: mas, ele deixou eu com meu avô e depois disse que vinha me buscá. Aí meu avô falava assim: - Mais, que fim levou (o filho dele que era José né), que não procurou mais esses filho, o que aconteceu? Era isso que escutei ele falando, mais, outras coisa ele não falava não, eu também não sabia né.

**Pesquisadora:** Sim. É verdade. E como a senhora vê o pai dos seus filhos na infância e adolescência deles? Sobre o pai dos seus filhos, o que a senhora tem a dizer?

**Entrevistada:** Hum! Eu acho que dos meus filho, para o pai não tem muito de falá, que era um pai dos melhores não. Que ele não, não dava muito valor aos filho, não dava atenção, muita atenção os filho. Então isso aí, eu não sei se era o melhor dos pai não.

**Pesquisadora:** E no seu ponto de vista, com suas palavras: o que é ser mãe?

**Entrevistada:** Sê mãe é eu acho que sê mãe é uma coisa realmente importante. Porque a mãe, a mãe é, é tudo pro filho. A mãe é que compartilha tudo: doença, na tristeza como diz a história, na doença em tudo, é a mãe que tá ali com o filho. Eu acho que é muito importante uma mãe na vida de um filho.

**Pesquisadora:** O que a senhora sabe sobre sua mãe?

**Entrevistada:** A minha mãe?

Minha mãe apesar de eu não ter conhecido ela, não posso falá nada de mal dela, que eu não sei qual foi o motivo de ela tê me deixado. Queria muito conhecê minha mãe, a coisa que eu mais queria era conhecê minha mãe. Mas, infelizmente eu não sei nem se ela é viva mais. Mas, minha mãe, eu não posso falá nada de mal da minha mãe. Que nem conheci e nem sei o motivo dela tê separado de mim.

**Pesquisadora:** Muito obrigada! E o que a senhora sabe sobre a história de vida dos seus pais e de seus avôs?

**Entrevistada:** *O meu... O meu avô eu sei que meu avô era um homem direito um homem bom. Criou os seus dois, três filho, que ele ficou viúvo. Criou com muito sacrifício, muita dificuldade, ele era negociante, e era difícil pra ele criá esses três filho sozinho. Então, foi quando ele arranhou, isso que ele me falava. Arranhou essa mulher, essa, essa mulher pra criá os filho dele e ajudá ele a criá os filho né, que ele era viajante, negociava e não podia deixa os filho sozinho. Sei que ele foi um bom pai, sei que era uma pessoa muito boa, o meu avô.*

*É. Até hoje eu tenho muita consideração a ele, mesmo que ele seja morto, mais tenho muito respeito por ele, que é uma pessoa muito boa.*

**Pesquisadora:** Da sua família de origem, a senhora tem alguma outra lembrança que queira falar nesse momento?

**Entrevistada:** *Não. Não tenho muito que dizê não, porque realmente a minha tia, esse eu era muito pequena, mas ela tinha os filho dela. O meu irmão que foi esse que ficou comigo, que o meu pai se separou, separou e, e separou os filho, ele ficou com um filho, minha mãe ficou com três, foi esse irmão que eu conheci. Ele morreu acho que tinha 18 anos, eu nem vi e nem sabia, depois que ele tinha morrido. E a minha tia casada, vivia longe de mim, eu não sei. Sei que era uma pessoa de boa, pessoa direita a minha tia. Mas, eu não tenho muita coisa de falá de família não, de origem da minha família eu não tenho muita coisa pra fala não. Só mais do meu avô.*

**Pesquisadora:** Sobre os valores familiares, quais valores foram transmitidos para senhora na infância e na adolescência?

**Entrevistada:** *É, eu recebi da minha família os valores que eu recebi foi que era, era preciso de eu respeitá os mais velho, não mexê no que era dos outros e trabalha. Sê pessoa trabalhadeira, sê uma pessoa honesta. Isso eu recebi do meu avô e do meu tio e dessa mulher que me criou. Foi isso que eu aprendi, que me ensinaram.*

**Pesquisadora:** Considerando suas memórias do espaço e lugar de onde a senhora morava e vivia durante sua infância e adolescência. Que memórias a senhora tem da casa dos seus pais, das coisas importantes, do trabalho, do lazer, da convivência com a família e sua comunidade? O que a senhora tem a falar sobre esse assunto?

**Entrevistada:** *Quando era pequena né? Na, na, quando eu era pequena eu era, como eu falei. Quando eu vivia com meu avô eu era feliz porque eu vivia junto dos meus primo, brincava jun, junto com meus primo e meu avô, é assim como eu falei, vivia junto dos meus primo, brincava com meus primo. Meu avô me ensinou trabalha muito nova pra mim aprendê a trabalha, que ele era velho, cansado já. Disse que ia morrê e precisava de me ensiná eu trabalha né ?. Então, eu comecei a trabalhá com 6 ano de idade.*

*Seis anos. E isso pra mim foi muito bom. Que ele me ensinou, todo esses valores que a gente tem foi ele, aprendi com ele. Me ensinou a trabalhá, me ensinou a respeitá as pessoa mais velha, me ensinou que nunca mexesse em nada de ninguém, e foi esses valore que eu tenho desde a minha família quando era pequena, vivia junto era isso que, que eu vivia bem, enquanto ele tava vivo, eu tava junto da minha família. Aí depois que ele morreu foi que, a família separou-se, fui morá em outro lugar. Meus tios também ficaram na P. depois foram morá em outro lugar em Pedra Fina, aí se separemo. A convivência com família eu tive muito pouco.*

**Pesquisadora:** Sobre sua infância e adolescência, o que a senhora lembra dos ambientes que habitava, que brincadeiras brincava, o que lembra dos lugares onde vivia, trabalhava. Suas Suas saudades, gostaria de falar sobre esse assunto?



**Entrevistada:** Ah! Eu tinha umas arvores, eu gostava muito de ficá brincando por debaixo dos pé de árvore, gostava muito de ficá sozinha, conversando sozinha (risos). Quando eu falo sozinha eu fico embaixo dos pé de árvore, pra mim é uma beleza, uma bênção aquilo ali pra mim. Tomar banho no rio, quando eu morava na P., tumava caldo no engenho, “chupá cana, comê mel, era muito bom era maravilhoso isso aí.

A casa da gente era uma casinha muito é, casinha fraca né, como eu já falei, antigamente não tinha casa de tijolo, era tudo de taipa como o povo falava, mas eu tinha. Me lembro muito do lugar que eu morava e sinto saudade até hoje. A P. eu sinto saudade até hoje, quando eu passo por lá eu, parece que eu tô vivendo aquela vida que eu vivia quando pequena.

A P. é um Engenho onde eu nasci e me criei, onde meu avô, meu tio morava, eu morava. Morava na P., era.

**Pesquisadora:** A senhora sente saudade de que exatamente da P.?

**Entrevistada:** Da P. eu sinto saudade de, de, do Engenho, tumá caldo de cana. Livre, brincando por aquelas, aquelas solta, aquelas vagens, catando lenha, brincando, tumando banho no rio. Eu tenho muita saudade da P. ainda porque foi o canto que eu nasci e me criei né. Muito bom a P.. Eu saí de lá eu tinha 12 ano. Foi. 12 ano, então eu tenho muita história pra contá da P. muita coisa boa que eu passei na P.

É assim como eu falei, tem umas coisa que eu passei, mas saudade das festa que tinha, que ia com as minhas amiga, dançá o baile de carnaval, (risos). Lá tinha baile de carnaval, tinha ciranda.

**Pesquisadora:** Que bacana!

**Entrevistada:** E daí Dr Ênio gostava muito de butá brincadeira, então isso aí a gente sente saudade. Tinha muito, muita brincadeira que ele butava, Dr Ênio butava, muita brincadeira. E aí a gente ia e hoje eu sinto saudade.

**Pesquisadora:** Quem era esse Dr Ênio?

**Entrevistada:** Doutô Ênio era o Senhor do Engenho de lá.

**Pesquisadora:** E o que tinha de festividades no engenho?

**Entrevistada:** Tinha maracatú né, carnaval, ciranda, que ele butava muito ciranda no pátio do Engenho, butava presépio, butava Maria no tempo de festa tinha, no mês de maio tinha festiva noite do mês de maio, era uma festa que ele butava lá, festa muito boa, muito bonita. Então, tudo isso eu lembro, saudade dessas festas, desses lugar que eu passava, saudade. Era muito bom pra mim, que eu passei, que eu tive saudade foi a P.

**Pesquisadora:** E a senhora tem voltado no Engenho de P.?

**Entrevistada:** Pois já voltei lá, já voltei lá, depois de uns tempo voltei lá mais meus dois filho e uma amiga. E mostrei onde é que eu passava, onde eu morava, onde o lugar que eu caminhava tudinho, eu mostrei pros meus, pra minha filha e o meu filho. Eles ficaram tudo admirado. Na igreja onde a gente ia pra missa.

**Pesquisadora:** Tinha igreja?

**Entrevistada:** Tinha e ainda tem. Mas, só que agora não tem mais missa, o povo não fazem mais missa não. Não fazem mais missa não, mas tem a igreja lá ainda, mas nesse tempo era muita coisa que tinha na igreja.

**Pesquisadora:** Ainda existe a casa que a senhora morava?

**Entrevistada:** Não. Porque agora tudo é diferente né, agora tudo é cana e banana, mai, mais ou menos assim se eu for lá e olhá assim mais ou menos, eu ainda sei aonde eu morei.

**Pesquisadora:** Que legal! E a senhora brincava do lado de dentro ou de fora do Engenho?

**Entrevistada:** Não brincava, a gente não brincava no engenho não. A gente brincava, eu ia pra lá só levá almoço pro hôme que morava lá. Que ele trabalhava lá, era o maquinista do engenho. A gente chegava lá, eu pegava fava e saia. Eu brincava nas solta, nas vagem, nos rio, era lá que eu brincava.

**Pesquisadora:** Brincava sozinha?

**Entrevistada:** Sozinha, mais umas amiga, às vezes sozinha, às vezes mais umas menina também que tinha lá. Muitos morador né. Eu conheci as menina, a gente ia tumá banho, era muito bom. O Engenho produzia açúcar, produzia mel de furo.

**Pesquisadora:** O que que é mel de furo?

**Entrevistada:** Mel de furo é um, é um, é um alimento que dá pros, que dá pro gado, mói a cana, e coloca o mel de furo moído naquela cana moída, ou no capim, é pro gado cumê. E o mel, o mel que fazia, fazia açúcar. Tinha aquelas, aquelas incureta grande e butava o mel e coalhava e ficava aqueles coisa de açúcar. E quando tava tudo pronto, aí vendia pra todos os lugares né, o açúcar preto muito bom.

**Pesquisadora:** Era açúcar preto, tipo mascavo?

**Entrevistada:** Era.

**Pesquisadora:** Não era refinado?

**Entrevistada:** Não. Refinado só quem faz é as usina. É. Toda minha recordação é lá no Engenho, que era o canto que tinha espaço pra andá, pra brinca, caçá lenha, cumê, chupá manga, tudo isso. Era o rio, toma banho era isso, um lugar que eu sinto muita saudade ainda. Saí da P. com 12 anos como eu já falei. Fiquei durante esses anos todinho na P. Todo mundo me conhecia, sabia que eu. O meu tempo de felicidade foi esse né que passei. Depois que eu cresci foi só trabalhá.

#### CONCEITO DE LIBERDADE

**Pesquisadora:** A senhora se sentia livre nesse momento da sua vida? E que significa liberdade para a senhora?

**Entrevistada:** Liberdade pra mim?

**Pesquisadora:** Sim.

**Entrevistada:** Quando eu tava naquele, naquelas soltas, naquelas vagens eu me sentia livre como um passarinho. Aí aquilo pra mim era a coisa melhor do mundo que sentia. Era muito bom.

Porque eu ficava, eu gosto muito de mato, de mata. Então, eu ficava por dentro dos mato comendo araçá, comendo essas coisa, então eu me sentia muito livre, era muito feliz.

A liberdade é coisa muito boa. Eu hoje me sinto liberta. Ói, eu me sinto, a liberdade é uma coisa muito boa, uma coisa que você não se sente preso a nada. É assim que hoje eu me sinto. Não sou presa a nenhuma coisa, faço da minha vida o que eu quero. Vou pra onde quero, converso com quem eu quero, tenho liberdade ir pra casa dos meus filho pra onde eu quiser. Então, isso pra mim é a liberdade, que eu antes não tinha e agora eu tenho, sem ter ninguém que mande em mim.

Criá filho não é fácil, é difícil. E a gente não tem liberdade pra fazer tudo que quer quando tem filho pequeno. Então, é obrigado a fazer o que os filho precisa né. Não tem liberdade, hoje eu tenho porque são tudo criado, tudo de maior nos seus canto. E hoje, eu tenho muita liberdade. Tô muito feliz graças à Deus.

**Pesquisadora:** No caso, a senhora só tinha liberdade quando morava no engenho na época da sua infância é isso?

**Entrevistada:** E agora.



**Pesquisadora:** A senhora se sente feliz hoje?

**Entrevistada:** *Sinto. Me sinto muito feliz hoje, graças a Deus. Me sinto feliz porque graças à Deus não me falta nada, sou feliz com meus filho, amo meus filho, meus filho me ama também. Então, eu sou feliz porque quando eu quero ir pra casa de um filho eu vou, quando eu quero almoçar com filho eu vou, quero passear com meu filho eu vou, então, tem liberdade melhor do que essa?*

**Pesquisadora:** Creio que não. Com relação aos seus estudos, quais memórias a senhora guarda desse período em que frequentou a escola?

**Entrevistada:** *Olha quando eu estudei a primeira vez. Eu tinha, eu acho que eu tinha uns 25 ano, quando estudei a 1ª vez. Eu estudei a 1ª vez pra aprender a fazê o meu nome pra tirá meus documento. Que eu ia, era pra mim votá, que era eu não podia tirá meus documento porque eu não tinha registro né. Primeiro pra aprendê a fazê o nome. Que eu não podia votá sem os documento e sem o registro.*

*Ai, foi quando eu aprendi a fazê o meu nome. Ai, eu aprendi a fazê o meu nome todo dismantelado mesmo, mas fiz assim mesmo. Ai fui, tirei meu registro e com meu registro tirei todos meus documento. Foi quando eu votei a 1ª vez. Tinha 25-26 anos por aí assim. Então, o que mais me levou a tirá meu registro, a estudá, era pra tirá meus, meus documento e meu registro. E depois estudei outras veze também no Mobral. Que eu aprendi mais um pouquinho né? Aprendi a fazê meu nome, lê assim alguma coisa, eu gosto de lê a Bíblia. Então, foi isso que eu aprendi.*

*O Mobral só era adulto. Depois eu frequentei uma escola de jovens e adulto. Aí estudei. Também estudei na escola de Paulo Freires.*

*Estudei também naquela escola e foi isso. As minhas escola foi essa. Que eu estudava de noite. Aprendi fazê meu nome. Então, eu aprendi a fazê meu nome e assim lê alguma coisinha pouca, mas eu leio.*

*Era, era muito bom que a gente, eu trabalhava de dia e de noite que eu tomava um banho e ia pra escola com as minhas amiga. Estudava com as minhas amiga, a minha professora gostava muito de mim. Minha 1ª professora, primeiro foi a dona Livia, depois teve uma menina lá, uma moça que me ensinou. Então, pra mim era muito importante eu ir pra escola aprendê. Tava junto das minhas amiga ali e tava aprendendo uma coisa que eu não sabia né. Foi muito bom.*

**Pesquisadora:** E a senhora tem vontade de continuar os estudos?

**Entrevistada:** *Não tenho mais não. Não. Não tenho mais paciência não. Não tem mais, minha cabeça acho que não atoa mais nada, mais não.*

**Pesquisadora:** Sobre suas relações de namoro, afetos, amizade, orientação e vida sexual. Como foi desenvolvida essa fase e esses aspectos de sua vida?

**Entrevistada:** *Eu nunca, nunca tinha... Não tinha, não tinha. Eu nunca tive informação nenhuma sobre isso não. Não tive nenhuma informação sobre namoro, sobre filho, sobre nada. Não tive informação nenhuma. E também, namorado também não sei contá porque não, eu não tinha namorado. Nunca arranjei um namorado.*

**Pesquisadora:** Suas dúvidas de menina, as curiosidades e descobertas, a senhora se dirigia a quem?

**Entrevistada:** Não. Falava nada pra ninguém não. Não, na verdade eu não sabia de nada disso não. Porque quando eu fui moça a primeira vez eu não sabia nem o que era. Eu não sabia o que era, eu era tão, assim tão, tão, tão besta que. Que eu já era grande né. Agora, eu era grande mas era nova. Aí, as minhas amiga perguntava assim umas as outra: - Ô, Maria já é? Aí eu ficava pensando assim, é o que meu Deus? O que é que eu sou? Sabe, eu pensava que elas diziam que eu tava grávida. Pensava, oxe, será que elas tão pensando que eu tô grávida. É possível que eu tô grávida! Coisa que eu nunca tinha, sabe o que era. Aí, elas dizia assim: - É nada, ela é muito nova ainda. E eu ficava com aquela dúvida na minha cabeça, pra sabê o que era, e eu não sabia o que era. Aí, eu vim descobri o que era, quando, foi quando eu fui moça, que ela me falou. Aí, foi quando eu pensei: ah era isso que elas perguntavam se Maria já era. Aí, elas diziam: - Não ela é muito nova ainda. Aí foi quando eu descobri que era isso, que eu não sabia o que era isso, ninguém, nunca tive ninguém pra me falá nada. Sabia não.

**Pesquisadora:** E sobre o evento da primeira menstruação? Como que a senhora reagiu a essa situação?

**Entrevistada:** Então, eu já tava na casa dessa mulher como falei, dessa mulher. Já tava lá e eu vivia assim com barriga inchada todo dia. Barriga inchada, barriga inchada, barriga inchada e eu não sabia o que era. Aí ela pegou, me mandou compra um remédio pra mim, um tal dum Alexir parece, tal dum alexir. Aí, eu tumei esse remédio, aí quando foi de noite que eu me acordei, mas aí veio um tão grande no mundo, aí eu tava assim, um negócio estranho. Eu digo oxente, será que eu fiz xixi sem notá? Aí, quando foi no dia que eu amanheci, eu nem sabia que era, eu só sei que quando eu me acordei e sai, que eu olhei, aí, eu vi diferente né.

Eu fiquei me escondendo, fiquei me escondendo com vergonha. Aí ela veio e me levou lá pro banheiro e dixe a mim, mandou eu tirá porque eu tava toda suja e me mandou tirá a roupa e disse a mim o que era.

Foi aí, me deu uma roupa pra mim vesti, que eu soube o que era, mas não sabia que a gente tinha isso não, sabia não.

Ela me explicou que eu, que todo mundo tinha isso mesmo e me ensinou que não era pra mim cumê isso, nem aquilo, nem aquilo. Ela me disse né.

Me deu roupa pra eu me vesti, que eu não, assim roupinha debaixo limpa que eu não tinha. Aí, foi quando eu vim sabê, mas não sabia que a mulher tinha isso não.

Assim, umas coisas que não era pra mim cumê, negócio de sardinha e, antigamente as mulher tinha muito, guardava muito era resguardo dessas coisa viu. Não comia peixe, não comia fruta, nada disso comia não. Mas, ela disse o que que eu podia come e o que que não podia. Aí, foi que eu fiquei sabendo, mas não sabia não. Não tinha pai nem mãe pra me falá nada. Nesse mundo de meu Deus sem sabê de nada.

**Pesquisadora:** Quando o seu corpo começou a mudar de criança para adolescente-mulher, o aparecimento de pêlos nas partes íntimas, seios, como foi esse processo?

**Entrevistada:** Na verdade eu não era muito. Quando teve, quando eu tive meu 1º filho, eu não tinha essas coisa ainda não. Acho que por que era muito nova, não sei. Mas, eu não tinha não, eu uma vez ...Uma vez eu vi uma mulher. Vê como eu era tão besta que não sabia. Fui toma banho com uma mulher. Ela tomou banho primeiro e eu fiquei segurando o menino, depois ela subiu a barreira pra pegá o menino e eu fiquei embaixo. Ai eu vi aquele negócio estranho, pensava que era uma caranguejera (risos). Pensei, oxe, oxe, oxe. Ai, eu fui olhá pra mim e eu não tinha aquilo né, oxi que negócio é aquele? Ai, fiquei o tempo todinho, todinho pensando nisso, quando via a mulher lá e ficava pensando. Só que era esse negócio, eu não sabia que a pessoa tinha isso. Era o pêlo aquilo ali e eu não sabia que era o pêlo aquilo. Ai, quando saiu em mim foi que eu descobri que era aquilo que eu via. Foi o que eu via, que eu vi naquela mulher era isso e eu não sabia. Porque eu não tinha. E ela era, e eu vi nela e não sabia o que era. Pensei que era uma caranguejera. Eu fui criada com, com muito respeito assim. E minha vó, se eles tivessem conversando na sala eu nem na porta não chegava, se chegasse ela me batia, dizia que eu tava escutando conversa. Não sabia de nada, de nada, nada, nada.

**Entrevistada:** Deixa eu tomá um pouquinho d'água só ...

**Pesquisadora:** Fique à vontade, gostaria de dar uma pausa?

**Entrevistada:** Agora não.

**Pesquisadora:** Ok! Quando quiser é só dar um sinal. Quando a senhora se tornou adolescente-mulher, mãe-esposa, como foi esse processo de mudanças na sua vida? O fato da senhora se tornar mãe e esposa, como foi essa experiência?

**Entrevistada:** Olhe, eu era tão, eu era tão besta que pra mim não tinha mudado nada. Pensava que a minha vida era a mesma coisa. Quando eu tive o 1º filho, eu deixava meu filho em casa e ia brincá de balanço lá com minhas amiga. Dava banho no menino e deixava lá dormindo e ia brincá com as menina. A gente fazia balanço e a gente ia se balançá nos pé de Jaca, de Manga. Eu nem me lembrava que tinha filho.

Ai, quando eu pensava, era o grito do pai do menino, era quando eu me lembrava. Meu Deus! Deixei meu filho em casa. Ai, eu corria pra casa, chegava tava o menino suado, chorando na cama, uma rede. Eu não me lembrava que eu tinha filho. Pensava que eu era solta, que eu era daquele jeito que eu era, sem filho sem nada. Eu sofri muito pra me adaptá que eu tinha filho. Ai, foi tempo que ele morreu, esse menino morreu, eu fiquei sozinha de novo, depois eu engravidei. Ai, depois do 2º eu já sabia cuidá, já tinha mais cuidado.

Pro meu 1º filho eu não... Pensava que era como se fosse uma boneca. Deixava lá e pronto.

**Pesquisadora:** E o pai do seu filho não lhe instruía?

**Entrevistada:** Não. Às vezes ele me ajudava, dizia que como era pra fazê, que não era pra deixá em casa sozinho, e não podia deixá em casa sozinho porque podia chorá, caí da rede. Mas, ele dizia isso e noutra dia eu me esquecia de novo. Ia fazê a mesma coisa. A minhas amiga que eu, que eu no tempo que era sem tê filho né, vivia junto com elas brincando e eu continuava do mesmo jeito, pensava do mesmo jeito.

**Pesquisadora:** E a senhora brincava de que?

**Entrevistada:** A gente brincava de balanço, marrava corda nos poste se balançava, caçando fruta por dentro dos sítio, correndo por dentro das capoeira, era isso que a gente fazia. Eu e um bocado de amiga minha.

**Pesquisadora:** Elas também tinham filho?

**Entrevistada:** Não, as outras eram tudo, eram menina como eu, não tive filho com 13 ano. Era a idade delas, eu tinha 13-14-15 anos, era a idade delas também. A gente ficava tudo junto brincando. Só que elas não tinha filho e eu tinha né.

**Pesquisadora:** E elas não lembravam que a senhora tinha filho?

**Entrevistada:** Ninguém se lembrava, correndo pro meio do mato se lembrava? Eu lembrava não. Só me lembrava quando ouvia o grito dele, é que eu me lembrava. Meu Deus do céu o menino! Quando o meu filho nasceu eu tinha 13 anos. Ai, eu pensava que, eu ia vivê a vida assim né, eu pensei.

**Pesquisadora:** Sobre sua convivência e vida sexual com o seu companheiro, como era esse aspecto? Considerava boa?

**Entrevistada:** No começo era. Depois duns tempo foi que foi mudando né. No começo eu não sabia não. Não sabia não, ele era quem... Ah! Na verdade, eu aprendi junto com ele, que eu não sabia de nada. Sobre esse negócio ai, eu aprendi com ele. Não sabia. Ai depois duns tempo foi que eu fui sabendo como eram as coisa, às vezes minhas amiga conversava comigo, falava comigo. Mas, é assim, a minha convivência com esse home foi assim, não tive experiência nenhuma. Ele que me ensinou né, que eu não sabia.

**Pesquisadora:** A senhora associa a causa do falecimento do seu primeiro filho?

**Entrevistada:** Oh! Eu não sei, eu não sei. Não sei por que foi, mas às vezes eu me culpo que foi porque eu não soube criá ele direito. Pode ser que foi por causa que eu não sabia dá alimentação direito. Mas, também teve problema dos dente, naqueles tempo morria muita criança de nascimento de dente sabe?

Dava era desinteria, era vomitando, eu não sei. Não sei se foi por causa que eu não soube cria direito ou se foi por causa dos dente mesmo que ele morreu. Sei que quando morreu ele tava com 5 meses.

**Pesquisadora:** E como que foi o parto do seu 1º filho? A senhora teve filho no hospital ou teve filho em casa? Como foi a gestação dele?

**Entrevistada:** Ah! O meu filho, eu nem sabia que tava grávida. Não sabia nem como era fica grávida. Eu corria, eu trabalhava, eu sartava, pinoteava, fazia tudo. Quando foi pra nascê meu 1º filho, eu perguntei né, eu perguntei a ele (o pai). Eu perguntei a ele quando é que aquele menino ia nascê. Era, ele falava né. Ai eu perguntei a ele como era que ele ia naiscê e quando é que ia naicê. Ai ele disse, um negócio que eu não vou dizê.

**Pesquisadora:** Não tem problema, pode falar se a senhora quiser.

**Entrevistada:** Por onde entrou vai saí. Mas ,eu também não sabia, abestalhada que era eu não sabia. Ai, fiquei, quando foi pra mim, pra ele naise, eu esperava ele naise em dezembro. Em novembro, ele nasceu no dia 2 de novembro. Ai, eu tinha comido uns mamão lá da minha vizinha, das minhas amiga né.

De tarde e quando foi de noite eu comecei cuma dor, uma dor na barriga, uma dor na barriga. Eu digo que barriga é essa, bebia chá, bebia tudo e não tinha jeito e quando foi de manhã, acho que sei o que foi, foi o mamão que me ofendeu. Eu vou pra lá tumá um chá da casca do mamão. Que quando eu comia fruta que me ofendia, eu tumava chá da casca e ficava bom. Eu cheguei descendi na casa da mulher, bati na porta. A dona Elza disse assim: - Maria, o que foi? Eu disse: D. Elza, eu tô aqui com dor de barriga, eu queria que a senhora fizesse um chá pra mim da casca do mamão que eu comi ontem aqui. Ai, ela pegou, levantou-se, pegou a casca do mamão, lavô, que tava no terreiro assim. Lavou e fez o chá, aí eu vomitei. Ai, ela dixe assim: - Tu tá com essa dor desde quando? Essa mulher era moradeira, morava na terra dele.

Aí ela disse assim: - Não! É melhor tu vai pra casa. Que lá tinha 3 moça e 2 rapaz. Melhor tu vai pra casa, tu tá aí com dor, não é de barriga não. Me deu uma raiva quando ela dixe isso. Eu digo a pessoa aqui já morrendo e ela diz que não tô com dor de barriga? Tô de mentira? Ai, me levou pra casa amuada, com raiva. Quando chegô em casa, eu senti um negócio diferente. Ai, ela disse assim, vai apanhá fava pra bota água no fogo (risos).

Era cheio de fava na roça. E ela pegou um punhado de fava dentro da bacia. Quando ela botou o 1º punhado de fava dentro da bacia que falou: - fique de cócro ai, o menino nasceu. Eu dixe: meu Deus do céu, um caroço, meu Jesus do céu. Ai, quando fez força que nasceu o menino, eu dixe é o menino? Eu nem sabia que era o menino. Ai, quando eu olhei assim, olhei assim aquele bolo de menino. Quando ela viu o choro, ela correu. - Maria, Maria, o que foi isso aí? Eu digo: não sei não, parece que foi o menino que nasceu. Parece que é um menino. E ela:- Não é teu filho? É teu filho que nasceu, mas Maria, tu butô sozinha isso ai? Eu digo: foi. Ai, foi que ela pegou aquele menino, enrolou, butô lá. Ai, eu não fiquei boa não, fiquei o dia todinho numa posição só na cama, quando eu vim ficá boa de noite. Porque o menino nasceu mai aquele negócio não saiu. Ficô, ficô. Aí foi assim o meu 1º filho, foi assim.

**Pesquisadora:** Quer sizer, a placenta não saiu?

**Entrevistada:** Não saiu. Mai meu 1º filho foi assim. Eu não sabia que tava grávida, não sabia que ia naise, não sabia de nada. Naisceu assim, porque do 2º por diante foi que eu fui sabendo.

**Pesquisadora:** E quem ficou cuidando da senhora após o nascimento do menino?

**Entrevistada:** Eu fiquei só. Eu fiquei só, as pessoa vinha, meu vizinho vinha dava banho ne, dava comida pra mim e ia simhora. Mas, não ficô ninguém lá em casa não. Não tinha, também eu não tinha ninguém que ficasse comigo.

Só que a roupa dele foi costurada depois que ele nasceu, porque eu não tava esperando, não era no outro mês ainda? Ai, foi comprado e tava lá as roupa, mas faltava costura. Foi que a mãe dele costurô. Foi as roupinha dele. Depois que ele nasceu ela fez as roupinha dele.

**Pesquisadora:** E como era o seu filho?

**Entrevistada:** Muito bonito, muito bonito, gordo, muito gordinho, os zoinho azul.

**Pesquisadora:** Era ele que a senhora achava que era uma boneca?



**Entrevistada:** *Era. Era pra dexá lá e pronto, eu não precisava de tá perto. Eu não tava sabendo de nada, pensava que era assim. Quando ele começou adoecê né, começou adoecê, ai, eu não saí mais, fiquei em casa. Deixei de brincá. Ele (o pai da criança) passava muito carão em mim, dizia que eu tinha que cuidá do filho, não ficá brincando, ai, eu fiquei em casa e foi quando com 5 mês, eu tava dormindo com ele, ele morreu nos meus braço. Como eu falei, ele tava nascendo os dente, com febre, desinteria, vomitano, tudo isso né. Dormia com ele nos braço, que ele chorava e eu ficava que ele tava frio já, acho que já tava era morrendo, eu não sabia.*

*Ai, eu me acordei de noite, fui dá mingau a ele, ele não quis, ai, botei a chupetinha nele e enrolei com meu lençol. Enrolei ele e dormi com ele, assim no meu braço. Ele se acordava bem cedinho, antes de eu me acordá ele se acordava e dava com os pezinho, assim dando coice e eu me acordava né. Ai, nesse dia eu me acordei e ele nem chorô nem nada, não se acordou-se nem nada. Oxe, quando eu me levantei tava escuro ainda. Ai, eu me levantei, que eu olhei assim ele tava com os olhinho aberto e a chupetinha na boca, mai eu não vi jeito de respiração, nem nada. Ai, quando me levantei, escutei assim ai tava parado, sem fôlego, toquei assim tava duro. Ai, eu corri, me levantei e gritei por ele, ai, ele veio. Na hora que eu tava dando o mingau a ele e que ele não quis, que tava abrindo a boquinha e revirando os óio, ele tava morrendo e eu não sabia. Não conhecia. Ai, ele morreu nos meus braço sabe. Eu dormi um sono, me acordei com ele meio chorando né. Ai eu fui, dei o mingau a ele, ele não quis. Ai eu peguei botei a chupeta na boca dele e enrolei, ele tava meio frio. Acho que ele tava é morrendo mesmo.*

*Ai eu enrolei ele com lençolzinho quente e botei no meu braço e me deitei juntinho dele ali. Ai, nessa hora ele tava era morrendo e eu não sabia. Que eu nunca tinha visto, não sabia.*

*Ai, quando foi de manhãzinha que eu me acordei, que eu fui olhá, ele tava quietinho lá, tava morto já. Do jeito que eu botei a chupetinha dele ficô e os olhinho aberto. Ele tava morrendo e eu não sabia, não conhecia.*

**Pesquisadora:** O seu companheiro já tinha voltado com a 1ª mulher dele?

**Entrevistada:** *Já.*

**Pesquisadora:** Daí a senhora foi lá chama-lo?

**Entrevistada:** *Eu gritei lá de casa, não fui lá não. Eu gritei lá de casa, chorando né.*

*Ai, ele veio. Chegou em casa, eu dixei que o menino tinha morrido, na frente de todos. Ai, ele viu que tinha morrido mesmo.*

*Foi enterrá. Enterrou no cemitério que ele já tinha 5 mês de nascido (voz baixinha e tristonha).*

**Pesquisadora:** Muito obrigada! E como que está a sua vida atual?

**Entrevistada:** *Ah! O pai dos meus filho eu deixei ele já, parece que já faz uns 10 ano ou mai, eu acho. Ele não, não tenho contato com ele não. Ele é pra lá no canto dele e eu no meu. Eu não tenho contato nenhum com ele mais.*

**Pesquisadora:** Ele tem outra família?

**Entrevistada:** *Tem. E coas outras mulher ele tem vários filho, eu nem sei a quantidade de filhos, só ele sabe por que eu nem sei. Tem filho dele que a gente nem conhece. Tem filho que a gente nem conhece. Sei que tem bastante filho. Num sei, eu não sei não viu, mai eu acho que ele tem mai de 40 filho. Mais de 40, uns 40 filho eu acho. É quase tudo registrado no nome dele.*

**Pesquisadora:** E como está a sua atual relação com os seus filhos?

**Entrevistada:** *Tá bem. A minha situação com meus filho tá bem graças a Deus. Todos meus filho me considera, me respeita. Eu gosto muito dos meus filho, meus filhos gosta de mim, tô bem. Tô bem graças à Deus agora. Com meus filho eu vivo muito bem.*

**Pesquisadora:** A senhora sempre conviveu bem com seus filhos?

**Entrevistada:** Sempre.

**Pesquisadora:** Se a senhora concordar, podemos fazer um intervalo para tomarmos um café e um lanche, o que a senhora acha? Amanhã, dia 30, daremos continuidade com o segundo momento da nossa entrevista. Tudo bem?

**Entrevistada:** Tudo bem.

## SEGUNDO MOMENTO DA ENTREVISTA

Entrevista realizada em 30/julho de 2016, horário de início e término previsto, das 14 às 18 horas.

Tempo de duração: 4 horas com intervalos.

**Pesquisadora:** Senhora boa tarde! Agradeço mais uma vez pela sua disponibilidade e contribuição neste trabalho. Hoje, é dia 30 de julho de 2016, exatamente às 14 horas, estamos retomando a entrevista iniciada ontem, com foco na sua história de vida e nas experiências de violência doméstica e sexual vivenciado pela senhora e dentro de sua família.

Então, dito isso, lhes pergunto: diga com suas palavras, do jeito que a senhora quiser falar, na sua percepção, o que a senhora tem a dizer, o que sabe, se vivenciou algum tipo de violência doméstica e sexual? O que a senhora vivenciou ou sabe sobre essa problemática?

**Entrevistada:** (Silêncio). Eu já ouvi falá sobre essa violência doméstica. Eu já ouvi fala, mas eu não entendo bem, mais eu sei que não é coisa boa, que não é coisa boa. Violência doméstica é... a mulher que é judiada. A mulher que é judiada pelo marido, é isso? É que... o homem bate na mulher né. O homem bate na mulher... Não respeita a mulher em nada; acha que a mulher não vale nada, acha que só tem valor é o Homem.

Então, eu acho que a violência é da mulher né. Deve ser isso. O homem que violenta as mulheres, espanca as mulheres, eu acho assim, no meu ponto de vista eu acho que é isso. Silêncio. Eu acho que.

**Pesquisadora:** Acontecia violência doméstica e sexual dentro da sua família? A senhora sofreu algum tipo?

**Entrevistada:** Sofri. (Silêncio).

**Pesquisadora:** A senhora poderia falar um pouco sobre essas experiências?

**Entrevistada:** (Silêncio).

**Pesquisadora:** Senhora, faço essas perguntas com a intenção de conhecer a problemática da violência doméstica a partir de suas experiências, com o objetivo de traçar o perfil da vítima e conhecer também as estratégias do agressor dentro do lar, digo: vim para lhe escutar e procurar entender a dinâmica e o funcionamento da problemática dentro da família. Contudo, poço lhe dizer que infelizmente, esse problema não aconteceu nem acontece somente com a senhora e sua família mas também com milhares de outras famílias espalhadas no país e no mundo. Por isso, estou aqui para lhe escutar, por que considero a senhora a pessoa mais importante nesse estudo, uma vítima infelizmente. E a sua autoridade e verdade de suas experiências serão ouvidas, gravadas e depois transcritas e analisadas com muito respeito e cuidado, como já mencionei. Então, a senhora fique tranquila para conversar sobre o assunto, está apenas me ajudando a entender essa realidade tão complexa e assim ajudar outras famílias e a sociedade como um todo. É isso, se não for muito difícil gostaria de lhe ouvir sobre essas experiências que a senhora viveu.



**Entrevistada:** (Silêncio). *É que eu não sei muito fala assim realmente como é, mas eu já passei por violência, e um homem que meu marido batia em mim, judiava comigo e eu acho que a violência é da mulher também, as coisa assim.*

**Pesquisadora:** Por que ele lhe batia?

**Entrevistada:** (Silêncio). *Porque ele achava que tinha direito. Achava que a mulher era assim, era pra fazê só o que ele queria. Então, por causa disso que ele achava que tinha que sê assim, ele fazia isso. Batia, batia em mim. Eu acho que a violência da mulher deve sê assim. (Silêncio)*

**Pesquisadora:** *Quais tipos de violências seu marido praticava contra a senhora? Física? A senhora tinha medo dele?* **Entrevistada:** *Ah! O que eu passei, a violência que eu passei foi, eu entendo que foi assim. Tinha. Tinha medo dele.*

*É, tinha medo por que ele batia, medo por qualquer coisa e pelo fato disso, eu tinha medo de ele me batê, se eu fizesse alguma coisa a mais né.*

**Pesquisadora:** Seu marido fazia uso de algum tipo de bebida alcoólica?

**Entrevistada:** *Não, ele não bebia não.*

**Pesquisadora:** Por quais motivos ele lhe batia?

**Entrevistada:** *Acho que, ele dizia que era ciúme, só não sei se era ciúme ou ruindade dele, não sei, por que eu não dava motivo pra ele tê ciúme. Ele dizia que era ciúme mas, não sei.*

**Pesquisadora:** Ele não falava nada para senhora?

**Entrevistada:** *Não, ele dizia que eu. Pra todo canto que eu ia fazê as coisa: apanhá ração, tirá lenha, busca água, ele tava me atocaiando. Ele vivia me atocaiando, não acreditava, ele dizia que eu tava com alguma pessoa. E eu não tava, ele sabia que eu não tava, mas ele dizia.*

**Pesquisadora:** No seu entendimento, violência doméstica é o homem bater na mulher, é isso?

**Entrevistada:** *É. Eu acho que é.*

**Pesquisadora:** E sobre violência sexual, o que a senhora tem a dizer sobre esse tipo de violência?

**Entrevistada:** *Eu achava. Achava, eu acho que o homem quando fica com uma mulher sem ela querer, isso também é violência. Que isso aconteceu comigo né, quando eu era nova. Que não sabia que, que era isso. E ele me iludiu um monte de tempo até que aconteceu. Eu acho isso também uma violência da mulher.*

**Pesquisadora:** O pai de seus filhos praticava ato sexual com a senhora a força ou a senhora acabou consentindo?

**Entrevistada:** *Oi, eu posso dizê que foi a força por que eu não queria né. Ele. Eu não queria e ele insistiu. E até que aconteceu isso comigo.*

**Pesquisadora:** O primeiro ato sexual, ele praticou dentro da casa que a senhora trabalhava ou foi em outro ambiente fora da moradia?

**Entrevistada:** *Não, foi em casa mesmo. No quarto quando eu dormia.*

**Pesquisadora:** A senhora estava dormindo?

**Entrevistada:** *Foi.*

**Pesquisadora:** E a senhora tinha 12 anos.

**Entrevistada:** *Era.*

**Pesquisadora:** A senhora já ouviu falar sobre prática sexual entre pais e filhas (o)?

**Entrevistada:** *Já vi.*

**Pesquisadora:** O que senhora sabe sobre esse tipo de violência? De prática sexual entre pais e filhas(o)? Já teve alguma situação desse tipo dentro da sua família?

**Entrevistada:** *Já, teve um caso desse. Já teve um caso desse com a minha filha, mas só que eu não sabia. Isso aconteceu, ele tirô a menina de casa, levô pra uma outra mulher que ele tinha lá, ficou lá a menina. Fez isso com ela e disse que não era pra dizê a mim, se ela dissesse pra mim, que era a primeira que ele matava era eu. Pra ela não dizê.*

*Ela ficô muitos tempo com esse caso escondido sem eu sabê. Quando foi mais ou meno, não sei depois de quantos ano, o meu filho descobriu. Meu filho descobriu que tinha feito isso com ela e eu passei muito mal, não sabia se um pai faria isso com uma filha, aí eu perguntei a ela, disse a mim que tinha sido mesmo. Como eu não pude fazê nada, o que pude fazê no outro dia, eu tirei ela de casa. Mandeí ela pro Rio de Janero. Hoje ela é casada, tem 2 filho e nunca mais ela botô os pé em casa.*

**Pesquisadora:** Ela tinha quantos anos?

**Entrevistada:** *Eu acho que ela tinha, eu não me lembro bem. Mas eu acho que ela tinha uns 11, uns 11 ano por aí assim. É eu não me lembro bem, mas eu acho que foi mais ou meno essa data sim. Quando eu descobrí, quando ela falô que tinha acontecido isso com ela. O irmão dela que descobriu e ela confirmou. No outro dia eu mandei, eu tirei ela de casa e mandei ela pro Rio de Janero.*

**Pesquisadora:** A sua filha violentada pelo pai, detalhou para a senhora o aconteceu com ela?

**Entrevistada:** *Não, ela detalhou. Ela falô assim, não pra mim. Mas ela falô pra uma amiga minha, que uma amiga minha me falô. Disse que ele tiro ela de casa dizendo que ia ensiná ela a tirá foto.*

*E que nem pergunto a mim se podia leva ela nem nada e levô. Ele morava no São Vicente. E ela foi. Quando chegô lá ele começo a agredi ela e ela não vinha em casa por que ele não dexava. Ela queria vim pra casa, ele não dexava. Acho que pra ela não me falá alguma coisa. Aí, quando foi uma vez, ela disse pra ele que se achô tonta, agredindo a mão dele e dixe a ele que se ele não trouxesse ela pra casa ela ia, ela ia se atravessá na, na estrada e deixá o carro mata ela. Aí, um dia ele chegô com ela, mas até aí eu não sabia de nada. Aí, ela ficô comigo em casa sem eu sabê, não sei se foi 2 ano ou foi quando meu filho descobriu.*

**Pesquisadora:** Ela ficou quanto tempo longe da senhora? Digo: quando o pai afastou sua filha de sua casa?

**Entrevistada:** *Não sei se foi uns 6 mês, mais ô meno. Acho que foi, agora ela não tava com ele sozinho não. Ela tava morano na casa dele com uma mulher, ele tinha uma mulher. Não era ela sozinha e ele não.*

**Pesquisadora:** Ele tem outras mulheres além da senhora?

**Entrevistada:** *É. Além de mim.*

**Pesquisadora:** A senhora morava no outro lugar e ele morava em outro lugar com outra mulher, é isso?

**Entrevistada:** *É. Eu morava no sítio e ele morava na rua. Era.*

**Pesquisadora:** E ela chegou a detalhar para senhora ou seu filho que descobriu o acontecido? O que ela falou?

**Entrevistada:** Ela disse, disse a uma amiga minha e sube que ela disse que tava assistindo no sofá um filme e ele tava lá também assistindo. Ai, depois ele fingiu que foi se deitá parece e ela ficou assistindo e ali ela dormiu né. E ela dormiu e quando acordou-se ele tava era praticando isso com ela.

E, só que com a mulher que vivia com ela, que vivia com ele, que ela tava lá, prometeu uma punição a ela, disse que era mentira dela, que ele não ia fazer isso com ela não, e no outro dia mandou ela lavar o sofá que tinha sujado a noite. E ela sofreu muito lá, até que ela disse isso pra ele: se ele não trouxesse ela ia ficar na estrada e deixava o carro mata ela, foi por isso que ele trouxe ela pra casa. Mas ela não me disse, eu não sabia de nada disso.

**Pesquisadora:** Depois que ele trouxe a sua filha de volta para a sua casa, ela ficou quanto tempo morando com a senhora?

**Entrevistada:** Acho que se passou uns dois anos.

**Pesquisadora:** E ele se aproximava dela dentro de sua casa? Como era o comportamento dele com relação a sua filha?

**Entrevistada:** Ah! Eu não, eu, eu não desconfiava nada. Porque eu não sabia que um pai faria isso com a filha. E outra porque eu não, não via motivo, eu não tinha motivo não. Ela vivia só assombrada dentro de casa, olhava pra mim, olhava, olhava, depois saía chorando, perguntava: ela não me dizia, mas, vai vê, era por causa disso, acho. Acho não, era por causa disso, aí, eu não desconfiava de nada. Desconfiava de nada porque nada, eu nem sabia, eu nem sabia que um pai faria, faria isso com a filha.

**Pesquisadora:** E o comportamento dele com a sua filha, a senhora e os demais filhos, como que era? Observava alguma diferença dele com a sua filha abusada?

**Entrevistada:** Eu achava diferente porque ele comprava as coisas mais pra ela. Roupas, calçado, sombrinha essas coisas assim. Ele comprava mais pra ela e pros outros não. E ela com a inocência dela achava que ele gostava mais dela do que dos outros. Ela assim sem saber, inocente né. Ela achava que era porque ele gostava mais dela. Inocente também.

**Pesquisadora:** Sabe se a mesma violência sexual praticada pelo agressor contra a sua filha, foi cometida contra suas outras filhas também? O que a senhora sabe sobre isso?

**Entrevistada:** O que, que. O que eu sei, que eu tô sabendo que isso só foi com essa. Agora eu sei que ele agrediu outras, a outra filha minha. Agora eu não tenho certeza se ele fez alguma coisa mais com outra.

**Pesquisadora:** A senhora se refere, digo: sua dúvida, é com relação a sua filha mais velha ou mais nova daquela que a senhora sabe claramente?

**Entrevistada:** É mais velha. É que eu sei, que eu sei só uma, uma que ele fez isso, foi uma. A outra, sei que ele agrediu ela, mas não sei se ele fez alguma coisa com ela ou não.

**Pesquisadora:** Ela nunca lhe contou nada?

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** A senhora tem algo mais a acrescentar sobre esse assunto?

**Entrevistada:** Eu acho que a minha filha saiu tudo de casa nova, hum foram viver as suas vidas, trabalhar pra viver a vida, porque não dava pra viver dentro de casa com ele. Sendo que ele não era um bom pai. Sei que ele não tinha confiança de viver junto com as filhas, porque depois que eu descobri isso que ele fez com a minha filha, eu não, não, não tive mais confiança nele.

*Então, por isso minhas filha saiu de casa tudo nova, foram trabalhá fora e até hoje tão, tão tudo por fora e não voltaram pra casa mais porque depois que saísse de casa também ele não queria que voltasse mais. Que se saísse de casa era pra vive do jeito que quisesse, ele não queria nem sabe. Os meus filho hôme também saíram de casa porque ele, ele explorava muito os menino, queria que trabalhasse pra ele sem ganhá nada, e a mesma coisa foi os hôme, tudo saiu de casa novo também, e até hoje nunca mais que voltô pra me visitá. Não me via lá, porque não queria vir me visitá lá, por causo dele, não queria. Então, o que sei contá dele é isso. Não tenho nada de coisa boa pra contá do pai dos meus filho não. Ele era violento, era brabo, fazia as coisa do jeito dele, do jeito que ele queria, achava que podia fazê tudo, então é isso.*

**Pesquisadora:** E todos obedeciam as ordens dele, inclusive a senhora?

*Entrevistada:* Obedecia. Obedecia por causa de que eu tinha medo. Eu não tinha ninguém que fosse por mim, não tinha pai, não tinha mãe, não tinha ninguém. Então, aí tinha que obedecê né. Cheia de filho, não tinha pra onde í, me sujeitei a ficá sofreno com meus filho.

**Pesquisadora:** Depois que ele praticou a violência sexual contra sua filha, ele se afastou do grupo? De casa? Ele continuou praticando atos sexuais com ela, a sua filha? A senhora sabe dizer?

*Entrevistada:* Eu acho que, o que eu sube que depois disso que ela veio de lá, ela não teve mais negócio com ele não. Ele agredia muito ela, mas ela não aceita, não aceitou não, mais nada não. Ela era assustada dentro de casa e eu não sabia porquê. Quando ele chegava, ela ficava assustada. Porque eu acho que ele ia é aperreá ela né. E ela com medo saia correno, se escondia, chorava e tudo isso. Agora eu não sabia que era por causo dele, vim sabe e descobrí depois que eu soube que ele tinha feito com ela.

**Pesquisadora:** Ela chegou a engravidar?

*Entrevistada:* Não. Não, graças a Deus não.

**Pesquisadora:** A senhora observava algum movimento de sedução dele com relação as suas filhas, diferente da forma que ele se relacionava com a senhora?

*Entrevistada:* Olhe, eu não observava não. Eu não observava porque eu não sabia. Não sabia que os pai fazia isso com as filha.

*Então, por isso que eu não observava que eu não desconfiava nada.*

*E ele era muito discreto. Se ele fazia alguma coisa assim com elas, mas eu não prestava, num, num, nunca notei não. E tanto é, que pra fazê isso com essa filha, ele teve que tirá ela de casa. Ele sabia que, que, que em casa, talvez, não tivesse chance né. De fazê.*

**Pesquisadora:** Depois que ele trouxe sua filha de volta para sua casa, ele tentava afastá-la do grupo novamente? Para ficar com ela sozinha?

*Entrevistada:* Não. Ele, ele. Uma vez ele foi pra casa da minha filha, da irmã dela. Ele saiu de casa dizendo que ia pra casa da minha filha com ela. Só que acho que no caminho ele, acho que ele levô ela pra algum canto e disse pra ela que, eu sube não foi ela que me disse não. Acho que foi a irmã e depois eu sube disso. Dissesse que ele era o pai dela não. Ai, ele entrou em algum canto assim com ela.

**Pesquisadora:** Que lugar foi esse que ele levou sua filha?

**Entrevistada:** Num hotel né. E nisso aí era pra dizê que ele era o pai dela não. Ela não me dixe isso, eu sube disso depois. Quem dixe isso, acho que foi uma irmã dela, e ela me contô depois.

**Pesquisadora:** No hotel ele praticou sexo com ela?

**Entrevistada:** Praticô, ela disse a irmã dela que ele só fez com ela porque levô ela pra esse lugar, daí depois que ele, ela veio de lá em casa ele tentava, mas ela não queria, não deixava, não queria não. É. (Suspirando, silêncio).

**Pesquisadora:** A sua filha já tinha menstruado quando o agressor praticou sexo com ela?

**Entrevistada:** Olha não sei. Eu não sei por que as minhas filha menstruaram e nunca me disseram nada. Porque eu sempre fui uma mulher assim vergonhosa, nunca, nunca falei nada pra minhas filha comê que as coisa acontecia. Então, elas menstruavam e nunca me falava não. Não sei com quantos ano ela foi, ficô, se ela tinha sido moça nesse tempo, porque ela também não me falou. Eu não sei dizê.

Porque eu fui criada assim. Eu fui criada com a minha vó de criação, mãe de criação, e ela, e era muito, mas ela era muito rigorosa assim. A gente não, não me criou sabendo de nada, não conversava na minha frente, nunca me falou nada. Não sabia de nada. Me criou assim, então, nada pra minha filha eu também ensinei, porque eu fui criada assim, tinha vergonha de falar pra elas e nem elas falava pra mim. Então, assim, eu não sei com quantos ano ela foi moça, se ela já era nesse tempo ou não, eu também não sei. Ou se foi moça lá, não sei.

**Pesquisadora:** Depois que a filha foi abusada e voltou para sua casa, ela ficou morando com a senhora até que idade?

**Entrevistada:** Eu acho que ela tinha (silêncio). Uns 15, uns 14 anos pá 15, quando ela saiu de casa. Eu acho que era nessa base, não me lembro direito não. Mas, acho que ela era mocinha nova, era.

**Pesquisadora:** Ela estudava?

**Entrevistada:** Estudava. Estudô até a 5ª série.

**Pesquisadora:** Depois que a senhora ficou sabendo do fato ocorrido, a senhora fez ela ir embora para o Rio de Janeiro, ela foi morar com quem?

**Entrevistada:** Na verdade, tinha uma amiga da gente que tava lá em casa, do Rio de Janeiro. Tinha essa amiga da gente que tava lá em casa e ela quando soube disso, ela disse que levava ela pra casa dela e ia arrumá um trabalho pra ela. E foi isso mesmo que ela fez. Comprô a passage dela e levô ela. Ela, a menina filha dela e a minha filha. Quando chegô lá, ficô com a minha filha na casa dela e arranjo um trabalho pra ela. E depois duns tempo ela casou-se com irmão dessa moça, que é o pai dos 2 filho dela. Foi assim, eu não mandei ela assim de qualque jeito não. Ela foi com uma pessoa responsável.

**Pesquisadora:** Tá certo. E a sua filha continuou se comunicando com a senhora depois que chegou no Rio de Janeiro?

**Entrevistada:** Continuô. Ela ligava pra mim, ela me ajudava. Depois, eu fui na casa dela.

**Pesquisadora:** Ela não ficou com nenhum ressentimento com relação senhora e a família?



**Entrevistada:** Não. Não, porque eu sei que ela não tinha culpa de nada, a culpa toda era dele. Não houve nada sobre a minha vivência, a minha e dela e dos irmãos, não teve diferença não. Amo ela do mesmo jeito.

**Pesquisadora:** Depois que ela saiu do lugar que nasceu e da sua casa, ela voltou para lhe visitar?

**Entrevistada:** Não voltô. Ela não voltô mais não.

**Pesquisadora:** E a comunidade ficou sabendo do acontecido com a sua filha? Como recebeu essa notícia?

**Entrevistada:** Ficô. É, a comunidade soube disso que aconteceu e todo mundo ficô revoltado né. Com ele. O povo só não falava nada pra ele porque tinha medo dele, mais não tinha consideração a ele mais. Não confiava nele não, não tinha respeito, consideração por ele.

**Pesquisadora:** O que a senhora ouvia a comunidade comentar sobre ele e o acontecido com a sua filha?

**Entrevistada:** Eu... (emite som de incômodo com a boca). Eu não sei, não, não sei dizê porque as pessoa nunca me falaram nada, se alguém sabia de alguma coisa nunca me falaram nada e também eu nunca falei. Sabe sim, porque naquele tempo foi um rebuliço medonho e todo mundo ficô sabendo disso. Eu sei que as pessoa ficô com raiva né, não, achô que isso não era certo né. Ninguém vai dá valor a um pai que faz um isso com um filho né.

**Pesquisadora:** Com relação aos seus outros filhos, o que eles falavam?

**Entrevistada:** Eu não lembro muito, o que aconteceu assim. Com meus filho como eu falei, meus filho ficaram revoltado com ele. O meu filho ficô revoltado com ele, que tava revoltado com ele né. Mas, ninguém fez, ninguém fez nada.

Não, eu e meu filho, a gente tava conversando lá dentro no quarto, eu soube disso a noite. Meu filho tinha ido pra rua e um amigo dele falô, não, uma amiga dele falô isso pra ele. Ai, quando ele chegô em casa e falou comigo como já falei. Ai quando foi de manhã a gente tava conversando.

Tinha tirado a menina de casa pra dormi na casa dessa mulher que ia viajá

A gente tava de manhã conversando. Meu filho conversando comigo e ele chegô. Ai, ele falô assim: - Que reunião é essa? Tão falando aí que eu não posso sabê? Tão falando de mim? Ai, foi nessa hora que meu filho partiu pra cima dele e falô pra ele: - Tô falando de você mesmo, que você não presta. Você é um miserável, um desgraçado. Falô pra ele né.

Nesse dia era corte de banana, ai, o menino pegô um facão e desceu lá pra baixo pro açude e eu tava alterada e fiquei muito, muito, muito abalada com o que tava acontecendo e pedi pra ele que não, não fizesse nada com ele pra, que ele queria, acho que queria mata ele. Ai, ele veio pra casa, a gente foi pra rua. A gente ia liga pra um outro filho meu que tava em São Paulo. Quando a gente tava pra pegá no celular, no negócio do orelhão pra ligá pra ele, ai, ele deu um bote, chegô, deu um bote no celular da minha mão no orelhão. Me jogô dentro do carro e me troxe pra casa. Ai, quando chegô em casa a gente entrô lá pra dentro dum sitio, fomo conversá dentro da banana. Ai, ai, tava eu, meu filho e a menina que, que ele fez isso.

Aí a gente perguntô: - Ele fez isso com você minha filha? Ela dixe: Fez. Ele dixe: - Mentira da menina. Ela dixe: - Fez. Ai, nessa hora assim ele pego, pegô o revólve e queria, botô assim no ouvido pra sê mata, só que meu filho não dexô. E meu filho dixe assim: - Se ele, ele se mata, ele vai dizê que foi eu que matei ele. Só que ele tava aqui a gentes três, a gentes quatro e ele vai dizê que foi eu que matei ele, ai, tumô o revólve dele. Ai, ele caiu assim de joelho no chão e disse

*que o dêmo tinha atentado ele, que era tentação do inimigo, tinha feito isso mai, foi o inimigo que atentô ele, não sei o quê, foi fraco. Podia mata ele, podia mata ele ali. O menino dixe: – Não vô mata o senhô não. Eu não vô deixa o senhô se mata pro senhô me complicá não. Ai, foi nessa hora que a gente saiu e eu ajeitei a mala da minha filha e foi simbora. E ele pego, foi simbora pra casa da mulher dele.*

*Isso foi no dia, isso foi. Como eu falei que eu descobri de noite e logo de manhã a gente tava conversa, conversa, conversano, ele chegô, ai teve esse coisa todinha, ai nesse dia, nesse dia mesmo eu mandei a menina í simbora pro Rio de Janeiro. A minha amiga levô ela pro Rio de Janeiro como já falei.*

*E ele ficô, foi simbora pra casa da, da, da mulher dele e a gente ficô, eu fiquei em casa com meus filho. Ai, eu dixe a ele que: a partir, a partir disso, hoje, não tem nenhum direito de falá sobre nada das minhas filha, deixe as minhas filha que quem vai mandá nelas sô eu. Não se mete na vida de minha filha nenhuma. E ele obedeceu. Quando ele queria, quando ele queria sismá, eu dizia assim: Tá esquecido do que eu lhe disse? Que você não manda na minha filha, quem manda na minha filha sô eu! Ou você qué que eu diga porque, porque, ai ele se calava. Ai, ele se calava e saia. As vez, ia pra casa. Nesse dia eu disse a ele que eu tinha um bocado de menino pequeno, eu não tinha pra onde eu í. Disse a ele assim: Vou fica aqui por causa deles, mas mulhé sua, a partir de hoje sô mai não. E passei 7 ano com ele dentro de casa, mai não tinha nada, nada com ele. Ele nem perto de mim ele chegava. Ele respeitô.*

**Pesquisadora:** A senhora não tinha mais sexo com ele?

**Entrevistada:** Não, não. Até que um dia a gente fugiu. Eu sai de casa com os meus dois filho mais novo né. Só que os outro já tinha ido simbora já, só tinha os dois mais novo, a menina tava com 15 ano e o menino tava com 11.

*A gente pegô foi simbora, fugimo, fomo simbora pro Recife. E lá a gente ficô, depoi eu vim, tô morando, fiquei morando aqui em Machado e até hoje, ainda a gente não, não quero sabe, não quis sabe dele mai. E nem ele tá, nem ele. Tem as veze que ele ainda chega querendo falá comigo, mais só que eu dizia pra ele: Eu dixe pra você que eu não queria sabe de você nunca mai, e ele respeitô. E hoje ele vive a vida dele pra lá e eu vivo pra cá, eu não sei de vida dele, ele não sabe da minha, nem me interessa. E a minha filha tá no Rio de Janeiro, casou-se, separou do marido, tá com aqueles dois filho dela e tá pra lá, nunca veio depoi que teve esse caso pra cá, ela veio mais não.*

**Pesquisadora:** A senhora sabe dizer se ele manteve contato com sua filha no Rio de Janeiro?

**Entrevistada:** Não, ele não teve. Ele não teve, ele não falô com ela nunca mais desse dia pra cá. Nem ela viu ele, nem ele viu ela pra cá. Não veio pra cá, já fai acho que uns 20 anos.

**Pesquisadora:** Tem mais alguma coisa que a senhora queira acrescentar sobre esse episódio?

**Entrevistada:** Não. Sobre isso ai só. Até aqui mesmo.

**Pesquisadora:** E a família dele ficou sabendo do que ele fez com sua filha?

**Entrevistada:** Suberam, eu falei. Eu falei pra irmã dele. Só que a irmã dele sabia que ele era capaz disso, mas só que disse a mim que eu fizesse nada com ele não, que Deus é que ia dá o pagamento a ele. Só que a mãe dele é que não acreditô. A mãe dele acha que, (disse pra uma pessoa), eu soube, que ela disse que ele só fez isso pra minha filha porque ela só vivia se oferecendo a ele. A vó dela disse isso.



**Pesquisadora:** Somente a irmã dele e sua cunhada acreditou no acontecido?

**Entrevistada:** Acreditô. Ela sabe que ele é capaz disso, mais disse que eu não fizesse nada não.

**Pesquisadora:** Por que a senhora não conseguiu denunciá-lo para as autoridades local?

**Entrevistada:** Ó, na verdade eu, eu tive medo. Eu tinha muito medo dele. Tinha muito medo e tenho ainda, por causa que ele é violento. Eu tinha medo que ele fizesse alguma coisa ou comigo ou com meus filho. Então, por isso que eu não, nunca denunciei ele por causa disso, que eu tinha medo dele. Inté hoje eu tenho, porque se ele subé até alguma coisa. Ele é, é muito mal sabe. Eu tenho medo que ele faça alguma coisa com meus filho ou comigo mesmo.

**Pesquisadora:** A senhora algum dia teve orientação, de como agir contra ele em função dessa violência sofrida na sua família?

**Entrevistada:** Eu não tinha orientação de ninguém não. Nem ninguém falava nada do que eu poderia fazer ou não. Nunca tive orientação de ninguém, nunca me disseram nada não.

**Pesquisadora:** Sabe dizer se em algum momento suas filhas fizeram algum movimento de denúncia, punição e cobrança de justiça?

**Entrevistada:** Eu acho que não. Que eu saiba não, não sei. Agora que falô com ele, sobre essas coisa não, eu acho que não.

**Pesquisadora:** A senhora sabe se suas filhas continuam sofrendo violência doméstica após ter saído de sua casa?

**Entrevistada:** (Silêncio). Na verdade as minhas filha agora tão tudo longe de mim. Tá no Rio de Janeiro, outra em São Paulo. E eu não tinha muito contato com elas nem elas comigo. Nem ia me visitá, nem eu visitava ela. Então, acredito que sim. Agora eu não sei realmente dizê qual era as violência que ela, essa mesmo que eu tô falando que aconteceu isso com ele. Ela casou-se, ela era judiada também pelo marido. O irmão da mulher que levou ela pro Rio. Disse que também ele era muito violento com ela, brigava com ela, acho que batia nela, eu não sei direito não, mas eu já vi falá que era assim sabe?

Foi, até que separaram. São separado, faz tempo que são separado. Tá criando aqueles filho dela sozinha.

**Pesquisadora:** Ela falou para a senhora que sofria violência praticada pelo marido?

**Entrevistada:** Eu na verdade eu fiquei sabendo pelo meu filho. Que o meu filho também morava lá. E ela tamém depoi de muito tempo ela me falô alguma coisa. Eu acho que eles brigava né. Ele brigava com ela. E eu não sei realmente o que era. É como eu tô lhe dizeno, eu morava aqui e ela morava no Rio. Escuto assim, alguma conversa assim que meus filho dizia, mas eu não sei dizê realmente como era a vivênça dela.

**Pesquisadora:** A senhora tinha alguma estratégia para proteger suas filhas mais novas depois que ficou sabendo do estupro que aconteceu com a sua filha?

**Entrevistada:** Eu depoi que fiquei sabendo eu falei, eu falei com eles: qualquer coisa que ele dissesse ou fizesse, ou quisesse fazê com elas, me dissesse. Não me enganasse mai. Falasse pra mim porque pra gente fazê alguma coisa. Mas, o que aconteceu que elas foram embora e quando

*eu falei que ele não mandava mais na minhas filha, então as duas filha minha foi pra casa de outra filha minha casada no Recife e lá ela ficô morando com elas e trabalhano.*

*E eu fiquei com os 2 mais novo. Depois, a menina mais nova foi pro Rio de Janero na casa de uma amiga minha, uma como que fosse uma mãe dela né.*

*Foi pra lá trabalha, ficô lá, estudava e trabalhava. E mandava todo mês dinheiro pra mim. Eu fiquei só com menino mais novo. Depois, ele ficô muito, é, ele trabalhava muito, pequeno ainda e tava explorando muito o menino, ai, eu num, num, não achei aquilo certo. Ai, foi que a minha filha, uma filha minha tinha uma casinha no Recife, ai, veio me busca. Foi quando eu fugi com os dois. Ela, a menina veio do Rio, ficô em casa comigo, ai, depois a gente fumo simbora. A gentes três: eu e ela, e os dois mais novo, fomo lá pro Recife. E é justamente esses dois que ficaram comigo, a gente chegô, a gente não tinha nada, eu não era aposentada ainda. O menino trabalhava, tirava a conta com amigo da gente.*

**Pesquisadora:** O que é conta?

**Entrevistada:** *Conta é limpá sítio. Conta são 10 metro quadrado. 10 metro quadrado é uma conta, era isso que ele fazia pra ajudá, pra ajuda a gente, que eu não era aposentada nem nada. Com amigo da gente mesmo.*

*Aí depois, depois eu me aposentei, foi quando eu fui pro Recife e depois vim me embora pra cá, na casa de uma amiga minha, a filha minha que pagava a renda da minha casa. É uma filha mais velha, ela que pagava a renda da minha casa e depois, depois ele comprô uma casa pra mim e eu agora tô morando nela. O meu filho foi pro Rio de Janeiro trabalhá, a minha filha se casou-se e eu moro só.*

**Pesquisadora:** Como que a senhora se percebia ou se percebe esposa e mãe desse grupo de filhos? Sobre o lugar ocupado dentro da família, qual é a sua percepção?

**Entrevistada:** *Na verdade, na verdade, os meus filho eu criei todos eles sozinha por causa que ele era. Ah! Era meu marido mas tinha outras mulheres, só não era eu. E ele vivia por fora de casa, a gente trabalhava, mas ele não, não dava o que era necessário pra gente. E eu era quem..., depois ele viajô pra São Paulo, me deixou com eles pequeno e eu trabalhando, não dava pra dá de comê as meus filho.*

*E a autoridade que eu tinha com os meus filho: que era que eles me respeitasse, respeitasse os mais velho, nunca mexesse em nada de ninguém e que fosse umas pessoa pobre, mas que fosse umas pessoa honesta. Foi assim que eu criei meus filho. Inda hoje eles são assim. São as pessoa honesta, de respeito que todo mundo gosta deles, todo mundo gosta, tem consideração a todo eles. Foi assim que eu criei os filho. E minha autoridade que eu tinha sobre eles, sobre eles porque eu era mãe e pai de todo eles.*

**Pesquisadora:** Com relação a seu marido. A senhora se coloca com o mesmo nível de autoridade dentro da família? E com relação a comunidade trata a senhora?

**Entrevistada:** *Ah! A minha comunidade onde eu vivo acho que já faz uns 40 ano que eu vivo em M., todo mundo me considera. Todo mundo sabe que eu sô uma pessoa boa, trabalhadeira, direita. É assim que as pessoa me considera e os meus filho também me considera assim. Sabe que eu fui, eu fui uma mãe vencedora né. Trabalhei e me esforcei pra cria eles do jeito que eu pude, não dei nada de bom pra eles porque não tinha condição, mas pelo meno dei carinho a eles que acho que isso ai, é o necessário de uma mãe. Então, é isso que eu tenho pra dizê.*

*E hoje como eu já falei, só uma pessoa muito feliz com meus filho. Meus filho me acolhe, meus filho me ama, meus filho cuida de mim e pra mim, eu só a mulher mais feliz da minha vida, como eu já falei.*

**Pesquisadora:** Coisa linda! Só para encerrar esse bloco. O seu marido respeitava a sua autoridade na sua relação com seus filhos? A senhora falava as coisas e ele lhe respeitava? Ele considerava a sua autoridade enquanto esposa, enquanto mãe?

*Entrevistada:* Não, realmente ele não. Ele queria que a autoridade fosse dele, só fosse dele né. Mas, só que meus filhos me respeitava e também me obedecia. Porque eu num, num, não tratava eles com violência, tratava eles com carinho. Já que ele não tinha esse carinho pra dá pra eles, eu dava por mim e por ele. A minha autoridade com meus filhos sempre foi mantida, e ele não gostava, tinha raiva disso né. Queria que fosse a dele.

*É os filhos respeitava ele né, tinha medo dele também né. Quando ele falava as coisa obedecia também. Mas ele era sempre na grosseria, falava com os filho na grosseria e eu falava com carinho. Então, eles obedecia os dois, mas, de modo diferente. É isso que eu tenho com a vida dos meus filho. (Risos).*

**Pesquisadora:** Senhora, vamos fazer um intervalo para tomarmos um café e um lanche? Depois do café retornaremos para dar continuidade e finalizar o segundo momento da entrevista. Mas, quero registrar antes de fazer o intervalo que foi uma grande honra ouvi-la, sua história de vida é uma grande reflexão para todas (o) nós, apesar das dificuldades revividas na memória conseguimos avançar e realizar parcialmente o trabalho.

Estamos muito contentes apesar do assunto ser difícil como já disse, contudo, quero deixar registrado e declarar o meu profundo respeito e agradecimento dedicado a senhora, que é realmente uma pessoa incrível, guerreira, uma mulher-mãe que representa muitas mulheres em nossa sociedade.

Agradeço muito a sua colaboração, sua contribuição e disponibilidade em nos ajudar a entender essa problemática tão complexa. Sei que são memórias difíceis de trazer para o presente, uma realidade dura, mas, ao mesmo tempo espero também estar lhe ajudando aliviar o peso dessas imagens e experiências guardadas há tanto tempo. Compartilhar certas vivências pode ajudar diminuir a dor. Espero que sim.

Sem dúvida, a senhora aqui é a autoridade máxima, somente a senhora pode falar desse assunto com tanta verdade e propriedade. Ninguém poderia estar narrando sua história de vida, falando desse assunto melhor que a senhora mesmo. Então, por tudo isso só poço dizer: meu muito obrigada!

Agora vamos tomar café, caminhar um pouco no jardim, depois a gente dar continuidade e finalizar o segundo momento da coleta de dados, tudo bem? (risos).

**Entrevistada:** Por nada. Vamos! (risos).

**Pesquisadora:** Dando continuidade a entrevista. Senhora, muito obrigada pelo seu comprometimento e retorno ao trabalho para finalização desta etapa.

**Entrevistada:** De nada.

**Pesquisadora:** A questão a seguir fala sobre a sua autoestima e autoimagem. Na sua opinião e auto percepção, os eventos de violência doméstica e sexual que a senhora vivenciou durante sua vida e dentro de sua família, afetou a sua autoconfiança e autoestima e imagem como pessoa, mulher-esposa e mãe? A senhora poderia falar sobre essas questões?

**Entrevistada:** *Eu me senti, me senti muito triste. Por que eu não esperava que isso fosse acontecer na minha família. Também sei que a minha família, os meus filho com certeza também se sentiram triste também. Mas, sei que não é fácil, não foi fácil pra mim, não foi fácil pra elas. Sei que inda hoje elas têm é, é..., sofre sobre isso e eu também. Porque eu não queria que fosse assim, mas infelizmente aconteceu.*

*Eu sem experiência, minhas filha também sem experiência passem por isso, por essa, essa, essas coisa que a gente não esperava, mas, eu senti muito. Que eu queria vivê junto dos meus filho. Hoje, vivo separada da maioria por causa disso que elas não querem nem vir me visita, porque não querem vim pra esse lugar porque lembra do que aconteceu né? E não se sente, não se sente feliz junto a esse lugar. Porque vai lembrá, vai vim toda lembrança. Muito embora, que a lembrança dela não vai esquecê, mais eu acho que ela achando que vem pra aqui vai senti mais constrangida né, porque vai se lembrá do que aconteceu.*

**Pesquisadora:** E sua autoestima, seus sentimentos próprios enquanto mulher, mãe e esposa? O seu eu, como se percebe?

**Entrevistada:** *Também. Isso ai também mudô a minha vida. Mudô a minha vida porque depois que eu soube que essa, essa, essa, essa experiência que eu passei junto com ela, a minha vida realmente não era mais como era. Mudô, a minha vida mudô!*

*Mudô, minha vida mudô porque eu ainda era uma mulher nova quando isso aconteceu, tinha uns 45 ano acho, e fez com que eu, eu perdesse a autoestima de, de, de homem. Fiquei com, com, com medo, com raiva de hôme porque se eu quisesse tê arrumado outra pessoa eu tinha arrumado, mas não achei, não me achei com coragem, porque o pai dos meus filho aconteceu isso, imagina outra pessoa!*

*Então, em certa, certas forma, eu me senti diminuída assim como mulher. Mas, tô me recuperando por causa das minhas filha, dos meus filho. Pelo amor que eu tenho ao meus filho e eles têm a mim, eu tô recuperando, tô recuperando isso ai. Esse sofrimento que eu passei junto com eles.*

**Pesquisadora:** A questão da moral e da honra perante a comunidade, a senhora, seus filhos e sua família foi atingida com algum sentimento constrangimento, inferioridade, medo, vergonha social? A senhora poderia falar sobre esses aspectos?

**Entrevistada:** *Na verdade quem ficô diminuído foi ele, não fomo nós. Porque a gente, todo mundo conhece a gente, sabe que é uma família de pessoas distinta, direita. Agora, com certeza pra pessoa dele é que foi diminuída na comunidade, na vinzinhança.*

*Diminuída assim, porque eu acho que um cidadão não vai confiá numa pessoa dessa mais né. Não vai confiá nem a filha, nem a sua esposa pra uma pessoa dessa. Então, eu acho que uma pessoa dessa ela se, se acha é uma pessoa diminuída na comunidade, eu acho assim.*

*Agora, a gente não. A gente continua a mesma coisa que a gente era, que a gente somo pessoa direita e honesta. Não temo nada que se envergonhá, a vergonha que, que, que, quem deve ter é ele, porque foi ele que fez tudo de errado, tudo de ficá humilhado mesmo, sê humilhado mesmo. É isso.*

**Pesquisadora:** Muito obrigada! A senhora acha que o modelo de família tradicional baseado em pais e filhos biológicos apenas, esse é um modelo que a senhora acredita? Qual é o seu ponto de vista sobre a instituição familiar e o modelo de sua família?

**Entrevistada:** (Silêncio). *Modelo do que ele é ou do que aconteceu?*

**Pesquisadora:** Me refiro ao modelo de sua família, a forma como ela foi concebida, o tipo de relações que ela produziu. No seu ponto de vista, o que deu certo ou errado nesse modelo?

**Entrevistada:** *Não, eu acho que na realidade nós, nós pais, eu mãe e ele, o pai, foi que não deu certo. Foi que foi errado. Porque meus filho, que eu sei que meus filho são perfeito. Não tenho nada de coisa pá diminui a minha família. Pode tê sido nesse caso, pode tê sido eu, que me coloquei com uma pessoa que não era adequada.*

*Sobre isso, porque a gente não conhece ninguém né. Não sabe, não conhece ninguém. Então, eu acho que o culpada de tudo isso foi eu, porque ter ficado com uma pessoa dessa, que devia ter sido uma pessoa diferente. Eu acho que isso aconteceu por causa do início da nossa vida e por isso de, de, deu tudo errado. Eu acho assim.*

**Pesquisadora:** Na sua opinião, sobre os eventos de violência doméstica e sexual que aconteceu com a senhora e suas filhas, quem deveria ter saído de casa suas filhas mesmo ou era o pai-agressor? O que a senhora pensa sobre isso?

**Entrevistada:** *Na verdade era ele que tinha de sai. Se eu tivesse tido força, mas tinha que tomá decisão. Na verdade, era ele que tinha de sai, não os meus filho. Mas, como eu tinha medo e não tinha, eu não tinha força pra tumá decisão né, então, por isso que os filho saíram e ele ficô. Que realmente era tudo dele, não era nada meu. Era tudo dele. Eu não tinha peito pra enfrentá essa, essa, essa, esse problema. Então, acho que por isso muitas coisa deu errada porque eu não tive peito pra resolvê.*

**Pesquisadora:** Acha que essa dificuldade de enfrentá-lo, o seu medo tem a ver com o grau de dominação que ele exercia sobre a senhora e seus filhos? Ou, era devido a falta de suporte que a senhora não tinha na comunidade e também o fato da senhora ser órfã? No caso, não tinha ninguém para orientá-la ou ajudar tomar tais decisão? O que a senhora associa essa dificuldade?

**Entrevistada:** *Na verdade eu tinha, eu tinha medo dele, eu não tinha força pra enfrentá-lo. E outra coisa porque eu não tinha quem me desse realmente força, me ajudasse de verdade. Então, por isso, além do medo, eu não tinha quem me desse força pra mim enfrentá essas coisas né, que eu achava muito difícil por causa do medo que eu tinha dele. Tinha medo que ele fizesse alguma coisa comigo, com as minhas filha, então, por isso que eu fiquei, fiquei nessa situação.*

**Pesquisadora:** Em algum momento de sua vida, a senhora sentiu amor pelo pai de seus filhos ou era sempre uma relação de medo?

**Entrevistada:** *Não. Ó, na verdade, eu não, não, eu nunca tive amor a ele não. Na verdade ele era muito mais velho do que eu, no início da nossa vida foi assim como eu já falei, sem se dá a minha permissão, que eu não queira. Então, eu vivi sempre assim com ele por medo, acho que por necessidade porque eu não tinha pra onde í, não tinha quem fosse por mim, não tinha pai,*



*não tinha mãe, não tinha ninguém. Então, por isso que eu me obriguei a ficar, ficar nessa situação. Mai, eu acho que mais por medo e necessidade de que por amor.*

**Pesquisadora:** Considerando a sua trajetória e história de vida, por quem a senhora tem sentimento de amor?

**Entrevistada:** *É, na verdade o amor é uma coisa muito forte. Eu tinha muito amor pelo meu avô, a primeira pessoa que eu convivi. Depois que o meu avô morreu primeiramente, eu creio que primeiramente o amor vem de Deus, primeiramente é Deus. E depois, os meus filho que eu amo verdadeiramente. Primeiramente Deus e meus filho, é o amor que eu sinto de verdade, vem do meu coração, aí por outra pessoa não.*

**Pesquisadora:** Muito lindo! Muito obrigada! Em função de todas essas experiências e eventos ocorridos de violência doméstica e sexual dentro da sua família e com a senhora, em algum momento sentiu a necessidade de buscar um profissional ou um atendimento de apoio profissional para lhe acompanhar? Tipo, um apoio psicológico, social, terapêutico para fazer algum tratamento?

**Entrevistada:** Não.

*Nunca busquei não. Como já falei, eu tinha medo, eu tinha medo dele né. Nem eu sabia, porque eu sô uma pessoa muito, não tenho conhecimento das coisa, nunca aprendi a lê, nem tive quem me ensinasse as coisa, não sabia de nada. E outra, como eu falei, tinha medo dele de procura assim alguma coisa. Tinha até algum filho que queria me ajudá mesmo, teve filho meu que queria me ajudá, mas, eu por medo, eu não levei a frente a situação. Deixei que ficasse, que fosse levada assim, assim mesmo e na verdade eu não tive força pra nada, eu vô dizê, eu nunca tive força pra enfrentá. Eu tive filho que queria enfrentá, mas eu não tive corage. Isso aí, é uma verdade.*

**Pesquisadora:** A senhora sente necessidade de um acompanhamento psicológico? A senhora gostaria de ter?

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** Tá certo. A senhora já falou, mas gostaria que deixasse mais claro. Hoje a senhora teria coragem ou desejaria denunciá-lo? Digo, teria interesse em denunciar seu ex-companheiro, pai dos seus filhos em algum órgão oficial pelos crimes que ele praticou contra a senhora e seus filhos?

**Entrevistada:** *Não, não tenho mais não, porque isso já faz muito tempo e eu quero é, quero recuperá isso aí. Eu não quero mais, não quero mais fazê nada com ele não. Quero vive o resto da minha vida em paz. Não quero mexê com nada disso não.*

**Pesquisadora:** Entendo. E como a senhora se sente e descreveria a sua vida hoje?

**Entrevistada:** *Hoje eu me sinto uma pessoa livre, uma pessoa feliz. Tenho tudo na minha vida. Tenho nada, sô pobre, não tenho nada. Mas, tendo felicidade pra mim, eu tenho tudo na minha vida. Tô junto dos meus filho que eu amo, pra mim não me falta nada.*

**Pesquisadora:** E se hoje acontecesse novamente algum ato de violência sexual dentro do seu lar, contra algum de suas filhas, netas ou contra alguém da sua família em geral? Como que a senhora reagiria hoje?

**Entrevistada:** *É difícil a gente falá hoje, que as coisa, a violência tá muito grande nesse mundo, e a gente não vê quase resultado das coisa. Mas, eu acho se hoje houvesse alguma violência na minha família eu faria alguma coisa. Eu acho que eu faria alguma coisa. Não dizendo que violência se paga com violência né. Eu sô uma pessoa sô, sô, sô religiosa, gosto e obedeço muito as palavra que meu Deus nos ensina, Ele diz que a gente não paga o mal com o mal, mas, eu peço a Deus, que não visse violência na minha família mais, que a gente viva tudo em paz e feliz. É isso que eu peço ao meu Deus, porque eu sô uma pessoa que não gosta de violência, gosto de amor e de paz.*

**Pesquisadora:** Muito obrigada! E se a senhora pudesse voltar ao início de sua vida. Se a senhora pudesse o que faria de diferente enquanto mulher-esposa e mãe?

**Entrevistada:** *(Silêncio). Eu, eu não, não tenho nem o que dizê assim. Se eu pudesse volta atrás... Por que atrás mesmo nem coisa muito boa me aconteceu, só quando eu era criança. O que eu podia querê voltá atrás era conhece, vivê com, vive com meu avô, com os meus pai. Eu acho que a minha vida seria diferente se eu tivesse me criado com meus pai, com meu avô. Assim como eu me criei até 6 ano de idade. Eu acho que isso aí, ia contá muito na minha vida, se eu conhecesse a minha família verdadeira. Era isso que eu desejava conhecê, que eu não conheci. Eu acho que a minha vida ia sê diferente se eu conhecesse.*

**Pesquisadora:** Com relação a família que a senhora constituiu, se tivesse chance a senhora mudaria alguma nela?

**Entrevistada:** *(Silêncio). Mudá a minha vida? Ah! Uma coisa que eu muito queria e quero, era vive junto da minha família. Se não tivesse ouvido essas coisa que aconteceu. O que eu mais queria era ficá perto de todos, tudo os meus filho, vivê perto dele, pra mim isso aí era uma, era uma vida muito boa que ia tê, que eu tinha. Que eu vivo distante de muitos filho, tem filho que eu passo muitos ano sem vê e isso me..., eu fico triste com isso, eu queria ficá junto de todo ele. Se eu pudesse mudá, era isso que eu mudava se eu pudesse. Mudá minha vida de vivê junto da minha família, dos filho.*

**Pesquisadora:** Em algum momento da sua vida, a senhora se sentiu julgada pela comunidade ou recebeu em algum tipo de crítica negativa?

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** Tá certo. Muito obrigada!

**Entrevistada:** Por nada.

**Pesquisadora:** E como a senhora estar se sentindo em participar dessa pesquisa e estudo?

**Entrevistada:** *Eu me sinto constrangida de fala dessas coisa, e no mesmo tempo me sinto, me sinto aliviada. Porque constrangida por uma situação que isso não é, não é bom, não é coisa boa de tá se falando, mas também me sinto bem porque tô falando o que eu sinto e que eu passei, e que é a realidade.*

**Pesquisadora:** Muito obrigada! A senhora tem mais algo mais a acrescentar sobre alguma questão que gostaria de complementar?

**Entrevistada:** Não. O que eu tinha de fala já falei.



**Pesquisadora:** Sim. Sendo assim, neste momento dou por encerrada as questões do segundo momento da entrevista, reconhecendo que o sucesso desta realização deve totalmente a senhora. Por isso, quero que a senhora receba meus sinceros agradecimentos. Esta foi uma oportunidade valiosa que a senhora me permitiu conhecer sua história e o seu mundo familiar com tanta profundidade, agradeço pela sua paciência e disponibilidade em participar deste trabalho com tema tão complexo. Sem dúvida a sua contribuição foi muito importante para entendermos melhor sobre o fenômeno da violência doméstica e incestuosa que acontece dentro das famílias brasileiras.

Com certeza, a partir destes conteúdos produzidos com a senhora, vamos poder avançar nos estudos científicos sobre o tema, quiçá, propor alguma medida complementar a “Lei Maria da Penha”, com o objetivo de tornar o crime de abuso sexual e estupro um crime prescritível no Brasil.

A sua participação nesse estudo de caso, possa verdadeiramente ampliar os conhecimentos em prol da pesquisa, em favor da sociedade e das famílias que infelizmente continuam sendo vitimadas cotidianamente dentro dos lares.

Em especial as meninas vítimas de violência e suas mães. Principalmente, senhora, por contribuir para possíveis mudanças de mentalidade masculina reforçada pela cultura da dominação, infelizmente. É preciso quebrar, desnaturalizar os discursos do modelo patriarcal e a insegurança produzida nas relações de intimidade sem ética do afeto entre pai intencionados e filhas inocentes. E é sobre esse modelo cultural que se pretende com esse estudo refletir e discutir dentro da universidade e espaços institucionais de modo geral.

Como já disse, fica garantido para a senhora o retorno dos resultados desse estudo, a senhora e sua filha participante terá um exemplar impresso e uma exposição dos resultados assim que o trabalho for defendido na universidade.

Para as participantes e sua família, se assim desejar, conforme combinado, será realizada uma apresentação online via Skype dos resultados desse trabalho. É isso que a gente vai oferecer em nome da Universidade, da minha pessoa e da orientadora. Assim, me coloco a sua disposição em caso de sentir necessidade, também disponho de uma equipe técnica de profissionais (psicólogos e assistentes sociais), para possíveis acompanhamentos, se assim desejar. Então, quero finalizar e lhe parabenizar pela grandeza que encontrei na senhora. Pela coragem e disposição em participar de um trabalho dessa natureza. Além, do meu privilégio em poder conhecê-la pessoalmente, muitíssimo obrigada. Foi uma grande honra! Como já expliquei, o terceiro momento da entrevista, será a realização de uma atividade criativa-artística, individualmente, podendo realizar aqui no Espaço Mulher ou em casa nos dias 31/07 e 01/08/2016. Agora vamos tomar outro café?

**Entrevistada:** Sim. Agradeço também, obrigada!

### TERCEIRO MOMENTO DA PESQUISA

Datada em 31 de julho e 1º de agosto de 2016, horário de início e término previsto, das 14 às 18 horas.

#### REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CRIATIVAS DA MÃE-ENTREVISTADA [N.02]

Figura 1 - Representação da infância com o avô.

Figura 2– Memórias da adolescência no Engenho de P.

Figura 3 – Juventude-adulta na convivência com os filhos pequenos.